coleção | Relações Internacionais

A terra e o seu entorno

Ministério das Relações Exteriores

Ministro de Estado Embaixador Mauro Luiz Iecker Vieira
Secretário-Geral Embaixador Sérgio França Danese

Fundação Alexandre de Gusmão

Presidente Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima

Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais

Diretor Embaixador José Humberto de Brito Cruz

Centro de História e Documentação Diplomática

Diretor Embaixador Maurício E. Cortes Costa

Conselho Editorial da Fundação Alexandre de Gusmão

Presidente Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima

Membros Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg
Embaixador Jorio Dauster Magalhães e Silva
Embaixador Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão
Embaixador José Humberto de Brito Cruz
Embaixador Julio Glinternick Bitelli
Ministro Luís Felipe Silvério Fortuna
Professor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto
Professor José Flávio Sombra Saraiva
Professor Antônio Carlos Moraes Lessa

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Oto Luthar
Organizador

A terra e o seu entorno

Uma história da Eslovênia

Autores:
Oto Luthar, Igor Grdina, Marjeta Sasel Kos,
Petra Svoljsak, Peter Kos, Dusan Kos, Peter Stih,
Alja Brglez e Martin Pogacar

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília – 2015

Copyright @ by Peter Lang GmbH, Frankfurt/M., Germany, 2008, 2013
Título original: The Land Between. A history of Slovenia

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília–DF
Telefones: (61) 2030-6033/6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@funag.gov.br

Equipe Técnica:

Eliane Miranda Paiva
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
André Luiz Ventura Ferreira

Projeto Gráfico:

Daniela Barbosa

Capa:

Giulio Quaglio (rascunho), uma capa do poema *Vetus et Nova Carniolae Ecclesiastica* memoria, de Jurij Andrej Gladic, gravura em cobre, 1721-1723, foto cortesia de Ana Lavric, do Instituto de História da Arte do Centro de Pesquisas Científicas da Academia Eslovena de Ciências e Arte (SRC SASA).

Tradução:

Gilberto Vergne Saboia

Programação Visual e Diagramação:

Gráfica e Editora Ideal

Impresso no Brasil 2015

T323 A terra e o seu entorno : uma história da Eslovênia / Oto Luthar (organizador) ; Igor Grdina ... [et al.]. – Brasília : FUNAG, 2015.

841 p. - (Coleção relações internacionais)
ISBN: 978-85-7631-545-2

1. História - Eslovênia. 2. Pré-história - Eslovênia. 3. Idade Média - Eslovênia. 4. Feudalismo - Eslovênia. 5. Período Moderno - Eslovênia. 6. Monarquia - Eslovênia. 7. Nova ordem econômica internacional - Eslovênia. I. Luthar, Oto. II. Série.

CDU 94(479.26)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

APRESENTAÇÃO

Em outubro de 2012, a Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) e o Centro de Pesquisa da Academia Eslovena de Ciências e Artes firmaram, em Liubliana, um Protocolo de Intenções com o objetivo de estabelecer cooperação técnico-científica e cultural no campo das relações internacionais.

A publicação dos livros "A Terra e o seu Entorno: uma História da Eslovênia," organizado por Oto Luthar, traduzida para o português, e "História do Brasil", de autoria de Boris Fausto, traduzida para a língua eslovena, é a principal forma de implementação do acordo entre as duas entidades na primeira fase de vigência daquele Protocolo de Intenções. A escolha da publicação foi acordada, em janeiro de 2013, para a obra brasileira e, em março do mesmo ano, para a eslovena.

Este livro e seu correspondente brasileiro na Eslovênia têm sido aguardados com interesse nos meios acadêmicos de ambos os países. Suprem a falta de conhecimento mútuo e fortalecem a agenda de cooperação bilateral. É com satisfação que verifico que o primeiro passo do projeto de aproximação cultural, no âmbito da FUNAG, é dado no terreno da história e das relações internacionais.

Brasil e Eslovênia são sociedades complexas, com passados distintos, geografias quase opostas, configurações étnicas e evolução político-econômica próprias. Essas diferenças tornam ainda mais instigante o estudo de suas respectivas sociedades e particularmente gratificante a descoberta das contribuições de cada país à civilização universal.

A iniciativa da publicação tem também o mérito de inaugurar projeto de cooperação baseado no estímulo ao conhecimento recíproco, na consciência da diversidade e dos fatores de convergência histórica, política e cultural que aproximam os povos. O Brasil é o resultado da contribuição de diferentes etnias e de imigrantes de todo o mundo, inclusive de origem eslava. Estima-se que vivam hoje no País cerca de trezentos cidadãos eslovenos e entre dois mil e cinco mil descendentes, em sua maioria em São Paulo.

Em meio a ocupações e influências externas ao longo de sua história, a Eslovênia logrou preservar sua cultura e identidade frente aos Impérios Romano e Bizantino, à República de Veneza, ao Sacro Império Romano-Germânico, aos Impérios Austríaco e Austro-Húngaro, ao Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos e à República Socialista Federativa da Iugoslávia a partir de 1945 até tornar-se independente, em 1991. Em 2004, aderiu à União Europeia e, em seguida, ao Acordo de Schengen, à Zona Euro, ao Conselho da Europa e às instituições euro-atlânticas (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa e à Organização do Tratado do Atlântico Norte). Seus indicadores socioeconômicos colocam a Eslovênia na posição de 25º país no Índice de Desenvolvimento Humano do mundo em 2014, segundo dados das Nações Unidas.

Do ponto de vista histórico e das relações internacionais, a região dos Balcãs constitui uma das mais complexas do mundo em razão dos nacionalismos e da concentração de diferenças culturais

e étnicas. Seu estudo contribui para a compreensão de fatores ligados à guerra e à paz, à eclosão de conflitos que marcaram tanto o começo como o fim do século XX.

A FUNAG publicou em 2014, na coleção "Em Poucas Palavras", o livro "Os Novos Balcãs", de autoria do Embaixador José Augusto Lindgren Alves. Creio que aquela obra e a que ora é lançada representam importante passo no sentido do preenchimento da lacuna bibliográfica sobre uma região ainda pouco conhecida e pesquisada no Brasil.

Em janeiro de 1992, o Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a Eslovênia. Até 1991, ano da independência, o povo esloveno integrava a Iugoslávia. Os contatos iniciais entre os dois países ocorreram no âmbito das Nações Unidas até o estabelecimento de Embaixadas do Brasil em Liubliana, em 2008, e da Eslovênia em Brasília, em 2010. Além do entendimento e concertação no plano multilateral, valores compartilhados têm levado à aproximação bilateral, sobretudo em projetos de alcance global (reforma do Conselho de Segurança e governança na internet), bem como em educação, ciência e tecnologia.

A presente publicação e o livro a ser editado ainda este ano na Eslovênia sobre a História do Brasil são parte de um projeto de longo alcance. Deverão despertar o interesse recíproco e contribuir para realizar o potencial das relações entre Brasil e Eslovênia. A participação da Embaixada do Brasil em Liubliana foi decisiva para o projeto, assim como o empenho da representação diplomática eslovena em Brasília.

O livro é editado no Brasil meses após a visita do Vice-Primeiro Ministro e Ministro de Negócios Estrangeiros da Eslovênia, Karl Erjavec, quando ofereceu ao chanceler Mauro Vieira a coleção "The Studia Diplomatica Slovenica", doada à Biblioteca Antonio Francisco Azeredo da Silveira, do Itamaraty, e dele recebeu a

"Coleção Barão do Rio Branco", além de outras obras editadas pela FUNAG.

A tradução de "A Terra e o seu Entorno: uma História da Eslovênia" não é tarefa trivial. Por essa razão, registro com satisfação o trabalho realizado pelo Embaixador Gilberto Vergne Saboia, conhecedor da história e da cultura da região.

Reitero o agradecimento da FUNAG ao Centro de Pesquisa da Academia Eslovena de Ciências e Artes – ZRC-SAZU pela cooperação e parceria. Espero que os leitores apreciem este horizonte diverso dentro do amplo panorama das relações exteriores do Brasil com a Europa e que esta edição possa inspirar outros projetos de conhecimento mútuo.

Sérgio Eduardo Moreira Lima

SUMÁRIO

Prefácio **13**

Introdução **15**

Capítulo 1
Da Pré-História ao fim da antiguidade 19

A história criada pela Arqueologia 19

O Império Romano: conquista e *pax romana* 52

Das Guerras Marcomanas ao estabelecimento das tribos eslavas 87

Capítulo 2
A Alta Idade Média 117

A povoação eslava e a etnogênese 117

O Período Carolíngio do século IX 134

Capítulo 3
Feudalismo 161

Reorganização dos marcos[1] e a mudança das fronteiras étnicas e linguísticas 161

1 NT: O texto em inglês utiliza a palavra "marches", que tanto pode ter o sentido de fronteira (marco) como o de região fronteiriça. No contexto da obra, parece ser nesta última acepção que o termo é utilizado.

Da autonomia à unificação das regiões dos Alpes e da bacia do Danúbio 171

"Tres ordines slovenorum": sociedade, economia e cultura 193

As Estrelas de Celje 225

A sangrenta queda da Idade Média 249

Capítulo 4
Início do período moderno 271

Do Humanismo à Reforma 271

Do rigor da Contrarreforma à exuberância do Barroco 299

Sábios, funcionários e patriotas transformam o mundo 323

Capítulo 5
Modernização e emancipação nacional 361

Domínio francês 361

O período pré-março, ausência de liberdade 374

"O ano da liberdade", a Revolução de 1848 e a Eslovênia Unida 396

Os eslovenos na Era Constitucional 419

Unidade e existência nacional 467

Acorrentados aos partidos políticos 473

O outro lado da história 522

Capítulo 6
Da Monarquia ao Reino 529

Divididos pela Grande Guerra 529

A formação do novo Estado 543

O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos 551

A ditadura e a crise.....573

Uma nação dilacerada: a Segunda Guerra Mundial na Eslovênia.....600

Capítulo 7
A Eslovênia depois da liberação: A "República Popular" e o Tempo do Socialismo.....635

O estabelecimento da "nova ordem".....635

O primeiro quinquênio e a autogestão.....658

"Liberais" contra "conservadores".....675

Da crise ao conflito e à fase posterior.....692

Epílogo 745

Bibliografia 751

Os autores 777

Índice Remissivo 779

PREFÁCIO

Esta é a história da parte mais ocidental da Europa Central. Um livro sobre o passado de uma terra encravada entre a planície ocidental da Panônia e o extremo norte do mar Adriático, entre os Alpes e os Balcãs. É mais a história de uma região do que uma história nacional. No entanto, esta é a única forma de escrever uma história nacional no século XXI. Compartilhamos este ponto de vista com os colegas de Áustria, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Sérvia, Grã-Bretanha e Estados Unidos, com quem discutimos partes deste livro. Não tentaremos fazer uma lista, pois seria necessariamente incompleta. Esperamos, contudo, que tenhamos reconhecido nossas mais importantes dívidas intelectuais através das citações ao longo do texto.

Há algumas pessoas, porém, que não podem ser omitidas. Seguindo a cronologia do livro, gostaríamos, pois, de agradecer Breda Luthar, Ivan Turk, Anton Veluscek, Janez Dular, Rajko Bratoz, Peter Stih, Dejan Djokic, Ivan Banac, Emil Brix e Peter Vodopivec.

Também desejamos agradecer Iztok Sajko e Mateja Belak pela criação dos mapas, nossos tradutores Manca Gaspersic, Olga Vukovic, Alan McConnell-Duff e Paul Towsend por seu duro trabalho, nossa revisora Catherine Baker por sua valiosa

contribuição no aperfeiçoamento da língua e do estilo, a Jean McCollister e Damjan Popic por terem corrigido o manuscrito, e Hanno Hardt por seus comentários editoriais. A única maneira adequada de expressar nosso reconhecimento é repetir as palavras de Ivo Andric: "O trabalho de um bom tradutor beira a mágica e parece heroísmo verdadeiro".

Os autores
Liubliana, abril de 2013

INTRODUÇÃO

No verão de 2002 um gigantesco mapa-múndi foi desenhado em frente ao Museu Victoria e Albert de Londres. Na verdade, tratava-se de parte de um terreno de jogos e, portanto, só as crianças podiam ali entrar. O mapa fora desenhado para elas, com a finalidade de que, enquanto brincassem, aprendessem sobre os diferentes países do mundo. Uma ideia bastante original... Infelizmente, um olhar mais atento revelou que o mapa era bastante incompleto. Como o mapa também incluía imagens das cidades mais famosas, uma fotografia de Veneza foi colocada onde deveria estar a Eslovênia. Por óbvias razões de espaço, os realizadores do mapa cobriram este diminuto país com uma fotografia da famosa cidade renascentista. Tal como Viena, Veneza parecia muito mais importante para eles do que um país que ninguém realmente conhecia...

Tal como em outros tempos, os vizinhos mais influentes da Eslovênia novamente se espraiavam pelo país, desta vez metaforicamente.

Portanto, ao discutir a ideia de escrever uma história da Eslovênia, os autores decidiram que sua principal tarefa consistiria em escrever sobre aquela parte escondida do mapa onde uma

pessoa com um conhecimento mediano da história e geografia da Europa esperaria encontrar partes da Itália ou da Áustria.

Ao trabalharmos sobre nossos respectivos capítulos, cada um de nós veria a Eslovênia ou as terras eslovenas como uma região ou um espaço entre dois mundos diferentes, uma extensão entre a Europa e a sua "periferia". Por outro lado, os visitantes ocasionais, como os primeiros turistas modernos, têm considerado as terras da Eslovênia diferentes das outras regiões circunvizinhas. Do seu ponto de vista, a paisagem, o temperamento, a história, as tradições e a língua são distintas de todo o resto da região. Em um primeiro olhar, eles as compararam com "a Suíça ou o Tirol", até que, após mais profunda observação mostrou que o temperamento era eslavo. A língua era semelhante ao sérvio ou ao croata, mas com marcantes diferenças. O idioma parecia ser mais arcaico e complexo e bem mais difícil de aprender.

No entanto, o que mais surpreende qualquer pessoa não familiarizada com os eslovenos é a sua história. A maioria dos interessados tem dificuldade de entender como eles sobreviveram tantos séculos de dominação estrangeira e influências culturais. Por esta razão, decidimos apresentar a história da Eslovênia também como história deste espaço mais amplo, particularmente quando abordamos os períodos pré-históricos e a época anterior à chegada dos eslavos. Bem conscientes da descrição normalmente breve e superficial que estes períodos merecem, decidimos apresentá-los em sua ampla complexidade e de forma tão abrangente quanto possível. Para nós, esta foi também uma forma de mostrar que os eslavos não se estabeleceram em um espaço vazio. Eles tampouco simplesmente substituíram os habitantes céltico-romanos pré-existentes. Ao contrário, os povos que foram primeiramente mencionados como recém-chegados nos meados do século VI descobriram o Ocidente e foram por ele descobertos tão cedo quanto o século IX. E é a partir deste período que os escritores

ocidentais estiveram em condições de atribuir a estes povos vizinhos denominações particulares (pelas quais eles são até hoje conhecidos) ao invés de reuni-los todos como uma grande massa eslava. Contudo, os historiadores os viram como "povos" já formados, embora a realidade seja mais complexa: a formação destes povos foi uma questão de aculturação recíproca[2].

Focalizamos os períodos posteriores de forma análoga, razão pela qual o território eslavo em nossa interpretação não é descrito como uma típica colônia fronteiriça sob o mando de vários margraves[3] ao longo da maior parte de sua história. Buscamos também evitar retratá-los como vítimas expiatórias em defesa do império contra os húngaros, por vezes contra outros eslavos, e mais tarde contra os turcos. Tampouco pensamos que os eslovenos tiveram apenas dois momentos marcantes durante toda a era feudal: um breve período de glória sob os Condes de Celje e um precoce renascimento do sentimento nacional e linguístico durante a Reforma.

Isso se aplica aos períodos posteriores, especialmente para o século XX, quando a maioria dos eslovenos se uniu ao movimento de resistência contra a ocupação pela Alemanha, Itália e Hungria durante a Segunda Guerra Mundial, e finalmente quando ganharam independência sem serem arrastados às guerras que acompanharam a desintegração da Iugoslávia.

O propósito dos autores deste livro é simples: em lugar de uma visão panorâmica brevemente delineada, oferecemos uma história concisa mas completa do povo esloveno, permitindo assim ao leitor uma visão por cima ou através das descrições estereotipadas

2 Veja também Thomas Lienhard, "Slavs, Bulgarians and Hungarians. The arrival of New Peoples". In: *Rome and the Barbarians. The Birth of a New World*. Ed. Jean-Jacques Aillagon. Milão: Skira, 2008, p. 578-579.

3 NT: Margrave é um título nobiliárquico de origem germânica, que designava, na Idade Média, governadores de províncias fronteiriças.

da região. Em resumo, pretendemos mostrar tudo aquilo que tem ficado escondido por baixo da superfície administrativa de cada uma das diferentes culturas dominantes ao longo dos mais de 2 mil anos de história do que é hoje o território da Eslovênia. Em outras palavras, queremos apresentar a história daquele lugar por baixo da fotografia de Veneza a todos aqueles que se perguntaram o que estava lá quando olharam para aquele mapa em Londres e, evidentemente, para todos os que se interessam pela história de um dos menores países da Europa.

Oto Luthar
Liubliana, abril de 2013.

CAPÍTULO 1

DA PRÉ-HISTÓRIA AO FIM DA ANTIGUIDADE

A história criada pela Arqueologia

Da Era Glacial ao declínio da comunidade de caçadores e coletadores

A história de qualquer país deveria partir dos primeiros vestígios deixados por seres humanos. Isto ocorreu no que é hoje a Eslovênia no meio do período Paleolítico, embora não se tenha descoberto até agora restos fósseis de homens paleolíticos. O primeiro achado é um crânio humano proveniente do rio Ljubljanica, datado do período Mesolítico. Por outro lado, ambas as variantes do *Homo sapiens*, os de Neandertal (*Homo sapiens neanderthalensis*) e os de Cro-Magnons (*Homo sapiens sapiens*), deixaram traços de sua presença. Os neandertalenses viveram na Europa e na Eslovênia durante o período Paleolítico Médio (entre 300.000 e 30.000 anos atrás), antes de serem extintos; os de Cro-Magnon viveram durante o período Paleolítico Superior (de 40.000 a 10.000 anos atrás).

Achados do Paleolítico Inferior (300.000 anos atrás) são raros na Eslovênia e foram identificados apenas em escavações em

torno de Postojna, por exemplo, na camada mais profunda da Caverna de Betal ("Betalov spodmol"). Os sítios do Paleolítico Médio são na maioria cavernas e datam de mais de 200 mil anos atrás. É interessante observar que povos paleolíticos haviam visitado essas cavernas de tempos em tempos sem terem conhecido a existência de predecessores, apesar de terem usado as mesmas rotas e visado os mesmos objetivos através dos milênios. O Paleolítico Médio atingiu seu auge durante os primeiros três quartos da última era glacial (c. 115.000 a 30.000 anos atrás), quando os neandertalenses que fabricavam e usavam principalmente ferramentas de pedra viviam lá. Durante a transição entre o Paleolítico Médio e o Primeiro Paleolítico Superior (c. 40.000 a 30.000 anos atrás), os Cro-Magnons se instalaram na Europa e os homens de Neandertal chegaram à extinção.

Ferramentas compostas de madeira com partes intercambiáveis de pedra e ossos eram características dos habitantes no período do Primeiro Paleolítico Superior. O início de manifestações de arte e religião também é atribuído a esta época. O desenvolvimento rápido do homem de Cro-Magnon foi acelerado por grandes mudanças climáticas, que ocorreram entre 35 mil e 10 mil anos atrás. O marcante esfriamento causou a extensão das geleiras que interromperam os contatos entre certas regiões e transformaram o meio ambiente em um desafio extremamente exigente para os homens e os animais. Grupos individuais de Cro-Magnons, portanto, alcançaram vastos avanços tecnológicos. Há cerca de 10 mil anos, o período glacial foi seguido de um rápido aquecimento, dando início às condições atuais.

Os sítios relativos ao Médio Paleolítico e ao Primeiro Paleolítico Superior são mais comuns na bacia do Postojna, onde a planície friulia encontrava o então continental mar Adriático setentrional. Ricas fontes de alimento fornecidas pelas planícies férteis e pelas encostas das montanhas subalpinas e da cadeia das montanhas

Dináricas influenciaram de forma significativa o movimento de pessoas. Os dois sítios neandertalenses mais significativos foram a Caverna de Betal (Betalov spodmol) em Zagon, perto da Caverna de Postojna, e Divje Babe I acima de Reka no vale do rio Idrijca. Em diversas épocas os abrigos cavernosos serviram de moradia para os neandertalenses e para animais de grande porte: leões de caverna, hienas, lobos e, especialmente, ursos. Ossos de ursos têm sido encontrados ao lado de ferramentas dos homens de Neandertal. Uma conclusão apressada atribuiu esta combinação de achados ao culto do urso da caverna, no entanto restos de cozimento próximos a alguns raros fornos e lareiras permitiram elucidar ao menos parcialmente a forma de vida dos neandertalenses. Eles apenas visitavam as cavernas, à procura principalmente dos ossos dos membros e do crânio de grandes animais, especialmente ursos. Eles rompiam estes ossos para obter o tutano muito nutritivo. O povo daquela época provavelmente consumia alimentos parecidos aos dos ursos e poderia ter tido necessidades comparáveis de espaço para viver nas cavernas. Pode ter havido disputa entre humanos e animais, embora pouco seja conhecido a este respeito[4]. Os neandertalenses parecem não ter buscado avançar mais ou enfrentar desafios e permaneceram conformados com o que já tinham. O que é interessante é que os neandertalenses e os ursos de cavernas, ambos extraordinários em sua adaptação às condições da Era Glacial, chegaram juntos à extinção, enquanto os Cro-Magnons e o urso pardo – espécies menos especializadas – continuaram a sobreviver e desenvolver-se. O Homem avançou principalmente através da tecnologia.

4 Infelizmente, apenas ferramentas foram preservadas. Trata-se, sobretudo, de raspadores e pontas de sílex, mas não produtos de materiais não duráveis, como peles ou madeira. Suas ferramentas (Mousterian) eram usadas por muito tempo – do último período interglaciário (c. de 120.000 anos atrás) até a sua extinção – o que sugere que eles eram inventivos só até certo ponto. Veja Ivan Turk (ed.), *Divje Babe I. Upper Pleistocene site in Slovenia*. Liubliana: ZRC SAZU, institut za archeologijo, 2007.

Um dos mais interessantes e melhor pesquisados locais dos homens de Neandertal e Cro-Magnon é Dave babe I[5], onde o mais extraordinário achado do Paleolítico Esloveno foi descoberto: a flauta de osso de aproximadamente 60 mil anos, provavelmente a mais antiga flauta do mundo até agora (Fig.1). Dave babe I é também uma caverna arqueológica de valor inestimável porque é o único sítio esloveno onde objetos dos últimos neandertalenses foram encontrados (existem apenas poucos destes sítios em toda Europa) e um dos quatro sítios eslovenos contendo objetos pertencentes aos primeiros Cro-Magnons. A descoberta da flauta neandertalense transformou radicalmente concepções anteriores sobre os homens de Neandertal, uma vez que não lhes tinha sido reconhecida sequer a mais rudimentar habilidade artística. A flauta é indicativa de tal capacidade, embora não saibamos sua finalidade e seu uso.

Durante o período do Primeiro Alto Paleolítico (c. 40.000 a 20.000 anos atrás), os Cro-Magnons, nossos ancestrais imediatos, começaram a estabelecer-se em territórios eslovenos. Eles foram identificados por ferramentas e objetos de arte das culturas aurignacenses e gravetianas feitos de pedra, osso, dentes e chifres; eles também provavelmente inventaram a lança, mais tarde o arpão, o bumerangue e o arco. Eles usavam uma agulha de osso: aliás a agulha de osso mais antiga do mundo foi encontra na Eslovênia, em Potocka zijalka. Para dar forma aos ossos, dentes e chifres, eles empregavam o formão e, para os couros, usavam raspadeiras ásperas ou finas. Os couros eram usados para o vestuário, a cama e as tendas. Nos períodos mais quentes, os Cro-Magnons chegavam a subir para cavernas mais altas, como Potocka sijalka (1.700 m) e o monte Olseva, e Mokriska jama (caverna de Mokrica, 1.500 m)

5 Os depósitos, datados de entre 35.000 e 115.000 anos atrás, têm cerca de nove metros de espessura. Veja Ivan Turk (ed.), *Moustérienska "koscena piscal" in druge najdbe iz Divjih bab I v Sloveniji*. Liubliana: ZRC SAZU, 1997.

no monte do mesmo nome. Em Potocka zijalka, o primeiro sítio Paleolítico encontrado na Eslovênia, dentes do boi almiscarado – um animal típico do Ártico – foram achados, e mais recentemente os de outra espécie ártica, o glutão ou carcaju (espécie ártica da doninha – nome científico *gulo gulo*). Dentro da caverna, além de 80 peças de ferramentas de pedra e grande quantidade de ossos de urso, mais 134 artefatos de osso (principalmente pontas) foram descobertos, juntamente com a célebre flauta fabricada com a mandíbula de um urso.



Figura 1. Flauta de Neandertal de Divje babe I. Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia, fotografia de T. Lauko

O período Alto Paleolítico Tardio (de 20.000 a 10.000 anos atrás) foi caracterizado por rápidas e profundas mudanças no ambiente natural (glaciações, períodos de aquecimento e a extinção dos grandes animais). A economia baseada na caça e na coleta estava no seu auge e as pessoas se estabeleciam ao ar livre. O sítio mais rico é a caverna de Ciganska (Ciganska jama), perto de Zeljne (Alto Gravetiano). Durante a metade da Idade da Pedra

(o período Mesolítico e o começo do período Holoceno, entre cerca de 11.000 e 7.000 anos atrás), o meio ambiente e inclusive a vida humana começaram a experimentar mudanças consideráveis. As florestas se expandiram significativamente e os animais que ali viviam se multiplicaram. As populações, que usavam as ferramentas microlíticas da época, ainda não viviam em locais permanentes e subsistiam principalmente da caça, a princípio da cabra montanhesa (*ibex*), mais tarde dos veados; conchas de caracóis indicam que também se alimentavam desses moluscos. Nesta época, os lobos começaram a ser domesticados e surgiram os primeiros cães. A transição ao período Mesolítico não é bem conhecida na Eslovênia, e os sítios mesolíticos são geralmente raros; Spehovka, Mala Triglavca e as cavernas de Vktojev e Jamnikov são as mais importantes. Começavam a existir atividades agrícolas e pastoris.

Pastores e agricultores do Neolítico e da Idade do Cobre

O fim da Era Glacial acarretou grandes mudanças: o mar penetrou no que até então fora a baia continental de Trieste, lagos glaciais apareceram nos Alpes e a fauna e a flora sofreram transformações. As pessoas começaram a estabelecer assentamentos permanentes e seu número cresceu grandemente, uma vez que o cultivo da terra e o pastoreio de animais forneciam suprimentos adicionais de alimentação. Este desenvolvimento significou um avanço vital, talvez mesmo uma revolução, no período Neolítico. Os povos começaram a cultivar espécies específicas de cereais, como trigo e cevada, a criar animais domesticados como cabras, carneiros, porcos e bois.

O Oriente Próximo já havia sido ocupado pelo homem neolítico no oitavo milênio antes de Cristo e havia indicações de cultivadores na Grécia no começo do sétimo milênio a.C. embora não estivessem ainda produzindo vasos de barro. Habitantes

da região do alto Danúbio, porém, já aravam a terra durante o sexto milênio a.C. e sabiam como fabricar pratos de cerâmica, que decoravam com padrões uniformes. Aproximadamente na mesma época, uma população neolítica habitava os Balcãs centrais, caracterizando a cultura Vinca – assim designada conforme o sítio sérvio de Vinca, perto de Belgrado. Influências vindas da bacia dos Cárpatos e da costa oriental do Adriático também se faziam sentir em território esloveno. O mais antigo assentamento aberto até agora descoberto fica na Eslovênia ocidental, nas encostas de Sermin perto de Koper (região de Capris, hoje Koper) e data do sexto ou início do quinto milênio a.C. Até agora, os únicos outros achados do período Neolítico mais antigo estão nas cavernas de Karst no interior de Trieste. Esta área provavelmente ainda era povoada por caçadores, que entraram em contato com pastores vindos do Golfo de Kvarner e da Dalmácia, de onde os pastores de carneiros e cabras traziam cerâmicas de Danilo e louça de barro de Hvar para a região de Karst. (As cerâmicas receberam o nome de Danilo, um sítio perto de Sibenik, enquanto a louça de barro recebe seu nome da ilha de Hvar). O sítio de Sermin sugere que os pastores tinham se estabelecido permanentemente no litoral. Informações interessantes sobre o período Eneolítico (Idade do Cobre) na Eslovênia ocidental foram obtidas nos sítios de cavernas (em Mala Triglavca e Podmol perto de Kastelec), que ainda serviam de abrigos principais para pessoas que principalmente viviam da criação de animais e da caça. Estudos zoológicos e botânicos demonstram que os pastores passavam certos períodos em várias das cavernas. Os restos de fezes de carneiro e cabras nas cavernas, a presença de pólen de relva nos estratos culturais neolíticos de Podmol, assim como a presença de floresta de mistas de carvalho ao lado de vegetação típica de pastagens mostram que os rebanhos pastavam perto da caverna. Ossos fornecem outra prova de que carneiros, cabras, porcos e gado doméstico eram criados.

As ferramentas daquele tempo eram feitas principalmente com a pedra local[6]; os cadinhos (vasos utilizados para fusão de metais) indicam que, na Idade do Cobre, os trabalhadores provavelmente fundiam o minério em fogões abertos. Pelo sopro eles podiam aumentar a ventilação e assim acelerar o processo de fusão. Utensílios para ajudar a ventilação incluíam alongamentos para foles e tubos para soprar. Os mais antigos achados de cobre em sítios eslovenos datam da primeira metade do quarto milênio a.C. e incluem machados e punhais, provavelmente fabricados no leste da região. Objetos domésticos começaram a se desenvolver mais tarde, como mostram os vestígios de cadinhos com traços de cobre; eles datam do meio do quarto milênio a.C. e foram encontrados em Hocevarica, na área do brejo de Ljubljansko (Ljubljansko barje). Restos de um molde de argila do fim do quarto milênio a.C. foram encontrados no canal de Mahar (Maharski prekop). Os moldes de argila simples ou duplos para machadinhos e vasos de argila para metal fundido provenientes das palafitas de Dezman (Dezmanova kolisca) datam do terceiro milênio a.C., ou seja, a Idade do Cobre Tardia, uma época em que o trabalho em metal estava mais firmemente estabelecido no que hoje é a Eslovênia. As palafitas perto de Ig nos pântanos de Liubliana (Fig. 2) foram pesquisadas pela primeira vez no fim do século XIX por Karl Deschmann, curador e mais tarde diretor do Museu Regional Carniolano em Liubliana (hoje Museu Nacional da Eslovênia). Este período é caracterizado pelo assentamento de população da cultura Vucedol

6 Isto sugere que pedreiras de pedras menores estavam sendo usadas no quinto milênio a.C., embora ainda não exista prova direta. Ferramentas de pedra, principalmente machados, desta época também foram encontradas nas encostas de Phorje, em Slovenske Gorice, na região de Prekmurje, e em outros lugares. Os primeiros produtos de cobre foram supostamente trazidos do oriente por metalúrgicos em busca de minério de cobre nestas áreas. O cobre em seu estado elementar é raramente encontrado na natureza, e minérios de carbonato óxido e sulfitos de cobre são importantes para sua produção. A Eslovênia tem depósitos subterrâneos de sulfitos. Veja em geral Anton Veluscek, "Neolithic and Eneolithic Investigations in Slovenia (Neolitske in eneolitske raziskave v Sloveniji)". *Arheoloski vestnik*, nº 50, 1999, p. 59-79.

(nome proveniente de Vucedol, um sítio no norte da Croácia), cuja presença tem sido documentada principalmente nos pântanos de Liubliana.

Pastores e criadores de animais não se localizaram no interior da Eslovênia, onde somente caçadores e coletadores tinham vivido anteriormente, até o quinto milênio a.C[7]. A nova população se assentou em promontórios acima de rios (tais como a aldeia de Moverna, perto de Semic), ao longo das curvas de rios e em cavernas, perto de lagos e áreas pantanosas e em encostas; elas também dispunham de sítios fortificados nas encostas (como Gradec perto de Mirna), protegidos por barreiras de pedra.



Figura 2. Palafitas nos Pântanos de Liubliana. Zacladi tisocletij, 1999, p. 65

Um sítio funerário considerado como marca de transição entre o Neolítico Tardio e a Idade do Cobre foi descoberto na caverna de Ajdovska (Ajdovska jama), perto da aldeia de Nemiska e de Krsko, na parte extremo oriental da região da Baixa Carníola. A caverna tem duas entradas e uma complexa planta baixa com vários canais verticais. Os mortos eram postos no piso da caverna conforme um arranjo pré-determinado e normalmente rodeado por um círculo

7 Os períodos Neolítico Tardio e Eneolítico. Ver Hermann Parzinger, *Studien zur Chronologie und Kulturgeschichte der Jungstein-, Kupfer- und Frühbronzezeit zwischen Karpaten und Mittleren Taurus.* Mainz am Rhein: Von Zabern, 1993.

de pedras. Perto deles foram encontrados diversos vasos, braceletes femininos, pingentes e colares, além de machados de pedra e pontas de flecha características dos homens. Vasos cheios de trigo, vários ossos de animais e sinais de fogo sugerem a existência de ritos funerários que poderiam incluir comer no local ou oferecer comida ao morto. Conforme os restos, antropólogos foram capazes de identificar 31 indivíduos: 7 homens, 8 mulheres e 16 crianças.

A maioria dos sítios conhecidos do quarto milênio a.C. se encontram nos pântanos de Liubliana, cujos habitantes haviam mantido contatos com as regiões do Danúbio, do Mediterrâneo e dos Alpes. No começo do terceiro milênio a.C., integrantes da cultura Vucedol começaram também a estabelecer assentamentos permanentes nos pântanos de Liubliana e em outras áreas da Eslovênia contemporânea (Vinomer acima de Metlika, o castelo de Ptuj e o Platô de Trieste). As moradias em palafitas dos pântanos de Liubliana foram uma descoberta excepcional. Mais de 40 assentamentos de diferentes épocas foram escavados e até mesmo a corte imperial de Viena se interessou pelas escavações de Deschman. A construção destas moradias em palafitas foi provavelmente determinada por razões de segurança[8].

8 As escavações e pesquisas nos pântanos de Liubliana continuam. Os postes em que estavam apoiadas as plataformas sobre as quais repousavam as casas retangulares com telhados de duas águas eram feitos de madeira de carvalho e de freixo resistentes à água. A morada mais antiga no canal de Resnikov (Resnikov prekop) perto de Ig data do 5º milênio a.C. De acordo com as análises, os habitantes destas palafitas tinham a caça como atividade principal, mas ossos de carneiros e de gado bovino domesticados também indicam criação de animais, que tinha se tornado mais importante no 4º milênio a.C. As palafitas também estão bem documentadas no período Eneolítico; veja Anton Veluscek (ed.), *Hocevarica. An Eneolithic Pile Dwelling in the Ljubljansko Barje*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2004.



Figura 3. Estatueta antropomórfica de argila de Ig, nos pântanos de Liubliana. Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia, fotografia de T. Lauko

É um traço característico dos moradores do lago seus artefatos de barro de boa qualidade e belamente decorados, o que indica a existência de práticas criativas e artísticas. Fusos de argila, agulhas de osso e restos de tecido de lã revelam que as mulheres teciam e cosiam. Padrões interessantes em suas cerâmicas, particularmente nas estatuetas antropomórficas, podem sugerir o tipo de padrões de seus vestidos. Estes, juntamente com os belos vasos, são as mais notáveis relíquias daquele tempo (Fig. 3).

A transição da caça e coleta para o cultivo da terra foi acompanhada pela continuação das atividades de coleta, de caça e de pesca. Sem dúvida, os restos de comida indicam que estas pessoas alimentavam-se não só de peixe e frutos do mar (conchas), mas também de cervos e veados, javalis e até ursos. Búfalos e bisões eram também usados como alimento embora seus

restos sejam raros. As pessoas colhiam também frutos e nozes da floresta, e sementes de uva foram encontradas em várias palafitas dos pântanos de Liubliana. Os restos de um arpão tripartido (com um cabo de madeira, uma extensão de osso e uma ponta de chifre) foram descobertos perto da aldeia de Ig e eram usados para caçar castores, lontras e peixes maiores. Os moradores sem dúvida cultivavam a terra, como demonstrado não só pelas aglomerações permanentes, mas também por enxadas de pedra, moendas e facas para ceifar. Grãos torrados de cereal também foram descobertos, assim como plantas de cultivo como trigo e cevada e os restos de grandes potes de argila, nos quais eles provavelmente preservavam seus estoques de comida.

Os habitantes lacustres naquela época também usavam canoas simples, escavadas de troncos, conhecidas como barcos de tronco, que têm sido achados em número considerável. Além destas canoas, os restos de uma das mais antigas carroças de madeira (uma roda com um eixo) da Europa foram descobertos no sítio de Stare Gmajne e datam do quarto milênio a.C. O maior número de canoas de troncos pertence ao primeiro milênio a.C. de acordo com datações de carbono, mas as canoas de tronco de Stare Gmajne tinham sido conhecidas e usadas desde o quarto milênio a.C. As moradias de palafitas desapareceram no começo do segundo milênio a.C., provavelmente porque o lago foi sendo gradualmente drenado e tornou-se um pântano.

O florescimento da metalurgia na Idade do Bronze e os primeiros montes fortificados

Durante a primeira fase da Idade do Bronze (século XXII a XVI a.C.), os habitantes dos pântanos de Liubliana continuaram, em geral, a viver da forma em que estavam acostumados, quando a cultura de Liubliana alcançou seu apogeu e estendeu-se pela região do litoral e pela costa até o sul da Dalmácia. No entanto, o seu declínio

a partir do fim deste período ainda não foi plenamente explicado. A transição para o segundo milênio a.C. não foi certamente uma mudança tão importante na Eslovênia central como foi para as regiões do mar Egeu, onde a sociedade já se baseava em uma economia mais altamente desenvolvida. Os povos nas regiões do Egeu estavam ficando socialmente estratificados e viviam em cidades: esta foi a era de florescimento das culturas de Minos e de Micenas. Na região do Danúbio, também, a população atingira um nível mais alto de desenvolvimento, devido aos depósitos de minério nos Cárpatos e os contatos com culturas mais avançadas.

Naquele tempo, as regiões eslovenas estavam na periferia das novas tendências e acontecimentos. Durante o meio da Idade do Bronze (do século XVI tardio ao século XIV a.C.), duas culturas características tinham se assentado na região. Uma população que enterrava seus mortos em túmulos vivia no nordeste da Eslovênia (Estíria). Suas colônias ficavam nas planícies e em montes. Sua cultura material (que tem sido pouco pesquisada) era caraterística da Europa Central. Para oeste, na região de Karst e na Ístria, a população conhecida como o grupo cultural "Castellieri" habitava assentamentos fortificados em montes ("castellieri", "kastelirji") circundados por muros defensivos de pedra.

Ao passo que os assentamentos na Eslovênia têm sido pouco pesquisados, os do interior de Trieste são muito mais conhecidos. É interessante que os habitantes das colônias de Karst viveram conforme os velhos costumes até o fim do século XIV e o século XIII a.C., enquanto seus locais planos de cremação funerária (conhecidos como cultura do campo de urnas, "Urnfield culture") eram uma novidade significativa pela Europa. Os habitantes de Karst enfrentaram grandes mudanças. Uma das mais importantes e melhor preservadas colônias é Debella Griza, na vizinhança de Volcji Grad, perto de Komen. Tinha sido reforçada com um imponente muro defensivo duplo nas partes inferiores e com

um muro simples onde os furos cavernosos karsticos protegiam a colônia. As cavernas ainda continuaram a ser atraentes locais de moradia ocasional para o homem da Idade do Bronze, como, por exemplo, em Podmol perto de Kastelec e na caverna em baixo do castelo de Predjama ("Jama pod Predjamskim gradom"). Os moradores de Karst começaram a enterrar seus mortos em locais planos de cremação só a partir do século X a.C.: os principais achados da Idade de Bronze tardia e na área da cultura "Castellieri" são nas vizinhanças de Skocjan.

Um modo diferente de vida começou na Europa ao fim do século VIII a.C. quando novos povos chegaram. A nova população vivia em um tipo diferente de colônia e com hábitos diferentes, o que mudou consideravelmente o aspecto dos assentamentos. Isto se torna especialmente visível na maneira de enterrar os mortos. Eles eram incinerados e suas cinzas preservadas em urnas, que eram simplesmente enterradas no solo sem cobertura adicional do túmulo. Sua cultura era conhecida como cultura do campo de urnas.

Estas súbitas mudanças são difíceis de explicar. Talvez tenham surgido simplesmente por grandes avanços tecnológicos, que levaram as sociedades a se tornarem estratificadas em várias regiões da Europa. Contudo, como tem sido dito, foi provavelmente devido a migrações em grande escala que estas mudanças ocorreram na Europa. Estas migrações foram vistas como sendo a causa do declínio da cultura de Micenas na Grécia, a queda do Império Hitita na Ásia Menor e a queda de várias cidades importantes do Oriente, como Troia, Biblos e Ugarit. O Egito foi também ameaçado; fontes mencionam povos vindos do mar. No entanto, em 1189 a.C. eles foram conquistados pelo faraó Ramsés III.

Estes novos povos, que cremavam seus mortos, também se fixaram no que é hoje a Eslovênia, deixando traços na Estíria, na região de Prekmurje e na Eslovênia central. Dentre os dois

mais importantes assentamentos estão Oloris perto de Doljni Lakos e "Rabelcja vas" em Ptuj. Os diferentes sítios eslovenos têm produzido vários tipos de machados e joias de bronze (por vezes com intrincados trabalhos), e urnas e vasos de formatos simples mas diferentes. Em certos lugares, como no cemitério do sítio de "Rabelcja vas", estes são os únicos objetos encontrados nos túmulos. As colônias da Eslovênia pertenciam a uma cultura relativamente uniforme que se estendia desde a Hungria ocidental até a Croácia oriental e o norte da Bósnia. No entanto, não havia muitas colônias na região eslovena durante a começo da Idade de Bronze.

O fim do segundo milênio a.C. trouxe ainda mais mudanças. Novos povos provavelmente voltaram a chegar a estas áreas e alteraram a aparência da colônia, embora os habitantes fossem ainda reconhecíveis pelos seus cemitérios planos de cremação. Na região do sudeste dos Alpes, podemos falar de região cultural apenas na Idade de Bronze tardia (fim do século XI e século XII a.C.). Vários grupos se formaram naquela época, não muito diferenciados, mas com particularidades locais mostradas por suas respectivas culturas materiais. Na Eslovênia, ao longo dos rios Drava e Mura, os povos eram constituídos pelo grupo Ruse (Ruse, Maribor, Ormoz); o segundo grupo mais importante (o grupo Dobova) estava presente em Posavje, ao longo do rio Sava; o terceiro trupo, na Eslovênia central, se identifica como pertencentes ao grupo cultural de Liubliana (Liubliana, Mokronog, Novo Mesto). Os objetos funerários não diferiam essencialmente e indicavam que a sociedade naquele tampo estava apenas ligeiramente estratificada. Contudo, mudanças de longo prazo começaram a ocorrer durante a aproximação do primeiro milênio a.C. Elas se estenderiam até o século VIII a.C. com o início da Idade do Ferro[9].

9 As inovações que penetraram o mundo da Idade do Bronze vieram de duas origens, a área do Mediterrâneo e a região do baixo Danúbio. Ambas as regiões tinham um nível de desenvolvimento

A maioria das colônias da Idade do Bronze surgiu apenas na Idade do Bronze tardia, embora algumas tenham sido ocupadas ao longo de toda a Idade do Bronze, como Brinjeva Gora, perto de Zrece. As casas eram, na maioria dos casos, cabanas de madeira de um só cômodo, algumas erigidas sobre fundações de pedra e continham um forno de argila. Dois assentamentos importantes na planície são Oloris (perto de Dlnji Lakos) e Ormoz. Oloris foi estabelecida nos contrafortes dos montes Lendava. Esta é a primeira colônia em planície, datada da Idade do Bronze média ou tardia, a ser descoberta na Eslovênia. A colônia era situada na curva de um rio próximo, o Crmec, cujo novo leito cobriu o sítio com um pântano. Um muro de madeira cercava a aldeia. Restos de um tubo de madeira para água potável foram encontrados na fronteira norte do assentamento, em um fosso do curso d'água original. As paredes das casas, que provavelmente tinham telhados de duplas águas, eram feitas de pilares de madeira entrelaçados com galhos e emboçadas com argila. As casas eram erguidas próximas umas das outras em volta de uma praça central, onde fogões tinham sido colocados e em volta da qual a vida da colônia transcorria. As casas tinham lareiras e covas tinham sido cavadas sob o solo para conservar produtos. Pesquisas paleobotânicas mostraram que os colonos cortaram as florestas para criar superfícies aráveis e tinham cultivados pastagens.

A colônia em Ormoz era protegida em parte pelo rio Drava e em parte por uma garganta natural. Um dique de terra com paliçadas e, à sua frente, um fosso profundo foram erigidos nos lados expostos

mais elevado: o mundo costeiro estava permanentemente aberto a influências e contatos variados e a região do Danúbio possuía ricos depósitos de minério e métodos adiantados de metalurgia. As inovações vindas do Mediterrâneo chegavam principalmente às regiões de Karst e Carníola Interior e aquelas provenientes do baixo Danúbio alcançavam a Eslovênia oriental. Veja Janez Dular, "Ältere, mittlere und jüngere Bronzezeit in Slowenien – Forschungsstand und Probleme (Starejsa, srednja in mlajsa bronasta doba v Sloveniji – stanje raziskav in problemi)", *Arheololoski vestnik*, nº 50, 1999, p. 81-96.

da colônia. Esta foi uma das colônias mais importantes da Idade do Bronze tardia no sudeste da região alpina. Foi construída de acordo com um plano, como revelado pelos vestígios de uma rede de caminhos e os restos de casas ao longo dos mesmos. As casas eram construídas de maneira semelhante às de Oloris, com a exceção de que eram maiores; uma tinha até mesmo dois cômodos. Os habitantes criavam animais, principalmente gado bovino; havia menos ossos de porcos, carneiros, cabras e cavalos, conforme as análises de ossos de animais. Os terrenos funerários adjacentes também foram descobertos. A colônia teve habitantes até a Idade do Ferro, mas desapareceu depois do ano 600 a.C.

Os ritos fúnebres eram diferentes em outras localidades[10]. Pouco é conhecido sobre os cultos dessas épocas, com exceção dos ritos fúnebres, acessíveis por meio da forma dos locais de sepultamento e objetos funerários: quase sempre existem vasos nos túmulos, assim como peças de joalheria e vários outros objetos. É possível que as pequenas figuras antropomórficas de Ormoz, e vários amuletos com formas simbólicas (roda = sol; foice = lua) que eram usados como pingentes, podem indicar a presença de ideias religiosas naquela época.

Os depósitos da Idade do Bronze, especialmente de ferramentas e armas, são especialmente notáveis[11]. No entanto, o seu significado ainda não foi claramente explicado. Cogitou-se que poderia se tratar de bens de propriedade de comerciantes em viagem e que foram enterrados por ocasião de migrações ou de

10 Em Mokrong (Baixa Carníola), dois grandes e planos cemitérios de cremação foram descobertos e datam da Idade do Bronze tardia e começo da Idade do Ferro (séculos X ao VIII a.C.), mas muitos achados foram destruídos devido à escavação da areia. O terreno funerário em Mestne njive em Novo Mesto, onde urnas grandes e cobertas foram achadas, é importante, embora os povoados relacionados com ele não tenham sido pesquisados.

11 Eram enterrados em locais cuidadosamente escolhidos, na maioria das vezes em áreas isoladas fora do povoado. Veja Biba Terzan (ed.), *Hoards and Individual Metal Finds from the Eneolithic and Bronze Ages in Slovenia*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1995/1996.

ameaças. No entanto, a opinião que prevalece é de que se trata de oferendas de indivíduos ou de comunidades inteiras a divindades ou demônios. A região calcária de Skocjan[12], com suas renomadas Cavernas de Skocjan (Skocjanske jame), bem como outras cavernas na vizinhança são um fenômeno natural expressivo, que por si mesmo evoca uma atmosfera religiosa. O povo daquela época e posteriormente sem dúvida sentiu que a região de Skocjan era uma terra santa e a caverna de Musja (Musja jama, Grotta dele Mosche) foi comprovadamente um local de culto como evidenciado pela descoberta de provas materiais. A caverna, com 50 metros de profundidade, era inacessível para as pessoas daquela época, que nela atiravam objetos preciosos, principalmente armas e vasos de bronze, previamente queimados em rituais. Com tais oferendas, podemos especular, guerreiros buscavam o favor dos deuses do mundo inferior. Esta região deve ter sido muito frequentada, de vez que os objetos, que dão testemunho de sua importância suprarregional, refletem influências não só da planície da Panônia, mas também da Itália e do mundo egeu, bem como dos Balcãs ocidentais. O significado deste lugar de culto desapareceu quase completamente 500 anos depois, no século VII a.C. No entanto, não foi completamente esquecido pois alguns objetos na caverna eram originários dos tempos romanos.

Os príncipes de Hallstatt e a "arte sítula"

Durante este período (do século IV ao século VIII a.C.), as tribos que viviam no que é hoje a Eslovênia permaneceram anônimas, enquanto outras em regiões vizinhas já eram conhecidas por seu nome: os istrios na Ístria, os iapodes em Lika e no Vale de Uma na Bósnia, e os libornos no norte da Dalmácia. Foi a época em que as primeiras cidades-estados apareceram na Grécia e quando a escrita

12 NT: No texto em inglês: "The Karst region of Skocjan". Em inglês, o substantivo comum "karst" designa um tipo de solo calcário, propício à formação de cavernas.

grega se desenvolveu com base no alfabeto fenício. Também foi o tempo das epopeias de Homero e do declínio da Idade Miceniana, refletida na Ilíada e na Odisseia.

Estas remotas influências tiveram repercussão na sociedade da Europa Central, que também passou por transformações: a classe dominante exerceu poder econômico e militar e promoveu progresso generalizado. A metalurgia do ferro tornou-se um dos mais significativos ramos da economia. A fase inicial, que terminou com a chegada dos celtas, é também conhecida como o período Hallstatt (nome proveniente do sítio austríaco de Hallstatt) e a posterior como o período La Tène (do sítio suíço de igual nome). Com a chegada dos celtas, as tribos nestas regiões começaram a ser conhecidas por seu nome pela primeira vez na história.

Durante o início da Idade do Ferro, grandes mudanças ocorreram novamente nos padrões de assentamento, de vez que regiões que estavam vazias ou voltaram a ser povoadas pelos habitantes originais ou novos povos das áreas do Danúbio foram atraídos para estas áreas devido a suas ricas jazidas de minério de ferro.

Diversas tribos que se assentaram nas terras desta província viviam no que é atualmente a Eslovênia, porém, como indicado pela sua cultura material, diferiam entre si no que diz respeito à estrutura das colônias e às práticas e objetos funerários e nos objetos de uso diário. Os vários grupos integrantes da cultural Hallstatt são conhecidos como: Dolenjska (Baixa Carníola), Notranjska (Carníola Central), Posocje (antes Sv. Lucija, ao longo do rio Soca), Gorenjska (Carníola Superior), Koroska (Caríntia), e Stajerska (grupo estirio). Referir-se a grupos diferentes não significa que as tribos que viviam em determinada área eram etnicamente diferenciadas. Em nossa opinião, contudo, os habitantes do grupo Posocje, que viviam perto da Itália, eram fortemente influenciados pelos vênetos. Suas comunidades estavam entre as mais desenvolvidas no que é hoje a

Eslovênia. A comunidade da Baixa Carníola era também altamente desenvolvida, a julgar pela riqueza dos achados e pelo alto grau de estratificação social refletido nos achados funerários e na "Arte Sítula". Em especial, seu rápido desenvolvimento tornou-se possível como resultado de suas avançadas práticas de metalurgia, o ramo econômico mais significativo desta comunidade ao lado das importantes atividades pecuárias e de agricultura. O ferro tornara-se tão importante no século VIII e no começo do século VII a.C. que chegara a suplantar o bronze na produção de ornamentos, apesar do bronze ser muito mais atraente.

Na Grécia, a Idade do Ferro tinha começado já na metade do século XI a.C. ao passo que, no que é hoje a Eslovênia, a metalurgia do ferro só começou a florescer no século VIII a.C. Objetos de ferro haviam antes sido importados, inclusive a mais antiga espada (do século X a.C.) encontrada na caverna de Musja, que tinha vindo da região do mar Egeu. Minério de limonita era abundante, especialmente na Baixa e na Alta Carníola[13].

A maioria das colônias do período Hallstatt se localizava em colinas ou elevações não muito altas. Elas eram circundadas por robustas muralhas defensivas, chamadas muralhas das colinas. As fortificações usavam enormes rochas nas partes frontais e laterais, com pedras menores e uma mistura de argila derramada entre as pedras. Nas muralhas da colônia acima de Vir perto de Sticna (Cvinger), cuja periferia mede 2,3 km, escavações revelaram que

13 Estes depósitos, hoje esgotados, foram acessíveis à mineração de superfície. Provas da produção de ferro são achadas principalmente na escória, descoberta na maioria das moradas fortificadas nos morros e frequentemente também fora dos muros, uma indicação de que o ferro era fundido próximo ao povoado e em fornos parecidos com chaminés com fogões embutidos. Para obter temperaturas mais altas para a fundição, foles eram usados para soprar o ar através de tubos de cerâmica para os respiradouros nos fogões. Eles produziam lingotes, que eram próprios para o transporte e usados principalmente para a fabricação de armas e ferramentas. Veja também Janez Dular & Sneza Tecco Hvala, *South-Eastern Slovenia in the Early Iron Age. Settlement-Economy-Society / Jugovzhodna Slovneija v starejsi zelezni dobi. Poselitev – gospodarstvo – druzba*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2007.

as casas ficavam perto das defesas externas, embora um corredor permitisse aos defensores ter livre acesso à muralha. As casas eram estruturas retangulares simples, de madeira, erguidas sobre pilares fixados no solo, ou sobre pilares verticais de apoio colocados sobre fundações compostas de vigas horizontais. (Fig.4)

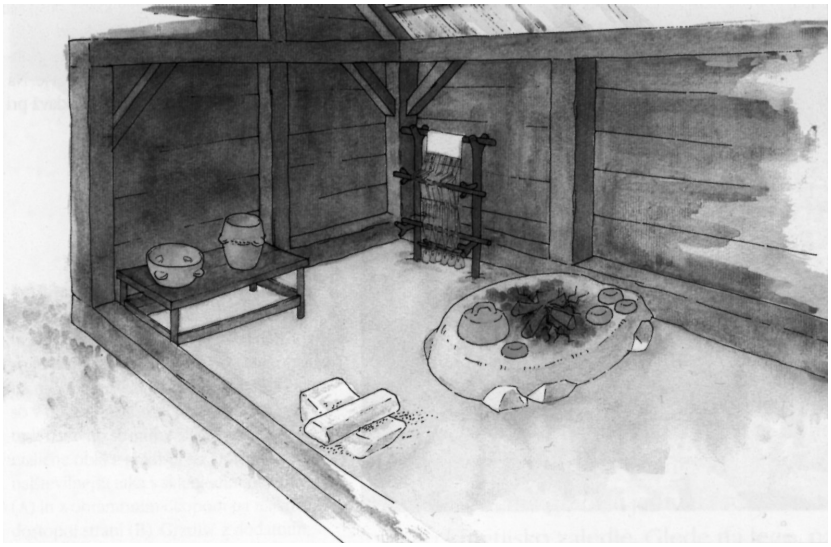

Figura 4. Casa da Idade do Ferro em Kucar perto de Podzemlj em Dolenjska. Baixa Carníola: Zacladi tisocletij, 1999, p. 108

A maioria dos montes fortificados se encontra na região de Karst e na Carníola Baixa e Central. Os mais bem pesquisados são os da Baixa Carníola, onde foi demonstrado que os habitantes do Campo de Urnas construíram algumas colônias não fortificadas, mas a vida neles declinou rapidamente. No século VIII a.C. novas populações construíram colônias maiores perto das antigas, mas também em locais totalmente novos e estas eram usualmente reforçadas por muralhas de pedra fortificadas. As áreas mais densamente colonizadas eram o vale de Mirna e os principais centros eram Smarje, Sticna, Novo Mesto, Meniska vas, Vinji Vrh, Velike Malence, Libna, Podzemelj e Vace, além de vários povoamentos

menores. Na Carníola Central, novas colinas fortificadas foram estabelecidas em Smiher abaixo de Nanos e Trnovo, embora elas definhassem por razões desconhecidas no século VII a.C. Isto é surpreendente, pois é precisamente nesta época que a vida nas comunidades de Posocje e na Baixa Carníola florescia.

Na região de Posocje, os primeiros povoados se estabeleceram principalmente no vale superior do Soca. Os mais importantes foram os de Kobarid, Bovec, Tohmin e Most na Soci (antes Sv. Lucija). A população se estendeu em direção à Alta Carníola durante o século VI a.C. e localizou-se na região de Bohinj, onde existiam ricos depósitos de minério de ferro. Na Estíria, algumas colônias persistiram desde a Idade do Bronze tardia, enquanto no começo da Idade do Ferro surgiram diversas novas colônias (Postela em Pohorje, Ptujska Gora). No entanto, na metade do século VI a.C., estas colônias – como as da vizinha Hungria – se desintegraram, possivelmente por causa das incursões dos citas[14] na bacia panônica e seus frequentes ataques contra territórios vizinhos. As consequências das incursões citas também tiveram reflexo na Baixa Carníola, onde os governantes locais adotaram algumas armas e equipamento equestre dos citas.

Nem todas as comunidades enterravam seus mortos da mesma forma. Em Posocje, os cemitérios eram planos e se estendiam ao longo dos terraços dos rios. Em Most na Soci, mais de 6.500 túmulos de cremação foram escavados[15]. Terrenos

14 NT: "Scythian" no texto inglês. O *Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição de 1999, recolhe o termo *cita* como "indivíduo dos citas, povo nômade, notável na arte e na guerra, desaparecido por volta do século II a.C, e que entre os séculos V e VII a.C. habitou a Cítia, denominação dada pelos antigos gregos a regiões próximas ao mar Negro e ao mar Cáspio", p. 481.

15 Os ossos queimados eram colocados em simples buracos, cobertos com placas de pedra e por vezes cercados por uma coroa de pedras. Os sepultamentos em urnas eram raros e só os ricos eram enterrados em baldes de bronze (sítulas). Os mortos eram cremados vestidos, junto com suas joias e outros bens, embora mais tarde os bens tenham passado a ser colocados separadamente em túmulos. As armas normalmente não eram colocadas nestes túmulos. Veja Biba Terzan, Fulvia Lo Schiavo & Neva Trampuz-Orel, *Most na Soci* (*S. Lucia*) *II. Szombathyjeva izkopavanja / Die Augrabungen von J. Szombathely*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1984/1985.

funerários planos também foram descobertos na Carníola Central onde tanto túmulos com esqueletos como com restos cremados foram encontrados, vários contendo também urnas funerárias. Na Estíria, enterros de restos cremados eram costumeiros, seja em simples túmulos de terra seja em sepulcros. Estes tinham câmaras retangulares de pedra no centro que, em alguns casos, podia ser penetrado por um corredor pavimentado.

Característico dos montes fortificados na Baixa Carníola até o fim do século IV a.C. foi o enterro de cadáveres em túmulos. Cada colônia tinha vários cemitérios sepulcrais e cada um comportava várias dúzias de túmulos. Um dos grandes sepulcros perto de Sticna, cercado por uma coroa de pedras, continha 183 túmulos. Este era um sepulcro ancestral, em uso por vários séculos: em geral os sepulcros continham de 20 a 30 túmulos. Para acompanhar os mortos, que eram enterrados com suas roupas, objetos indicativos de sua posição social (principalmente armas, vasos de bronze e equipamentos para montaria) eram depositados no túmulo. Sem dúvida, a vestimenta funerária e a forma de sepultamento nos mostra muito sobre a estrutura social. Nos séculos VIII e VII a.C., esta estrutura era ainda grandemente tradicional, uma vez que a sociedade não se tornara ainda muito estratificada. Havia poucos túmulos de guerreiros. A prosperidade durante o período Hallstatt tardio também trouxe maior diferenciação social. (Fig. 5): havia pelo menos seis tipos de vestuário masculino (os guerreiros mais distinguidos portavam duas lanças e machados de combate, e também um elmo e armadura) e dez tipos de vestidos femininos. As roupas femininas variavam muito, devido à diversidade de ornamentos e a moda italiana estava deslocando os estilos domésticos[16].

16 Um túmulo em Sticna, chamado a sepultura da princesa, continha restos de sua vestimenta, com pequeninos botões de bronze costurados e toda uma série de fíbulas (broches ou alfinetes), braceletes, colares de âmbar e ouro e um diadema de ouro. Veja Stane Gabrovec, *Sticna I. Naselbinska iskopavanja / Sidlungsaus-grabungen*. Liubliana: Narodni muzej, 1994; Stane Gabrovec, *Sticna II/1. Grabhügel aus der älteren Eisenzeit – Katalog*. Liubliana: Narodni muzej Slovenje, 2006.

Cada colônia tinha uma reserva econômica suficientemente grande para a caça, a pecuária e o cultivo de terra arável; o arado era puxado por bois. Todos os tipos de implementos agrícolas têm sido encontrados, especialmente em túmulos e depósitos da Idade do Ferro tardia. Embora o gado bovino fosse o mais frequente, a proporção de carneiros, cabras e porcos havia agora aumentado. Os habitantes já estavam familiarizados com a transumância, o rodízio sazonal de pastagens, que tiveram grande papel nos tempos romanos. Tinham cães em número relativamente grande, mas poucos cavalos. Os pequenos eram cavalos de trabalho, enquanto que para montaria havia cavalos caros, importados do Oriente, cujos restos foram encontrados apenas em túmulos. Os restos de lobos e raposas também foram descobertos: ambos deviam ser provavelmente caçados por suas peles.

Os diferentes ofícios daquele tempo eram exercidos em escala limitada e praticados mais frequentemente em casa. As pessoas trabalhavam a madeira (carpintaria e entalhe), teciam cestas e tecidos, produziam pratos de cerâmica e faziam cordas. O ferreiro tinha uma função importante. Outro ofício, além do cinzelamento e fundição de metais, era a produção de produtos de lã e linho. Este é também bem documentado, de vez que fusos de cerâmica e de varas de madeira, assim como pesos piramidais para a fiação em teares de madeira, foram preservados. Objetos decorativos eram feitos com ossos e chifres e mesmo vidro colorido. Artefatos importados evidenciam as ligações com países estrangeiros e a extensão do comércio na época. A área sudeste dos Alpes era uma região de trânsito cruzada por caminhos vindos das penínsulas dos Balcãs e dos Apeninos. A maior parte dos artefatos importados foi encontrada em túmulos. Alguns provinham da Etrúria (por exemplo, o equipamento equestre etrusco do século VIII a.C. de Sticna, um banco de três pés de Novo Mesto e uma tigela de bronze de Crnolica) e há alguns objetos ítalo-corintianos ou possivelmente imitações domésticas. Cerâmicas e outros vasos da Apúlia eram

importados do sul da Itália pelo Adriático, com a intermediação dos istrios e liburnios. Também está documentado o comércio de cavalos e de grafite (para produzir cerâmica) com os territórios atualmente checos ou da Morávia. O mais importante, contudo, era o comércio do âmbar e do sal. O âmbar vinha pelo Caminho do Âmbar, que ligava a região do Báltico com o norte do Adriático. Prova do comércio do sal é dada pelo túmulo de um homem (século VI a.C.) no cemitério de Hallstatt (onde o sal era extraído). Ele vestia um uniforme militar, característico dos guerreiros da Baixa Carnolia, e tinha provavelmente acompanhado uma expedição comercial quando morreu em Hallstatt.



Figura 5. Vestimenta feminina dourada do começo do século VI a.C., encontrada em um túmulo em Sticna. Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia, fotografia de T. Lauko

Objetos importados também indicam que os habitantes das regiões do sudeste dos Alpes cultivavam relações com os vênetos,

etruscos e outros povos italianos. Ao fim do século VII a.C., objetos de "Arte Sítula" foram importados dos etruscos através dos vênetos, representando o auge da criação artística daquela época. Os produtos mais refinados datam do século V a.C. A "Arte Sítula" foi um estilo que produzia frisas figurativas com cenas da vida das pessoas e motivos com plantas e animais pintados em vasos de bronze (principalmente baldes – *situlae*), e outros objetos de bronze como placas para cinturões; um dos mais famosos é a "sítula" de Vace (Fig. 6)[17]. As cenas podem representar duelos, inclusive a cavalo, e cerimônias especiais relativas aos ritos e sacrifícios. Procissões em carruagens, a cavalo e a pé, também ligadas àqueles ritos, são igualmente representadas e a diferente posição social dos personagens se reflete em suas vestimentas distintas. Banquetes também são representados, assim como flautistas, cenas eróticas e outros fatos. Talvez eles também parcialmente reflitam a vida cotidiana. No entanto, as cenas devem principalmente ser interpretadas como representativas de cultos e cerimônias que acompanhavam os festivais religiosos, a morte de membros destacados da comunidade, ou festivais em memória de um ancestral mítico cultuado como um herói, de certo modo como no mundo grego. Apesar de seus vínculos com as culturas mediterrâneas, as comunidades de Hallstatt nas regiões eslovenas não tinham ultrapassado seus níveis pré-históricos; não conheciam cidades, nem ordem estatal, nem escrita. Seu desenvolvimento chegou ao fim abruptamente quando, em torno de 300 a.C., os celtas chegaram a estas partes, virtualmente pondo fim a uma vida florescente nas colônias fortificadas. Estas foram substituídas por diferentes padrões de colonização, religião, armamento e ritos funerários.

17 "A Arte Sítula" tem sido documentada do norte da Itália ao Danúbio, embora a maioria destes objetos tenha sido achada perto de Este e Bolonha, no sul dos Alpes, em Nesactium, Ístria e na Baixa Carníola. Veja Peter Turk, *Images of Life and Myth*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2005.

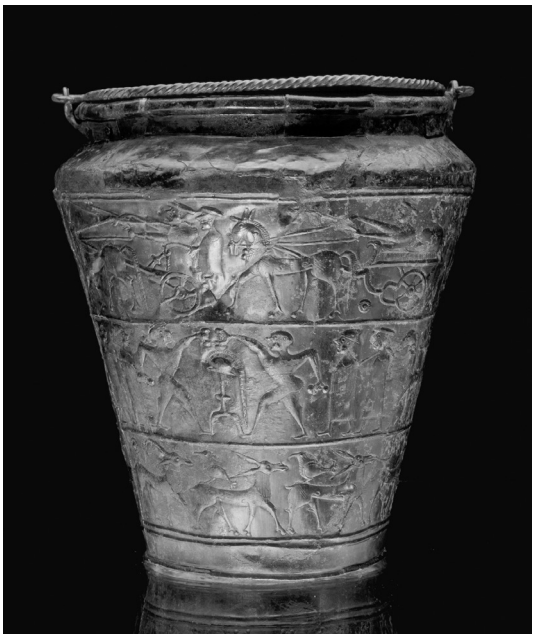

Figura 6. A "sítula" de Vace. Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia.
Fotografia de T. Lauko

Os celtas: os grandes conquistadores

No fim do primeiro milênio a.C., grande parte da Europa estava sob a influência dos celtas e de sua cultura característica, que se formara na metade do século V a.C. no norte dos Alpes. Abrangera grande parte da França, norte da Suíça, sul da Alemanha e alcançou até a região checa. Naquele século, os celtas já exerciam grande influência no território da região do Danúbio até a Eslováquia e comerciavam seus belos artefatos em partes da atual Áustria. Tinham desenvolvido um estilo artístico característico, baseado em ligações estreitas com os gregos e as colônias gregas como Massalia (Marselha), etruscas e outros povos italianos. Produziam artigos para a vida cotidiana, ornamentos, armas e equipamento para montar, bem como vasos de bronze e artigos de cerâmica.

Artigos como estes foram encontrados nas sepulturas da nobreza celta ao lado de produtos importados do Mediterrâneo.

A migração celta começou por volta de 400 a.C. e terminou quando o século III a.C. teve início. Ela mudou completamente a imagem da Europa ocidental e central e dos Balcãs até o centro da Ásia Menor (Galácia). O historiador Pompeius Trogus, de origem celta, menciona a superpopulação e, particularmente, divisões internas e guerras, entre as causas da migração. Os celtas povoaram as ilhas britânicas daquela época; atraídos pela região mediterrânea também povoaram boa parte da península ibérica, quase toda a França e parte do norte da Itália, assim como o sudeste dos Alpes, a planície da Panônia e o baixo Danúbio até o mar Negro. Primeiramente eles entraram pela península apenina, forçando os etruscos e os úmbrios a retirar-se do norte da Itália. Em 387 a.C., os celtas derrotaram os romanos em Allia, um rio na Etrúria, e puseram fogo em Roma, mas não puderam capturar a capital. Extorquiram um forte resgate e retiraram-se para o centro da Itália, apesar de terem ocupado já uma boa parte da planície de Pádua. Na primeira onda de migração para o leste, que ocorreu ao longo do Danúbio, os celtas alcançaram o sul da Áustria, o Burgenland, o sudoeste da Eslováquia e o norte da Transilvânia durante o começo do século IV a.C. Por volta de 300 a.C, eles ocuparam o resto da planície da Panônia e os Alpes orientais. As hordas celtas invadiram a Macedônia, a Grécia e a Trácia a partir de incursões vindas dos Balcãs no século III a.C., forçando o mundo helenístico a coexistir com seus conquistadores. Uma vez assentados propriamente nos territórios ocupados, os celtas tornaram-se um fator político importante e foram incorporados ao mundo da mitologia grega, das lendas e dos heróis. O historiador Appianus de Alexandria escreveu que Polifemo, o ciclope de um só olho, e a bela ninfa Galateia tinham tido três filhos, os antepassados

míticos de três povos importantes da época: os ilírios, os celtas e os gálatas[18].

Os celtas introduziram não só uma nova religião e novos cultos, mas também uma nova forma de organizar a vida, o que é comprovado principalmente pelos achados em colônias nas planícies e margens dos rios. Também trouxeram novas tecnologias (a roda do ceramista), um novo tipo de guerrear (carroças de combate, cujos restos foram encontrados em dois túmulos em Brezice) e espadas (encontradas em sítios da Baixa Carníola elas já eram apreciadas ao fim do período Hallstatt). Sua vestimenta consistia de calças, um manto leve, o colar característico e o cinturão de ferro articulado em duas partes. Eles saíam para a batalha com cânticos de guerra sanguinários, gritos e o retinir das espadas contra os escudos. As armas dos inimigos eram oferecidas em santuários às divindades e as cabeças dos cadáveres eram exibidas como troféus. Depois de terem entrado em contato com a civilização helênica e sofrerem a influência da cunhagem de moedas de Filipe II e Alexandre, também começaram a cunhar sua própria moeda.

Aproximadamente em 300 a.C., o território da Eslovênia central e oriental começou a ser colonizado pelos taurisci, uma tribo céltica oriental, que tinha colonizado os Alpes orientais e a bacia panônica. A Eslovênia Ocidental foi colonizada pelos carni; a fronteira entre ambos se localizava ao redor do Monte Ocra (Nanos), na região de Razdrto. No século II a.C., um reino celta conhecido como Reino Noricano foi estabelecido na Caríntia austríaca e eslovena e desenvolveu contatos amistosos com Roma. Embora vários príncipes cunhassem sua própria moeda, o papel central era não obstante desempenhado pelo rei da tribo noricana do mesmo nome. Seu centro religioso era talvez em algum lugar na região da antiga Virunum (Magdalensberg), que com muita probabilidade

18 *Illyriké*, 2. 3.

era uma colônia importante de comércio e manufatura de comerciantes romanos e italianos no começo do século I a.C. O Reino Noricano, devido ao seu excelente ferro (comparável ao aço), era um fator político importante e um supridor vital de matérias-primas e outros produtos de ferro para os romanos. Como registrou César, o poderoso rei dos suevos germânicos, Ariovistus, tinha duas esposas, uma delas irmã do rei Noricano, Voccio[19]. Isto atesta a importância política do Reino Noricano.

Um dos principais centros dos taurisci estava em Celeia (Celje), a sede de um príncipe que cunhava sua própria moeda. Dentro da ampla região de Celeia, os interesses dos taurisci e norici se cruzavam e talvez tenham originado choques entre eles. Eles seguiam políticas diferentes com relação ao Estado romano. Os taurisci tinham se estabelecido no território de trânsito próximo da Rota do Âmbar, que cruzava a região eslovena de Aquilea a Tergeste (Trieste), via Ocra (região de Razdrto), Nauportus (Vrhnika), Emona (Ljbljana), Celeia e Poetovio (Ptuj), até o Danúbio e mesmo além. Este também era o caminho mais perigoso para os ataques contra a Itália. Os romanos, portanto, queriam se assegurar o mais rapidamente possível da região, o que resultava em batalhas constantes com os tauriscis e iapodes, cuja influência se estendia até Ocra.

Embora a cultura celta La Tène fosse mais unificada do que a cultura Hallstatt, o território da Eslovênia não era unificado por causa das povoações mais antigas dos povos indígenas. Quatro grupos podem ser distinguidos. O maior era o grupo mokronog, assim chamados por causa da localidade do mesmo nome no vale Mirna. Eles talvez possam fazer parte dos taurisci, que vieram da bacia panônica, embora não se possa sempre fazer a equivalência

19 *De Bello Gallico*, 1. 53. 4.

entre culturas materiais e um povo ou tribo particular[20]. A Estíria, que antes tinha sido esparsamente povoada, caiu sob intensa influência celta, enquanto na Baixa Carníola a população Hallstatt densamente assentada continuou a existir, embora obrigada a abandonar seus montes fortificados. A mais antiga população indígena ainda vivia em seus povoados, o que é indicado não tanto por seus costumes funerários ou suas roupas – ambos se tornaram distintamente celtas –, mas pelos seus vasos de cerâmica, que eram feitos à mão e decorados no velho estilo, como, por exemplo, se encontrou no cemitério de Novo Mesto, na "kapiteljska njiva"[21].

Um dos mais importantes sítios da comunidade mokronog é sem dúvida a própria Mokronog, local de alguns dos primeiros túmulos La Tène na Eslovênia a serem descobertos. Também importantes foram Mihovo abaixo de Gorjanci e Novo Mesto no vale Krka. Os túmulos masculinos da comunidade mokronog continham grande quantidade de armas celtas, variando de elmos com proteções para as maçãs do rosto e o pescoço, que eram portadas somente por pessoas de maior hierarquia, a escudos ovais com relevo em ferro e espadas com lâminas duplas e lanças (os guerreiros celtas levavam apenas uma). O vestuário feminino era semelhante ao das roupas do período Hallstatt tardio, embora bastante celtas em forma, semelhantes aos celtas da Panônia, particularmente característicos eram as fíbulas (broches), as cadeias de bronze e ferro, os braceletes de bronze com cabeças estilizadas de animais em suas pontas e joias de vidro e âmbar (Fig. 7).

20 O grupo Makrong abrangia o território da Eslovênia central e oriental (a bacia do Liubliana, a Alta Carníola, a Caríntia, a Estíria, a Baixa Carníola e o norte da Carníola Branca). A mesma cultura foi documentada em regiões vizinhas da Croácia, Áustria e Hungria. Veja Dragan Bozic, "Die Erforschung der Latenezeit in Slowenien seit dem Jahr 1964 (Raziskovanje latenske dobe kem po letu 1964)", *Arheoloski vestnik*, nº 50, 1999, p. 189-213.

21 Devido à gradual ocupação de seus territórios pelos romanos ao fim do século II a.C., a população recuou das perigosas planícies para os abandonados montes fortificados Hallstatt. Vinji vrh acima de Bela Cerkev é um sítio importante que data daquela época.



Figura 7. Colar celta de Podzemelj feito com contas de vidro. Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia. Fotografia de T. Lauko

A população La Tène, que vivia na região de Posocje, no oeste da Eslovênia, e se caracterizava pela cultura Idrija (assim chamada por causa de "Idrija pri Baci") e as comunidades a ela relacionadas na Carníola interior e no Karst era estreitamente ligada à Ístria e ao Friuli. Sua cultura material tem surpreendentemente poucas características em comum com a dos celtas da Europa Central. Havia pouca joalheria celta (fíbulas ou contas de vidro) e a vestimenta típica feminina incluía fíbulas e colares de três voltas do norte do Adriático; eles não conheciam os ornamentos de vidro. Fontes romanas mencionam os carni nesta região. Vários artigos com inscrições dos vênetos (por exemplo, dois vasos de bronze e uma placa de Idrija pri Baci) foram encontrados onde a comunidade Idrija vivia, enquanto um par de túmulos no mesmo

sítio continham elmos (um costume celta) e copos de bebida de bronze que eram frequentemente agregadas aos túmulos masculinos. O aspecto mais típico – e inusitado – destes túmulos foi a presença de quantidades consideráveis de implementos agrícolas e de outro tipo extremamente variada. Em Gradisce, acima de Knezak, foi descoberto um depósito com quase 400 moedas da Roma republicana[22] (as mais antigas do meio do século II a.C.) e um achado semelhante foi feito em Dutovlje (Karst); ambos fornecem provas de intenso comércio e outros vínculos com a Itália republicana. A área ocupada por esta comunidade no amplo interior da Aquileia caiu provavelmente sob a autoridade romana durante o século I a.C. Armas da Roma republicana encontradas em vários dos montes fortificados indicam que eles foram ocupados pela força.

Tanto Plínio, o Velho (século I d.C.), como Ptolomeu (século II d.C.) mencionam a presença dos colapianos na Carníola Branca do sul e central, no vale do rio Kolpa. Túmulos mistos de esqueletos e restos cremados foram escavados no cemitério de Vinica pela Duquesa de Mecklenburg e foram transferidos, após sua morte, para um museu na Universidade de Harvard, em Cambridge. Embora a cultura material de Vinica tenha produzido seus vários objetos próprios, outros achados revelam que o povo mantinha ligações estreitas não só com os habitantes da Baixa Carníola, misturados com os taurisci, mas também com os iapodes de Lika. Politicamente os vínculos eram provavelmente mais estreitos com os últimos, de vez que Strabo, o historiador e geógrafo grego do fim do século I a.C., se refere ao território como sendo dos iapodes.

22 NT: O texto em inglês se refere a "almost 400 Republican asses". Trata-se da designação de um tipo de moeda dos tempos romanos.

O Império Romano: conquista e *pax romana*

A fundação de Aquileia

Nosso conhecimento sobre a penetração das várias tribos celtas na área alpina do leste e sua colonização das regiões alpinas e do norte do Adriático padece de enormes lacunas. Estas tribos, como vimos, eram principalmente conhecidas como os carni, norici e taurisci. Sua chegada e subsequente assentamento durante o fim do século IV e do século III a.C. coincidiu com a consolidação da posição dos romanos na península Apenina e suas primeiras conquistas pelo mar Adriático.

O primeiro engajamento militar dos romanos com um reino da margem oposta daquele mar tornou-se conhecido como a Primeira Guerra da Ilíria contra Agron e Teuta em 229 a.C. Os reinos da Ilíria e da Macedônia foram conquistados logo depois, em 168 a.C. O começo do Reino Noricano – situado principalmente no que hoje é a Áustria e partes do norte da Eslovênia – é pouco conhecido, mas no final do século II a.C. Lívio (um dos mais importantes historiadores romanos do começo do século I d.C.) se referiu a uma comunidade celta poderosa do outro lado dos Alpes, governadas pelos "anciãos". O reino era conhecido por sua riqueza mineral, razão principal pela qual os romanos estabeleceram relações amistosas com ele em alguma época do século II a.C. Lívio relatou que, em 186 a.C., certos "gauleses transalpinos", 12.000 homens armados, cruzaram pacificamente para o Vêneto sem intenção de pilhar ou guerrear, mas para fundar um "oppidum" (cidade fortificada) na região, a 12 milhas da futura Aquileia. Sua cidade foi destruída pelos romanos[23].

Um embaixador romano, enviado pelo Senado, foi recebido de maneira hospitaleira pelos "anciãos" e foi informado de que

23 *Ab urbe condita*, 39. 54 ff.

os emigrantes tinham ido para a Itália sem conhecimento ou permissão dos líderes tribais. No entanto, a intenção deles não era causar qualquer dano, mas simplesmente assentar-se em uma área desolada por causa do excesso de população e a escassez de terra agrícola. Não obstante, o Senado declarou que eles tinham errado ao se estabelecer em terra alheia (ainda que os romanos provavelmente não tivessem justificado de forma jurídica um direito sobre a região). Não há alusão naquela ocasião a um rei celta, sugerindo talvez que a figura do rei não estivesse ainda suficientemente estabelecida naquela sociedade. Ambas as partes trocaram presentes e concordaram que os Alpes deveriam ser vistos como uma barreira que não deveria ser penetrada.

De acordo com hipóteses amplamente aceitas, estes "gauleses transalpinos" teriam sido os taurisci, que tinham se estabelecido na atual Eslovênia e provavelmente queriam dominar o comércio através da passagem de Ocra em ambos os lados dos Alpes[24]. A passagem de Ocra é atualmente Razdtro, abaixo do Monte Nanos perto de Postojna (Fig. 8). Fazia parte da antiga Rota do Âmbar que ligava as regiões ricas em âmbar do Báltico com a região no norte do Adriático, onde ele era trabalhado em oficinas venezianas e etruscas. Estas negociações romanas com os "anciãos" de um povo celta transalpino podem ter sido os primeiros contatos entre o Estado romano e o Reino Noricano, embora não haja certeza disto. O Senado provavelmente negociou com os taurisci, o que era compreensível do ponto de vista estratégico, de vez que os taurisci controlavam a passagem mais fácil entre as penínsulas balcânica e apenina, a passagem de Ocra. Os taurisci certamente comerciavam

24 Veja Marjeta Sasel Kos, "The End of the Norican Kingdom and the Formation of the Provinces of Noricum and Pannonia". In: *Akten des IV. intern. Kolloquiums über Probleme des provinzialrömischen Kunstschaffens / Akti IV. mednarodnega kolokvija o problemih rimske provicialne umetnosti. Celje 8-12 Mai/maj* 1995, ed. Bojan Djuric & Irena Lazar. Liubliana: Narodni muzj Slovenije, 1997; capítulos relevantes de Verena Gassner, Sonja Jilek & Sabine Ladstätter, *Am Rande des Reiches. Die Römer in Österreich*, ed. H. Wolfram. Viena: Ueberreuter, 2002.

ao longo dos rios Sava e Liubliana via Nauportus (Vrhnika) na direção de Tergeste (Trieste), a aldeia dos Carni.



Figura 8. A Passagem de Ocra abaixo do monte Ocara, atualmente monte Nanos. Cortesia dos Arquivos do Instituto de Arqueologia, SRC SASA

Lívio menciona que os celtas tinham descido pela Itália por caminhos desconhecidos para fundar sua malsucedida cidade[25]. Este dado pode talvez ser uma referência aos habitantes do vale do Soca (Isonzo) mais do que propriamente aos taurisci, já que o caminho através da passagem de Ocra dificilmente poderia ser considerada como desconhecida. O nome antigo do rio era Aesontius e tem se especulado que os habitantes destas regiões, que são definidos arqueologicamente como sendo da cultura Idrija da Idade do Ferro tardia, eram chamados ambisontes, tal como os ambidravis que viviam em ambos os lados do rio Drava (Dravus). Sob o imperador Augusto, os ambisontes eram conhecidos como

25 *Ab urbe condita*, 39. 45. 6.

uma das tribos alpinas rebeldes; eles são a única tribo noricana mencionada na inscrição em La Turbie, acima de Mônaco, que relacionava todos os povos alpinos que tinham sido conquistados em 15 a.C. pelos enteados de Augusto, Druso e Tibério. Além disso, o geógrafo grego Ptolomeu, do século II d.C., situava os ambisontes no sul da província, o que tornaria a hipótese de que eles habitavam o vale de Aesontius ainda mais plausível[26].

A identidade dos enigmáticos "gauleses transalpinos" (ou celtas, como eram chamados pelos escritores gregos) está longe de ser bem conhecida. De todo modo, o Estado romano decidiu reagir a suas tendências expansionistas em 183 a.C. com a fundação de Aquileia, que se tornou uma colônia latina em 181 a.C. De empório florescente, a cidade logo se desenvolveu em uma próspera metrópole e era, ao lado de Roma, uma das mais importantes cidades da Itália. A existência de Aquileia teve consequências de grande alcance para a romanização, a economia e a aculturação das regiões de Noricum e da Panônia. A sua influência continuou a ser importante até o fim da antiguidade[27].

Os celtas, que viviam no interior do norte do Adriático, foram influenciados por sua proximidade com os vênetos, com os quais devem sem dúvida ter mantido relações comerciais. Comerciantes romanos atuando como indivíduos certamente devem ter explorado as possibilidades dos mercados celtas mesmo antes da fundação de Aquileia. É assim compreensível que os celtas, especialmente as tribos que viviam em vales alpinos menos férteis, tenham sido atraídos para o sul. No entanto, os romanos queriam monopolizar a área do norte do Adriático. Os istrios, que habitavam a fértil península Ístria ao sul de Tergeste, foram os primeiros a se sentirem ameaçados pelo imperialismo romano, e começaram uma

26 Jaroslav Sasel, *Opera selecta*. Liubliana: Narodni muzej, 1992, p. 288-297.

27 Giuseppe Cuscito (ed.), *Aquileia dalle origine alla costituzione del ducato longobardo. Storia – amministrazione – società*. Trieste: Editrg, 2003.

guerra. Alguns celtas tomaram o partido dos romanos na ocasião, talvez os carnis, que podem ter pensado receber vantagens com a derrota dos istrios. Em 178 a.C. Catmelus (em lugar do rei de sua tribo) comandou 3.000 soldados celtas ao lado do cônsul romano contra os istrios, que foram subjugados no ano seguinte. Nesta época Tergeste deve ter passado a ser conhecida como aldeia dos carni, quando antes tinha pertencido aos istrios.

O Reino Noricano

Ao contrário dos carni, tanto os taurisci como os ambisontes eram hostis ao Reino Noricano e ao Estado romano. A relação entre os norici e os taurisci não é inteiramente clara. Ambos cunhavam suas moedas, mas mesmo isto não é prova suficiente para definir as duas tribos em termos de suas políticas, territórios e suposta supremacia (Fig. 9). Na região dos taurisci foi descoberto ouro em alguma época do século II a.C., como relatado pelo historiador grego Políbio (e mantido por Strabo)[28]. O ouro foi primeiro extraído em cooperação com empreendedores romanos e em tão grandes quantidades que seu preço caiu um terço na Itália. Em consequência, os romanos foram expulsos pelos taurisci, que queriam monopolizar a extração e o processamento do ouro, assim como o seu comércio. É duvidoso que eles tenham reconhecido a autoridade do Reino Noricano durante o século II a.C. e começo do século I a.C., embora o Reino Noricano tivesse, sem dúvida, sempre almejado ganhar influência sobre as regiões dos taurisci.

O Reino de Cincibilus e seu irmão é mencionado nos anos 171-170 a.C. com relação a questão do cônsul Gaius Cassius Longinus. Cincibilus, a quem Lívio chamou de rei dos celtas, pode ter sido soberano do Reino Noricano, ou pode ter sido o rei dos taurisci. Seu irmão, que não é designado pelo nome, dirigiu-se ao

28 Strabo, 4. 6. 12 C 208.

Senado, como embaixador do rei e em nome de seus aliados, os povos alpinos, os quais eram tratados como inimigos pelo exército consular de Longinus. Estes povos alpinos eram provavelmente os taurisci; os carnis, istrioi e iapodes mandaram seus próprios enviados ao Senado para fazer as mesmas queixas[29].

Um ano antes, depois do início da Guerra macedônica contra o último rei da Macedônia, Perseu, o comando na Macedônia tinha sido atribuído, por tiragem de sorte – um procedimento costumeiro – a Publius Licinius Crassus. Longinus, contra suas expectativas e desejos, tinha recebido a Itália e a Gália Cisalpina, onde ele não via possibilidades de glória e enriquecimento. Ele chegou ao norte da Itália e decidiu partir, sem permissão do Senado, para a Macedônia através das regiões do sudeste dos Alpes e com a intenção de prosseguir adiante através do Ilyricum.



Figura 9. Moedas celtas de prata da Celeia, século I a.C. Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia. Fotografia de T. Lauko

29 *Ab urbe condita*, 43. 5 ff.

O nome "Illyricum" foi usado como correspondendo aos Balcãs no tempo de Lívio, mas o historiador usou o termo de forma anacrônica quando se referia ao começo do século II a.C. Durante o período helenístico, "Illyricum" denotava apenas vários reinos ilírios no que é hoje o sul da Dalmácia, a república da Macedônia e a Albânia. Com a queda do último rei da Ilíria, Genthius, o nome gradualmente se estendeu para abranger a maior parte dos Balcãs. De acordo com o historiador Appiano (século II d.C.), o único historiador a dedicar um panfleto à história da Ilíria, "Illyricum" significava ainda – além dos Balcãs – vastas regiões que iam da atual Alemanha meridional até a Bulgária[30]. A história de Cassius Longinus, contudo, é muito interessante para a história dos reinos celtas transalpinos, os Balcãs e seus contatos com os romanos, pois lança luz sobre o significado estratégico e geopolítico das regiões ao longo da antiga rota comercial balcânica. Cassius Longinus evidentemente partiu de Aquileia, que foi deixada sem proteção, e tomou provisões para 30 dias para suas legiões. Ele mandou que guias que conhecessem os caminhos para a Macedônia fossem recrutados entre os povos locais, os carni, histris e iapodes. O Senado foi informado de sua partida por enviados de Aquileia, que explicaram diplomaticamente que sua colônia tinha ficado insuficientemente protegida contra possíveis ataques dos povos hostis histrios, e ilírios; não ousaram acusar diretamente o cônsul. Os senadores os encaminharam a Longinus e com incredulidade souberam que ele tinha partido de sua província. Três enviados senatoriais foram mandados no mesmo dia ao seu encalce para proibi-lo de travar guerra contra qualquer nação sem

30 I.e. não apenas a Dalmácia (a Croácia litorânea e seu interior, e partes da Bósnia-Herzegovina), a Panônia (o norte da Croácia e a Hungria com partes da Áustria e da Eslovênia) e a Rétia (partes da Suíça e do sul da Alemanha) durante o período do imperador Antonino no século II d.C. Para esclarecer a atribuição do nome Illyricum a esta vasta área, Appiano citou impostos ilírios arrecadados em todas estas províncias (Illyr. 6): ver Marjeta Sasel Kos, *Appian and Illyricum*. Liubliana: Nardoni muzej Slovenije, 2005.

consentimento do Senado. Medidas para proteger Aquileia foram adiadas em razão do temor do que poderia acontecer com o cônsul e seu exército.

Os temores do Senado eram mais que justificados, uma vez que o Illyricum era então praticamente *terra incognita*. Não apenas Longinus marchava através de áreas ásperas e quase intransponíveis, mas ele havia mergulhado com seu exército entre nações e tribos cujas reações poderiam na melhor das hipóteses ser imprevisíveis e na pior, hostil. Outros temores eram não menos justificáveis: com sua ação, Longinus podia revelar o caminho para a Itália a povos assentados nas regiões ao longo do seu caminho. Alguma informação sobre estas regiões existia graças a rotas comerciais que haviam funcionado durante séculos por terra e rios, levando bens e informações às áreas alpinas do leste. No entanto, no que diz respeito à geografia, a distância entre os Balcãs e a Itália não tinha sido corretamente avaliada.

O rei macedônio Filipe V (pai de Perseu) buscou aliar-se às nações bárbaras que viviam ao longo do Danúbio, esperando persuadi-las a invadir a Itália. Lívio afirma que só teria sido possível conduzir um exército até a Itália através da região dos scordisci, uma tribo celta na confluência do Sava e do Danúbio cerca de Singidunum, atual Belgrado[31]. Mas a concepção profundamente equivocada de Filipe sobre a extensão do Illyricum é ilustrada por uma história em que ele subiu ao topo do monte Haemus (monte Balcã), na região dos maedi da Trácia, para ver simultaneamente o mar Negro, o Adriático, o Danúbio e os Alpes. Isto o ajudaria a planejar a guerra contra os romanos. Ataques através do Illyricum também foram planejados por Aníbal e por Antióquio da Síria, próximo à morte de Anibal, bem como pelo rei de Pontus, Mitridates o Grande no século I a.C.

31 *Ab urbe condita*, 40. 57. 7.

A região do sudeste dos Alpes era estrategicamente muito importante para a Itália, pois o caminho pela passagem de Ocra para a península dos Apeninos não só era fácil como também não era protegida. Entretanto, os romanos não a controlavam nesta época[32]. Isto é confirmado pelo fato de que o exército de Cassius Longinus precisou do auxílio de guias estrangeiros. Até onde o cônsul chegou não é sabido com precisão, mas provavelmente não alcançou as regiões da Panônia além de Segesta Siscia (Sisak na Croácia). Ao voltar ele devastou várias regiões dos iapodes, istrios e carnis, assim como as dos povos alpinos, e tomou grande número de escravos – uma das acusações do irmão de Cincibilus.

Os povos alpinos podem provavelmente ser identificados como pertencentes a várias tribos taurisci, independentemente de que o rei Cincibillus fosse noricano ou tauriscio. Seu irmão não logrou receber qualquer compensação pelos danos causados a seus aliados, e os enviados das outras nações com reclamações semelhantes também não obtiveram êxito.

O Reino de Cincibilus foi a única parte a receber uma compensação pelo trágico episódio. Para silenciá-los, o Senado enviou dois diplomatas consulares altamente respeitados para se encontrarem com Cincibilus e seu irmão. Eles lhes entregaram ricos e principescos presentes, inclusive o direito de exportar cavalos. Os interesses econômicos e políticos eram compartilhados no mais alto nível e Roma desejava manter os melhores contatos possíveis com o Reino Transalpino, pois a cordilheira era vista como a fronteira mais adequada para proteger a Itália. Um acordo de hospitalidade recíproca (*hospitium publicum*), que se sabe ter existido entre Roma e o Reino Noricano ao tempo da invasão do povo germânico cimbri em 113 a.C. pode bem datar do reinado de Cincibilus[33].

32 Jaroslav Sasel, *Opera selecta*, p. 630-633 e *passim*.

33 Marjeta Sasel Kos, "The End of the Norican Kingdom".

Podem ter existido vários outros pequenos reinos, de menor importância. Um destes pequenos reinos era talvez Balanus, que mandou enviados a Roma em 169 a.C. para oferecer ajuda militar na guerra macedônica contra Perseu. O Senado não aceitou o oferecimento, mas recompensou a oferta com presentes de valor. A diferença curta, de apenas um ano, entre Cincibilus e Balanus, poderia indicar a coexistência de outro pequeno reino, e não que Balanus tivesse sucedido Cincibilus no mesmo reino.

A conquista das regiões do leste alpino e do Illyricum

Pode ter sido um grave equívoco presumir que a conquista destas regiões foi principalmente matéria de rápida romanização, com pequeno emprego de força: muito mais luta deve ter ocorrido na conquista destas terras do que as fontes existentes refletem. Há vários indícios de que o norte da Itália, chamado de Gália Cisalpina por seus habitantes, que eram celtas em sua maioria deste lado dos Alpes, se estenderam gradualmente através da passagem de Ocra. O interior da região Karst de Tergeste caiu em sua esfera de influência, assim como o Portão de Postojna e Nauportus com a bacia do Emona (Liubliana). A Gália Cisalpina foi uma província de 89 a 42 a.C. e passou desde então a ser parte do Império Romano. No entanto, as provas de sua expansão são escassas e esparsas.

A conquista do sudeste dos Alpes e dos Balcãs foi completada durante o reino do imperador Augusto e o território esloveno foi dividido em quatro unidades administrativas romanas. A região do Adriático norte e seu interior até Nauportus e Emona fazia parte da Décima Região Augustina (mais tarde chamada de Ístria e Venetia) na província da Itália. Celeia (Celje) e seu território pertenciam à província de Noricum, enquanto Poetovio (Ptuj) e Neviodunum (Drnovo perto de Krsko) faziam parte da província da Panônia, que ainda era chamada de Illyricum no começo do século I d.C. Uma pequena parte do interior da Carníola e a região ao longo do

rio Colapis (Kolpa), que não contava com colônias importantes, pertencia à província da Dalmácia. (Fig.10).

A conquista destas regiões durante o fim do período republicano (i.e. antes do reinado de Augusto) envolve a participação de um misterioso Cornelius, que é mencionado brevemente apenas por Appiano. Ele teria, em uma época desconhecida, lutado sem sucesso contra os panônios[34]. Sua total derrota disseminou tal temor dos panônios entre os italianos que no futuro nenhum cônsul ousava iniciar uma campanha contra a Panônia. Este Cornelius pode ter sido ou o cônsul em 159 a.C., Gnaeus Cornelius Dolabella, ou o cônsul de 156 a.C., Lucius Cornelius Lupus. Eles são os dois únicos com este nome que podem ter lutado na Panônia antes de 119 a.C., quando Lucius Metellus (membro não identificado da famosa família romana Caecilli Metelli) e Lucius Aurelius Cotta empreenderam uma campanha contra os segestani, também mencionada apenas por Appiano. Contudo, não há menção de tais ações em suas carreiras.



Figura 10. A divisão do território da atual Eslovênia sob o Império Romano. Cortesia do Instituto de Arqueologia SRC SASA, gráfica computadorizada: Mateja Belak

34 *Illyriké*, 14. 41.

Não obstante, o ano de 156 a.C. é usualmente citado como o primeiro confronto dos romanos com os panônios, supostamente ocorrido durante a guerra romana contra os celtas scordisci, mas, como muitas outras, trata-se apenas de uma hipótese com pouca fundamentação.

A campanha de 119 a.C., da qual não se conhecem detalhes, continua a ser o primeiro fato sobre o qual se tem certeza na história da conquista da Panônia, embora Appiano relate que os romanos haviam lutado duas vezes contra os segestani antes de Otaviano (o futuro imperador Augusto). Aquileia, cujos habitantes devem ter tido muito emprenho em obter influência e estabilidade em seu interior, era o ponto de partida de qualquer ação militar na direção de Segesta/Siscia.

Dez anos antes da expedição militar de Metellus e Aurélio Cotta contra os segesti, uma campanha tinha sido lançada no período de Gaius Sempronius Tuditanus contra os taurisci, carni, histri e iapodes (estes últimos se assentaram no que hoje Lika, na Croácia). Quando Sempronius Tuditanus era cônsul, em 129 a.C., o Senado delegou-lhe poderes judiciais para a comissão agrária estabelecida por Tiberius Sempronius Gracchus sobre uma nova divisão de terras. Contudo, dando-se conta da dificuldade deste trabalho, Sempronius Tuditanus decidiu deixar Roma e "marchar contra os ilírios". Appiano conta que Sempronius Tuditanus e Tiberius Pandusa tiveram sucesso em sua luta contra os iapodes nos Alpes[35]. Pandusa pode ter sido governador da Gália Cisalpina ou legado de Tuditanus. Lívio, ao contrário, afirma que Tuditanus foi primeiro derrotado pelos iapodes; estes teriam sido conquistados somente por Decimus Iunius Brutus Callaicus, um famoso general romano que tinha lutado com êxito na Ibéria contra os lusitanos e os callaecis[36]. Plínio, o Velho, que escreveu uma grande enciclopédia

35 *Illyriké*, 10. 30.

36 *Periocha*, p. 59.

natural no período dos imperadores Flávios, também cita a guerra de Tuditanus contra os histri e o fato de que ele alcançou o rio Titius (hoje o Krka na Dalmácia) na região dos liburni[37]. A sua inscrição triunfal, da qual dois fragmentos foram descobertos em Aquileia, também cita os taurisci como um povo conquistado[38]. Obviamente Tuditanus, com a ajuda de outros generais, conquistou vários povos durante sua campanha.

Aemilius Scaurus é também citado como tendo lutado contra os carni em 115 a.C. Durante o século que precedeu a ascensão de César, o desenvolvimento econômico das regiões noricanas e o papel estratégico por elas desempenhada como proteção dos interesses romanos nas regiões alpinas e transalpinas foram apenas brevemente afetadas pela invasão dos cimbrios em 113 a.C. No entanto, os cimbri recuaram rapidamente quando souberam que os noricis tinham um acordo especial com os romanos. Em uma batalha perto de Noreia (não localizada), os romanos foram derrotados devido à traição do cônsul romano, Gnaeus Papirius Carbo, que queria lutar contra os norici, apesar deles terem concordado em deixar o país. A prosperidade geral do Reino Noricano e sua importância econômica para os romanos estão bem refletidos no crescimento do empório romano de Magdalensberg (antigo Virunum?). Este empório tornou-se um importante ponto comercial no século I a.C. comparado com, *mutatis mutandi*, a colônia de comerciantes italianos em Delos.

Partes da região entre Aquileia e Emona deviam já estar controladas, ou mesmo conquistadas, durante o século II a.C., como as importantes colônias indígenas em Grad perto de Smihel embaixo do monte Nanos (Smihel pod Nanosom) no interior da Rota do Âmbar e no entorno da passagem de Ocra. Elas teriam sido subjugadas no começo do século II a.C., como indicado por

37 *Naturalis historia*, 3. 129.

38 Marjeta Sasel Kos, *Appian and Illyricum*, 321 ff.

um depósito de armas, que devem ter sido usadas nas batalhas entre o exército romano e a população indígena. A romanização antiga desta área é também indicada pelos achados de *victoriatii* (moedas de prata da Roma republicana) do começo do século II a.C. As moedas foram descobertas em diversos sítios nas regiões marítima e de Karst assim como no interior da Carníola, onde as tribos sob domínio carni devem ter se assentado. Moedas republicanas *victoriatii* foram também encontradas em torno das colônias taurisci de Emona e Celeia.

A expansão gradual da Gália Cisalpina para o nordeste está arqueologicamente bem documentada. Os primeiros achados de ânforas greco-romanas do século II a.C. se localizam em Sermin, uma colônia importante no norte da Ístria, não longe de Tergeste[39]. Cerâmica itálica negra vitrificada e ânforas do tipo Lamboglia 2 (entre os séculos II e I a.C.) foram também encontradas na área de Razdrto perto da passagem de Ocra.

César e o período dos triúnviros

Quando César foi feito pro cônsul na Gália Cisalpina e na Transalpina, assim como no Illyricum, em 59 a.C., alguns baluartes já tinham sido conquistados na Gália Cisalpina antes da sua chegada. Contudo, ele teve pouco tempo para se dedicar à Gália Cisalpina e ao Illyricum, pois esteve principalmente absorvido pela Guerra Gálica. Sem dúvida, ele também ocupou certos lugares estratégicos, pois planejou uma campanha contra o Estado dácio, governado pelos burebistas. O rei geto-dácio conseguira estender sua autoridade até a Panônia; ao destruir a coalizão entre os celtas boii (que haviam ocupado partes da Hungria, o norte da Áustria em volta de Viena, e o sul da Eslováquia) e os taurisci, ele ameaçava

39 Jana Horvat, *Sermin. Prazgodovinska in zgodjerimska naselbina v severozahodni Istri / A Prehistoric and Early Roman Settlement in Northwetern Istria*. Liubliana: ZRC SAZU, Institut za arheologijo, 1997.

tanto o Reino Noricano como o Estado romano. Nauportus, uma colônia dos taurisci, era um grande arrabalde romano (*vicus*) no tempo de César e era governado por dois homens libertados (ex--escravos), *magistri vici*. Dois pares eram conhecidos por seus nomes; seus senhores provavelmente pertenciam a famílias de comerciantes empreendedores em Aquileia (os Annaei, Fabii, Petronii, e Fulginates).

Um marco de pedra na fronteira entre Aquileia e Emona do começo do século I d.C, recentemente descoberto no rio Ljubljanica perto de Bevke (a 12 km a sudoeste de Liubliana), indica que Nauportus pertencia ao território de Aquileia[40]. Outros achados importantes do fim do período republicano e do período de Augusto foram localizados no rio Ljubljanica, inclusive moedas republicanas e celtas. Cerâmica italiana típica do meio do século I a.C. foi descoberta junto com cerâmica taurisci La Tène em Nauportus e Emona. Moradores italianos também estão documentados em Emona, talvez tão cedo quanto o período depois da morte de César (*Caesernii*). O grau de dependência destas regiões em relação ao Reino Noricano permanece pouco claro, embora, em alguns pontos ao menos, sua influência deve ter chegado tão longe. De fato, muito da história nauricana e taurisci permanece obscura, mas parece claro que a política noricana em relação aos romanos era amistosa, enquanto que a dos taurisci era hostil.

Ao contrário da Gália Cisalpina, o Illyricum naquele tempo não havia sido organizado territorialmente como província ainda, mas era de fato uma província no sentido de uma esfera de ação militar. Parece mesmo que grande parte do território entre o Illyricum e a Gália Cisalpina não estava ainda submetida à autoridade romana. A maioria dos dálmatas, iapodes, e vários povos e tribos da Panônia, inclusive os segestanos, ainda não tinha sido subjugada pelos romanos ao tempo de César. Parte destas regiões só vieram

40 Marjeta Sasel Kos, *Appian and Illyricum*, p. 481-482.

a entrar sob influência romana durante as Guerras Ilíricas no período de Otaviano em 35-33 a.C. Depois da morte de César e de vários anos de luta pela supremacia, o triunvirato foi estabelecido, mas Lepidus logo perdeu o poder. Com o pacto de Brudisium, em 40 a.C., Marco Antônio e Otaviano dividiram o Império Romano ao longo de uma linha que passava por Scodra (atualmente Shkoder na Albânia) no sul do Illyricum.

A campanha militar de Otaviano no Illyricum em 35-33 a.C. pode ser considerada a fase seguinte, e talvez decisiva, da conquista do Illyricum, ou seja, das futuras províncias da Panônia e da Dalmácia. Foi decisiva não tanto porque levou à conquista de extensos novos territórios como os Balcãs centrais (regiões habitadas pelos daesitiates, maezaei, ditiones, breuci e outros povos), mas, sobretudo porque continuou a política fronteiriça estabelecida por César na Gália Cisalpina e no Illyricum e representou uma conquista sistemática do Illyricum. Foi de importância imediata para Otaviano alcançar a glória como um general bem-sucedido e explorar seus feitos militares contra Antônio. Nas suas Guerras Ilíricas ele conquistou muitos povos e muitas tribos de maior ou menor importância. Entre eles estavam os carni e taurisci e, em uma campanha importante, os iapodes e segestanis. Dois eventos memoráveis foram a queda de Metulum e a de Segesta/Siscia. Em 34-33 a.C., ele subjugou os dálmatas e as tribos vizinhas[41].

A conquista final sob Augusto e a fundação das províncias de Noricum e Panônia

Cassius Dio, um historiador grego que escreveu uma importante história de Roma entre os séculos II e III a.C., relata que logo antes da Guerra Panônica, em 16 a.C., "os panônicos, junto com os noricis, invadiram a Ístria e foram derrotados por

41 Ibid., p. 393-471.

Silius e seus legados"[42]. É geralmente aceito que Publius Silius Nerva fora procônsul do Illyricum em 17 e 16 a.C. – ou, se o território sob seu governo fosse a província Transpadana do norte da Itália, a mesma incluiria a Ístria e a Libúrnia (Dalmácia do Norte). Na cidade liburniana de Aenona ele era honrado como procônsul e patrono. Como resultado da invasão, os noricis tornaram-se dependentes do Estado romano, como os panônicos que tinham sido subjugados antes (sob Otaviano). Dio deve ter querido se referir aqui aos segestanis e alguns povos vizinhos, cujas insurreições foram provavelmente a razão para a anexação do Reino Noricano. Estes povos poderiam ser os ambisontes, se sua localização ao longo do rio Aesontius pudesse ser aceita, ou os taurisci noricanos, mencionados por Strabo. A cunhagem independente do tetradracma noricano findou por volta de 16-15 a.C. Ao mesmo tempo certas regiões do norte e do oeste da Panônia podem também ter sido anexadas. Estas regiões tinham antes dependido até certo ponto do Reino Noricano e incluíam os territórios de Savaria (Szombathely) e Scarbantia (Sopron) na Hungria até o lago Pelso (Balaton), que eram todas regiões habitadas por celtas.

A subordinação do reino ao Estado romano é adicionalmente comprovada pela concessão por Augusto de imunidade e de cidadania romana a certo Gaius Iulius Vepo, de Celeia, provavelmente em recompensa por méritos especiais durante a conquista por Augusto da área do sudeste dos Alpes. Estes privilégios não fariam sentido em um Reino Noricano independente. Vepo, que pertencia a uma rica comunidade indígena de Celeia, teve sua lápide tumular construída ainda em vida em um estilo inteiramente romanizado. Isto pressupunha a existência de uma oficina de entalhe de lápides e era prova de que o latim era suficientemente conhecido. Já no período de Augusto os benefícios resultantes da aculturação e da

42 *Dio*, 54. 20. 2.

cooperação com os romanos eram respeitados em Celeia, o que significa que pelo menos alguns membros da classe superior nesta cidade noricana já estivam romanizados[43].

A anexação do reino é comprovada também por uma pequena flâmula da legião panônica, a VIII Augusta, que acampou no antigo Virunum (Magdalensberg) durante o período de Augusto. Juntamente com um destacamento da *cohors Montanorum prima*[44], as duas forças constituíam uma pequena, mas suficiente guarnição para o país, e a presença de soldados romanos tem também outras comprovações em outros locais noricanos. Prova suplementar é dada por dois moldes de mármore para a produção de barras de ouro pesando 5,6 e 14,5 kg respectivamente, há pouco descobertos em Magdalensberg e que foram fabricados com o nome do imperador Gaius Caesar (Calígula, 37-41 d.C.).

Noricum tornou-se uma província, pelo menos no reino de Cláudio (41-54 d.C.), quando a presença de seu suposto primeiro governador, o procurador C. Baebius Atticus, é atestada. Mas, poderia também ter ocorrido sob Tibério (14-37 d.C.), como se poderia inferir do historiador romano Velleius Paterculus, que escreveu no tempo de Tibério. Embora ele tenha observado que o imperador tinha acrescentado quatro novas províncias ao império (Raetia e Panônia, os norici e os scordisci), esta passagem está sujeita a várias interpretações.

O Ilyricum foi mais firmemente posto sob a autoridade romana durante a Guerra Panônica, que tinha começado em 14 a.C., depois de insurreições dos panônicos. Um ano mais tarde o melhor general romano, Marcus Vipsanius Agrippa, recebeu o comando da guerra. Tibério recebeu a chefia depois da morte de Agrippa em 12 a.C. e o conflito se estendeu até 9 a.C., quando a

43 Jaroslav Sasel, *Opera selecta*, p. 31-43.

44 NT: Em latim no texto inglês. Poderia ser livremente traduzido por "primeiro destacamento montanhês".

maior parte dos territórios das futuras províncias da Panônia e Dalmácia tombou sob autoridade romana. Isto foi orgulhosamente proclamado por Augusto em uma longa inscrição no santuário da deusa Roma em Ancira, na província da Gálata (Turquia). A inscrição lista as mais significativas realizações do imperador (*res gestae*), na primeira pessoa e do seu ponto de vista. Tibério subjugou os breuci e amantini da Panônia com a ajuda dos celtas scordisci. Em 11 a.C. ele, Augusto, derrotou os rebeldes dálmatas, mas não são conhecidos muitos detalhes desta guerra.

A grande rebelião Panônico-Dálmata nos anos 6-9 d.C. voltou mais uma vez a destroçar a autoridade romana sobre o Illyricum. Esta gravíssima insurreição foi também debelada por Tibério. A região do Noricum parece não ter sido afetada, a não ser talvez por alguns territórios mais tarde anexados à Panônia. O levante, liderado por Bato, começou entre daesiates, tribo panônica que havia se fixado no centro da Bósnia, perto da atual Sarajevo. Eles receberam a adesão dos breuci, sob Pinnes, um outro também chamado Bato e várias outras tribos. De acordo com Valério, a força total do conjunto rebelde somava 200.000 soldados de infantaria e 9.000 de cavalaria, além disso, alguns líderes tribais haviam servido no exército romano e conheciam a estratégia e modo de guerrear dos romanos. Uma das principais razões da sublevação foi a impiedosa cobrança de impostos[45]. Os rebeldes não conseguiram capturar Sirmium (Sremska Mitrovica na Sérvia) após terem massacrado os cidadãos romanos. Seus planos originais eram de realizar uma tripla ofensiva: destacamentos de seu exército simultaneamente invadiriam a Itália e a Macedônia, enquanto um terço do efetivo militar permaneceria no centro da área rebelde. No entanto, o Bato daesitiate invadiu a Dalmácia e frustrou esta estratégia. Eles deveriam ter capturado Siscia antes que Tibério chegasse a tempo de socorrê-la. Augusto deslocou-se para Ariminum (Rimini) para

45 Marjeta Sasel Kos, *A Historical Outline of the Region between Aquileia, the Adriatic, and Sirmium in Cassius Dio and Herodius*. Liubliana: Slovenska akademija zananosti in umetnosti, 1986, p. 152-191.

estar mais perto da zona de guerra caso seu conselho fosse preciso. A guerra foi em si muito complexa, envolvendo exércitos romanos do Leste e da Alemanha, assim como destacamentos da Itália, que foram entregues a Tibério pelo historiador Vellius Paterculus. O sobrinho de Tibério, Germanicus, foi subcomandante na Dalmácia. A guerra terminou depois de quatro anos e Suetônio considerou-a "a mais séria de todas as guerras depois da Púnica"[46].

Enquanto a vida no Noricum se desenvolvia com tranquilidade, o Illyricum estava devastado e tinha que se recuperar sob maciça supervisão militar. No entanto, tanto o Noricum como a parte panônica do Illyricum tinham sido mais ou menos densamente ocupados antes da chegada dos romanos. A idade e a importância das colônias existentes, e quais delas mereciam ser designadas como cidades, são dados que não podem ser estabelecidos com certeza, uma vez que vários fatores exerciam influência sobre a política de assentamento e colonização. A economia tinha um papel significativo na decisão a respeito do lugar em que se devia erigir uma aldeia ou vila, mas os padrões de assentamento também eram afetados por outros fatores que não são conhecidos. Outros, como catástrofes naturais e epidemias, são apenas raramente levados em consideração. Epidemias podem ter afetado enormemente a vida em uma certa área, causando grande declínio demográfico, semelhante à devastação causada pelas pestes na Idade Média. Os "desolados reinos de pastores" (*deserta regna pastorum*) mencionados por Virgílio podem ser interpretados como vastas áreas desertas no interior de algumas regiões noricanas dos Alpes orientais, no interior do Timavus, em consequência de uma praga animal ao fim do século V ou no IV a.C[47]. A confirmação desta hipótese é reforçada pela completa ausência de nomes anteriores aos celtas em certas áreas, como a Alta Carníola, várias áreas na

46 *Tib.* 16.

47 *Georgica*, 3. 470-481.

região dos noricis e dos vizinhos tauriscis (Poetovio), na região de Savaria, dos latobicis, dos colapianis[48] e outros[49].

Cidades e colônias

Os fatores econômicos e sua relação com os recursos naturais e o comércio eram sem dúvida da maior importância para o desenvolvimento de colônias, mas isso também se pode dizer da natureza geopolítica das localidades, tal como colônias em cruzamentos importantes, confluências de rios, ou ao longo de rotas comerciais antigas ou de um rio navegável. Caminhos e rotas de caravanas que tinham sido importantes durante um período anterior podiam ter perdido seu significado com a mudança das situações políticas, mas certas linhas vitais de comunicação permaneceram importantes por toda a antiguidade. Uma era a via por Illyricum (ou seja, os Balcãs), que ligava as regiões do mar Negro com a Itália. Tratava-se basicamente de uma rota ribeirinha ao longo do Danúbio, do Sava e do Ljubljanica, e daí por terra para a Ìstria e a Itália, que é mencionada por Strabo[50] e se reflete na lenda dos Argonautas. Comércio pré-histórico de alcance limitado ao longo destes rios e o pouco conhecimento geográfico destas áreas podem ser vistos como o cerne histórico daquela lenda. As colônias ao longo destes rios, como Sirmium, Siscia, Andautonia (Scitarejo ao sul de Zagreb), Emona e Nauportus tinham sido colônias pré-históricas antigas, como seus nomes indicam, ainda que os achados arqueológicos nem sempre confirmem diretamente sua importância na pré-história.

Existiram quatro cidades romanas autônomas no que hoje é a Eslovênia: Emona, Celeia, Neviodunum e Poetovio. Emona

48 NT: Nomes de várias tribos do Illyricum. Cf. List of ancient tribes in Illyria. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Colapiani#Pannonian>. Acesso em: 27 nov. 2013.

49 Jaroslav Sasel, *Opera Selecta*, p. 514-521.

50 Strabo, 4. 6. 10 C 207.

fora uma colônia de importância desde a Idade do Bronze Tardia (cultura do campo de urnas), como indicado por um grande cemitério no pátio da Academia Eslovena de Ciências e Artes. A colônia relacionada com este cemitério foi descoberta alguns anos atrás no Monte do Castelo (Grajski hrib) e vestígios de outra foram recentemente escavados na área de "Gorni trg" na margem direita do Ljubljanka (o antigo nome do rio era Nauportus), do lado oposto da cidade romana mais tarde fundada. Seus fundadores da Idade do Bronze tardia devem ter sido os taurisci, sabe-se terem habitado na vizinha Nauportus que, antes de Augusto, era uma colônia mais importante na região do que Emona. O seu nome é registrado no acusativo, *Pamporton* ou *Nauponton*, em diferentes manuscritos de Strabo, o que sugere que os romanos não tinham usado com precisão o nome "Nauportus", mas o tinham adaptado a suas sensibilidades linguísticas, que dão o sentido de "portador do navio". Isto os levou a vinculá-lo com a história dos Argonautas, tal como relatada por Plínio, o Velho, que se serviu de fontes antigas[51]. O navio Argo desceu o Danúbio, o Sava e o Ljubljanica até Nauportus, de onde foi transportado até o Adriático através dos Alpes. A colônia se notabilizou como uma estação de recarregamento, onde, de acordo com Strabo, mercadorias da Aquileia trazidas por carros eram recarregadas em barcos para o transporte para as regiões do Danúbio[52]. Nauportus pode também ter sido um posto alfandegário dos taurisci. O historiador romano Tácito chamou-a de "quase uma pequena cidade"[53].

Ao final do século I d.C., e com o declínio de Nauportus, alguns escritores romanos de tempos posteriores afirmaram que Emona tinha sido fundada por Jasão. Emona tornou-se uma *colônia* romana no mínimo alguns anos depois das Guerras

51 *Naturalis historia*, 3. 128.

52 Strabo, 4. 6. 10 C 297.

53 *Annales*, 1. 20. 1; Jana Horvat, *Nauportus* (*Vrhnika*). Liubliana: SAZU, 1990.

Ilíricas de Otaviano ou, no máximo, sob o período de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.); foi-lhe dado o nome de Iulia em sua honra. Alguns veteranos da XV e da VIII legiões se estabeleceram lá, juntamente com muitos comerciantes e artesãos do norte da Itália, principalmente da Aquileia. A presença de uma população indígena é pobremente documentada em Emona, mas muito bem documentada na aldeia vizinha de Ig, onde muitos homens devem ter trabalhado como cortadores de pedra nas pedreiras locais com pedra calcária de alta qualidade (destinada principalmente para Emona); isto explicaria porque as lápides funerárias de tantas famílias tenham sido fabricadas em Ig. Os nomes dos habitantes de Ig são provenientes do norte do Adriático, como Laepius, Plaetor ou Voltupar, ou nomes celtas como Adnamatus, Broccus, Manu ou Nammo, ou ainda tipicamente locais, inclusive Moiota, Buctor e Buquorsa. (Fig. 11).

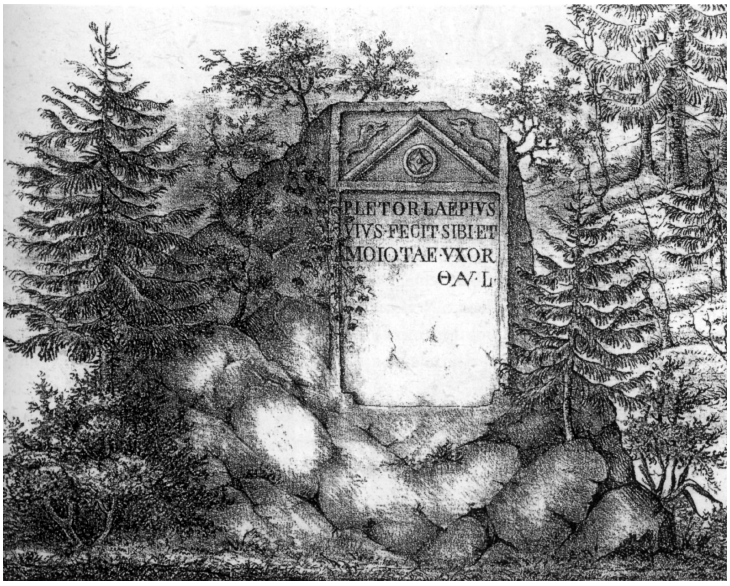

Figura 11. A lápide tumular de Plaetor e Moita, talhada em rocha local em Staje, perto de Ig. Zacladi tisocletij, 1999, p. 237

A planta de Emona é retangular e as muralhas da cidade ao sul ainda estão preservadas. Uma rede regular de caminhos dividia a cidade nas chamadas *insulae* (ilhas), pequenos lotes de terra nos quais as casas eram construídas. As casas em geral se limitavam ao andar térreo ou a um andar e abriam para o pátio interno – *atrium*. Duas casas foram escavadas e estão abertas à visitação na parte meridional da cidade[54]. A parte central da cidade era ocupada pelo foro (*forum*), pelo templo e pelo principal edifício administrativo, *basílica*[55]. Vários deuses romanos e orientais eram cultuados em Emona; as mais numerosas dedicatórias eram feitas a Júpiter, enquanto que a mais importante deusa local era Aecorna. Um templo de Aecorna comprovadamente existiu em Nauportus; ela também era cultuada em Savaria (Szombathely), mas por uma comunidade de emonianos. Aecorna deve ter sido uma deusa polivalente, vinculada aos antes extensos pântanos de Liubliana. Entre as famílias notáveis de Emonia estavam os Caesernis, provavelmente ativos em metalurgia, os Barbi, que podem sido donos de uma empresa construtora, e também os Cantii, uma família de comerciantes. Em Emona também existiam manufaturas de artigos de vidro e cerâmica.

No período romano tardio, uma primeira comunidade cristã se estabeleceu em Emona, tal como confirmado por um centro de cristãos primitivos que se desenvolveu nos antigos banhos e ao seu redor. Embora a igreja ainda não tenha sido escavada, sua existência se infere da capela batismal, cujo chão de mosaicos bem preservados (inclusive com inscrição sobre os seus doadores) foi escavado e apresentado como um monumento *sub divo* (Fig. 12).

54 Boris Vicic, "Colonia Iulia Emona: 30 Jahre spätter". In: *The Autonomous Towns of Noricum and Pannonia. Pannonia I*, ed. Marjeta Sasel Kos, Peter Scherrer et al. Liubliana: Narodni muzej Slovenje, 2003, p. 21-45.

55 NT: O texto em inglês não permite precisar se a referência é a um só edifício reunindo funções religiosas e administrativas ou a dois.

No tempo de São Jerônimo, os cristãos estavam bem estabelecidos em Emona e, em 376 e 377 d.C., ele se correspondeu com virgens e um monge de Emona, Antonius. Em 381 d.C., o bispo Máximo de Emona teria participado de um conselho eclesiástico em Aquileia.

A jurisdição administrativa da cidade era ampla e a Alta Carníola provavelmente pertencia a ela. Os aldeães em pequenos assentamentos rurais cultivavam a terra, trabalhavam nos bosques e eram criadores de gado e pequenos animais. Em alguns lugares havia forjas de ferro. As colônias principais eram Nauportus, Ig e Carnium (Kranj), a qual deve ter tido algum papel como fortificação militar no tempo de Augusto. Era uma importante fortaleza no tardio período romano e sua importância aumentou durante a antiguidade tardia e a Alta Idade Média. Outra rota internacional significativa desde a pré-história era o velho caminho do Âmbar com Nauportus e Emona como escalas importantes. Passava por Celeia, Poetovio, Savaria e Scarbantia até Carnuntum (Petronell--Bad Deutsch Altenburg, não distante de Bratislava, no lado oposto do Danúbio) e daí através do Danúbio para o norte. Estas colônias devem originalmente ter pertencido ao Reino Noricano. Celeia (quase seguramente um nome pré-céltico, como Noreia, uma importante colônia Noricana ainda não localizada) tinha sido um dos centros do Reino Noricano. Provavelmente estava situada em "Miklavski hrib"[56], onde traços de um monte fortificado da Idade do Ferro foram descobertos, e uma colônia desenvolvida onde hoje está a moderna Celje, quando os celtas chegaram. Era governada por príncipes ricos que tinham sua própria cunhagem e que competiam por supremacia com os outros centros importantes do reino. O poder romano parece ter sido imposto sem violência.

56 NT: Em esloveno no texto inglês.



Figura 12. Capela batismal parcialmente preservada em Emona. Arcelaus e Honorata doaram 1,8 m^2 do chão de mosaicos. Zakladi tisocletij 1999, p. 207

A fundação de cidades e a criação de províncias ocorriam de forma simultânea. O antigo reino foi provavelmente organizado como uma província sob Tibério (14-37 d.C.), ou no mais tardar sob Cláudio (41-54 d.C.), quando cinco grandes cidades celtas tornaram-se municípios romanos[57], i.e., cidades romanas onde a população indígena predominava. Estas cidades eram Celeia, Virunum (em alemão Zollfeld), Teurnia ("St. Peter im Holz"), Aguntum (Dölsach perto de Lienz) e Iuvavum (Salzburg). Eles se inscreveram junto à tribo votante de Claudia. A presença dos nativos claudis foi atestada mesmo em áreas até então pouco romanizadas, como o norte de Zollfeld e o alto vale do Mura, e até mesmo ao norte dos Alpes. Solva (Wagna perto de Leibnitz) tornou-se município sob Vespasiano (69-79 d.C.), fundador da dinastia Flavia, e foi assim chamada de Flavia, enquanto Ovilavis (Wels) e Cetium (St. Pölten) tornaram-se municípios sob Adriano

57 Pliny, *Naturalis historia*. 3. 146. Veja *The Autonomous Towns of Naricum and Pannonia. Noricum*, ed. Marjeta Sasel Kos, Peter Scherrer et al. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2002.

(117-138 d.C.) e foram intituladas Aelia, conforme o nome de família do imperador. A urbanização foi concluída durante o reino de Caracala (211-217 d.C.), que elevou uma colônia civil fora da fortaleza legionária de Lauriacum (Lorch perto de Enns) à categoria de município, enquanto Ovilavis tornou-se colônia romana. As aldeias e seus habitantes nativos eram organizados de acordo com os costumes romanos em todos os territórios urbanos. As minas noricanas teriam sido propriedade imperial desde Augusto.

Virunum era a capital da província, mas Celeia era, sem dúvida, a segunda cidade mais importante. Pelo menos até o início propriamente dito do governo romano, Celeia pode ter sido o principal centro administrativo da província[58], e possivelmente a sede do governador provincial, que era um procurador e não um legado do exército, uma vez que nenhuma legião foi sediada em Noricum antes das Guerras Marcomanicas.

Entre as famílias locais notáveis estavam os Vindonnis, Varis, Bellicis, Spectacis e Serandis. Alguns membros da elite municipal viviam em uma aldeia no lugar onde hoje existe Sempeter no valo do Savinja, onde um cemitério com belos monumentos funerários de mármore (alguns com o formato de *aediculae*)[59] foi descoberto. Quatro dos monumentos, com relevos mitológicos (Europa, Ganimedes, Ifigênia em Táuris), foram reconstruídos e estão em exibição no parque arqueológico. Estes túmulos foram preservados devido à catastrófica inundação do rio Savinja no fim do século III d.C., quando a Celeia romana tardia se limitava à margem esquerda do novo curso daquele rio.

Cultos relacionados com a água eram, compreensivelmente, muito importantes para os habitantes de Celeia. Adsalluta e Savus

58 Irena Lazar, "Celeia". In: *The Autonomous Towns of Noricum and Pannonia / Die autonomen Städte in Noricum und Pannonien – Noricum*, ed. Marjeta Sasel Kos & Peter Scherrer. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2002, p. 71-101.

59 NT: Em latim no texto inglês. Corresponderia a "pequenos altares".

eram cultuados em um santuário próximo ao vilarejo de Sava, do lado oposto a Hrastnik, o que também ocorria com Aquo, a divindade relacionada ao localmente importante rio Voglajna. Netuno, o deus supremo de rios e mares, era honrado por todos os habitantes da cidade. Outros deuses que também eram cultuados incluem o Júpiter dos Altos Picos, conhecido como Culminalis e Uxellimus, Jupiter Depulsor, que evitava os males, e a deusa celta Epona, assim como Noreia e Celeia, personificações da província e da cidade[60]. O Foro e os santuários, construídos no estilo celta, foram recentemente descobertos no fim dos anos 1990 e primeiros anos do novo milênio; antes disto, os restos de belas edificações, afrescos e mosaicos foram achados principalmente durante escavações, pois a maior parte de Celeia fica embaixo da moderna cidade. Dois banhos e trechos de caminhos ricamente pavimentados também foram descobertos. Um grande templo, talvez dedicado ao culto imperial, foi parcialmente preservado em "Miklavski hrb"[61].

Muralhas com torres foram provavelmente erigidas em torno da cidade depois do início das Guerras Marcomanas no final do século II d.C. A cidade foi uma sede episcopal no período romano tardio; uma primeira basílica cristã foi construída, provavelmente já no século V d.C., e um piso de mosaico com inscrições dos doadores e uma capela batismal foram preservados. Ioannes, bispo de Celeia, estava entre os signatários do protocolo do sínodo, em Grado, entre 572 e 577. Esta reunião ocorreu depois que os lombardos vieram para o norte da Itália. A vida em Celeia deve ter cessado depois do meio do século V, no entanto, dada a ausência de descobertas arqueológicas posteriores.

60 Marjeta Sasel Kos, *Pre-Roman Divinities of the Eastern Alps and Adriatic*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2002, p. 71-101.

61 NT: Em esloveno no texto inglês. Refere-se a um monte na proximidade da cidade de Celje.

A mais importante das colônias menores em torno de Celeia era Atrans (Trojane), uma rodoviária, estação postal e importante passagem (563 m) através dos montes que separavam as bacias de Emona e Celeia. Estava localizada na área fronteiriça entre a Itália e a província de Noricum. Atrans também era um posto alfandegário importante e uma sede dos *beneficiarii* (polícia rodoviária e fiscal). Seu nome pré-celta mostra que deve ter havido uma colônia pré-histórica nas proximidades: a própria Atrans era uma colônia romana, sem achados pré-históricos. Muitas descobertas notáveis foram feitas em Atrans, inclusive fragmentos de uma ou duas estátuas douradas de cavalos, que sem dúvida faziam parte de pelo menos uma estátua equestre de um imperador romano. Um importante edifício imperial (uma *mansio* reparada)[62] foi documentado em uma inscrição fragmentária datada do reinado de Marco Aurélio e Lúcio Vero.

A urbanização na Panônia começou no reinado de Vespasiano (69-79 d.C.), que fundou os primeiros municípios e colônias: Neviodunum, Andautonia, Siscia, Sirmium e Scarbantia. Estas localidades urbanas coincidem, como seria de esperar, com povoados ao longo de duas principais linhas de comunicação, a velha Rota do Âmbar e o caminho fluvial por Illyricum, que estava associado à lenda dos Argonautas. Neviodunum (hoje Drnovo) é a única das quatro cidades romanas nas regiões eslovenas a ter perdido sua importância depois da queda do Império Romano, seu papel foi tomado por Novo Mesto nos tempos modernos. A província da Panônia, baseada em autogoverno civil, não foi presumivelmente estabelecida antes de Vespasiano. Até então, a Panônia parece ter sido um distrito militar, conhecido em textos oficiais como Illyricum e colocada sob o comando de um legado militar. Três legiões estavam aquarteladas na Panônia.

62 NT: A palavra "mansio", em latim no texto inglês, designa um edifício construído em etapas das estradas romanas para hospedar dignitários e outros viajantes de certa categoria.

O território de Neviodunum (que quer dizer "nova cidade") foi povoado pelos latobicis, provavelmente uma das tribos antes dominadas pelos tauriscis. Depois que Otaviano conquistou os taurisci durante as Guerras Ilíricas (35-33 a.C.), os latobiscis foram provavelmente organizados como uma *civitas* sob a supervisão de um comandante romano ou de um príncipe de uma tribo local. No começo do século I d.C., dois importantes centros se desenvolveram na região: Neviodunum e Praetorium Latobicorum (Trebnje), a principal estação ao longo da estrada principal por Illyricum na direção leste. Ambas as cidades sediavam *beneficiarii* (fiscais financeiros e dos caminhos) e Praetorium Latobicorum era estrategicamente valiosa por sua localização perto da fronteira entre a Itália e a Panônia. Na planície ao longo do rio Sava, Neviodunum tornou-se uma cidade portuária importante com tudo o que era necessário para suas funções – em especial grandes armazéns. Restos de ricos prédios e banhos foram descobertos, mas a cidade não tinha muralhas. A maioria da população continuou a ser celta e uma das famílias notáveis da localidade era os Epiis. Um membro desta família tornou-se um distinguido cavaleiro romano e um dos prefeitos de Neviodunum. Há também confirmação de que na cidade vivia um professor, talvez de educação elementar ou de grego[63]. Oficinas de cerâmicas e olarias de tijolos foram descobertas nas redondezas da cidade. Um dos túmulos, escavado em um cemitério próximo, continha belos afrescos representando uma refeição ritual familiar após a inumação de um parente morto. A vida na cidade terminou por volta da primeira metade do século V.

A última fundação municipal romana durante o que hoje é a Eslovênia foi Poetovio, onde uma fortaleza de legionários fora construída na margem direita do rio Drava no início do reinado

63 Milan Lovenjak, *Inscriptiones Latinae Sloveniae 1. Neviodunum*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1998.

de Augusto. A Legião Augusta VIII estava baseada lá até ter sido substituída por volta de 40 d.C. pela XIII Gemina da alta Germânia. Aquela legião foi transferida para Vindobona (Viena) sob o imperador Trajano (98-117) e Poetovio tornou-se uma colônia romana com o nome de Ulpia Traiana. Um destacamento naval panoniano foi estacionado lá e a cidade tornou-se um dos centros administrativos da província.

Poetovio, também, leva um nome pré-celta. Na Idade do Ferro tardia deve ter sido uma colônia taurisci (talvez dos serretes e serapili, que tinham se localizado ao longo do rio Drava) e provavelmente era localizada em Panorama e "Grajski gric" (monte Grajski), ao longo da Rota do Âmbar, no cruzamento do Drava em sua margem esquerda. De fato, os nomes conhecidos dos habitantes locais[64] são principalmente celtas. A colônia fazia parte do Reino Noricano antes da conquista romana, mas foi logo transferida para a Ilíria (Illyricum) por razões geopolíticas e estratégicas, porque as legiões deviam ser baseadas só na Ilíria e não no Noricano.

Poetovio era a maior cidade no que é hoje a Eslovênia. Quando se tornou uma colônia sob Trajano, muitos veteranos do norte da Itália e de outras partes vieram se estabelecer lá. Há provas relacionadas com soldados, membros da elite municipal (Valeris, Aelis), altos funcionários do estado, magistrados da cidade, sacerdotes, homens libertos, e escravos. Sob Adriano (117-138 d.C.), que reparou a ponte de pedra no Drava, Poetovio tornou-se sede da alfândega da Ilíria. O primeiro senador panoniano conhecido, Marcus Valerius Maximianus, veio de Poetovio. Ele foi admitido no Senado (que consistia de poucas centenas de membros da elite dirigente romana) sob o reinado conjunto de Marco Aurélio e Cômodo (177-180 d.C.) após ter se

64 NT: O texto em inglês usa a expressão "epichoric inhabitants". A palavra "epichoric" não figura no dicionário "Collegiate Webster", mas pesquisa no "Unabridged Webster", pela internet, indicou a tradução: "peculiar to a limited area" desta palavra de origem grega.

distinguido notavelmente durante as Guerras Marcomânicas. Ele havia temporariamente ocupado grande parte do território Quadi (na Eslováquia) e matou Valaon, chefe dos naristi, com as próprias mãos. Nesta época, Poetovio era um dos centros principais da logística militar. Sob o imperador Galiano (253-268 d.C.), vários destacamentos das duas legiões dácias, a V Macedônica e a XIII Gemina, estavam baseadas lá.

Poetovio era também um importante centro comercial, onde muitos artesãos praticavam suas especialidades e onde oficinas de lapidação e de comércio do mármore de Pohorje floresciam. Produtos de vidro, cerâmica e tijolos eram fabricados lá e sua terra era muito própria para a agricultura. As oficinas estavam localizadas em ambas as margens do Drava, assim como diversos templos; um bairro da cidade na margem direita recebeu o nome da deusa Fortuna. O foro e os locais administrativos foram construídos na margem esquerda, ao passo que os cemitérios estavam situados ao longo das estradas principais que saíam da cidade, como era costumeiro em cidades e aldeias romanas. Na metade do século III d.C., o Drava mudou de curso e provavelmente danificou o local do acampamento dos legionários. No século IV, a cidade tornou-se muito menor. Duas pequenas fortalezas foram construídas, uma no monte Grajski e outra em Panorama, local anterior de um sítio pré-histórico[65].

Os habitantes cultuavam os deuses do panteão romano, assim como os deuses localmente importantes como Júpiter Culminalis e Depulsor. Entre os deuses indígenas estavam Marmogius, ocasionalmente associado com Marte, e as Nutrices, de origem celta, documentadas exclusivamente em Poetovio e nas suas vizinhanças; considera-se que elas eram deusas propiciatórias do

65 Jana Horvat et al., "Poetovio. Development and Topography". In: *The Autonomous Towns in Noricum and Pannonia / Die autonomen* Städte in Noricum und Pannonien – Pannonia II, ed. Marjeta Sasel Kos & Peter Scherer. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2004, p. 153-189.

nascimento, da amamentação e protetoras das crianças. O culto de Mitras está documentado após o século II d.C. e Poetovio, onde cinco santuários dedicados a este deus foram descobertos, era um dos centros do seu culto (Fig. 13). No fim do século III, uma sede episcopal foi estabelecida na cidade. O primeiro bispo foi Vitorino de Poetovio, um escritor e mártir cristão bem conhecido, que pode ter vivido no tempo de Diocleciano. Uma igreja cristã primitiva foi confirmada em Panorama. A população da cidade na antiguidade tardia também consistia de Godos e outros grupos de tribos bárbaras, que estavam buscando se estabelecer no Império Romano. Na segunda metade do século V, a vida em Poetovio cessou gradualmente.



Figura 13. Terceiro templo[66] reconstruído de Mitras em Zgornji Breg em Ptuj, o Poetovio romano. Zakladi tisocletij, 1999, p. 220

66 NT: A legenda no texto inglês diz: "Reconstructed third Mithraeum at Zgornji" etc. Infere-se do texto tratar-se do terceiro de um dos cinco santuários.

De Augusto a Antonino Pio: o período da paz imperial

A segunda metade do reinado de Augusto, depois de que a rebelião dos panonianos e dálmatas foi subjugada no ano 9 d.C., foi mais ou menos pacífica para todo o Império Romano. Esta paz foi brevemente interrompida quando três legiões baseadas na parte panônica da Ilíria se amotinou imediatamente após a morte de Augusto no ano 14. A localização dos acampamentos rebeldes não é conhecida exatamente, mas Poetovio e Siscia quase com certeza serviram como fortalezas dos legionários, ao passo que é menos certo que isto tenha ocorrido com Emona. Estas legiões estavam em seus acampamentos de verão, provavelmente em alguma parte no interior de Poetovio ou Siscia, pois Tácito relatou que os destacamentos militares enviados a Nauportus para construir estradas, pontes e outras edificações tiveram que seguir para bem longe de seus acampamentos[67]. Consequentemente eles não poderiam ter sido baseados perto de Emona. Os legionários tinham muitas queixas, desde o tempo excessivo do serviço militar até a terra que recebiam como pagamento de aposentadoria e que era imprópria para o cultivo. Como o governador, Quintus Iunius Blaesus, não dispunha de força para reprimir a rebelião, o imperador Tibério despachou seu filho, Drusus, para a Ilíria. Drusus restabeleceu a ordem na província recém-conquistada logo após sua chegada, ajudado por um eclipse lunar nas primeiras horas do dia 27 de setembro.

A paz no império foi perturbada por um breve período durante o chamado Ano dos Quatro Imperadores, o ano 69 d.C. Depois da morte de Nero, nenhum outro membro da casa de Júlio e Cláudio pôde assumir o reino e quatro imperadores se sucederam um ao outro muito brevemente. Foram eles Galba, Vitélio, Oto e Vespasiano, que ao final saiu-se vitorioso e fundou a dinastia

67 *Annales*, 1. 16 ff.

Flávia. Ela durou até a morte de seu segundo filho Domiciano, no ano 96 d.C.

Marcus Antonio Primus, legado da VII legião Galbiana, contribuiu decisivamente para a vitória de Vespasiano. Sua expedição através dos Alpes até o norte da Itália com algumas das tropas romanas ocorreu no contexto de agitações políticas e militares em várias partes do império nos anos 68-69 d.C. Em março de 68, a Gália Lugdunense dirigida por Vindex se revoltou contra o governo de Nero; em abril, a Hispânia Tarraconense sob Galba e a Lusitânia sob Oto também se sublevaram. Pouco depois o governador da Numídia (norte da África) se revoltou. Em maio, legiões da Germânia se juntaram a Galba. Nero se suicidou e Galba foi nomeado imperador pelo Senado. No entanto, o exército ao longo do Reno proclamou Vitélio como imperador, e em janeiro de 69 Galba foi morto pela guarda pretoriana. Oto foi declarado imperador, mas Vitélio avançou com seu exército na Itália e derrotou Oto em Bedriacum. Tropas da Ilíria decidiram apoiar Vespasiano no que foram acompanhadas por legiões do Egito, Síria e Judeia.

Oficiais do exército da Ilíria se reuniram em Poetovio em agosto daquele ano, a convite do governador da Panônia, Lucius Tampius Flavianus. Antonio Primus convenceu os comandantes militares da Ilíria, que favoreciam a acessão de Vespasiano, a deixá-lo liderar o exército de Poetovio até o norte da Itália, mesmo sem permissão de Vespasiano. Em outubro, ele derrotou o exército de Vitélio em Bedriacum e Cremona. Estas duas vitórias decisivas ajudaram a consolidar a posição de Vespasiano na Itália antes que Antonio Primus capturasse Roma[68].

A paz foi estabelecida de novo no reinado dos imperadores flavianos e não foi perturbada pelas guerras na Dácia nos reinos de Domiciano e Trajano. A Dácia ficava fora do Império Romano; e

68 Jaroslav Sasel, *Opera selecta*, p. 332-344.

os dois imperadores a conquistaram e Trajano logrou acrescentar o território ao império como uma nova província. Trajano também dividiu a província da Panônia em alta Panônia e baixa Panônia; Neviodunum e Poetovio pertenciam à Alta Panônia. A duradoura paz chegou a seu termo quando os lombardos e os obios invadiram a Panônia no tempo de Marco Aurélio em 166 d.C, A invasão marcou o início das Guerras Marcomanas, que duraram por quase quinze anos (167-180). Elas infligiram pesadas perdas ao império em geral e causaram em particular muitos danos à Panônia.

Das Guerras Marcomanas ao estabelecimento das tribos eslavas

As Guerras Marcomanas

A breve incursão de seis mil lombardos e obis, que se precipitaram pelo Danúbio em 166 d.C. para invadir a Panônia, pôs fim a uma era de relativa paz no Império Romano. No entanto, o horizonte já estava carregado de sinais de perturbações durante o reinado do imperador Antonino Pio (138-161 d.C.). Vários emissários de tribos vizinhas germânicas e sármatas (nordeste dos Balcãs) tinham vindo pedir ao imperador para incorporar seus reinos ao Império Romano como proteção contra novas tribos bárbaras provenientes do norte. A Guerra Parta se desencadeou depois da morte de Antonino Pio e Lúcio Vero (161-169 d.C.), coimperador com Marco Aurélio (161-180 d.C.), manteve o controle com a ajuda de tropas enviadas das fronteiras do Reno e do Danúbio para a frente oriental. Já havia rumores de que as tribos bárbaras preparavam uma conspiração ao longo do Danúbio.

Consciente do perigo de uma potencial incursão das tribos germânicas vizinhas, que estavam sob a crescente pressão da migração de outros povos em suas próprias regiões, Marco Aurélio formou duas novas legiões (Itálica II e III) a serem aquarteladas

para uma ofensiva no Noricum e na Rétia. A segurança do império, porém, permaneceu seriamente desatendida, a fronteira do Danúbio estava especialmente enfraquecida. Dois anos depois, em 167 ou 168 d.C., os marcomanos e os quadis conseguiram cruzar o rio e invadiram o império a partir da atual Morávia e Eslováquia e avançaram até Verona no norte da Itália. A invasão em grande parte apenas atravessou o território da atual Eslovênia, pois as tribos não queriam se demorar no ataque às cidades daquela região, já que seu objetivo primário era chegar à Itália. A maior devastação ocorreu assim principalmente no campo, enquanto é provável que somente Celeia, entre as maiores cidades, tenha sido afetada. No norte da Itália, os quadis e marcomanos atacaram Aquileia e arrasaram Opitergium (Oderzo). Para combater a inesperada incursão bárbara, os romanos estabeleceram uma zona defensiva (*praetentura Italiae et Alpium*) que se estendia essencialmente do interior de Celeia ao de Tergeste (Trieste) e de Tarsática (Rijeka). O seu centro era um acampamento de base bem fortificado para a legião Itálica II em Locica, perto de Celeia, circundado por uma enorme muralha de pedra. As plantas baixas de numerosas construções nestes terrenos, inclusive a sede militar e o hospital de campo, podem ainda ser traçados desde uma visão aérea.

Emona era provavelmente um dos centros da zona defensiva; pode ter sido precisamente durante as Guerras Marcomanas que soldados da legião Gemina XIII, que são mencionados em inscrições, estiveram lá. Titus Varius Clemens, um cavaleiro romano nascido em Celeia e alto funcionário da administração que pode mais tarde ter sido feito senador e que tinha minucioso conhecimento do território, provavelmente participou nas decisões sobre o planejamento e a organização da zona defensiva. Ele tinha exercido um alto cargo como secretário imperial durante a Guerra Parta no reinado de Lúcio Verus e dez inscrições honoríficas foram

descobertas até agora em Celeia prestando-lhe homenagem[69]. A zona defensiva, que mais tarde protegeu com êxito a estrada principal que vinha do leste e dos Balcãs através da atual Eslovênia e o Portão de Postojna até a Itália, foi mantida entre 168 e 172 d.C. A base dos legionários de Locica foi então abandonada e a legião foi transferida para Albing nas áreas fortificadas do Noricum (*limes*)[70]. Em 168 d.C., Marco Aurélio e Lucius Veris supervisionaram pessoalmente as preparações para a guerra. Sua campanha foi, contudo, retardada pelo desencadeamento de uma grave peste que varreu as regiões quando Verus e seu exército vitorioso regressavam da Guerra Parta para os acampamentos do Danúbio em 166 d.C. Os imperadores mandaram trazer Galeno de Pérgamo, o mais famoso médico daquele tempo, para juntar-se a eles em Aquileia. Eles e outros organizaram um serviço sanitário e de saúde que se estendia até o que hoje é a Eslovênia. Um ano depois, Lucius Verus morreu da peste em viagem para Roma.

Marco Aurélio chegou mais perto do Danúbio em 169 d.C., primeiro em Simium e depois em Carnuntum. Ele viajou até os fortes do Danúbio pelo território esloveno; uma inscrição no pouso de estrada de Atrans se refere a um grande prédio, reformado pelos dois governantes e possivelmente usado como alojamento durante suas viagens. Depois de uma série de derrotas iniciais (uma das mais esmagadoras, em 170 d.C., teria causado cerca de 20 mil vítimas), o exército romano finalmente foi vitorioso. Marco Aurélio negociou com os marcomanos e os quadis em Carnuntum. Ele frequentemente jogava várias tribos umas contra as outras, mas também destinava terras a outras nas províncias vizinhas da Dácia, Panônia, Moesia e Germânia e até mesmo na Itália. No entanto, depois que algumas tribos que tinham se fixado em

69 Laroslav Sasel, *Opera selecta*, p. 206-219 (Varius Clemens), p. 388-396 (*praetentura*).

70 NT: O texto inglês se refere a "Norican *limes*", um tipo especial de redes de fortificações auxiliares desenvolvida pelos romanos para proteger as fronteiras.

torno de Ravena se rebelaram e ocuparam a cidade, Marco Aurélio fechou a porta da Itália aos bárbaros e chegou a exilar os que já se haviam estabelecido no país. Ele queria criar duas novas províncias na margem oposta do Danúbio (Marcomania e Sarmatia), o que resolveria o problema das fronteiras e asseguraria uma paz duradoura.

Marco Aurélio derrotou os marcomanos e os quadis em batalhas decisivas, provavelmente em 172 d.C. O desenrolar destas batalhas permanece pouco conhecido. A vitória romana foi atribuída a uma intervenção divina, ou a milagres, que foram mencionados em fontes escritas (inclusive na carta do imperador ao Senado) e representados nas cenas em relevo que decoram a coluna de Marco Aurélio em Roma. O primeiro sinal de intervenção divina teria vindo supostamente em resposta a orações do próprio Marco, quando uma espetacular tempestade de raios provocou um fogo, e quando a tempestade salvou o assediado exército romano, que estivera a ponto de morrer de sede nas garras do inimigo. De acordo com o historiador Cassius Dio, um sacerdote egípcio, Arnuphis, desencadeou a tempestade ao invocar o auxílio de Hermes, ao passo que autores cristãos mais tarde atribuíram a vitória às orações dos legionários. Cassius Dio também relata que, durante as negociações de paz em 175 d.C., os iazyges devolveram 100.000 prisioneiros aos romanos, o que demonstrou o poder indiscutível das tribos bárbaras. Tem se especulado que as batalhas vencidas pelos romanos por meio de intervenção divina foram celebradas com inscrições (alusivas ao 11 de junho) no templo de Júpiter no monte Pfaffenberg em Carnutum, mas isto está longe de ter sido comprovado. Como a guerra impôs um severo ônus financeiro para o Império Romano, o imperador vendeu algumas de suas propriedades em leilão. Ele compensou a escassez de soldados enchendo suas unidades com escravos, gladiadores e até bandidos do interior da Dalmácia e da Dardânia. Marco Valério Maximiano

de Poetovio, na época um dos principais centros militares e de suprimento, ganhou importância durante estas guerras; ele também chefiou uma divisão naval no Danúbio supervisionando o fornecimento de alimentos para as legiões da Panônia. Mais tarde ele se tornou senador e é considerado o primeiro membro do Senado proveniente da Panônia de que se tem notícia até hoje. Ele também chefiou uma expedição que penetrou o interior do território quadi e, pessoalmente, matou um dos reis germânicos[71].

As guerras contra várias tribos continuaram até a morte de Marco Aurélio em 180 d.C. Cômodo (180-192 d.C.), seu filho de 19 anos e sucessor, interrompeu abruptamente a guerra por motivos ainda pouco claros – ou, de acordo com Dio, porque ele odiava trabalhar e amava o conforto da vida na cidade. Cômodo concluiu uma trégua com as tribos germânicas, renunciou à conquista de novos territórios na margem esquerda do Danúbio e abandonou todos os fortes romanos nas terras dos marcomanos e quadis além das fronteiras imperiais. Em troca, as tribos germânicas se obrigavam a contribuir com soldados para o exército romano. Estas unidades, designadas em documentos como *vexillationes peregrinae*[72], no exército de Sétimo Severo, foram comandadas por Lucio Valério Valeriano de Poetovio. De acordo com Cassio Dio, a morte de Marco Aurélio pôs fim à idade de ouro do Império Romano.

A Itália e as províncias panônicas sofreram sérias perdas demográficas devido à extensão das Guerras Marcomanas e, ainda mais, por causa de uma grave epidemia de peste. Autores contemporâneos descreveram o que na verdade foi uma epidemia de varíola, que primeiro atingiu a metade oeste do Império

71 Na área do sudeste dos Alpes durante as Guerras Marcomanas, veja Marjeta Sasel Kos, *A Historical Outline of the Region between Aquileia, the Adriatic, and Sirmium*, p. 218-255.

72 NT: Uma tradução livre desta expressão citada em latim no texto inglês poderia ser "legião de estrangeiros".

Romano. Numerosos enterros realizados apressadamente permitem concluir que a peste também devastou a população na área de Emona. Em Noricum, o surto da doença é documentado por inscrições, por exemplo, na lápide tumular da família de certo Victorinus, que tinha perdido vários familiares em razão da epidemia no ano 182 d.C., inclusive sua mulher de 18 anos e seu filho bebê. Outro documento que sobreviveu é uma placa relacionando os membros de uma associação ligada ao culto de Mitras na capital provincial Virunum (Zollfeld), que tinham convocado uma reunião especial em 184 d.C. depois que cinco de seus membros tinham morrido. A peste continuou a se espalhar pelo império durante o reinado de Cômodo.

No período pós-guerra, imigrantes do leste se estabeleceram em duas províncias panônicas, o que mudou consideravelmente a estrutura étnica da população. Esta onda migratória está documentada em estudos prosopográficos e onomásticos[73] baseados em inscrições em lápides tumulares e pelo influxo de moedas novas provenientes de cunhagem oriental que não tinham estado previamente presentes nesta parte do império. Muitos fazendeiros ficaram arruinados nesta época, mas o campo se tinha recuperado por volta do século III d.C.

O reinado de Pertinax e os Severos

Depois da morte violenta de Cômodo, o trono foi ocupado por Pertinax (192-193 d.C.), morto no ano seguinte. Seu sucessor, Didius Julianus, se mostrou totalmente incapaz de controlar a conturbada situação política. No mesmo ano, Sétimo Severo, originário do norte da África, foi nomeado legado consular da província da Panônia Superior. Ele estava sediado em Carnuntum,

73 O dicionário Novo Aurélio define "prosopografia" como descrição das feições do rosto (p. 1652) e onomástica como "investigação da etimologia, transformações, morfologia, etc, dos nomes próprios" (p. 1446).

onde a legião Gemina XIV o reconheceu como imperador a partir de abril daquele ano. Sétimo Severo partiu com suas tropas em uma expedição para Roma, a capital imperial (daí o nome de *expeditio urbica*), pelo o que presentemente é a Eslovênia. Seguindo pela estrada principal Carnuntum-Poetovio-Emona-Aquileia, Severo cruzou os desguarnecidos Alpes orientais, continuou sua marcha através de Aquileia e alcançou Roma sete semanas e meia após ser proclamado imperador. Depois de assassinar Didius Julianus, o exército jurou lealdade ao novo imperador, que reinou até 211 d.C. O seu "Cavaleiro-Mor"[74], Lucius Valerius Valerianus, era provavelmente membro da família dos Valeris de Poetovio, enquanto que a responsabilidade pelo fornecimento de alimentos para o exército foi confiado a Marcus Rossius Vitulus, provavelmente um descendente de família de Tergeste.

As sementes de desintegração se enraizaram no Império Romano durante o reinado da dinastia dos Severo. O poder do Senado feneceu, a autoridade decisória foi crescentemente transferida para o imperador e seus próximos e os membros da ordem equestre, da qual provinha a família de Sétimo Severo, ganharam crescente influência. O número de senadores das províncias orientais cresceu, a burocracia se tornou poderosa e, no entanto, nada se mostrou mais fatídico do que o papel crescente do exército romano. Muitas crises financeiras e econômicas acompanharam estes desenvolvimentos e se refletiram em crescente inflação e no declínio da velha religião romana. O culto de várias seitas orientais cresceu desde o século II d.C. em diante e, na parte oriental da Eslovênia, provas abundantes apontam para a expansão do culto de Mitras vindo do oriente. Por exemplo, cinco locais ligados a este culto são documentados apenas em Poetovio.

74 NT: No original inglês "Master of the Horse" ou *magister equitum* em latim. Alto título nobiliárquico e militar romano. O dicionário Michaelis traduz a expressão como "estribeiro-mor", mas esta versão pareceria mais relacionada a títulos de períodos posteriores das monarquias europeias.

Depois do bem-sucedido término das Guerras Partas e o estabelecimento de uma nova província oriental, a Mesopotâmia, Sétimo Severo começou sua marcha por terra pela Ásia e a Trácia em direção à Itália em 195 d.C. Ele fez escala em Poetovio na primavera de 196 d.C., de acordo com uma inscrição em uma tribuna da Guarda Pretoriana. Naquele ano, o templo de Júpiter Dolichenus também foi construído em Praetorium Latobicorum (Trebnje). Este culto tinha se estendido desde a cidade de Doliche (Duluk) na Ásia menor e floresceu amplamente ao longo da Panônia durante a época da dinastia dos Severos. De 196 a 197 d.C., graves prejuízos foram causados por uma guerra civil entre Sétimo Severo e o governador da Britânia, Clodius Albinus, que os gauleses tinham proclamado imperador em 195 d.C. Depósitos enterrados de moedas encontradas na atual Eslovênia e na Áustria fazem supor que embates entre as tropas de Severo e de Albinus ocorreram na província de Noricum. Na primavera de 197 d.C., Albinus foi derrotado e morto na Gália e Severo voltou-se para a fronteira oriental. Os partos tinham atacado a recém-estabelecida Mesopotâmia, mas foram decisivamente derrotados por Severo em 198 d.C. Inscrições datadas do período da dinastia dos Severos, especialmente os de Praetorium Latobicorum, referem-se a *beneficiarii consulares* sob o comando do governador da Panônia Superior. Estes eram funcionários da polícia que fiscalizavam o tráfego pelas fronteiras e estradas e cooperavam na coleta de impostos, pedágios e tarifas alfandegárias.

Elagabalus (218-222 d.C.) foi proclamado imperador pelo exército da parte oriental do império. Agindo de maneira extravagante como deus sol, era tratado com desprezo pela aristocracia romana. Um marco de pedra perto de Celeia comprova o avanço de Elagabalus e seu exército do leste em direção a Roma, passando pela Ilíria (Illyricum), o que Dio também relata explicitamente, pela estrada que cruza Poetovio e Celeia. Elagabalus foi sucedido pelo jovem imperador, seu primo

Alexandre Severo (222-235 d.C.). Este conseguiu trazer relativa paz à região e restaurar a honra do Império Romano. Ele foi assassinado em Mogontiacum (Mainz) em 235 d.C. e Maximiano Thrax (235-238 d.C.) assumiu o trono imperial.

Maximiano Thrax e outros oficiais do exército romano no trono

Maximiano Thrax, natural da Trácia, foi o primeiro dos chamados imperadores militares provenientes da Ilíria no século III. Ele lutou contra várias tribos germânicas, os sármatas e dácios, que ameaçavam aniquilar o império. Seu quartel-general se estabeleceu em Sirmium depois de 236 d.C. e ele passou a maior parte do seu reinado em campanha nas frentes do Reno e do Danúbio. Vários marcos colocados nesta era evidenciam claramente que ele mandou reconstruir o sistema rodoviário através de todo o Império Romano, o que teve um impacto significativo na prosperidade da economia. Ele também era elogiado em inscrições encontradas em Aquileia. Apesar disso, a maioria do Senado o odiava e, enquanto ele estava em campanha, recebeu em 238 d.C. a notícia de que o trono tinha sido usurpado pelo procônsul africano Gordiano e seu filho. Depois que os dois Gordianos foram mortos, o Senado resolveu eleger Pupieno e Balbino como novos coimperadores e declarou Maximiano e seu filho Máximo inimigos públicos. O Senado deu ordem a todas as cidades de fronteira da Itália para destruir seus estoques de comida e transferir a população para áreas fora de perigo; também organizou novas tropas e obteve armas no norte da Itália. Maximiano foi forçado a levar seu exército para a Itália, passando pelos Balcãs, a fim de esmagar a revolta. Ele avançou de Sirmium por Mursa (Osijek), Poetovio e Atrans, descendo para as planícies em torno de Emona. Depósitos de moedas dão testemunho deste caminho e do pânico que dominou as populações panônicas e da fronteira da Itália[75].

75 Estes e todos os outros depósitos são estudados em: Peter Kos, *The Monetary Circulation in the Southeastern Alpine Region ca. 300 BC – AD 1000*. Liubliana: Narodni muzej Slavonije, 1986.

Emona era a primeira cidade importante da Itália no caminho de Maximiano para Roma. Seus habitantes a desertaram, seguindo o édito do Senado, depois de queimar o templo e as casas e destruir todas as reservas de comida na cidade e nos campos. O historiador Herodiano relata de forma vívida estes acontecimentos. Maximiano e seu exército prosseguiram caminho para a Itália desimpedidos, cruzando os Alpes e passando pelas fortalezas de Ad Pirum (Hrusica; Fig.14) e Castra (Ajdovscina). A primeira grande cidade que eles alcançaram na Itália foi Aquileia. Estava protegida por uma muralha magnífica, recentemente renovada por seus habitantes, o que a tornava um forte invencível para a vanguarda de Maximiano. O exército principal atravessou o torrencial rio Soca em uma ponte flutuante feita com barris de vinho achados nos campos, pois os habitantes de Aquileia já tinham destruído a velha ponte de pedra. Maximiano iniciou o sítio da cidade, mas mais tarde os seus próprios soldados descontentes mataram-no junto com o filho. O aquileanos não abriram os portões da cidade até que o novo imperador eleito, Pupienus, tivesse chegado lá às pressas vindo de Ravena.

Algo semelhante ocorreu na Moesia Superior[76] em 253 d.C. O exército proclamou Marco Emílio Emiliano imperador, após sua decisiva vitória sobre os godos, que tinham atacado continuamente o império ao longo do Drava. Em sua tentativa de surpreender o governante legítimo, Trebonianus Gallus (251-253 d.C.) e seu cogovernante e filho, Volusiano, Emiliano lançou uma marcha acelerada, levando seu exército dos Balcãs para a Itália através da atual Eslovênia. Sua campanha tomou de surpresa os imperadores, como sugerem depósitos de moedas com claras datas achados no que hoje é a Eslovênia, e pelo fato de que Trebonianus Gallus tenha podido montar um contra-ataque, malsucedido, apenas quando o exército de Emiliano já alcançara a Úmbria. Trebonianus Gallus e

76 NT: Província na região do Danúbio, em área da atual Sérvia.

Volusianus conseguiram fugir, mas foram mais tarde mortos pelo seu próprio exército. Emiliano continuou sua marcha para Roma. Lá ele foi morto pelo subsequente titular do trono, Valeriano (253-260 d.C.), que tinha chegado apressadamente com suas tropas da Gália e da Germânia.

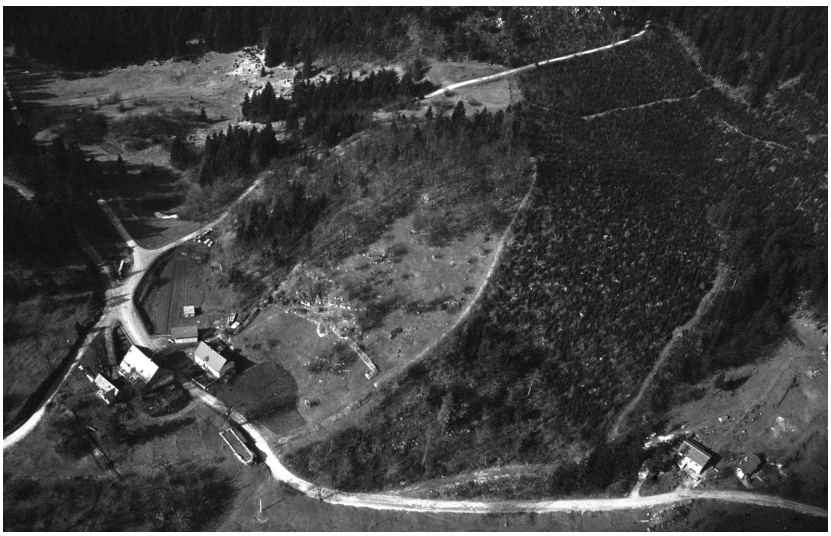

Figura 14. Vista aérea do forte romano tardio de Ad Pirum pertencente ao sistema defensivo de Claustra Alpium. Cortesia dos arquivos do Museu Nacional da Eslovênia, fotografia de J. Hanc

A segunda metade do século III foi marcada, sobretudo, pelo sentimento de insegurança causado pelos frequentes ataques de tribos bárbaras, como demonstram numerosos depósitos de moedas achados na Eslovênia. As moedas tinham sido enterradas durantes as brutais invasões da Panônia pelos iazyges e roxolanis entre o outono de 259 d.C. e a primavera seguinte. Há também provas consideráveis que sugerem que estas invasões tiveram impactos particularmente devastadores na parte nordeste da atual Eslovênia. Parte da população deve ter sido liquidada; de outra forma eles teriam recuperado e usado o dinheiro escondido. Outros buscaram refúgio nas fortificações nas montanhas. Durante as

campanhas militares de Galiano, as tropas da legião Gemina XIII foram mais uma vez aquarteladas em Emona, conforme documentado por pedras tumulares locais. Gallienus era filho de Valeriano e tornou-se o novo imperador depois que Valeriano morreu no oriente em 260 d.C.

Numerosos depósitos de moedas também documentam a invasão do norte da Itália cerca de 270 d.C. pelos alamanos e iuthungis. A invasão foi lançada quando Aureliano (270-275 d.C.) ascendeu ao trono e devastou grande parte do Noricum entre as cidades de Lauriacum e Aguntum. As provas existentes não só demonstram como ondas da invasão golpearam o sul do Noricum, inclusive o território da atual Eslovênia, mas também indicam uma direção do ataque germânico de Flavia Solva, passando por Poetovio e Emona, em direção à Itália. No outono de 284 d.C., o exército na Panônia declarou Aurelius Julianus, governador de Veneza, imperador. Ele partiu com suas tropas para o norte da Itália, através da atual Eslovênia. Antes que seu exército fosse derrotado em Verona em 285 d.C. por Carinus (283-285 d.C.), tinha sido motivo de grande ansiedade e destruição durante seu avanço por Poetovio e o vale de Vipava. Tais provas são as economias enterradas dos habitantes locais.

A crise do Império Romano chegou ao seu ápice no meio do século III, quando a ameaça das invasões vindas do oriente, especialmente dos Balcãs, em direção à península apenina tornou-se mais séria. O império reagiu construindo muralhas defensivas ligando torres de observação onde quer que o acesso à península estivesse desobstruído, em particular ao longo das passagens naturais e gargantas na área Karst-Alpina entre Tarsática, Tergeste e Emona. Este sistema defensivo, cuja construção foi iniciada no fim do século III e terminada durante a era de Constantino, percorria áreas montanhosas entre Tarsática, na Croácia, e o vale de Gail, na atual Áustria. Foi sem dúvida o projeto de construção romano

mais extenso realizado no território da atual Eslovênia. Entre Nauportus e Castra (Ajdovscina), com uma importante fortaleza central em Ad Pirum (Hrusica), o sistema defensivo incorporava três zonas de barreiras[77]. As muralhas eram adicionalmente fortalecidas por pequenas guarnições em torres e pequenos e grandes fortes. As estradas frequentemente cruzavam a linha defensiva através das torres com portões, a fim de que o tráfego fosse completamente supervisionado. Pesquisa arqueológica nos fortes de Lanisce e Martinj Hrib sugere que a segunda barreira foi destruída em uma guerra civil que eclodiu em 388 d.C. entre o imperador legítimo Teodósio (379-395 d.C.) e o usurpador Magno Máximo (383-388 d.C.) e nunca foi restaurada a seu anterior estado. O sistema defensivo existiu até o fim do século V, quando se tornou irrelevante. O historiador do século IV Ammianus Marcellinus chamava este sistema defensivo da Roma tardia de *Claustra Alpium Iuliarum* (a barreira dos Alpes Julianos), baseado no nome da cadeia de montanhas *Alpes Iuliae* (Alpes Julianos). Ele se estendia do vale de Gail, na Caríntia, até Ucka, na Croácia.

Depois da guerra civil de 284 d.C., o trono foi ocupado por Diocleciano (284-305 d.C.), um militar de alta hierarquia da Dalmácia, que reformou radicalmente quase todas as esferas administrativas de importância do império. Ele introduziu a Tetrarquia (um sistema de quatro governantes) para evitar usurpadores violentos, pacificou os inimigos externos do império e iniciou reformas em seus sistemas administrativo, militar, fiscal e financeiro. Também lançou uma reforma religiosa para resolver a situação dos cristãos, o que, como sua reforma monetária e fiscal, também terminou fracassando. A eficácia do seu governo

77 A primeira barreira era formada por uma muralha de Reka a Rob em Velike Lasce e continuava intermitentemente em Rakitna, Pokojisce, Verd, Zaplana, Vojsko e Grahovo. A segunda zona de barreira é representada por seções de muralhas entre Lanisce e Martinj Hrib acima de Logatec e a terceira consistia do sistema defensivo concentrado em Ad Pirum. A fortaleza em Castra também foi construída na mesma época. Veja Peter Petru & Jaroslav Sasel (ed.), *Claustra Alpium Iuliarum 1. Fontes*. Liubliana: Narodni muzej, 1971.

foi relativamente de curta duração. O mesmo pode se dizer da Tetrarquia, que foi abandonada logo depois que ele se retirou para a vida privada em 305 d.C. e estabeleceu-se em seu palácio em Split.

A reforma religiosa de Deocleciano desencadeou a perseguição dos cristãos e deu origem à grande guerra civil de 306 a 312 d.C. A guerra terminou com a vitória de um cristão convertido, Constantino, o Grande (306-337 d.C.), que proclamou a liberdade religiosa em 313 d.C.[78] Houve outra guerra civil no interior de Capris (Koper) entre Maxêncio (306-312 d.C.), filho do coimperador Maximiano de Deocleciano, e Licínio (306-324 d.C.). Uma fortificação ocupada por tropas de Maxêncio foi tomada pelo exército de Licínio na aldeia de Centur perto de Koper em 309/310 d.C. Licínio avançava da Tarsática e da Ístria em direção à Itália. A marcha durou pouco, pois Maxêncio reconquistou a Ístria; ele também ordenou a remoção de todas as inscrições existentes em monumentos em honra de Licínio. Estes acontecimentos estão minuciosamente documentados por uma arca militar contendo grande quantidade de moedas de bronze enterradas na fortaleza de Centur. A parte ocidental do império, inclusive as regiões ocidental e central da Eslovênia, caíram sob o domínio de Constantino em 312 d.C. depois que ele derrotou Maxêncio na famosa batalha da Ponte de Milvia, perto de Roma. A parte oriental da Eslovênia, ainda em mão de Licínio, foi sujeita ao governo de Constantino em 312 d.C., depois de uma guerra civil provocada pela destruição de estátuas de Constantino em Emona. O antagonismo entre os dois governantes chegou ao fim quando Licínio renunciou ao trono a fim de pôr fim às longas hostilidades. Ele foi morto pouco depois de sua derrota.

78 Rajko Bratoz, *Il cristianesimo aquileiese prima di Constantino fra Aquileia e Poetovio*. Udine & Gorizia: Istituto Pio Paschini, Istituto di Storia Sociale e Religiosa, 1999.

De Constantino à queda do Império Romano do Ocidente

Constantino viajava com frequência pelo território da atual Eslovênia. Sua última visita à vizinha Aquileia foi em 326 d.C., quando ele aprovou várias leis importantes. Naquele tempo ele ordenou a execução do seu filho mais velho, Crispo (317-326 d.C.), na cidade de Pola (Pula), na Ístria, por conspirar contra ele, e, logo após, deu uma ordem de execução de sua segunda mulher e madrasta de Crispo, Fausta, em Roma. Depois da morte de Constantino em 337 d.C., sua dinastia continuou no poder até 361 d.C. com os reinados de seus filhos Constantino II, Constâncio II e Constante, e seu sobrinho Juliano Apóstata. Neste período, porém, o império foi afetado por instabilidade interna e hostilidades religiosas no interior da Igreja. Estas tensões desencadearam várias guerras civis, especialmente no território entre o nordeste da Itália e a metade da bacia do Danúbio, inclusive na atual Eslovênia e nas regiões próximas. Por exemplo, os filhos de Constantino, Constante (337-350 d.C.) e Constantino II (337-340) se enfrentaram em uma batalha perto de Aquileia em 340 d.C. na qual Constantino II foi derrotado e morto.

Em janeiro de 350 d.C., o exército de Magnentius o proclamou imperador em Augustodunum na Gália (Autun na França atual). Magnentius assassinou o legítimo imperador romano do Ocidente[79], Constante, e imediatamente iniciou uma ofensiva contra Constâncio II (337-361), imperador romano do Oriente. Ao fim do ano, Gália, África, Espanha e Itália estavam nas mãos de Magnentius. Ele continuou sua campanha militar em direção ao oriente, passou pelas cidades de Aquileia e Emona e derrotou o exército de Constâncio II, que se aproximava rapidamente, na batalha de Atrans. Magnentius conquistou a Panônia, inclusive

79 NT: A divisão do Império Romano em duas partes, do Ocidente e do Oriente, é aqui citada pelo texto inglês pela primeira vez. Na realidade, esta cisão já começara a se esboçar no reinado de Constantino, que fundara a "Nova Roma", no Oriente, depois chamada em sua honra de Constantinopla.

a importante cidade de Siscia, onde imediatamente cunhou sua própria moeda. Ele fortaleceu o sistema defensivo (*Claustra Alpium Iuliarum*) ao atravessar os Alpes, como confirmado por fontes escritas e moedas descobertas. Emona foi finalmente conquistada por Magnentius depois de sangrentas batalhas nas quais os destacamentos militares de Constâncio foram derrotados. O exército de Constâncio sofreu pesadas perdas e não foi antes do outono seguinte que o exército de Magnentius finalmente foi totalmente derrotado na batalha de Mursa; ele foi forçado a recuar para o oeste. Moedas encontradas mostram que Magnentius perdeu Emona em agosto de 352 d.C., depois de uma série de pesados combates; pouco depois ele foi derrotado em Ad Pirum na linha defensiva dos Alpes. Perdeu Aquileia e se suicidou em 353 d.C.

Este período tumultuado durante o qual tantas coisas se passaram na atual Eslovênia é retratado detalhadamente em fontes escritas. No entanto, a passagem de Emona de Constâncio II para Magnentius e dois anos depois de volta a Constâncio II é melhor ilustrada pelos depósitos de moedas, que frequentemente refletem acontecimentos calamitosos. É especialmente famosa a descoberta de 22 medalhões[80] de ouro, um dos quais cunhado pelo legítimo coimperador Constâncio e 21 por Magnentius, cunhados em Aquileia e continham uma forte mensagem propagandística (mostrando Magnentius como *liberator rei publicae*). Eles foram encontrados em uma casa no foro de Emona e tinham provavelmente sido escondidos por um alto dignitário municipal logo antes que Constâncio II retomasse a cidade em 352 d.C. Constâncio II mandou prender seu primo Constâncio Gallus Caesar em 354 d.C. em sua casa em Poetovio. Ele foi preso por planejar um golpe e executado perto de Pola. Parte do exército sob comando do meio irmão de Gallus,

80 NT: O texto em inglês usa a expressão "gold multiples" que parece equivaler, na linguagem da numismática, a "medallions".

Juliano (360-363 d.C.), insurgiu-se perto de Aquileia em 361 d.C. e passou a apoiar o inimigo de Gallus, Constâncio II, iniciando um cerco da cidade de Aquileia.

A despeito das dramáticas condições durante o reinado de Valenciano I (364-375 d.C.), que foi palco de ondas de incursões conduzidas pelas tribos bárbaras na Britânia, Gália e bacia do Danúbio, o Império Romano era ainda um poderoso Estado no século IV. Foi temporariamente unificado sob o reinado do imperador Teodósio (383-395 d.C.). A crise religiosa foi aliviada por um curto período pelo triunfo da ortodoxia sobre a heresia ariana em 381 d.C. e qualquer tentativa de usurpação do trono foi esmagada com relativa rapidez. Magno Máximo (383-388 d.C.) foi proclamado como novo imperador do Império Romano do Ocidente por uma guarnição do oeste, para assumir o controle da Britânia, Gália, Espanha e África. Ele decidiu conquistar a Itália em 387 d.C. e só então o imperador legítimo Teodósio I, cuja sede estava no oriente, se preparou para atacar o usurpador. Em 388 d.C., os dois exércitos se enfrentaram em Siscia e Poetovio. Máximo foi derrotado, mas não decisivamente. Emona recebeu o imperador vitorioso com entusiasmo e Teodósio perseguiu Máximo ao longo da cadeia de fortificações alpinas entre Nauportus e Ad Pirum. Andragathius, "Cavaleiro-Mor" de Máximo, tinha fortalecido o sistema defensivo, mas cometeu um erro tático porque tinha sido mal informado e esperava que Teodósio atacasse vindo do mar. Ele tinha assim deixado as fortalezas pouco guarnecidas e o exército de Teodósio atravessou o sistema defensivo praticamente sem dificuldade, incendiando os fortes menos defendidos, como Martijn Hrib e Lanisce. Magno Máximo foi capturado e executado perto de Aquileia.

O usurpador seguinte foi Eugênio (392-394 d.C.), que tentou tomar o trono pregando o retorno ao paganismo. A guerra que se seguiu foi também uma guerra religiosa. Ela atingiu seu clímax

na própria *Claustra Alpium Iuliarum*, em uma sangrenta batalha nas margens do rio Fluvius Frigidus (talvez o Hubelj) no vale de Vipava em 394 d.C. Antes da batalha, Eugênio fortificou o sistema defensivo alpino e colocou estátuas de Júpiter nos montes circundantes. Teodósio inicialmente estava sendo derrotado, mas logrou sobrepujar Eugênio no segundo dia e esmagou a aristocracia pagã. A vitória alegadamente deveu muito ao fato de que uma parte do exército de Eugênio mudou de lado e também à intervenção divina (violentas rajadas de vento nordeste desviaram os projéteis lançados pelo exército de Eugênio contra seus próprios soldados). Todo o Estado foi subsequentemente reunido em uma só coroa.

As cidades romanas tiveram seu último auge no século IV. Algumas cidades perseveraram até o fim do século IV (Neviodunum), outras, a julgar pelos restos de construções cristãs primitivas, até a metade do século V (Emona, Celeia). Poetovio, contudo, durou até bastante tempo durante o século V, como se pode inferir (apesar de escassos achados arqueológicos) de uma referência por um geógrafo anônimo de Ravena. Outras cidades tinham gradualmente decaído na obscuridade desde a metade do século V, com traços apenas de moradas temporárias identificadas. Os administradores municipais, o clero e a maioria da população mudaram-se, conforme achados arqueológicos em Emona e fontes escritas que relatam uma migração para a Ístria. Além disso, as propriedades rurais romanas e as raras formas de aglomerados populacionais foram abandonadas não mais tarde do que a primeira metade do século V. A população geralmente emigrou de planícies expostas para abrigos nos montes, que haviam sido construídos durante o século IV em tempo de perigo. Alguns destes abrigos tornaram-se moradas permanentes. Em consequência, ao fim do século V, todo o território da atual Eslovênia – com exceção da planície de Prekmurje – era dominado por povoados cercados de muralhas e em montes íngremes, de

difícil acesso[81]. As construções eram de pedra ou madeira e o centro do povoado era na maioria das vezes ocupado por uma ou mais igrejas cristãs primitivas (Fig.15). Alguns destes assentamentos em montes foram estabelecidos perto de estradas e eram ocupados principalmente por guarnições militares; suas famílias com a finalidade de proteger as comunicações. Outros serviam como centros eclesiásticos e administrativos e prestavam serviços para a população local. Restos arqueológicos mostram que a população local produzia a maioria do que precisava para viver, cultivava seus alimentos e mantinha alguma atividade comercial.



Figura 15. Visão aérea do povoado da época romana tardia em "Ajdovski gradec" perto de Vranje. Cortesia dos Arquivos do Museu Nacional da Eslovênia, fotografia J.Hanc

O Império Romano enfrentou outra grave crise depois da morte de Teodósio I em 395 d.C. As tribos germânicas no império aumentaram sua influência dentro do exército; a Igreja foi solapada por vários movimentos heréticos; e houve

81 Slavko Ciglenecki, *Höhenbefestigungen aus der Zeit vom 3. bis 6. Jh. im Ostalpenraum*. Liubliana: Zalozba SAZU, 1987.

frequentes disputas entre as metades oriental e ocidental do Estado. O rápido declínio da metade ocidental significava que as tribos bárbaras podiam cruzar o país sem obstáculo. O Império Romano foi assim invadido principalmente por tribos germânicas da "Germânia livre" e da fronteira do Reno-Danúbio. Esta grande onda de migração foi desencadeada pelos hunos, um grupo nômade de cavaleiros asiáticos, depois que eles esmagaram o Estado ostrogodo ao longo do mar Negro em 375 d.C. Os visigodos também sofreram a pressão dos hunos e, sob o comando de Alarico, cruzaram com facilidade a atual Eslovênia e a *Claustra Alpium Iuliarum* em 401 d.C. Eles se saíram melhor na batalha travada em Timavus, estabeleceram acampamentos provisórios em torno de Emona e Celeia e exigiram de maneira peremptória ao imperador em Ravena o pagamento de uma alta quantia para não voltarem a invadir a Itália. Em 410 d.C., os visigodos saquearam Roma. Eles se estabeleceram na Aquitânia depois de 418 d.C. e mais tarde na Hispânia[82].

Durante a Era Romana tardia a estrutura social foi desestabilizada e as diferenças entre as pessoas se atenuaram, especialmente nas províncias. Os camponeses livres tornaram-se *coloni*, ligados à terra, soldados das fronteiras tornaram-se camponeses. O número de escravos e de civis ricos diminuiu e a administração municipal decresceu, foi parcialmente assumida pelas autoridades eclesiásticas. Na altura do século IV, o Império Romano começara a recrutar mercenários das tribos vizinhas, principalmente germânicas, para proteger as áreas fronteiriças e as comunicações. Esta cooperação era chamada *foedus*, e os soldados não romanos viviam com suas famílias em um ambiente completamente romanizado. Pequenos artefatos, descobertos especialmente em locais funerários, sugerem que eles também

82 NT: No tempo romano o nome designava toda a península ibérica.

viveram na atual Eslovênia. No começo do século V, a guarnição da pequena fortaleza do castelo de Ptuj, estrategicamente importante, incluía vários soldados germânicos. Isto também ocorria com a unidade militar estacionada embaixo do castelo Predjama em Postojna que controlava o trecho da estrada entre Emona e Tergeste.

Por volta de 400 d.C., as fortificações auxiliares da Panônia (*limes*) foram destruídas, a maior parte do território da Panônia foi perdido e a população fugiu para o sul e o sudeste[83]. Depois que os visigodos passaram, a situação no interior do Noricum se estabilizou até a crise seguinte, aproximadamente no ano 430 d.C., quando a incursão dos iuthungis causou grande descontentamento no seio da população provincial e só pôde ser vencida por Flávio Aetius. A rebelião é apenas mencionada em fontes literárias romanas e não está documentada por depósitos de moedas.

No começo do século V, o poder supremo sobre o Império Romano do Ocidente cabia ao comandante romano Flávio Aetius, que fora mantido refém dos visigodos sob a chefia de Alarico (desde 405 d.C.) e mais tarde por vários anos pelos hunos. Ele deveu muito de seu sucesso posterior a seus aliados hunos, aos quais recompensou por seu apoio com uma parte da planície panônica ao longo do Sava (433-434 d.C.). Elevadas somas para o resgate de prisioneiros de guerra romanos eram uma fonte importante de renda para os hunos. A partir de suas bases estabelecidas em acampamentos, eles atacavam outras cidades na Ilíria e na Panônia e também ameaçavam a área Noricana e Panônica (inclusive Poetovio), que ficava na fronteira de seu território.

A área de Poetovio era então alvo permanente das tribos germânicas e outras, especialmente os hunos, que queriam se

83 Friedrich Lotter, Rajko Bratoz & Helmut Castritius. *Völkerverschiebungen im Ostalpen-Mitteldonau--Raum zwischen Antike und Mittelalter* (*375-600*). Berlim & Nova York: De Gruyter, 2003, 156 ff.

estabelecer em território provincial romano ou progredir em sua invasão da Itália através de Emona. O retórico e historiador bizantino do século V, Prisco de Panium da Trácia, em seu relatório sobre a missão do Império Romano do Oriente à corte de Átila, o Huno em 449 d.C., menciona um encontro com uma missão do Império Ocidental liderada pelo *comes*[84] Rômulo, que foi visto (provavelmente por engano) como um natural de Poetovio. Prisco relata: "Eles partiram em sua missão da cidade noricana de Poetovio para apaziguar Átila"[85].

Em 452 d.C., os hunos lançaram um ataque a partir da Panônia contra o Império Romano do Ocidente, que se mostrou com toda sua fraqueza. Os hunos saquearam Aquileia e assaltaram várias outras cidades romanas importantes. Este foi também um período de grande turbulência para o território da atual Eslovênia, conforme fontes históricas, e os ataques dos hunos deixaram marcas na tradição oral popular. Por outro lado, quase não há achados arqueológicos conclusivos relativos à presença dos hunos.

Depois da morte de Átila, em 453 d.C., o território deixado saqueado pelos hunos foi rapidamente ocupado por novos povos, especialmente os ostrogodos e os rugianos, que serviam como *foederatis*[86] romanos. De acordo com o escritor eclesiástico Eugippius, ainda houve guarnições militares no Noricum até 476 d.C.; elas foram desfeitas quando Odovacar depôs o último imperador romano Rômulo e tornou-se o primeiro rei bárbaro da Itália. A partir de então a população tinha que contar com seus próprios meios de defesa. Com exceção do serviço postal, todas as demais formas de administração civil ou local passaram a ser

84 NT: Palavra latina que deu origem a "conde".

85 *Priscus*, Fr. 11.2 (ed. Blocley).

86 NT: Tribos que haviam concluído acordos com Roma e forneciam soldados.

dirigidas por órgãos eclesiásticos no fim do século V. A continuidade do serviço postal é comprovada pelo registro existente de uma troca de cartas entre Severino em Noricum e Odovacar em Ravena e uma senhora romana de classe alta, Barbaria, que vivia perto de Nápoles[87].

O Império Romano do Ocidente chegou ao fim em 476 d.C., quando Odovacar, um guerreiro germânico que tinha servido como mercenário no exército romano, foi proclamado rei por seus soldados. Ele derrotou o general romano Orestes, que governava o império em nome de seu filho menor, o imperador Rômulo Augustulus (475-476 d.C.). Odovacar depôs o último imperador romano e o deportou para a Campânia. Roma aceitou Odovacar como novo governante e o imperador Zeno (474-491 d.C.), do Império do Oriente, reconheceu sua autoridade sobre a Itália, que tornou-se a terra prometida para os povos bárbaros. Odovacar deslocou parte da população do Noricum Ripense[88] para a Itália. Em 455 d.C., os belicosos ostrogodos haviam se estabelecido na Panônia e tinham frequentes embates com os povos vizinhos germânicos no centro da bacia transdanubiana; Zeno encorajou os ostrogodos a seguirem para a Itália a fim de se livrar de vizinhos turbulentos. Em 489 d.C., os ostrogodos cruzaram o rio Soca com suas famílias e todos seus pertences, derrotaram Odovacar e lutaram para entrar na Itália. Estabeleceram um reino em torno de Ravena em 493 d.C., que se manteve até o século VI. Outros povos bárbaros também estavam gradualmente se estabelecendo e criando seus reinos neste período, como os jutos e anglo-saxões na Inglaterra, os visigodos na Espanha, os francos e borguinhões

87 Rajko Bratoz, *Severinus von Noricum und seine Zeit. Geschichtliche Ammerkungen*. Viena: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1983, p. 14-15, 39 ff.

88 NT: "Ripense" aqui seria o equivalente a "ripária" ou "ribeirinha", pois esta região do Noricum é a que segue ao longo da margem meridional do Danúbio.

na França, os gepidos e lombardos na Panônia[89] e os vândalos na África.

A Antiguidade Tardia e a chegada dos eslavos

Os ostrogodos criaram um vasto estado na Itália e nos Balcãs ocidentais até o rio Drina com um novo sistema administrativo, jurídico, uma rede de estradas e um sistema monetário uniforme, medidas que levaram a um significativo crescimento econômico. Achados arqueológicos na atual Eslovênia indicam que eles tinham guarnições em várias fortalezas de importância crucial – ocupadas por naturais da região, e.g., em Zidani Gaber e Gradec, perto de Velika Strmica (a região de Novo Mesto), e em outras áreas da Eslovênia. Um dos mais importantes centros dos povos germânicos e nativos na região ao leste dos Alpes era o Forte Tonovcov (Tonovcov grad) em Kobarid, onde restos notavelmente bem preservados de várias construções foram encontrados. Pequenas igrejas nestas fortalezas, próximas a igrejas maiores, foram provavelmente construídas pelos ostrogodos, que pertenciam ao ramo ariano do Cristianismo. Entre 500 e 540 d.C., tropas góticas foram também aquarteladas no forte de Carnium (Kranj) para proteger a estrada que levava ao vale do Sava superior (Fig. 16). Achados arqueológicos em Kranj e perto de Liubliana sugerem que a migração dos ostrogodos foi logo seguida da dos alamanos, que recuavam frente aos francos e emigravam para o leste através da atual Eslovênia.

89 Slavko Ciglenecki, "Romani e Longobardi in Slovenia nel VI secolo". In: *Paulo Diacono e il Friuli altomedievale* (*secc.VI-X*), v. I. Spoleto: Centro italiano di studi sull'alto medioevo, 2001, p. 179-199.



Figura 16. Moedas ostrogodas e lombardas, e uma fíbula ostrogoda, séculos V e VI d.C.
Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia, fotografia de M. Pavlovec

Os francos vinham fortalecendo sua posição ocidental desde o século VI. Ao final do século VIII, eles haviam expandido seu reino em um poderoso estado cristão com a incorporação de várias tribos germânicas. Eles lideravam assim um exército cristão unido, que repeliu os árabes muçulmanos na batalha de Poitiers depois que os árabes haviam conquistado a Espanha visigoda depois de 711 d.C. O centro do Estado romano desviou-se para o leste, onde o Império Bizantino ficava cada vez mais forte. O reinado de Justiniano I (527-565) no oriente iniciou uma era de restauração do antigo Império Romano. A costa leste e setentrional do Adriático tornou-se cena de longas guerras entre os ostrogodos e o Império Bizantino em 535-555 d.C., que terminou afinal com a queda do Reino Ostrogodo. Em 539 d.C., os bizantinos conquistaram a Ístria e esmagaram o domínio gótico sobre a Panônia. O golpe final sobre o domínio ostrogodo ocorreu em 552 d.C. durante a marcha bizantina sobre Ravena, que foi lançada a partir da Dalmácia e avançou pela costa adriática. Os francos, aliados dos bizantinos

na época, invadiram temporariamente o território alpino oriental aproximadamente em 540 d.C. Em 547-548 d.C., a Panônia e parte do Noricum foram colonizados pelos lombardos, que tinham anteriormente ocupado os territórios da atual Hungria, parte da baixa Áustria, e o que é hoje a República Checa. Justiniano lhes tinha entregado estas terras a fim de proteger suas fronteiras ocidentais dos francos, que estavam tentando se expandir para o leste. No território da atual Eslovênia, os lombardos tomaram os territórios administrativos de Celeia e Poetovio e fortes ao longo da fronteira da Panônia no que é atualmente a Baixa Carníola. Usualmente eles ocupavam os povoados e os fortes existentes no topo dos montes que eram habitados principalmente pelos naturais da região. Guarnições novas eram raras, pelo menos de acordo com os achados arqueológicos. Nesta época os lombardos haviam alcançado o forte de Carnium: sua presença está documentada por muitos artefatos encontrados em túmulos masculinos e femininos (Fig. 17). No entanto, depois que novos povos (especialmente os eslavos e os belicosos avaros) chegaram lá, os lombardos se mudaram para a Itália em 568 d.C. no reinado do rei Alboin. Eles mantiveram guarnições individuais em certas fortalezas (e.g. Carnium) como defesa avançada para sua nova pátria na Itália até o fim do século VI.

Os territórios abandonados pelos povos germânicos nos séculos V e VI foram colonizados por tribos eslavas. Os eslavos avançaram em direção ao rio Oder, ocuparam vastos territórios ao norte do Danúbio e inundaram a península balcânica. Próximo ao fim do século VI, tribos eslavas da bacia central do Danúbio gradualmente foram para o oeste, inclusive para o que hoje é a atual Eslovênia ocidental[90].

90 Mitja Gustin (ed.), *Zgodnji Slovani. Zgodnjesrednjeveska loncenina na obrobju vzhodnih Alp / Die frühen Slawen. Frühmittelalterliche Keramik am Rand der Ostalpen*. Liubliana: Narodni muzej Slovenie, 2002.



Figura 17. Joias lombardas do meio e do fim do século VI achadas no cemitério de Lajh em Kranj. Cortesia do Museu Nacional da Eslovênia. Fotografia de T. Lauko

Eles alcançaram as fronteiras italianas aproximadamente no ano 600 d.C. e começaram a invadir a Itália, não obstante a derrota sofrida contra o exército bizantino em 599 d.C. em algum lugar no norte da Ístria. Ao contrário dos nômades avaros, as tribos eslavas se estabeleciam permanentemente, o que destruiu os últimos vestígios da civilização antiga.

***

Isto nos traz ao fim de uma idade e, ao mesmo tempo, à nossa ênfase introdutória sobre o fato do território da atual Eslovênia estar então na periferia de países mais altamente desenvolvidos: o Mediterrâneo de um lado e as regiões do Danúbio de outro. Traz à lembrança o tempo em que a metalurgia, que tornou possível o desenvolvimento econômico rápido, teve um papel significativo em originar avanços tecnológicos e uma sociedade socialmente estratificada. No final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro,

o território esloveno testemunhou um agrupamento específico de tribos que resultaram na etnogênese de vários povos pré-históricos. Os seus nomes não foram preservados nas fontes clássicas, mas eles devem sem dúvida ter deixado traços na estrutura genética dos atuais habitantes da Eslovênia.

Este território alcançou primeiro um clímax no início da Idade do Ferro com o rico grupo cultural da Baixa Carníola, cujo centro foi Magdalenska gora, Sticna, Vace, Novo Mesto, e vários outros povoados principalmente localizados no topo dos montes. Uma de suas manifestações mais características foi a "Arte Sítula", os pequenos baldes de bronze decorados e as fivelas de bronze, com imagens das principais festas, provavelmente ligadas ao culto dos mortos, mas indiretamente refletindo cenas da vida cotidiana.

A vinda dos celtas levou esta população ao declínio e o território esloveno voltou a ser uma periferia. O Reino Noricano desenvolveu-se ao norte das montanhas Karavanke e somente Celeia tornou-se parte do reino no primeiro século a.C. Contudo, o território esloveno foi sempre uma área de trânsito de extrema importância estratégica. Através do chamado Portão Ítalo Ilírio em Postojna e através da famosa passagem embaixo do monte Ocra (Nanos) em Razdrto, passava a estrada principal entre as penínsulas apenínica e balcânica, a mais conveniente tanto para comerciantes quanto para invasores. Esta era a Rota do Âmbar ligando o Adriático superior aos países bálticos ricos em âmbar. Em Emona ela bifurcava e uma via levava até Siscia e daí através dos Balcãs, seguindo a direção da rota fluvial dos Argonautas ao longo da qual eles teriam supostamente regressado pelo Danúbio, Sava e Ljubljanica na fuga da Cólquida para a Grécia.

O território esloveno nunca foi o centro de qualquer início de organização estatal; sua posição – embora estratégica – foi sempre periférica. No período romano, ele se repartiu entre quatro

unidades administrativas. A área em torno de Emona pertencia à Itália, as regiões que tinham Celeia como centro e se estendiam ao Noricum, Poetovio e Neviodunum cabiam à Panônia, enquanto uma pequenina parte meridional era vinculada à Dalmácia.

Depois da sangrenta conquista da maior parte do território esloveno, exceto aquele pertencente ao Noricum (que foi anexado pacificamente), os romanos impuseram uma civilização mais desenvolvida a estas regiões, fenômeno chamado (auto-) romanização na historiografia moderna. Na realidade ele significou a aculturação do país, mediante a combinação das culturas romana e celta, o que deu origem a uma civilização tipicamente provinciana. Isto criou uma aguda divisão entre os habitantes da província e os bárbaros que viviam além da fronteira romana, i.e., além do Danúbio.

A vida pacífica que o Império Romano conheceu entre os reinados de Augusto e Marco Aurélio começou a se desintegrar com a eclosão das Guerras Marcomanas em meados do século II d.C. Várias crises militares e econômicas se alternaram com períodos relativamente curtos de estabilização precária e prosperidade, até que Deocleciano introduziu reformas econômicas e administrativas. Ele buscava evitar a desintegração do império, mas as reformas tiveram curta duração e, ao fim da Tetrarquia, a queda do Império Romano era inevitável. Ela ocorreu quando o último imperador romano do ocidente, Rômulo Augustulus, foi deposto em 476 d.C. A parte oriental do império passou a se chamar Império Bizantino, conforme o nome de sua capital, a antiga Bizâncio, que era então chamada Constantinopla.

Os imperadores tornaram-se crescentemente incapazes de exercer autoridade sobre a parte ocidental governada por príncipes germânicos: primeiro por Odovacar e depois por Teodorico, o Grande, rei dos Godos. Quando os hunos chegaram à Panônia no

começo do século 5º d.C., a situação já era tão má que a população rural não podia mais permanecer em cidades e aldeias. Alguns eram mortos, outros emigravam, enquanto alguns buscavam refúgio em povoados no topo dos montes. A perda da cultura se processava em todos os níveis da vida. A chegada dos avaros e dos eslavos mudou completamente a estrutura da população e os padrões de habitação, anunciando a chegada da Idade Média.

CAPÍTULO 2

A ALTA IDADE MÉDIA

A povoação eslava e a etnogênese

O estabelecimento do povo eslavo – não se pode falar de eslovenos até bem depois da Alta Idade Média – nos Alpes orientais e nas bacias dos rios alpinos do leste culminou nas décadas finais do século VI, embora o processo já tivesse começado e fosse terminar somente no começo do século IX. A primeira penetração eslava na região alpina oriental veio do norte, da área do grupo linguístico eslavo-ocidental. A primeira vaga parece ter se voltado para o sul em torno de 550, deixando a atual Morávia e cruzando o Danúbio entre Traun a oeste e Viena a leste, abarcando primeiro o território da Alta e Baixa Áustria e depois se espraiando gradualmente pelo interior através dos vales dos rios alpinos. Uma segunda vaga de migração eslava para os Alpes orientais vinda do sudeste veio algo mais tarde e era estreitamente relacionada com os avaros. Este povo nômade das estepes havia tomado o controle da planície panônica depois que os lombardos se transferiram para a Itália em 568 e atacaram então o Estado Bizantino pelos rios Danúbio e Sava. Em 582, eles capturaram Sírmium, antiga capital da Ilíria,

e também começaram a se deslocar para o noroeste, acompanhados pelos eslavos. O avanço destes dois povos levou ao colapso das antigas estruturas. Pode ser possível traçar os estágios do avanço eslavo-avaro pelos Alpes orientais por meio dos registros dos sínodos da igreja metropolitana de Aquileia, que refletem a queda das antigas dioceses da região (Emona, Celeia, Poetovio, Aguntum, Teurnia, Virunum e Scarabantia). Em 588, o vale superior do Sava tinha tombado nas mãos dos eslavos e avaros e, em 591, eles haviam conquistado o vale superior do Drava, onde escaramuças com os vizinhos do norte, os bávaros, logo tiveram lugar na atual Lienz. Em 592, os bávaros foram bem-sucedidos, mas, em 596, eles foram completamente derrotados em uma batalha decidida pelo líder dos avaros (*khagan*) com sua cavalaria. Estas batalhas, que se incendiaram novamente por volta de 626, levaram ao desenvolvimento e à consolidação de uma área de fronteira que dividiu a região alpina por séculos: uma metade ocidental dominada pelos francos separada por outra parte regida pelos avaros e eslavos ao leste e sudeste.

Ao sul, ao longo do rio Soca, e na Ístria, a fronteira foi estabelecida um pouco mais tarde. Depois de batalhas com os lombardos de Friuli no começo do século VIII, os eslavos ocuparam a terra montanhosa a oeste do Soca, até a beira da planície de Friuli. Esta fronteira étnica durou, com pequenas mudanças, por mais de 1.200 anos, e até hoje. Em seu avanço, os eslavos entraram na Ístria pelo nordeste, através do Portão de Postojna. Primeiro, até por volta de 600, eles povoaram as terras até o limiar natural da península ao sul da estrada Trieste--Rijeka, onde a planície calcária (Karst) desce acentuadamente para o interior de Trieste e Buzet. Ao fim do oitavo século, por razões de recrutamento de soldados e necessidade econômica, a autoridade franca local organizou o reassentamento dos eslavos

da parte continental da Ístria para os territórios despovoados do interior da península[91].

Quando os eslavos ocuparam as antigas províncias do Noricum e Panônia, a população romana já desaparecera da área. Ela tinha sobrevivido por um tempo considerável, a despeito das grandes turbulências do século V, enquanto a área fora ainda administrada como parte da Itália. Esta época terminou no Noricum ocidental com a ocupação dos francos em 536/537. As áreas do Noricum oriental e da Panônia ocidental, que, em 548, foram cedidas aos lombardos por Justiniano, imperador romano do Oriente, foram separadas do núcleo romano (*ecumene*) pela migração dos lombardos para a Itália em 568 e o estabelecimento do novo domínio avaro na área central do Danúbio. Isto não significa que os recém-chegados não assumiram, pelo menos em parte, a herança da antiguidade. Concepções antigas segundo as quais as populações indígenas teriam abandonado completamente a região ou sido expulsas pelos eslavos foram superadas. Vários topônimos relacionados com o nome *Vlah*, que os eslavos deram aos "romanos" (e.g. Lasko), assim como alguns povoados fortificados no topo dos montes que continuaram a ser ocupados até o século VII, indicam o contato e a coabitação entre os habitantes locais e os eslavos. Os eslavos também incorporaram numerosos velhos nomes de lugares e rios, bem como alguns componentes da vida econômica cotidiana dos habitantes locais, em particular a forma alpina de produção de laticínios. Apesar de que a área recentemente ocupada pelos eslavos havia sido cultivada desde a antiguidade, houve muitas mudanças na sua estrutura nesta época. A mais evidente foi o

91 Veja Lothar Waldmüller, *Die ersten Begegnungen der Slawen mit dem Christentum und den christlichen Völker vom VI. bis VIII. Jahrhundert. Die Slawen zwischen Byzanz und Abendland*. Amsterdam: Adolf M. Hakker, 1976, p. 180-187; Jaroslav Sasel, "Der Ostalpenbereich zwischen 550 und 650 n. Chr". In: Jaroslav Sasel, *Opera selecta*, p. 821-830; Friederich Lotter, Rajko Bratoz & Helmut Castritius, *Völkerverschiebungen im Ostalpen. Mitteldonauraum zwischen Antike und Mittelalter* (375-600). Berlim & Nova York: Gruyter, 2003, p. 149-155.

colapso dos centros urbanos da antiguidade. Uma estrutura social distinta se desenvolveu junto com uma nova forma de cultivar a terra. A organização eclesiástica das dioceses sofreu um completo colapso, mas o culto cristão não: a população "romana" local pôde preservar a religião ao menos em algumas localidades, como Spittal an der Drau na Caríntia. Naquela cidade, a preservação da pedra tumular do Diácono Nonnosus de 532 em uma igreja monástica do fim do século VIII, em Molzbichl, indica a continuidade do culto bem além do período inicial da ocupação eslava. A missão Carantaniana do século VIII se associaria mais tarde explicitamente com este núcleo de tradição local cristã[92].

Ao fim do século VI, o que hoje é o leste do Tirol e da Caríntia já era conhecido como a "Terra dos Eslavos" (*Sclaborum provincia*), enquanto a presença de um *khagan* (chefe) avaro indica que este mundo alpino montanhoso estava incluído nos domínios avaros, cujo centro ficava entre os rios Danúbio e Tisza na Panônia. Os eslavos estavam subordinados aos seus senhores avaros, pagavam tributo e prestavam serviço militar. No entanto, as atitudes e as relações dos guerreiros equestres avaros com os vários grupos eslavos diferiam conforme o tempo e as circunstâncias geográficas. A supremacia avara sobre os eslavos era sem dúvida mais vivamente sentida no coração do "khaganato", baseado em torno da parte baixa dos rios Danúbio e Tisza na Panônia, do que na periferia, nas áreas montanhosas e cobertas de densas florestas dos Alpes orientais e do noroeste dos Balcãs, que eram menos próprias para a vida de um povo de cavaleiros nômades. Traços da presença avara na Carantânia podem estar preservados nos topônimos como Faning e Fohnsdorf (em esloveno "Banice" e "Banja vas"), derivados da palavra *ban* (do avaro *bajan*). O domínio avaro durou até os anos 620, quando dois acontecimentos não inteiramente desvinculados – o início da resistência eslava à supremacia

92 Karl Heinz Frankl & Peter G. Tropper (ed), *Heilige Nonosus von Molzbichl*. Klagenfurt: Verlag des Kärntner Landesarchivs, 2001.

avara sob a direção de Samo em 623 e a fracassada tentativa dos avaros de sitiar Constantinopla em 626 – deram início a grandes transformações na região[93].

Antes de 626, os povos bárbaros já tinham chegado às muralhas da grande cidade no Bósforo, mas a ação empreendida pelos avaros foi a primeira tentativa autêntica de conquistar Constantinopla, em aliança com os persas e com seus guerreiros eslavos subjugados. O fracasso deste cerco foi desastroso para o "khaganato" danubiano, quase precipitando seu completo colapso. A catástrofe de 626 também trouxe considerável reforço para a posição dos eslavos que se juntaram às rebeliões promovidas por Samo. Conforme a "Crônica de Fredegar", que não parece inteiramente confiável em termos de cronologia, Samo uniu-se à revolta eslava no território da atual República Checa e da Eslováquia em 623, o que significaria que a ruptura do flanco noroeste do "khaganato" avaro teria começado antes da grande crise de 626. Samo, franco de nascença e provavelmente um comerciante de armas, explorou a oportunidade de combater os avaros e tornar-se o rei da primeira entidade política eslava conhecida na história. Seu centro estava ao norte do Danúbio, mas incluía também a área a leste dos Alpes, mais tarde conhecida como Carantânia. Em 630, o rei franco Dagoberto I organizou uma tentativa malsucedida de destruir o reino de Samo, unindo guerreiros francos, alamanos e lombardos, os únicos que poderiam ter atuado contra seus vizinhos alpinos eslavos. Por volta de 623 a 626, os lombardos de Friuli tinham já arrebatado o controle do "distrito dos eslavos, chamado *Zellia*", em Val Canale. Esta foi a primeira vez que terras eslavas perderam a independência em Friuli e os eslavos de lá eram obrigados a pagar tributo ao duque lombardo em Cividale del Friuli até cerca de 740. Não sem razão, provavelmente, o "*Conversio Bagoariorum et Carantanorum*" ("A Conversão dos Bávaros e dos Carantianos")

93 Veja Walter Pohl, *Die Awaren. Ein Steppenvolk in Mitteleuropa 567-822 n. Chr.* Munique: C. H. Beck, 1988, p. 94-127, 237-244.

– um texto de Salzburg que remonta a 879 e é a fonte histórica mais importante para as regiões orientais dos Alpes e da Panônia nos séculos VIII e IX – também associa Samo às origens da história carantaniana[94].

Naquela época, os eslavos alpinos, também conhecidos como *Vinedi*, que faziam parte da união política de Samo, tinham seu próprio príncipe chamado Vallucus, que governava a área fronteiriça conhecida como "Fronteira dos Vênetos"[95] (*Marca Vinedorum*). Um grupo de búlgaros liderados por Alzeco (Alciocus) se reuniu em torno de 631/632 a Vallucus e seus eslavos. Alzeco era um dentre um grupo de chefes búlgaros que quiseram se aproveitar da crise do "khaganato" avaro depois da catástrofe de 626 para tomar a liderança. No entanto, o grupo foi derrotado e fugiu da Panônia para a terra dos bávaros com nove mil homens, junto com as mulheres e as crianças. Depois de um bom acolhimento inicial, os bávaros mataram vários milhares deles por ordem de Dagoberto I. Só o grupo de Alzeco escapou e, em mais uma fuga, foi recebido por Vallucus. Os búlgaros de Alzeco permaneceram com os eslavos alpinos por cerca de 30 anos, uma geração, na então nascente Carantânia, antes de emigrar, depois de 662, para Benevento na Itália lombarda.

Depois da morte de Samo em 658 os avaros recuperaram sua supremacia sobre a maior parte da Europa central eslava, mas não sobre os eslavos da Carantânia, que, como ilustrado pelo episódio de Alzeco, eram independentes de todos os seus vizinhos: bávaros e francos, lombardos e avaros. Os avaros também readquiriram sua

94 "Conversio Bagoariorum et Carantanorum". In: Fritz Losek (ed.). *Conversio Bagoariorum et Carantanorum und der Brief des Erzbischofs Theothmar von Salzburg*. Hanover: Hahnsche Buchhandlung, 1997; Herwig Wolfram, *Salzburg, Bayern, Österreich. Die Conversio Bagoariorum et Carantanorum und die Quellen ihrer Zeit*. Viena & Munique: Oldenburg, 1995.

95 NT: O texto em inglês traduz a expressão latina entre parênteses como "March of the Wends". O dicionário Michaelis Inglês-Português de 1958 (p. 612) atribui a "march", como segunda acepção, o conceito de fronteira. "Wends" é traduzido pelo mesmo dicionário (p. 1079) como "vênetos" ou população eslava da Saxônia e da Silésia. O contexto geográfico e histórico explica a escolha da palavra "vênetos" embora se trate de eslavos.

supremacia ao sul das montanhas Karavanke e o "khaganato" mais uma vez se estendeu até as fronteiras do Friuli na Itália. Por volta de 664, por ordem do rei lombardo Grimoaldo, os avaros atacaram o Friuli e derrotaram e mataram o duque usurpador Lupus do Friuli, provavelmente no vale de Vipava, aproximadamente no mesmo lugar onde o imperador Teodósio (um cristão) tinha derrotado Eugênio, seu rival pagão, em 394. Paulo, o Diácono, lombardo de nascimento, originário de Cividale, que escreveu sobre estes acontecimentos no fim do século VIII, também relata que Arnefrit, filho do usurpador derrotado, fugiu amedrontado de Grimoaldo "para a tribo dos eslavos em Carnuntum, que é erroneamente chamada Carantanum" (*ad Sclavorum gentem in Carnuntum, quod corrupte vocitant Carantanum*).

Embora o termo *Carantanum* não pertença ao tempo que Paulo estava descrevendo, mais ao fim do século VIII, quando ele escreveu sua *História dos Lombardos*, esta é a mais antiga referência inconteste ao nome. O relato de Paulo claramente mostra que o nome tribal dos carantanianos – provavelmente mencionado pela primeira vez por um cosmógrafo anônimo de Ravena como *Carontani* – era derivado do nome regional ou local da área na qual eles viviam. O nome foi originalmente vinculado à área em volta de Zollfeld (*Carentana*) e Ulrichsberg (*Mons Carentanus*), onde ficavam a *civitas Carantana* (Karnburg) e a *ecclesia sanctae Mariae ed Carantanam* (Maria Saal). O nome veio a referir-se afinal a toda a área governada pelo príncipe de Karnburg. O nome não é apenas pré-eslavo, mas também de origem pré-romana; etimologicamente o nome Carantanianos provavelmente significa "o povo de Caranta". A raiz "Kar" é típica da mais ampla área alpino-adriática e também é encontrada em nomes como Carnia e seu derivativo Carníola, assim como no nome Karst[96].

96 Harald Krahwinkler, "Ausgewählte Slawen-Ethnonyme und ihre historische Deutung". In: Rajko Bratoz (ed.), *Slovenija in sosednje dezele med antiko in karolinsko dobo. Zacetki slovenske etnogeneze / Slowenien und die Nachbarländer zwischen Antike und karolingishcher Epoche. Anfänge der slowenischen Ethnogenese 1*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, SAZU, 2000, p. 413-418.

Carantânia

A unidade básica da vida política, social e jurídica, tal como concebida na Alta Idade Média, era a tribo, também referida como o "povo" (*gens, rod´, ethnos*). Pesquisas extensas e detalhadas sobre a etnogênese dos grupos germânicos, eslavos e nômades da estepe, realizadas durante as décadas recentes, indicam claramente que os povos da Alta Idade Média não eram comunidades de origem compartilhada, mas comunidades poliétnicas, identificadas não pelo mesmo sangue, mas por "núcleos de tradições" e por costumes de que tais grupos heterogêneos participaram e reconheceram como sendo próprios deles.

A tribo dos carantanianos era também uma unidade poliétnica. Eles eram, sem dúvida, eslavos – o que equivale a dizer que seu núcleo de tradição dentro desta união poliétnica era definido como eslavo. Os contemporâneos dos carantanianos também os viam como eslavos; por exemplo, o desconhecido autor da "Conversio" escreveu a respeito de "eslavos, chamados carantanianos" (*Sclavi qui dicuntur Quarantani*), que incluíam dois grupos eslavos os quais, ao fim do século VI, tinham migrado para os Alpes orientais vindos do norte e do sul, assim como croatas e dulebs e "romanos" indígenas, como testemunhado por vários topônimos. Tampouco se deveria rejeitar a possibilidade de que também houvesse pouco numerosos grupos de avaros, búlgaros e povos germânicos entre eles[97].

O principado dos carantanianos era a mais antiga unidade política tribal medieval criada na região alpina oriental. No entanto, os carantanianos não podem simplesmente ser equiparados com os eslavos que se assentaram nos Alpes orientais no fim do

97 Para a história da Carantânia, veja: Wolfram, *Salzburg*, p. 73-81, 275-297; Hans-Dietrch Kahl, "Der Staat der Karantanen. Fakten, Thesen und Fragen zu einer frühen Slawischen Machtbildung im Ostalpenraum (7-9 Jh)", (Spplement to Bratoz (ed.), *Slovenija in sosednje dezele*); Peter Stih, "Karantanci – zgodnjesrednjevesko ljudstvo med Vzhodom in zahodom", *Zgodovinski casopis*, nº 61, 2007, p. 47-58.

século VI. Naquele tempo o que é hoje o leste do Tirol e a Caríntia eram geralmente chamados de *Sclaborum Provincia*, a terra dos eslavos. No segundo quarto do século VII, a *Marca Vinedorum*, a Fronteira dos vênetos ou dos eslavos, sob o comando de seu príncipe, Vallucus, representava um nível de organização política mais adiantada. Uma indicação mais clara de uma identidade étnica específica e de organização política é dada pelo termo geográfico que Paulo, o Diácono, usou em 664, *Carantanum*, onde uma tribo específica eslava vivia (*gens Sclavorum*). De todo modo, a etnogênese carantaniana chegou a termo antes da metade do século VIII, provavelmente por volta de 700; aproximadamente em 740, os carantanianos passaram à história em circunstâncias dramáticas que tiveram impacto decisivo no futuro.

Naquela época seu príncipe era Borut e os carantanianos estavam seriamente ameaçados pelos avaros. Achando-se em posição difícil, Borut voltou-se para os bávaros e seu duque, Odilo, para obter ajuda. Eles derrotaram os avaros juntos, embora ao preço de obrigar os carantanianos a se submeterem à suserania dos reis francos. A lealdade dos carantanianos era garantida por reféns, inclusive o filho de Borut, Cacatius (Gorazd), que foram levados para a Baviera e educados como cristãos. Estes acontecimentos decisivos ocorreram antes de 743, pois, nesta ocasião, os guerreiros carantanianos já estavam marchando no exército bávaro contra os francos.

Em 749, após a morte de Borut, os bávaros acederam (depois de pedir permissão aos francos) aos pedidos dos carantanianos para que Gorazd fosse mandado de volta para seu país e se tornasse o novo príncipe. Mas três anos depois Gorazd morreu e foi sucedido por seu primo, Hotimir. Ele foi acompanhado à Carantânia pelo primeiro padre de Salzburg a vir ao território. O papa Zacarias já havia confirmado a subordinação eclesiástica da Carantânia a Salzburg e o seu correlato direito a realizar

missões, durante o reinado do príncipe Borut, e talvez mesmo antes de 743. O bispo de Salzburg nesta época era o erudito irlandês Virgilius (746/747 ou 749 a 784). Hotimir pediu-lhe pessoalmente que viesse à Carantânia em uma missão, mas, em seu lugar, ele enviou o bispo regional, Modestus, como seu enviado (*episcopus missus*). Numerosas igrejas foram consagradas na Carantânia durante a missão de Salzburg, que durou até aproximadamente o fim do século VIII, embora apenas três igrejas consagradas por Modestus possam ser especificamente mencionadas. Modestus permaneceu na Carantânia até sua morte em 763. No entanto, sua morte desencadeou a primeira reação dos carantanianos opostos à fé cristã e ao príncipe tão estreitamente associado a ela. Em 765 houve outra revolta, mas de novo Hotimir rapidamente a esmagou. A morte deste em 769, que pode ter sido ligada a uma mudança na dinastia dos príncipes, levou à terceira e mais violenta revolta e por muitos anos vindouros não houve mais padres na Carantânia. Foi somente com a intervenção militar direta do duque Tassilo III da Baviera que os rebeldes carantanianos foram esmagados em 772 e a ordem precedente restaurada. Este foi um acontecimento com repercussões muito além da região local, os contemporâneos compararam a vitória de Tassilo à destruição por Carlos Magno de *Irminsul*, o santuário saxão.

No entanto, Tassilo tencionara inicialmente resolver a questão pacificamente. Para este fim, em 769, ele estabeleceu um mosteiro em Innichen, na nascente do Drava, fronteira com a Carantânia. O mosteiro tinha uma finalidade explicitamente missionária, "para que os infiéis eslavos sejam trazidos ao caminho da verdade". Tarefa análoga foi confiada ao mais antigo mosteiro carintiano em Mozbichl, perto de Spittal, recentemente descoberto por arqueólogos e muito provavelmente fundado após a vitória de Tassilo sobre os carantanianos em 772, a qual trouxera a longa crise política na Carantânia a termo. O novo príncipe da Carantânia

era Valtunc, agora ainda mais estreitamente ligado à Baviera. Os vínculos com Salzburg foram restabelecidos e, ao tempo da morte de Virgilius em 784, seis grupos de missionários tinham vindo para a Carantânia. O sucessor de Virgilius, Arno, inicialmente continuou a mesma política, mas depois de sua promoção a arcebispo em 798, sua política mudou e, em 799, ele, com o apoio de Geroldo (prefeito e cunhado de Carlos Magno e o homem mais poderoso da Baviera), nomeou um bispo regional, Teodorico, para exercer sua jurisdição na "*Sclavinia*". Isto restaurou a instituição do bispo regional em Carantânia, para a qual Virgilius tinha nomeado Modestus, e que se manteve até a metade o século X, com uma interrupção no terceiro quartel do século IX. A instituição também serviu de modelo para Gebhard, arcebispo de Salzburg, para a fundação da primeira diocese carintiana em Gurk, em 1072.

O papel de Salzburg na cristianização dos carantianos foi decisivo, mas não o único. A fonte favorável a Salzburg, a *Conversio Bagoariorum et Carantanorum*, omitiu a contribuição que outros centros eclesiásticos, tais como Aquileia, Regensburg e, em particular, Freising deram para alcançar este resultado. Os argumentos mais convincentes sugerem que três textos religiosos breves, mas de valor incalculável, foram escritos nas propriedades que Freising possuía na Caríntia, por volta da virada do milênio. Os textos, conhecidos agora como os Manuscritos de Freising (em esloveno *Brizinski spomenik*), são a prova mais importante da missão eslava. Estes três textos eslavos (referidos doravante como FM I, FM II e FM III) estão escrito em minúsculas carolingianas em um só códex latino e estão guardadas em Munique. Eles são os mais antigos textos eslavos em alfabeto latino e faziam parte de um pontifical, um livro litúrgico usado por um bispo. FM I foi provavelmente escrito no período 972-1022/39, enquanto FM II e FM III foram escritos por uma mão diferente, têm data posterior a 977, no tempo do bispo Abraão, que comprou as terras

para a igreja dos missionários de Freising na Caríntia e o grande domínio senhorial de Skofja Loka na Carníola. O local em que os manuscritos foram escritos não foi identificado, mas os principais candidatos são a Caríntia e a própria Freising. Os linguistas modernos algumas vezes se referem à língua dos manuscritos como Esloveno antigo, enquanto os escritores da época se referiam apenas à língua eslava (*língua Sclavanisca*). Em termos de conteúdo, FM I e FM III são fórmulas confessionais gerais, ao passo que FM II é um sermão retoricamente complexo sobre o pecado e um apelo ao arrependimento e à confissão. A forma dos manuscritos conhecidos hoje é produto de ditado ou cópia, enquanto que os originais dos textos remontam ao menos à metade do século IX, embora as hipóteses sobre suas origens e fontes variem substancialmente. No entanto, sem prejuízo das várias teorias sobre os textos, o fato indiscutível é que a versão preservada era usada apenas entre os predecessores dos eslovenos e representam a versão educada de sua cultura na virada do milênio[98].

98 Veja France Bernik (ed.), *Brizinski spomeniki. Znanstvenokriticna izdaja*. Liubliana: SAZU, 1993; Janko Kos, Franc Jakopin & Joze Faganel (ed.), *Zbornik Brizinski spomeniki*. Liubliana: SAZU, 1996.

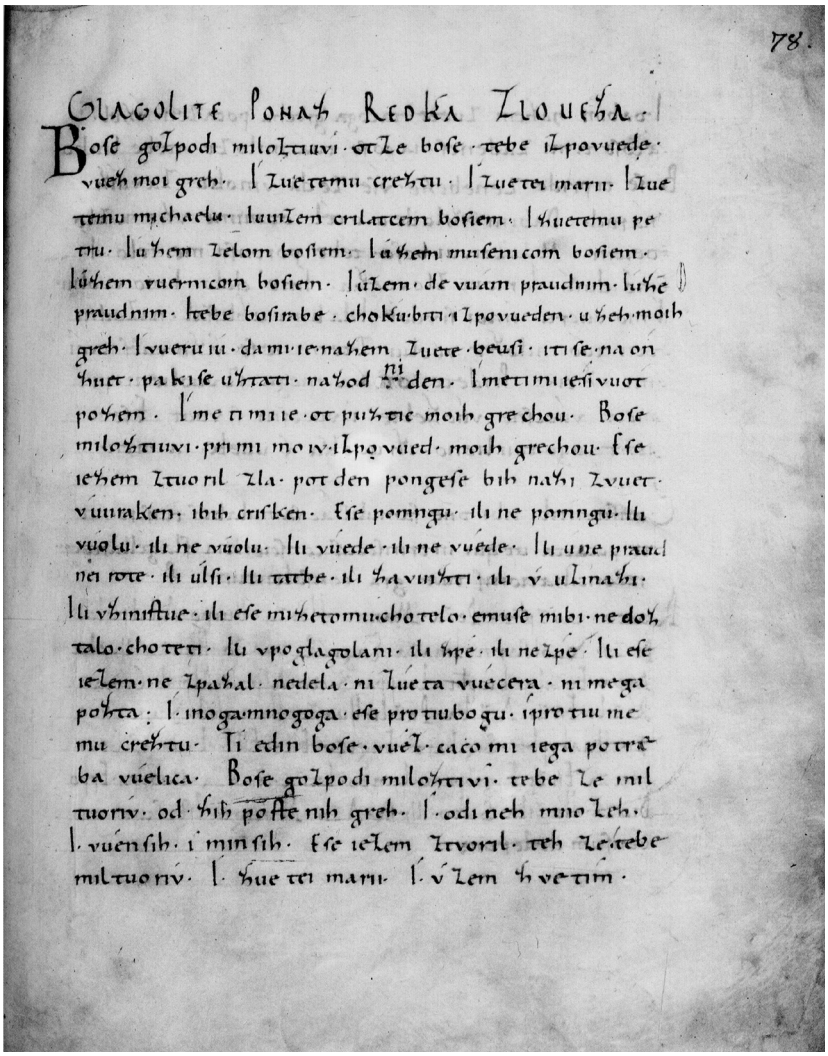

Figura 18. “Diga conosco estas poucas palavras” (“Glagolite ponaz redka zloueza”). Abertura do primeiro Manuscrito de Freising. Bernik (ed.), “Brizinski spomeniki”, primeiro suplemento ilustrado

No começo do século VIII, no máximo, a sociedade carantaniana estava organizada sob a suserania de um príncipe. Em termos de sua posição, um príncipe tribal deste tipo, referido

usualmente como *dux gentis* nas fontes francas, era rei (*rex gentis*). Isto está apoiado pela palavra eslava *knjaz* (*knez* em esloveno), que se refere a um príncipe tribal eslavo da Alta Idade Média e deriva do germânico "kuninggaz" e significava um rei tribal que reinava sobre uma "pequena área". Oito príncipes dos carantanianos da segunda metade do século VIII ao primeiro terço do século IX são conhecidos por seus nomes. Naquele tempo a Carantânia já estava sujeita aos francos e bávaros como um principado tributário ou cliente, um dos muitos que se alinhavam do lado leste da fronteira franca. Internamente, o principado conservava sua constituição tribal, do que era um dos mais claros exemplos a parte mais antiga da cerimônia de sagração do príncipe da Carantânia. Eram os próprios carantanianos, embora com a permissão de seu rei franco, que tornaram Gorazd e depois Hotimir seus príncipes. Os primeiros príncipes carantanianos conhecidos pelo nome eram parentes e a autoridade de príncipe era, portanto, com respeito a eleições (pelo menos formais), hereditária dentro da dinastia reinante. O príncipe carantaniano era instalado em toda sua dignidade em uma cerimônia que incluía seu posicionamento na Pedra do Príncipe, que antes estava situada em um campo militar em Karnburg. A Pedra do Príncipe – na verdade a base de uma coluna jónica invertida para baixo – está atualmente exposta em Klagenfurt e é o mais antigo símbolo preservado de poder em toda a região dos Alpes orientais. Foi, portanto, em uma época muito remota (metade do século VIII) que os carantanianos estabeleceram um modelo constitucional, combinando seus costumes tribais com a autoridade do rei franco, modelo que se tornaria usual no século IX entre as tribos eslavas ao longo da fronteira franca oriental e meridional[99].

99 Veja Peter Stih, "Plemenske in drzavne tvorbe zgodnjega srednjega veka na slovanskem naselitvenem prostoru v vzhodnih Alpah". In: Bogo Grafenauer et al. (ed.), *Slovenci in drzava*. Liubliana: SAZU, 1995, p. 21-45; Katja Skrubej, *"Ritus gentis" Slovanov v vzhodnih Alpah. Model rekonstrukcije pravnih razmerij na podlagi najstarejsega jezikovnega gradiva*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2002, p. 25-40.

Além do príncipe e sua família, havia outra classe de alta posição social, a nobreza. Informações relativas a um período um pouco mais tardio em fontes de Salzburg, Freising e Brixen, são especialmente ricas em detalhes sobre as áreas da Carantânia e das regiões alpinas ocupadas por eslavos. Estas fontes indicam a existência de uma nobreza eslava antes do fim do século VIII e fornecem importantes provas de sua sobrevivência até após o início do período franco. Por exemplo, certo Baaz da Carantânia eslava (*de genere Carontania Sclavaniorum*) legou propriedades que tinha possuído na Baviera para a igreja de Fresing. Há muitas razões em apoio da ideia de que Baaz era descendente de um dos reféns "nobres" que tinham acompanhado o filho e sobrinho do príncipe carantaniano à Baviera em 743. Este e outros exemplos análogos indicam que havia grupos na comunidade eslava que a nobreza das vizinhanças considerava como de suficiente padrão para serem aceitos em seu meio e até em suas famílias.

Uma questão de muita sensibilidade, ainda não esclarecida, em relação com a história social dos eslavos alpinos é a que diz respeito ao grupo conhecido como "kosezi". O grupo era uma característica específica dos eslavos alpinos, pois os lugares onde eles viviam, ou os povoados com nomes relacionados a eles, são encontrados desde o alto rio Enns ao norte e o rio Kolpa no sul, i.e., dentro da área de colonização eslavo-alpina. Eles aparecem relativamente tarde nas fontes escritas, pois a menção mais antiga (*Koséntzes*) data do século X. De acordo com a tradição croata, relatada na *De Administrando Imperio* (obra do imperador bizantino Constantino Porphyrogenetus), Koséntzes era o nome de um dos irmãos que levaram os croatas ao interior das cidades dálmatas. Os germanos chamavam esta classe social de *Edlinger* (povo nobre), enquanto escritores da Aquileia, ligados à tradição lombarda da Friulia, usava o termo *arimanni*, que os lombardos empregavam para descrever uma classe militar especial. Ambos os termos

indicam tratar-se de um grupo social de certa forma privilegiado. No entanto as provas existentes que podem ser seguidas em fontes a partir da Idade Média Central em diante sugerem que a condição social do grupo declinou continuamente. Nos séculos XII e XIII, documentos mostram os *kosezi* ainda apresentados como iguais à classe ministrante, mas, na Baixa Idade Média, eles eram meros camponeses com alguns privilégios especiais. O camponês encarregado de instalar o duque da Caríntia na Baixa Idade Média era um *kosez*. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que a classe *kosevi* remonta à Alta Idade Média. A origem de seu nome – sobre a qual há muitas teorias – não é eslava, ainda que eles fossem um fenômeno eslavo-alpino. Não é possível determinar se apenas o nome foi importado para a área alpina oriental, ou se também o grupo que trazia tal nome. O nome não tem etimologia germânica, nem pode *kosev* ser uma formação derivada de Edlinger. Os *kosevi*, portanto, já existiam quando os bávaros os consideraram nobres durante seus primeiros contatos com os eslavos alpinos. Além disso, a cerimônia na qual um camponês *kosev* no Trono do Príncipe transmitiu simbolicamente o poder sobre o Ducado da Caríntia a um novo duque vestido com roupas camponesas – portanto igual a ele – só pode ter sua origem em tempos pré-feudais. O contato direto entre o *kosevi* e o príncipe carantaniano e/ou o posterior duque carintaniano, e sua vinculação com o serviço militar, torna a teoria segundo a qual eles eram uma forma de escolta militar muito atrativa e bastante aceitável. É claro que há muitas outras explicações possíveis[100].

A Carníola

O principado dos carantanianos, poliétnico, mas predominantemente eslavo, não era a única união tribal que se formou na Alta Idade Média nas áreas habitadas por eslavos nos Alpes

100 Veja Serij Vilfan, *Rechtsgeschichte der Slowenen bis zum Jahre 1941*. Graz: Leykam, 1968, p. 58-62.

orientais. Suas fronteiras se aproximaram da fronteira da província do Noricum Mediterrâneo desde a Antiguidade Tardia.

Isto significa que quase toda a área de população eslava da moderna Eslovênia permaneceu fora das fronteiras da Carantânia. Isto era particularmente o caso do vale do Sava, que era separado dos carantanianos pelas montanhas Karavanke. O vale esloveno do Sava como área foi conhecido na Alta Idade Média pelo nome de *Carníola*. O nome, derivado do nome territorial *Carnia*, significa apenas Pequena Carnia. A pátria ancestral dos carnianos, *patria Carnium*, fica do outro lado do divisor de águas continental, no mundo montanhoso ao norte da planície friula. Não é por coincidência, assim, que um lombardo friulano, Paulo, o Diácono, (escrevendo ao fim do século VIII, mas aludindo a acontecimentos em torno de 740) foi o primeiro a usar o termo Carníola, derivado da terminologia geográfica friulana para descrever a terra eslava (*pátria Sclavorum*) ao leste de Friuli. O nome tribal dos carniolanos (*Carniolenses*) deriva do nome territorial e seu único uso registrado aparece em 820 nos Anais Reais dos Francos (*Annales Regni Francorum*). Todas as fontes da Baixa Idade Média – embora pouco numerosas – que mencionam a Carníola e os carniolanos distinguem claramente entre duas comunidades eslavas separadas, ao norte e ao sul das montanhas Karavanke.

A menção aos carniolanos nos Anais de 820 não foi uma referência de passagem, mas um retrato detalhado do grande processo de estratificação social e étnica que se desenvolvia no antigo território dos avaros. Povos eslavos individuais começavam a se formar durante este período entre a maioria dos eslavos na antiga Avaria – como atestado pelo aparecimento de novos nomes tribais eslavos (checos, morávios, guduscanos, timocianos, abodritas, croatas) ao redor das fronteiras do antigo khaganato. *Carniolenses*, uma tribo eslava separada começou a se formar no vale superior do rio Sava, não mais tarde do que o final do

século VIII, tomando sua denominação, como os carantanianos, da área em que vivia. "A Carníola, terra de eslavos", onde os carniolanos viviam, muito provavelmente tinha uma constituição tribal. E como o termo *dux* é associado com *patria* e *gens*, a figura enigmática de Vojnomir, o Eslavo (*Wonomyrus Sclavus*), dos Anais Reais Francos de 795 pode talvez estar ligada a este retrato de um principado tribal dos carniolanos (como seu *dux gentis*), embora a explicação poderia também ser bastante diferente. O principado dos carniolanos era mais um território tribal eslavo no leste da área alpina, ao lado da Carantânia. Como vizinho próximo a leste de Friuli durante as guerras franco-avaras, a Carníola reconhecia a suserania franca, talvez desde 791 e certamente em 795-796. Desenvolvimentos posteriores indicam que reteve sua constituição tribal, e foi incluída em uma nova e expandida Marcha de Friuli[101].

O Período Carolíngio do século IX

Depois que os francos subjugaram e anexaram o Estado lombardo em 774, eles adquiriram pela primeira vez uma fronteira direta com os avaros. Esta fronteira corria aproximadamente ao longo da separação de águas entre os rios Sava e Soca e a extensa floresta que formavam uma formidável barreira entre a bacia do Liubliana e o Karst[102]. Doze anos mais tarde, em 788, quando Tassilo III (o último príncipe tribal bávaro) tinha sido deposto por Carlos Magno, que sujeitou tanto os bávaros como os carantanianos a seu domínio direto e também trouxe a Ístria Bizantina debaixo da autoridade franca, as duas potências se confrontavam ao longo de uma linha que se estendia do Danúbio ao Adriático. O mesmo ano viu o fim de quase meio século de paz entre os avaros e seus vizinhos ocidentais e as batalhas entre francos e avaros, ao norte

101 Peter Stih, "Carniola, patria Sclavorum", *Österreichische Osthefte*, nº 37, 1995, p. 845-861.

102 NT: Como antes assinalado, a palavra "karst" designa um tipo de solo calcário e poroso, propício à formação de cavernas. Neste caso a palavra é o nome de uma região onde este solo é abundante.

ao longo do baixo Danúbio austríaco e ao sul em Friuli, resultaram nas primeiras vitórias francas. Estas duas áreas foram os trampolins para uma ampla ofensiva em 791, que deu oficialmente início a uma guerra. A principal arremetida franca, comandada pessoalmente por Carlos Magno, deslocou-se ao longo do Danúbio para o rio Raba, ao passo que a frente de batalha meridional, onde os francos investiam pelo vale superior do Sava, era um teatro secundário – em contraste com acontecimentos posteriores, quando Friuli foi o ponto de partida para uma mais ampla ofensiva para o próprio centro do domínio avaro em 795 e 796. O sucesso militar decisivo dos francos ocorreu em 795, quando Erik, o duque de Friuli, mandou seu exército, comandado por Vojnomir, o Eslavo, para a Panônia entre o Danúbio e o rio Tisza, onde eles saquearam o centro de poder de seus adversários, o Anel dos Avaros[103]. A sorte do khaganato avar foi finalmente selada em 796 por outra expedição militar franca na Panônia central, liderada pelo filho de Carlos Magno, Pepino. O poder franco se estendeu bem para o leste, até o Danúbio central. No entanto, a vitória não levou à pacificação imediata das áreas recentemente conquistadas. Em 799, Geroldo e Erik, os dois prefeitos do flanco oriental dos francos, tombaram. O primeiro, responsável pela Baviera, morreu em algum lugar da Panônia, e o segundo, responsável por Friuli e pela parte meridional da fronteira, morreu em uma emboscada perto da cidade de Trsat na Libúrnia, não muito distante do que é hoje Rijeka na Croácia. Em 803 e 811, o exército franco foi novamente obrigado a intervir na Panônia[104].

As amplas faixas de novos territórios francos tinham que ser organizadas administrativamente e eclesiasticamente. A questão eclesiástica foi originalmente focalizada em uma rápida e bem-sucedida missão. Logo no verão de 796, em um acampamento

103 NT: Nome da principal fortaleza dos avaros.

104 Walter Pohl, *Die Awaren*, p. 312-322.

militar franco no Danúbio na Panônia, um grupo de bispos da comitiva de Pepino já estava em discussão sobre o assunto em um sínodo especial ao mesmo tempo em que o avanço militar prosseguia. Este grupo incluía Paulino, patriarca de Aquileia, e Arno, bispo de Salzburg. As principais diretrizes para a cristianização dos avaros e dos eslavos que tinham vivido nos domínios avaros foram influenciadas pelas ideias político-religiosas do erudito anglo-saxão Alcuin de York, amigo do patriarca Paulinus e do bispo Arno. Pepino aproveitou a oportunidade para definir o rio Drava como a fronteira entre as esferas missionárias de Salzburg e da Aquileia na Panônia, e isto foi confirmado por seu pai, Carlos Magno, em 803. Em 811, Carlos Magno também definiu o Drava como a fronteira eclesiástica na Carantânia. Esta divisão estabeleceu a base para a organização eclesiástica do território esloveno por quase mil anos, até as reformas da igreja na metade do século XVIII.

Em contraste com a igreja de Salzburg, que tinha agido com energia para executar suas novas tarefas (como visto pela nomeação de Teodorico, em 799, como bispo regional para a *Sclavinia*), a igreja aquileiana só se dedicou verdadeiramente à atividade missionária depois da morte de Paulinus em 802, durante o tempo dos patriarcas Ursus e Maxentius. Parece também que a missão aquileiana esteve mais focalizada nas regiões eslavas mais próximas do que na Panônia. É possível que a primeira fase de construção da igreja dedicada a Maria na ilha no lago Bled tenha ocorrido neste tempo, o que a torna uma das mais antigas construções eclesiásticas na área missionária da Aquileia. Depois de uma curta crise causada pela rebelião liderada por Luís, príncipe da Baixa Panônia (*Ljudevit Posavski*) – que foi apoiada por Fortunato, patriarca de Grado e opositor de Aquileia – e pela ocupação temporária pelos búlgaros da Panônia em 827-828, uma parte substancial do território missionário aquileiano tinha sido cristianizado pela chegada à Panônia de Constantino (mais

conhecido pelo nome de Cyril) e Methodius, por volta de 860. Contudo, a ascendência da fé cristã sobre a área não seria completa por um longo período, como evidenciado pelas repetidas menções a pagãos ainda bem na Idade Média Central[105].

Estas largas faixas de território recentemente adquiridos pelos francos também precisavam do estabelecimento de uma administração organizada. A sua estrutura aproximada já estava delineada pelas duas rotas principais das ofensivas militares francas contra os avaros, que partiram da Baviera e de Friuli. Foi assim que o Marco Oriental (*Ostarrîchi*, mais tarde Ducado da Áustria) da Baviera e de Friuli foi formado. Numerosas dúvidas neste campo ainda têm que ser esclarecidas, mas o sentido geral da organização franca de sua região sudeste é o que segue. Até no máximo o ano de 803 havia duas prefeituras ao norte do Danúbio: a Baviera e o Marco Oriental Bávaro (*plaga orientalis*). Este último abrangia a Panônia até o rio Raba (e talvez mais adiante), bem como Traun (em terras da antiga Baviera) e a Carantânia. Ao sul, o domínio administrativo do duque de Friuli cobria uma vasta área, desde Friuli através da Ístria e a atual Eslovênia, e se estendia bem a leste entre o Drava e o Sava, talvez tão longe quanto Syrmia. Também incorporou a área mais ampla de Sisak e o interior ocidental da Dalmácia. Durante a rebelião de Luís, Príncipe da Baixa Panônia (819-823), Baldric, duque de Friuli, que foi encarregado de reprimir o levantamento, estendeu seu comando sobre a Carantânia, partes da qual tinham aderido à rebelião. Além dos territórios que estavam diretamente sob a administração das duas prefeituras dos marcos[106], havia muitos principados clientes por toda esta vasta região que guardavam um relativo grau de independência interna sob a suserania franca, formando ao mesmo tempo uma primeira

105 Rajko Bratoz, "La cristianizzazione degli Slavi negli atti del convengno 'ad ripas Danubii' e del concilio di Cividale". In: *XII centenario del concilio di Cividale (796-1996). Convegno storico-teologico*. Tavagnacco, Udine: Atti, a cura di St. Piussi, Arti Grafiche Friulane, 1998, p. 145-190.

106 NT: Marco na acepção de zona fronteiriça.

linha de defesa para o Estado carolíngio. Exemplos desta categoria no Marco Oriental da Baviera são os principados dos carantanianos e, a partir de 805, o dos avaros entre o Danúbio e o Raba. No Marco de Friuli, havia carniolanos vivendo no vale superior do Sava, guduscanos ao longo do rio Gacka em Lika e eslavônios regidos pelo antes mencionado príncipe Luís (Ljudevit Posavski) de Sisak na confluência dos rios Kolpa e Sava[107].

Em 818, o príncipe Luís da Baixa Panônia enviou emissários ao imperador Luís, o Piedoso, com acusações de "crueldade e intolerância" contra Cadaloh, prefeito do Marco de Friuli, e sucessor de Erik (que fora morto em 788). No ano seguinte, o duque iniciou uma revolta aberta (*rebellio Liudewiti*), que logo se transformou em uma guerra (*bellum Liudewiticum*), na qual ele inicialmente logrou vantagem. A união tribal do príncipe Luís, reforçada pelos sucessos militares, teve um impacto integrador nos povos vizinhos, reunindo carniolanos, alguns caratanianos e os timokianos, cuja adesão à rebelião representava uma mudança em seu plano original de abandonar os búlgaros e juntar-se aos francos. Até o bastante desafortunado patriarca de Grado, Fortunato, cuja província eclesiástica na Ístria e Venetia foi dividida entre dois estados em 812 por um tratado franco-bizantino, enviou artesãos e pedreiros ao príncipe Luís, talvez por ordem dos bizantinos. Luís causou danos importantes contra o aliado dos francos Borna, príncipe dos guduscanos (mais tarde príncipe da Libúrnia e Dalmácia), mas também sofreu grandes derrotas depois de um ataque em três frentes dos francos, destinado a destruir os fundamentos econômicos de seu poder. Finalmente ele foi forçado a fugir para o oeste da Dalmácia, onde foi morto em 823[108].

107 Herwig Wolfram, *Grenzen und Räume, Geschichte vor seiner Entstehung. Österreischiche Geschichte 387-907*. Viena: Ueberreuter, 1995, p. 212-225.

108 Harald Krahwinkler, *Friaul im Frühmittelalter. Geschichte einer Region vom Ende des fünften bis zum Ende des zehnten Jahrhunderts*. Viena, Colônia & Weimar: Böhlau, 1992, p. 186-192.

Os aliados carantanianos e carniolanos de Luís batalharam ativamente contra os francos. Em 819 e 820, os carantanianos com frequência – embora sem sucesso – enfrentaram o exército franco ao longo do Drava. Em 820, quase cem anos depois, os "hereges eslavos" demoliram novamente a cela monástica de Maximiliano em Bischofshofen na Baviera. No mesmo ano, Baldric, duque de Friuli, que sucedera Cadolah após sua morte em 819, trouxe novamente os carantanianos e os carniolanos "que vivem ao longo do rio Sava" sob a sua autoridade. Quando alguns carantanianos tomaram o partido de Luís, a autoridade do duque Baldric, a quem o imperador tinha delegado o comando supremo sobre todos os territórios rebeldes, foi estendida sobre a Carantânia, e a Panônia ao norte do Drava ficou sob seu comando. Quando os búlgaros da área de Syrmia ao longo do Drava avançaram para o norte do rio para o território da Panônia em 827 e "baniram os príncipes eslavos, substituindo-os por dirigentes búlgaros", a culpa por este sério golpe foi atribuída a Baldric em uma dieta reunida em Aachen (em 828) e ele foi demitido. A imensa área sob sua autoridade foi divida entre quatro condes.

Os Anais Reais Francos, que descrevem estes acontecimentos, não dão os nomes dos quatro titulares do poder no antigo reino de Baldric, existe assim considerável especulação e um leque de sugestões quanto à identidade dos quatro condes. A reforma de 828 marcou o fim de um processo que tinha se desenrolado por vários anos, o que também levou a mudanças na estrutura administrativa franca no sudeste de seus domínios. Durante a primeira fase da autoridade carolíngia, o conceito de administração e sua correlação com a defesa da fronteira sudeste consistia em cercar o território do estado com uma linha de principados tribais clientes (essencialmente eslavos), que conservariam um relativo nível de independência sob a suserania franca.

A revolta de Luís, que recebeu rapidamente a adesão de vários povos eslavos que tinham reconhecido a suserania franca, indicou claramente a fraqueza deste modelo, pois as tribos eslavas eram demasiado independentes e se mostravam parceiros não confiáveis. A consequência foi que a estrutura administrativa franca ao longo da fronteira começou a substituir o poder tribal. Isto implicava a atribuição a um conde (*comes*) franco de um mandato pelo governante franco para governar em seu nome e, assim, substituir o príncipe tribal (*dux*) e a respectiva constituição tribal. Dois condados foram fundados no território do "khaganato" avaro tributário entre os rios Raba e Danúbio. Na Carantânia, o último príncipe nativo, Etgar, foi substituído pelo conde bávaro Helmwin. Nos anos 830 já houve menção a Salacho, um conde franco da Baviera, nas terras tribais dos carniolanos ao longo do vale superior do Sava. Mesmo os eslavos da Panônia não escaparam a este rebaixamento dos príncipes nativos e caíram sob o domínio dos búlgaros em 827, que substituíram os príncipes por seus próprios dirigentes. Quando os francos recuperaram este território, nomearam Pribina como conde da Panônia (ao norte do Drava) em 847, dando continuidade ao processo que os búlgaros tinham iniciado.

A reforma de 828 aboliu o Marco de Friuli e reduziu muito o seu território, em proveito da Prefeitura Oriental da Baviera. Esta última ficou a partir desta data encarregada da defesa de toda a fronteira sudeste. Ela também incorporou (o condado de) Carantânia, bem como o vale superior do Sava e a Panônia ao norte do Drava. Isto significava que a fronteira italiana foi uma vez mais deslocada para os passos do Karst, como antes da queda dos avaros. A introdução destes condados não afetou os eslavos sob suserania franca na Dalmácia e na Eslavônia, pois seus príncipes tribais continuam a ser mencionados bem além deste período[109].

109 Peter Stih, "Priwina: slawischer Fürst oder fränkischer Graf?". In: *Ethnogenese und Überlieferung*. Viena & Munique: Oldenbourg, 1994, p. 213-215; Herwig Wolfram, *Salzburg*, p. 306-310.

Por volta de 788, a Ístria, uma espécie de ponte entre o oriente e o ocidente, passou da esfera política bizantina para a dos francos. Entre 535 e 544, durante a restauração do imperador Justiniano I (*renovatio imperii*), a Ístria ficara sob domínio bizantino, sob o qual permaneceu sem interrupção pelos dois séculos seguintes. Do ponto de vista administrativo, tornou-se uma província bizantina, governada por um *magister militum*, sujeito ao Exarco da Itália. A migração dos lombardos da Panônia para a Itália, em 568, dividiu a décima região da Itália (Venécia e Ístria) em duas partes: os bizantinos retiveram o controle da Ístria e da área lacunosa de Veneza, enquanto os lombardos mantiveram a parte continental da Venécia. O Cisma dos Três-Capítulos, a que o papa Gregório I (Gregório, o Grande) aludiu diretamente no fim do século VI como o cisma ístrio (*Histricorum scisma, separatio*) acentuou ainda mais a divisão do norte da Itália. Por um curto período entre 751 (ocupação pelos lombardos do exarcado de Ravena) e 774 (o fim do Estado lombardo), os lombardos interromperam o domínio bizantino sobre a Ístria, que afora esta época, durou até 788. A primeira prova da nova situação política é a menção, três anos depois, de um duque da Ístria (*dux de Histria*), que participara de uma expedição militar contra os avaros como vassalo dos francos[110].

Este duque, cujo nome não é citado, talvez possa ter sido o mesmo duque João contra cujo regime as cidades e castelos ístrios protestaram aos emissários de Carlos Magno e de seu filho Pepino em 804. O registro desta Dieta Judicial, que ocorreu perto do rio Rizana no interior de Koper, é não apenas o documento histórico mais importante da Ístria na Alta Idade Média, mas também tem um significado maior no contexto geral europeu, como exemplo das transformações socioeconômicas e étnicas que acompanharam a transferência de um território da autoridade bizantina para a

110 Veja Jadran Ferluga, "L'Istria tra Giustiniano e Carolo Magno", *Arheoloski vestnik*, nº 43, 1992, p. 175-190.

esfera franca e o seu sistema de governo. As principais queixas dos ístrios contra o duque João eram de que ele estava se apoderando dos impostos que as cidades pagavam ao Estado; de que ele estava forçando cidadãos livres ao pagamento de prestações feudais sobre a terra e exigindo deles deveres adicionais; que ele tinha trazido eslavos para territórios urbanos que estavam utilizando terrenos como pastagens para seus animais e cultivando a terra; e que ele introduzira novas formas de administração e nomeara seus próprios comandantes militares (centarcas). Na Dieta de Rizana, João foi obrigado a revogar suas inovações e a garantir que os eslavos permanecessem onde eles não causassem danos às cidades[111].

As mudanças na Ístria sob a nova jurisdição franca, e o consequente descontentamento da população local, eram de maneira geral consequência da guerra entre os francos e os avaros. Com uma duração de mais de dez anos (791-803), a guerra determinou o caráter do que aconteceu na época na região entre a Itália e a região do médio Danúbio: levou o povo e a paisagem à exaustão, exigindo toda a força disponível, a adaptação da economia e a centralização do poder. Mesmo a Ístria não podia evitar estas mudanças e as medidas que eram tão impopulares junto aos habitantes resultavam amplamente da adaptação das instituições e da economia locais às exigências da guerra. Contudo, à medida que crescia a influência franca em Veneza e que Carlos Magno entrou em conflito com os bizantinos, o aumento do descontentamento na Ístria ameaçava desestabilizar toda a região, frustrar os planos francos de tomar Veneza e talvez mesmo prejudicar a sua condição na própria Ístria. Por este motivo, resolver os problemas na Ístria tornou-se prioritário para Carlos Magno no norte do Adriático. A remoção de muitas das medidas do duque João, decidida na Dieta

111 Veja Haral Krahwinkler, "'In territorio caprense loco qui dicitur Riziano', il 'Placito' di Risano nell'anno 804", *Quaderni Giuliani di Storia*, nº 27, 2006, p. 255-330.

de Rizana, acalmou as relações na península. Uma consequência do retorno às antigas instituições e costumes foi que levou muito tempo para a nova ordem franca se estabelecer[112].

Na primeira fase de sua migração, em torno do fim do século VI, os eslavos tinham se estabelecido na Ístria apenas até a grande aresta calcária[113] logo ao sul da estrada Trieste-Rijeka. O saqueio da península pelos eslavos, avaros e lombardos durante aquela época forçou a população a retirar-se atrás das muralhas de cidades e castelos fortificados. Algumas áreas foram abandonadas economicamente. A cortina tinha baixado sobre a riqueza do século VI descrita por Cassiodoro em suas cartas – elogiando uma península rica em vinho, azeite e cereais e afirmando que a Ístria era, com acerto, apelidada de *Ravennae Campania* no sentido de que ela era tão importante para a cidade real ostrogoda de Ravena como Campania havia sido para a Roma imperial. Quando os francos assumiram o controle da Ístria, ao fim do século VIII, a imigração eslava foi fortemente encorajada. Por razões econômicas e provavelmente militares, os eslavos estavam agora chegando a numerosas áreas que tinham sido cultivadas apenas de forma extensiva desde o começo do século VII, para tirar melhor proveito delas e aumentar a renda que iria parcialmente ser destinada aos cofres reais. Estas áreas tinham antes pertencido às cidades (*civitates*), que também eram sedes episcopais, bem como a pequenos castelos (Lat. *castella*, Eslav. k*asteli*), que, com suas terras circundantes, criavam a rede administrativa básica da península.

A ocupação lombarda da península no fim do século VIII significou que os bispos ístrios se acharam em um estado distinto daquele em que se encontrava o seu bispo metropolitano, na

112 Peter Stih, "Istra na zacetku francovske oblasti in v kontekstu razmer na sirsem prostoru med severnim Jadranom in srednjo Donavo", *Acta Histriae*, nº 13/1, 2005, p. 1-20.

113 NT: O texto inglês diz: "as far as the large Karst ridge just south of the Trieste-Rijeka road". Apesar do uso da maiúscula em "Karst", parece mais lógico dentro do contexto usar a acepção relativa ao tipo de solo.

cidade bizantina de Grado. Os lombardos impediam o patriarca de ordenar seus bispos auxiliares ístrios. Isto levou os bispos ístrios a se ordenarem uns aos outros e a existirem por certo tempo como uma igreja autocéfala. A migração lombarda para a Itália em 568 já levara à divisão da província metropolitana do patriarcado de Aquileia em dois estados, bizantino e lombardo. Naquela época, o patriarca de Aquileia, Paulino I, retirou-se para o vizinho castelo lacustre de Grado, que permaneceu em mãos bizantinas. Esta divisão entre estados levou o patriarcado a se dividir, em 607, nos patriarcados de Grado e Aquileia. O primeiro abrangia o território bizantino no Adriático setentrional, enquanto o último operava no território lombardo. Tal como a ocupação lombarda no fim do século VIII, a ocupação franca da península, que foi finalmente confirmada na Paz de Aachen (812) entre Carlos Magno e os bizantinos, levou à separação da província metropolitana de Grado. O sínodo de Mântua em 827 tentou reconciliar a administração do Estado e a eclesiástica e concedeu autoridade eclesiástica sobre a Ístria ao Metropolita de Aquileia, no Friuli franco. Mas apoiado pelos doges de Veneza, o patriarca de Grado, que mais tarde transferiria sua residência para o Rialto e se tornaria patriarca de Veneza, continuou a disputa com Aquileia, que perdurou por séculos antes de se resolver em 1180. Foi só nesta data que o patriarca de Grado abriu mão de sua reivindicação da autoridade eclesiástica sobre a Ístria[114].

Em 840 o imperador franco Lotar e o doge de Veneza acordaram o primeiro tratado conhecido entre Veneza e seus vizinhos francos – com os ístrios e friulanos mencionados em primeiro lugar. Os venezianos se obrigaram a ajudar o imperador "contra as tribos inimigas eslavas", o que lhes permitia o comércio com cidades no Reino Franco da Itália. Os conflitos entre a frota

114 Rajko Bratoz, "La chiesa istriana nel VII e nell'VIII secolo (della morte di Gregorio Magno al placito di Risano)". *Acta Histriae*, nº 2, 1994, p. 65-77.

veneziana e os piratas croatas, que saqueavam as cidades do oeste da Ístria durante o reinado do doge Orso I (864-875), sem dúvida estão relacionados com o objetivo e a tradição criada pelo acima mencionado *Pactum Lotharii*. O pacto de 932 (*promissio*), pelo qual o povo de Koper se comprometia a fornecer um suprimento anual de vinho em troca da permissão de comerciar na Venécia, fornece uma clara imagem da extensão gradual da influência veneziana na Ístria. No ano seguinte, os venezianos acordaram um tratado com o margrave[115] da Ístria, e os representantes de Pula, Novigrad, Piran, Koper, Muggia e Trieste (todos antes fontes de ataques contra as propriedades, navios e pessoas venezianas na Ístria) que permitia a Veneza comerciar com suas possessões ístrias sem obstáculos. A arma eficaz dos venezianos para lograr este acordo foi um embargo comercial – o que mostra como os vínculos econômicos entre a Ístria e Veneza já eram importantes para a vida nas cidades da Ístria na primeira metade do século X. Assim tiveram início os desenvolvimentos que levaram a que todas as cidades do oeste da Ístria (exceto Trieste) tenham caído sob o domínio da República de São Marcos na Alta Idade Média e a uma divisão política da península que duraria até a queda do Estado veneziano, em 1797.

Friuli, como a Ístria, tinha sempre mantido relações com as regiões vizinhas a leste. Aquileia, fundada em 181 a.C., foi o ponto de partida de vias importantes ligando a Itália com a área central do Danúbio. A região manteve os seus laços com o leste tanto durante como depois da Alta Idade Média. Em 568, os lombardos migraram da Panônia para a Itália e fundaram o seu primeiro, e de início o mais importante, ducado em Friuli. Os duques lombardos de Friuli frequentemente adotavam uma política muito independente, insurgindo-se contra a autoridade central do reino em Pávia. Apesar

115 NT: Segundo a definição do dicionário Novo Aurélio de 1999, p. 1286, margrave, do alemão *Markgraf*, 'conde do marco', é o título que outrora se dava aos príncipes soberanos de certos estados fronteiriços da Alemanha.

da fronteira política que separava os lombardos de Friuli dos eslavos e avaros, seus interesses no leste não diminuíram. É este interesse que gerou uma grande quantidade de informações de inestimável valor para a história eslovena, registradas por Paulo o Diácono (de Cividale del Friuli) em sua "História dos Lombardos". Porém, o que restou foi mais do que apenas interesse: houve também contatos tangíveis ligando as duas áreas. Em 611, os avaros saquearam Cividale, levando muitas mulheres e crianças com eles. Uma destas era um antepassado de Paulo, o Diácono, que mais tarde logrou escapar do cativeiro avaro e, chegando exausto ao território eslavo a caminho de casa, foi ajudado por uma velha mulher. Em 664, Arnefrit – filho de Lupus, o rebelde duque do Friuli morto no vale de Vipava – encontrou refúgio político entre os eslavos da Carantânia. Com o apoio deles ele chegou a ter esperança de voltar ao poder em Friuli. Por volta de 737, o duque deposto de Friuli, Pemmo, queria fugir para os eslavos em Carníola. Os lombardos que participaram da rebelião derrotada contra a nova autoridade franca nomeada por Carlos Magno em 776 também encontraram asilo político com os vizinhos avaros e eslavos. Um dos mais proeminentes entre estes fugitivos foi Aio, que mais tarde esteve presente na Dieta de Rizana (804) como conde emissário (*missus*) de Carlos Magno. Pepino "encontrou" Aio em sua campanha na Avaria em 796 e persuadiu-o a juntar-se à causa franca. A unificação política das duas áreas sob domínio franco, a expansão da autoridade dos prefeitos do Friuli bem para o leste e o começo da missão aquileiana foram todos fatores contribuintes para fortalecer as conexões entre a Frulia e seus vizinhos eslavos.

No entanto, enquanto os soldados e missionários viajavam para o leste, os peregrinos se dirigiam a Friuli. A finalidade da peregrinação era chegar até o mosteiro em San Canziano d'Isonzo, a leste de Aquileia, onde, nos tempos francos, havia um evangelho que supostamente continha um autógrafo de São

Marcos, o Evangelista. Nas margens deste códice, conhecido hoje como o Evangelho de Cividale, de acordo com o lugar onde está hoje guardado, estão escritos os nomes de numerosos peregrinos do fim do século IX e do princípio do século X, "que vieram a este mosteiro" das regiões alpinas, adriáticas e do Danúbio. Entre os muitos nomes de distinguidos peregrinos que claramente ilustram o papel de conexão exercido por Friuli na Alta Idade Média, pode-se encontrar, por exemplo, o de Witigowo, um conde na Carantânia em torno de 860, Pribina da Baixa Panônia, assim como Pabo, Richeri e Engilschalk, que foram líderes importantes na prefeitura oriental na mesma época. O códice inclui nomes da Búlgaria, inclusive Miguel – o Khan búlgaro Boris –, que adotou o nome de seu padrinho, o imperador bizantino Miguel III, quando batizado em Constantinopla em 864. Também se encontram os nomes dos imperadores Luís II (850-875) e Carlos III (o Gordo). Em 884, depois de ter acordado um tratado de paz com o rei morávio Svatopluk em Tulln (no Danúbio na atual Áustria), Carlos, o Gordo, viajou pela Carantânia e Friuli até Pávia, o que pode bem ter sido a ocasião em que ele apôs o seu nome. Isso se aplica a Braslav, que era um príncipe eslavo entre o Drava e o Sava ao final do século IX; seu nome também foi escrito no evangelho e ele também havia estado, em 884, em Tulln. Proveniente da Dalmácia, o nome de Trpimir (da metade do século IX), comprovadamente o primeiro príncipe da Croácia, também foi inscrito em uma página do evangelho[116].

Depois da reforma de 828, os territórios conquistados de forma permanente pelos francos em suas guerras com os avaros tornaram-se parte da Prefeitura Oriental da Baviera, portanto, também parte do Reino da Baviera (*regnum*) de Luís, o Piedoso.

116 Uwe Ludwig, *Transalpine Beziehungen der Karolingerzeit im Spiegel der Memorialüberlieferung. Prosopographische und sozialgeschichtliche Studien unter besonderer Berücksichtigung des Liber vitae von San Salvatore in Brescia und des Evangeliars von Cividale*. Hanover: Hahnsche Buchhandlung, 1999, p. 175-236.

O reino estava baseado em uma lei de 817 que dividiu o Estado franco entre os três filhos do imperador (*a Ordinatio Imperii*). A Baviera e os territórios predominantemente povoados por eslavos, que se estendiam ao sudeste, foram dados a Luís, o Germano. Junto com a própria Baviera, era a Carantânia que constituía a base de poder dentro da Prefeitura oriental que permitiu primeiro ao filho de Luís, Carlomano, em 876, e depois ao neto dele Arnolfo, em 887, reivindicar o título de Rei Franco do Oriente. Foi para esta prefeitura oriental, que fora vastamente ampliada em 828, que Pribina, um príncipe eslavo de Nitra na atual Eslováquia, fugiu em 833 do norte do Danúbio com seu filho Kocel e um acompanhamento militar. O fugitivo Pribina foi admitido no Estado franco pelo prefeito do Marco Oriental da Baviera, Ratbod, que o apresentou ao governante franco-oriental, Luís, o Germano, em Regensburg. Sob suas ordens, o príncipe eslavo foi batizado. As excelentes relações de Pribina com a aristocracia franca da Baviera e seus contatos com a igreja de Salzburg datavam de seu tempo de líder pagão de Nitra. Há muitas indicações indiretas de que a mulher de Pribina provinha de uma família bávara nobre de Willeminian. No entanto, o desejo de Pribina de exercer seu próprio poder político e tornar-se um senhor logo o fez entrar em discórdia com o poderoso Ratbod e ele foi forçado a continuar sua fuga. Em companhia de seu filho e de toda sua comitiva, ele foi para o país dos búlgaros – provavelmente para Syrmia. De lá seu caminho o levou ao príncipe eslavo, Ratimir, sucessor do revoltoso Luís da Baixa Panônia. Isto significa que ele estava novamente em território controlado pelos francos e sob a jurisdição de Ratbod, o prefeito. Ratbod investriu contra Ratimir em 838, que se retirou, enquanto o grupo de Pribina se deslocou para o noroeste, cruzando o Sava e entrando na terra governada pelo conde Salacho – i.e. na Carníola, que em 828 era parte da prefeitura oriental da Baviera. A longa odisseia de Pribina terminou quando uma reconciliação

com o seu suserano, Ratbod, foi intermediada por Salacho. Pribina finalmente estabeleceu sua residência na Panônia em 840 quando Luís, o Germano, concedeu-lhe um grande território, a oeste do lago Balaton, ao longo do rio Zala, como feudo.

Após a conclusão vitoriosa das guerras avaras, a Panônia formava a "selvagem fronteira leste" do domínio franco – uma terra que oferecia oportunidades ilimitadas para a afirmação pessoal. Pribina foi um daqueles que exploraram estas oportunidades. Ele construiu sua capital no ponto onde o rio Zala flui para o lago Balaton. O ambiente pantanoso e a natureza fortificada da povoação deram origem ao seu nome, a que as fontes contemporâneas se referem em formas eslavas, alemãs e latinas: Blatenski Kostel, Moosburg e Urbs Paludarum. Blatenski Kostel (que se traduz como "Fortaleza no Pântano") tornou-se o centro das terras senhoriais de Pribina, que começou a "reunir tribos de todos os lados e multiplicá-las naquela terra". Além de grupos de avaros, eslavos e até gépidos[117] já ali assentados, e que tinham sobrevivido ao colapso do "khaganato" avaro, numerosos outros colonos começaram a chegar à Panônia vindos da Carantânia, do mundo eslávico ao norte do Danúbio e da Baviera.

Somente depois que a posição de Pribina se consolidou e as estruturas de poder e de administração da Panônia se haviam estabelecido é que as portas da região foram abertas a Salzburg, que tinha oficialmente ocupado o poder eclesiástico sobre ela desde 796. Pelo menos 17 igrejas foram consagradas no "principado" de Pribina apenas durante o reino do arcebispo Liupram (836-856). A localização da maioria dessas igrejas não pode ser precisada atualmente, mas aquelas que puderam ser localizadas indicam que a autoridade de Pribina se estendia do rio Raba ao norte, a Pecs ao sudeste e Ptuj a oeste. O prêmio pelo sucesso de Pribina

117 NT: Povo germânico aparentado aos godos e finalmente absorvido pelos lombardos. Fonte: Unabridged Merriam-Webster Dictionary, consultado *online*.

na consolidação da Panônia franca e por seu "zelo pelo trabalho em favor de Deus e do rei" veio em 847 quando Luís, o Germano, atribuiu a Pribina autoridade senhorial sobre todas as terras que ele antes tivera como feudos, ao mesmo tempo fazendo-o conde, o que o tornou agente da autoridade do Estado. Apenas as propriedades da igreja de Salzburg estavam isentas da sua autoridade, por causa da imunidade de que a igreja gozava. Esta posição especial de caráter dual – semelhante à condição dos príncipes tribais da Britânia, que também eram condes do Marco da Bretanha – caracterizaria a partir de então a posição de Pribina na Panônia. Além da posição de conde, ele continuou a ser o príncipe de sua tribo. Em um documento de Luís, o Germano, datado de fevereiro de 860, a última aparição documentada de Pribina em vida, ele é descrito como príncipe (*dux*) e seu território como um principado (*ducatus*). Fontes desta época também usam títulos duplos ao se referirem a seu filho, Kocel. Ele é mencionado como conde dos eslavos (*comes de Sclauis*) e como um príncipe da Panônia (*knaz'panonsky*).



Figura 19. Ptuj, panorama com o castelo. Marjeta Cglenecki. Ptuj, starodavno mesto ob Dravi. Maribor: Umetniske kabinet Primoz Premzl, 2008, p. 7

Pribina foi morto em torno de 861 pelos próprios morávios de quem ele tinha fugido muitos anos antes. Sua morte esteve relacionada com turbulentos acontecimentos que estavam sacudindo a prefeitura oriental da Baviera naquele tempo. Em 845, o poderoso prefeito Ratbod foi deposto em razão de deslealdade. Dois anos depois, Luís, o Germano, o substituiu por seu filho Carlomano. Carlomano se encarregou do Marco Oriental (*marchia orientalis*), como o leste da Baviera, entre o Danúbio e o Sava, veio a ser conhecido, aplicando uma política vigorosa e muito independente. Em 858, ele selou a paz e formou uma aliança com o príncipe da Morávia, Rastislav. Tendo reforçado sua retaguarda, Carlomano começou a resistir abertamente a seu pai. A fim de criar um reino (*regnum*) completamente independente, entre 857 e 861 ele afastou do Marco Oriental todos os condes ainda leais a Luís, o Germano, e ocupou a "fronteira da Panônia e da Carantânia" com seus próprios aliados. A primeira vítima desta política foi Pabo, o conde da Carantânia, que foi forçado a sair de Salzburg. Seus outros pares condes não se saíram melhor. Os que se retiraram incluem o conde Witigowo, também da Carantânia, Richeri, conde da região de Szombathely, e provavelmente também Kocel, que é mencionado como estando presente na cidade real de Regensburg na primavera de 861. O pior destino foi reservado a Pribina – o mais leal a Luís, o Germano – que foi morto[118].

Como parte de sua primeira tentativa para reaver o território perdido, Luís, o Germano, concedeu extensos domínios dentro do território de seu filho rebelde à igreja bávara e a nobres. A mais importante doação foi a que a arquidiocese de Salzburg recebeu em novembro de 860. Com esta "Carta Magna", Salzburg adquiriu inúmeros palácios (*curtes*) – i.e., propriedades organizadas para uso econômico – que se estendiam de Melk, no Danúbio,

118 Peter Stih, "Priwina", p. 214-222; Herwig Wolfram, *Salzburg*, p. 321-330.

cruzando a atual Baixa Áustria, Burgenland e as terras húngara a oeste do lago Balaton e às antigas terras da Carantânia. Este documento também dá mostra da crescente importância política e econômica da Carantânia dentro do Marco Oriental. Os esforços de Carlomano para alcançar independência política foram acompanhados de uma tentativa malsucedida de Osvaldo, um bispo regional da Carantânia, de talhar uma província eclesiástica independente de Salzburg, ou ao menos é o que se infere de cartas que foram endereçadas diretamente ao papa Nicolau I (858-867) para passar por cima de seu superior, o arcebispo de Salzburg. Apesar do fracasso da tentativa de Carlomano – em 865, seu filho revoltoso foi finalmente trazido de volta ao rebanho por seu pai –, a condição especial da Carantânia continuou a ser reconhecida enfaticamente sob o reinado carolíngio de Carlomano e depois no de seu filho Arnolfo.

Adalvino, o arcebispo de Salzburg, e o conde e príncipe da Panônia, Kocel, celebraram o Natal de 865 juntos na capital de Kocel, o que é uma clara mostra de que a situação política no leste havia se acalmado, mas isto não deveria durar. Desde 863, dois eminentes missionários bizantinos, os irmãos Constantino e Methodius de Tessalônica, vinham operando no norte do Danúbio, na Morávia. Ambos os irmãos, de grande cultura, já se tinham comprovado como missionários na Khazaria, na Crimeia, e tinham familiaridade com a língua eslava de sua pátria macedônia. Isto levou Constantino a criar um alfabeto eslavo, o glagolítico[119], que eles usavam para escrever suas traduções de textos litúrgicos. Na Morávia, eles instituíram uma liturgia eslava, mas a resistência dos sacerdotes francos adeptos da liturgia latina levou Constantino e Methodius a se retirarem, em 867 ou antes, da Morávia pelo Danúbio para Kocel, "que apreciou muito os livros

119 NT: Alfabeto baseado em minúsculas gregas antes usado para escrever algumas línguas eslavas. Fonte: "The New Oxford American Dictionary".

eslavos". Dali, no mesmo ano, eles partiram para Veneza, antes de, a convite do papa Nicolau I, passarem por Roma, onde foram recebidos por um novo papa, Adriano II (867-872). Os interesses dos dois irmãos combinavam com a nova política da cúria romana para o oriente. Roma reivindicava uma jurisdição eclesiástica irrestrita sobre todo o antigo Illyricum, o que incluía a Panônia, e apoiava separar, da província metropolitana bávaro-carantiana-panoniana com sede em Salzburg, uma arquidiocese especial para a Panônia, diretamente subordinada ao papa. Em fevereiro de 869, Constantino, que tinha entrado para um mosteiro e adotara o nome de Cirilo, morreu em Roma. No mesmo ano, o papa enviou Methodius "aos eslavos", aos príncipes de Rastilav, Svatopluk e Kocel, como bispo e legado papal "aos eslavos". Os antigos inimigos se uniram em torno da questão de uma igreja independente eslavo-bávara. Methodius visitou apenas Kocel, que o mandou de volta a Roma; o papa então o tornou arcebispo da Panônia ao norte do Drava e da Morávia, dando-lhe o título de metropolita de Sirmium.

O sucesso do trabalho de Methodius e de seus seguidores na Panônia de Kocel foi tão notável e alcançado em tão pouco tempo (869-870) que a igreja de Salzburg teve que se retirar depois de uma presença que durara mais de três quartos de século, uma vez que "Methodius suplantou a língua latina, o ensino romano e as bem conhecidas letras romanas". Isto não poderia ter acontecido sem o apoio político explícito de Kocel. A decisão do príncipe de apoiar Methodius representava uma completa ruptura com a política pró-franca de seu pai e foi exclusivamente graças a Kocel que a missão eslava permaneceu ativa, apesar de sérias ameaças de 870 a 873. Em 870, os opositores de Methodius na Baviera o prenderam e, em um sínodo realizado perante Luís, o Germano, em Regensburg, o declararam culpado de intromissão em uma diocese estrangeira. Isto foi provavelmente o que provocou a elaboração do trabalho sobre a Conversão dos Bávaros e Carantanianos (*Conversio Bagoariorum*

et Carantanorum), um registro do que a igreja de Salzburg tinha logrado na região e, ao mesmo tempo, um dossiê acusatório contra Methodius. Como o estatuto da província metropolitana bávara na Carantânia era firme, uma vez que três papas no fim do século VIII tinham confirmado a jurisdição de Salzburg sobre a área, o documento era uma tentativa de retratar a missão panônica como continuação da missão carantaniana, a fim de dar legitimidade às aspirações de Salzburg sobre a Panônia. A *Conversio*, embora também forneça informação preciosa sobre a antiga história da Carantânia, foi um meio de Salzburg para atingir seus objetivos na Panônia. A captura de Methodius coincidiu com mudanças no clima político, uma vez que se deslocou gradualmente para o lado de Carlomano e traiu seu tio Rastislav para alcançar a senhoria sobre os morávios. Foi somente graças à vigorosa intervenção do papa João VIII que a libertação de Methodius foi conseguida em 873. Ele tinha convivido com Kocel, que foi assim objeto de ameaças dos bispos bávaros. É bem provável que depois de 874, quando os francos e morávios, antes inimigos, haviam alcançado um *modus vivendi* com a Paz de Forchheim, Methodius tenha mudado para a Morávia, onde trabalhou até sua morte em 885. Kocel não pôde manter sua posição dentro da Panônia franca. Ele é mencionado pela última vez em 874, quando o arcebispo Theotmar de Salzburg consagrou sua igreja em Ptuj. Por volta de 876, ele desaparecera dos registros históricos e o filho de Carlomano, Arnolfo, tinha assumido o controle da Panônia[120].

Em 871, Luís, o Germano, colocou a administração dos condados do Danúbio na fronteira com a Morávia nas mãos do margrave Aribo. Isto mudou a estrutura de poder que tinha vigorado desde 828, quando o governo de todo o Marco Oriental fora unificado nas mãos de um prefeito ou de um príncipe real. No mais tardar, em 876, depois da morte de Luís, o Germano,

120 Veja Franz Grivec, *Konstantin und Method. Lehrer der Slawen*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1960.

Arnolfo tinha assumido o senhorio dos domínios orientais de seu pai Carlomano. Isto incluía a Carantânia, a Carníola e partes da Panônia ao norte do Drava (a Panônia de Kocel), bem como ao sul daquele rio, onde o príncipe eslavo e vassalo franco Braslav – equiparando-se à tradição de Luís, duque da Baixa Panônia (Ljudevit Posavski), e de Ratimir – tinha o seu *regnum*. Os condados ao longo do Danúbio foram excluídos deste complexo. Por volta de 884, de acordo com os "Anais de Fulda", estas terras eram conhecidas como o "reino de Arnolfo". A Carantânia representava o centro do poder de Arnolfo. Daí em diante, Arnolfo conseguiu adquirir não só o senhorio sobre a Baviera (depois de 880), mas também, em 887 – com ajuda militar de bávaros e eslavos – o senhorio sobre o Reino Franco Oriental. Mesmo depois desta época, Arnolfo permaneceu estreitamente ligado à Carantânia. Ele celebrou o Natal de 888 em Karnburg, antiga sede do príncipe da Carantânia. Depois de 887, quando Arnolfo tornou-se rei do Reino Franco Oriental, membros da alta nobreza bávara assumiram o poder na Carantânia como condes. Entre eles estiveram Luitpold, parente de Arnolfo pelo lado materno e fundador da dinastia ducal bávara, os Luitpoldinenses. Ele é primeiro mencionado como margrave na Carantânia em referência a um presente de 895, com o qual Arnolfo transformou a terra de Waltuni – um antepassado de Santa Emma – na atual Caríntia e Estíria austríacas e, possivelmente Carníola, de uma possessão feudal em propriedade alodial[121].

Em 828, a administração pelos condes francos substituiu a constituição tribal da Carníola. Por volta de 838, a área, que fazia parte da prefeitura oriental bávara, era governada pelo conde bávaro Salacho. No entanto, só o seu sucessor, Ratoldo, na década final do século IX, é considerado como tendo atuado como um

121 NT: Alodial: Relativo a "alódio", propriedade ou bens isentos de direitos senhoriais. Fonte: Novo Aurélio, p. 103. Heinz Dopsch, "Arnolf und der Südosten – Karantanien, Mähren, Ungarn". In: Franc Fuchs & Peter Schmid (ed.), *Kaiser Arnolf. Das ostfränkische Reicham Ende des 9. Jahrhunderts*. Munique: C. H. Beck, 2002, p. 143-185.

conde com jurisdição sobre a bacia eslovena do rio Sava, onde, em 895, Waltuni também tinha duas herdades, compreendendo três mansões reais (*regales mansus*) na área Brestanica – Richenburg, nome que tem acepção de "poderosa fortaleza" na margem esquerda do rio Sava e a propriedade de Krsko (Gurcheuelt) na margem direita, ambas as quais ficavam no Marco ao longo do Sava (*Marchia iuxto Souwam*). No entanto, as últimas pesquisas indicam que esta seção do documento do rei Arnolfo, que poderia fornecer o primeiro indício tangível de feudalismo no território esloveno ao sul do Drava, foi forjado, e é, portanto, sem valor. O castelo de Brestanica (Rajhenburg), que controla o cruzamento do Sava e a estrada ao longo do rio, foi assim provavelmente fundado apenas depois do fim das incursões magiares, depois da metade do século X[122].

No último quarto do século IX, a Panônia ao norte do Drava, onde o processo feudal tinha começado no tempo de Pribina, atravessou um período difícil. Uma guerra sangrenta, que durou três anos (882-884), eclodiu entre Arnolfo e Svatopluk da Morávia. Durante esta guerra, a Panônia e as localidades ao longo do Danúbio foram as que mais sofreram. Lá, Svatopluk "trucidava com fúria assassina como um lobo e destruía muito com ferro e fogo". Depois disto, o analista que relata estes acontecimentos fala apenas da "outrora feliz Panônia". A paz alcançada por Arnolfo com Svatopluk (885) ajudou-o a assumir o poder sobre o Reino Franco Oriental (887). Cinco anos mais tarde, Arnolfo decidiu atacar Svatopluk e, no verão de 892, ele pilhou a Morávia com os seus contingentes francos, bávaros e alamanos. Ele foi também apoiado pelos nômades magiares, que eram vistos no ocidente como os novos avaros.

As fontes ocidentais (francas) registram pela primeira vez os magiares – antepassados dos atuais húngaros – em 862, quando eles

122 Veja Herwig Wolfram, *Salzburg*, p. 100-102; Hans-Dietrich Kahl, "Der Staat", p. 325-332.

estavam provavelmente envolvidos nos acontecimentos turbulentos na bacia do rio Danúbio relativos ao levante de Carlomano e os movimentos de Rastislav para conseguir a independência. Eles tinham ingressado na região de forma definitiva por volta de 881, quando combateram contra o exército bávaro em Viena. Em 894, o ano em que o príncipe morávio Svatopluk morreu, eles cruzaram o Danúbio e "devastaram toda a Panônia, causando a sua destruição". Isto transformou os magiares de aliados de Arnolfo em seus inimigos, ameaçando a própria existência da Panônia franca. A situação tornou-se crítica logo depois, quando os magiares ocuparam a bacia da Panônia entre os rios Tisza e Danúbio. Em 896, Arnolfo fortaleceu a defesa na fronteira franca do sudeste dando a Panônia a Braslav, um príncipe eslavo vassalo dos francos, que possuía terras entre o Drava e o Sava na atual Eslavônia[123]. Isto trouxe um imenso território, que alcançava de Sisak no sul ao Danúbio no norte, ao comando deste ardente fiel de Arnolfo, que já tinha participado em preparativos para a guerra na Morávia em 892. A capital eslovaca de Bratislava é provavelmente citada pela primeira vez em 907 como "Castelo de Braslav" (*Brezalauspurc*). Porém a atividade de Braslav e as medidas defensivas de Arnolfo não conseguiram deter os cavaleiros magiares. O principal objetivo deles era a Baviera e o rico norte da Itália, que eles alcançaram por primeira vez em 899. No ano seguinte eles também pilharam o território bávaro a oeste do rio Enna e a Caríntia logo depois. Naquele tempo, eles já tinham provavelmente ocupado a Panônia franca em volta de Blatenski Kostel, enquanto a administração franco-bávara resistia firmemente na área do Danúbio a oeste de Mautern perto de Krems. Este era o posto mais distante do regime alfandegário inaugurado (entre 904 e 906 em Raffelstetten, perto de Sankt Florian) por ordem de Luís, a Criança, filho de Arnolfo e o último governante carolíngio do Reino Franco Oriental.

123 NT: Região da Croácia que leva este nome.

No entanto, a devastadora derrota bávara em Bratislava no começo de julho de 907 levou à queda do poder carolíngio no sudeste. A área panônica do Danúbio até Enns caiu sob o controle magiar, enquanto o território esloveno ao longo da antiga estrada ítalo-panônica tornou-se uma rota de trânsito para as incursões magiares na Itália e entrou em caos. Os cavaleiros magiares atravessaram o território magiar mais de 25 vezes, antes de sofrer uma derrota decisiva em Augsburgo em 955 que marcou o fim de suas pilhagens e o começo de sua adaptação às formas ocidentais de vida. A povoação de Vogrsko, perto da atual Nova Gorica na fronteira ítalo-eslovena, é uma lembrança dos magiares (conhecidos também como *ogri*), uma versão eslava de um dos nomes dados aos magiares. Topônimos semelhantes permaneceram em Friuli, que estava na rota das incursões magiares e foi também destruída durante seus ataques. Na primavera de 1001, o imperador Otto III doou ao patriarca de Aquileia "metade do castelo chamado Solkan e metade da aldeia chamada na língua eslava de Gorica (Gorizia)", mencionando especificamente os danos causados pelos magiares. A outra metade foi doada ao conde Werihen no mesmo ano. No fim do século X, e ainda mais no século XI, um período de grande renovação de Friuli sob a liderança dos patriarcas de Aquileia, houve um afluxo numeroso de colonos eslavos que chegaram à Friuli vindos da Carníola e provavelmente também da Caríntia. A primeira prova destes novos imigrantes data de 1031, quando o povoado de Mereto di Capitolo perto da atual Palmanova foi aludido como a "aldeia dos eslavos" (*Villa Sclavorum*). A maioria romana predominante tinha assimilado estes colonos até o fim da Idade Média, mas traços deles permanecem em Friuli em nomes de localidades como Sclavons ou Belgrado[124].

124 Veja Jochen Giesler, *Historische Interpretation*, v. 2 de *Der Ostalpenraum vom 8. bis 11. Jahrundert. Studien zur achäologischen und Schiriftlichen Zeugnissen*. Rahden/Westf: Verlag Marie Liedorf, 1997, p. 55-76.



Figura 20. A mais antiga ilustração da cerimônia de entronização de um príncipe carantaniano figura na "Österreichische Chronik von den 95 Herrshaften" de Leopoldo Stainreuter; seu original está guardado na Biblioteca Municipal, em Berna, Suiça, Cod. A. 45, de c. 1480. Peter Stih, Ustolicevanje koroskih volvod: najstarejsa upodobitev 1480. Liubliana: Slovenska knjiga, 1999, p. 9

CAPÍTULO 3

FEUDALISMO

Reorganização dos marcos e a mudança das fronteiras étnicas e linguísticas

Pouco depois de derrotar os magiares, o Império Romano-Germânico restaurado continuou a se expandir para o sudeste. Em termos socioeconômicos, a restauração não poderia simplesmente retomar o processo de onde ele havia terminado sob o domínio dos carolíngios, porque a ordem carolíngia tinha se rompido totalmente durante as incursões magiares ao sul das montanhas Karavanke, enquanto o restante da população tinha se apegado aos velhos costumes eslavos. Toda a região dos Alpes orientais foi de novo dividida em um ducado e vários marcos. Ao longo do Danúbio, o Marco Oriental foi restaurado para assegurar a defesa contra os magiares. A unidade mais importante era o ducado da Carantânia, uma parte do ducado da Baviera. Esta última foi unida em 952 aos marcos de Friuli e Verona. O ducado da Baviera cobria assim toda a região habitada pelos antepassados dos atuais eslovenos. O rei Otto I instalou seu irmão, Henrique I, como o primeiro governante deste "superducado". Ele foi sucedido por seu filho menor de idade Henrique II, mas o país inteiro era na realidade dirigido por sua mãe

Judite, filha do antigo conde da Baviera, o duque Arnolfo. Em 976, Henrique II rebelou-se contra o imperador Otto II e foi substituído; a Carantânia, ao mesmo tempo, foi destacada da Baviera para tornar-se um ducado independente. Este novo ducado manteve seus marcos, do curso médio do rio Mura até Verona. Isto era muito importante para a situação política no norte da Itália, onde o reino itálico já estava se desintegrando em uma série de entidades políticas menores e antagônicas entre si. Uma Carantânia grande assegurava não só a defesa das fronteiras sudeste do império, mas também a manutenção dos vínculos com a ainda extremamente importante península italiana. Consequentemente, até o século XV, as regiões do norte da Itália eram muito mais estreitamente ligadas ao império do que com a parte meridional da península. Esta conexão expunha a região dos Alpes orientais aos severos efeitos da agitação política e social, tais como a Controvérsia das Investiduras[125] e a luta entre o papado e o império até o século XIII. Compreensivelmente, o amplo e heterogêneo ducado da Carantânia não podia lograr uma união política, o que causou sua rápida dissolução. Em 1002, o rei desmembrou os marcos do ducado entre os rios Mura e Sava, que tinham sido estabelecidos depois de 955 durante as ofensivas contra os magiares. O marco que cobria o território entre Bruck an der Mur e Radgona, mais tarde conhecido como o "Marco Carantaniano", foi mencionado pela primeira vez em 970; o "Marco de Drava", entre o maciço de Pohorje e Ptuj, e o "Marco Savinja", entre as bacias dos rios Savinja e Krka, foram mencionados pela primeira vez em 980. A atual Carníola Superior e a Carníola Interior pertenciam ao "Marco da Carníola" com seu centro em Kranj, primeiramente registrado em 973. A parte oriental do "Marco Friulio" incorporava a bacia superior do rio Soca

125 NT: Disputa complexa e grave que opôs o Papado e o Sacro Império Romano-Germânico nos séculos XI e XII sobre a questão de quem tinha a autoridade suprema sobre a nomeação de bispos. A controvérsia foi resolvida definitivamente na Concordata de Worms de 1122, pela qual caberia ao papa a investidura espiritual dos bispos e ao imperador investidura temporal. Fonte: <pt.wikipedia.org/wiki/Questão_das_investiduras>.

e o vale de Vipava, o "Marco Ístrio" abrangia a península ístria e a região de Karst e se estendia até o sul de Postojna. Mais tarde, os marcos foram transformados nas províncias da Caríntia, Estíria, Carníola, Gorizia e Ístria, mas estas tinham extensões diferentes e estavam investidas com direitos distintos. A ordem feudal ocidental somente pôde ser restaurada nestas províncias por meio de políticas planejadas de colonização e pelo desenvolvimento de uma rede de propriedades feudais. Nos Alpes orientais, as propriedades feudais começaram a se desenvolver no século IX, mas ao sul das montanhas Karavanke seu número cresceu só no final do século, quando Arnolfo começou a atribuir terras da coroa como feudos ou como alódios. O enfoque usado para restaurar a ordem feudal era bastante simples: como a terra nas regiões recém-liberadas era abundante durante os séculos X e XI, o rei distribuía feudos a seus súditos mais leais. Portanto, não é surpreendente que durante a "Controvérsia das Investiduras", algumas décadas mais tarde, estes senhores proprietários, e até o patriarca de Aquileia, eram normalmente aliados confiáveis do império; não foi antes de 1100 e a morte do imperador Henrique IV que o partido papista predominou nos Alpes orientais. O duque da Caríntia, em contraste, não pôde contar com a lealdade dos senhores seculares ou dos margraves, porque eles eram invariavelmente vassalos do rei. Na realidade, não menos de três duques carintianos nomeados pelo imperador na metade do século XI não puderam entrar na Caríntia devido à oposição da alta nobreza.

Os primeiros a receber generosos presentes reais eram as dioceses. Não era por coincidência: nos sistemas administrativos das dinastias otonianas e salianas, as (arqui) dioceses forneciam o mais confiável apoio ao governante. Além das tarefas pastorais, eles também desempenhavam várias funções importantes de natureza política, judicial e econômica. O rei lhes prestava apoio proporcional, assim as propriedades da igreja podiam abranger várias centenas de quilômetros quadrados, incluindo terras nos novos marcos

– uma quantidade de terra verdadeiramente substancial, dada a diversidade topográfica da região. Uma das mais antigas grandes propriedades na Carantânia pertencia à arquidiocese de Salzburg (a partir de 860). Na metade do século XI ela tinha obtido as estradas de conexão e seus arredores em Ptuj um uma grande área contínua de terra na bacia inferior do Sava. A diocese de Freising recebeu do imperador Otto II em 973 um território inteiro na Alta Carníola ocidental, que mais tarde veio a ser a propriedade de Skofja Loka; por volta do século XI a arquidiocese tinha recebido outras grandes propriedades na Caríntia e na Ístria. A partir de 1004, a diocese de Brixen no Tirol desenvolveu sua própria herdade tendo Bled como centro. O imperador Otto III doou ao patriarca de Aquileia metade das terras entre o rio Soca, o vale Vipava e o altiplano de Trnovo em 1001; a Carníola Interior foi acrescentada em 1040. Os senhores eclesiásticos tinham poder público (judicial) em suas propriedades e gozavam de imunidade em relação às cortes seculares; eles eram os esteios do imperador sempre que ele precisava conter os ímpetos de autonomia dos duques e margraves[126]. O patriarca de Aquileia foi o que mais se beneficiou desta situação: em 1077, o imperador Henrique IV deu-lhe os marcos da Ístria, Friuli e Carníola. O patriarca tornou-se, em consequência, nominalmente a segunda autoridade depois do imperador e o príncipe secular no controle destas entidades, bem como chefe de toda a sede metropolitana.

A generosidade do soberano também tornou o sudeste do país atraente para a nobreza secular. A perspectiva de galgar rápidos avanços políticos e sociais despertou o interesse da alta nobreza das partes centrais do império no século XI. Eles não tornavam seus novos territórios em residências permanentes,

126 Peter Stih, "Ursprung und Anfänge der bischöflichen Besitzungen im Gebiet des heutigen Sloweniens". In: *Blaznikov zbornik / Festschrift für Pavle Blaznik; Loski razgledi*, ed. Matjaz Bizjak. Liubliana & Skofja Loka: Zalozba ZRC, 2005, p. 37-54.

mas mantinham um olhar vigilante sobre a colonização intensa, o crescimento de possessões alodiais, as funções públicas desempenhadas e a soberania judicial adquirida. Da Saxônia veio a família Weimar-Orlamünde, que por décadas antes de 1077 havia exercido controle sobre a Ístria e a Carníola. Os Eppensteins e os Spanheims, ambos do ducado da Francônia, tornaram-se duques hereditários na Caríntia: o primeiro obteve propriedades ao longo do curso superior do rio Mura no que é hoje a Estíria austríaca e o segundo, no território nos arredores mais distantes de Maribor, na Caríntia Central, ao longo do curso inferior do rio Savinja, e na bacia de Liubliana. Do século XII em diante eles adicionaram os territórios em torno de Kostanjevica na parte sudeste do império que obtiveram através de guerras e colonização por conta do Reino da Croácia.

No entanto, a maioria dos nobres vinha da Baviera. Os senhores de Auersperg podem ter se estabelecido na Carníola Interior desde o século XI. Os condes de Bogen e os Andechs se assentaram na região desde cedo no século XII. Depois que a maior parte da propriedade dos Weimar-Orlamünde foi dividida, os condes de Bogen receberam as regiões no oeste da Carníola em torno de Vipava e na Baixa Carníola, enquanto a família Andechs obteve terras no centro da Carníola Superior.

No século XII, a família Andechs adotou o título "*dux Meraniae*", nome da pequena região no golfo de Kvarner. Outros nobres de alta categoria que chegaram durante o começo do século XII eram também de origem bávara: os senhores de Zovnek (Alem: Sannegg), que se fixaram na região superior do Savinja, os condes de Ortenburgo, na Caríntia, e os senhores de Ptuj (Pettau), que, como clérigos ministrantes[127] da arquidiocese de Salzburg,

127 NT: O texto inglês usa a expressão "as the ministerials of the Archdiocese of Salzburg". O dicionário Merriam-Webster Unabridged define "ministerials" como "an administrative household officer under the feudal system". Por sua vez, o Novo Aurélio, p. 1340, define "ministrante", na segunda

administravam suas propriedades na bacia do Drava e ao mesmo tempo se expandiam para o leste através da fronteira por sua própria conta. Os Trangaus (Otogars), margraves do Marco Carantaniano, também provinham da Baviera, tal como os condes de Gorizia, que no começo do século XII adotaram este nome conforme a sede de suas propriedades no Friuli oriental ao longo do curso médio do rio Soca. A família nobre mais importante dos Alpes orientais até o fim do século XII descendia da condessa Hemma de Friesach na Caríntia. No começo do século XI, sua família manteve por várias décadas o vasto território unificado que resultou do que foi herdado pelo lado de Hemma (a dinastia Luitpolding e a linhagem eslava de Svetopolk e Preslav) e, pelo lado de seu marido, Guilherme II, margrave do marco da Savinja (herdeiros desde o século IX da mulher do conde Pribina). O seu território unificado se estendia de Friuli ao rio Sotla (na fronteira com a Croácia) e do Danúbio ao rio Krka na Baixa Carníola. A parte central, alodial, da propriedade no vale do Savinja quase correspondia às fronteiras do marco de Savinja (Alem: Mark an der Sann, Mark in der Sanntal). Guilherme foi morto em 1036 e seus dois filhos morreram, após o que Hemma tornou-se uma das mulheres mais ricas de seu tempo. Em 1043, ela fundou um convento em Gurk na Caríntia e o dotou de valiosas terras. O arcebispo de Salzburg dissolveu o convento em 1072 e estabeleceu no mesmo lugar a primeira diocese sufragânea[128] nos Alpes orientais, que logo se tornou uma dos maiores proprietários territoriais: possuía propriedades na baixa Estíria (a bacia do Sava, o vale do Savinja e a bacia do Sotla) e na Baixa Carníola (no rio Krka). O restante das propriedades de Hemma foi divido depois de sua morte entre o ramo Ascuin de sua família (mais tarde os senhores de Attems, Plains, Prisis, condes de Weichselburg, etc.)

acepção como "pessoa que é ministrante; serventuário" o que parece corresponder a esta categoria, espécie de incipiente núcleo de servidores públicos.

128 NT: Refere-se a uma diocese subordinada a um arcebispo metropolitano. Fonte: Novo Aurélio, 1899.

que praticamente haviam desaparecido por volta do começo do século XIII[129].

Portanto, pelo fim do século XI a estrutura básica da propriedade rural tinha sido estabelecida através das regiões da Eslovênia, ao mesmo tempo em que as terras da coroa tinham quase desaparecido. Os senhores feudais constituíam uma eficiente estrutura subalterna de governo, que proporcionava uma estrutura econômica. Por outro lado, a rede de propriedades, e assim as fronteiras das províncias, mudavam continuamente conforme as novas doações feitas pelo rei. Os nobres eslovenos pré-feudais tinham exercido controle sobre suas propriedades a partir de mansões fortificadas (com muralhas de madeira) chamadas "dvori" (*curtis*). Quando a propriedade territorial se desenvolveu no século X, estas mansões tornaram-se partes das propriedades dos senhores feudais, mas elas não podiam atender as novas exigências de colonização e de campanhas militares. Havia uma necessidade de centros militares-feudais, ou castelos novos e bem fortificados e, sobretudo, construídos de pedra, que também teriam um caráter social exclusivo. Um dos primeiros castelos deste tipo foi *Richenburch* (Rajhenburg) na baixa bacia do Sava, provavelmente construído em torno da metade do século X, embora tivesse sido mencionado em 895, no antes mencionado falso documento do rei Arnulfo. O seu próprio nome aponta para o seu significado para a fronteira do império (*Richen-*), seu extraordinário tamanho e suas características poderosas (*-burg*). Tais castelos, como fortificações centrais de vastas propriedades feudais, foram mencionados em antigos registros escritos a partir do fim do século X em diante: *Bosisen* na propriedade mantida pelos bispos de Freising (973) em Skofja Loka, Solkan, a fortificação do patriarca de Aquileia e do

129 Heinz Dopsch, "Die Stifterfamilie des Klosters Gurk und ihre Verwandtschaft", *Carinthia I*, nº 161, 1971, p. 95-123; Ljudmil Hauptmann, "Grofovi Visnjegorski", *Rad JAZU 250, Razreda historicko-filologickoga i filozoficko-juridickoga*, nº 112, 1935, p. 215-239.

conde Werihen (1001), e Bled, o centro da propriedade pertencente aos bispos Brixen (1011). Algumas fontes posteriores indicam que os castelos em Liubliana, Kranj, Celje e Ptuj também faziam parte deste grupo dos mais antigos castelos centrais. Estes castelos e propriedades não eram residências permanentes de seus donos. O trabalho era realizado por vassalos domésticos e estrangeiros e por servos ministrantes[130].

O século X foi palco de transformações que marcaram a época e afetaram toda a população. Até então a terra no ducado da Carantânia tinha sido cultivada essencialmente pelos nativos eslavos que utilizavam métodos mais ou menos arcaicos ou extensivos. Alguns camponeses eram homens livres que viviam nas herdades do campo e outros constituíam a população de aldeias inter-relacionadas (*zupa*) que se sustentava trabalhando terra que já fora individualmente destinada. Sob o sistema feudal, terras comuns – a forma mais disseminada até o século IX – eram consideradas como terras sem dono, o que as tornava parte das terras reais. Os habitantes das aldeias eram assim mutuamente vinculados por interesses mais profundos, embora pudessem pertencer a diferentes senhores. A maioria das fazendas, especialmente aquelas situadas mais longe dos centros das propriedades, ficavam sob a jurisdição dos escritórios do proprietário, alguns dos quais cobriam os territórios correspondentes à precedente unidade organizacional chamada de *zupa*. Este velho termo eslavo denotava um grupo autônomo de pessoas interligadas por vínculos familiares ou econômicos e que viviam em várias aldeias vizinhas. Seu chefe era chamado *zupan* (primeiramente mencionado como *jopan* em 777 na área eslava perto do rio Enns), cuja função perdurou sob o sistema das propriedades feudais; como resultado, na Alta Idade Média a unidade organizacional *zupa* tornou-se

130 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*. Liubliana: Mohorjeva zalozba, 1995, p. 132-134.

uma unidade organizacional básica dos senhores proprietários de terra, ao mesmo tempo em que o *zupan* tornou-se desde então um intermediário entre os aldeães e o senhor[131]. Inicialmente, o zupan trabalhava nas fazendas maiores e estava isento dos impostos. O papel do zupan diminuiu com o desenvolvimento da administração das propriedades feudais, e por volta do século XV sua condição foi reduzida a quase a mesma daquela de seus companheiros aldeães. Como líderes das comunidades das aldeias e como funcionários administrativos da nobreza fundiária, eles retiveram seus postos como membros das cortes patrimoniais e distritais até o século XVIII.

As propriedades feudais, inclusive as grandes, não eram territórios contínuos. Até o século XIII os senhores feudais, especialmente os senhores eclesiásticos, mantinham uma grande parcela de propriedade dominial trabalhada por empregados da fazenda e por camponeses obrigados a prestar serviços laborais. No entanto, esta forma de produção agrária não prevaleceu por causa da tardia feudalização dos territórios eslovenos. A mais intensa colonização dos territórios eslovenos teve lugar entre os séculos X e XII, quando todas as regiões de planícies e montes foram colonizadas e muitas novas aldeias foram criadas. A estrutura e o tamanho destes conjuntos de povoados (típicos das regiões de montes com fazendas delimitadas individualmente dentro dos campos das aldeias) e das aldeias ao longo de estradas (nas planícies, com todos os campos individuais atrás da casa) não se modificaram substancialmente até o século XX. O tipo mais comum de cultivo da terra era o sistema de campos abertos que já tinha sido amplamente testado nas partes ocidentais do império. Os colonos recebiam normalmente as fazendas maiores, meio-livres

131 Para mais informações sobre a tentativa de reconstituir a transposição da antiga *zupa* eslava para o sistema feudal, tomando como exemplo os arredores de Bled entre os séculos V e XV, ver: Andrej Pleterski, *Zupa Bled, nastanek, razvoj, prezitki*. Liubliana: SAZU, 1986, p. 112-146.

e não oneradas por excessivas obrigações de prestação de serviços laborais. Além de possuir propriedade individual (principalmente fazendas, hortas, e campos), os camponeses também usavam terras comuns da paróquia (águas, pastagens), enquanto as florestas e bosques, reservados para a caça, ficavam principalmente na posse e administração dos proprietários.

Durante o período pré-feudal os camponeses eram homens livres, mas sob o sistema feudal a maioria deles perderam tanto suas terras como sua liberdade. Por volta do século XIII, vários tipos de colonização tinham produzido uma extensa série de condições não livres de camponeses conforme as várias graduações de suas propriedades hereditárias. A mais baixa categoria era a condição de trabalhadores em servidão em propriedades vinculadas a outra propriedade senhorial[132]. Condições de semiliberdade variavam grandemente, porque eram baseados nos tipos de deveres e obrigações do titular e o direito de comprar terra e de se mudar de fazenda mais do que no direito de herança. Ao aproximar-se o fim deste período, o sistema de campo aberto transformou a dependência pessoal em dependência da terra: a condição de um camponês dependia exclusivamente da condição jurídica da fazenda. Desta forma, apenas aqueles *kosezi* que viviam em "fazendas *kosevi*" (chamadas de *kosescina*) conservaram a sua condição de homens livres durante toda a Idade Média, ao passo que os que viviam em fazendas comuns foram, nos séculos XI e XII, transformados em servos[133].

A colonização local e a imigração das terras germânicas transformaram a paisagem cultural dos Alpes orientais. Até o século XIV, dois blocos etnolinguísticos se tinham formado: ao sul do maciço

132 NT: O texto inglês usa a expressão "workers on estates held in demesne". O *The New Oxford American Dictionnary* define "demesne" como: 1. "land attached to a manor and retained for the owner's own use".

133 Sergij Vilfan, "Kosescina v Logu in vprasanje kosezov v vzhodini okolici Ljubljane". In: *Hauptmannov zbornik*. Liubliana: SAZU, 1996, p. 179-210.

de Hohe Tauern, ou seja, dentro das áreas montanhosas da Caríntia, na Carníola e ao sul de Graz na Estíria, o idioma era principalmente o esloveno. Ao norte desta linha demarcatória, o alemão predominava. Esta fronteira linguística moveu-se mais para o sul durante o século XV e permaneceu inalterada até o século XIX[134]. Uma bipolaridade semelhante podia ser verificada a oeste, onde a fronteira entre as áreas de línguas românicas e de esloveno passava por uma linha ao longo do rio Soca e através do interior das cidades costeiras na Ístria. A fronteira entre as populações de língua eslovena e de língua croata ao sul e a leste era a fronteira política entre o Império Romano e o Reino Húngaro-Croata, passando ao longo do rio Kolpa, através da cadeia montanhosa de Gorajanci, e ao longo dos rios Sotla e Mura. Aqui e ali estas áreas continham ilhas menores de colonizadores que falavam idiomas estrangeiros e que foram assimiladas na população majoritária até o fim da Idade Média, ou, em alguns casos, por volta do século XVIII. Os enclaves germanófonos mais importantes no território da moderna Eslovênia ficavam na propriedade de Skofja Loka, pertencente à diocese de Freising nos séculos XII e XIII (bávaros e tiroleses), e na Baixa Carníola (turíngios, francos e carintianos). A remota localização da região de Kocevje e a concentração da população germanófona mantiveram esta comunidade cultural alemã viva até a Segunda Guerra Mundial[135].

Da autonomia à unificação das regiões dos Alpes e da bacia do Danúbio

Nos territórios históricos, hoje habitados pelos eslovenos, o desenvolvimento de "províncias" (Lat. *Terra*; Eslov. *Dezela*; Alem.

134 Na Caríntia, a fronteira se estendia dos Alpes Gailtaler até o lago Ossiacher, ao norte de zollfeld, em direção aos Alpes de Sal e mais adiante de Slovenske gorice até Radgona. Veja: Bogo Grafenauer, *Oblikovanje severne slovenske narodnostne meje*. Liubliana: zveva zgodovinskih drustev Slovenije, 1994.

135 Sergij Vilfan, "Die deutsche Kolonisation nordöstlich der oberen Adria und ihre sozialgeschichten Grundlagen". In: *Die deutsche Ostsiedlung des Mittelalters als Problem der europäischen Geschichte*, ed. Walter Schlesinger. Sigmaringen: Jan Thorbecke, 1975, p. 567-604.

Land), as formações administrativas, territoriais e sociopolíticas típicas da Idade Média e do início da era moderna, nasceram entre os séculos XII e XVI. No século XV, quando a fragmentação territorial estava no seu auge, o território da atual Eslovênia estava dividido em várias províncias e condados pertencentes a três países (o Império Romano-Germânico, a República de Veneza e o Reino da Hungria). As províncias que cobriam total ou parcialmente o território da atual Eslovênia, i.e. Estíria, Caríntia, Carníola (mais as duas províncias menores associadas), Ístria e Gorizia, só tomaram sua forma final sob os Habsburgos no século XV. Elas perduraram até 1918 como unidades políticas no interior das terras hereditárias dos Habsburgos, mas na imaginação popular elas ainda figuram como terras tradicionais nos dias que correm.

No começo do século XII, o ducado da Carantânia/Caríntia e os seus marcos foram fragmentados em propriedades feudais individuais independentes judicialmente e administrativamente e que pertenciam a senhores seculares e eclesiásticos. Já no começo do século XI casamentos entre famílias dinásticas importantes tinham dado origem a um aumento no tamanho das propriedades familiares, à expansão de seus direitos judiciais públicos, à subjugação dos pequenos proprietários e outras consequências semelhantes. Em geral, as famílias dinásticas buscavam converter suas propriedades consolidadas em unidades políticas sobre as quais eles teriam controle administrativo e jurídico. Em consequência, a influência do Estado/Império dentro dos marcos se reduzia em proporção inversa ao aumento de poder do "senhor da província". De hábito, a transformação de propriedades unificadas em uma província era efetuada por um dinasta portador do título hereditário de margrave ou duque. Outras vias eram também possíveis: dinastias que não exerciam uma função pública, mas que possuíam amplos territórios privados com jurisdição tentavam, por vezes, separar o território dos marcos fronteiriços e conformar

suas próprias províncias. As unidades políticas anteriores já não estavam mais ligadas nem por uma administração nem por uma ordem jurídica comum entre si: como os dinastas tinham origens diversas, eles mantinham suas respectivas leis tribais, o que também acontecia com os membros da nobreza ministrante (*ministerials*). Ao mesmo tempo em que ganhavam independência de seus senhores durante o século XII, os membros da nobreza ministrante, perseguindo seus próprios objetivos, apoiavam o desenvolvimento do direito provincial universal sob a autoridade do senhor provincial e com cortes formadas pelos nobres, sob a qual todos os nobres seriam iguais independentemente da sua condição hereditária ou de sua subordinação a um determinado senhor. Portanto, a baixa nobreza foi a principal força motriz por trás da formação de províncias: o sucesso de um dirigente dinástico e o estabelecimento de órgãos governamentais provinciais dependia exclusivamente da lealdade da baixa nobreza. A par destes, os dinastas podiam também contar com o apoio dos centros urbanos cujo comércio através das fronteiras estava seriamente prejudicado pela fragmentação territorial[136].

Depois de passar a se chamar Caríntia no século XI, o nome de Carantânia desapareceu da memória de seus habitantes em poucas décadas. Vários séculos foram necessários para que um novo nome pudesse generalizar-se como designação capaz de abranger os habitantes de várias unidades políticas relacionados entre si cultural e linguisticamente. No século XIX, este foi um termo bastante antigo e supraprovincial que estivera fora de uso na prática por um longo tempo – os eslovenos. Até então, suas percepções sobre afinidades individuais, sociais, linguísticas e culturais provinham de sua incorporação a uma entidade política, que era um cadinho de misturas que tentava conformar uma

136 Andrej Komac, *Od meijne grofije do dezele. Ulrik III. Spanheim in Kranjska v 13. stoletju*. Liubliana: Zgodovinski institut Milka Kosa, ZRC SAZU, 2006, p. 27-37.

consciência comunitária em contraste com uma consciência nacional. A consciência comunitária significava que a província da Carníola era o lar de seus habitantes que falavam o esloveno tanto quanto daqueles colonizadores que falavam ou alemão ou italiano e de seus filhos "Carniolanizados". Apesar desta mentalidade, é possível que tanto as pessoas comuns como as elites já cogitavam da ideia de fronteiras políticas e linguísticas que coincidissem. Isto pode explicar porque no Império Ottoniano dos séculos X e XI todos os eslavos alpinos ficavam sob uma administração comum e porque a Ístria foi anexada ao ducado da Caríntia e não ao de Friuli, apesar de que Friuli fosse geograficamente mais próximo da Ístria (embora não do ponto de vista cultural e linguístico)[137].

Estíria

A primeira, e por muito tempo a única verdadeira província nos Alpes orientais foi a Estíria. Ela se desenvolveu a partir do Marco Carantaniano, estendeu-se para o sul e o leste e absorveu facilmente os condados vizinhos. O Marco Carantaniano, que ocupava o curso médio do rio Mura, foi separado do ducado da Caríntia em 1035. Os governantes do primeiro tornaram-se os condes de Traungau (também conhecidos como Otokars), que mais tarde adotaram o nome de "margraves da Estíria" relacionado com a sua sede no castelo de Steyr, ao passo que o nome "Marco da Carantania" foi abandonado. Por volta de 1160, os margraves de Traungau tinham alcançado a condição de senhores provinciais dentro de seus territórios. Este resultado foi o produto de vários fatores: associações com condados vizinhos, heranças recebidas – especialmente a da família dos Eppenstein, que se extinguiu em 1122, e também graças à benevolência dos imperadores. Esta nova condição criou a base para estabelecer um regime jurídico provincial que teve influência além das fronteiras do território.

137 Peter Stih, *Slovenska zgodovina*, p. 79-80.

A primeira aquisição que realizaram no território hoje ocupado pela Eslovênia foi das propriedades de Spanheim no "Marco de Drava", herdadas pelo margrave Otokar III em 1147. Por volta de 1180, quando o marco fronteiriço foi elevado a ducado, os nobres ministrantes dos margraves de Traungau já gozavam de bastante independência[138]. Em 1186, eles forçaram o duque Otokar IV a endossar os direitos que tornavam possível formar uma nobreza provincial unificada. Estes dispositivos formaram parte do "Pacto de Georgenberg", pelo qual Otokar tornou os duques de Babenberg seus herdeiros e estipulava a unificação das duas províncias da Estíria e da Áustria caso ele morresse sem descendentes[139]. Isto ocorreu em 1192 e o duque austríaco Leopoldo I incorporou a Estíria.

Sob os Babenbergs, margraves do Marco Oriental desde o fim do século X, as duas províncias floresceram econômica e culturalmente. Para a dinastia de Babenberg, a Estíria abria a porta para a Carníola, onde após 1228 eles se tornaram donos das propriedades dos senhores quase provinciais, os condes de Andechs. Em 1246, a dinastia Babenberg chegou ao fim de forma semelhante à de seus predecessores: o último descendente masculino, Frederico II (1230-1246), foi morto em uma batalha contra os húngaros[140]. Seguiu-se uma longa guerra pela sucessão austro-estíria, que terminou em 1261 quando o rei da Boêmia Otokar II Premysl derrotou seu adversário, o rei húngaro Bela IV. Para dar legitimidade a seus direitos, Otokar casou-se com a irmã de

138 Para maior informação sobre o processo de emancipação dos ministrantes, ver: Friedrich Hausmann, "Die steirischen Otakare, Kärnten und Friaul. Besitz, Dienstmannschaft, Ämter". In: *Das Werden der Steiermark*, ed. Gerhard Pferschy. Graz, Viena, & Colônia: *Veröffentlichungen des Steiermärkischen Landesarchives* 10, 1980, p. 225-275; Ljudmil Hauptmann, "Mariborske studije", *Rad Jazu 260, Razreda historicko-filologickoga i filozoficko-juridickoga*, nº 117, Zagreb, 1938, p. 57-118.

139 Ver o texto do Pacto em: Karl Spretizhofer, *Georgenberger Handfeste*. Graz, Viena, & Colônia: Styria, 1986, p. 12-19.

140 Karl Lechner, *Die Babenberger, Margrafen und Herzoge von Österreich 976-1246*, 3ª ed. Viena; Colônia & Graz: Böhlau, 1985, p. 192-217.

Frederico, o fator decisivo em sua vitória foi a lealdade da nobreza provincial. Por meio de tais manobras e sem pedir a aprovação do imperador, Otokar logrou reunir sob seu domínio todas as províncias entre a Boêmia e o Mar Adriático: desde 1251/1252 ele reinava sobre a Áustria; em 1253, tornou-se rei da Boêmia e, em 1269, herdou as terras dos Spanheim na Caríntia e na Carníola. Ele foi expulso em 1276, e a Estíria politicamente unificada foi dada como um feudo hereditário à Casa de Habsburgo, cujo reinado iria durar por mais de seis séculos.

Caríntia

Entre 976 e 1077 a Caríntia foi governada por uma série de duques fracos vindos das partes centrais do império[141]. Eles careciam de qualquer interesse real no ducado alpino e seu apetite potencial por lucros estava limitado pelos supervisores especiais das terras da coroa, mais ainda pelas famílias dinásticas seculares (a família Aribo) e os príncipes eclesiásticos (de Salzburg e de Bamberg). Assim, a transformação da Caríntia em uma província foi muito mais vagarosa do que a da Estíria, embora a Caríntia, como principal sucessora da Carantânia da época carolíngia, tivesse nominalmente sido um ducado desde 976. A situação melhorou em 1077 e 1122, quando os duques hereditários eram os Eppensteins. Eles foram os primeiros grandes proprietários fundiários na região e ocasionalmente desempenhavam as funções de margraves de Friuli e da Ístria. Depois que sua linhagem terminou, em 1122, o título de duque foi herdado pelos condes de Spanheim, que se tinham mudado da Francônia para a região várias décadas antes. No entanto, como eles não eram herdeiros da propriedade dos Eppenstein na Caríntia, a propriedade sobre os condados setentrionais da Caríntia foi transferida e veio a ser controlada pelos condes de Traungau (herdeiros dos Eppensteins). O poder

141 Para uma apresentação mais detalhada da política carintiana e da construção da província, ver: Claudia Fräss-Ehrfeld, *Geschichte Kärntens 1. Das Mittelalter.* Klagenfurt: J. Heyn, 1984.

dos Spanheims como duques era assim ainda mais limitado do que o dos Eppensteins nas regiões centrais entre Klagenfurt, St. Veit (a sede do ducado) e Völkermarkt.

O principal obstáculo a impedir os Spanheims de estabelecer a província eram as grandes propriedades dos senhores eclesiásticos diretamente subordinados à coroa. As propriedades faziam parte do ducado, mas os Spanheims não tinham qualquer autoridade sobre elas. Ainda por cima, tais propriedades controlavam as rotas de transporte importantes entre a Baviera, o Friuli, a bacia do Danúbio e a Carníola. Um obstáculo análogo era representado pelas propriedades dos condes de Gorizia no atual Tirol oriental (mais tarde conhecido como o "condado à frente de Gorizia"), que permaneceu fora da autoridade provincial dos duques da Caríntia (os Habsburgos) até o fim do século XV, quando a linhagem dos condes de Gorizia se extinguiu.



Figura 21. Mapa da Grande Carantânia e seus Marcos por volta do ano 1000. Adaptado de: Bogo Grafenauer et alii, Zgodovina Slovencev. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1979, 157; Peter Stih, Vasko Simoniti, Solvenska zgodoniva do razsvetljenstva. Liubliana & Celovec: Mohorjeva druzba & Korotan, 1995, p. 256-257

Apenas o duque Bernardo von Spanheim (1202-1256) conseguiu expandir a autoridade ducal na Caríntia, mas enormes obstáculos e derrotas militares o induziram a desviar sua atenção para a Carníola. Depois da morte do seu filho – o duque Ulrich III em 1269 –, os Spanheims perderam o ducado da Caríntia para o rei da Boêmia Otokar II Premysl, que a obteve por um acordo de herança e a manteve até 1275. Depois de um reinado mais breve do último dos Spanheim, Filipe, patriarca de Aquileia, a Caríntia tornou-se domínio da dinastia Habsburgo em 1279. Em 1286, o rei Rodolfo deu a Caríntia como um feudo hereditário a Meinardo IV, da linha tirolesa dos condes de Gorizia, que foi instalado segundo a cerimônia tradicional dos príncipes carantanianos. Porém a infindável história da formação da província da Caríntia voltou a repetir-se. Meinardo era um duque tenaz, mas gozava de apoio só na sua rica província do Tirol, que já havia sido consolidada internamente desde muito tempo. Embora praticamente não tivesse propriedade na Caríntia, ele tentou mesmo assim subjugar a nobreza local. Como era de se esperar, dentro de apenas alguns poucos anos ele entrou em conflito e em guerra aberta com os nobres.

Devido a persistentes particularismos e a uma cisão familiar entre dois ramos que praticamente não colaboravam nem se relacionavam entre si, nem Meinardo nem seus filhos lograram unificar a Caríntia em uma província, embora o ducado já dispusesse de leis provinciais. Depois da morte de Henrique II, o último membro do ramo tirolês-carintiano dos condes de Gorizia, o ducado foi incorporado pelos Habsburgos em 1335. Ainda assim, ao longo do século XV, até mesmo os Habsburgos não foram capazes de eliminar os antagonismos dinásticos, apesar do forte apoio que recebiam da pequena nobreza e das cidades. E ainda mais, a Caríntia chegou perto de ser riscada do mapa como unidade territorial depois que os condes de Gorizia e os condes de Celje

estenderam suas posições. Os condes de Gorizia consolidaram suas possessões na área em 1415, formando um condado separado, diretamente subordinado à coroa. Os ambiciosos condes de Celje primeiro adquiriram uma grande propriedade na Caríntia antes pertencente aos condes de Heuenburg (cuja linhagem terminara em 1322) e depois, em 1418, as terras da linhagem extinta dos condes de Ortenburgo. Os Habsburgos puderam unificar a província só depois que os condes de Gorizia perderam a batalha pela herança dos condes de Celje em 1460 (quando reconheceram o controle dos Habsburgos sobre o "Condado à frente de Gorizia") e sua linhagem se encerrou em 1500. A conformação final da província só foi alcançada em 1535, quando os Habsburgos subjugaram a última propriedade independente pertencente à Diocese de Bamberg. Embora a Caríntia carecesse de unidade política, a consciência provincial da nobreza carintiana estava bastante desenvolvida nesta época, devido às peculiaridades da Caríntia – sua relação com a histórica Carantânia e a cerimônia de instalação.

Carníola

A província central eslovena, o Marco de Carníola, foi mencionada pela primeira vez em 973 e manteve o nome tradicional do principado tribal de Carníola (Eslov. Kranjska. Também *kranjina* = marco)[142]. O Marco de Carníola levou muito tempo para se desenvolver como província unificada. No início do século XI, abrangia somente a parte central do que mais tarde se tornou a Carníola Superior, a bacia de Liubliana e a parte oriental da Carníola interior. Até cerca do ano 1000 esteve sujeita ao duque da Caríntia e depois diretamente ao rei. Naquele

142 Em um instrumento outorgado pelo imperador Oto II concedendo a propriedade na Carníola à Diocese de Freising consta: "in comitatu Poponis comitis quod Carniola vocatur et quod vulgo Creina marcha appellatur". In: Theodor Sickel (ed.), *Die Urkunden des Otto II. MGH DD.* Hanover, 1999 [1888], p. 56.

tempo, os margraves de Carníola provinham da família bávara de Sempt-Ebersberg, que mantinha ligações com a bacia do Sava desde o fim do século IX. Depois de 1036, eles expandiram sua autoridade para o leste e sudeste, porque o Marco de Savinja tinha sido incluído na jurisdição do margrave de Carníola depois do assassinato do conde Guilherme II. No entanto, os margraves de Carníola não tinham propriedade nestas terras, razão pela qual não podiam se afirmar perante os senhores locais.

Na metade do século XI, os marcos unificados de Carníola e Savinja[143] e o marco da Ístria passaram ao controle da família Weimar-Orlamünde, que também logrou apoderar-se de partes do golfo de Kvarner, do Reino da Croácia. Em 1077, o imperador Henrique IV concedeu os marcos de Carníola, Ístria e Friuli a seu leal aliado, o patriarca de Aquileia, que depois de 1093 manteve a Carníola e Friuli. Ao contrário do que ocorria em outros marcos, os patriarcas não tinham grandes propriedades na Carníola (eles possuíam algumas propriedades na região da Savinja superior e na Carníola interior), a autoridade sobre aquelas terras foi assim passada como feudo ao substituto imediato do patriarca.

Na metade do século XII, a Carníola estava já tão fragmentada que não podia ser transformada em uma província tomando como base os poderes investidos nos margraves, a menos que este fosse o patriarca. Foi apenas perto do fim do século que os condes bávaros da família Andechs reuniram suficiente poder para conseguir se afirmar como senhores provinciais em suas propriedades, independentemente do margrave formal. A família Andechs que, àquela altura tornou-se relacionada com as famílias reais da França e da Hungria por casamentos e que eram firmes aliados do imperador, puderam assim reunir os poderes de margraves

143 No entanto, o nome comum "Carníola e o Marco Víndico ("Kranjska in Slovenska marca") persistiu por muito tempo, apesar de que depois do século XIII a Carníola incluía só as partes do marco da Savinja ao sul do rio Sava e as terras entre zagorje e Motnik na parte oriental da Carníola Superior.

nas regiões da Savinja e da Carníola propriamente dita. Assim eles criaram uma formação inteiramente nova dentro dos marcos da Carníola e Savinja que territorialmente não tinham muito em comum com o Marco da Carníola do século XI.

O fundamento do poder dos Andechs era o território herdado entre Trzic e Motnik na Carníola Superior com o seu centro em Kamnik. O conde Henrique IV o expandiu quando se casou com a única herdeira dos condes de Weichselburg (Eslov. Visjna Gora) em 1209 e assim acedeu as propriedades na região de Zasavje e na Baixa Carníola. Ele também adquiriu a terra ao sudeste da Carníola, que os senhores de Pris e os condes de Weichselburg haviam obtido do Reino da Croácia, movendo assim a fronteira do rio Krka para o rio Kolpa. Em 1208, no ápice de seu poder, Henrique IV foi posto em ostracismo, sob a suspeita de ter participado do assassinato do rei Filipe II. Ele perdeu os títulos de margrave da Carníola e de vice-margrave da Carníola, que foram retomados pelo patriarca. Contudo, como em 1218 o irmão de Henrique, Bertoldo, tornou-se patriarca, Henrique pôde manter seu domínio (mas não o seu título) sobre suas propriedades na Carníola, onde ele começou a exercer a autoridade de senhor provincial. Isto o colocou em conflito com seu principal competidor, Bernardo, duque da Caríntia.

Quando o conde Henrique morreu, em 1228, sem descendente, um conflito amargo em torno de sua sucessão irrompeu entre seus familiares – os duques de Merania, os Babenbergs, os Spanheims e os condes de Gorizia. O duque Frederico II, da Áustria-Estíria, tinha o título mais legítimo porque tinha se casado com Agnes de Andechs. Assim, em 1232, ele se proclamou "Senhor da Carníola". A morte de Frederico, em 1246, abriu aos Spanheims caminho para a supremacia provincial sobre a Carníola, embora ela (como a Estíria e a Áustria) fosse novamente submetida à coroa e governada por um legado da coroa. Ulrich III Spanheim conseguiu legitimar a herança

ao casar-se com a viúva de Frederico. Em última instância, foi a sua bem-sucedida sujeição à nobreza ministrante da família Andechs que tornou possível a Ulrich unir as propriedades dos Spanheim, as terras da família Andechs e dos condes de Weicheselburg e os feudos da Igreja e tornar este território consolidado em uma nova unidade política e em uma província bem moldada, a Carníola[144].

Como na Caríntia, depois da morte de Ulrich em 1269, a vasta propriedade dos Spanheim passou para o rei da Boêmia Otokar II, que na Carníola também usurpou extensas propriedades feudais que pertenciam ao patriarca de Aquileia. Otokar recebeu apoio para o seu reinado no seio da pequena nobreza e nos citadinos, ao passo que a alta nobreza via nele uma ameaça, porque várias funções do Estado eram obviamente retiradas da alçada deles em favor dos legados reais da Boêmia. Em 1274, o Reichstag (Parlamento) despojou Otokar das heranças dos Babenberg e dos Spanheim e já no ano seguinte seu poder sobre estas províncias estava reduzido a farrapos. Quando Otokar morreu, em 1278, na decisiva batalha de Dürnkrut, o vencedor, o rei Rodolfo de Habsburgo, pôde iniciar a criação do seu império dinástico nos Alpes orientais. Rodolfo sabia que sua dinastia não conseguiria estabelecer um firme domínio sobre as províncias sem o apoio da nobreza e da Igreja. Com este objetivo, ele primeiro se assegurou do apoio destas classes e então distribuiu os condados e os marcos fronteiriços disponíveis entre seus filhos. Para o conde Mainardo IV de Gorizia-Tirol, que em 1279 recebera a Carníola como caução, Rodolfo deu a Caríntia, de modo que o território antes governado por Otokar foi dividido entre os Habsburgos e os condes de Gorizia-Tirol. A aliança entre os Habsburgos e os sucessores de Mainardo logo se dissolveu. Em 1306, o filho de Mainardo, Henrique II, chegou a entrar em guerra com os Habsburgos em torno do Reino da Boêmia. Henrique foi derrotado em 1311 e perdeu as regiões orientais da Carníola

144 Andrej Komac, *Mejna grofija*, p. 47-240.

para a Estíria dos Habsburgos. Depois da morte de Henrique em 1335, os Habsburgos obtiveram a Caríntia e a Carníola quase sem obstáculos. Dando privilégios à nobreza da Carníola e da Caríntia, os Habsburgos asseguraram, em 1338, apoio interno importante para a unificação das duas províncias[145].

O domínio Habsburgo

O imperador Habsburgo após 1358, duque Rodolfo IV (1358-1365), almejava ganhar o máximo de independência possível do império para suas propriedades familiares e obter o título de príncipe eleitor. Durante o seu reinado, a Carníola de fato tornou-se um ducado e a Caríntia um arquiducado sem uma carta patente imperial. Rodolfo apossou-se do condado do Tirol para sua dinastia e também tinha ambições de penetrar por Friuli e o norte da Itália e deslocar-se mais à frente na direção da costa adriática. Os Habsburgos há muito viam com apreensão a expansão da República Veneziana à vista do declínio do poder temporal do patriarcado de Aquileia. Porém, antes de uma confrontação maior com Veneza, Rodolfo tinha que livrar a Carníola ocidental das propriedades feudais independentes. Ele primeiro obteve a subordinação dos senhores de Auersperg e as propriedades do patriarcado na Carníola interior. Entre 1360 e 1362, ele ocupou as propriedades do patriarcado em Cerknica, Postojna, Loz e Slovenj Gradec. Em 1366, seus sucessores assumiram o controle das propriedades dos senhores Duino em Karst, ao longo do golfo de Trieste e o porto de Rijeka na parte norte do golfo de Kvarner. Com estas novas aquisições, a Carníola obteve duas saídas para o mar Adriático. Em 1374, depois que a linhagem dos condes de Gorizia se extinguiu, os Habsburgos se apoderaram do condado de Pazin (Pisino) no interior da Ístria e o anexaram à Carníola como uma

145 Alois Niederstätter, *Die Herrschaft Österreich,* Fürst und Land im Spätmittelalter. Viena: Ueberreuter, 2001, p. 67-144.

unidade separada. Estes ganhos criaram a linha de fronteira entre as terras dos Habsburgos e Veneza que permaneceria instável por muitos séculos.

O primeiro conflito de maior importância foi em torno de Trieste, a única cidade significativa na costa norte do Adriático que ainda era livre e que havia por muito tempo hesitado entre as duas potências. Finalmente, como a cidade vizinha de Koper, parte do território veneziano, parecia ser uma competidora forte, e com a hegemonia veneziana sendo uma opção indesejável, Trieste escolheu o menor mal e reconheceu o domínio Habsburgo em 1382. Contudo, este domínio não era absoluto. A cidade continuava a ser um súdito político independente com um poderoso grau de autogoverno e sujeição direta ao senhor da província; em 1463 chegou mesmo por sua própria conta a acordar a paz com Veneza. Não obstante, Veneza continuou a representar um obstáculo a que Trieste aumentasse seu poderio econômico até o começo do século XVIII, quando finalmente tornou-se um "porto livre" e ultrapassou a declinante Veneza em poucas décadas[146].

Em 1374, os Habsburgos ainda não tinham controle sobre todo o território do antigo Marco da Carníola. Na Carníola interior e superior, grandes propriedades consolidadas estavam nas mãos dos condes de Ortenburgo, que em 1395 tornaram-se súditos diretos da coroa. O ramo ístrio dos condes de Gorizia detinha outra província separada que tinha recebido (em 1365) privilégios provinciais especiais: "o Condado em Marco e Metlika" na Baixa Carníola e na "Carníola Branca". Mesmo quando os Habsburgos herdaram esta pequena província em 1374, ela foi apenas acrescentada à Carníola, mas não anexada a ela. Só mais tarde, em 1441, é que o duque Frederico V (como imperador Frederico III)

146 Ferdo Gestrin, *Trgovina slovenskega zaledja s primorskimi mesti od konca 13. do konca 16. stoletja*. Liubliana: SAZU, 1965, p. 73-88.

uniu a Carníola, o condado no Marco e Metlika e o condado de Pazin, dividindo todo o território em quatro distritos administrativos[147].

Com a morte do duque Rodolfo IV em 1365, a dinastia Habsburgo herdou não apenas dificuldades com a Caríntia e Veneza, mas também mergulhou em um ciclo de amargas disputas familiares que duraria um século. No entanto, estas lutas não afetaram a afiliação da nobreza e das terras hereditárias, nem a divisão das terras hereditárias entre vários ramos da dinastia Habsburgo os ameaçou. A primeira destas divisões ocorreu em 1379: Alberto III recebeu os condados da Áustria Inferior e Superior, enquanto Leopoldo III recebeu todo o resto, incluindo todas as terras nos Alpes orientais. Depois da morte de Leopoldo em uma batalha contra os suíços em 1386, Alberto tornou-se tutor de seus filhos órfãos. Mais tarde seu filho Alberto IV e o filho de Leopoldo Guilherme concordaram em uma administração conjunta de todas as províncias dos Habsburgos. Mas os irmãos mais jovens de Guilherme também tinham seus próprios interesses.

Como em 1355 o duque Alberto II tinha obrigado a nobreza a proteger a unidade das províncias dos Habsburgos se os membros da dinastia entrassem em conflito, a assembleia provincial interveio na disputa entre os irmãos no começo do século XV e mais tarde chegou a atuar esporadicamente como protetora dos príncipes menores. Após uma nova divisão das províncias em 1416, um ramo apoderou-se da Estíria, Caríntia, Carníola, Ístria e Trieste; este conglomerado mais tarde veio a ser conhecido como a Áustria interior. Ao fim do século XVI, durante uma nova divisão, por várias décadas a Áustria interior constituiu um domínio separado dos Habsburgos com seu próprio príncipe e sua sede

147 Ainda assim, mesmo até o século XVI, a nobreza das antigas propriedades da família Gorizia na Baixa Carníola participava das reuniões da assembleia provincial da Carníola como um grupo separado, cujos privilégios foram aprovados separadamente pelos Habsburgos. Ver: Peter Stih, "Dezela Gronfija v Marki in Metliki". In: *Vilfanov zabornik. Pravo, zgodovina, narod*, ed. Vincenc Rajsp & Ernst Bruckmüller. Liubliana: Zalozba ZRC, 1999, p. 123-143.

em Graz na Estíria. Os conflitos no seio da dinastia Habsburgo só chegaram a um fim temporário em 1463, quando os sobrinhos do imperador Frederico III morreram e ele voltou a unir todas as províncias (exceto o Tirol) sob seu governo. O primeiro duque da Áustria interior, Ernesto, provavelmente motivado pelo fato de que o trono imperial havia sido tomado pelo competidor dos Habsburgos, Sigismundo de Luxemburgo, foi extremamente incisivo em salientar as características históricas peculiares de sua província. Como todos os duques da Caríntia antes dele, ele também foi instalado na antiga cerimônia em Zollfeld. Sua posse em 1414 foi a última a usar este ritual[148].

O condado de Celje

No século XIV, quando o remodelamento das regiões dos Alpes orientais sob o poder dos Habsburgos parecia haver terminado (exceto na Caríntia e em Gorizia), um novo domínio, o condado de Celje (Alem. Cilli), começou a se expandir por todas estas províncias e na primeira metade do século XV pôs em perigo o poder Habsburgo nos Alpes do leste. O novo domínio alcançou tal dimensão que se desenvolveu em uma província separada, o condado de Celje. Era constituído de propriedades juridicamente separadas e territorialmente desconectadas pertencentes aos condes de Celje na Estíria, Caríntia e Carníola. Sua importância tornou-se crescente graças à engenhosidade dos condes, que astutamente manipularam o conflito permanente entre as Casas de Habsburgo e de Luxemburgo pelo título de imperador. A Casa de Luxemburgo tornou alguns vassalos formais dos Habsburgos em súditos diretos da coroa (os condes Ortenburgo em 1395 e as propriedades dos condes de Gorizia em 1415), reduzindo a dependência deles dos Habsburgos.

148 Alois Niederstätter, *Die Herrschaft*, p. 172-250.



Figura 22. Relevo da "Virgem Maria com Manto – o Protetor" datado de cerca de 1410 na Igreja da Virgem Maria com Manto – o Protetor" em Ptujska gora (perto de Ptuj): abaixo do manto da Virgem Maria o artista retratou o fundador da igreja, Bernardo de Ptuj e sua mulher, o patriarca de Aquileia, o rei húngaro Sigismundo e sua mulher, Bárbara de Celje, o rei bósnio Tvrdko, o conde Hermano II de Celje e outros dignitários das regiões próximas. Marijan Zadbujarm Potujska gora. Liubliana: Druzina, 1992, p. 62-63

Graças a políticas familiares sagazes e consistentes, matrimônios de conveniência e heranças, assim como transações financeiras hábeis, em pouco mais de um século os condes de Celje haviam ascendido de senhores feudais, com sua sede no castelo de Zovnek no vale superior do Savinja, a donos da vasta propriedade de Celje em 1333. Em 1341, o imperador Luís IV, rival dos Habsburgos, concedeu-lhes o título prestigioso de Condes de Celje, confirmado pelo imperador Carlos IV (da Casa de Luxemburgo) em 1372. Uma vez oficialmente elevados, eles se ligaram às elites europeias com casamentos dinásticos: primeiro com a dinastia real da Bósnia e da Polonia e eventualmente a Sigismundo (1387-1437), rei da Hungria e da Boêmia e imperador do Sacro

Império Romano-Germânico, cuja vida foi salva na batalha de Nikopol (Nicópolis) pelo conde Hermano II (1385-1435). Isto deu aos condes acesso à política e a propriedades na Hungria, Boêmia, Bósnia e Croácia. Em 1423, os Habsburgos renunciaram ao domínio que ainda guardavam sobre o condado de Celje e, em 1436, Sigismundo concedeu aos condes o título de príncipes do império (sem solicitar o consentimento dos Habsburgos) e transformou os condados de Celje e Ortenburgo-Sternberg na Caríntia em feudos imperiais. Os condes de Celje puderam a partir de então começar a remodelar suas propriedades nos Alpes orientais em uma província separada com um conjunto completo de atributos reais e judiciais. Para a Caríntia, Estíria e Carníola, isto significava um risco de desintegração, que aumentava quando certos senhores feudais vizinhos (e.g. os Walsees em Karst) imitavam os condes de Celje. Estes desdobramentos levaram a uma longa guerra com os Habsburgos, que terminou em 1440 com o reconhecimento pelos Habsburgos da legitimidade do título de condes dos senhores de Celje e com a assinatura de um acordo recíproco de herança em 1443. O acordo acabou sendo favorável aos Habsburgos em 1456, quando conspiradores pertencentes à nobreza húngara mataram o último conde, Ulrich II, em Belgrado. Toda a propriedade dos condes passou às mãos da família Habsburgo, que afinal completou o seu predomínio como senhores provinciais nos Alpes orientais. Como o tema dos condes de Celje figura de forma destacada na história da Eslovênia, um dos capítulos seguintes aborda o assunto em maior detalhe[149].

O condado de Gorizia

O condado de Gorizia era ainda mais antigo do que a província de Celje, embora menos ameaçador aos olhos da dinastia

149 Ver neste capítulo, mais adiante, a seção "As Estrelas de Celje".

Habsburgo devido à sua situação periférica e ao seu isolamento. Os Habsburgos tiveram que esperar até 1500 para acrescentá-lo a suas terras hereditárias. Seus soberanos, os condes de Gorizia, tinham vindo para Karst e para a bacia central do rio Soca no começo do século XII. Eles também tinham propriedades no Tirol e na Ístria, onde estavam em conflito permanente com o patriarcado de Aquileia. Seu condado na bacia do Soca se desenvolveu a partir de propriedades e mansões que, entre 1001 e o século XIV, eram ainda, com a exceção de Gorizia, apenas feudos detidos pelo *advocatus* do patriarca (seu representante para questões seculares) no marco de Friuli. Em 1253, o conde Meinardo III acrescentou a região do Tirol a suas propriedades por meio de herança. Em 1271, a sua propriedade foi dividida entre seus dois filhos, fundadores respectivamente das linhagens do Tirol e da Gorizia. Em 1286, a linhagem do Tirol recebeu o ducado da Caríntia como feudo, mas perdeu-o pouco depois em 1335; os Habsburgos tomaram posse do Tirol em 1363. A linhagem de Gorizia reteve as antigas propriedades familiares na região do Soca, no Tirol oriental e no sudeste da Carníola. As duas linhagens se apoiaram mutuamente até o fim do século XIII, mas desde então seguiram caminhos políticos diferentes. Desde que chegaram à região, os condes de Gorizia haviam trabalhado para conformar uma província fazendo bom uso da vantagem que lhes atribuíam os títulos de *advocatus* hereditários do patriarcado de Aquileia e do governador de Friuli, bem como de seus direitos reais, até 1365, quando a linhagem de Gorizia foi elevada ao título de príncipes do império – muito mais cedo do que os condes de Celje. Por esta razão, Gorizia separou-se do Marco de Friuli, mas reteve, com algumas poucas modificações, uma legislação provincial friuliana.

O problema que impedia a linhagem de Gorizia de estabelecer uma província era a dispersão geográfica e administrativa de suas propriedades e a divisão da família em dois ramos, com o

parentesco do ramo que sobreviveu pouco próximo do outro ramo para legitimar uma acessão às propriedades deste último quando se extinguiu em 1374. Consequentemente, os dois ramos criaram quatro unidades separadas. O condado de Pazin, na Ístria interior, e o "Condado em Marco e Metlika" foram governados pela "linhagem ístria" até 1374. Os condados foram então herdados pela família Habsburgo e não pelos parentes da família Gorizia. Só em 1456 é que os condes tentaram restabelecer as conexões entre "o Condado da Frente de Gorizia" no Tirol leste e a Caríntia, com o seu centro em Lienz, e o "Condado Posterior de Gorizia" situado ao longo do curso médio do rio Soca, e em Karst, sob o controle do ramo principal da família. Contudo, depois de derrotados no conflito pela herança dos condes de Celje, eles foram forçados a ceder toda sua propriedade na Caríntia aos Habsburgos em 1460.

Após a extinção da linhagem principal e última sobrevivente em 1500, a propriedade remanescente tornou-se parte das províncias do Tirol e da Caríntia, enquanto o território principal na região do Soca e de Karst foi mantido pelos Habsburgos como unidade separada. Os Habsburgos chegaram a aumentá-la um pouco no século XVI ao incluir as terras que o imperador Maximiliano I havia arrancado da República Veneziana: o condado unido de "Gorizia e Gradisca" sobreviveu até 1918[150]. Os territórios hoje ocupados pela Eslovênia, exceto as terras a leste do rio Mura que pertenceram ao Reino da Hungria e a Ístria costeira sob a autoridade veneziana, foram assim unificados novamente sob um só soberano, a dinastia Habsburgo, pela primeira vez desde a era do rei Otokar.

A península da Ístria

A evolução da península da Ístria foi bastante distinta daquela das regiões continentais. Dos pontos de vista social e cultural ela

150 Peter Stih, *Studien zur Geschichte der Grafen von Görz. Die Ministerialen und Milites der Grafen von Görz in Istrien und Krain*. Viena & Munique: Oldenbourg, 1996.

foi dividida na região costeira romano-veneziana (organizada em comunas) e a parte interior, eslava, organizada feudalmente e pertencente ao império. No século X, as aspirações de autonomia das cidades da Ístria tornaram-se incômodas para a hegemonia veneziana, de modo que a república de Veneza mais ou menos forçou as cidades a contragosto a chegar a acordos de lealdade (o primeiro foi firmado com Koper em 932). Desta forma, Veneza capacitou-se para reforçar seu monopólio comercial no mar Adriático e assegurar a gestão firme de suas propriedades na Ístria. Oficialmente, desde a era Otoniana, a península inteira tinha pertencido ao Marco da Ístria, que desde o início do século XII estava sob a autoridade do patriarca de Aquileia, e desde então até 1209 sob a autoridade das famílias Spanheim e Andechs. Em 1209, o patriarca restaurou seu controle sobre a Ístria, embora nesta altura o governo estivesse já bastante dividido entre dioceses ístrias e cidades.

Os esforços de Aquileia para reprimir a autonomia das cidades, restringir os poderes dos condes de Celje e de Veneza, unificar o marco e transformá-lo em uma "província" alcançaram sucesso parcial até a metade do século XIII graças ao apoio do imperador Frederico II, que desejava ver a Itália como parte de seu império. Então, os condes de Gorizia, em aliança com algumas das comunas urbanas, removeram pela força todas as fortalezas do patriarcado na península continental e estabeleceram seu próprio "Condado de Pazin" formado em torno da propriedade da diocese de Porec, tendo sido seus *advocati* desde o século XII. Veneza, por seu lado, também se aproveitou do rápido colapso da autoridade do patriarca. Veneza já representava uma ameaça para a Aquileia em Friuli e, na metade do século XII, tinha também estendido sua influência ao interior da Ístria. Como na metade do século XIII as cidades autônomas ístrias não percebiam Veneza como um perigo comparável com o dos senhores feudais (os patriarcas de Aquileia e o império), entre 1267 e 1284 a república de Veneza conseguiu subjugar todas as

cidades costeiras com exceção de Trieste, Pula e Muggia, apesar da resistência de cidades maiores como Koper. Pula finalmente caiu sob o domínio veneziano em 1331; Muggia em 1421.



Figura 23. Um afresco intitulado "Dança da Morte" de Janez de Kastav, datado de 1490, e que se encontra na Igreja da Santíssima Trindade em Hrastovlje (Ístria). Marija Zadnikar, Hrastovlje, Romanska architektura in gotske freske. Liubliana: Druzina, 1988, p. 128

Veneza permitia às cidades ístrias seguirem suas próprias leis comunitárias. A república protegia seus interesses através da instalação de um delegado político-militar (*podestato*). Com algumas restrições, também permitia a todas as cidades ístrias (especialmente Koper, como seu centro político, e Piran, como um centro comercial) comerciar com os portos do mar Adriático e do Mediterrâneo oriental. Apesar disso, as cidades ístrias não se conformaram com a dominação veneziana até fins do século XIV, mas sua resistência foi em vão. A maior rebelião foi montada em Koper e suas redondezas em 1348, mas o governo veneziano não tardou a derrotá-la. Em 1420, a República Veneziana ocupou Friuli e suprimiu o governo secular do patriarcado de Aquileia. Com isto, a república de Veneza chegou à fronteira das terras detidas pelos condes de Gorizia na região de Soca e das terras dos Habsburgos na Ístria. Entre os séculos XV e XVII, os interesses conflitantes entre estes grandes poderes no norte da região adriática criou uma atmosfera de hostilidade latente na área que, por vezes, escalava para guerras abertas[151].

151 Bernardo Benussi, *L'Istria nei suoi due milleni di storia*. (Trieste: 1924); Darko Darovec, *A Brief History of Istra*. Yanchep: ALA Publications, 1998.

Um território no Reino da Hungria (Prekmurje)

O atual território esloveno a leste do rio Mura compartilhou a sorte do Reino da Hungria entre o século X e 1918. O território foi dividido politicamente entre os distritos de Vas e Zala, e uma divisão semelhante existiu entre as dioceses de Györ e Zagreb. O nome esloveno moderno de Prekmurje, que surgiu primeiro nas fontes da diocese de Zagreb, mais tarde veio a abranger todos os territórios eslovenos a leste do Mura que, em 1918, tornaram-se parte do Reino da Iugoslávia.

"Tres ordines slovenorum": sociedade, economia e cultura

A Igreja

Após as incursões dos magiares pagãos, a organização tradicional diocesana e paroquial foi preservada apenas nas cidades maiores da costa da Ístria (as dioceses de Koper, Porec e Pula). Na Panônia, onde os bispos bávaros tinham lutado contra o arcebispo Methodius durante o final do século IX, a organização eclesiástica no modelo de Salzburg entrou em colapso e nunca foi restaurada. Na Carantânia menos exposta, onde ela se apoiava no bispo provincial, ela sobreviveu até a metade do século X. A situação foi diferente nas áreas ao sul do rio Drava sob a jurisdição de Aquileia, já que as paróquias só puderam ser fundadas após o fim das incursões magiares. As primeiras paróquias eram grandes e foram estabelecidas em antigos centros missionários, por exemplo, em Gornji Grad ou Santo Hermagora (atualmente Hermagor), ou perto dos principais centros como Liubliana, Kranj, Menges, Radovljica, Skofja Loka, Cerknica ou São Pedro no vale do Savinja. Outro modo de estabelecer redes de paróquias, que se tornou muito comum na Carantânia durante o século IX, foi a fundação de igrejas proprietárias. Tais paróquias estavam inteiramente a cargo de seus fundadores, i.e., os proprietários.

As paróquias antigas se esfacelaram em unidades menores durante os séculos XI e XII, e no século XIII todas as igrejas proprietárias tinham se tornado parte de redes de paróquias. Daí em diante não houve mais necessidade de manter o dízimo missionário eslavo – mais baixo – que foi substituído pelo dízimo canônico. Um serviço espiritual negligente prestado em um incompreensível latim e o absenteísmo frequente dos padres, que deixavam assistentes ignorantes em seus lugares como substitutos, foi responsável pela permanência de costumes pagãos (como a adoração das árvores e dos poços) que, nas remotas regiões alpinas, chegaram a sobreviver até o século XIV. Na Ístria, dificuldades relacionadas com o idioma foram resolvidas pela permissão de usar o esloveno nos serviços da igreja e o alfabeto glagolítico nos textos escritos. Em 1467, houve até um seminário teológico estabelecido em Koper para padres eslavos que ensinava glagolítico. Por este motivo, em alguns lugares da Ístria e da Dalmácia, o glagolítico chegou a ser usado para fins eclesiásticos até o século XIX.

A diocese sufragânea em Gurk, na Caríntia, foi estabelecida em 1072 pelo metropolita de Salzburg. O arcebispo Eberhard II estabeleceu duas dioceses menores, uma com sede em Seckau perto de Graz, em 1218, e a outra em St. Andrä no vale de Lavant na Caríntia em 1228. Sua razão explícita era satisfazer as necessidades espirituais, mas um motivo mais provável era o temor de que sua propriedade sobre Gurk viesse a ser contestada. Os bispos de tais dioceses eram nomeados e consagrados pelo arcebispo de Salzburg e não pelo papa, um costume bastante inusitado dentro da Igreja Católica. Contudo, como dioceses sufragâneas eram pequenas, a arquidiocese mantinha dois arquidiaconatos na Caríntia e outros dois na Estíria. Dois outros arquidiaconatos eram responsáveis pelas paróquias em Prekmurje: sob os auspícios uma da diocese de Zagreb e a outra da diocese de Györ.

Os patriarcas de Aquileia não eram favoráveis às dioceses sufragâneas. Eles já enfrentavam bastante dificuldade com bispos

auxiliares na Ístria: sua parte setentrional pertencia à pequena diocese de Koper e à diocese de Trieste, enquanto que a parte ocidental da Carníola Interior e de Karst pertencia apenas à grande diocese de Trieste. Em 1237, o patriarca Bertoldo engajou-se em um esforço isolado e malsucedido de estabelecer uma diocese que cobrisse o território ao sul do Drava, com sede em Gornji Grad, local de um mosteiro beneditino desde 1140. A primeira diocese estabelecida na parte oriental do patriarcado foi a de Liubliana, fundada em 1461. Não ficava sob a autoridade do patriarca, mas de seu fundador, o papa, e dos Habsburgos. Em vez de dioceses, uma rede de arquidiaconatos foi estabelecida na Aquileia a leste do rio Soca no século XIII. Estes arquidiaconatos tinham alguns poderes episcopais, mas não o mais importante deles, o poder judicial. Este estava reservado ao gabinete do patriarca em Udine, sede do patriarcado desde 1236[152].

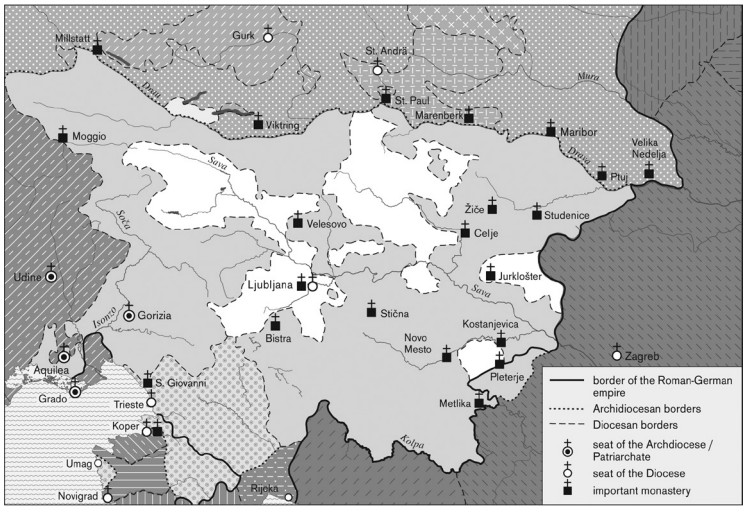

Figura 24. Mapa da organização eclesiástica das regiões eslovenas antes de 1777. Adaptado a partir de: Bogo Grafenauer et al, Zgodovina Slovencev. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1979, p. 373

152 Em 568, a sede do patriarcado foi transferida de Aquileia para Grado. De 737 a 1027, a sede foi em Cividale; depois voltou a Aquileia e, em 1238, foi instalada em Udine, onde permaneceu até 1751.

Os arquidiáconos convocavam assembleias, visitavam as paróquias, anunciavam decisões do patriarca, interdições e excomunhões, supervisionavam, apresentavam e dirigiam a investidura de padres, exerciam funções notariais e outras tarefas semelhantes. Até o século XII a região que hoje é a Eslovênia central estava sob a jurisdição do arquidiaconato de Carníola, que então se dividiu nos arquidiaconatos da Carníola e do vale do Savinja (que cobria a região da Estíria ao sul do Drava). No século XIV, o arquidiaconato da Carníola se dividiu novamente nos arquidiaconatos da Carníola Superior e da Carníola Inferior; e depois de 1420 em vários arquidiaconatos menores abrangendo as paróquias de alguns mosteiros maiores (Ribnica). Os territórios eslovenos mais a oeste estavam sob a autoridade dos arquidiaconatos de Tolmin e da baixa Friulia, e a região entre as montanhas Karavanke e o Drava estava sob a do arquidiaconato da Caríntia. As obrigações episcopais nestes territórios foram transferidas no século XIV para os vigários gerais do patriarca (geralmente bispos da Ístria e do norte da Itália), uma vez que este passara alguns anos exilado na propriedade dos condes de Celje e, como súdito da odiada república de Veneza, não tinha permissão para entrar nos territórios governados pelos Habsburgos depois de 1420.

Nos territórios a oeste e ao sul do rio Soca, dotados de uma rede episcopal plenamente desenvolvida, os mosteiros podiam contribuir produtivamente para a atividade religiosa na Alta Idade Média. No Friuli vários mosteiros foram erigidos: o mosteiro de São João de Duino acima de Trieste foi estabelecido já no começo do século VII. No século IX, o Friuli carolíngio tinha doze mosteiros. Um convento em Koper foi estabelecido em 908 (o mais antigo convento conhecido na atual Eslovênia). Os carantanianos estabeleceram os primeiros contatos com os mosteiros no século VIII, quando foram cristianizados. Os mosteiros em Innichen e

Molzbichel foram criados expressamente para os fins da cristianização. Mais oito mosteiros beneditinos surgiram durante o século XI através de regiões mais amplas da Carantânia[153].

O fato de que os primeiros mosteiros na parte central da atual Eslovênia só foram fundados no século XII reflete o nível de vida e organização religiosa, mas também a menor densidade do povoamento na região. O primeiro foi o mosteiro cisterciano em Sticna, fundado por Peregrino I, patriarca de Aquileia, em 1136. O mosteiro tornou-se o centro econômico, cultural e religioso de toda a Carníola e do sul da Estíria. Abrangia mais de dez paróquias e suas propriedades contavam entre as maiores da Carníola. Os monges cistercianos encorajavam a colonização e a agricultura ainda mais do que os monges beneditinos. Eles trouxeram do ocidente novas espécies de plantas para cultivo e são tidos como responsáveis pela introdução do arado de ferro nas terras eslovenas. Outro mosteiro cisterciano foi estabelecido em 1142 em Viktring perto de Klagenfurt pelos Spanheims e em 1234 em Kostanjevica na Baixa Carníola. Em 1140, Peregrino estabeleceu o único mosteiro beneditino em Gornji Grad.

Pouco depois, em 1164, o margrave da Estíria, Otokar III, estabeleceu em Zice o primeiro mosteiro cartuxo na parte germânica do império. Os primeiros monges vieram de Chartreux, o centro da ordem cartuxa. Quando os estabelecimentos cartuxos nas províncias francesas e espanholas reconheceram a autoridade do papa em Avignon durante os séculos XIV e XV, ao passo que os cartuxos nas províncias italianas e alemãs permaneceram leais ao papa em Roma, o mosteiro em Zice foi a sede (1391-1410) do prior-geral da ordem cartuxa de obediência romana; no período entre 1398 e 1410, este posto foi ocupado por Estevão Maconi, que antes fora secretário de Catarina de Siena. O mosteiro cartuxo

153 Os mosteiros beneditinos mais importantes no Friuli oriental ficavam em Rosazzo e Moggio; na Caríntia e na Estíria os mosteiros estavam em Gurk, São Jorge no Lago Längsee, Ossiach, Millstatt, Arnoldstein, São Paulo, Admont e São Lambrecht.

em Jurkloster no baixo vale do Zavinja foi criado em 1173 pelo bispo Henrique de Gurk. O terceiro mosteiro cartuxo na Eslovênia foi fundado em Bistra perto de Liubliana antes de 1260 pelo duque carintiano e senhor da Carníola, Ulrich III de Spanheim. O último mosteiro cartuxo nas regiões eslovenas foi estabelecido pelo conde Hermano II de Celje em Pleterje na Baixa Carníola. O florescimento das cidades e a colonização do campo no século XIII também encorajou a chegada de ordens pregadoras e cavalheirescas, das quais havia oito nestas regiões[154]. Seu número aumentou no século XIV, especialmente quando novos conventos foram construídos, mas entre os séculos XV e XVII muitas delas foram fechadas.



Figura 25. Restos do mosteiro cartuxo em Zice. Marijan Zadnikar, Zicka kartuzija. Maribor: Obzorja, 1973, capa

154 Os dominicanos chegaram em Ptuj em 1230; os três conventos femininos dominicanos (em Studenice, Velesovo e Marenberk) e os três baluartes da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos (Deutsch-Ritterorder) em Liubliana, Velika Nedelija e Metlika foram estabelecidos durante o mesmo período. Os seis mosteiros franciscanos estavam localizados nas cidades mais importantes: Gorizia (fundado em 1225), Ptuj (1239), Liubliana (1242), Celje (antes de 1250), Maribor (por volta de 1250) e Koper (por volta de 1260).

Durante o século XIV, a vida religiosa e a organização da Igreja nas terras eslovenas, como em outros lugares, entraram em decadência. Nas regiões longínquas que nunca haviam sido plenamente incorporadas nas redes paroquiais e onde a conversão ao cristianismo tinha sido apenas superficial, a superstição, a heresia maniqueísta e o paganismo voltaram a ocorrer de tempos em tempos e os padres nunca conseguiram erradicá-los. Curiosamente, porém, a primeira caça às bruxas nesta região só veio a ocorrer no século XVII. O principal problema que levou à decadência era relacionado com o pessoal eclesiástico: a maioria dos padres que serviam sob a autoridade do patriarcado de Aquileia provinha de famílias nobres locais ou de Friuli. Eles não mantinham, na maioria dos casos, um contato estreito com o seu rebanho, pois preferiam viver nos centros patriarcais, principalmente em Cividale e Udine. A maioria não tinha suficiente instrução e, além disso, seus salários eram muito baixos para despertar seu interesse em prestar bons serviços religiosos. A situação ainda piorou em 1420 quando a República Veneziana retirou do patriarcado seus poderes seculares. O patriarca Luís II Teck buscou asilo junto aos condes de Celje. Do seu santuário ele conseguiu obter o apoio da maioria do clero local e tornou-se um chefe ardoroso do partido antipapista no Conselho de Basileia, pois o papa Eugênio IV era de origem veneziana. A situação se acalmou apenas depois da morte do patriarca quando o imperador Frederico III chegou a um acordo com o papa Eugênio em 1446 em troca de amplos direitos para controlar a Igreja em suas terras. Isto habilitou os Habsburgos a interferir legalmente com a administração eclesiástica e a desenvolver gradualmente um sistema de controle da Igreja pelo Estado que alcançou seu auge no século XVIII sob o imperador José II. Todas as tentativas de reforma falharam e nem mesmo as resoluções do sínodo provincial em Liubliana em 1448 conseguiram mudar a vida religiosa e a

disciplina clerical[155]. Até mesmo os mosteiros foram atingidos pela decadência. Monges analfabetos não eram raros, e o ensino era também deficiente nos conventos habitados principalmente por mulheres nobres. A situação escandalosa no mosteiro de Gornji Grad forçou as autoridades a fechá-lo em 1473. A devoção tornou-se assim uma questão individual, e as pessoas se valeram crescentemente das fraternidades e da realização de peregrinações. O constante atrito com o clero sobre terras também alimentou esta situação. Os nobres também tinham disputas com o clero sobre o dízimo, os impostos fundiários, a administração da justiça e o sustento das igrejas. Portanto, ao findar o século XVI, a situação nas regiões eslovenas se assemelhava bastante com a situação em outras partes, conducente ao surgimento da Reforma, que atingiu todas as classes sociais.

Os camponeses e o campo

Dentro dos limites da atual Eslovênia, os camponeses eram de longe a mais numerosa categoria da sociedade até o começo do século XX. As estimativas para o século XV avaliam que os camponeses seriam 80% de um total de menos de meio milhão de pessoas. Embora a maior onda de colonização tivesse terminado no século XIII, pequenas aldeias e fazendas isoladas continuaram a surgir em áreas cobertas por florestas, regiões montanhosas e planícies pantanosas ao leste até pelo menos o século XVI. Esta colonização secundária, principalmente de caráter local, era apoiada pelos proprietários, através de obrigações de trabalho reduzidas e menores impostos. O número total de localidades, das quais algumas eram situadas acima da atual linha superior de povoamento, era até maior do que é hoje. Durante o período a

155 Para mais informação sobre a situação da religião nas terras eslovenas e sobre o estabelecimento da diocese em Liubliana em 1461, veja: Josip Gruden, *Cerkvene razmere med Slovenci v XV. stoletju in ustanovitev ljubljanske skofije*. Liubliana: Lenova druzba, 1908.

população como um todo cresceu, mas o crescimento foi desigual nas várias regiões, pois era afetado por epidemias frequentes, guerras e calamidades naturais. No começo do século XIV, o cultivo intensivo e laborioso causado pelo desequilíbrio entre as proporções de florestas, pastagens, campinas e povoados levou à extensa e prolongada devastação da paisagem cultural nas bacias inferiores do Sava e do Drava. Além disso, numerosas fazendas no sul da Carníola situadas no caminho dos saqueadores turcos foram abandonadas, tal como revelam os registros de impostos fundiários relativos ao século XV. Os senhores povoaram suas propriedades parcialmente com refugiados dos Balcãs e em parte com servos de outras propriedades atraídos pelas condições vantajosas oferecidas. Por outro lado, nas regiões que não foram afetadas pelos ataques turcos, a população camponesa cresceu tanto que as aldeias locais se viram sem terras para acomodar novas fazendas[156]. Como as pequenas cidades eslovenas não podiam mais absorver o excesso de população, os proprietários do século XV buscaram resolver o problema cedendo aos camponeses os últimos lotes de terra nas propriedades que mantinham em locação[157]; daí em diante terras em locação foram mantidas apenas pelos mosteiros. Quando nem mesmo isto resolveu o problema, as fazendas existentes foram repartidas em unidades jurídicas e de cultivo menores. Uma parte da população empobrecida foi viver em cabanas (*kajza*), o que emprestou o nome a este grupo social.

Várias condições foram atribuídas às fazendas, como unidades econômicas básicas, dependendo da forma de seu estabelecimento. Várias condições de servidão pessoal foram harmonizadas durante o século XIV, de modo a que somente o poder econômico do

156 NT: No contexto feudal do período, o emprego da palavra "fazenda" não implica a propriedade da terra.

157 NT: Ver nota 132 para a definição da palavra "demesne" no texto em inglês, que aqui parece ter acepção distinta, semelhante a um tipo feudal de locação.

camponês determinasse a condição jurídica da fazenda. Isto fez nascer uma classe homogênea de servos cuja falta de liberdade pessoal, confinado à fazenda, era o seu principal atributo apenas formalmente; na realidade o seu principal atributo era a sujeição dos camponeses à corte patrimonial do senhor e ao pagamento de impostos territoriais e judiciais a que estavam obrigados. Na fase final da Idade Média, as fazendas na Eslovênia eram divididas principalmente em "burguesas", "alugadas" e "livres". As fazendas burguesas eram consideradas mais favoráveis para um camponês porque seus descendentes podiam herdá-las e a insistência do senhor em coletar impostos de herança para a transferência de uma fazenda para um herdeiro era assim limitada. Um camponês podia vender este tipo de fazenda com o consentimento do senhor que tinha direito a uma parte do lucro de sua venda. Este tipo de condição acarretava impostos regulares mais altos. As mais numerosas eram as fazendas de aluguel. Inicialmente elas não eram herdadas automaticamente, mas isto mudou durante os séculos XIV e XV em virtude da escassez de camponeses. As fazendas de aluguel eram mais oneradas pelas impopulares obrigações de serviços, embora estas obrigações não fossem tão pesadas para os camponeses eslovenos como, por exemplo, em partes da Europa oriental: do século XII em diante, os serviços devidos em trabalho foram substituídos por obrigações pagas em dinheiro ou em espécie. As condições jurídicas destes dois tipos de fazendas eram praticamente as mesmas no século XVII. As fazendas "livres" significavam liberdade só no caso de um senhor feudal que podia despedir um camponês quando lhe aprouvesse. Somente alguns poucos camponeses possuíam fazendas verdadeiramente livres que tinham sido compradas de um senhor proprietário; estas fazendas eram também sujeitas a uma legislação fundiária distinta. Os camponeses livres sobreviveram apenas nas regiões montanhosas de partes da fronteira ocidental da Eslovênia (Gorizia, Ístria).

Alguns desenvolveram aldeias completas com autonomia e cortes próprias. Na Ístria e em Gorizia desenvolveu-se uma condição especial, particularmente entre os camponeses vinicultores, chamada *colonatio*: um camponês tinha liberdade individual, enquanto a terra era alugada por um prazo limitado, mas sem ser vinculada a direitos de propriedade. Os impostos associados a este tipo de fazenda eram muito elevados.

A posição econômica e consequentemente social dos camponeses dependia primariamente da quantidade de impostos. O imposto pago ao proprietário senhorial era normalmente calculado com base no tamanho e na qualidade da fazenda e equivalia aproximadamente a 20% do produto. A isto devia acrescentar-se o dízimo da igreja, impostos ocasionais de caráter legal ou judicial (e.g. quando a fazenda mudava de mãos) e impostos extraordinários provinciais (e.g., para defesa contra os turcos) que no decorrer do século XV tornaram-se bastante comuns. Durante o século XIII, quando os funcionários administrativos da casa senhorial ("ministrantes")[158] subiram na escala social e obtiveram suas próprias terras, os impostos aumentaram em toda a parte, pois os aluguéis provenientes da terra eram a fonte financeira principal dos senhores da nobreza e eclesiásticos para custear as suas necessidades quotidianas e as campanhas militares. Com o fortalecimento das cidades e da economia monetária, o pagamento em dinheiro tornou-se preferível ao pagamento em bens. Isto não prevaleceu em todas as situações, pois os senhores proprietários preferiam que as fazendas da vizinhança pagassem com produtos das fazendas, como colheitas e vinho, que eles então revendiam. Esta prática continuou até período bem avançado da era moderna.

158 NT: Ver nota 127.

A conversão de impostos correspondia incialmente ao preço verdadeiro do produto, mas no século XV o preço passou a favorecer o camponês. Em um esforço para resolver a crise financeira permanente, os senhores das terras por vezes decidiam aumentar arbitrariamente os impostos e a quantidade de serviços laborais, ou transformavam fazendas de aluguel em fazendas mais caras para venda, embora os senhores provinciais fossem explicitamente contra a exploração excessiva dos camponeses. Enquanto isso, a diferenciação social dentro da classe servil já estava ocorrendo: surgiu uma classe de camponeses prósperos que resistiram às imposições dos senhores e às restrições que as cidades opunham às atividades não agrárias. A autoconfiança dos camponeses foi ainda reforçada pela consciência de que a defesa contra os turcos estava inteiramente em suas mãos, que eles estavam financiando sozinhos a defesa da província inteira, e que eles eram comerciantes habilidosos que já não se deixavam oprimir pela falta de liberdade individual. A eles se juntou o crescente proletariado formado de camponeses sem terra que não tiveram outra escolha senão mudar-se para as cidades, trabalhar como carregadores, empregar-se nos ofícios da aldeia, ou trabalhar como mão de obra agrícola. Tudo isto contribuiu para as grandes rebeliões camponesas dos séculos XV e XVI: a primeira explodiu em 1478 no sul da Caríntia[159].

159 Pavle Blaznik et al. (ed.), *Druzbena razmerja in gibanja*, v. 2 of *Gospodarska in druzbena zgodovina Slovencev. Zgodovina agrarnih panog*. Liubliana: DZS, 1980, p. 481-502.

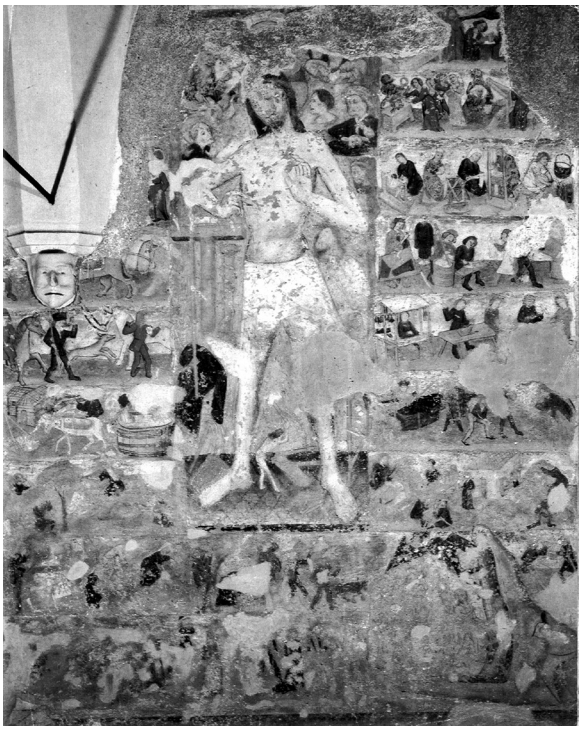

Figura 26. Afresco "Domingo Santo" datado de cerca de 1460 (oficina de Janez de Liubliana) na fachada da Igreja da Anunciação em Crngrob perto de Skofja Loka; cenas de várias atividades que não podem ser praticadas aos domingos. Ars Sloveniae. Liubliana: Mladinska Knjiga, 1972, p. 48-49

Do século XIII em diante, os camponeses estiveram sob a jurisdição das "cortes patrimoniais" dos seus senhores no que se refere a delitos civis e crimes de menor gravidade; crimes graves eram processados pelas cortes distritais, presididas pelos senhores de propriedades maiores. Em alguns lugares, e.g., na Ístria, casos comunais de pouca importância eram decididos por uma "corte aldeã" (*veca*) presidida por um senhor. Os camponeses dispunham de um direito limitado de recurso às cortes do governador provincial. Os vinhedos na Estíria e na Baixa Carníola gozavam de um estatuto jurídico especial: a peculiar "lei das terras

montanhosas" (ou "lei dos vinhedos") foi codificada no século XVI e se aplicava aos vinhedos em terras mais elevadas e seus trabalhadores. Estava acompanhada de suas próprias cortes que tratavam de todos os tipos de assuntos (com exceção dos crimes) que envolvessem trabalhadores dos vinhedos. Estas cortes eram integradas por vinicultores reputados, enquanto que o presidente da corte era designado pelo proprietário do vinhedo.

A nobreza

Uma evolução importante com sérias implicações para os senhores provinciais foi a emancipação da baixa nobreza (i.e. os ministrantes, ou funcionários da casa senhorial)[160], que até então não era livre. Os membros da baixa nobreza tinham se estabelecido primeiro em território esloveno durante o século XI. Eles vinham do exterior com os senhores proprietários, para os quais exerciam serviços militares, administrativos e na corte. Por volta do século XII, esta classe tinha também absorvido os remanescentes da até então livre nobreza eslava e mesmo certo número de *kosesi*, embora estes últimos geralmente preservassem sua condição de camponeses privilegiados[161]. Os ministrantes eram tratados como objetos: os senhores podiam presenteá-los a outras pessoas ou efetuar trocas. As mais funestas implicações desta ausência de liberdade eram as restrições à propriedade privada e ao casamento e a separação dos filhos de ministrantes que pertenciam a diferentes senhores entre seus respectivos proprietários. Estudos mostram que os ministrantes a serviço da alta nobreza provinham de um número bastante reduzido de famílias, mas todas eram grandes, tinham muitas ramificações e mantinham estreitos vínculos de

160 NT: Ver nota 127. O dicionário Novo Aurélio século XXI, 3ª edição, Nova Fronteira, 1999, refere-se, na p. 1340, ao termo "ministrante", na segunda acepção, como "pessoa que é ministrante, serventuário". Este parece assim ser o correspondente mais próximo em português da palavra "ministerials" usada no texto em inglês e será assim, doravante, usado neste sentido.

161 Andrej Pleterski, *Zupa Bled*, p. 91-112.

parentesco e de negócios. Isto tinha um papel importante na ocasião de heranças de linhagens extintas e resultava na acumulação de propriedade nas mãos de um punhado de indivíduos[162].

O papel indispensável dos ministrantes na consolidação das províncias e das propriedades feudais, sua aquisição de feudos por herança e a extinção de várias linhagens da alta nobreza que, de qualquer modo, eram pouco numerosas, permitiu aos ministrantes provinciais alcançar privilégios, primeiramente, e depois preencher os lugares das famílias extintas. Isto ocorreu pela primeira vez na Estíria, onde, em 1186, o margrave Otokar IV permitiu a seus ministrantes casar-se sem restrições, herdar um feudo se o dono morresse sem testamento (as mulheres também podiam ser herdeiras sem testamento) e gerir suas posses sem restrições[163]. O imperador Frederico II confirmou estes direitos em 1237, assim os nobres ministrantes foram legalmente equiparados aos nobres livres. Os laços pessoais que atavam os ministrantes a seus senhores foram substituídos por laços que os tornaram súditos do senhor provincial, i.e., "à província". Outros membros da alta nobreza seguiram o mesmo caminho. Por exemplo, os condes de Heunburg asseguraram direitos semelhantes aos seus ministrantes na sua propriedade em Loz na Carníola Interior. Na Carníola e na Caríntia, a emancipação dos ministrantes terminou mais tarde do que na Estíria, mas foi concluída em 1276 no mais tardar, i.e., no tempo da paz temporária imposta por Rodolfo de Habsburgo[164]. A existência de uma lei homogênea não significava que todos os nobres provinciais se fundiram em uma classe homogênea. O que foi essencial para a nobreza foi que nem a homogeneização

162 Dusan Kos, *In Burg und Stadt. Spätmittelalterlicher Adel in Krain und Untersteiermark*. Viena & Munique: Oldenbourg, 2006, p. 48-52.

163 Karl Spreitzhofer, *Georgenberger Handfeste*, p. 14-17.

164 Sergij Vilfan, *Pravna zgodovina Slovencev od naselitve do zloma stare Jugoslavije*. Liubliana: Slovenska matica, 1961, p. 200-203.

das posições sociais e muito menos a das propriedades chegou a ocorrer. Além disso, até a metade do século XIV, certos membros da alta nobreza (e.g., os arcebispos de Salzburg) continuaram a manter seus vassalos em servidão, impondo restrições a seus casamentos. Mais tarde, a supremacia dos senhores sobre os ministrantes foi transformada na sua supremacia sobre a nobreza clientelista. Os casamentos entre pessoas da mesma classe ainda eram a regra; o que sustentava esta regra não era mais a ausência de liberdade e sim a promessa dos nobres de que o isolamento nupcial seria compensado por empregos lucrativos.

A nobreza sofreu mudanças radicais durante a dinastia Habsburgo. Em 1338, o duque Alberto II concedeu aos nobres da Caríntia e da Carníola privilégios semelhantes aos dos nobres da Estíria e, em 1365, o conde Alberto IV da Gorizia os concedeu à nobreza do Condado no Marco e em Metlika. Todos os membros da nobreza dentro da província foram assim equiparados e colocados sob a jurisdição da corte central provincial, que substituiu as cortes dos senhores feudais. Além disso, o senhor da província cedeu certos privilégios (e.g., a cobrança de impostos)[165] em favor da nobreza, reduziu radicalmente a obrigação militar da nobreza e permitiu-lhes participar no governo da província. A nobreza habilmente explorou as dificuldades financeiras permanentes e os conflitos no seio da dinastia Habsburgo e conseguiu obter o direito de formar um tipo de conselho permanente. Este veio a ser conhecido como a "assembleia provincial" (Alem: *Landesstände*; a nobreza que dela participava era chamada *Landherren*) com reuniões regulares que começaram por volta de 1410. A assembleia provincial, composta de nobres, citadinos e membros do clero, designava órgãos especiais que, junto com o governador (delegado pelo senhor provincial), administraram a província até o século XVIII.

165 As receitas do senhor de uma província provinham de aluguéis e de direitos especiais e tributos pagos pelas cidades pertencentes ao senhor. A nobreza e a Igreja eram isentas do pagamento de taxas.

Durante a centralização e a modernização da administração do Estado, as assembleias provinciais perderam muito do seu poder.

O progresso material e social da pequena nobreza se refletiu no panorama cultural. Particularmente notável foi o florescimento da arquitetura nos castelos. No território da moderna Eslovênia, os castelos começaram a ser construídos entre o começo do século XII e o fim do século XIII. A construção de castelos se relacionava com a consolidação territorial das propriedades feudais, o desenvolvimento das províncias e o auge da colonização. Já desde o século XII cada propriedade possuía ao menos uma casa com pátio fortificado e mesmo uma torre construída de pedra. Um castelo passou a ser quase sinônimo de uma condição senhorial, e o ponto de identificação para a nobreza, que começou a usar os nomes de seus castelos como "sobrenomes" hereditários. Até o século XIII a construção de um castelo dependia do poder de um senhor e por isso os donos de castelos eram quase exclusivamente influentes senhores seculares ou eclesiásticos. Dado que a época áurea da construção de castelos na Eslovênia coincidiu com a conformação das províncias e a liberação da pequena nobreza, os senhores das províncias buscaram restringir a febre de construir castelos por parte da pequena nobreza porque isto limitava sua força tanto militar quanto simbolicamente. Lá para o fim do século XIII, seus esforços deram resultados. A província foi unificada e por isso eles puderam conter a resolução arbitrária de disputas entre os nobres, o que até então tinha sido uma das razões principais para construir castelos. Consequentemente, apenas alguns poucos novos castelos foram construídos durante o século XIV e mesmo estes tiveram que obter uma aprovação explícita por escrito antes de iniciar a construção. Por esta época, o senhor da província tinha à sua disposição mecanismos eficientes para penalizar construções novas ilegais, como demonstram registros que relatam a demolição de castelos.

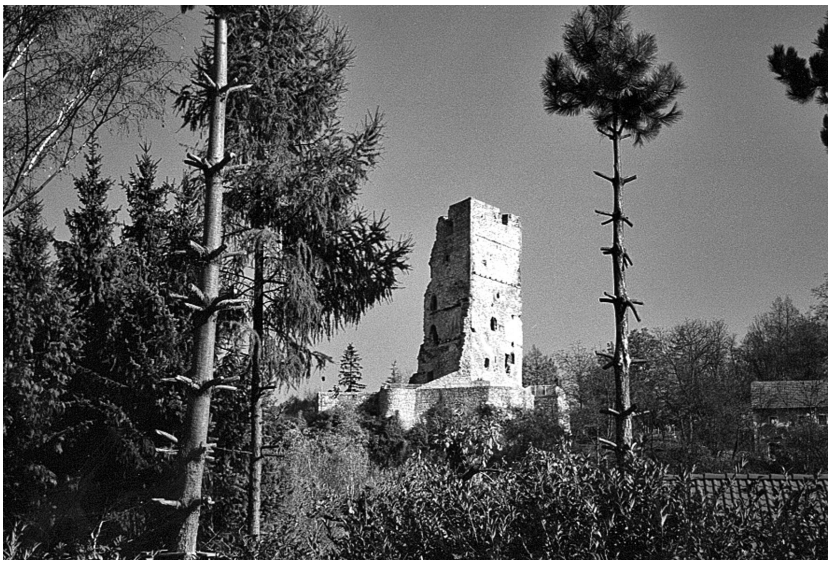

Figura 27. Restos do castelo de Salek perto de Velenje, c. do século XII. Fotografia: Ivan Jakic

Das cerca de 300 fortalezas construídas durante a Alta Idade Média no que hoje é a Eslovênia a maioria foi erigida em locais elevados e naturalmente protegidos. Os castelos também foram construídos acima ou dentro de povoados onde os legados do senhor da cidade e seus séquitos tinham sede. Seus planos eram determinados pela configuração da terra. Em geral, estes eram castelos pequenos (ao menos comparados com o tamanho médio de um castelo na Europa ocidental) com as áreas residenciais em dois andares, um pátio fechado e uma torre defensiva saliente. Outro tipo era a torre fortificada à qual outras instalações necessárias eram anexadas depois. Obviamente, só algumas poucas famílias nobres ou senhores eclesiásticos podiam arcar com os custos da construção de castelos maiores, enquanto os ministrantes tinham modestas fortificações que passavam de geração em geração até que a linha familiar se extinguisse ou o dono sofresse um desastre financeiro. Apesar disso, mesmo estas fortificações

modestas distinguiam seus donos (habitantes) dos membros da nobreza mais baixa que não possuíam castelos. Até a metade do século XV, os castelos existentes eram ampliados pelo acréscimo contínuo de novos cômodos, mas desde então a prática mudou. Mansões maiores da Renascença e palácios urbanos começaram a surgir nas planícies, com o seu número aumentando ainda mais durante o século XVI. Por esta época a ameaça de ataques turcos tinha desaparecido e a resolução de conflitos entre os membros da nobreza por meios armados não institucionais tornou-se impossível porque os poderes judiciais se concentraram nas mãos do senhor provincial e um exército regular tinha sido estabelecido debaixo da autoridade do senhor. Isto eliminou a razão principal para manter estes castelos muito apertados e empoleirados em pontos elevados, que começaram a decair rapidamente[166].

Cidades e citadinos

Ao lado da mineração e da cunhagem de moedas, o estabelecimento de cidades era possivelmente o indicador mais confiável de um fluxo crescente de dinheiro e da emancipação dos ofícios e do comércio da agricultura. Nas províncias históricas, com exceção da Ístria, as cidades surgiram durante os séculos XII e XIII quando o surto econômico europeu chegou aos Alpes orientais, embora com algum atraso. Os centros de manufatura e comércio eram as cidades e seus mercados. Ao utilizar o termo "cidade", certa cautela parece necessária: durante a Idade Média (e mesmo depois), os habitantes de cidades nunca abandonaram suas atividades agrárias e nenhuma cidade realmente grande foi estabelecida nestas regiões. Mesmo no fim da Idade Média a maioria das cidades contava apenas com cerca de mil habitantes ou menos e só nas maiores cidades

166 Dusan Kos, *Burg*, p. 22-164; Michael Mitterauer, "Burg und Adel in den österreischichen Ländern". In: *Die Burgen im deutschen Sprachraum. Ihre rechts- und verfassungsgeschichtliche Bedeutung II*, ed. Hans Patze. Sigmaringen: Jan Thorbecke, 1976, p. 360-380.

(e.g., Liubliana, Trieste, Koper e Piran) a população ultrapassava quatro mil habitantes. A posição geoestratégica relativamente favorável entre o curso médio do Danúbio (Viena) e o norte do Adriático (Veneza) não era em si mesma um estímulo suficiente para fazer florescer as cidades ou impulsionar a importância econômica desta região. Uma razão era a estrutura distante do comércio, em especial do comércio de matérias-primas. Outro fator importante era um mercado de consumo subdesenvolvido e desprovido do capital necessário para comprar produtos de luxo com valor agregado ou para produzir tais produtos de maneira a interessar o mercado europeu. Os comerciantes locais exportavam basicamente produtos agrícolas (vinho, mel, gado, cera), matérias--primas e produtos simples (ferro, peles, couro); todos os bens de luxo, frutas exóticas e vinhos doces eram importados[167].

Até o século XI, mesmo as cidades costeiras da Ístria que tinham uma tradição antiga (Trieste, Koper, Porec, Pula), bem como aquelas que não tinham este passado (Izola, Umag, Rovinj), eram somente centros locais para atividades agrárias específicas (produção de sal, de vinho e de azeite). Por este tempo as raras cidades maiores (Trieste e Koper) tinham também desenvolvido um comércio marítimo que se extendia pelo Mediterrâneo oriental. Um traço comum a todas as cidades ístrias era a extensão de seus governos para o interior rural, o que de fato significava que a parte veneziana da Ístria foi repartida, até o colapso da república em 1797, entre várias cidades. Sob o domínio bizantino estas cidades tinham gozado de certo grau de autonomia. Durante a era carolíngia, os poderes dos margraves friulios nas cidades ístrias eram exercidos por legados urbanos (juízes). Antes do ano 1000, as cidades ístrias (municípios) tinham introduzido formas compartilhadas de tomada de decisões atribuídas a assembleias de cidadãos livres (*arenga*). Quando tais cidades foram postas

167 Ferdo Gestrin, *Trgovina*, p. 36-59.

sob a autoridade de Veneza no século XIII, os órgãos do governo municipal foram organizados de acordo com o modelo veneziano. A organização incluía muitas repartições municipais desconhecidas para as cidades do interior. O representante supremo militar e político de Veneza tinha o título de "podestá" (capitão). O principal órgão municipal era a assembleia dos nobres (patrícios) chamada de Grande Conselho que elegia outros órgãos e seus funcionários. Durante o século XIII a participação como membro do Grande Conselho tornou-se hereditária e reservada exclusivamente às famílias patrícias (cujo número não era muito elevado). Estas mudanças se mostraram bem-sucedidas no esforço de evitar a participação de imigrantes assim como dos demais cidadãos menos ricos e nobres nos mecanismos decisórios[168].

As cidades do interior e as cidades que dispunham de mercados (com exceção de Ptuj) não tinham antigas tradições ainda que algumas estivessem em locais de cidades antigas (Liubliana, Kranj, Celje). Do século X em diante, os povoados semiagrários mais importantes situados em pontos estratégicos e ao redor de castelos importantes gradualmente assumiram o caráter de verdadeiras comunidades urbanas[169]. Estas cidades estavam espaçadas de forma regular uma da outra. No que diz respeito à definição jurídica das áreas urbanas, elas nunca cresceram além de centros urbanos cercados por subúrbios limitados. A tributação as protegia contra a concorrência de estrangeiros, artesãos do campo e comerciantes. Estas cidades estabeleceram o costume de realizar feiras semanais regulares, em contraste com as cidades ístrias onde as feiras nunca tinham se tornado uma prática formal. A rede de 27 cidades do interior da Eslovênia era complementada por

168 Sergij Vilfan, "Stadt und Adel – Ein Vergleich zwischen Küsten- und Binnenstädten zwischen der oberen Adria und Pannonien". In: *Die Stadt am Ausgang des Mittelalters*, ed. Wilhelm Rausch. Linz: J. Wimer, 1974, p. 63-74.

169 Franz Zwitter, "K predzgodovini mest in mescanstva na starokarantanskih tleh", *Zgodovinski casopis*, nº 6-7, 1952/1953, p. 218-245.

cerca de 70 cidades de mercado[170] que incorporavam certos elementos funcionais das cidades, mas a maioria não era cercada de muralhas e sua autonomia governamental estava em grande medida subordinada aos senhores da cidade.

Como o estabelecimento das cidades era um direito real, até o século XI os povoados urbanos só eram estabelecidos com aprovação real. Daí em diante a importância verdadeira do consentimento real, embora ainda oficialmente requerido, diminuiu até 1232. Durante o século XII, os centros artesanais e de feiras eram estabelecidos por senhores poderosos como parte de seus esforços para consolidar seus territórios e se tornarem senhores da província. Entre o começo do século XII e o século XV, várias oficinas de cunhagem funcionavam entre a Caríntia e a Croácia[171]. Apenas um pequeno número de cidades foi estabelecido na Caríntia com finalidades mais comerciais do que políticas. A Caríntia ficava na rota mais importante ligando Viena à república de Veneza e tinha também várias minas de prata e chumbo. A primeira cidade a crescer economicamente foi Friesach. Estabelecida pelo arcebispo de Salzburg, era uma pequena cidade-mercado entre 1090 e 1106 e, por volta de 1130, recebeu direitos municipais. St. Veit, Villach, Klagenfurt e Völkermarkt eram várias décadas mais jovens[172]. Liubliana, Kamnik e Kranj na Carníola se criaram como povoados urbanos no século XII e durante o século seguinte adquiriram privilégios municipais. Juntamente com Kostanjevica na Baixa Carníola, estas cidades eram os mais importantes baluartes dos

170 NT: Trata-se de cidades ou vilas que, de acordo com as leis feudais, recebiam o direito de manter mercados.

171 A primeira tentativa de centralizar a cunhagem de moedas foi efetuada pelos Habsburgos no século XIV, mas eles não conseguiram estabelecer um monopólio até o colapso do condado de Celje um século mais tarde. Dentro dos territórios eslovenos, a moeda veneziana era um sério competidor às moedas cunhadas em Graz e Viena até o século XVII.

172 Alfred Ogris, *Die Bürgerschaft in den mittelalterlichen Städten Kärntens bis zum Jahre 1335*. Klagenfurt: Verlag des Kärtner, 1974.

senhores provinciais na Carníola durante e depois do século XIV. Em 1365, o duque Rodolfo IV fundou Novo Mesto[173] na Baixa Carníola para estimular o comércio nesta região. Em contraste, o desenvolvimento de Skofjia Loka, o centro feudal e municipal dos bispos de Freising, tomou um curso completamente diferente, tal como aconteceu com o desenvolvimento de Metlika e Crnomelj na Carníola Branca, cujos senhores eram os condes de Gorizia. As cidades-mercado de Krsko, Kocevje, Visnja Gora e Loz só vieram a receber direitos de município sob a autoridade do senhor provincial durante os anos 1470, devido à ameaça turca. Contudo, no sentido econômico, elas nunca se desenvolveram além do nível de centros comerciais camponeses. Na baixa Estíria, a cidade mais importante e mais influente era Ptuj, um antigo centro de passagem entre a planície panônica e o Adriático que manteve este papel na Alta Idade Média. Mais tarde, Ptuj tornou-se um importante centro de trânsito para o comércio de gado entre a Hungria e a Itália. Maribor, Slovenj Gradec e as pouco mais recentes Brezice, Slovenska Bristrica e Ormoz todas se desenvolveram durante o século XII. Celje só alcançou a condição de município na primeira metade do século XV[174]. Na parte ocidental, a única cidade era Gorizia, mencionada pela primeira vez em 1001, e que adquiriu direitos municipais no século XIV.

As cidades continentais recebiam os predicados urbanos (muralhas fortificadas, o direito de realizar feiras e direitos judiciais) e órgãos de governo próprios somente com a aprovação do senhor da cidade, i.e., o proprietário da terra, o fundador formal e a autoridade que concedia os direitos de cidadania. Ao contrário do

173 NT: Em esloveno e no texto em inglês o nome da cidade é escrito "Novo mesto", com minúscula no início do segundo elemento do nome. Em português parece mais correto usar maiúsculas nos dois elementos.

174 Norbert Weiss, *Das Städtewesen der ehemaligen Untersteiermark im Mittelalter. Vergleichende Analyse von Quellen zur Rechts-, Wirtschafts- und Sozialgeschichte*. Graz: Historische Landkomission für Steiermark, 2002.

que ocorria na Ístria, as cidades do interior alcançaram autonomia e condição jurídica em um ritmo muito mais lento com a adição sucessiva de novas liberdades econômicas e administrativas. Por esta razão, estas cidades não dispunham de leis codificadas e a sua administração dependia, em diversos aspectos, do direito costumeiro. A única exceção era Ptuj que, em 1376, por vontade do senhor da cidade (o arcebispo de Salzburg), obteve um estatuto municipal geral, embora em termos de precisão e abrangência ele estivesse muito atrás dos estatutos das cidades ístrias datados do século XIII ou depois. Como os direitos que um senhor cedia às cidades sob seu domínio eram bastante parecidos entre si, as cidades pertencentes a um determinado senhor constituíam uma rede de locais organizados de forma semelhante: Ptuj, por exemplo, tinha leis analógas àquelas que vigoravam nas duas outras cidades da diocese de Salzburg, Ormoz e Brezice. O ordenamento jurídico em Skofja Loka se parecia muito com o das cidades bávaras sob a jurisdição da diocese de Freisling. A mesma semelhança interna existia entre as leis das cidades da Baixa Carníola, Metlika, Crnomelj e Novo Mesto, que no século XIV alcançaram direitos municipais modelados nos que haviam sido concedidos a Kostanjevica. A própria Kostanjevica tinha recebido privilégios, por volta de 1300, da parte do senhor da província, o duque carintiano da família dos condes de Gorizia-Tirol.

O representante do senhor da cidade nas cidades continentais era um "juiz da cidade" que era, contudo, obrigado a colaborar com a assembleia de todos os cidadãos (comuna). No século XIII o poder decisório da assembleia foi transferido para um grupo de doze representantes, os quais eram de costume cidadãos prósperos. Suas funções não eram hereditárias, como ocorria nas cidades ístrias. Por volta do século XIV, este órgão de doze membros tinha evoluído para órgãos colegiados: o mais importante era o "conselho externo". Nas cidades maiores, o conselho externo escolhia entre os seus membros os integrantes de um órgão executivo, o "conselho

interno", mas preservava sua função supervisora. Nas cidades da Carníola, sob a autoridade dos condes de Gorizia-Tirol de 1279 a 1335, a posição de juiz da cidade (e com esta função todas as rendas que ela acarretava) podia até ser arrendada no máximo a três juízes. A partir de 1370, a posição de juiz da cidade pertencia ao domínio dos cidadãos e dependia mais da vontade do senhor da cidade. A mudança foi pela primeira vez instituída em Liubliana e outras cidades logo seguiram seu exemplo. O juiz da cidade tornou-se assim, relativamente cedo, o verdadeiro instrumento da autonomia urbana nas cidades continentais, embora o senhor da cidade retivesse o poder formal de dar o consentimento para a sua eleição. Esta forma de autonomia sobreviveu nas cidades continentais até o fim do século XVIII, quando todas as terras hereditárias dos Habsburgos passaram por uma radical reforma administrativa. No processo, as cidades perderam uma grande parte de sua autonomia política e foram subordinadas à supervisão da administração do Estado.

Em termos de língua e etnia, os habitantes das cidades formavam um grupo heterogêneo, pois a região da atual Eslovênia ocupava o ponto de encontro de diversas culturas europeias – romana, germânica, húngara e eslava. Nas cidades da Carníola, a população eslava que migrou do campo agrícola era definitivamente majoritária. Em Liubliana, a maior cidade e, a partir do século XIV, a capital da província, os que falavam esloveno somavam pelo menos 70% da população de 6.000 ao tempo da Reforma. Por outro lado, as línguas oficiais usadas no governo, na educação e na alta cultura nas cidades ístrias e nas continentais eram, respectivamente, o italiano e o alemão. Inúmeros exemplos indicam que o conhecimento das línguas oficiais nunca foi tomado como certo ou considerado necessário para os candidatos a funções oficiais, inclusive as dos mais altos escalões. Os estrangeiros formavam apenas uma pequena fração da população urbana, mas seu papel

na economia municipal e na da província era incomparavelmente maior: os florentinos e os judeus (os últimos desde cerca de 1320) eram os banqueiros em muitas cidades ístrias e continentais, enquanto os comerciantes atacadistas eram principalmente de origem italiana ou alemã[175].

O desenvolvimento relativamente rápido das cidades e das cidades-mercado tornou-se mais lento na metade do século XIV. A partir desta época, a localização das fronteiras de uma região e a vulnerabilidade aos ataques turcos assim como os perpétuos conflitos entre os Habsburgos, a República Veneziana e o Reino da Hungria obstruíram o progresso. Em 1360, os Habsburgos fecharam as estradas ao sul dos montes Karavanke para as mercadorias venezianas tais como cobre, redirecionando as rotas mercantis para Viena e os Alpes. Durante os séculos XIV e XV, todas as cidades do interior estiveram envolvidas em conflitos sobre restrições ao comércio de vinho e de ferro. Em 1461, Trieste ganhou o direito a que todos os bens em trânsito da Carníola para Veneza passassem por lá. Isto teve sérias implicações para os comerciantes de cereais na Ístria e na Carníola. Circunstâncias de caráter geral, como epidemias de praga e a conjuntura econômica geral, também tiveram consequências críticas que agravaram o abastecimento de produtos agrícolas para as cidades: os camponeses contornavam as regras municipais sobre os limites máximos de preço vendendo seus produtos em outros locais, principalmente no exterior. O preço dos alimentos foi aumentado ainda mais por numerosos impostos e pedágios. O número de artesãos urbanos e comerciantes estagnou, não só por causa de restrições impostas pelas corporações, mas também porque os camponeses podiam satisfazer parte de sua demanda por artefatos passando eles mesmos a produzi-los. Nas áreas rurais, o crescimento de ofícios e do comércio se intensificou

175 Janez Persic, *Zidje in kreditno poslovanje v srednjeveskem Piranu*. Liubliana: Oddelek za zgodovino Filozofske fakultete, 1999; Josip Zontar, "Banke in bankirji v mestih srednjeveske Slovenije", Glasnik Muzejskega drustva za Slovenijo, nº 13, 1932, p. 21-35.

significativamente no século XIV como resultado das pressões dos proprietários para substituir o pagamento de impostos em espécie por pagamentos em dinheiro (os camponeses podiam ganhar dinheiro apenas vendendo seus produtos nas cidades) e porque parte da população camponesa que se tornou desamparada voltou-se para atividades complementares como meio adicional de sobrevivência. Os proprietários apoiavam estas atividades adicionais e assim exacerbavam o conflito permanente com as cidades. Os acordos entre as cidades e a nobreza (na Carníola um destes acordos foi concluído em 1492) para restringir o artesanato à vizinhança próxima das cidades e permitir atividades comerciais nas áreas rurais só durante feriados religiosos locais não eram de muita utilidade; estas limitações não afetavam o comércio atacadista de ferro, vinho, sal, gado e grãos com a Itália, que formava a base do robusto comércio camponês e do seu transporte e que durante séculos sobrepujou o comércio urbano[176].

É lógico que, confrontados com a competição dos camponeses locais e dos estrangeiros, os habitantes das cidades eslovenas não tinham capital suficiente para realizar atividades lucrativas, como a produção de bens caros ou o comércio de longa distância. Um indicador confiável que comprova a existência de tais dificuldades é o fato de que as cidades do interior da Eslovênia nunca experimentaram a formação de uma classe patrícia. Os raros moradores urbanos que alcançaram a condição de nobres durante a Idade Média não adquiriram aquela condição por estarem engajados em atividades urbanas, mas porque tinham comprado propriedades que os qualificavam como senhores. A maioria dos comerciantes locais efetuava suas transações com as cidades ístrias; no que diz respeito a empreendimentos de maior vulto, a partir do século XV os comerciantes locais começaram a ser esmagados por

176 Vlado Valencic (ed.), *Ljubljanska obrt od srednjega veka do zacetka 18. stoletja*. Liubliana: Mestni arhiv, 1972, p. 6-19; Ferdo Gestrin, *Trgovina*, p. 41-99.

associações comerciais das cidades do sul da Alemanha (Augsburgo, Nuremberg). Apesar do rancor da população local, o senhor da província nada fez para restringir a ação destas associações. Ao contrário, em 1495 e 1515 ele chegou a ceder à pressão delas e expulsou os judeus da Caríntia, Estíria e Carníola – nesta época os judeus tinham assumido controle sobre as transações financeiras. Até mesmo os empresários que investiam em novas minas (e.g., uma mina de mercúrio em Idrija em 1493) e fundições de ferro eram em geral estrangeiros ou nobres em boa situação financeira organizados no âmbito de sociedades financeiras e que não mais limitavam seus negócios a províncias individuais ou davam atenção a dispositivos sobre a divisão de trabalho entre as classes sociais. Eles organizavam a produção com contratos de investimento entre trabalhadores qualificados e sociedades financeiras. De todo modo, este início de práticas capitalistas reduziam ainda mais a capacidade competitiva da população das cidades locais e assim, ainda mais do que antes, eles recorriam a restrições corporativas antiquadas para sobreviver. Como consequência, as cidades medievais nas regiões eslovenas nunca se transformaram em centros que pudessem oferecer novidades importantes capazes de elevar a cultura a um nível mais alto[177].

Cultura

As regiões fronteiriças do Império Romano-Germânico e dos Alpes orientais foram inevitavelmente afetadas pelas tendências artísticas europeias. Ainda que o seu brilho fosse meio esmaecido, as características dos estilos românico e gótico eram elementos padrões das imagens visuais representativas da proximidade com Deus nestas regiões, tanto como em outras. A arte chegava ao sudeste do império com atraso e a seleção de artistas e o esplendor

177 Para detalhes ver: Ferdo Gestrin, *Slovenske dezele in zgodnji kapitalizem*. Liubliana: Slovenska matica, 1991.

das obras de arte eram as compatíveis com o padrão financeiro e as necessidades das pessoas que encomendavam estas obras. Por outro lado, tal situação criava mais oportunidades para os pintores e escultores regionais, alguns dos quais eram extraordinariamente talentosos e sensíveis às tendências artísticas do norte da Itália e do sul da Alemanha.

A alta cultura escrita foi por muito tempo exclusividade da Igreja; inicialmente a língua usada era somente o latim e não apenas para textos relacionados com a igreja. Ao fim do século X, a igreja em Maria-Wörth am Wörthersee na Caríntia ostentava uma biblioteca que incluía 42 códices. Coleções ainda mais exclusivas podiam ser encontradas em certos mosteiros perto do fim do século XII, a sala de calígrafos dos monges cistercianos em Sticna produziu a maior coleção regional de códices com iluminuras seguindo as tendências do norte da França. Ao mesmo tempo o clero também cultivava a cultura folclórica mais "baixa". Graças ao papel pastoral do mosteiro de Sticna, durante o começo do século XV a mesma sala de calígrafos também produziu textos mais curtos em esloveno (*Sticna Manuscript*). Provavelmente a maior biblioteca do século XV na região era a do mosteiro cartuxo em Zice, que continha mais de 2.000 códices e incunábulos. Os escribas locais copiavam principalmente as obras clássicas mais interessantes (enciclopédias, obras religiosas, filosóficas e textos escolásticos)[178]. Eram poucos os autores locais e mesmo estes eram educados e trabalhavam no estrangeiro. Por exemplo, o erudito e astrônomo Herman da Caríntia, que viveu na primeira metade do século XII, trabalhou na França e na Espanha. Ele foi um dos primeiros disseminadores da cultura islâmica: traduziu do árabe os "Elementos" de Euclides e o Alcorão. Vários estrangeiros trabalhavam em mosteiros locais: no mosteiro cartuxo

178 Para uma lista da maioria dos manuscritos medievais preservados de diversas origens guardados em bibliotecas eslovenas, veja: Milko Kos, *Srednjeveveski rokopisi v Sloveniji*. Liubliana: Umetnostno zgodovinsko drustvo, 1931.

em Jurkloster os mais renomados eram Siegfried, um monge da Suábia (autor de um poema em rima do século XII sobre o duque Leopoldo IV), Miguel de Praga (século XIV) e Nicolau Kempf de Estrasburgo (século XV). No começo do século XIV, o monge Felipe, que veio para Zice do norte da Alemanha, adaptou para o alemão um poema épico latino sobre a vida de Santa Maria que foi um verdadeiro sucesso na Alemanha durante dois séculos[179]. João, abade do mosteiro cisterciano em Viktring na Caríntia, veio da Lorena. Ele escreveu em latim a crônica *Liber certarum historiarum*, considerada um dos mais importantes trabalhos de historiografia do século XIV. Um frade capuchinho de Celje escreveu a "Crônica dos Condes de Celje" em alemão, logo depois de 1456. O padre Jakob Unrest escreveu três crônicas sobre a Áustria, a Caríntia e a Hungria, em uma época antes de 1500.

Koper tinha uma escola episcopal ao fim do século XII e não causa surpresa que a mais importante cidade ístria tenha sido a primeira a experimentar o florescimento do Humanismo e da Renascença no século XV. A cidade tinha uma escola para nobres e uma academia (para jogos cavalheirescos). Acredita-se também que na metade do século XV as primeiras tentativas de impressão tenham sido realizadas em Koper. A cidade continental mais importante, Liubliana, obteve sua primeira escola oficial somente após o estabelecimento da diocese em 1461. Escolas particulares tinham sido criadas anteriormente em Liubliana (desde 1291), em Kamnik (desde cerca de 1300), em Klagenfurt (1325) e em Maribor (1452), etc. Os mais sérios concorrentes destas escolas eram os mosteiros, especialmente conventos nos quais as freiras eram principalmente mulheres nobres (Velesovo, Mekinje, Studenice, Marenberk, Skofja Loka). A primeira universidade próxima estava em Graz e foi fundada no século XVI. A primeira universidade no

179 Joze Mlinaric, *Kartuziji Zice in Jurkloster*. Maribor: Porkrajinski arhiv, 1991, p. 466-497.

território da moderna Eslovênia foi a universidade de Liubliana, estabelecida em 1919.

Pouco é sabido sobre a cultura literária secular medieval e nosso conhecimento sobre a cultura palaciana entre os nobres é apenas ligeiramente melhor[180]. Por volta da metade do século XIII havia três "Minnesingers"[181] locais cujas canções em alemão foram preservadas no *Codex Manesse "Grosse Heidelberger Liederhandschrift"* do século XIV[182]. Os nobres, especialmente os relacionados com a corte dos Habsburgos, também eram ardentes patrocinadores da cultura palaciana durante o século XV. Por volta de 1500, na corte do rei Maximiliano, o cavaleiro Caspar Lamberger e vários outros cavaleiros da Carníola, Estíria e Caríntia estavam entre os mais fervorosos aficionados dos torneios e da cultura palaciana restaurada na Europa central[183]. Embora em 1430 o conde de Celje, Ulrich II, tivesse partido acompanhado de uma numerosa comitiva, para Santiago de Compostela no espírito dos cavaleiros medievais e das suas peregrinações (na Espanha ele manteve audiências com Afonso V de Aragão e João II, rei de Castilha), logo após aquela viagem os condes de Celje construíram a primeira sede de corte no estilo da Renascença e reuniram importantes humanistas em torno deles à maneira dos patronos das artes[184].

180 Uma razão foi a "perda" da cultura material após 1945, uma consequência da revolução socialista.

181 NT: Em alemão no texto inglês. Equivale a trovadores.

182 Anton Janko & Nikolaus Henkel, *Nemski viteski liriki s slovenskih tal. Zovneski, Gornjegrajski, Ostrovrski / Deutscher Minnesang in Slowenien. Der von Suonegge, Der von Obernburg. Der von Scharpfenberg*. Liubliana: Znanstveni institut Filozofske fakultete, 1997. Os fragmentos do poema de Parzival de Wolfram von Eschenbach, cuja cópia foi encomendada no século XIII por um nobre desconhecido da Carníola, também foram preservados: Janez Stanonik, *Ostanki srednjeveskega nemskega slovstva na Kranjskem*. Liubliana: Filosofska fakulteta, 1957.

183 Dusan Kos, *The Tournament Book of Gasper Lamberger / Das Turnierbuch des Caspar von Lamberg*. Liubliana: Viharnik, 1997, p. 108-136.

184 Ignacij Voje, "Romanje Ulkira II. Cljskega v Kompostelo k Sv. Jakobu", *Zgodovinski casopis*, nº 38, 1984, p. 225-230; Primoz Simontini, *Humanizem na Slovenskem in slovenski humanisti do srede 16. stoletja*. Liubliana: Slovenska matica, 1979, p. 15-38.

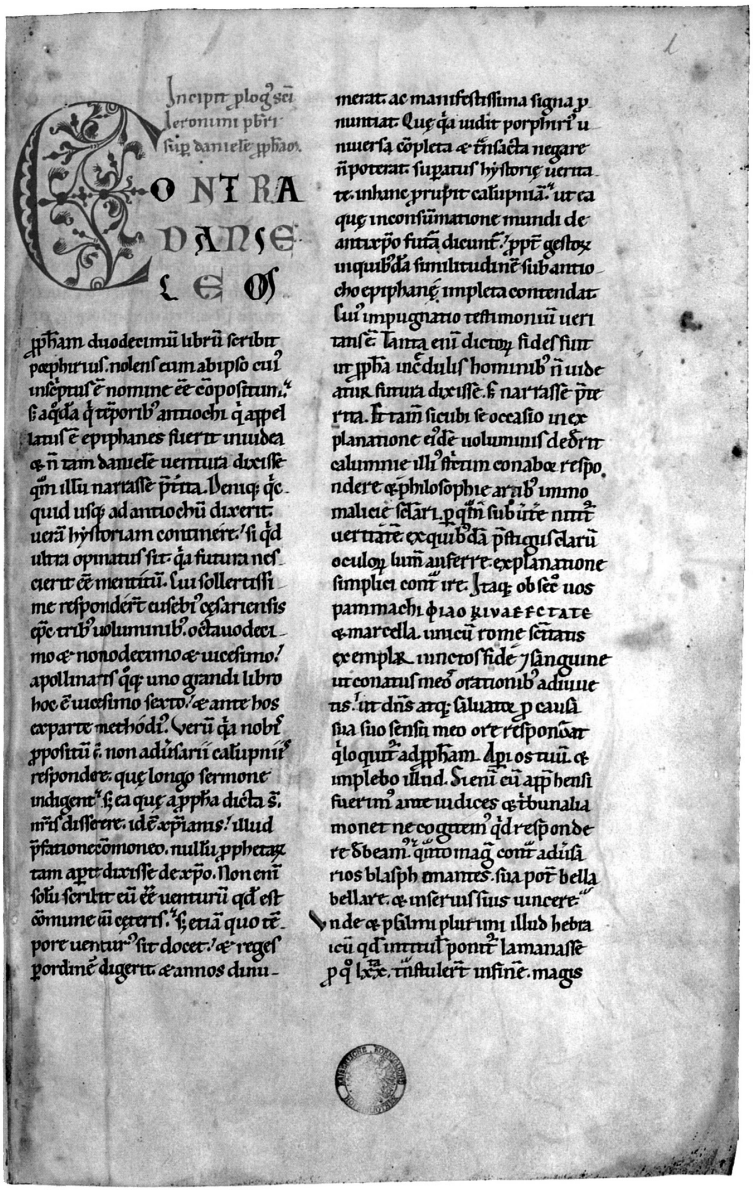

Figura 28. Cod. 685 na Biblioteca Nacional Austríaca, Viena, (São Jerônimo, Comentários sobre os profetas), produzido no mosteiro de Sticna ao fim do século XII. Natasa Golob, Siski rokopis. Liubliana: Slovenska knjiga, 1994, p. 98

A imigração contínua de nobres estrangeiros, principalmente os de idioma alemão e italiano, levou à mistura entre os locais e os forasteiros, razão pela qual estes últimos, uma vez estabelecidos na região, deixavam de se sentir estrangeiros. Uma vez que, a partir do início da ordem feudal, a língua da nobreza era o alemão e a do clero o latim, a literatura eslovena não podia se desenvolver. O alemão era a principal língua usada em todas as questões oficiais desde 1300, enquanto na Ístria e na Friulia desde o século XV o idioma era o italiano. Alguns raros documentos escritos em esloveno indicam não obstante que a alta nobreza podia falar e entender esloveno e que o idioma aparecia até em algumas obras de alta cultura[185]. A pequena nobreza, em especial, que vivia e trabalhava nas regiões onde o esloveno era a língua da maioria, tinha que conhecê-la e usá-la. Em consequência, eles também estavam familiarizados com a cultura oral eslovena, particularmente as canções folclóricas que até os tempos modernos continuam a refletir fortemente o espírito da organização e dos costumes da velha sociedade pagã eslava.

As Estrelas de Celje

A ascensão dos condes de Celje começou em 1396, um ano crucial na história da Europa. O destino da cruzada, esmagadora derrota dos cavaleiros da Europa ocidental na batalha de Nicópolis sob o comando do imperador Sigismundo de Luxemburgo, rei da Hungria, transformou o Império Turco de potência regional em superpotência continental. Doravante, as intenções e ambições do

185 Isto é mencionado na obra (NT: o texto em inglês usa a palavra "novel" – cuja tradução em português seria "romance ou novela" – para referir-se tanto a esta obra como a *Parzival*. Estes termos contudo não são aplicáveis às formas literárias da época. Além disso, em pesquisa realizada na internet, o tradutor verificou que ambas são consideradas poemas medievais) *Frauendienst*, do aventureiro estírio Ulrich von Liechtenstein, afirma que, ao chegar à Caríntia em 1227, vestido como a deusa Vênus, o duque Bernhard von Spanheim o acolheu em esloveno: "Bog vas sprejmi, krljica Venera!" ("Deus lhe dá as boas-vindas, ó Deusa Vênus!): Ulrich von Liechtenstein, *Frauendienst*, trad. Viktor Spechtler. Klagenfurt: Weiser Verlag, 1999, estrofe 592. O poeta e aventureiro Oswald von Wolkenstein (1367-1445) usou várias frases em esloveno em dois poemas amorosos que foram escritos em várias línguas.

sultão diziam respeito não apenas aos Balcãs, elas se estendiam à mais ampla região danubiana. Entrementes, a última oportunidade tangível de salvar Bizâncio se desvanecia no horizonte da política global.

O confronto militar nos pantanais ao longo do baixo rio Danúbio não foi tão espetacular como a épica batalha de Kossovo sete anos antes e até a sua data precisa – mais ou menos entre 25 e 28 de setembro de 1396 – foi afinal esquecida. A catástrofe não ameaçou o Reino de Sigismundo, embora quase tenha destronado este manipulador político, que nunca executava completamente seus planos rigorosamente elaborados. Que ele tenha escapado das garras do exército turco foi quase um milagre.

O papel principal no resgate de Sigismundo de sua pouco invejável posição, e subsequentemente do centro da batalha, foi desempenhado pelo conde Hermano II de Celje (Alem: Cili)[186]. Depois disso, o empreendedor Hermano também ajudou Sigismundo a restaurar sua autoridade gravemente solapada através das terras da Coroa de Santo Estevão. O imperador, cuja legitimidade ficara questionável depois da morte de sua mulher Maria (1395)[187], demonstrou gratidão ao seu forte aliado casando-se com a sua filha mais moça, Bárbara (1408), e concedendo-lhe inúmeras propriedades feudais na Croácia e na Eslavônia. Hermano também se tornou membro da exclusiva "Ordem do Dragão" e, antes de muito tempo, orgulhava-se do título de "Ban"[188] da

186 Milko Kos, *Srednjeveska kulturna, druzbena in politcna zgodovina Slovencev*. Liubliana: Slovenska matica, 1985, p. 262.

187 Sigismundo de Luxemburgo ascendeu ao trono húngaro ao desposar a sua herdeira legítima Maria de Anjou – a filha do falecido rei Luís, o Grande, e de Elizabeth Kotromanic – no outono de 1385. Em fervente descontentamento, os magnatas da coroa de Santo Estevão o capturaram e prenderam em 1401. Sigismundo foi salvo de seu apuro por seus aliados na Hungria e nas terras vizinhas que eram associados a Hermano II de Celje. Ver: Jörg K. Hoensch, *Kaiser Sigismund. Herrscher an der Schwelle zur Neuzeit 1368-1437*. Munique: Beck, 1996, p. 103-106.

188 NT: O título de "Ban", como aparece no texto em inglês, equivale ao de governante local ou vice-rei.

Croácia, Eslavônia e Dalmácia (1406). Isto abriu caminho à rápida progressão da dinastia dos Celje de uma família de importância meramente local às alturas dos mais proeminentes patrícios da Europa. Pela primeira vez desde a desintegração da Carantânia, que tinha sido aumentada com marcos (no começo do século XI), um centro de poder foi estabelecido nas províncias eslovenas que tinha de se levar em conta até na mais ampla região alpino-danubiana.



Figura 29. Celje. Primoz Premzl (ed.), Topographia ducatus Stiriae. Maribor: Umetniski kabinet Primoz Premzl, 2006, fig.11

O conde Hermano II foi o mais destacado representante da linhagem antiga dos senhores livres de Savinja (Sovne) ou senhores de Zovnek (Sonekke), que foram mencionados pela primeira vez em fontes históricas no século XII. A propriedade desta dinastia aristocrática foi, durante muito tempo, limitada a uma pequena área em torno do seu castelo residencial nos contrafortes do sudeste dos Alpes. No entanto, através da prudente aquisição de direitos de *advocatus* sobre terras eclesiásticas e mediante uma série de casamentos vantajosos, os senhores de Zovnek tinham se tornado atores dignos de atenção no vale do Savinja e em toda a bacia do rio

Sotla no começo do século XIV. A expansão de suas propriedades fundiárias, assim como de seu poder acelerou a decadência de várias famílias nobres com as quais eles se tinham misturado no "mercado de casamentos". Contudo, os Zovneks não tinham estabelecido ligações familiares com as mais distinguidas dinastias do alto medievo na região alpina oriental (i.e., as dinastias dos Andechs--Meran, Babenberg e Spanheim), mas sem direitos hereditários eles não poderiam na verdade retirar qualquer benefício substancial do rápido declínio daquelas dinastias. Naquela época os ramos da sua árvore familiar alcançariam principalmente até o centro da Estíria e a bacia do Drava. Isto reforça significativamente a possibilidade de que os senhores de Zovnek tenham sem dúvida sido uma família aristocrática que tinha o vale do Savinja como domicílio autóctone. A única exceção que poderia eventualmente permitir a probabilidade de sua ligação com o ramo lateral da dinastia de St. Hemma era a de que os nomes de seus representantes tivessem aparecido em um período anterior[189].

Em 1306, começou uma amarga disputa pelo trono da Boêmia entre os condes de Gorizia-Tirol e os Habsburgos; em seguida o conflito transformou-se em verdadeira guerra que se estendeu ao solo esloveno. Levados por seu próprio interesse, os senhores livres de Zovnek tomaram o partido dos Habsburgos. Duas gerações antes os condes de Celje e Gorizia tinham dividido entre si as províncias entre o Danúbio e o Adriático após o colapso do governo do rei Otokar II Premysl (1276-1278), mas agora seus poderes e ambições já não eram mais nem remotamente comparáveis. A dinastia dos Celje já tinha começado a voltar seus olhos para o trono medieval do Império Romano-Germânico, sob a direção do inescrupuloso

189 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*. Graz & Liubliana: Mohorjeva druzba; Korotan Ljubljana d.o.o., 1995, p. 108. Esta explicação se torna consideravelmente duvidosa pelo fato de que mais tarde os senhores de Celje não se associaram com a política dinástica do ramo secundário da família de St. Hemma, i.e., os condes de Visnja Gora.

Rodolfo I, e estava ousadamente avançando no domínio da política continental. Os condes de Gorizia, tão desunidos que um ramo se opôs ao outro no conflito pelo trono de São Venceslau[190] entre 1306 e 1308, tinham que se contentar com sua importância regional.

Ulrich II de Zovnek confiava nos planos dos Habsburgos que, logo depois de terem consolidado seu poder na Áustria e na Estíria (1282), haviam deixado claras suas ambições sobre as regiões dos Alpes orientais. Como os Babenbergs e Otokar II Premsyl antes deles, eles visavam principalmente estabelecer um território dinástico forte a estender-se da bacia média do Danúbio ao norte até a costa adriática ao sul. Durante as batalhas pela coroa da Boêmia, Ulrich II transformou voluntariamente sua aliança com os Habsburgos em vassalagem (1308). Ele entregou-lhes toda a propriedade fundiária dos Zovneks – para depois reavê-las imediatamente como feudos. Ele assim se comprometeu pessoalmente a executar as políticas dos Habsburgos "no campo" e ao mesmo tempo podia ter confiança no apreço de seus senhores pelo escopo limitado de suas ações. Os planos de Ulrich mostraram-se bem calculados em 1311, quando a bacia do Savinja foi anexada à Estíria, uma vez que os novos governantes da província onde ele possuía suas propriedades o consideravam um homem de palavra. Portanto não é surpresa que seu filho Frederico tivesse já sido designado governador da Caríntia quando os Habsburgos ainda se preparavam para tomar posse formalmente do território (nominalmente, a província tinha estado em suas mãos desde dezembro de 1282, mas eles a tinham mais tarde alugado aos condes de Gorizia-Tirol).

No começo do século XIV, os senhores de Zovnek ganharam não só reputação, mas também novas propriedades no vale do Savinja. Dos condes de Vovbre, seus parentes falecidos, eles herdaram a cidade de Celje (1322-1333), onde estabeleceram o

190 NT: Reino da Boêmia.

seu novo centro. O crescimento rápido de poder e importância logo se traduziu também na ascensão formal da família, quando o imperador Luís IV da Baviera concedeu-lhes o título de condes de Celje[191]. Doravante, a progressão desta enérgica e empreendedora família aristocrática proveniente do vale do Savinja iria ultrapassar sua dependência de uma única dinastia governante. Seu apoio era buscado por um crescente número de cabeças coroadas que nutriam interesses na região dos Alpes orientais.

Até a metade do século XIV, os Celje não tinham assumido qualquer posição abertamente contrária aos Habsburgos. Em primeiro lugar, eles ainda careciam de força para entrar em uma luta de rivalidades com seus senhores. Depois, naquele tempo, as orientações políticas dos dois lados não estavam em oposição. E, em terceiro lugar, ambos buscavam expandir-se por meios semelhantes. No fim do século XIV, os condes de Celje expressaram intenso interesse pela Europa Oriental (pela qual os Habsburgos não tinham até então mostrado apetite) por meio de uma sequência de casamentos entre famílias nobres. Por volta de 1360, o filho mais moço de Frederico, Hermano I, casou-se com Catarina, filha de Estevão II Kotromanic, Ban[192] da Bósnia. Mas, como ela também era cunhada de Luís de Anjou, rei da Polônia e da Hungria, os condes imediatamente se acharam no próprio centro da política internacional. Inicialmente como observadores mais do que protagonistas, eles não perdiam uma oportunidade para realçar ainda mais a sua posição. Assim, ao final de 1380, Guilherme, sobrinho do conde Hermano I, tinha casado Jadwiga, a filha do "Último Piast", Casimiro III, o Grande.

191 Os Zovneks e os Wittelsbachs bávaros também eram parentes (pelos Pfannbergs). Seus contatos familiares foram restabelecidos no século XV.

192 NT: Vice-rei.

Esta união em particular servia aos interesses do esperto Luís de Anjou: sua "política de promover casamentos" fortalecia de maneira bastante elegante a posição de sua filha e herdeira Jadwiga na Polônia. Ela, a filha mais velha e descendente da antiga dinastia real polonesa (que se havia extinguido do lado masculino), unia assim a família da parenta distantemente casada a um enorme dote de 20.000 florins em ouro, excluindo-a permanentemente do reino de Luís[193]. A manobra, no entanto, elevou a primeira dama de Celje a alturas monárquicas na geração seguinte, quando a filha de Guilherme, Ana, assim chamada por causa de sua mãe, tornou-se a segunda esposa do rei da Polônia e Lituânia, Wladyslaw II Jagiello em 1401 ou 1402. Embora não fosse especialmente atraente, como indicam relatos contemporâneos, ela era uma excelente rainha e ocupou-se do trono polonês enquanto seu marido derrotou decisivamente o exército dos Cavaleiros Teutônicos na batalha de Grünwald.

A atenção devotada pelos condes para as regiões do leste significava que os Habsburgos, com seu foco na Europa Central, não os perceberam como rivais dignos de atenção por muito tempo. Os vassalos do vale do Savinja não constituíam uma ameaça iminente à expansão dos Habsburgos em direção ao mar Adriático, que foi consumada em setembro de 1382 quando a cidade de Trieste se colocou voluntariamente sob a tutela de Leopoldo III, o Justo, duque da Áustria, Estíria, Carníola e Caríntia. Significativamente, os senhores não chegaram nem mesmo a tentar obstruir a ascensão dos Celje. Depois do fim do reinado de Luís IV da Baviera, os Habsburgos tinham mesmo concordado que o imperador Carlos IV de Luxemburgo reafirmasse seus vassalos como condes (1372). No entanto, uma geração depois, no rastro da batalha de Nicópolis, ambas as famílias tinham se tornado inimigas ressentidas. Dali

193 Janko Orozen, *Od zacetka do leta 1848*, v. 1 de *Zgodovina Celja in okolice*. Celje: Conselho de Cultura e Ciência da Assembleia Municipal da Cidade de Celje. Celjski zbornik, edição especial, 1971, p. 139.

por diante, os Celjes não serviriam mais os Habsburgos como governadores provinciais em seus ducados[194].

Após as mortes de seu pai Hermano I (1385) e de seu primo em segundo grau Guilherme (1392), o conde Hermano II tornou-se o único chefe da Casa de Celje. Ele redefiniu completamente suas prioridades políticas e revisou seus recursos a fim de ajudar a realizar a visão da dinastia em um período razoável de tempo. Sua ênfase mudou das guerras mercenárias, uma fonte vital para a riqueza dos Celje ao longo do século XIV e um recurso para estabelecer laços familiares, para as iniciativas econômicas e políticas dos próprios condes. Não é por coincidência que Hermano II desprezava os judeus, que haviam construído uma vasta rede comercial e banqueira na região alpina oriental durante a Alta Idade Média[195]. Mas, depois de fortalecer sua estreita amizade com o rei Sigismundo, ele tinha sem dúvida capacidade para gerir e dirigir por si mesmo a política dinástica. Como consequência isto teve impacto importante na formação de um quadrilátero de forças em toda a região centro-europeia. Os monarcas da Polônia e da Hungria (i.e., Wladyslaw II Jagiello e Sigismundo) tornaram-se cunhados exatamente por suas esposas pertencentes à família Celje. Além disso, a "fome por terras" tipicamente feudal, que fora praticada por numerosas gerações de antepassados de Hermano no sul da Estíria e na Carníola, se refletia frequentemente em práticas mesquinhas e avarentas de exploração fundiária. Contudo, isto finalmente assumiu considerável importância na virada dos séculos XIV e XV, pois forneceu um ponto de partida sólido para os ambiciosos planos territoriais do conde em relação

194 Em 1392, o conde Hermano II de Celje foi, pela última vez, registrado como governador provincial da Carníola. Ver: Bogo Grafenauer, *Doba zrele fevdalne druzbe od uveljavljanja fevdalnega reda do zacetka kmeckih uporov*, v. 2 de *Zgodovina slovenskega naroda*. Liubliana: DZS, 1965, p. 397.

195 Franjo Bas, "Celjski grofi in njihova doba". In: Franjo Bas, *Prispevki k zgodovini severovzhodne Slovenije. Izbrani zgodovinski spisi*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1989, p. 329.

à bacia média do Danúbio. O que tinha assim mudado era apenas a função da propriedade dinástica dos Celje. Em vez de ser um sólido baluarte para seus senhores Habsburgos ao sul, ela tornou-se a âncora sudoeste de um projeto político independente dirigido à acessão ao trono.

Os planos de Hermano II o prendiam firmemente na região do leste alpino delimitada pelos casamentos dinásticos de sua Casa. Nos seus cálculos políticos, a constante de longe mais importante era Sigismundo de Luxemburgo, cuja corte era de certa maneira o equivalente ao ponto de Arquimedes da então Europa Central. Caso Sigismundo, o (segundo) filho de Carlos IV, afinal ascendesse também ao trono do medieval Império Romano, como parecia cada vez mais provável, isto também resolveria o problema existente da vassalagem dos Celjes aos Habsburgos, que só poderia ser abolida de forma indolor mediante a intervenção da coroa. Este interesse intenso ocupou a mente de Hermano até sua senilidade. Há muitas indicações de que Hermano não concebia que as propriedades herdadas de seus antepassados fossem bens feudais ordinários. Apesar de ter promovido continuamente a consolidação de seu poder na Croácia e na Eslavônia desde 1397 e ter chegado até conde de Zagorje e mesmo a Ban (i.e., vice-rei) da Croácia e Eslavônia, ele permaneceu firmemente ancorado em Zovnek-Celje, o cerne de suas propriedades. Ele calculava que – apesar de imensas – suas aquisições territoriais no Reino muito instável da Hungria somente poderiam ser reconhecidas como iguais em valor e importância após o decurso de um período de tempo considerável, muito embora já por volta de 1405 não houvesse diferença notável entre o valor das propriedades dos Celjes na Estíria e nas terras da coroa húngara. Hermano tinha muito provavelmente consciência de que era exatamente na região sudeste da Europa, o triângulo entre os Alpes orientais, a bacia panônica e os Balcãs onde existiam as maiores perspectivas de curto prazo para riqueza, influência e

talvez coroação. Não foi, pois, por coincidência que seu filho mais velho Frederico se casou com a próspera princesa Elisabete da Casa de Frangepán, uma dinastia extremamente influente na Croácia (por volta de 1405), ou que seu neto Ulrich desposou a filha de Jorge Brankovic Smederevac, déspota da Sérvia (1433). Até o édito divulgado por Tvrtko II Kotromanic, rei da Bósnia, determinando que, se ele morresse sem filhos seu trono deveria ser atribuído a seus parentes Celje, claramente mostra a fortaleza e reputação políticas excepcionais de Hermano[196]. De fato, ninguém podia equiparar-se em poder a este monarca, naquele começo do século XV, nas terras fronteiriças entre a Europa Central e os Balcãs. Portanto, o nome de Hermano estava evidentemente no topo da lista dos membros da Ordem dos Dragões e a cidade de Celje parecia tornar-se não apenas o lugar de nascimento de esposas de monarcas, mas também o berço de futuros reis.

Com o passar do tempo, Hermano liberou-se totalmente da vassalagem em relação aos Habsburgos. Sigismundo, que em 1410 também portava a coroa de Roma, investiu-o com o direito à vingança de sangue[197] no condado de Celje em abril de 1415. Hermano, portanto, começou a obter os atributos de um senhor feudal estreitamente vinculados à mais alta autoridade. Em 1418, os Celjes herdaram da linhagem extinta dos condes de Ortenburgo uma vasta propriedade na Caríntia e na Carníola. A herança lhes deu o controle sobre um território correspondente a três quartos do sul dos dois ducados dos Habsburgos. Das últimas aquisições a mais essencial foi a do "senhorio de estado" em

196 Grafenauer, *Doba zrele fevdalne druzbe*, p. 398. Mais tarde, porém, a amarga oposição tanto na Hungria como na Bósnia impediram os Celjes de tomarem de fato o trono de Tvrtko.

197 NT: No texto inglês "the right to blood feud". Trata-se do antigo direito à *vendetta*. Embora algo fora de contexto na passagem, o tradutor não logrou encontrar outra acepção para a expressão "blood feud", forma de vingança ou justiça primária que já àquela época (século XV) não era favorecida pelos países mais adiantados, onde se buscava atribuir a instituições do Estado a faculdade de aplicar as leis e determinar as penalidades.

Ortenburgo-Sternberg na Caríntia, que permitia aos novos donos estabelecer uma relação jurídica direta com a coroa. Além disso, Hermano podia agora pressionar os Habsburgos de todos os lados depois que o casamento de seu segundo filho restaurou os contatos de sua família com os Wittelbachs da Baviera. Como corolário, o duque Ernesto, o de Ferro, chefe do ramo principal da dinástia Habsburgo, acabou renunciando a sua superioridade feudal sobre os Celje em 1423.

Hermano e sua família podiam então concentrar seus esforços em um avanço rápido em direção aos príncipes do Sacro Império Romano. Isto também lhes daria uma condição igual à dos Habsburgos, com quem eles sempre tinham rivalizado em pé de quase igualdade na Carníola, na Caríntia e na Estíria. Em 1430, os Celjes por pouco não atingiram seus objetivos, pois o rascunho da carta patente que lhes dava o título de príncipes ficou nos arquivos: talvez seus antigos senhores ainda estivessem muito relutantes. O momento perfeito veio em 1436, quando Frederico V, duque da Estíria, partiu em peregrinação à Terra Santa e Sigismundo, agora também coroado rei da Boêmia (1419) e imperador de Roma (1433), proclamou a carta patente dotando seus parentes com o tão almejado título. Prerrogativas reais acompanhavam a carta patente, dando-lhes a liberdade de cunhar suas próprias moedas, administrar sua própria indústria de mineração e constituir sua própria assim chamada corte nobre de justiça[198]. Isto deu início ao estabelecimento de uma nova Província de Celje (embora ainda não completamente coerente do ponto de vista territorial), que se separava da Estíria e da Caríntia. Pouco antes que sua família fosse elevada na realidade à categoria de príncipes, o conde Hermano II, o homem que fora mais responsável por esta ascensão, faleceu

198 NT: No sistema feudal, os senhores da alta nobreza dispunham de jurisdição para aplicar a justiça – segundo sobretudo os costumes e leis da região – em seus territórios, com a possibilidade de recurso apenas à justiça real.

em Bratislava em 13 de outubro de 1435[199]. Ele foi sepultado no mosteiro cartuxo em Pleterje, que construíra em 1403 para ser o seu último local de descanso. À medida que Hermano II se tornara um senhor feudal prudente, ele cuidara de sua alma e também de se fazer lembrado: a *Crônica dos Condes de Celje*, que continha vívidos relatos de seus feitos heroicos, fora iniciada sob seu patrocínio.

O conde Hermano fizera inúmeros inimigos durante sua vida. Rivais menos bem-sucedidos invejavam sua progressão meteórica, enquanto aqueles que tinham sofrido perdas como resultado de sua diplomacia conspiravam contra ele. Hermano também se preocupava profundamente com seus descendentes, pois entre eles não havia propriamente um sucessor, apenas herdeiros. Seus filhos, Hermano III e Luís, que o ligavam através de suas mulheres com os Wittelbachs e Ortenburgos, tinham morrido. Seu primogênito, Frederico II, com a idade de cerca de cinquenta anos, ficou viúvo[200], muito provavelmente por sua própria mão – em 1422 ou 1423, e logo depois se casou com Verônica de Desenice em uma pressa notória. O velho conde assegurou-se de que a indesejável nora, que segundo relatos tinha também poderes de feiticeira, desaparecesse da história o mais rapidamente possível e o turbulento caso foi finalmente suprimido com a ajuda da corte de Sigismundo. O libertino conde Frederico tinha inicialmente tentado opor-se politicamente a seu pai, buscando apoio em Veneza, mas acabou totalmente derrotado e foi até preso por algum tempo por

199 Há uma pequena possibilidade de que os Celjes tenham (por primeiro) sido elevados à categoria de príncipes já em 27 de setembro de 1435, i.e., pouco tempo antes da morte do conde Hermano. O registro que "indica" esta possibilidade estava em um documento que não está mais disponível e que, mais provavelmente, é uma falsificação. O que continua certo é que os membros da dinastia Celje obtiveram o título de príncipes em Praga, em 30 de novembro de 1436. Ver: Peter Stih, "Celjski grofje, vprasanje njihove dezelnoknezje oblasti in dezele Celjske". In: *Grafenauer zbornik*, ed. Vincenc Rajsp, Ferdo Gestrin, et al. Liubliana: znanstvenoraziskovalni center SAZU, Filozofska fakulteta, Liubliana and Pedagoska fakulteta, Maribor, 1996, p. 242-244.

200 De acordo com todas as fontes de narrativas, tanto favoráveis quanto desfavoráveis aos Celjes, era crença generalizada que o conde Frederico assassinara sua primeira mulher, Elisabete de Frangepán (de quem ele já estava separado há vários anos).

Hermano. Como aliado de Luís II de Teck, patricarca de Aquileia – cujo poder temporal no Friuli foi esmagado pelos venezianos em 1419 e 1420 – Hermano não podia abaixar-se perante "La Serenissima"[201].

Mesmo mais tarde, Frederico II não demonstraria qualquer sabedoria política, preferindo cada vez mais as amenidades. Até o humanista alemão Hartmann Schedel em sua reputada *Crônica do Mundo* (*Liber chronicarum*) o retrata como um incorrigível epicurista. Quando perguntado se sua peregrinação a Roma no Ano Santo de 1450 tinha sido boa para ele, o conde sibarita, já passado dos 80, deu, segundo alguns testemunhos, uma resposta sarcástica: "Meu sapateiro continua a fazer botas depois do meu regresso". Não muito depois, Aeneas Sylvius Piccolomini, que tinha horror aos Celje tanto como representante da corte de Habsburgo como na qualidade de bispo de Trieste, atribuiu-lhe o seguinte epitáfio, manifestamente pagão:

> *Agora desço ao inferno. Que destino me espera lá não posso dizer; sei apenas o que lego. Chafurdei na luxúria e não levo nada comigo – exceto o álcool que bebi e a comida que comi e exceto os incontáveis prazeres de que gozei*[202].

Embora estas linhas sejam exageradas, Frederico II certamente não se dedicava tanto à Igreja Católica e aos sentimentos religiosos como seu pai, que tinha legitimado seu bastardo Hermano e aberto o caminho para que ele se tornasse bispo de Freising (1412) e Trento (1421). O ceticismo religioso, que já tinha conquistado

201 Depois do colapso do seu reinado temporal em Friuli, o patriarca Luís chegou a refugiar-se junto ao conde Hermano; entre 1420 e 1430 ele governou sua província eclesiástica desde Celje. O rei Sigismundo não tencionava abandoná-lo; todavia, a instabilidade generalizada na Hungria e no Império Romano impediram suas tropas de se engajarem em uma confrontação militar com a república veneziana.

202 Ver: Janko Orozen, *Od zacetka do leta 1848*, p. 238; Franjo Bas, "Celjski grofi in njihova doba", p. 331.

a elite intelectual e aristocrática do fim da Idade Média, também sem dúvida ecoava em Celje.

A relação de Hermano II com sua filha mais jovem, Bárbara, mulher de Sigismundo, era apenas um pouco menos problemática. Depois do nascimento da sua filha Elisabete (c.1406), seus caminhos e interesses raramente se cruzavam. Para muitos a animada rainha e imperatriz Bárbara era a personificação da depravação, uma segunda Messalina, no entanto outros a viam como uma encarnação de Vênus. Testemunhos mais sutis chegaram a salientar seu interesse na alquimia e sua posição conciliatória em relação a várias seitas cristãs na Boêmia (considerada um ninho de heresias europeias durante o século XIV). Como ela não expressava nenhuma afeição especial em relação a seu genro "Teutônico" Albrecht II de Habsburgo, vários autores chegaram a acusá-la de fomentar animosidade contra os alemães[203]. No entanto, tendo herdado a personalidade forte de seu pai, Bárbara tinha determinação no juízo que fazia sobre pessoas e questões[204]. Hermano e Sigismundo, cujas relações recíprocas foram caracterizadas por uma total concordância por mais de quatro décadas (1396-1435), tiveram que pôr de lado a obstinação de Bárbara em várias ocasiões. Os dois homens eram inegavelmente mais relacionados pelos interesses do que pelos laços de sangue.

Depois da morte de Hermano II, o poder decisório da dinastia foi transmitido a Ulrich II, que cedo demonstraria sua competência quando Frederico V, duque da Estíria, Carníola e Caríntia, declarou

203 Bárbara tinha muitas reservas em relação ao desejo de Sigismundo de que o trono da Boêmia viesse a ser ocupado por Albrecht II de Habsburgo, que não era fluente em qualquer outra língua que não o alemão. Depois da morte de seu marido em 9 de dezembro de 1437, a imperadora viúva chegou a buscar refúgio na Polônia (1438-1441). Isto deu origem a especulações de que ela tencionava colocar Vladislau III, rei da Polônia, ou seu irmão Casimiro nos tronos da Hungria e da Boêmia.

204 Franjo Bas, "Celjski grofi in njihova doba", p. 333-334. Há indícios de que, nos últimos dias de Sigismundo, Bárbara fez uma série de tentativas para interferir em seus assuntos políticos. Discordando do seu ativo protagonismo, Sigismundo a fez prender, o que também a impediu de assistir ao seu funeral.

guerra para reanexar o principado de Celje. O príncipe Ulrich tinha se instalado firmemente na corte do rei Albrecht de Habsburgo desde 1438, e tinha sucedido seu falecido sogro Sigismundo nos tronos de Roma, da Boêmia e da Hungria. No começo Ulrich conseguiu mais ou menos apaziguar a situação na região dos Alpes orientais; o novo monarca não tomaria de modo algum o lado de seu parente, o duque Frederico V, e sim continuaria a agenda política da dinastia dos Luxemburgo "em uma escala menor". As condições resultantes eram assim ligeiramente mais favoráveis aos Celjes. Esta vantagem se devia também parcialmente ao fato de que o príncipe Ulrich tinha encontrado um general competente para o seu exército, Jan Vitovec, na Boêmia, onde também servia como regente. O general dominava as táticas aterrorizantes dos Hussitas, que o exército de Sigismundo, imperador e rei, não conseguia superar e os mercenários de Vitovec[205] conseguiram assim equiparar-se às forças consideravelmente mais fortes dos Habsburgos. Por esta razão, uma trégua logo pôs fim aos combates que haviam eclodido em áreas limitadas (na bacia do Savinja e na Carníola) para depois se intensificarem.

O príncipe Ulrich pôde aproveitar-se das interrupções temporárias para seu conflito com Frederico V. A suspensão das hostilidades durou o tempo suficiente para que o líder dos Celje tomasse parte na contenda pela coroa húngara depois da morte súbita de Albrecht II em 1439. Ele ofereceu apoio fervoroso a sua prima, a rainha Elisabete, uma viúva grávida. Os partidários da Corte, onde Ulrich tinha a última palavra, logo se apoderaram da Santa Coroa Húngara: na noite de 20 para 21 de fevereiro de 1440, este respeitado símbolo real, guardado a sete chaves em Visegrad,

205 NT: Segundo fontes consultadas, Vitovec, provavelmente originário da Morávia, teria adquirido conhecimento sobre as táticas de guerra hussitas, e posteriormente foi recrutado pela repressão à insurgência hussita liderada pelos monarcas católicos. Isto deve ser a fonte à referência a "mercenários" no texto inglês.

foi ousadamente roubado pela dama de companhia de Elisabete, Helena Kottanner, que a entregou para sua rainha. No dia seguinte, nasceu finalmente o filho de Albrecht, que entrou para a história como Ladislau V, o Póstumo. Em 15 de maio de 1440, o príncipe Ulrich organizou uma coroação perfeitamente legítima do bebê em Szekésfehérvar. Foi ele que segurou a coroa de Santo Estêvão sobre a cabeça do novo monarca, que nem havia completado três meses, durante a cerimônia[206].

É quase desnecessário dizer que inúmeros magnatas húngaros se opuseram veementemente a serem governados por um rei infante. Isto na realidade significaria o reinado do partido da Corte e sua espinha dorsal de famílias nobres que Sigismundo tinha colocado sob sua proteção na virada dos séculos XIV e XV com a finalidade de consolidar sua posição no trono. Como a oposição compreendia várias dinastias estrangeiras, seus membros poderiam agir contra a rainha Elisabete e seu filho como representantes dos interesses de suas pátrias autóctones. Além disso, o que a elite húngara esperava de seu monarca era uma rápida ação na guerra contra os turcos – algo que um rei de fraldas não poderia cumprir. Por isso a oposição apoiava predominantemente a ideia de coroar Vladislaus (Wladyslaw) I/III. Em 1442, eles tinham vencido totalmente[207], mas, logo após, o líder escolhido iniciou uma imprudente cruzada contra os turcos só para perder tanto

206 Helena Kottanner, que segurou o rei infante Ladislau durante a cerimônia de coroação em 15 de maio de 1440, também "tornou eterna" suas audaciosas ações em suas memórias, que ditou a um escriba desconhecido. Ver: Igor Grdina & Peter Stih (ed.), *Spomini Helene Kottanner*. Liubliana: Nova revija, 1999.

207 No fim de 1442, Elisabete e Vladislau I/III assinaram um tratado de paz que concedia o trono a ele. Naquele tempo se havia estabelecido um clima de confiança recíproca entre a dinastia jaguelônica e a linha Albertiniana dos Habsburgos (ligada com as dinastias dos Luxemburgo e dos Celjes), o que se refletia também nos seus laços familiares. Casimiro IV, rei da Polônia, que sucedera seu irmão, Vladislau I/III, casou-se com a filha de Elisabete (e sua homônima). Os Jaguelões assim se fortaleceram como a dinastia mais proeminente do medievo tardio na Europa oriental. Após a morte de Matthias Corvinus em 1490, Vladislau, filho de Casimiro e Elisabete, ascendeu ao trono húngaro e entrou na história como o incompetente rei "Dobze" (rei "Tudo Bem"), que concordava com qualquer coisa que lhe fosse sugerida.

seu exército como sua vida na batalha de Varna, em 10 de novembro de 1444. Desde então, Ladislau, o Póstumo, foi amplamente reconhecido como rei da Hungria, enquanto Ulrich de Celje, como seu parente e benfeitor, esperava reafirmar seu poder universal não só nas terras da coroa húngara, mas também na Boêmia e no arquiducado austríaco. Quase às vésperas de sua morte, seus ambiciosos planos tinham se tornado realidade. Contudo, ele ainda tinha que concluir a guerra com Frederico V, que foi coroado rei dos romanos (como Frederico IV) em 1440 e imperador do Sacro Império Romano (como Frederico III) em março de 1452. As condições no campo eram consideravelmente mais favoráveis agora aos Habsburgos do que tinham sido quando da conclusão da trégua.

Tanto Ulrich como Frederico (que tinha assumido a administração do principado de Celje depois da morte de Hermano II) tinham preparado de forma completa seus exércitos para reacender a guerra. Apesar de seu potencial substancialmente maior, as tropas do Sacro Império Romano permaneceram principalmente em posição defensiva, embora curiosamente obtivessem maior êxito do que no princípio da guerra. A resistência armada ao trono tinha gradualmente levado os Celjes a perder ímpeto e eles optaram por um acordo duradouro. Em 1443, os dois lados concordaram em uma paz de compromisso: a coroa estava disposta a reafirmar Frederico e Ulrich como príncipes, desde que os núcleos de suas propriedades não mais dispusessem de qualquer dos atributos essenciais de províncias autônomas. (Mas ao menos os Celje continuariam a cunhar suas próprias moedas – ainda que o monarca Habsburgo provavelmente lhes tenha recusado tal prerrogativa real). Além disso, um contrato mútuo de herança foi concluído caso uma das dinastias viesse a se extinguir[208]. Assim, o monarca Habsburgo

208 Peter Stih, "Celjski gorfje, vprasanje njihove dezelnoknezje oblasti in dezele Cljske", p. 247-253. Não se deve esquecer que, em 1443, o rei Frederico ainda não tinha filhos, enquanto o futuro da dinastia dos Celje parecia garantido.

finalmente restaurou sua autoridade, enquanto o príncipe Ulrich ficou livre para concentrar-se em seu ambicioso plano em relação à Hungria. Como senhor feudal na Estíria, Ulrich gozava, por outro lado, da proteção provincial e do Estado contra possíveis interferências de seus inimigos, a partir de condados da coroa de Santo Estêvão, nas suas propriedades no interior das fronteiras do Sacro Império Romano. Mais uma razão para a reconciliação entre os Celjes e o rei Frederico IV foi o fato de que o monarca Habsburgo tinha se tornado guardião de Ladislau, o Póstumo, em novembro de 1440. Assim, se Ulrich quisesse conduzir a bom termo sua política na Europa oriental pelas mãos do infante real – que provavelmente nunca teria sido coroado sem os esforços de Ulrich –, ele primeiro tinha que alcançar um entendimento com o seu guardião.

Tendo se reconciliado com o rei Frederico, o príncipe Ulrich redobrou suas buscas políticas nas terras da coroa húngara, aonde o magnata e comandante em chefe transilvano, János Hunyadi, vinha assumindo cada vez mais poder sob Vladislaus I/III. Apesar de que Hunyadi, que havia alcançado a glória graças a seus sucessos em várias batalhas com os turcos fosse de ascendência valáquia[209], seus defensores o viam como o único e verdadeiro defensor dos interesses húngaros. Como Frederico IV se recusou a enviar o rei Ladislau, o Póstumo, para a Hungria, Hunyadi foi feito regente do país em junho de 1446. Esta regência não podia, pois, invocar uma legitimidade incontestável.

Ao menos inicialmente, isto parecia ser uma vantagem indireta para o príncipe Ulrich, que retinha vários trunfos simplesmente por causa de seus laços de família com o Império Otomano (sua esposa Catarina era a irmã da esposa mais influente do sultão Murad). Os exércitos de Hunyadi e dos Celjes, que já tinham tido uma confrontação breve, mas cruel, em 1446, dispunham de forças

209 NT: Válacos, que hoje designa os habitantes da Valáquia, província da Romênia, designava então populações latinizadas do sudeste dos Balcãs.

bastante equivalentes para que um dos lados pudesse vencer. Na metade do século XV, ambos os lados (por breve período) reconheceram este fato. As duas dinastias em rápida ascensão, que não poupavam recursos em sua subida para o topo do poder, queriam agora resolver suas relações recíprocas tão elegantemente quanto possível. Os enormes esforços do sogro de Ulrich, George Brancovic Smederevac, levaram à assinatura de dois acordos, que iriam finalmente pôr fim às hostilidades entre o partido da Corte e o partido da Pátria na Hungria. George, déspota da Sérvia e sob a crescente pressão otomana vinda do sul, procurava desesperadamente o apoio da Cristandade do norte. Propostas de casamento reforçavam os dois acordos: no primeiro acordo a filha de Ulrich Elisabete deveria casar-se com Ladislau, o filho mais velho do regente húngaro, e no segundo ela deveria ser dada em casamento ao seu filho mais jovem (Matthias).

No entanto, Hunyadi subitamente mudou de ideia e os acordos nunca foram executados. O guerreiro húngaro obviamente acreditava que ainda detinha mais trunfos na grande competição pela plena soberania sobre as terras da coroa húngara, e abertamente tentou enganar seu adversário ao acordar com Frederico IV, rei dos romanos, que Ladislau, o Póstumo, deveria permanecer com seu guardião até chegar à maioridade. (O caradura Habsburgo também concluiu um acordo semelhante com Jorge de Podebrad, regente da Boêmia). A regência na Hungria seria por isso consideravelmente prolongada, com o partido da Corte agindo isoladamente em nome do monarca nominal. Como este partido não tinha como fazer cumprir a vontade do rei sem encontrar obstrução interna, sua autoridade ficava consideravelmente comprometida.

O príncipe Ulrich reagiu a Hunyadi com iniciativas de longo prazo visando garantir sua primazia na região do médio Danúbio dentro de um prazo razoável. Primeiro, ele ajudou a incitar a revolta das assembleias provinciais austríacas contra Frederico IV. Ulrich

queria livrar Ladislau de seu guardião e se autodesignar como único protetor dos interesses do rei infante. Frederico, que tinha empenhado todos seus esforços para alcançar a coroa do Sacro Império Romano, subestimou inicialmente o descontentamento na província ao longo do Danúbio. Em agosto de 1452, porém, ele se achou cercado e sitiado pelo exército inimigo em Wiener Neustadt. O imperador também tinha que enfrentar a oposição de seu permanentemente descontente irmão mais moço, Albrecht VI. No dia 4 de setembro, Frederico foi forçado a entregar Ladislau a seu primo em segundo grau, o príncipe Ulrich. O rei de doze anos, a quem a legislação provincial austríaca reconhecia como maior de idade, podia agora suceder ao trono de seu pai, Albrecht II. Embora seus regentes na Boêmia e na Hungria continuassem em seus postos, seu reinado nominal finalmente chegou ao fim. Ladislau e Ulrich, que se tornara um *rerum suarum diretor* (diretor de seus negócios), consideravam que seus interesses eram mutuamente compatíveis. Sua relação harmoniosa recordava bastante a que existira entre o imperador Sigismundo e o conde Hermano. Devido a seus intrigantes inimigos na corte de Ladislau, Ulrich caiu em desgraça no outono de 1453, embora tenha sido reabilitado em 1455[210]. Sem o seu primo em segundo grau, o jovem rei teria certamente sido despojado de sua autoridade.

Ulrich, um arguto diplomata e hábil guerreiro, tinha gradualmente acumulado ainda mais poder do que seu avô Hermano. Ele não só humilhou publicamente o rei dos romanos como também, com toda confiança em si mesmo, continuou a cunhar moedas gravadas com o brasão de armas da dinastia Celje (e seu próprio nome). Obteve também o título de Ban (vice-rei) da Eslavônia, Croácia e Dalmácia. A esta altura até János Hunyadi deve ter compreendido que seu poder estava em declínio irreversível. No

210 Peter Stih, "Ulrik II. Celjski in Ladislav Posmrtni ali Celjski grofje v ringu velike politike". In: Igor Grdina & Peter Stih, *Spomini Helene Kottanner*, p. 31-40.

verão de 1455, ele finalmente escolheu reavivar o acordo não cumprido de casamento entre as duas dinastias concorrentes e enviou seu filho, Matthias, à corte real em Buda. No entanto, a reconciliação entre o partido da Corte e o partido da Pátria for tornado impossível pela intervenção da natureza: a filha de Ulrich, Elisabete, tinha falecido súbita e inesperadamente.

O ano de 1456 assistiu ao clímax de tensões entre os Hunyadis e o príncipe Ulrich como resultado de uma grave crise política internacional. O sultão turco, Mohammed II, o Conquistador, tinha inicialmente seguido o conselho de seu pai, Murad II, e ao subir ao trono expressara suas simpatias aos membros da Casa de Celje, chegando mesmo a oferecer-lhes apoio. Agora, porém, e após a queda de Constantinopla, ele queria pôr as mãos na chave das terras da coroa húngara – a fortaleza em Belgrado na confluência entre os rios Sava e Danúbio. Naquele mesmo verão, os otomanos iniciaram o sítio da cidade com uma imensa força terrestre e uma poderosa frota fluvial no Danúbio. Bastante inesperadamente, os guerreiros cristãos, sob a liderança de János Hunyadi e Johannes Capistranus (um pregador ascético e apaixonado difusor da grande campanha da Cruz contra o Crescente), chegaram a Belgrado primeiro. O violento ataque de Mohammed contra a cidade foi repelido, mas resultou em uma vitória de Pirro para Hunyadi e Capistranus, que morreram vítimas da peste. Os húngaros e outros cruzados que se tinham reunido à luta necessitavam desesperadamente de um novo líder. Ulrich de Celje não poderia ter encontrado um melhor momento para confirmar seu poder nas terras da Coroa de Santo Estêvão. No começo de setembro ele concluiu um acordo com Jorge de Podebrad para se proteger contra qualquer surpresa que pudesse surgir do Reino da Boêmia. Em cruzada à frente de novas tropas e acompanhado do rei Ladislau ele apressou-se em direção ao sul para ser nomeado regente e comandante em chefe na Dieta de Futog pelo monarca

e pelos magnatas (entre os quais o partido da Corte obtivera uma maioria temporária após a morte de Hunyadi). Seu propósito tinha sido alcançado: não só guiava os passos do jovem monarca, mas também controlava a terra mais importante da coroa.

Estes acontecimentos enfureceram o filho de Hunyadi, Ladislau, que tinha se tornado o novo chefe do partido da Pátria. O príncipe Ulrich foi imediatamente envolvido em uma tempestade de calúnias e acusado de ser o mais temível inimigo interno da Cristandade[211]. Muitos rumores também ecoaram através da historiografia da Renascença Corviniana. O príncipe de Celje foi até acusado de tentar suprimir a língua e a nação húngaras[212] e de conspirar com Jorge Brankovic Semederevac, que já estava enfraquecido por suas lutas contra as incursões turcas.

Um *homo politicus* puro sangue, Ulrich tinha previsto uma áspera reação dos "patrióticos" magnatas húngaros e tentou apaziguar Ladislau Hunyadi. Ele assumiu o papel de um estadista e adotou seu rival. Mas Ladislau nunca levou a adoção a sério, sabendo que Ulrich tinha sobrevivido a todos os seus filhos e tinha ficado sem sucessores: ele poderia assim livrar-se do príncipe rival com um simples assassinato. De Futog ele correu para Belgrado, onde articulou a trama em aliança com seu tio Mihály Szilágyi, que comandava a frota da fortaleza. No dia 8 de outubro de 1456, o rei Ladislau e o príncipe Ulrich, acompanhados dos membros mais próximos de sua comitiva, entraram no castelo da cidade, quando, subitamente, os portões atrás deles se fecharam. A massa

211 Milko Kos, *Srednjeveska kulturna, druzbena in politicna zgodovina Slovencev*, p. 269. Sobre os acontecimentos que ocorreram em Belgrado, o cardeal legado papal escreveu o seguinte ao rei Afonso de Nápoles: "Não há dúvida de que o conde (Ulrich de Celje) foi morto por Ladislau, filho de János Hunyadi, que tinha matado tantos turcos. O filho foi considerado tão defensor da Cristandade por ter assassinado o conde como seu pai o fora por ter repelido Mohammed, porque tanto Mohammed como o conde eram inimigos da Fé, o conde Ulrich como o inimigo interno e Mohammed como o inimigo externo".

212 Ver: *Johannes de Thurocz Chronica Hungarorum. I Textus*, ed. Elisabeth Galántai & Julius Kristó. Budapeste: Akadémiai Kiadó, 1985, p. 274.

de cruzados – que o autor da *Crônica dos Condes de Celje* calculou em cerca de 40.000 soldados – permaneceu fora das muralhas do castelo. A confrontação final ocorreu logo no dia seguinte quando, durante a missa matinal, Ladislau Hunyadi chamou o novo regente para consultar-se com ele sobre uma "questão de muita urgência", para logo recriminá-lo por sua ganância patológica e possessividade e trazê-lo à ponta da sua espada. Ladislau e seus conspiradores atacaram Ulrich e o mataram após um longo combate em que o próprio Ladislau também foi ferido. A cabeça de Ulrich foi decepada.

Desprovido de seu conselheiro e regente, o rei menino primeiro afetou ignorância; ele silenciosamente aceitou a explicação dos conspiradores de que o príncipe Ulrich tinha provocado o ataque. No entanto ele logo se vingou dos pérfidos magnatas "patrióticos" que estavam decididos a usá-lo como seu fantoche político. Em março de 1457, Ladislau Hunyadi foi trazido ao tribunal como autor e principal instigador da grande conspiração de Belgrado. De acordo com a *Crônica dos Condes de Celje*, diversos carrascos primeiro inflingiram-lhe vários ferimentos, para que ele morresse de uma morte semelhante à do príncipe Ulrich. O irmão mais moço de Ladislau, Mattias, foi preso[213]. O único acontecimento que de certa maneira empanou a vitória definitiva do partido da Corte foi a morte do rei Ladislau oito meses mais tarde. A cruzada que teria dado impulso à vantagem obtida pela vitória final de János Hunyadi em agosto do ano anterior foi esquecida. Em meio a seu turbilhão interno, a Hungria não logrou empregar as massas de soldados europeus instalados na planície danubiana. A ousada política de Sigismundo de Luxemburgo e de Vladislaus I/III de expulsar os turcos da Europa foi abandonada. Apesar dos seus vínculos indiretos com a corte otomana, o príncipe Ulrich poderia

213 Franz Krones, *Kronika grofov Celjskih* (A Crônica dos Condes de Celje), trad. Ludovik Modest Golia. Maribor: Zalozba Obzorja, 1972 [1883], p. 45-47, 52.

ter se tornado seu último perseguidor se não tivesse deixado retornar a seus lares os cruzados uma vez repelido o ataque de Mohammad a Belgrado.

A dramática morte do último dos Celje foi uma importante virada na história do território esloveno. Depois disso, a busca dos Habsburgos por Viena de um lado e pelo mar Adriático do outro podia prosseguir mais ou menos sem oposição. Eles tiveram êxito em formar uma "concentração territorial", o que tinha sido o principal objetivo político dos Babenbergs e de Otokar II Premysl. Ganhando controle sobre a Caríntia (1335), bem como sobre as propriedades dos Celjes (1456-1457), e mais tarde unindo seus próprios territórios dinásticos sob um ramo familiar (1490) e um monarca (1493), os Habsburgos finalmente recobraram o conjunto de suas terras hereditárias na região dos Alpes orientais. Os antes proeminentes condes de Gorizia tinham se tornado uma sombra de sua anterior condição no século XV, quando por um período seus destinos foram decididos atrás dos muros do castelo dos Celje[214]. O notável poder independente de que antes dispunham gradualmente diminuiu até que eles se tornaram meros peões no tabuleiro de xadrez centro-europeu. Nos vários séculos seguintes o eixo político-geográfico norte-sul nas províncias eslovenas prevaleceu totalmente sobre o eixo leste-oeste. Os aflitivos lamentos "Os Condes de Celje hoje e nunca mais" que ressoaram no funeral do príncipe Ulrich anunciaram a transformação da região entre a planície panônica, o norte do Adriático e os Alpes em uma província política. Nunca de novo ela foi o centro que poderia determinar decisivamente o destino da Europa Central e do Sudeste.

214 Elisabete, filha mais velha de Hermano II, casou-se com o conde Henrique IV de Gorizia, fraco e sibarita. Seus filhos foram criados em Celje. Quando da morte do príncipe Ulrich, os condes de Celje entraram em disputa com os Habsburgos sobre sua herança, mas acabaram perdendo. Em 1460, foram obrigados a assinar um acordo de paz muito duro em Pussarnitz, que fortaleceu significativamente a posição do imperador Frederico e sua família na Caríntia. Veja: Hermann Wiesflecker, *Maximilian I. Die Fundamente des habsburgischen Weltreiches*. Viena & Munique: Oldenbourg, 1991, p. 25.

A sangrenta queda da Idade Média

Nos dias do conde Hermano II e do príncipe Ulrich, a Casa de Celje tivera muitas oportunidades de influenciar a política europeia. Seus tentáculos diplomáticos alcançavam regiões tão distantes como a Castela, enquanto seu sangue estava misturado ao de várias dinastias reais, especialmente o das casas dos Jaguelões (*Jagiellonian*) e a de Luxemburgo. Sua audácia nas intervenções nos assuntos da Hungria e da Áustria lembrava muito os ardís dos governantes da Itália renascentista. Depois da morte de seus filhos, o príncipe Ulrich tomou consciência de que era o último representante da ilustre linhagem dos Celje. Com o tempo terminando, ele podia entregar-se a arriscadas empresas. Embora seu estilo de fazer política da metade do século XV fosse claramente arriscado e frequentemente improvisado, não era de modo algum fútil. O último dos Celje encontrou seus próprios caminhos para fazer avançar os esforços de Sigismundo de Luxemburgo para criar um centro de poder na bacia média do Danúbio e nas regiões vizinhas capaz de dominar um território europeu mais amplo. Esta concepção política foi pela primeira vez materializada brevemente por Matthias Corvinus na virada dos séculos XV e XVI e muito mais tarde pelos Habsburgos.

Os Celje também deixaram um legado duradouro e indelével no território de sua origem. Depois do colapso do reino temporal do patriarca de Aquileia, o seu resoluto apoio a seus parentes por matrimônio, os condes de Gorizia, impediu a república de Veneza de estender seu domínio sobre todo o rio Soca. Eles deram generosos presentes a várias igrejas e mosteiros, contribuindo para a admirável imagem de várias edificações (como, por exemplo, o mosteiro cartuxo em Pleterje) e para a arte da estatuária e da escultura (como em Celje e em Ptujska Gora). Também admirável foi sua posição relativamente flexível em questões religiosas. Por um lado, o conde Hermano II compartilhava da opinião de

seu genro real Sigismundo e falou com fervor em prol de uma Igreja Católica unida no concílio de Constança. Por outro lado, a mulher de Ulrich, Catarina, que descendia da dinastia sérvia de Brankovic, teve permissão para reter sua fé ortodoxa depois de se estabelecer em sua nova pátria. (A infeliz noiva de Matthias Corvinus, Elisabete, também recebeu uma educação ortodoxa.) Seria igualmente um equívoco atribuir a simples dogmatismo a grande generosidade que os Celjes demonstraram com o mosteiro de Zice que, em 1391-1410, foi sede de Stefano Macone, prior-geral da Ordem dos Cartuxos da Obediência Romana. Tratava-se mais provavelmente de uma manifestação do seu pragmatismo, do desejo de aproveitar qualquer oportunidade. Na Idade Média, um centro de poder espiritual como este inegavelmente possuía não apenas importância religiosa, mas também política. A influência que podia ser ganha pelo apoio dado ultrapassava em muito o valor dos presentes e serviços concedidos à comunidade monástica.

Embora o príncipe Ulrich tivesse angariado suficiente poder depois da sua vitória contra o imperador Frederico em Wiener Neustadt em 1452 para transformar imediatamente suas numerosas propriedades através do Sacro Império Romano e das terras da coroa húngara em um território unificado, suas estratégias políticas giravam predominantemente em torno do estabelecimento de mais amplas conexões e em projetar mais objetivos de longo prazo. A unidade territorial construída pela diplomacia do conde Hermano durante o reinado do rei Sigismundo de Luxemburgo logo desapareceu quase totalmente sem deixar traços na história. No início, a viúva de Ulrich, Catarina, esforçou-se em manter as propriedades dos Celjes. No entanto, seus herdeiros – em especial os Habsburgos – se mostraram opositores muito mais fortes. Os castelães a serviço dela que não foram atraídos pelas promessas e ofertas de Frederico III foram afinal confrontados com a força das armas dos Habsburgos. Uma curta guerra de sucessão se seguiu, marcada inicialmente por uma série

de reviravoltas dramáticas. O astucioso comandante-em-chefe Jan Vitovec, que primeiro tomou o partido dos Habsburgos, tentou capturar seu imperador em 1457, quando Frederico estava em visita a Celje. No entanto, o imperador havia deixado o castelo antes que ele o pudesse alcançar. A luta se espalhou não só no vale do Savinja, mas também na Carníola (onde os condes de Gorizia tentaram pôr suas mãos nas terras da finada dinastia). Como uma vez que o mais imediato adversário de Frederico, o rei Ladislau o Póstumo, tinha sido ceifado por epidemia de peste antes do fim do mesmo ano, a questão da sucessão do legado dos Celje estava praticamente selada. O soberano do Sacro Império Romano, cuja glória não repousava exatamente sobre a argúcia de sua liderança política e militar, eliminou seus mais perigosos rivais simplesmente por ter sobrevivido a eles.

A política dos Celje com relação às cidades e aos servos não estava tão alinhada com as tendências contemporâneas na Europa Central como as suas ambições de conquistar novas terras e estados. Eles aparentemente buscaram manter em suas mãos o total controle dos fluxos econômicos. O conde Hermano II com certeza não expulsou os judeus de suas propriedades por causa de sua profunda devoção, como proclama a "*Crônica dos Celje*"[215]. As verdadeiras razões eram seus interesses econômicos – o que também poderia ser dito sobre a nobreza provincial na Estíria, Caríntia e Carníola, que tinha negociado uma medida semelhante de parte dos Habsburgos em 1496-1515 para as terras da coroa nestes territórios. A falta de iniciativa de Hermano em relação ao estabelecimento de novas cidades é uma demonstração eloquente

215 Ignacij Orozen, *Celska kronika*. Celje: J. Jeretin, 1854, p. 16. Enquanto Hermano pôde lucrar com os banqueiros judeus, ele concluiu todos os tipos de manobras financeiras com eles sem preconceito. Seu zelo em questões de fé portanto tinha pouco que ver com fanatismo religioso. Por exemplo, em 1425, ele negociou com o patriarca de Aquileia, Luís II de Teck, permissão para servir em sua mesa carne, leite e ovos em sua mesa, em companhia de dez pessoas, durante a Quaresma. Ver: Janko Orozen, *Od zacetka do leta 1848*, p. 253.

de suas aspirações de manter um monopólio sobre os fluxos econômicos regionais. O controle sobre o comércio, que tinha se expandido de forma notável antes da incursão dos otomanos na planície panônica (em alguns anos até 20 mil cabeças de gado chegavam a viajar desde as terras da coroa húngara para as propriedades senhoriais da Itália através da região em torno dos sopés das montanhas Karavanke), era uma fonte contínua e confiável de renda[216]. Não é, pois, motivo de surpresa que Celje tenha recebido seus direitos de cidade apenas durante o reinado do frívolo Frederico, na metade do século XV. No mesmo sentido, os Celje se mostravam relutantes em estabelecer cidades mercado; a única com sua origem ligada a sua dinastia foi Sostanj (no século XIV).

Os condes e príncipes de Celje tinham ainda menos compaixão por seus servos, é assim pouco surpreendente que eles sejam lembrados em narrativas populares eslovenas somente como tiranos maus e homens implacáveis e depravados. Já em 1558, o reformador Primoz Trubar escrevia:

> *E ainda hoje pode se ver e ouvir de longe e de perto como os nobres, grandes e pequenos, maltratam seus camponeses e servos; eles são escravizados à força ou mediante fraude, oprimidos por suas dívidas e por suas labutas até que são arrastados até o seu amargo fim; sua terra não dura até o terceiro herdeiro, os membros da família e o seu sangue cedo deixarão de existir; quanto aos príncipes de Celje, pouco importa quantos claustros e paróquias eles construíram, quantas viagens fizeram a Roma, antes de que todos chegassem a seu fim ou fossem mortos, eles violavam as filhas dos camponeses,*

216 Stih & Simoniti, *Slovenska zgodovina do rasvetljensva*, p. 147.

as desonravam e cometiam outras injustiças à força ou mediante fraude[217].

Na consciência coletiva eslovena, a memória dos Celje pode ter sido toldada por escuras sombras até mesmo antes de sua extinção final, uma vez que as ascensões tanto de Frederico como de Ulrich à posição de príncipes foram fortemente associadas a uma longa série de lutas sanguinárias que frequentemente prejudicaram a vida cotidiana das pessoas simples. Mas os tempos mais duros ainda estavam por chegar. A restauração intensificada ou a construção de muralhas em torno das cidades, assim como a adoção de medidas defensivas para suas respectivas propriedades no século XV, eram sinais do aumento da ansiedade popular que transformava até os mosteiros em fortalezas[218]. Pessoas de todas as categorias foram subjugadas pelo incessante "pavor turco", que ao "leste do oeste" não derivava de uma histeria coletiva mas tinha bases muito realistas. O ataque violento dos guerreiros islâmicos era visto universalmente como castigo de Deus e precisamente este sentimento ajudou muito a causa dos reformadores protestantes a ganhar impulso no século XVI.

Os turcos entraram pela primeira vez na Europa em 1356, conquistando os Balcãs em apenas algumas décadas: em 1371 e 1389, eles derrotaram o exército sérvio; em 1393, eles sobrepujaram a Bulgária; e, em 1396, em Nicópolis, eles destruíram o exército cruzado unido sob a liderança do rei da Hungria, Sigismundo de Luxemburgo. Eles se espraiaram então pela Hungria, e um

217 Mirko Rupel, *Slovenski protestantski pisci*, 2ª ed. Liubliana: DZS, 1966, p. 97. O trecho é tirado do da homilia de Trubar impressa em 1558.

218 Paolo Santonino, que viajou pelas províncias eslovenas durante o fim do século XV, descreveu o mosteiro cartuxo em Zice assim: "Este mosteiro é cercado ou ladeado por colinas em um trecho de terreno bastante plano, de modo que ele não pode ser visto desde o caminho até que se chega às suas muralhas. Ele é em geral bem [construído] e cercado por uma alta muralha e por um fosso como um castelo – e não sem razão, também, porque de outro modo não poderia ser defendido dos saques e incêndios durante os frequentes ataques turcos". Paolo Santonino, *Popotni dnevnik 1485--1487*. Klagenfurt, Viena & Liubliana: Mohorjeva zalozba, 1991, p. 86.

destacamento de atacantes turcos penetrou até Ptuj. Esta primeira incursão turca em territórios eslovenos foi seguida de ataques regulares que se repetiram durantes os anos seguintes.

Depois de uma longa calmaria que se seguiu a seus primeiros avanços sobre a Carníola e a Estíria entre 1408 e 1415, os turcos só renovaram suas incursões sob o agressivo Mohammed II, o Conquistador. Além disso, a queda do Reino da Bósnia na primavera de 1463 deu-lhes um ponto de partida decisivo para suas campanhas. Desde então, as fortalezas mais setentrionais do sultão estavam a menos de 100 km da capital da Carníola Branca, Metlika. Os turcos, que vinham principalmente exercendo pressão sobre o "universo cristão" usando cavalaria ligeira, retornaram às províncias eslovenas em 1469. Desta vez eles não estavam simplesmente saqueando aleatoriamente – como tinham feito após a batalha de Nicópolis – mas executando uma série de campanhas meticulosamente organizadas para solapar sistematicamente o poder dos condados húngaros, das províncias venezianas e das províncias dos Habsburgos. Os soldados do sultão evitavam atacar cidades e castelos fortificados, mas inflingiam danos devastadores a cidades-mercado e aldeias que eram, durante "o torvelinho da guerra", abandonadas aos seus próprios recursos. Os atacantes frequentemente fincavam acampamentos provisórios no meio do território inimigo, permanecendo algumas vezes por semanas e acumulando o produto das pilhagens e os cativos que, ao final, seriam levados embora para o sudeste. Estas eram as táticas turcas para quebrar a vontade de resistir em áreas individuais e preparar um terreno favorável para a conquista final. Os mais graves danos foram suportados pelos camponeses, pois os atacantes, sendo típicos saqueadores mais do que conquistadores, não perdiam tempo assediando cidades ou castelos fortificados.

Os guerreiros que, na sua maioria, cavalgavam sob a bandeira do "beglerbeg"[219] da Bósnia, e contavam com apenas uns poucos soldados verdadeiramente otomanos, expulsaram milhares de pessoas das províncias eslovenas. (Conforme relatórios simultâneos, houve aproximadamente 15.000 exilados registrados apenas em 1471, quando o exército do beblerbeg estava assolando a Carníola por não menos de três meses). Eles destruíram várias centenas de aldeias, dezenas de igrejas e cidades-mercado e não pouparam nem mosteiros. Somente em 1483, após cerca de 30 grandes investidas na Carníola, Estíria e Caríntia, a pressão turca decresceu um pouco[220]. Contudo, como os esforços defensivos não tinham tido quaisquer resultados substanciais, um grande número de províncias tinham sido gravemente afetadas a esta altura. Eram mais eficientes os serviços de inteligência e advertência[221]. Pilhas de madeira já tinham sido erguidas no topo de certas colinas, ainda em tempo de paz. E, logo que a cavalaria do sultão era avistada no horizonte, as fogueiras eram acesas para advertir a população local sobre o perigo iminente. O próprio perigo da conquista otomana teve uma influência decisiva na centralização dos esforços defensivos que estavam a ser empreendidos crescentemente em um nível supraprovincial. Os Habsburgos começaram a tratar os territórios sob seu controle direto como uma unidade específica e completa.

Conforme os cálculos feitos pelas assembleias provinciais da Carníola, Estíria e Caríntia, os turcos exilaram não menos de

219 O governador de uma província no Império Otomano (nota do tradutor do texto inglês).

220 As mais devastadoras incursões turcas na Carníola, Estíria e Caríntia ocorreram em 1473, 1476, 1478, 1480 e 1483. Para um relato mais detalhado dos ataques turcos e seus efeitos nas terras eslovenas ver: Vasko Simoniti, *Turki so v dezeli ze. Turski vpadi na slovensko ozemlje v 15 in 16. stoletju*. Celje: Mohorjeva druzba, 1990, p. 8-81; Ignacij Voje, *Slovenci pod pritiskom turskega nasilja*. Liubliana: Znanstveni institut Filozofske fakultete, 1996, p. 81-190.

221 No começo, o serviço de inteligência veneziano era mais eficiente do que a sua contraparte Habsburgo. Ao final do século XV, os turcos tinham atacado também o Friuli veneziano pela Carníola, Ístria e Gorizia.

200.000 pessoas durante os primeiros cem anos de suas incursões. Isto ocasionou crises demográficas e econômicas severas que puderam ser apenas parcialmente mitigadas pelo assentamento de refugiados provenientes dos "pashaliks"[222] do Império Otomano. Em áreas específicas, especialmente na bacia do Sava e na área do Drava na Baixa Estíria, assim como no litoral esloveno, 30% a 50% das fazendas foram destruídas, depois de terem sido reavivadas durante a Alta Idade Média. A drástica queda na população foi também causada por desastres naturais – especialmente epidemias, terremotos, inundações e pelos buliçosos enxames de gafanhotos devastando as plantações[223].

Ligeiramente menos belicosos do que os turcos eram os governantes e potentados cristãos que estavam continuamente envolvidos em disputas. O imperador Frederico, que começou a cultivar o sonho de que sua dinastia estava destinada a desempenhar uma missão mundial, passou muito tempo estranhado com o rei húngaro Matthias Corvinus. O Habsburgo obviamente se considerava o legítimo sucessor de Ladislau, o Póstumo, embora não tivesse nem habilidade nem poder para realizar suas aspirações. No começo de 1459 o arcebispo de Salzburg, Sigismundo I de Volkersdorf, chegou a pôr a coroa de Santo Estêvão na cabeça de Frederico, um gesto simbólico provocador que desencadeou longas tensões entre as duas principais potências centro-europeias.

O imperador estava também envolvido em uma rivalidade feroz com seu ambicioso irmão, Albrecht VI, e com os venezianos. A guerra empreendida contra Veneza, em 1463, foi lutada principalmente em solo esloveno. Trieste ficou afinal nas mãos

222 NT: "Pashalik" no texto inglês. Trata-se de uma divisão administrativa ou territorial do regime otomano, que era também utilizada nas regiões conquistadas.

223 Bogo Grafenauer. *Doba prve krize fevdalne druzbe*, p. 35, 47. Na região de Brezice, muito exposta às inundações da bacia do Sava e do Krka, a crise de população tinha se iniciado mesmo antes da grande epidemia de peste. Nesta área em particular, não menos de 70% das fazendas já estavam despovoadas no começo do século XIV.

dos Habsburgos, mas, depois da cessação das hostilidades, experimentou pressão ainda mais considerável do sudeste da Ístria, controlado por Veneza. Não muito tempo depois o calejado imperador também teve que enfrentar uma erupção violenta de descontentamento geral no seu império: em 1467, a nobreza estiriana se uniu e estabeleceu uma aliança com a finalidade de derrubar o arquiduque da Áustria e imperador do Sacro Império Romano. Mais tarde, a irrequieta nobreza chegou a mobilizar suas próprias tropas mercenárias sob o comando do experiente guerreiro profissional Andrej Baumkircher. Encorajados pelo apoio decidido de Matthias Corvinus, os nobres se apoderaram de várias cidades e cidades-mercado, inclusive Maribor, Slovenska Bistrica e Slovenska Konjice. Frederico III só conseguiu reprimir esta perigosa rebelião em 1471.

Desordeiros individuais apareciam também em outros lugares. Na Carníola, por exemplo, Erasmo, o Cavaleiro, outro protegido de Corvinus, se trancou no seu pitoresco castelo perto de Postojna e abandonou sua obediência ao imperador. Depois de um prolongado cerco, o exército de Frederico III finalmente conseguiu derrotar a rebelião de Erasmo no outono de 1484[224], embora isto não tenha ajudado a estabilizar a situação geral. A guerra entre os húngaros e o imperador, que começara em 1477 com a finalidade de obter a sucessão do falecido rei da Boêmia, Jorge de Podebrad, e que continuou sem interrupção devido ao conflito de fundo político para tomar o arcebispado de Esztergom ou o de Salzburg, não mostrava sinais de chegar a termo, embora um lado ocasionalmente obtivesse vantagem sobre o outro. No fim, porém, a balança passou a mover-se a favor do rei Matthias. Pouco a pouco, as cidades entre Viena (1485) no norte e Slovenj Gradec (1489) no sul reconheceram seu governo e autoridade.

224 De acordo com uma crença tradicional passada através de gerações sucessivas pela historiografia e fontes literárias, há indícios de que Erasmo foi morto por uma catapulta apontada com precisão que o atingiu pela janela de seu banheiro.

Embora a reputação do imperador Frederico estivesse quase completamente eclipsada, ele ainda acalentava o sonho da exaltada missão da sua família, o que o levava a ocupar-se da prosperidade do seu sucessor. Para seu filho Maximiliano, cujo nome vinha do mártir de Celeia[225] na Antiguidade tardia, ele combinou um casamento com Maria de Borgonha, o que abriu magníficas perspectivas para os Habsburgos na Europa Ocidental. Enquanto outros monarcas recebiam seus reinos de Marte, os dinastas austríacos os recebiam de Vênus. Os guerreiros, sem dúvida, muitas vezes se esqueciam de assegurar o futuro de seus talentosos herdeiros. Isto foi verdade para Ulrich de Celje e Matthias Hunyadi, rei da Hungria.

Até quase a última fase da época corviniana (1490), a Baixa Estíria, a Caríntia e a Carníola (até Liubliana) eram ainda a direção final da expansão húngara. Enquanto os mercenários de Frederico frequentemente reclamavam aos vassalos pelos pagamentos atrasados do rei devedor, os soldados húngaros de Corvinus, em contraste, melhoravam muito a ordem nas regiões recém-conquistadas, e Corvinus chegou mesmo a conseguir que os turcos concluíssem um tratado de paz com a Hungria em 1483. O monarca húngaro ficou gravado na consciência eslovena como o lendário "dobri kralj Matjaz" ("o bom rei Matthias"). Durante estes tempos apocalípticos bastava um vislumbre de melhoria para alimentar as esperanças das massas marginalizadas de que o defensor eterno de seus direitos viria finalmente chegar para socorrê-las. De acordo com a crença popular, o rei Matthias nunca morreu, ele está sentado adormecido debaixo do Monte Peca na Caríntia (a imaginação popular dos alemães trata de maneira similar o imperador Frederico I Barbarossa); quando a sua barba tiver se enrolado em volta da mesa de pedra pela sétima vez, ele

225 Herman Wiesflecker, *Kaiser Maximilan I. Das Reich,* Österreich und Europa *an der Wende zur Neuzeit. Band I. Jugend, burgundisches Erbe und Römisches Königtum bis zur Alleinherrschaft 1459-1493*, p. 66. São Maximiliano supostamente protegeu o imperador Frederico III do pior quando ele quase foi capturado por Jan Vitovec em 1457.

se levantará acordado na hora mais escura para trazer a redenção para os pobres.

As Rebeliões Camponesas

A destruição sistemática da economia rural durante as invasões turcas e as guerras de Frederico III causou severo retrocesso econômico nas províncias eslovenas. Desde o colapso de um centro político independente com a extinção das dinastias de Celje e de Gorizia, as prioridades de todo o território entre os Alpes e o Mar Adriático eram definidas pela Casa de Habsburgo, por Matthias Corvinus, e pelos venezianos, poderes cujos interesses também visavam outras regiões. Condições sombrias eram tornadas ainda piores pela espiral crescente de cargas tributárias impostas para financiar as incessantes guerras, e a incerteza geral levou ao declínio do comércio. Cidades cercadas de muralhas pouco mais podiam fazer do que vegetar, enquanto o campo era abandonado à sua própria sorte. Com o tempo os súditos desenvolveram seu próprio sistema defensivo: desde cerca de 1460, muralhas foram erguidas em torno de igrejas e/ou outros prédios para prover abrigo nas aldeias e suas áreas vizinhas. Antes do fim da Idade Média não menos de 350 destes baluartes, chamados de *tabori* pelos habitantes locais, foram construídos através do território étnico esloveno[226].

Os camponeses, com a nova experiência de combate adquirida durante os esforços para repelir os turcos, logo adquiriram mais autoconfiança. Como eles eram ocasionalmente chamados pelo governo provincial para lutar ao seu lado (como o chamado "exército negro") durante embates mais importantes, eles pareciam ter se tornado cada vez mais um fator imponderável na vida pública. Algumas campanhas de súditos empreendedores também se tornaram mais comuns: como as constantes ameaças de guerra

226 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 162.

tinham tornado incerto o crescimento das cidades e das cidades--mercado, uma crescente parcela do comércio foi transferida para as mãos de indivíduos.

Não obstante, a situação para os camponeses estava piorando, especialmente em comparação com a de seus senhores feudais. A progressiva consolidação das províncias na Idade Média Tardia criou uma estrutura estável de relações entre os nobres, e cada terra da coroa (Estíria, Carníola e Caríntia em 1414) obteve sua própria coleção de privilégios para a nobreza[227]. Isto realçou a posição jurídica e o papel dos grandes senhores e, acima de tudo, a importância de suas corporações, que buscavam determinar a formulação e o funcionamento de sistemas judiciais e administrativos crescentemente complexos para suas respectivas províncias. A lealdade feudal para com o seu senhor e monarca assumiu assim gradualmente uma nova dimensão: já não era mais para ser vista como um compromisso pessoal para com uma entidade que detinha a autoridade sobre certo território, mas também incluía uma consciência de pertencer a uma comunidade definida em termos de território e tradições. Na prática, o conceito de pátria assumiu uma substância política muito tangível. A aristocracia, a força motriz nas dietas[228], desenvolveu crescentes esforços para estender os seus direitos, ao mesmo tempo em que sua importância como poder defensivo estava declinando na medida em que os clássicos exércitos feudais e de cavaleiros estavam sendo substituídos por tropas mercenárias.

Os camponeses, cada vez mais desesperados e que frequentemente percebiam a nobreza envolvida na política e diminuída na

227 Sergij Vilfan, *Pravna zgodovina Slovencev od naselitve do zloma stare Jugoslavije*. Liubliana: Slovenska matica, 1961, p. 201-202.

228 As dietas foram estabelecidas na Idade Média tardia. Nas dietas eslovenas, a última palavra cabia à aristocracia, simplesmente porque quase não havia centros de poder eclesiástico de importância. As cidades também eram relativamente fracas. Por certo período, os camponeses tiveram o direito de ter representantes na dieta de Gorizia.

sua força militar como um estrato social parasítico ou até mesmo como uma anomalia da criação do Senhor, começaram a cogitar a respeito de uma aliança própria. Esta não só os uniria na sua luta contra os turcos mas também protegeria os interesses de sua vida cotidiana, extremamente árdua ainda que o setor não agrário da economia estivesse atingindo altos níveis (comércio rural e comércio em geral). Entre 70% e 80% dos camponeses viviam na margem mínima da sobrevivência[229].

Afetados severamente pelas crescentes obrigações devidas a seus senhores e por uma escalada da carga tributária do Estado, os súditos clamavam frequentemente pela "velha justiça", uma volta ao sistema feudal tradicional e a seus impostos. Mas, como nem a aristocracia (que já experimentava mudanças estruturais) nem o arquiduque e imperador acedessem às reclamações dos camponeses, as províncias eslovenas também entraram em uma era de violentas rebeliões camponesas na segunda metade do século XV. Estas rebeliões mais tarde determinariam a história das províncias entre os Alpes e o Adriático até o Iluminismo. À sua própria maneira, elas deixariam suas marcas na Revolução de Março de 1848 (e.g., o ataque ao castelo de Ig, em 21-22 de março de 1848, ecoou por toda a monarquia Habsburgo). Estes levantes camponeses – de que houve cerca de 180 da metade do século XV até o final do século XVI entre os Alpes e o mar Adriático[230] – não podem ser encarados como um fenômeno especificamente esloveno. Não obstante, seria quase impossível encontrar uma região na Europa onde os clamores de descontentamento entre os servos tivessem sido tão cruciais; de quando em vez suas revoltas chegavam até a ultrapassar as fronteiras eslovenas. Além disso, as primeiríssimas palavras impressas no idioma esloveno se referiam

229 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 164.

230 Zdenco Cepic, *Zgodovina Slovencev*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1979, p. 284, 316-317. No século XIV, a Eslovênia registrou apenas uma revolta, na área em torno da cidade de Sticna.

a estas vozes: um poema escrito por soldados mercenários alemães que tinham participado da repressão do Grande Levante Camponês de 1515, publicado em um folheto especial, anotaram as duas divisas dos camponeses: "Justiça Antiga" e "Uni-vos, uni--vos, pobres escravos"[231].

Cinco grandes rebeliões ocorreram na Eslovênia neste período. A primeira começou na Caríntia (1478); a segunda espalhou-se para a Baixa Estíria e Carníola (1515); a terceira ocorreu na bacia do Sotla, partes das bacias do Drava e do Sava, bem como na região croata de Zagorje e na bacia do Kolpa (1573); a quarta girou pelo vale do Savinja e as áreas vizinhas da região de Kozjansko, o Campo de Drava e a Carníola Superior (1635); enquanto a quinta eclodiu nas áreas de Tolmin e Gorizia (1713). Elas envolviam entre 3.000 (1478) e 80.000 (1515) pessoas e duravam até vários meses. Elas tinham em comum um sentimento de resistência às mudanças progressivamente introduzidas no sistema feudal. Algumas até mesmo visavam solapar a própria estrutura de relações criada pela "divisão da humanidade" com base na propriedade do solo. Por esta razão, não é surpreendente que em várias áreas os camponeses rebeldes também recebiam apoio de mineiros, forjadores e metalúrgicos, e comerciantes rurais, ao mesmo tempo em que vilas e cidades simpatizavam com suas reivindicações.

231 Joze Koruza, *Slovstvene studije*. Liubliana: Filozofska fakulteta, 1991, p. 84-85. O poema em estilo jornalístico descrevendo a batalha de Celje durante o verão de 1515 foi impresso em Viena pouco depois.



Figura 30. Rebelião de camponeses. Janez Vajkard Valvasor, Slava vojvodine Kransje. Liubliana: Mladinska knjiga, 1978, p. 309

Os rebeldes, especialmente no começo, tinham uma concepção mística do imperador. Eles acreditavam firmemente que seu monarca compreendia as reivindicações dos "oprimidos e ofendidos" e que ele não só reconheceria suas queixas, mas também as atenderia. Nos séculos XV e XVI, os súditos reconheciam como seus antagonistas apenas senhores feudais a título individual e, no máximo, assembleias provinciais que representavam uma corporação predominantemente aristocrática. Com a passagem do tempo, porém, as suas ilusões desmoronaram. Em 1635, os camponeses organizaram uma feroz oposição ao clero, que apoiava fervorosamente o sistema feudal. No distrito de St. Jurij, abaixo de Rifnik, eles chegaram a matar um padre da paróquia, porque ele pregara a favor de dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus[232]. Em alguns casos, a indignação dos servos vinha mesclada

232 Bogo Grafenauer, *Kmecki upori na Slovenskem*. Liubliana: DZS, 1962, p. 299.

com desilusão religiosa. Em 1515, por exemplo, um agricultor conhecido como Klander moveu uma campanha apaixonada na Carníola Superior, sustentando que o Espírito Santo estava falando por seu intermédio. Depois dessa invocação da sua missão mística ele passava a benzer os crucifixos e as bandeiras de guerra dos rebeldes[233].

Os preparativos para a insurreição camponesa na Caríntia, que eclodiu depois da Páscoa de 1478, levou vários anos. Os camponeses já tinham formado uma aliança logo após a incursão turca sobre as montanhas Karavanke e o rio Drava em 1473. Por fim, o arquiduque e o imperador, respectivamente, proibiram qualquer tipo de organização criada espontaneamente fora do quadro institucional estabelecido (esta proibição também se estendia à nobreza, devido à desafortunada experiência do imperador com Baumkircher)[234]. A aliança, que inicialmente recrutava seus membros como voluntários e depois passou a usar da coação, recusou-se a obedecer à ordem de Frederico III, cuja estima era cada vez menor. Além disso, a aliança abriria também suas portas até mesmo a padres, burgueses e indivíduos pertencentes à nobreza. A introdução de um sistema social equitativo na Caríntia foi posta sob a jurisdição de cortes recentemente criadas com a palavra final pertencendo aos camponeses. Neste tempo a revolta não pedia ainda a abolição completa dos impostos pagos aos senhores feudais e evitava manifestar toda sua força em ataques ferozes contra castelos.

A ansiedade do governo e da assembleia provincial sobre o esmagamento da revolta foi finalmente afastada pela incursão turca sobre a Carníola e a Gorizia. Quando os rebeldes souberam de sua aproximação decidiram enfrentar o inimigo na entrada

233 Bogo Grafenauer, *Doba prve krize fevdalne druzbe*, p. 68.

234 NT: Segundo fontes consultadas, uma rebelião da nobreza Estiriana contra o imperador eclodiu em 1471, sob instigação de Baumkircher.

do vale de Gail. Dois mil e quinhentos rebeldes se reuniram no desfiladeiro de Coccau, mas a maioria desertou do campo de batalha antes do começo da luta. Isto deixou apenas 600 homens que perseveraram sob a liderança de um camponês chamado Matjaz e tentaram impedir o avanço dos turcos até o centro da Caríntia no fim de junho de 1478, perecendo quase até o último homem. Sua resistência heroica de nada serviu. Nas três semanas seguintes o exército do sultão saqueou sem piedade as áreas onde a aliança dos rebeldes era mais forte. Os poucos sobreviventes foram caçados e capturados por seus senhores e entregues às cortes provinciais[235].

No entanto, o feroz levante camponês de 1515 foi muito mais perigoso e de maior alcance. As condições gerais de vida permaneciam terríveis, embora a situação tivesse melhorado ligeiramente sob o reinado do sucessor de Frederico, Maximilano I. De 1491 em diante, os turcos renovaram suas incursões na Carníola e na Estíria (embora não tão ferozmente como no tempo do sultão Mohammed II, o Conquistador). Ao mesmo tempo o litoral esloveno tornou-se o cenário de uma amarga guerra entre os Habsburgos e a República de Veneza. Embora as operações de guerra tivessem sido intensas só bem no começo, os embates armados inflingiram novas feridas nas áreas de Gorizia, Tolmin e oeste da Carníola e à cidade de Trieste: compreensivelmente, semear a destruição no território inimigo era um objetivo estratégico fundamental da estratégia de guerra medieval. A guerra tinha raízes em uma combinação de interesses políticos e materiais e de prestígio. O novo rei dos romanos, Maximiliano, que havia restaurado com êxito o poder Habsburgo sobre as terras e províncias ao longo da fronteira húngara, também recebeu o título de imperador em 1508. Veneza, angustiada com a crescente força do monarca Habsburgo nas suas fronteiras leste e do norte, impediu sua visita a Roma para assistir sua própria investidura. A decisão veneziana tinha origem em

235 Ibid., p. 56-59.

parte na indignação com o fato de que Maximiliano tinha tomado posse de toda a herança dos extintos condes de Gorizia.

O curso da guerra parecia inicialmente incerto para o imperador: logo que as hostilidades começaram, os venezianos tomaram o vale do Soca, Trieste, Vipava e Rijeka. Porém, em 1509, o exército de Maximiliano os tinha repelido para os limites da planície de Friuli, onde a fronteira foi subsequentemente fixada ao término das operações militares em 1516 e com a paz alcançada em 1522[236]. Os Habsburgos conseguiram tomar então Aquileia e a área de Tolmin, que foi anexada ao seu condado de Gorizia. Seus súditos não devem ter ficado especialmente encantados com o sucesso de seu monarca, que só havia se tornado possível mediante suas próprias contribuições, na forma de impostos estatais. Os senhores feudais também aspiravam tirar máximo proveito do "estado de emergência" em uma extensa área atrás dos campos de batalha para melhorar sua posição financeira, enquanto o imperador não podia deixar de dar concessões a seus patrícios para que não criassem obstáculos no curso de sua guerra com o inimigo externo. Os camponeses, por outro lado, sentindo a crescente carga, começaram a formar sua própria aliança.

O clamor pela "antiga justiça" lançado no começo de 1515 ressoou do sul da Caríntia e em torno de Graz até as bacias do Kolpa e do Soca. Embora o levante, com seu centro na Carníola e Baixa Estíria, também tenha alcançado áreas germanófonas no norte, ele foi universalmente reconhecido como genuinamente esloveno desde o começo. Em 1515, os súditos rebeldes – reunidos em uma vasta, mas pouco coesa aliança camponesa – atacaram e tomaram o controle de numerosos castelos. Os rebeldes, que se proclamaram "os pobres", por ocasiões chegariam mesmo a não hesitar em pôr as mãos sobre propriedades do imperador. O movimento abrangia

236 Ibid., p. 65-66.

grandes massas de seguidores desde seu início: só na Estíria sua liderança contava com não menos de 300 membros. Além disso, os camponeses eram bem organizados em várias áreas: na Caríntia, por exemplo, eles elegeram não só os seus líderes e comandantes militares, mas também designaram "oradores" e "conselheiros" (que obviamente se ocupavam da moral e do planejamento eficiente de futuras ações). Os mais odiados senhores superiores e representantes da elite privilegiada que arruinavam seus súditos com crescentes impostos e obrigações servis se achavam em perigo mortal, e um número considerável dentre eles pagou com suas vidas por sua ganância e autoritarismo. No auge da rebelião camponesa os patrícios, cujos castelos insuficientemente fortificados não os podiam proteger de um cerco persistente, foram forçados a buscar abrigo em cidades fortificadas – em Liubliana e Kamnik na Carníola, em Maribor na Estíria e em Villach na Caríntia[237].

Os camponeses não esperaram muito para deixar claras as suas reivindicações. Depois do estabelecimento de sua aliança no começo de 1515 eles entraram em negociações com as autoridades nas províncias respectivas e até enviaram uma delegação especial ao imperador em Augsburgo. Mas eles logo tomaram armas: as primeiras vítimas tinham caído em março daquele mesmo ano. O crescimento e a radicalização do sentimento de ultraje dos camponeses tinham essencialmente sido uma questão de acaso: quando três imagens do sol foram vistas aparecer com cores iridescentes no dia 10 de fevereiro de 1515, os camponeses iletrados interpretaram o extraordinário fenômeno como arauto de tempos duros no porvir, levando-os a reagir prontamente. Sua agitação logo se transformou nas primeiras ações contra seus senhores superiores[238]. Tanto os rebeldes como os nobres ficaram

237 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 177.

238 Mirko Rupel, *Primoz Trubar, Zivljenje in delo*. Liubliana: Mladinska knjiga, 1962, p. 12.

inflamados pela queda do imponente castelo de Mehovo na Baixa Carníola em 17 de maio. Esta vitória também demonstrou drasticamente o lado simbólico desta permanente luta pela "antiga justiça"; os rebeldes decapitaram os dois senhores do castelo e jogaram seus corpos por cima das muralhas do castelo, ao mesmo tempo em que prenderam a senhora da casa, vestindo-a com farrapos camponeses e mandando-a trabalhar nos campos.

Enquanto as primeiras propriedades senhoriais da Carníola caíam em mãos dos rebeldes, a delegação de súditos eslovenos tinha alcançado o imperador. Em contraste com a nobreza provincial e as lembranças sinistras que evocavam do sangrento fim das revoltas camponesas na Hungria e no Württemberg no ano anterior, o monarca não foi arrogante com os representantes dos "pobres", e uma solução pacífica parecia ser alcançável. No entanto a corte imperial havia perdido, há muito, uma noção clara dos acontecimentos. Por um lado, o rei havia proibido o estabelecimento da aliança dos camponeses (mesmo antes da chegada de seus representantes em Augsburg), mas por outro ele não expressou nenhum apoio inequívoco à nobreza. O imperador Maximilano, que visava centralizar a administração das terras hereditárias dos Habsburgos, não estava especialmente satisfeito com a excessiva concentração de poder nas mãos das assembleias provinciais. Por isso ele buscou se afirmar por meio dos seus comissários não apenas como um árbitro, mas também como a única autoridade eficaz nas respectivas terras da coroa. No entanto, a intervenção dos representantes do monarca mostrou-se um profundo fracasso tanto em relação à nobreza quanto junto aos camponeses. No fim, Maximiliano expressou claramente seu apoio à aristocracia, que no fim da primavera já tinha levantado completamente o seu exército[239]. Apesar de demoradas e cuidadosamente planejadas ações preliminares, o

239 Bogo Grafenauer, *Kmecki upori na Slovenskem*, p. 100-125.

primeiro golpe assestado contra os rebeldes errou seu alvo. No meio de junho, a nobreza e suas tropas (inclusive croatas armados vindos em sua ajuda do Reino da Hungria) se acharam em uma armadilha na cidade de Brezice. Eles foram cercados por cerca de 9.000 camponeses que, em um único ataque, tomaram a cidade. Os inescrupulosos senhores feudais – que tinham querido vender 500 esposas e crianças dos rebeldes para a Dalmacia como escravos – foram mortos. Só então é que a vantagem pendeu para a nobreza. Na Caríntia, as tropas imperiais e provinciais reunidas em Villach, começaram a esmagar a revolta. As cidades foram coagidas, em crescente número, a abandonar a aliança camponesa e a unidade dos rebeldes estava já fraquejando. O turbilhão da batalha foi então desviado para o leste. Jurij Herberstein, que tinha reunido o exército das assembleias provinciais da Estíria, Caríntia e Carníola em torno de Graz, dirigiu-se para o sul, avançando rapidamente pelo território rebelde. No dia 5 de julho, seu acampamento em Celje foi atacado pelos camponeses. O feroz ataque transformou-se em uma cruel batalha que durou até 10 de julho, quando os rebeldes afinal sofreram uma calamitosa derrota. A comunicação de Herberstein ao imperador assinalava que a batalha tinha morto não menos de 2.000 súditos rebeldes[240]. Duas semanas mais tarde o exército alcançou a Carníola, em meio a uma jubilosa acolhida da nobreza e deixando claro aos camponeses que eles nunca seriam capazes de equiparar-se a suas forças.

Os rebeldes derrotados foram brutalmente punidos, ao mesmo tempo em que os fortes antiturcos (*tabori*) que tinham evidentemente também sido usados por eles na sua luta pela "velha justiça" foram arrasados. As províncias nas quais o exército de Herbenstein avançava não diferiam significativamente daquelas

240 Bogo Grafenauer, *Boj za staro pravdo v 15. in 16. stoletju na Slovenskem. Slovenski kmecki upor 1515 in hrvasko-slovenski kmecki upor 1572/73 s posebnim ozirom na razvoj programa slovenskih putarjev med 1473 in 1573*. Liubliana: DZS, 1974, p. 101-102.

afetadas pelos mais ferozes ataques turcos várias décadas antes. Muitos rebeldes foram enforcados ou impalados, aqueles com mais sorte foram somente espancados e roubados por "pacificadores". A vingativa justiça dos nobres também garantiu a execução subsequente dos camponeses em Kranj e Graz (161 rebeldes foram condenados à morte apenas na capital da Estíria). A revolta eslovena de 1515, que inspirou a grande revolta camponesa nas províncias alemães do Sacro Império Romano em 1524, permaneceu em sua memória por longo tempo por meio de impostos especiais, tais como o assim chamado "*pfenning* da rebelião"[241].

241 Ibid., p. 109.

CAPÍTULO 4

INÍCIO DO PERÍODO MODERNO

Do Humanismo à Reforma

A Idade Média Tardia pode ter sido o período mais esgotante para o território esloveno desde a migração dos povos, mas, apesar disso, nele se plantaram as primeiras sementes do progresso futuro. O imperador Frederico III não podia aliviar sua ansiedade com a manutenção das propriedades nos flancos ao sudeste do Sacro Império Romano nem mesmo assumindo a posse da herança dos Celje. Em 1461, ele fundou a diocese de Liubliana, principalmente para restringir a influência do patriarca de Aquileia, que dependia de Veneza e vinha residindo em Cividale del Friuli e Udine desde a eclosão da primeira guerra entre La Serenissima e os Habsburgos[242]. A existência da nova diocese foi confirmada pelo ex-secretário do imperador Aeneas Silvius Piccolimini em 1462. De início a diocese era absurdamente pequena: enquanto seja certo que não mais de três paróquias foram destinadas a ela, treze outras foram meramente designadas como fontes de renda para sustentar seus dignitários. Isto deu margem a constantes disputas com as autoridades aquileianas. Não obstante, os bispos de Liubliana

242 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 169.

foram, não muito tempo depois, elevados a príncipes em 1533 e, antes do início do século XVII, foram capazes de impor sua autoridade sobre todo o território que, de uma ou outra forma, era mencionado repetidamente em relação com o estabelecimento de sua diocese. Além disso, buscando resolver as controvérsias no interior da Igreja da Idade Média Tardia (o declínio do partido do "Conselho" e a ascendência do partido "Papal"), o imperador conseguiu obter o direito de designar os bispos de Trieste, fortalecendo ainda mais sua posição ao longo costa setentrional do Adriático.

Os patriarcas de Aquileia que sucederam Luís II de Teck tinham perdido quase toda influência sobre os desdobramentos na parte leste de sua província oriental, o que fortalecia a importância de centros religiosos menores na Eslovênia. Ainda assim, as disputas entre o imperador e os venezianos não só fortaleciam a fronteira entre Friuli e as terras hereditárias dos Habsburgos, mas também erguiam entre elas uma alta barreira espiritual. De forma análoga, com a desaparição dos condes de Gorizia (1500), as duas potências rivais já não estavam separadas por uma zona neutra. Nos séculos XVI e XVII, as áreas fronteiriças entre as terras dos Habsburgos e de Veneza foram palco de duas amargas guerras em 1508-1522 e 1615-1617. Os eslovenos venezianos, que habitavam as áreas montanhosas que cercam a cidade de Cividale, foram de importância capital para a república como defensores da fronteira (que foi por fim fixada ao longo dos topos das montanhas a oeste do rio Soca). Portanto eles usufruíam de um grau considerável de autonomia. Seu sistema administrativo consistia de duas prefeituras incluindo 36 aldeias. As localidades adjacentes eram governadas por representantes eleitos (decanos). Os dois prefeitos tinham inclusive o direito de exercer a vingança feudal[243].

243 NT: "Blood feud" no texto em inglês. Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 326-327.

Estes desdobramentos dificultaram consideravelmente o tipo de inter-relações culturais que se desenvolveram entre os territórios senhoriais italianos, onde a civilização da Renascença floresceu durante o século XV. Em sua visita a Liubliana em 1444, Aeneas Silvius Piccolomini, que em vários aspectos era a personificação do sábio humanista, sentiu-se como se estivesse no meio de províncias "bárbaras e incivilizadas"[244]. A súbita ruína da Casa de Celje e a queda dos condes de Gorizia reduziram ainda mais a possibilidade de criar centros culturais de importância suficiente para equiparar os esforços intelectuais dos eslovenos com as mudanças contemporâneas europeias da "república dos espíritos". Mesmo a criação da diocese de Liubliana não conseguiu levar adiante qualquer iniciativa substancial, com seus dirigentes[245] se imiscuindo com muita frequência em questões puramente políticas: por exemplo, Cristóforo Raubar, que presidiu a diocese de Liubliana entre 1488 e 1536, era não apenas um magnífico diplomata e bem-sucedido militar, mas também camareiro-mor[246]. A política dinástica dos Habsburgos, que durante o reinado do "último rei cavaleiro Maximiliano I (1486/93-1519) começou a se transformar em um Estado (proto) absolutista por meio do estabelecimento de órgãos e instituições comuns, simplesmente não tinha qualquer consideração ou preocupação com a região alpino-adriática. A centralização e concentração da autoridade ocorreu de acordo com os interesses e prioridades ditadas pela corte imperial. Assim, durante a Idade Média Tardia e o início do século XVI, só algumas personalidades eslovenas podiam alcançar estima e reconhecimento por suas realizações. Um número considerável dentre elas chegou até a se estabelecer em vários centros políticos e culturais na Europa.

244 Alfonz Gspan et al., *Zgodovina slovenskega slovstva I*. Liubliana: Slovenska matica, 1956, p. 168.

245 NT: O texto inglês usa a palavra "overpastors", que não foi localizada nem no dicionário Unabridged Merriam-Webster online. O tradutor preferiu assim um termo neutro.

246 NT: Em inglês, "Lord Chamberlain".

Além de Raubar, outro distinto personagem foi Thomas Prelokar de Celje, que alcançou o seu grau de doutor em Pádua em 1466 e mais tarde tornou-se Reitor[247] da Universidade de Viena. Como diplomata de Frederico III e tutor do imperador Maximiliano, ele era altamente respeitado por seus méritos pela dinastia governante dos Habsburgos. Não menos exitoso foi o seu episcopado em Constança. As carreiras de seus próximos compatriotas da Estíria eslovena, Brikcij Preprost e Bernard Perger, foram quase tão brilhantes, e ambos foram nomeados decanos da Universidade de Viena. O primeiro alcançou a glória como comentarista das obras de Cícero, enquanto o segundo dedicou-se a reformar o ensino do latim de acordo com o espírito humanista. No começo do século XVI, a corte imperial de Maximiliano I expressou reconhecimento ao orador, diplomata e reitor da Universidade de Viena, Paulus Oberstain, originário de Radovljica, e Jurij Slatkonja de Liubliana, que subsequentemente tornou-se o primeiro autêntico bispo de Viena. Durante os preparativos para o encontro do imperador com os dois reis Jaguelões, Vladislau II (rei da Hungria e Boêmia) e Sigismundo o Sênior, (rei da Polônia e Lituânia), em julho de 1515, a corte imperial em Viena chegou a expressar interesse no idioma esloveno. Oberstain, um brilhante poliglota, compôs uma ode em latim em louvor a Maximiliano dois anos antes do encontro dos "três grandes", na qual ele destacou que o imperador poderia aprender com ele aquela língua eslava[248].

As condições que permitiram o exitoso "congresso" governamental Habsgurgo-Jaguelão em Viena[249] aparentemente influenciaram

247 NT: Em inglês, "Chancellor".

248 Primoz Simoniti, *Humanizem na Slovenskem in slovenski humanisti do srede 16. stoletja*. Liubliana: Slovenska matica, 1979, p. 193. Em sua ode, Oberstain fala de como Maximiliano encomendou-lhe uma compilação de um dicionário de língua eslava; acreditava-se que a língua eslava fosse só uma.

249 Os Habsburgos e os Jaguelões da Hungria e Boêmia acertaram um vínculo familiar duplo e concluíram um acordo de herança. Como consequência da batalha de Mohács em 29 de agosto de 1526, os sucessores do imperador Maximilano tiraram rico proveito deste acordo, pois puderam apoderar-se do Reino da Boêmia e de vários condados (*comitati*) dentro das terras da coroa húngara.

a primeira afirmação notável da língua eslovena, desde que o ritual da instação dos duques carintianos havia terminado em 1414. Os Habsburgos, havendo assegurado sua posição nas terras da coroa espanhola uma vez que Filipe, o Belo, casou-se com Joana, a Louca, agora também aspiravam exercer uma influência decisiva sobre o leste eslavo. Não foi por acaso que o imperador Maximiliano se cercou de pessoas do território esloveno[250] e foi o vencedor em suas tratativas com Moscou, que ele via como um aliado em quaisquer possíveis disputas com os monarcas Jaguelões na Hungria, Polônia e Lituânia. Em 1516, Maximiliano enviou um patrício nascido em Vipava, Ziga Herbestein, a Vasili III, grão-duque de Moscou (o primeiro escolhido para esta missão, Cristóforo Raubar, bispo de Liubliana, tinha recusado efetuar uma viagem longa). Herberstein terminou com sucesso sua missão, sem dúvida também por causa de sua fluência no idioma esloveno[251]. Os novos regulamentos da corte imperial venceram o preconceito geral contra as línguas vivas, que na Europa Central começaram a encontrar um lugar ao lado do latim humanista[252]. Não foi assim surpreendente que quando Petrus Bonomo, bispo de Trieste e por muito tempo companheiro próximo de Maximilano, voltou para sua sede episcopal em 1523 começou a interpretar textos clássicos em esloveno (e não exclusivamente em alemão ou italiano). Ele não compartilhava da atitude negativa de muitos nobres rurais em relação com o idioma (Ziga Herberstein, também, relatou em sua autobiografia que vários fidalgos no fim do século

250 No fim do século XV e início do século XVI, os eslovenos eram a única nação eslava sob o domínio Habsburgo. Só depois da morte ignominiosa de Luís II que a dinastia também alcançou domínio sobre croatas, boêmios e eslovacos. NT: O rei Luís II da Hungria foi morto na batalha de Mohács antes mencionada, que resultou na derrota de seus países pelo exército turco e posterior partilha do país.

251 Ziga Herberstein, *Moskovski zapiski*. Liubliana: DZS, 1951, p. 5.

252 Ao receber título de nobreza, Jurij Slatkonja obteve um brasão de armas com o emblema de cavalo dourado. Isto significa que a corte imperial de Maximiliano tinha derivado semanticamente seu nome de família da língua eslovena (de acordo com o princípio da etimologia popular).

XV o tinham desdenhado por aprender esloveno)[253]. A ampla erudição humanista de Bonomo e sua devoção à língua eslovena também inspirou o reformador protestante, Primoz Trubar, cuja personalidade foi formada no circulo do bispo de Trieste.

A política centralizadora de Maximiliano I abriu caminho para a ascensão de cortesãos eslovenos e também ajudou a reduzir a importância das fronteiras provinciais. Por isso o advento da Reforma na região alpino-adriática permitiu a introdução de um enfoque linguístico integracionista que, até certo ponto, excedeu o legado da divisão territorial motivada politicamente. Maximiliano, ainda fascinado pelos ideais cavalheirescos de épocas passadas e querendo colocar a dinastia Habsburgo no topo de uma monarquia secular piramidal mediante uma política deliberada de casamentos dinásticos, na realidade acelerou a modernização administrativa na Eslovênia e em áreas vizinhas. Suas visões podem ter sido anacrônicas, mas sua conduta de estadista estabeleceu as bases da posterior Monarquia Austríaca. Para ilustrar, ele resolveu transformar as terras hereditárias dos Habsburgos, dominadas pelo princípio patrimonial, em uma unidade política e territorial tão coerente quanto possível. Escritórios centrais (uma câmara financeira e um regimento) foram estabelecidos para as terras da coroa austríaca na Baixa e na Alta Áustria, com as províncias eslovenas incluídas na Baixa Áustria. As resoluções[254] de Innsbruck foram adotadas em 1518 depois de uma sessão conjunta de representantes das dietas provinciais da coroa dos Habsburgos e fortaleceram em particular a cooperação militar entre elas[255].

253 Ludovik Modest Golia, "Herbersteinovo zivljenje". In: Herberstein, *Moskovski zapiski*, p. 188-189.

254 NT: O texto inglês usa a palavra "libels" cuja conotação é, sobretudo, negativa tanto em inglês quanto em português. O dicionário Novo Aurélio indica como terceira acepção, obsoleta, e proveniente de fontes latinas, a de declaração, solicitação. O tradutor optou, dentro do contexto, por "resolução".

255 Hermann Wiesflecker, *Maximilian I*, p. 300.

A cooperação entre as províncias no território alpino-adriático também foi aumentada. A principal ameaça representada pelo expansionismo turco encorajou ainda mais os esforços defensivos conjuntos da Carníola, Estíria e Caríntia (e também Gorizia depois de 1500). A Áustria Interior, que compreendia as terras hereditárias da coroa acima relacionadas, tornou-se um autêntico "corpo indivisível" no século XVI, i.e., durantes os reinados do imperador Ferdinando I e do arquiduque Carlos[256]. Após a morte em 1526 de Luís II, o último rei Jaguelão da Boêmia e da Hungria, a Áustria Interior também passou a abranger a Hungria ocidental, com os "remanescentes dos remanescentes" da Croácia. Estas terras achavam cada vez mais difícil resistir à investida turca. As cidades e as províncias na bacia panônica, na Eslavônia e Dalmácia caíram uma após a outra nas mãos de Suleiman, o Magnífico, que sucedera no trono de Constantinopla em 1520, e na década seguinte (1522-1532) as províncias da Áustria Interior temeram a volta dos desastres dos tempos de Mohammed II, o Conquistador. Este período também registrou a única incursão do exército principal otomano em solo esloveno, em 1532[257].

As grandes operações militares dos Habsburgos contra as forças turcas não produziram os desejados resultados até bem o fim do século XVI. As províncias da Áustria Interior foram especialmente atingidas pelos desastres militares através da Eslavônia em 1537. As forças armadas dos Habsburgos, lideradas por vários aristocratas, inclusive Ivan Kacijanar, governador da Carníola (sobrinho de Ziga Herberstein e irmão do bispo de Liubliana), foram eliminadas quase até o último homem. Apesar de Kacijanar ter sido um guerreiro endurecido pelas batalhas e que tinha defendido Viena vigorosamente contra o exército invasor

256 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razvetljenstva*, p. 184.

257 O exército do sultão, que tinha tentado conquistar Viena em 1532, após sua derrota em Köszeg (Eslov: Kisek), passou em sua retirada pela Estíria eslovena. A pequena cidade no oeste da Hungria foi salva pelo governador da Carníola, Nikolaj Jurisic, que nascera na cidade croata de Senj.

de Suleiman, sua tentativa de repelir os invasores da cidade de Osijek (Hung: Eszék) foi esmagada. Depois de sua fuga do campo de batalha, círculos da corte acusaram-no de alta traição, e ele foi por fim assassinado como um potencial instigador da oposição anti-Habsburgo na Carníola e nas áreas vizinhas[258]. Os esforços defensivos mal coordenados, em geral improvisados, e, sobretudo fúteis, destroçaram o moral através das províncias da Áustria Interior, em benefício dos otomanos que avançavam, e um mito da invencibilidade do sultão se criou. Além disso, até o fim do século XVII uma grande parte da Europa Central acreditava que a relva nunca voltava a nascer onde os cascos turcos tinham pisado.

Mesmo antes dos Habsburgos terem assumido os tronos da Hungria e Boêmia, a assembleia provincial da Áustria Interior tinha concluído que seria melhor desafiar os invasores otomanos fora do seu próprio território. Eles vinham tomando fortalezas individuais nas terras da coroa húngara desde 1522; em 1578 eles haviam ocupado 88 delas. Desde então quase 5.000 soldados estavam permanentemente aquartelados nelas como guarnições e unidades móveis. Os custos de defesa se multiplicaram por seis na Carníola e por mais de cinco na Estíria, embora apenas por dois e meio na Caríntia, entre 1537 e 1578. Em 1613, as províncias da Áustria Interior tinham investido quase 25 milhões de florins na manutenção de fortalezas e na organização da defesa na Croácia, enquanto o tesouro imperial contribuiu aproximadamente com oito vezes menos[259]. Como não havia fontes importantes de renda através de toda a região alpino-adriática, exceto a mina de mercúrio em Idrija (It. Idria), que começou a funcionar no fim do século XV, os encargos tributários cresceram dramaticamente. As instituições eclesiásticas também quiseram sacrificar uma parte de sua riqueza

258 Ivan Kacijanar (1491 ou 1492-1539), nascido no castelo de Kamen na Carníola Superior, foi nomeado em 1531 comandante-chefe do conjunto das forças armadas da Áustria Interior.

259 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvtljenstva*, p. 183.

para a causa. Depois de 1579, a parte de leão dos fundos foi investida na construção da imponente fortaleza de Karlovac, que ocupava a posição chave na confluência dos rios Korana e Kolpa (o ponto mais a oeste do Império Turco) e protegia a passagem da Bósnia para a Carníola. O novo estabelecimento urbano, cercado pelas fortificações mais modernas, comprovou ter cumprido seu papel defensivo: depois de 1579 a cavalaria do sultão parou de incursionas pelo território central esloveno.

Contudo, o aumento da capacidade defensiva das províncias da Áustria Interior e das províncias adjacentes na Croácia dependia de uma reversão do despovoamento assim como da melhoria das fortificações em uma área fronteiriça relativamente ampla. A terra destroçada pela guerra não podia mais sustentar as guarnições militares e unidades móveis, o que levou os governantes Habsburgos e seus comandantes a começarem a acolher a população predominantemente cristã ortodoxa que vinha do interior dos Balcãs fugindo para o ocidente dos conquistadores islâmicos. Os fugitivos eram principalmente criadores de gado lutando para escapar do longo braço da autoridade do sultão. Nas províncias croatas e eslovenas estes colonos eram conhecidos como "Uskoks". Em 1535, Ferdinando I concedeu-lhes liberdade e terras; em troca eles deviam prestar serviço militar compulsório. A região de Zumberk no extremo leste da Carníola foi tão superpovoada pelos novos colonos que sua composição étnica se modificou completamente, embora na vizinha Carníola Branca e alhures os imigrantes tenham se assimilado na população geral[260].

Uma unidade territorial específica fora da estrutura administrativa dos reinos Habsburgos e das terras reais foi, pois, gradualmente estabelecida no século XVI ao longo da fronteira oeste com o Império Turco. No fim do reinado de Fernando I,

260 Ibid., p. 180-184.

esta chamada Fronteira Militar, que na Croácia se estendia do mar Adriático ao rio Drava, permaneceu como um baluarte eficaz contra os turcos nos flancos meridionais das terras hereditárias dos Habsburgos. Devido a sua função primordialmente defensiva, a fronteira estava sob o direto controle da corte imperial em Viena e da corte arquiducal em Graz. A Carníola assim gradualmente perdeu contato com Zumberk que, quando da eliminação final da Fronteira Militar em 1881, foi anexada à Croácia dentro da Hungria. Os Uskoks, que eram isentos de taxas feudais, juraram inabalável lealdade ao imperador e assim também exerceram um papel crucial nos assuntos internos. Era também notável sua lealdade aos comandantes militares na Fronteira Militar, que provinham principalmente da nobreza da Áustria Interior, e os camponeses rebeldes jamais conseguiram ganhar seu apoio para sua causa mesmo até o fim do século XVI. Ao contrário, durante o grande levante esloveno-croata no inverno de 1537, os Uskoks foram decisivos em rapidamente reprimir a revolta[261].

A principal ameaça externa, como no fim da Idade Média, deixou marcas singulares nos desdobramentos ao longo da Carníola, Estíria, Caríntia e Gorizia no século XVI. Não só influenciou a sua integração mútua, necessária para fortalecer suas defesas, mas também afetou a adoção e o destino das iniciativas da Reforma em uma zona extremamente volátil do ponto de vista geoestratégico. A proximidade da fronteira turca forçou o fervorosamente católico duque da Áustria Interior, que detinha o direito de determinar a fé nas terras de sua coroa desde a Paz Religiosa de Augsburgo em 1555, a fazer concessões à organização eclesiástica luterana. Caso ele tivesse escolhido adotar medidas religiosas e políticas menos flexíveis, ele muito provavelmente teria provocado uma grande agitação no já tênue equilíbrio da Áustria Interior e fatalmente solapado seu poder defensivo.

261 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 284.

A precária situação da Igreja se equiparava em outras áreas do Sacro Império Romano no século XV. Ao colapso do poder temporal do patriarca de Aquileia, seguiu-se imediatamente a primeira e prolongada crise na qual a Igreja dificilmente podia controlar seus sacerdotes, a disciplina foi relaxada e o celibato clerical e o ascetismo já não eram sinônimos. Práticas profanas, que se haviam difundido entre servidores individuais da Santa Igreja antes da metade do século XV, indicavam a profunda crise que afetava profundamente a Europa ocidental, e as condições haviam piorado desde que o Concílio "maratona" na Basileia (1431-1449) tinha fracassado em solucionar as disputas religiosas no interior do mundo ("oecumena") católico. Numerosos homens ordenados, inclusive nas províncias eslovenas, haviam tomado concubinas, aberto tavernas, jogavam dados e caçavam. Os Santos Sacramentos eram ministrados apenas em ocasiões excepcionais e ainda assim estritamente por pagamento[262]. A rigidez cristã estava rapidamente se apagando do mapa espiritual da Europa Central. Em alguns lugares até o monasticismo se distanciou muito dos ideais de *vita contemplativa* com que se distinguia nos tempos medievais. O declínio intelectual já se tinha tornado comum em comunidades monásticas no fim do século XV e o alsaciano Nicholas Kempf (1397-1492), que morou em Pleterje e Jurkloster, foi o último célebre escritor monástico medieval nas províncias eslovenas. No interior dos muros seculares de mosteiros veneráveis, atos vergonhosos e abertamente profanos eram cometidos com frequência. Por exemplo, no seu livro de viagem relativo a 1485-1487, Paolo Santonino descreveu a recepção oferecida a Pietro Carli, bispo de Caorli e visitante do patriarca de Aquileia, pelas freiras do mosteiro de Studenice na Baixa Estíria:

262 Milko Kos, *Zgodovina Slovencev od naselitve do petnajstega stoletja*. Liubliana: Slovenska matica, 1955, p. 353.

> *A madre superiora e suas irmãs nos deram uma calorosa recepção (que superou) qualquer descrição. Sua Eminência o Bispo (...), pingando de suor devido à viagem, foi imediatamente presenteado com um longo roupão até os tornozelos, com um colarinho de seda dourada. Ele se vestiu apressadamente e vestido assim parecia muito um primaz alemão {,} [...]. O bispo foi então levado para um canto bem isolado do mosteiro. Lá, na presença de todo o capítulo de freiras, as mais jovens e belas lavaram o seu cabelo, enquanto outra cobriu e envolveu sua cabeça em uma veste aquecida. E o próprio superior do mosteiro despejou água sobre o corpo do distinguido convidado. Nosso Bispo suportou pacientemente todos estes serviços prestados a ele: e, aliás, quem no céu recusaria tais graciosidades vindas de virgens de uma beleza indescritível? Mas, isto nunca levou a qualquer tipo de falta de decoro, pelo menos no que concerne a atos; enquanto que o espírito e o desejo foram provavelmente levados à beira do insuportável*[263].

Contudo, as condições eram simplesmente anárquicas no mosteiro de Velesovo na Carníola, que também pertencia à ordem dos dominicanos. De acordo com Santonini:

> *O Reverendíssimo Bispo estava fazendo sermões à Madre Superiora e a suas freiras sobre vários ensinamentos. E quando chegou a seu conhecimento que uma delas tinha rompido seu voto de obediência à Madre Superiora, ordenou-lhe que confessasse sua transgressão e culpa [.] [...] Daí em diante, [as freiras] foram questionadas sobre a sua observância dos mandamentos da ordem, a gestão dos bens espirituais e temporais, o cumprimento dos*

263 Paolo Santonino, *Popotni dnevnik*, p. 80-81.

> *serviços a Deus e muitas outras questões semelhantes. As freiras então admitiram que, de vez em quando, elas interrompiam sua reclusão e saiam do mosteiro para visitar seus parentes, que quase todas eram tinham bens individuais e, ainda mais, que não faziam em comum, no refeitório, o jantar e a ceia. O Reverendo Bispo as repreendeu, com palavras doces e de conforto, para que se abstivessem no futuro de cometer tais violações assim como de deixar entrar homens no mosteiro. Para ministrar o Serviço Divino na sua igreja, as reverendas freiras dispõem de quatro capelães, jovens, se posso acrescentar, que moram fora do mosteiro, mas bem perto*[264].

A situação não melhorou no começo do século XVI; na realidade, os servidores ordenados da Igreja começaram a acumular cada vez mais serviços e funções. Padres, solicitados a celebrar mais vezes os Serviços Divinos, habituaram-se a enviar vigários com pouca instrução para rezar a missa em seu lugar. Princípes eclesiásticos estavam inteiramente engajados pelas questões mundanas; Cristóforo Raubar, bispo de Liubliana (tendo sido eleito pastor superior com 12 anos), também servia como governador provincial da Carníola (1529-1536) e vice-regente na Baixa Áustria (1532-1536). Petrus Bonomo, que se tornou grão-chanceler do Conselho Imperial das províncias na Baixa Áustria em 1521 depois da morte do imperador Maximiliano I, teve uma carreira temporal igualmente brilhante. Bonomo, que tinha sido nomeado bispo de Trieste com as bênçãos do papa no começo de abril de 1502, só pôde se dedicar plenamente seus esforços à diocese duas décadas depois.

264 Ibid., p. 42.

A excessiva dedicação da Igreja às questões profanas, junto com as frequentes incursões turcas, que as pessoas simples percebiam como um castigo de Deus por seus pecados, sacudiram profundamente a sua fé na ordem secular e o clamor de Martinho Lutero para a volta ao Cristianismo original – i.e., "o Santo Evangelho sem acréscimos humanos" – ecoou entre os eslovenos. Lutero, que se opôs resolutamente ao sórdido comércio de "indulgências" em 1517 alcançou generalizada aclamação pública entre os nobres, o clero, os burgueses e camponeses, embora por razões extremamente diferentes. O que se tornou claro para todos foi que a Igreja da Renascença, cada vez mais parecida como um vasto estabelecimento mercantil comerciando com a fé, as esperanças e os medos do homem, podia atender às expectativas de apenas poucas pessoas. Em uma era de sofrimentos, preocupações e inseguranças cotidianas, assim como de profunda angústia sobre a morte e o destino da alma[265], os seguidores de Lutero compreensivelmente tinham o monopólio das críticas sobre a situação vigente. As pessoas comuns também expressavam o seu descontentamento com a vida religiosa e cotidiana através de um desejo profundo por peregrinações e pela construção de novas igrejas, embora isso fosse objeto de firme oposição dos seguidores de Lutero. Além disso, mesmo os padres que não haviam aderido às severas críticas de Lutero ao papado se encontravam muitas vezes em conflito com zelotas dedicados à construção de Casas de Deus (as chamadas *stiftarji*). Outro papel importante parece ter cabido ao crescente número de anabatistas, cujo centro estava em Munster, Westfália (até que a cidade caiu em mão dos católicos em junho de 1535): as prisões na Estíria já estavam cheias de anabatistas em 1530, exceto as prisões do condado de Celje, que ainda não fora completamente incorporado na estrutura administrativa unificada

265 NT: Em inglês, "eschatological angst".

da província. Os anabatistas, espalhando-se em direção ao sul, alcançaram a Carníola um pouco mais tarde e se estabeleceram em Liubliana e Kamnik, enquanto a Estíria registrou seu aparecimento em Klagenfurt, Villach, e várias outras cidades da parte completamente germanófona das terras da coroa[266].

Ao contrário dos veementes construtores de igrejas – que no mínimo provocavam desconforto na hierarquia católica – e dos "heréticos" anabatistas, os luteranos no começo evitaram revelar abertamente sua doutrina. Seus primeiros sucessos na parte meridional das províncias da Áustria Interior e nas cidades de Villach, Slovenj Gradec e Radgona foram registrados ainda antes de 1530. Em diversos lugares, seus protestos com a situação na Igreja tiveram início como resultado das considerações humanistas sobre religião. O bispo de Trieste, Petrus Bonomo, que apoiava com firmeza o papado contra Lutero, gradualmente começou a mudar suas opiniões e no fim de sua fida descobriu novas ideias nos escritos de Erasmo e no livro de Calvino *Christianae Religionis institutio* (1536). Jurij Slatkonja de Liubliana, instalado na sede episcopal de Viena, chegou à mesma conclusão e, pouco antes de sua morte na primavera de 1522, permitiu aos seguidores dos novos conceitos religiosos pregar sermões na Igreja de Santo Estêvão. A Igreja Católica Romana, estremecendo sob as críticas de Lutero, perdia terreno rapidamente em um número crescente de províncias, despertadas pelos pensamentos protestantes.

Uma destas províncias era a Carníola, onde um grupo de luteranos começou se organizar em círculos de pensamento teológico. Na ausência do bispo Raubar (que segundo se dizia teria recebido a Eucaristia no espírito protestante em seu leito de morte, na forma tanto de pão como de vinho), os cônegos da diocese de Liubliana (o vigário-geral Lenart Mertlic, Pavel Wiener

266 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 195.

e Jurij Dragolic) chegaram bem perto do ideal reformista de uma "pura, simples e fiel" proclamação do Santo Evangelho[267]. Em sentido análogo, vários leigos – especialmente o influente patrício Ziga de Visnja Gora e escriba estatal Matija Klombner – tinham se convencido por volta de 1530 de que o protestantismo fornecia a única resposta aos desafios da era. Claramente, o círculo luterano em Ljubljano era teologicamente prestigioso: por exemplo, Pavel Wiener, nascido em Kranj, foi instalado como reitor na paróquia de Sibiu (Alem: Hermannstadt) e, em fevereiro de 1553, foi nomeado o primeiro superintendente da Igreja Protestante na Transilvânia.

Os membros da assembleia provincial da Áustria Interior, que reuniam mais ou menos regularmente as dietas locais (desde 1412 na Estíria e desde 1431 na Carníola)[268], geralmente apoiavam os princípios protestantes. Na Eslovênia, o luteranismo recebeu amplo apoio da aristocracia (apesar de também ser próximo dos habitantes das cidades). Para muitos, uma Igreja modesta que não fizesse da salvação um comércio parecia representar a palavra de Deus muito mais convincentemente do que o Catolicismo dos papas extravagantes da Renascença. Por outro lado, o monarca Habsburgo, segundo neto imperial de Maximiliano, Ferdinando I, recusava-se a renunciar a sua lealdade a Roma e lutou para impedir a disseminação das ideias protestantes. Ainda assim, o realismo político o dissuadiu de se engajar em ações mais severas contra os protestantes: ele não poderia arriscar um ataque ostensivo contra eles porque os turcos, que toleravam confissões cristãs no seu próprio território assim como naqueles mantidos como vassalos (e.g., a Transilvânia) representavam uma ameaça demasiado séria para as terras da sua coroa. Tampouco haviam as reformas centralizadoras de Maximiliano quebrado a vontade e o poder da

267 Mirko Rupel, *Primoz Trubar*, p. 54-58.

268 Milko Kos, *Zgodovina Slovencev od naselitve do petnajstega stoletja*, p. 345. Depois de 1453, as propriedades territoriais também começaram a realizar sessões na chamada "Dieta Geral Provincial" para a Estíria, Carníola e Caríntia.

aristocracia em terras da coroa individuais de (co-)decidir sobre questões políticas. A corte imperial de Ferdinando não teve assim outra alternativa do que se preparar para um acordo.

Conforme este acordo, os luteranos reconheceriam a primazia do papa, ao mesmo tempo em que Roma aceitaria que a Eucaristia fosse ministrada sob a forma de pão e vinho (como já era feito no caso dos utraquistas checos)[269]. Dois bispos de Liubliana, Franc Kacijaner (1536-1543) e Petrus Seebach (1558-1568), que se recusaram a atiçar o fogo em um período volátil, na realidade seguiram a política do imperador com considerável lealdade. Isto facilitou muito a missão do mais importante reformador esloveno, Primoz Trubar, que fora nomeado vigário e pregador na capital da Carníola sob o bispo Raubar, presumivelmente em 1533. Em Trieste, onde ele recebeu a "educação do coração" no espírito humanista do bispo Bonomo, e onde ele também foi ordenado, Trubar se convenceu de que cada cristão deveria primeiro e como mais importante tarefa seguir "o Santo Evangelho sem adições humanas". Para ele, a tradição da Igreja já não podia mais prover uma orientação firme para a busca de uma vida religiosa.

Primoz Trubar e a Reforma

Primoz Trubar nasceu na aldeia de Rascica perto de Velike Lasce em 1508. O talentoso jovem foi à escola na cidade de Rijeka, que então ainda pertencia à terra real da Carníola. Mais tarde viajou a Salzburg, onde conheceu o professor de Lutero, Johann von Staupitz. Trubar já era protegido do bispo Bonomo em maio de 1528, quando se inscreveu na Universidade de Viena; ele interrompeu seus estudos no ano seguinte devido ao avanço dos turcos em direção à região e voltou a seu país natal. Bonomo mais tarde o ordenou padre e lhe assegurou uma renda decente. Trubar

269 NT: Facção moderada dos hussitas que considerava que a Eucaristia devia ser ministrada aos fiéis (e não só aos sacerdotes) tanto em forma de pão como de vinho.

logo se tornou conhecido por sua firme oposição à exagerada construção de igrejas e ao culto dos santos, o que era suficiente para que ele fosse visto por muitos como protestante. Em seguida a denúncia apresentada ao governador provincial Nikolaj Jurisic em 1540, Trubar voltou naquele mesmo ano à corte episcopal em Trieste, que se tornou um lugar de reunião para protestantes tanto dos domínios senhoriais italianos como das terras dos Habsburgos[270].

Durante este período Trubar tinha aprofundado suas próprias opiniões sobre as questões fundamentais relativas às doutrinas e práticas religiosas e as defendia apaixonadamente, até ser ao fim exilado de seu país natal na metade de 1565. Ilustrado em latim, alemão e italiano, ele podia adquirir conhecimentos valiosos da leitura e da discussão com humanistas e reformadores, e elaborou um amplo panorama dos desdobramentos contemporâneos através da Cristandade. Seu trabalho atraiu crescente atenção e ele ficou conhecido como um dos mais veementes defensores do luteranismo ao longo da costa setentrional do Adriático. Petrus Paulus Vergerius Jr., bispo de Koper, que havia encontrado Lutero uma vez como núncio papal em 1535, chegou mesmo a apresentar acusações de heresia contra ele – embora só para desviar a atenção de sua própria tentativa secreta de se converter ao protestantismo. Não obstante, Trubar foi nomeado cônego de Liubliana em 1542 e escolhido como confessor pessoal do bispo Franc Kacijaner. Contudo, a situação na Carníola tornou-se insuportável para Trubar quando Kacijaner foi sucedido por Urbanus Textor (1543--1558), que resolveu insistir na estrita observância às primeiras decisões do Concílio de Trento. Com uma ordem de prisão emitida contra ele, Trubar afinal decidiu buscar refúgio, em 1548, no norte do Sacro Império Romano, predominantemente protestante[271].

270 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 208.

271 Mirko Rupel, *Primoz Trubar*, p. 58-60.

Contudo, Trubar não esqueceu seu país natal embora vivesse na Alemanha. Uma vez nomeado pregador em Rotemburgo por recomendação do amigo comum de Lutero e de Melanchton, Veit Dietrich, ele começou a compilar os primeiros dois livros eslovenos, *Catechismus* e *Abecedarium*, impressos em Tübingen no fim de 1550. Mais tarde ele também elaborou a tradução completa para o esloveno do Novo Testamento, publicada em várias partes (1555-1577; republicada em 1582), e dos Salmos do Velho Testamento (1566). Ele também conseguiu imprimir vários livros de cânticos, um calendário e escritos dogmáticos, entre os quais o mais extenso foi a tradução dos *Sermões da Casa* (em inglês *House Postils*) – publicado em 1595, e que ele terminou no seu leito de morte. Em 1561, a convite da assembleia provincial da Carníola, Trubar regressou em triunfo a Liubliana como primeiro superintendente da Igreja Protestante em seu país natal. O objetivo muito mais amplo de sua missão, trazer o luteranismo a todos seus compatriotas[272], levou-o a realizar um longo percurso das províncias ocidentais da Eslovênia que teve profundo eco no Friuli (em Gorizia ele fez seus sermões em italiano). Ao visitar Kriz, para onde "todo o vale do Vipava tinha convergido, com muitos sacerdotes no meio da multidão", ele causou uma impressão especialmente forte nas pessoas simples ao entrar na cidade montado em um pequeno jumento[273]. Depois da publicação em esloveno do *Regulamento da Igreja* (Ing: *Church Ordinance*, Eslo: *Cerkovna ordninga*) em 1564, Trubar foi permanentemente banido do país pelo arquiduque Carlos, que tinha sucedido seu falecido pai Ferdinando I, nas províncias austríacas da Áustria Interior, uma

272 Independentemente das fronteiras políticas, Trubar via o território esloveno como uma unidade. Em 1555, ele já mencionava a "terra eslovena" aonde ele havia pregado até 1547. Isto significa que a caracterização se aplicava a todo o domínio habitado por eslovenos, pois Trubar trabalhou na Carníola, na Estíria e em Trieste.

273 Joze Rajhman, *Pisma Primoza Trubarja*. Liubliana: Slovenian Academy of Sciences and Arts, 1986, p. 173.

vez que o direito de emitir um documento desta natureza só podia ser exercido por um príncipe.

Trubar mudou-se para Württemberg, mas nunca renunciou a seu "livro fatídico", e até 1575 ainda orientava os protestantes da Carníola e da Caríntia a compreender e aderir a suas regras[274]. Durante o resto de sua vida ele se dedicou à impressão de obras em esloveno e à educação de jovens compatriotas que vinham estudar na Universidade de Tübingen. Seu principal discípulo foi Jurij Dalmatin (c. 1547-1589), que traduziu toda a Bíblia para o esloveno e iniciou a sua publicação, por partes, em 1575. Com o apoio financeiro das assembleias provinciais da Carníola, Estíria e Caríntia, a tradução completa foi impressa em Wittenberg (1583--1584) em uma edição de 1.500 cópias – um número impressionante para a nação eslovena de meio milhão de pessoas. O *opus perfectum* de Dalmatin continuou a ser utilizado pela diocese de Liubliana e suas contrapartes na Carníola, Estíria e Caríntia por 200 anos (até a publicação da primeira tradução católica da Santa Bíblia entre 1784 e 1802) e teve um papel central na promoção da continuidade literária entre a Reforma e a Contrarreforma e o Barroco[275]. O maior empreendimento de Primoz Trubar e seus seguidores, que tinham firmado seu idioma natal no mapa cultural da Europa em menos de 50 anos, também mereceu reconhecimento em outras partes do continente. Não foi certamente por acaso que a Bíblia poliglota de Elias Hutter incluiu uma versão em esloveno, baseada na tradução de Jurij Dalmatin.

274 Primoz Trubar, *Zbrana dela Primoza Trubarja*, v. 2. Liubliana: Rokus, 2003, p. 326-327.

275 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 140-143.



Figura 31. Capa da Bíblia de Dalmatin. Facsimile de Jurij Dalmatin, Biblia, tu je, vse Svetu pismu, Stariga inu Noviga testamenta, ed. Mihael Glavan. Liubliana: Mladinska knijga, 1998, I

Com relação a questões culturais, Trubar era um estrito realista. Com base em seu profundo conhecimento de uma ampla variedade de dialetos vernaculares eslovenos, ele criou um idioma literário padrão que até mesmo os católicos começaram a usar durante a geração seguinte. Ele rejeitou a ideia de Vergerius (que se tornou diplomata do duque de Württemberg após sua conversão ao protestantismo) de escrever para toda a região eslava do sul, pois isto se desviaria do ideal da Reforma de inteligibilidade da palavra de Deus[276]. Um autodidata notavelmente talentoso, Trubar tinha acumulado um vasto conhecimento teológico e uma importante educação humanista (em 1557, ele já havia assinalado que sua língua natal, como o grego antigo, utilizava uma dupla forma gramatical) e ele estava totalmente consciente da vastidão de suas ações. O esloveno era só ocasionalmente escrito antes do tempo de Trubar, mas seus esforços transformaram-no em um idioma escrito. Ao trazer a mensagem biblíca mais próxima de seus contemporâneos, Trubar ajudou a garantir que o esloveno se tornasse assim a ferramenta escolhida para a salvação. A obra do reformador não só ajudou a desmentir a crença generalizada de que o esloveno, como o húngaro, não podia ser transformado em uma língua escrita[277], mas também alimentou as esperanças de que as traduções de suas obras em croata e sérvio teriam um papel crucial na conversão dos turcos ao cristianismo.

Trubar era apreciado entre os protestantes no Sacro Império Romano como a mais alta autoridade sobre o sudeste europeu[278] e

276 Igor Grdina, *Od Brizinskih spomenikov do razsvetljenstva*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1999, p. 113-122.

277 Em 1582, Trubar escreveu: "Pois é amplamente sabido que 34 anos atrás não havia uma carta nem um registro, muito menos um livro, em nossa língua eslovena, pois sustentavam que as línguas eslovena e húngara eram muito grosseiras e bárbaras para serem escritas ou lidas". Veja: Rupel, *Slovenski protestantski pisci*, p. 274. O primeiro livro em húngaro foi publicado em 1541 e a tradução integral da Bíblia em 1590. Como no caso do esloveno, os primeiros livros em húngaro foram impressos por luteranos.

278 Igor Grdina, *Od Brizinskih spomenikov do razsvetljenstva*, p. 108.

sua reputação não era infundada: em 1567, ele fez uma visita ilegal aos presos bósnios detidos nos calabouços do castelo de Liubliana para recolher informações mais confiáveis que pudesse obter sobre o Alcorão e o Islã[279]. Ele já tinha fundado uma instituição bibliográfica da cidade alemã de Urach (sob sua direção entre 1561 e 1562), que publicou literatura protestante em esloveno, croata (nos alfabetos glagolítico e latino), sérvio (no alfabeto cirílico) e italiano, chegando ao todo a cerca de 25.000 volumes[280]. Os adversários de Trubar tinham plena consciência da importância de seu trabalho; sua obra foi incluída no Índice das Obras Proibidas do Vaticano em 1596.

As opiniões de Trubar eram caracterizadas consistentemente pela tendência de buscar o meio termo áureo (NT: no sentido aristotélico) na teologia da Reforma. E ele, como seria de esperar, fez todo o possível para evitar que a versão extremista do luteranismo defendida pelo ístrio Matthias Flacius Illyricus penetrasse as províncias eslovenas. Este último, também originário da Carníola, era um renomado teólogo de excepcional erudição, que havia elaborado os fundamentos da historiografia protestante (ainda que não pudesse se orgulhar de um conceito realista de *hic et nunc*). Assim, Trubar enfrentava uma tarefa ainda mais árdua, mas seus esforços para conseguir que os protestantes da Áustria Interior aceitassem a "Formula Concordiae" (na Carníola e na Estíria em 1580 e na Caríntia em 1582) foram coroados de estrondoso sucesso. Todos os escritos flacianistas, que Sebastian Krelj (1538-1567) esforçou-se para ver reconhecidos, foram retirados do repertório oficial da Igreja Eslovena sob o pretexto elegantemente inventado de que sua ortografia estava errada. Os cismas teológicos entre os protestantes deviam ser escondidos, pois

279 Mirko Rupel, *Slovenski protestantski pisci*, p. 194.

280 Ibid., p. 183.

de outra forma as disputas favoreceriam os católicos, que ainda prevaleciam largamente entre os eslovenos[281].

Outra característica de Trubar era a importância que atribuía a um equilíbrio entre a submissão dos súditos e a benevolência da nobreza. Ele considerava a incitação de Lutero contra os camponeses rebelados incompatível com suas próprias opiniões, ainda que seus trabalhos fossem de fato apoiados financeiramente pelos aristocratas. Seu ideal era o da justiça universal, como demonstrado por um pensamento extraordinário de 1577: "*In summa*: para cada um dos tiranos e mamelucos, até o último deles, que sempre odiaram os verdadeiros filhos de Deus, perseguindo-os, atormentando-os e assassinando-os desde o próprio começo deste mundo, um amargo fim lhes está reservado"[282].

Todos os escritos publicados de Trubar mostram uma compaixão profunda e um compromisso com os eslovenos simples, de cuja experiência ele compartilhava. Ele tratou da frustrante questão dogmática da transubstanciação com o cuidado mais providencial, embora ele fosse mais inclinado às opiniões de Zwingli do que à doutrina luterana. Não é assim surpreendente que ele mantivesse uma correspondência regular com o reformador suíço Heinrich Bullinger. Outra característica semelhante parece ser sua reprodução relativamente independente da "Confissão de Augsburgo" (*Articuli*, 1562), para a Igreja Eslovena. Ainda assim, Trubar não pôde apoiar o luteranismo puro sem constrangimento até que ele foi permanentemente banido de seu país natal pelo arquiduque Carlos. O reformador estava plenamente cônscio de que o protestantismo na Áustria Interior poderia prosperar apenas com o apoio firme das regiões do norte do Sacro Império Romano. Por meio de sua influência sobre a corte ducal de Stuttgart (o duque Cristóvão e seu filho, Luís, o Pio) e sobre teólogos de Tübingen

281 Igor Grdina, *Od Brizinskih spomenikov do razsvetljenstva*, p. 193-196.

282 Mirko Rupel, *Slovenski protestantski pisci*, p. 264.

(e.g., Jacobus Andreae), sua principal obra foi a de assegurar que os esforços literários eslovenos continuariam a ser vistos com simpatia no Principado de Württemberg mesmo após sua morte em 1586.

Assim, o que ocorreu durante a vida de Trubar foi uma síntese da história eslovena. Tanto a Reforma quanto a situação política geral lhe proporcionaram uma base relativamente favorável, pelo menos no curto prazo, para empreender suas iniciativas de longo alcance. O arquiduque Carlos, que governava as províncias da Áustria Interior entre 1564 e 1590, foi obrigado a fazer consideráveis concessões às exigências dos protestantes, como seu pai, Ferdinando I, apesar de sua severa formação católica. Isto ocorreu principalmente porque muitos comandantes no exército da fronteira militar abraçaram e defenderam fervorosamente o luteranismo. Dois homens de Turjak (Alem: Auesperg) destacam-se especialmente entre eles, o destemido barão Herbard VIII e o marechal hereditário carniolano Andrej de Trujak, o mais notável vencedor da grande batalha de Sisak em 22 de junho de 1593. Trubar dedicou sua tradução do segmento final do Novo Testamento em 1577 a Andrej e a vários outros fidalgos. Os pregadores protestantes eslovenos, que também eram fluentes em alemão, muitas vezes acompanhavam as tropas que se dirigiam para o combate contra os invasores turcos, e Carlos era assim obrigado a permitir à nobreza estiriana sua liberdade de consciência e fé para não ameaçar o equilíbrio entre as questões religiosas e políticas em suas províncias. Isto foi alcançado em 1572 com o acordo conhecido como a Pacificação de Graz. Mais tarde, em 1578, ele concedeu os mesmos direitos aos senhores feudais na Carníola e na Caríntia e aos burgueses de Graz, Judenburg, Klagenfurt e Liubliana (por meio da chamada Pacificação de Bruck)[283]. A promessa oral do monarca foi meramente

283 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 292.

registrada, e não apresentada como um título solene. Não obstante, a aristocracia luterana a interpretou muito flexivelmente para adaptá-la a seus próprios objetivos, estendendo a promessa a seus súditos e permitindo que o protestantismo alcançasse parte do campesinato esloveno (os servos eslovenos tinham se voltado para o luteranismo, especialmente nas propriedades da Igreja Católica). Como durante a Contrarreforma o bispo de Liubliana, Tomaz Hren, escreveu que 40.000 almas tinham sido convertidas[284] somente no norte da Carníola, pode concluir-se que os luteranos espalharam seus ensinamentos com suficiente sucesso, apesar da aversão que lhes votava o duque provincial.

Com o apoio moral e material da nobreza da Áustria Interior e particularmente da Carníola, Trubar pôde realizar um trabalho de importância que inspirou seus seguidores dentro do clero e do mundo laico até a supressão do protestantismo nas províncias da Áustria Interior entre 1598 e 1628. O reformador esloveno, porém, estava bem consciente do completo atraso cultural de seus compatriotas, e, portanto, visava não apenas difundir o protestantismo mas também estabelecer um sistema educacional de alta qualidade em seu país natal. No "Regulamento da Igreja" ele recomendou explicitamente que o ensino da leitura e da escrita fosse acessível a todos os seus compatriotas, qualquer que fosse a sua condição social:

> *Nenhuma província, cidade ou comunidade pode sobreviver sem escolas, professores e sábios, sem os quais se mostram menos capazes de gerir e levar adiante as questões mundanas e do espírito. Qualquer homem de bom senso pode compreender isto. Pois não apenas os homens de fé e Deus, mas também os pagãos prudentes tiveram, em toda parte em suas cidades e províncias, escolas e universidades, e homens educados*

284 Igor Grdina, *Od Brizinskih spomenikov do razsvetjenstva*, p. 218-219.

> *nelas [...] Cada predicador ou vigário deveria dispor de um mestre escola ou funcionário da paróquia [...] na sua paróquia para ensinar estes jovens empregados e empregadas, tanto nobres como camponeses, a ler e escrever esloveno, bem como pregar-lhes o catecismo através desta breve instrução*[285].

A primeira escola protestante foi assim fundada em Liubliana em 1563 e era basicamente um liceu (*grammar school*). Ocuparam-se da escola principalmente o aluno de Philip Melanchton, Adam Bohoric, da Baixa Estíria e Philipp Nikodemus Frischlin, que veio para a Carníola da Universidade de Tübingen. Bohoric tornou-se famoso por organizar a primeira gramática eslovena *Articae jorulae* (escrita em latim e impressa ao mesmo tempo em que a tradução da Bíblia por Jurij Dalmatin em Wittenberg; chegou a ser reimpressa duas vezes no século XVIII). Frischlin tornou-se renomado como autor de enredos para peças de teatro para escolas e como poeta latinista. O compatriota alemão de Frichlin e seu aluno, Hieronimymus Megiser, ensinaram no liceu protestante de Klagenfurt, que fora fundado em 1553, e introduziu a língua eslovena na lexicografia (*Dictionarium quatuor linguarum*, 1592; *Thesaurus Polyglottus*, 1603). Também publicou um livro sobre a história da Caríntia em seu próprio nome, apesar do livro ter na realidade sido escrito pelo pastor Michael Gotthard Christalnick (*Annales Carinthiae*, 1612)[286]. A universidade mais importante frequentada pelos estudantes protestantes da Áustria Interior no século XVI foi a de Tübingen. Antes da Contrarreforma, esta universidade era frequentada por cerca de 300 jovens de Carníola, Caríntia, Estíria e Gorizia[287]. A riqueza intelectual da Eslovênia foi

285 Mirko Rupel, *Slovenski protestantski pisci*, p. 173, 175.

286 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 265, 297.

287 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 197.

aumentada em 1575 pelo estabelecimento da primeira impressora em Liubliana; no entanto, após ter tentado publicar a tradução da Bíblia de Dalmatin, o arquiduque Carlos baniu o impressor, Janz Mandelc, em 1582. Os católicos, porém, não conseguiram criar quaisquer centros intelectuais de importância até a fundação das escolas jesuítas nas cidades da Áustria Interior de Graz, Liubliana, Klagenfurt, Trieste e Gorizia, e por isso tinham que buscar educação na Itália ou em Viena: uma razão importante pela qual o "êxodo de cérebros" das províncias eslovenas, tão característico da Idade Média Tardia, continuou por bastante tempo durante o século XVI. Um daqueles que criaram sua obra no estrangeiro foi Jacobus Gallus (1550-1591), o mais destacado compositor já nascido na Carníola. Suas numerosas missas e motetos, joias da arte polifônica da Renascença Tardia, aspiravam a glorificar a visão católica do mundo (ainda que sua obra também inclua o hino *O herre Gott*, dedicado aos protestantes).



Figura 32. O compositor Jacobus Gallus Carniolus. Dragotin Cvetko, Jacobus Gallus Carniolus: Slovenska matica, 1965, p. 1

Do rigor da Contrarreforma à exuberância do Barroco

No entanto, o crescimento rápido do protestantismo no território esloveno na metade do século XVI não se tornou um triunfo duradouro do luteranismo. As províncias da Áustria Interior eram vitais, a vários títulos, para a sobrevivência da Igreja Católica Romana na Europa: se os luteranos tivessem ganhado acesso ao Adriático norte por Trieste e Koper, o mundo católico teria sido dividido no ocidente românico e no oriente eslavo-húngaro. Devido à sua posição próxima da fronteira turca e do mundo ortodoxo, o leste poderia facilmente ter sofrido maior expansão protestante.

Além disso, os luteranos poderiam também ter penetrado em direção à Itália depois de assegurar sua posição no território esloveno. Já em dezembro de 1563, Trubar tinha escrito ao antigo governador da Estíria Ivan Ungnad que financiava o Instituto da Bíblia em Urach, argumentando que a publicação dos Sermões de Lutero inflingiriam um sério golpe contra o papa na península apenina[288]. Na opinião de Trubar, o modo mais fácil para que as convicções protestantes entrassem na Itália, protegida pelos Alpes, era através da Carníola e Gorizia. Com o único Habsburgo favorável à Reforma, Maximiliano II (1564-1576) – a quem Trubar enviou várias cartas – ocupando o trono do Sacro Império Romano, a situação não se mostrava favorável aos católicos. Porém, enquanto as províncias da Áustria Interior permanecessem nas mãos do arquiduque Carlos, eles podiam ainda ter a esperança de ao fim prevalecerem sobre os luteranos. A situação na fronteira sudeste não estava ainda suficientemente precária para os turcos durante o reinado de Carlos para permitir uma restauração católica mais ambiciosa, mas a corte da Áustria Interior em Graz estava certamente se preparando para isto: as posições episcopais eram

288 Joze Rajhman, *Pisma Primoza Trubarja*, p. 173.

preenchidas cada vez mais por opositores persistentes da política de reconciliação (Janez Tavcar em Liubliana, 1580-1597; Georg III Stobäus von Palmburg em St. Andra, 1584-1618). A introdução precoce do calendário gregoriano nas províncias da Áustria Interior, em 1583, foi outro gesto simbólico sugestivo. Além disso, nesta época vários domínios senhoriais e cidades já experimentaram as primeiras expulsões de protestantes.

No fim do século XVI, chegaram à Estíria, Carníola e Caríntia os jesuítas, que já eram tidos em alta estima pelo bispo de Liubliana, Urbanus Textor. Os membros da nova ordem logo elevaram o nível de educação dos padres católicos no campo, que antes eram muitas vezes pouco instruídos. Ao contrário das velhas ordens monásticas que carregavam o peso da severa crise do monasticismo (muitas se haviam desintegrado durante os tempos turbulentos; até mesmo o venerável mosteiro cartuxo de Zice lutava para sobreviver), os jesuítas rapidamente estenderam suas atividades, estabelecendo uma "escola de latim" em Graz, capital da Áustria Interior desde 1573 e um colégio universitário em 1585. Instituições educacionais jesuíticas foram também criadas em outras cidades. Colégios de ensino superior foram fundados em Liubliana (1597), Klagenfurt (1604), Gorizia (1615) e Trieste (1619). Na Estíria eslovena, um liceu com programa educacional semelhante foi aberto pelos padres da paróquia em Ruse (1644), e um século passaria antes de que fosse substituída por sua uma instituição jesuíta em Maribor (1758). Estas instituições serviam como locais de encontro para jovens de diversas condições (a escola em Ruse era frequentada por cerca de 7.000 alunos; cerca de 600 dos quais vinham de famílias nobres; oito chegaram a ser bispos e outros 17 prelados)[289]. Inicialmente, os jesuítas tinham que demonstrar suas virtudes

289 Franc Kovacic, *Slovenska Stajerska in Prekmurje Zgodovinski opis*. Liubliana: Slovenska matica, 1926, p. 280.

em uma "competição aberta" contra seus rivais protestantes, o que levou a mais uma elevação na qualidade do seu ensino.

Em 1574, os católicos também começaram a publicar livros em esloveno, o que significou que a "batalha pelas almas" irrompeu na própria área que antes se achava sob o completo controle dos protestantes. No entanto, por longo tempo suas realizações no campo da escrita, tradução e publicação permaneceram em nível bastante modesto em comparação com o dos evangélicos. No começo do século XVII, as traduções católicas de passagens da Bíblia se baseavam abertamente naquelas feitas pelos protestantes. Isto não apenas aumentou consideravelmente a qualidade de suas publicações, mas também permitiu a continuidade da literatura eslovena, cujo desenvolvimento deixava de ser influenciada pela crença religiosa. Os capuchinhos chegaram ao território esloveno quase ao mesmo tempo em que os jesuítas. No século XVII, eles fundaram mosteiros praticamente em todas as cidades principais. Eles desenvolveram uma prática de pregação prolífica e a disseminação de sua prosa retórica muito contribuiu para o refinamento da literatura eslovena[290]. Além disso, eles deram uma importante contribuição ao desenvolvimento de dramas litúrgicos. No começo do século XVIII, eles representavam a Peça da Paixão em Skofja Loka com 278 personagens trajados, baseada em um roteiro do frade capuchinho Romualdo de Standrez. Consta que a Paixão de Cristo em esloveno foi também apresentada na cidade de Trzic e na Caríntia; outros tipos de dramas religiosos foram encenados em Liubliana e Ruse[291].

Apesar do seu antagonismo recíproco, os luteranos e católicos podiam ocasionalmente concordar sobre questões cruciais até quase o fim do século XVI. Uma dessas questões foi

290 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetIjenstva*, p. 212.

291 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*. Liubliana: Slovenska matica, 1956, p. 305-308.

a rebelião camponesa croata-eslovena no fim de janeiro de 1573, prontamente sufocada pela reação conjunto dos luteranos e da nobreza "papista". Mesmo os rebeldes que visavam estabelecer sua própria autoridade na Carníola, Baixa Estíria e nas províncias ao longo da fronteira turca mediante o estabelecimento de um tipo de regência imperial não distinguiam seus adversários feudais de acordo com as suas denominações religiosas. Nesta época toda a aristocracia, independemente de sua filiação confessional, se achava em uma posição pouco invejável, pois a marcha dos rebeldes para o oeste, sul e leste a partir das planícies da Croácia e Eslovênia da bacia do Sotla foi inicialmente tão eficaz quanto os movimentos das tropas da nobreza e dos mercenários. A ameaça turca aparentemente havia imbuído a vida de todos os estratos sociais com uma lógica militar.

A excelente organização dos camponeses, que devia muito a Ilija Gregoric, provocou uma inequívoca e pronta reação concertada dos feudalistas que eram capazes de se unir em tempos de perigo, a despeito de suas diferenças religiosas e fronteiras provinciais. Após algumas ferozes batalhas que duraram de 5 a 9 de fevereiro de 1573, os rebeldes foram completamente destroçados (em Krsko, Kerestinec, Sempeter pod Svetimi gorami e Stubiske Toplice). Pouco depois, seus chefes sofreram punições brutais e degradantes. Em 15 de fevereiro, Ambroz Gubec (também conhecido como Matija Gubec), considerado o mais importante cabeça dos rebeldes, foi primeiro coroado com uma coroa de ferro incandescente, depois arrastado pelas ruas de Zagreb, torturado com torqueses incandescentes e finalmente esquartejado[292]. Dois anos mais tarde Primoz Trubar, então um reputado pregador em Württemberg, que tinha sempre se mantido atualizado sobre os desdobramentos em sua pátria, assinalou que os camponeses piedosos

292 Bogo Grafenauer, *Boj za staro pravdo*, p. 276-309.

> *São obrigados a sofrer crueldade e injustiça em silêncio, queixar-se com suas famílias sobre seu destino e pobreza e a Deus da crueldade e injustiça, e, acima de tudo, refrear-se de iniciar insurreições ou de tentar vingança, como os magiares fizeram em 1508, os carniolanos em 1515, os da Baixa Carníola em 1573, e os estírios em 1528 – só para afinal ao fim serem horrivelmente mortos, massacrados, enforcados e postos na roda*[293].

Por outro lado, o reformador esloveno se inquietava com os "senhores perversos" de modo muito diferente do que Lutero tinha sido, e ofereceu uma explicação teológica sobre as injustiças que os senhores inflingiam sobre as pessoas comuns. Seu último catecismo de 1575, dirigido especialmente ao clero, dizia assim:

> *A razão, conhecida por cada homem, é que por todos os pecados da humanidade, mas principalmente por causa do paganismo, falso Serviço Divino, massas pervertidas e torpes iniquidades, Deus tem mandado os turcos e os senhores perversos, eclesiásticos e leigos, para exercer seu poder sobre nós durante tantos anos...*[294]

Contudo, como tal posição por parte da Igreja Reformada Protestante pouco ajudava os camponeses, um novo surto de piedade popular "não oficial" não chegou a surpreender. Mais uma vez as províncias eslovenas foram palco do chamado *stiftarstvo*[295], uma bofetada na cara tanto de católicos como de evangélicos. Esta seita religiosa, que teve seu auge entre 1583 e 1585, motivou muita preocupação entre as autoridades em Gorizia, Carníola e Caríntia:

293 Mirko Rupel, *Slovenski protestanski pisci*, p. 243.

294 Ibid., p. 245.

295 Um movimento sectário de camponeses reformistas que buscava construir e estabelecer novos mosteiros e igrejas; o termo esloveno deriva da palavra alemã *Stift*, que denota uma instituição como um mosteiro ou uma igreja (nota do tradutor do texto em inglês).

para a nobreza ela representava não apenas uma forma de heresia, mas também de rebeldia disfarçada. Foram assim tomadas rápidas e eficazes medidas contra os chamados *stiftarji*, e no século XVII comunidades *stiftar* mais importantes só existiam na Estíria (na região de Slovenske Gorice)[296].

A repressão rápida e eficaz de várias formas de descontentamento popular assinalou a consolidação do poder dos príncipes no território entre os Alpes e o Adriático. Esta foi também uma época em que a construção de Karlovac e de várias outras colônias fortificadas na Croácia ao longo da fronteira turca aliviou o perigo de uma maciça invasão turca na Carníola e na Estíria. Entre 1591 e 1593, o "begleberg" (governador) da Bósnia, Haasan Pasha Predojevic, tentou ocupar Sisak três vezes, mas não teve êxito. No fim de junho de 1593, ele acampou fora da cidade fortificada na confluência dos rios Kolpa e Sava pela última vez. Suas forças compostas de 12.000 soldados foram confrontadas pelo exército Habsburgo, com menos da metade de seus efetivos, e em 12 de junho seguiu-se uma feroz batalha que terminou com a esmagadora derrota do exército do sultão. Hasan Pasha e cerca de 8.000 soldados turcos foram enterrados no campo de batalha para sempre ou arrastados pelo rio Kolpa, ao passo que as forças cristãs não sofreram mais de 50 baixas.

A batalha de Sisak, na qual o comandante protestante da Fronteira Militar croata, Andrej de Turjak, teve um papel chave, levou ao declínio do poder terrestre turco (a marinha otomana já tinha sido seriamente exaurida na batalha de Lepanto em 1571). Com o uso crescente de armas de fogo e de artilharia, os europeus começaram a afirmar sua supremacia sobre as estratégias e táticas tradicionais turcas e, desde então, os Habsburgos necessitaram de muito menos poder militar para repelir incursões vindas do leste. A devastadora derrota do governador bósnio em Sisak alimentou a

296 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 208-209.

Longa Guerra Turca, que grassou entre os Habsburgos e o sultão até 1606. Ambos os lados tiveram vitórias e derrotas, especialmente nos campos de batalha da Hungria ao norte do Drava.

Com o fim da Longa Guerra Turca, as províncias da Áustria Interior se viram afinal seguras da conquista turca. A batalha de Sisak, grande triunfo das armas cristãs, foi uma virada crucial e desencadeou uma onda de entusiasmo na Europa Central e da Itália. Além disso, no fim do século XVI, esta vitória habilitou a corte arquiducal em Graz a conceder às províncias sob seu controle o direito à liberdade de religião: a fórmula "Cuius régio, eius religio"[297], que resume os dispositivos da Paz de Augsburgo entre católicos e luteranos, começou assim a ser finalmente aplicada às terras dos Habsburgos. Como estes últimos se recusavam a silenciar as disputas religiosas centro-europeias através da inquisição (como defendia o núncio apostólico em Graz), o bispo de Lavant, George III Stobäus von Palmburg, concebeu um plano detalhado para a restauração do catolicismo, dando liberdade aos Habsburgos para proceder de acordo com seus interesses internos e internacionais[298].

O plano de Stobäus, baseado no poder dos príncipes, foi conduzido pelas chamadas comissões da Reforma. O bispo de Seckau, Martin Brenner, chefiou a perseguição dos protestantes na Estíria e na Caríntia, e seu homólogo de Liubliana, Tomaz Hren, fez o mesmo na Carníola. Os primeiros a serem expulsos das províncias da Áustria Interior foram os pregadores e professores protestantes, inclusive Johannes Kepler que, com outros professores luteranos de Graz, buscou refúgio provisório na região eslovena de Prekmurje além da fronteira entre a Estíria e a Hungria. Um grande número se alojou com os camponeses e a classe média. Os restauradores

297 A região segue a religião de seu monarca (nota do tradutor da versão em inglês).

298 Igor Grdina, *Od Brizinskih spomenikov do razsvetljenstva*, p. 208-209.

do catolicismo peneiraram as províncias da Áustria Interior, queimaram livros protestantes (só em Liubliana eles incineraram 11 carroças de literatura "herética" em 1600 e 1601), escarneceram e prenderam seus leitores e destruíram templos e cemitérios luteranos. Os poucos habitantes das cidades que resistiram à pressão foram expulsos de suas casas[299]. Os protestantes podiam continuar a formar uma comunidade apenas em umas poucas áreas remotas da Caríntia; em torno de Villach também havia um pequeno número de eslovenos.

As ações das comissões da Reforma Católica causaram incontável prejuízo cultural e material. A emigração religiosa resultou não só no "êxodo de cérebros", mas também na perda de grandes mestres empreendedores. O bispo Tomaz Hren, que em princípio apreciava muito a língua eslovena (embora ele mesmo preferisse compor seus versos em latim), foi o único clérigo da Contrarreforma a defender o uso de livros protestantes para a educação de padres católicos. Ele chegou a escrever duas vezes a Roma em 1602 e 1621 e recebeu afinal a anuência do Vaticano para este uso. Deve ser também mencionado que Hren promoveu planos de publicação de longo prazo, tentando criar uma oficina de impressão em Liubliana, mas nunca chegou a realizar este projeto. No exterior, ele só conseguiu publicar em esloveno o lecionário[300] (em uma edição surpreendentemente vasta de 3.000 cópias) e um pequeno catecismo[301]. Uma vez que a diocese de Liubliana administrava paróquias na Carníola, Caríntia e Estíria, ele decidiu usar a língua eslovena padrão tal como introduzida por Primoz Trubar e seus seguidores, a fim de superar as diferenças entre os dialetos falados nas províncias eslovenas individuais.

299 Ibid., p. 214-220.

300 NT: Em inglês "lectionary", cujo significado corresponde a "lecionário: Livro que contém as lições ou leituras inscritas no ofício divino". Dicionário Novo Aurélio, p. 1195.

301 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 278-280.

Os pregadores eslovenos evangélicos, cujas atividades editoriais floresceram até 1595, procuraram então o apoio de seus protetores nobres, de vez que a onda de recatolização só chegaria à próxima geração da aristocracia. Debaixo da crescente pressão da Contrarreforma e das burocracias dos príncipes, que contribuíram para reforçar o poder de Ferdinando II, logrando afinal aplicar com sucesso o princípio da monarquia absoluta, os pregadores evangélicos abandonaram o país e, em sua maioria, migraram para as regiões germânicas do Sacro Império Romano. Porém, pouco antes de sua expulsão, alguns deles começaram a abraçar as opiniões radicais defendidas principalmente pelo pregador Janz Znojilsek, que se inspirou na interpretação teológica dada por Matthias Flacius ao traduzir o *Catecismo* de Lutero[302].

Prekmurje, onde o protestantismo se enraizou um pouco mais tarde do que nas províncias da Áustria Interior, experimentou a disseminação do luteranismo e mesmo do calvinismo. O território esloveno, sob a coroa de Santo Estêvão, preservou sua heterogeneidade religiosa ainda por muito mais tempo. A razão disso era a necessidade política que os monarcas Habsburgos sentiam de negociar um tratado religioso com a Hungria ocidental ao norte do Drava, cujo controle eles mantinham a um penoso custo. Os soberanos do Sacro Império Romano temiam que os turcos se aproveitassem da insatisfação da nobreza protestante durante a impiedosa campanha para restaurar o catolicismo. Os senhores feudais das terras reais húngaras, com exceção da Croácia, preservavam assim a liberdade de consciência (ou melhor, de confissão), ao passo que os servos eram obrigados a ter a mesma religião de seus senhores. Como resultado, a Hungria ocidental e do norte exibia um diverso panorama religioso. O Tratado de Viena,

302 Mirko Rupel, *Slovenski protestantski pisci*, p. 43-44. Mais tarde, os continuadores de Znojilsek foram para a Suécia; um dos seus célebres continuadores foi o ilustre poeta e diplomata Carl Johan Gustaf, conde Snoilsky, nascido no século XIX.

assinado em 1606, que também se aplicava a Prekmurje, pode não ter assegurado uma solução ideal para a coexistência de várias igrejas cristãs, mas ao menos impediu que uma parte do território esloveno fosse submetida à reconversão forçada. Apoiados pelos pietistas alemães e pelos protestantes de Bratislava, os vários milhares de luteranos ativos na área entre o rio Raba, a cidade de Lendava (Hung: Alsólendava), e a fronteira da Estíria mostraram-se ativos editores de livros no século seguinte. Stevan Küzmic chegou a preparar uma nova tradução completa do Novo Testamento para seus compatriotas. Publicada em 1771 em Halle e reeditada no fim do século XIX, a tradução transformou-se no mais importante empreendimento da literatura eslovena de Prekmurje até o fim da Primeira Guerra Mundial[303]. As comunidades calvinistas de Prekmurje, por outro lado, muito mais fracas, não puderam alcançar o mesmo sucesso.

A restauração do catolicismo nas províncias da Áustria Interior atingiu seu auge na virada do século XVII, mas no começo deixou a nobreza de lado. Durante a Longa Guerra Turca, a corte em Graz não estava ainda preparada para arriscar muito descontentamento por parte da aristocracia local, que continuava a ser uma reserva de oficiais de alta ou média hierarquia no comando das tropas ao longo da volátil fronteira oriental. Por outro lado, a aristocracia da Áustria Interior estava plenamente consciente da sua posição vantajosa e permanecia corporativamente leal aos seus monarcas Habsburgos mesmo depois que eles se envolveram em disputas com os protestantes na Hungria, na Áustria Superior e Inferior (1604-1608) e na Boêmia (1604-1608; 1618). É possível assim concluir que a estabilização parcial da situação promovida pelas autoridades absolutistas dos príncipes convinha aos seguidores de todas as confissões, apesar de sua conotação católica. É interessante, contudo, notar que nem mesmo os relatórios

303 Igor Grdina, *Od Brizininskih spomenikov do razsvetljenstva*, p. 61.

alarmantes apresentados pelo clero após suas visitas de inspeção nas duas primeiras décadas do século XVII sobre um elevado número de membros ímpios ou mesmo altamente suspeitos da Igreja Católica eram capazes de causar grande preocupação e, menos ainda, ocasionar medidas imediatas[304].

Se uma situação doméstica e internacional mais estável não foi capaz de dar grande impulso à ambição de alcançar a plena restauração do catolicismo na Carníola, Caríntia e Estíria, foi precisamente o que fez a Guerra dos Trinta Anos. Em 1º de agosto de 1628, Ferdinando II reconsolidou sua autoridade pessoal sobre as terras individuais dos Habsburgos na Europa Central e deu ordem à nobreza protestante da Áustria Interior para reunir-se à Igreja Católica ou deixar o país dentro de um ano. Por outro lado, os defensores da inflexível ofensiva da Contrarreforma ditada pela corte imperial mostravam júbilo com os vibrantes triunfos militares alcançados nas províncias germânicas, ao tempo em que as tropas católicas tinham acampado nas costas bálticas.

Ainda que uma vasta parte da nobreza se tenha conformado à mudança de religião imposta durante o reinado de Ferdinando II, a emigração esteve longe de ser insignificante: cerca de 100 nobres e suas famílias emigraram da Carníola, mais de 150 da Caríntia e pelo menos 250 da Estíria[305], o que, pelo menos temporariamente, afetou drasticamente a conduta e a posição da elite aristocrática nas províncias da Áustria Interior. A partir de então, e por muito tempo, qualquer ideia de organizar uma oposição séria ao absolutismo do príncipe passou a ser inimaginável. A nobreza tornou-se totalmente dependente do imperador e o progresso dentro dos quadros da monarquia era visto como o auge do sucesso.

304 Bogo Grafenauer, *Doba zacasne obnovitve fevdalnega reda pod okriljem absolutne vlade vladarja ter nastajanja velikih premozen od protireformacije do srede XVIII. stoletja*, v. 4 de *Zgodovina slovenskega naroda*. Liubliana: Kmecka knjiga, 1961, p. 22, 24.

305 Ibid., p. 33.

Não é assim surpreendente que a aristocracia se tenha incorporado prontamente às forças imperiais (da Fronteira Militar) na repressão às contínuas e extensas rebeliões camponesas, a mais importante das quais engolfou extensas áreas da Estíria eslovena e a Carníola em 1635. Em consequência, os servos rebeldes passaram a opor-se a todas as formas de autoridade, percebendo-as crescentemente como uma estrutura uniforme de opressão. Em alguns lugares, eles agiram com muita determinação contra o clero[306].

A hostilidade dos camponeses contra os senhores leigos e eclesiásticos continuou durante o século seguinte e culminou de novo durante o início da primavera de 1713 em uma grande insurreição que varreu a área de Tolmin, a bacia central do Soca e a região de Karst. Caracteristicamente, os rebeldes enraivecidos ocuparam Gorizia como a capital da administração provincial (e também pilharam e destruíram a casa do implacável coletor de impostos Jakob Bandel). Eles protestaram contra os impostos e pediram a unificação com a Carníola, arguindo que "Sua Majestade Imperial não é mais do que um empregado deles". Ainda desta vez a pacificação foi trazida pela mão forte das autoridades dos Habsburgos. Quando o Tesouro da Áustria Interior mobilizou as tropas da Fronteira Militar na Croácia e soldados alemães do interior, a insurreição logo perdeu ímpeto. No fim, 11 chefes foram decapitados publicamente em Gorizia e outros 150 presos em abril de 1714[307].

Somente uma geração após a emigração das famílias aristocráticas protestantes, que possuíam tanto capital que em 1631 as autoridades da Áustria Interior resolveram proibir sua saída, é que a nobreza finalmente começou a questionar o governo

306 Bogo Grafenauer, *Kmecki upori na Slovenskem*, p. 299.

307 Ibid., p. 315-327.

e suas tendências absolutistas. No entanto, sob Ferdinando II e seus sucessores, as assembleias provinciais foram rebaixadas a órgãos representativos, despojados do poder de articular opiniões que pudesses claramente contrariar os desejos da corte imperial. A oposição aristocrática não teve, portanto, alternativa senão agir clandestinamente.

Os críticos isolados do absolutismo na Áustria Interior tiveram esperanças bem fundadas de encontrar companheiros, aliados e até seguidores nas terras ocidentais da coroa húngara, onde havia, em lenta ebulição, uma ampla insatisfação com os monarcas Habsburgos. Muitos magnatas húngaros não podiam perdoar a corte vienense por ignorar seus interesses. Depois que Raimundo Montecuccoli havia inflingido uma pesada derrota aos turcos na batalha de São Gotardo (Hun. Szentgotthárd) em 1º de agosto de 1664, pondo fim a uma guerra de um ano entre os otomanos e os Habsburgos que começara em torno da escolha do novo príncipe da Transilvânia, as forças imperiais não seguiram em direção ao leste e perderam a oportunidade perfeita para arrastar os invasores otomanos definitivamente para fora da Hungria. Como resultado, os magnatas das terras da coroa húngara que desejavam aumentar seu poder conquistando território além da fronteira oriental resolveram assumir uma postura organizada contra os Habsburgos. Os conspiradores húngaros contra o governo de Leopoldo I foram incialmente liderados pelo vice-rei da Croácia e poeta húngaro Miklós Zrínyi e, após a sua morte em 1664, por seu irmão Peter. Entre 1667 e 1668, a eles aderiram o rico conde Hans Erasmus Tattenbach, cuja propriedade familiar tinha seu centro na Estíria eslovena, e o notoriamente caprichoso governador de Gorizia, Karl Thurn.

Os aristocratas revoltosos aspiravam tomar as províncias da Áustria Interior e as terras ocidentais da coroa de Santo Estêvão e esperavam alcançar um entendimento com a Turquia e a república

de Veneza e ter o apoio da França, mas seus planos extremados e ambiciosos não deram resultado algum. Luís XIV considerou que os descontentes não eram suficientemente confiáveis, e Veneza estava perdendo sua condição de grande potência depois da última batalha (1615-1617) com seu crescentemente poderoso vizinho oriental e constrangida pela demonstração de poder e força dos Habsburgos ao pilharem a Ístria e o curso inferior do rio Soca (além disso, em uma guerra subsequente contra os turcos entre 1646 e 1669, a "Sereníssima" não pôde nem mesmo defender Creta). Em março de 1670, quando a mobilização das forças imperiais evidenciou que a corte vienense estava informada da conspiração, o conde Tattenbach, que estava para tornar-se o governador da Estíria ou pelo menos de sua parte sul, entregou armas a seus servos. No entanto, os planos de batalha foram afinal abandonados porque Péter Zrínyi tinha se tornado vice-rei da Croácia na primavera de 1668 e relutava em promover uma revolta armada contra o imperador. Tattenbach que, exceto por suas ideias políticas, era um representante bastante típico da nobreza hedonística do século XVII, foi decapitado em Graz em 1º de dezembro de 1671[308]. Pouco antes, Zrínyi e seu cunhado e cúmplice Ferenc Kristóf Frangepán sofreram o mesmo castigo em Wiener Neustadt. Se os rebeldes houvessem prevalecido sobre Leopoldo I, Frangepán, que também foi acusado de incitar hostilidade contra os alemães, teria muito provavelmente se tornado príncipe da Carníola[309]. Contudo, a fracassada conspiração fortaleceu o poder da corte em Viena e os Habsburgos confiscaram as propriedades de Zrínyi e Frangepán e consolidaram sua posição nas terras da coroa de Santo Estêvão. Totalmente absorvido pelos seus ideais absolutistas, o imperador dava cada vez menos importância às aspirações da nobreza da

308 Franc Kovacic, *Slovenska Stajerska in Prekmurje*, p. 257-260.

309 Ferenc Kristóf Frangepán foi também um importante literato. Pouco antes de que a conspiração tivesse se tornado conhecida, ele havia começado a traduzir em esloveno o que era então a mais recente comédia de Molière *Georges Dandin*.

periferia e confiava mais para seu poder nas regiões germanófonas na bacia central do Danúbio e nos Alpes orientais.

Depois que a ameaça de uma conquista turca fora afastada, o crescente absolutismo do príncipe aumentou fortemente a segurança e a previsibilidade em todas as esferas da vida, criando um ambiente positivo para a consolidação econômica do território esloveno. No entanto, as necessidades financeiras crescentes dos monarcas Habsburgos, que estavam se arrastando em conflitos cada vez mais ferozes com a França na Renânia e na bacia do Mediterrâneo, certamente impediu a muitos de beneficiar-se da melhoria das condições, embora mudanças importantes na posição geoestratégica da Carníola, Ístria e Trieste ao menos trouxe grande alívio para a classe média e estimulou seu espírito empreendedor. O território esloveno já não se situava na retaguarda imediata do campo de batalha como ocorria no fim do século XVI: de acordo com o Tratado de Madri entre os venezianos e os Habsburgos de 26 de setembro de 1617, ele foi incorporado a uma zona destinada a servir como reservatório militar central da corte imperial em Viena. Os territórios entre a bacia central do Danúbio e o Adriático ao sul foram teatro de apenas poucas e breves operações militares, sem maior consequência, até as Guerras Napoleônicas. No fim do século XVII e começo do século XVIII, Prekmurje tornou-se foco de militantes húngaros chamados *kruci*, que invadiram a Estíria em várias ocasiões – primeiro quando lutaram contra os turcos e mais tarde quando tomaram parte na rebelião liderada por Ferenc II Rákóczy[310] (neto materno de Peter Zrínyi) contra o reinado de Leopoldo I na Hungria. Suas expedições predadoras eram normalmente enfrentadas pelos habitantes da região do Mura[311].

310 Não é claro se os *kruci*, que invadiram a parte eslovena da Síria, tinham de fato uma ligação com Rákóczy, ou se apenas se passavam por seus guerreiros. Vestígios de suas invasões da região de Prekmurje até a Síria se preservaram na tradição folclórica eslovena.

311 Franc Kovacic, *Slovenska Stajerska in Prekmurje*, p. 260-262.

No entanto, apesar de algumas tensões aqui e ali, a situação geral na região entre o Adriático norte e os Alpes orientais continuou a melhorar. Estas circunstâncias mais calmas tinham notórios reflexos nas mudanças no estilo de vida da aristocracia: a nobreza já não habitava castelos velhos construídos no topo de distantes montes, mas começou a construir mansões campestres rodeadas de magníficos parques e palácios urbanos. As construções religiosas e seculares cada vez mais foram influenciadas pela arquitetura barroca italiana, que se tornou popular não só no litoral, mas também no interior, especialmente na Carníola e na Estíria.

Não obstante, a preservação dos princípios estritos do feudalismo através do século XVII impediu os estratos mais baixos da população predominantemente rural de se beneficiarem da prosperidade. Como resultado, o banditismo continuou a ter firmes raízes em certas partes das províncias eslovenas e era motivo de grande preocupação para as autoridades. No fim do século XVII, a Carníola, e ocasionalmente as províncias vizinhas, foram aterrorizadas por grupos numerosos de bandidos chefiados por Anze Kosir, também conhecido como o Velhaco Infernal[312], e as autoridades levaram bastante tempo para controlá-los. Apesar das punições severas, o banditismo sobreviveu até a abolição do feudalismo em 1848 e em alguns lugares até por mais tempo. Como o alvo principal das ações era o comércio regional entre o porto de Trieste e o mais amplo interior mais do que a economia local, isso algumas vezes despertava simpatias e até mesmo apoio tácito nos estratos mais amplos da população pobre. Isto se tornou especialmente evidente na era da Ilíria francesa (1809-1813), quando os transgressores souberam logo se aproveitar da quase total ignorância e falta de conhecimento da administração francesa por parte dos locais. Alguns bandidos chegaram a ser creditados

312 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 251.

como dotados de um sentido de justiça. Assim, no século XIX, alguns viam Franc Guzaj como o "terror da Estíria eslovena" e outros o aclamavam como o homem que roubava dos ricos para dar aos pobres.

O afastamento da ameaça da conquista turca e a situação mais calma na fronteira veneziana possibilitaram a elaboração, pela primeira vez, dos primeiros planos de maior alcance para facilitar as atividades econômicas regionais, concebidos no reinado de Leopoldo I. Em 1678, o imperador decidiu que Liubliana deveria tornar-se o principal entreposto para os produtos das terras dos Habsburgos destinadas à exportação para a América e que Trieste deveria ser o porto principal para a exportação. O interior do Adriático norte tinha ainda melhores perspectivas depois do malsucedido cerco de Viena pelos turcos em 1683. As operações militares que se seguiram e que terminaram com a Paz de Stremski Karlovci em janeiro de 1699 deram aos Habsburgos quase toda a planície fértil da Panônia. Devido às revisões drásticas das fronteiras, em prejuízo, obviamente, dos otomanos, a segurança na Carníola, Caríntia, Estíria, Gorizia, Ístria e Trieste aumentou e facilitou consideravelmente o comércio com a parte oriental da bacia central do Danúbio.

À luz destas mudanças, as províncias eslovenas tornaram-se atraentes para imigrantes empreendedores na metade do século XVII. Um deles era Jakob Schell, que se mudou do Tirol para Liubliana e desenvolveu atividades comerciais extremamente bem-sucedidas. Ele se tornou rapidamente rico fazendo negócios com as assembleias provinciais, com os exércitos imperiais e com senhores feudais que lhe confiavam a administração de suas propriedades ou a defesa de seus interesses em complexas transações financeiras, para que eles pudessem se dedicar inteiramente a seus deveres formais. Ao final do século XVII, Schell tinha ganho um título de nobreza e se tornou um generoso benfeitor para se provar merecedor de sua

nova condição: ele apoiou instituições eclesiásticas e educacionais (ele foi o patrono fundador do mosteiro ursulino em Liubliana e sustentou a primeira escola para meninas da Carníola) e assegurou-se de que todas as edificações construídas sob seu patrocínio refletissem as tendências barrocas então na moda. Muitos outros comerciantes também se tornaram homens de negócio e, via de regra, eram elevados à nobreza. O mais destacado comerciante no século XVIII foi Michelangelo Zois, que tinha vindo para Liubliana da região de Bergamo e com o passar do tempo se tornou o mais rico homem de negócios da Carníola. Suas principais fontes de renda eram as forjas de ferro e o comércio com ferro[313].

O rápido crescimento da importância das atividades não agrícolas no século XVII também se refletiu no desenvolvimento da mina de mercúrio em Idrija. O segundo maior empreendimento deste tipo no mundo, a mina de mercúrio de Idrija era um valioso recurso para a vitalidade econômica da corte dos Habsburgos, que obteve completo controle da mina desde 1565 (depois de cerca de 85 anos de exploração). Devido à sua extraordinária importância econômica, Idrija recebeu independência administrativa (1607), alvará de mercado e, no século XVIII, a condição de cidade. Além disso, Idrija foi a primeira cidade nas províncias eslovenas a desenvolver-se como um centro econômico baseado exclusivamente em uma atividade não agrícola. O funcionamento da grande mina apressou o desenvolvimento precoce de instituições educacionais (especializadas em tecnologia, levantamento das terras, metalurgia e química).

Com o gradual crescimento de seu poder econômico, o território esloveno fortaleceu seus laços com outras terras e abriu-se culturalmente a influências estrangeiras, mais especialmente na arquitetura, escultura, pintura e música. O artista esloveno

313 Ibid., p. 238-239.

mais bem-sucedido da metade do século XVII foi o compositor Janez Krstnik Dolar, um jesuíta nascido em Kamnik. Suas missas e salmos o tornaram famoso em Viena e na Boêmia. Depois de sua morte em fevereiro de 1673, ele foi elogiado por sua música pelo imperador Leopoldo I, ele mesmo um bom compositor. Por outro lado, nem um só livro em esloveno foi publicado entre 1615 e 1672. Por muito tempo, a necessidade do clero pela palavra escrita era satisfeita por cópias da enorme edição do lecionário de Hren e pelo crescente volume de manuscritos. Estes manuscritos demonstravam uma rápida restauração do culto dos santos e da veneração da Virgem Maria, que tinham sofrido um golpe severo durante o crescimento do protestantismo. Os manuscritos que foram preservados até hoje também revelam as interpretações rigorosas da fé e da piedade que prevaleciam (os sacerdotes, por exemplo, se opunham vigorosamente à poesia popular e ao tratamento especial que dava à tradição espiritual cristã)[314].

Uma mudança importante ocorreu na produção literária em 1672 com a republicação, pelo erudito Janez Ludvik Schönleben, do lecionário esloveno. Schönleben era doutor em teologia pela Universidade de Pádua e tinha um forte interesse em pesquisar a história da Carníola. Por recomendação sua e a pedido da assembleia provincial, Johann Baptist Mayr fundou uma oficina de impressão em Liubliana em 1678, que cedo se transformou em um centro cultural importante. Mayr publicou um catálogo relacionando 2.500 títulos disponíveis para venda. Pouco depois ele também editou a mais importante obra de Schönleben, *Carniolia antiqua et nova I* (1681) que, embora inacabada, deu grande estímulo à pesquisa sobre o passado da Eslovênia. Entre 1707 e 1709, os sucessores de Mayr chegaram mesmo a publicar o primeiro jornal no território esloveno (em alemão). Embora tenha

314 Igor Grdina, *Od Brizinskih spomenikov do razsvetljenstva*, p. 72.

mudado de donos mais tarde, a casa editorial operou até a metade do século XX[315].

A possibilidade de publicar livros em esloveno em seu país se mostrou vantajosa para inúmeros escritores eclesiásticos que rapidamente forneceram aos habitantes das províncias materiais de leitura mais comuns – livros de oração ou de hinos, catecismos e ensaios sobre meditação. O mais ambicioso e industrioso autor foi Matija Kastelec, um cônego de Novo Mesto que, ao fim do século XVII, tinha preparado a primeira tradução católica da Bíblia e um dicionário Latim-Esloveno, embora infelizmente nenhum dos dois tenha sido publicado. A literatura religiosa eslovena atingiu assim seu apogeu com a coleção de cinco volumosos livros de sermões escritos pelo frade capuchinho Janez Svetokriski, publicado sob o título em latim de *Sacrum promptuarium* entre 1691 e 1707, parte em Veneza e parte em Liubliana. A coleção tinha quase 2.900 páginas[316]. Complementado por sermões do frade capuchinho Rogerij de Ljubjlana e do orador jesuíta Jernej Basar, que se tinha destacado no país e no exterior, o Manual Santo de Svetokriske contribuiu de modo crucial para a confirmação da língua eslovena. Os três principais oradores eslovenos utilizavam princípios barrocos de estilo em seus textos[317].

O crescente número de livros publicados em esloveno encorajou os que falavam o idioma a gradualmente introduzir sua língua materna em sua correspondência pessoal, em testamentos, inventários e documentos análogos que antes tinham em sua maioria sido escritos em alemão ou latim. No século XVII, as fronteiras claramente delineadas nos tempos medievais para o uso de determinadas línguas estavam se dissolvendo muito

315 Veja: Branko Reisp, *Kranjski polihistor Janez Vajkard Valvasor*. Liubliana: Mladinska knjiga, 1983, p. 28-30.

316 Igor Grdina, *Od Brizinskih spomenikov do razsvetljenstva*, p. 69.

317 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 284-293.

mais drasticamente do que ocorrera durante a era protestante, pelo menos em algumas esferas da vida. Além disso, autores que escreviam em esloveno começaram a surgir em todas as províncias entre o Adriático e os Alpes orientais. Todos estes desdobramentos levaram à reedição da primeira gramática eslovena de Adam Bohoric, que foi afinal realizada em 1715 pelo frade capuchinho Janez Adam Gaiger, de Novo Mesto.

Por outro lado, a literatura secular, que tinha um círculo muito restrito de leitores nas províncias eslovenas, principalmente limitado à elite aristocrática, continuava a ser publicada em alemão e latim. Em 1659, Adam Sebastian Siezenheim, um funcionário da assembleia provincal da Carníola, publicou em Munique seu livro sobre educação, *Speculum generosae juventutis*, enquanto Franz Wiz, barão Wizenstein, filho enobrecido do prefeito e juiz de Liubliana, teve suas adaptações das novelas barrocas italianas impressas em Nuremberg. Dois outros autores que atraíram a atenção dos leitores nesta época foram o alquimista aristocrático, Johann Frederick von Rein, que viveu no castelo de Strmol (ele doou um de seus manuscritos ao imperador Leopoldo I, que deu apoio financeiro ao seu trabalho), e o médico Johann Baptist Ganser, de Novo Mesto, que estudou as doenças das mulheres. O jesuíta Martin Bauer, de Solkan, escreveu a *História de Noricum e Friuli*. Embora não publicado, seu manuscrito ao menos forneceu aos estudiosos pósteros da história do território esloveno uma valiosa coleção de materiais.

Contudo, a maioria destes autores não ultrapassava a qualidade média da produção literária centro-europeia crescentemente definida pela incorporação de obras de tendências italianas beletristicas e científicas, enquanto o território esloveno e as províncias vizinhas seguiam predominantemente, no século XVI, os padrões da Alemanha do norte. Gradativamente, a área que abrange Gorizia ao oeste, Ístria no sul e Caríntia, Estíria e Áustria

ao norte e leste, desenvolveram uma simbiose única de influências de fontes diferentes, assimiladas e adaptadas às necessidades e possibilidades locais.

Se Janez Svetokrski, cuja obra exibia um admirável senso educacional ao mesmo tempo sério e dotado de humor, se destacou com proeminência entre os escritores eclesiásticos do século XVII por sua eloquência e amplitude temática, o erudito polímata Janez Vajkard Valvasor merece uma menção especial como o mais distinguido escritor secular. Nascido em 1641, em Liubliana, em uma família originária da cidade italiana de Bergamo, ele recebeu uma boa educação elementar na escola jesuíta de sua cidade natal. Suas viagens pelas províncias alemãs e italianas, norte da África, França e Suíça o tornaram conhecedor da situação na Europa ocidental e na bacia do Mediterrâneo. Em um período relativamente curto ele reuniu uma impressionante biblioteca contendo cerca de 10.000 livros e 8.000 gravuras (inclusive de autores como Dürer e Callot), bem como coleções de instrumentos cartográficos e matemáticos, minerais, fósseis, antiguidades e moedas antigas[318]. Embora tenha participado de sucessivas campanhas militares durante duas guerras dos Habsburgos contra os otomanos (1663-1664 e 1683) e servido como guarda suíço na corte real francesa, ele acreditava que a sua missão na vida era estudar tópicos e fenômenos relacionados com sua pátria. A fim de apresentar sua terra (e as regiões vizinhas) para seus contemporâneos ilustrados, de forma tão precisa como possível, ele se dedicou a pesquisas profundas. Ele estabeleceu contatos com a Real Sociedade Britânica, que merecidamente lhe atribuiu a categoria de membro em dezembro de 1687 como reconhecimento por sua descrição do lago Cerknica – em processo de desaparecimento e suas "maravilhas". Como talentoso projetista, ele concebeu um túnel por baixo do passe

318 Branko Reisp, *Kranjski polihistor Janez Vajkard Valvasor*, p. 104-108.

de Ljubelj na fronteira provincial entre a Carníola e a Caríntia (que acabou sendo construído no século XX)[319].

Em 1678, Valvasor, que se considerava barão, (muito provavelmente por causa da origem nobre de sua mãe), fundou uma prensa de cobre para gravuras e uma oficina de imprensa em seu castelo, em Bogensperk, e empregou alguns desenhistas, impressores e outros trabalhadores de várias províncias. Além de três mapas, um livreto sobre a Paixão, cenas das Metamorfoses de Ovídio e horríveis imagens da morte humana (em parte inspiradas na Dança da Morte de Holbein), ele publicou várias coleções de livros ilustrando os castelos e cidades da Carníola e da Caríntia. Ele se inspirava no notável gravurista em cobre e publicista Matthäus Merian, que tinha produzido e publicado as topografias de várias províncias do Sacro Império Romano. É interessante que os melhores trabalhos de Valvasor e seus artesãos mostram a mesma qualidade. As coleções gráficas de Bogensperk foram de importância incalculável para as províncias eslovenas e as regiões vizinhas.

Valvasor pretendia completar a história de seu país natal que Schönleben deixara inacabada (acima), mas logo expandiu o plano inicial significativamente ao preparar uma descrição muito minuciosa e abrangente da Carníola contemporânea que incluía paisagens, cidades, castelos, língua, costumes e personalidades destacadas. A cobertura da história primitiva da Carníola e a editoria foram confiadas a Erasmo Francisci, um polímata de Nuremberg, que também se assegurou de que a obra-prima de Valvasor fosse escrita em alemão fluente e convenientemente ornado. A obra-prima intitulada *Die Ehre des Herzogthums Crain* (*A Glória do Ducado da Carníola*) era verdadeiramente impressionante, tanto pelos critérios do século XVII como pelos de qualquer

319 Ibid., p. 157.

outro período posterior. Publicada em 1689, em Nuremberg, esta coleção de quatro volumes totalizava mais de 3.500 páginas. "A Glória do Ducado de Carníola" demonstrava o fervente amor sem precedentes de seu autor por sua pátria. Valvasor considerava o idioma esloveno como a língua materna dos carniolanos (como também ficava demonstrado em sua correspondência com a Real Sociedade Britânica) e creditava aos protestantes sua consolidação. Na Europa central do século XVII, marcada pela *ecclesia triumphans* dos católicos, esta afirmação estava longe de ser evidente. No entanto, sob a influência dos historiadores humanistas alemães, Valvasor considerava os habitantes da Carníola, como outros eslavos, como um ramo dos povos germânicos[320].

Valvasor levou o maior projeto de sua vida adiante com grande pressa e o completou em quatro anos (graças em parte às topografias que elaborara antes). No entanto, a publicação de uma obra tão abrangente lhe custou uma soma que estava além de seus meios. Como bom administrador – ele já tinha comprado o castelo de Bogensperk quando era jovem – ele lutou muito para evitar a ruína financeira, mas em vão. Em 1689, ele se viu forçado a começar a vender sua propriedade, inclusive sua biblioteca e a coleção de gravuras. A assembleia provincial da Carníola, que lhe tinha dado apenas um modesto apoio para seu trabalho enciclopédico sobre sua pátria, se recusou a lhe proporcionar assistência financeira quando sua obra-prima foi publicada ao recusar sua oferta de venda da biblioteca. Valvasor foi obrigado a vender também o castelo. Ele morreu em 1693 na cidade de Krsko, onde tinha comprado uma casa depois que seus planos de publicação em grande escala mostraram-se financeiramente desastrosos. O trabalho monumental de Valvasor logo se tornou um item comum nas bibliotecas dos aristocratas carniolanos. Contudo, a profunda ruína econômica deste autor investigativo

320 Ibid., p. 219-223.

que levava os interesses de sua pátria dentro do coração mostrava claramente que, ainda que as condições materiais no território esloveno tivessem melhorado significativamente, o nível cultural da elite aristocrática local tinha permanecido consideravelmente baixo. Lamentavelmente, a nobreza estíria não se mostrou desejosa de promover realizações científicas semelhantes (e se satisfez com a modesta *Topografia da Estíria* de Georg Matthäus Vischer, terminada em 1696). Só o declínio do tradicional sistema feudal finalmente libertou os poderes criativos e permitiu que ideias e visões mais ambiciosas pudessem ser realizadas. Não é surpresa que mais tarde, nos séculos XVIII e XIX, o Tratado de Valvasor sobre a terra natal se tornasse uma importante fonte de inspiração literária e uma valiosa descrição histórica do alto Barroco.

Sábios, funcionários e patriotas transformam o mundo

Apesar da bancarrota de Valvasor, a publicação da "*Glória do Ducado da Carníola*" foi um presságio singular do porvir. Na metade do século XV, o humanista Aeneas Sylvius Piccolomini, que havia conhecido o território esloveno como membro da corte dos Habsburgos e bispo de Trieste antes de se tornar bispo de Roma, considerava as regiões ao longo das fronteiras nordeste da Itália como bárbaras. Sentimentos análogos persistiram durante a rápida expansão do protestantismo. No começo de agosto de 1565, Primoz Trubar escreveu a Adam Bohoric sobre o desdém generalizado em sua terra natal pela educação, mas ele acreditava que o estabelecimento de uma rede suficiente de escolas poderia pôr fim a esta rudeza[321]. Seus planos falharam por duas razões: o custo colossal da defesa contra os turcos, que tornou impossível melhorar de forma significativa o padrão de vida da maioria da população e portanto de sua educação, e a expulsão dos protestantes

321 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 211; Primoz Trubar, *Cerkovna ordninga. Slowenische Kirchenordnung*. Munique: R. Trofenik, 1973, p. 78-79.

na virada do século XVII. No entanto, permaneceu a crença de que as províncias eslovenas não estavam condenadas a permanecer na periferia da cultura e da civilização, mas tinham capacidade para articular suas ideias e prioridades e estabelecer seus próprios centros. A ideia de que as províncias eslovenas estavam destinadas ao provincianismo, que tinham por algum tempo sido aceitas simplesmente como dispensando comprovação, começaram a ser revistas. Embora a tentativa de Valvasor de criar um instituto gráfico tivesse fracassado, sua obra-prima, *A Glória*, assinalou a existência de uma ambição intelectual que não se desvaneceria nas gerações futuras.

Sábios

Na virada do século XVIII as províncias eslovenas cada vez mais sentiram fortes influências da península Apenina. A rápida disseminação do estilo contemporâneo barroco que deixou marcas na arquitetura, pintura, escultura e música tinha estimulado a adoção de outras tendências vindas da Itália. Assim, uma academia (a Academia Palladiana) foi criada bastante cedo em Koper; seu membro mais eminente, um habitante da cidade chamado Santorio Santorio[322], começou a introduzir procedimentos precisos de medição instrumental na medicina. Com o tempo, associações semelhantes principiaram a surgir em cidades próximas (Piran, Gorizia) e mais longe no interior (Liubliana). As academias serviam como pontos de reunião da elite estudiosa e encorajavam formas especiais de sociabilidade seletiva; só raramente elas deixaram traços visíveis como promotoras da ciência e da arte. A própria presença de pessoas educadas em cidades relativamente pequenas entre as costas do Adriático norte e os picos dos Alpes orientais, que sentiam a necessidade de se organizarem, dava

322 Mirko Drazen Grmek, *Santorio Santorio i njegovi aparati i instrumenti*. Zagreb: Institut za medicinska istrazivanja Jugoslavenske akademije, 1952, p. 9.

testemunho das grandes mudanças de mentalidade existentes por baixo da superfície na socidade do século XVII. Até então, só associações religiosas ou ligadas à Igreja tinham sido comuns no território esloveno. Em algumas academias, apenas os escolhidos tinham acesso a seus quadros: na Nobre Sociedade de S. Dismas, de Liubliana, criada em 1688, a condição de membro era restrita aos nobres e aos cientistas renomados. A importância crescente da educação era não apenas um meio de alcançar sucesso na carreira, mas também trazia reconhecimento público aos indivíduos.

A Academia dos Cavalheiros Operosos (*Academia operosorum*), criada em Liubliana por iniciativa do historiador e jurista Janez Gregor Dolnicar e sob a liderança do prepósito da catedral Janez Krstnik Preseren em 1693, foi apresentada ao público em 13 de dezembro de 1701. Seus membros se apresentaram à sociedade "em meio ao som de trompas e tambores e à apresentação sinfônica de músicas selecionadas"[323]. A associação, que consistia inicialmente de 23 pessoas eminentes (12 advogados, seis teólogos e cinco médicos), mais tarde aceitou 25 novos membros, entre os quais o presidente da Academia da Arcadia, baseada em Roma, cônego Giovanni Maria Crescimbeni[324]; seu funcionamento se prolongou por cerca de um quarto de século. Seus membros estavam também presentes em várias academias italianas (Roma, Bolonha, Forli, Veneza e Foligno). Mais importantes para o ambiente esloveno fora a obra do médico Marko Grbec, um importante promotor da prevenção médica, e a pesquisa do historiador Janez Gregor Dolnicar, que buscou continuar o trabalho de seu tio, Johann Ludwig Schönleben, e Janez Vajkard Valvasor. Antes de seu declínio, a *Academia operosorum* contribuiu para a fundação de várias instituições relacionadas. A mais importante foi a *Academia*

323 Primoz Simoniti, "Spremna beseda". In: *Akademske cebele ljubljanskih operozov*. Liubliana: SAZU, 1988, p. 80.

324 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 299-300.

philarmonicorum, criada em 1701, a segunda mais antiga sociedade musical da Europa central (a mais antiga instituição análoga estava em St. Gallen, na Suíça). Ela não só estimulou a maior criação de músicas, mas também contava com alguns compositores entre os seus quadros. A música florescia nas províncias eslovenas naquele tempo; em Koper, um prolífico compositor, Antonio Tarsia[325], criou várias composições sacras, oratórios e óperas começaram a ser representados em Liubliana. Doravante, os compositores eslovenos não mais ficavam inteiramente dependentes de indivíduos e instituições estrangeiros para obter talentos artísticos de valor, embora talentos excepcionais, como Giuseppe Tartini, nascido em Piran em abril de 1692, só conseguissem reconhecimento no exterior. A ópera *Il Tamerlano*, de Giuseppe Clemente Bonomi, membro de uma família imigrante da Itália, foi encenada em Liubliana em 1732[326]. Mesmo antes, oratórios compostos por um dos precursores da *Academia philarmonicorum* baseada em Liubliana, Johann Berthold von Höffer, e pelo prepósito da catedral, Mihael Omerza, foram estreados[327].

A filial em Liubliana da Academia Romana da Arcadia, fundada em 1709 como Academia Emonia, foi também uma instituição digna de atenção. Em geral, a capital carniolana já se tinha estabelecido naquela época como um centro regionalmente importante de cultura barroca. Foi exatamente a partir de Liubliana que o novo estilo, que atraía determinados defensores da nobreza e da *intelligentsia* eclesiástica e leiga, começou a se disseminar para o norte e para o leste. A academia permaneceu no território esloveno até o fim do século XVIII, ostentando entre seus membros

325 Neste tempo, a vida musical em Koper já tinha uma rica tradição; na virada do século XVII, o compositor Gabriello Puliti, nascido na Toscana, era ativo em Koper e outras cidades da Ístria.

326 Joze Sivec, *Opera skozi stoletja*. Liubliana: DZS, 1976, p. 57.

327 Dragotin Cvetko, *Slovenska glasba v evropskem prostoru*. Liubliana: Slovenska matica, 1991, p. 148, 157-158, 160-162.

conhecidos pintores, escultores e arquitetos. Ao lado de mestres estrangeiros (Andrea Pozzo, Giulio Quaglio, Francesco Robba, Johann Martin Schmidt "Kremserschmidt"), expoentes locais ou imigrantes completamente naturalizados (Fran Jelovcek, Fortunat Bergant, Anton Cebej, Velentin Metzinger) gradativamente se consolidaram como forças propulsoras.

Além de sábios que se encontravam e formavam parcerias em academias, alguns outros indivíduos ascenderam à fama no território esloveno ou além dele. O barão Franz Albrecht Pelzhoffer, conhecido por sua personalidade difícil, que impediu sua ambição de tornar-se membro de várias associações de elite, provocou grande irritação entre seus contemporâneos como filósofo social. Algumas obras de Pelzhoffer chegaram a ser banidas das terras hereditárias da monarquia Habsburgo no começo do século XVIII. Ironicamente, isto aponta para a importância e originalidade deste autor não ortodoxo, que estava constantemente em desacordo com seus contemporâneos (o barão também buscava proteger seus tratados contra a censura dedicando-os ao general Eugênio de Saboia, ao rei espanhol Carlos II e ao imperador José I). Seus trabalhos foram publicados em grandes centros culturais alemães e ele continuou a ser um promotor de políticas e de meios para o bem-estar público mais do que um valor em si mesmo[328]. Uma carreira ainda mais admirável foi alcançada por Gregório Carbonarius de Biseneg, de Naklo, que viajou para a Rússia na virada do século XVIII e tornou-se médico pessoal de Pedro, o Grande[329].

Isto não significa, contudo, que a absorção das novas ideias era sempre tão rápida. Apesar do aumento do número de pessoas instruídas, as concepções que afinal derrubariam as velhas noções herdadas se estabeleciam lentamente, e mesmo a ciência moderna

328 Evgenij Vasilevic Spektorskij, *Zgodovina socialne filozofije I*. Liubliana: Slovenska matica, 1932, p. 220-221.

329 Veja: Marjan Drnovsek, *Nakljanec Gregor Voglar* (*1651-1717*), *zdravnik v* Rusiji. Naklo: Obcina, 2002.

(que, como o humanismo do fim da Idade Média não levava em conta as fronteiras estatais) não podia ainda ostentar uma rápida expansão: por exemplo, as medições instrumentais precisas, há muito preconizadas por Santorio Santorio, só começaram a ser amplamente introduzidas na medicina prática no século XVIII. Nesta época, a filosofia do Iluminismo que se disseminou a partir dos grandes centros da Europa ocidental e de cortes específicas em direção ao coração do velho continente propagou um progresso até então inconcebível na observação científica e na compreensão do mundo.

Ao iniciar-se o século XVIII, mesmo os círculos mais eruditos da elite entre os Alpes e o Adriático não eram familiares com estes conceitos. As novas opiniões empíricas ainda estavam pouco desembaraçadas das tradicionais nos espíritos de seus mais eminentes representantes, de tal modo que a *Glória* de Valvasor dava atenção considerável ao fenômeno da feitiçaria na Carníola[330]. Uma geração depois, Janez Jurij Hocevar, que foi extremamente importante na criação da *Academia philarmonicorum* em Liubliana, tentou uma forma radical para exterminar as ações do Demônio profundamente enraizadas na área de Ribnica. Este austero doutor *juris utriusque*[331], que soubera pelo livro de Valvasor que a Carníola, com exceção do leste da Carníola Interior, já tinha sido consideravelmente liberada de feiticeiras, iniciou impiedosas operações que terminaram na tortura cruel e morte de várias mulheres acusadas em 1701.

Hocevar, um membro da *Academia operosorum* com o significativo apelido de Cândido ("o Puro") foi apenas mais um entre muitos perseguidores de feiticeiras no início do século XVIII. Os mais importantes julgamentos de feiticeiras que culminaram

330 Janez Vajkard Valvasor, *Slava vojvodine Kranjske*. Liubliana: Mladinska knjiga, 1978, p. 183-184.

331 NT: Doutor tanto em direito canônico quanto em direito civil.

naquele tempo na Carníola (Skofja Loka, Liubliana, Ribnica, Bockovo pri Lozu, Kocevska, Krsko), Caríntia (Pliberk, Zenek, Humberk, Rozek) e Estíria (Ormoz, Ptuj, Ljutomer, Maribor, Hrastovec, Radgona) resultaram em algumas centenas de execuções entre a Idade Média tardia e 1746, quando o último processo em território esloveno contra homens supostamente possuídos pelo demônio se realizou em Gornja Radgona[332]. A maioria deles era composta de simples habitantes do campo conhecedores apenas de rudimentos da doutrina da Igreja. Os membros da classe dos servos, já totalmente inferiorizada, se viam completamente indefesos perante juízes instruídos no direito e na teologia. A despeito de sua irracionalidade, a perseguição impulsiva dos feiticeiros, que ceifou cerca de 400 vidas apenas entre o fim do século XVII e o começo do século XVIII[333], pode ser considerada como um meio especial de intimidação dos permanentemente inquietos servos. Esta percepção é apoiada pela geografia específica dos julgamentos de feiticeiros, que não incluiu as regiões do Litoral onde o feudalismo tomou uma forma ligeiramente diferente do que no interior do continente. Pode também concluir-se que a crença em feiticeiros entre os eslovenos não tinha raízes locais, mas se originava sobretudo do norte da Alemanha.

A política e o desenvolvimento econômico

Os grandes paradoxos da era barroca se manifestavam não somente na coexistência de uma grande efervescência cultural e intelectual com uma extraordinária expansão da superstição, mas também na crescente e profunda crise econômica e política das terras dos Habsburgos na Europa Central, que assumiram o nome conjunto de Monarquia Austríaca em 1711. Os planos fracassados para expandir o comércio ultramarino no reinado do

332 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*, p. 251, 253.

333 Ibid., p. 252.

imperador Leopoldo I e os questionáveis resultados da atividade empresarial da velha nobreza austríaca nos séculos XVII e XVIII (a fábrica de tecidos da assembleia provincial em Liubliana teve resultados medíocres por muito tempo e foi finalmente vendida a um empresário particular em 1747)[334] expuseram os obstáculos intransponíveis que o sistema e a mentalidade tradicionais enfrentavam. Contudo, os planos de reforma empreendidos durante o reinado de José I não puderam alcançar todos os benefícios da modernização devido ao feroz conflito pela sucessão espanhola. As reformas militares tiveram o impacto principal devido à situação no campo. O recrutamento militar foi introduzido em 1705 e assegurou aos Habsburgos um afluxo regular de soldados nas suas unidades operacionais e de retaguarda. No território esloveno, entre 500 e 2.500 homens por ano podiam ser postos em uniforme[335]. Os exércitos das assembleias provinciais e as tropas mercenárias desapareceram.

Depois de 1711, quando Carlos VI subiu ao trono em Viena, a Monarquia Austríaca, engajada em campos de batalha no oeste, norte e sudeste, estava inicialmente no seu auge (cerca de 725.000 km²)[336]. No entanto, os embaraços de sua política externa, que conduziram a várias guerras na Península Ibérica, na Itália, na Alemanha, nos Balcãs e na Polônia, logo se mostraram altamente problemáticos, senão totalmente equivocados. Muitos dos ganhos territoriais dos tratados de paz do início do século XVIII foram logo perdidos, e mesmo a fraca Turquia teve êxito na guerra contra Carlos VI entre 1736 e 1739, empurrando a fronteira da Monarquia Habsburgo para o norte e o oeste da Sérvia central e da Valáquia (a fronteira de 1718) de volta aos rios Sava e Danúbio e ao sul dos Cárpatos. Isto era um claro indício de uma grave crise

334 Milko Kos, *Zgodovina Slovencev*. Liubliana: Slovenska matica, 1979, p. 367.

335 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 332.

336 Ibid., p. 329-330.

no Estado Habsburgo. Para tornar ainda pior a situação, o perfil crescente da Rússia na política europeia significava que a corte de Carlos VI não podia mais alimentar a ilusão de que seu futuro papel como "administrador" da insolvência do Império Otomano estava assegurado. No começo do século XVIII, quando as grandes reformas de Pedro, o Grande, ainda não tinham produzido os frutos esperados, a Monarquia Austríaca parecia sem dúvida predestinada a ser a herdeira do "homem doente no Bósforo".

Carlos VI, originalmente o pretendente vienense ao trono espanhol que recebeu a coroa imperial depois da morte de seu irmão José I, não pôde dedicar toda sua atenção à vagarosa evolução de suas terras nem mesmo depois que a Guerra de Sucessão espanhola terminou. O equilíbrio de poder na Europa forçou os Habsburgos a desistir de suas enormes possessões na península ibérica e em suas colônias e a dinastia se viu também confrontada com a candente questão da sucessão. Como Carlos VI não tinha herdeiro homem a corte vienense se confrontava com a necessidade constante de resolver problemas puramente políticos. A dinastia Habsburgo afinal logrou assegurar a possibilidade de sucessão pela linha feminina através de uma série de acordos e concessões dentro e fora da monarquia e garantir o princípio da indivisibilidade dos domínios Habsburgos (a "Sanção Pragmática" de 1713)[337]. No entanto, a solução teórica do problema não logrou afetar significativamente a questão da reorganização profunda da vida na Monarquia Austríaca. Mesmo que as lideranças tivessem consciência de que a reorganização fosse pelo menos em certa medida necessária, suas preocupações continuaram concentradas nos problemas diplomáticos. É assim pouco surpreendente que os planos de aumentar o comércio com os territórios ultramarinos,

337 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja v obdobju manufakture in zacetkov industrijske proizvodnje ter razkroja fevdalnih organizacijskih oblik med sredo XVIII. in sredo XIX. Stoletja*, v. 5 de *Zgodovina slovenskega naroda*. Liubliana: Kmecka knjiga, 1974, p. 5.

que poderiam ter constituído uma base bastante sólida para o bem-estar, de acordo com a doutrina mercantilista que então prevalecia, também tenham fracassado durante o reinado de Carlos. Simplesmente não havia suficiente capital para executar estas ideias econômicas ambiciosas e a Monarquia Austríaca não pôde nem mesmo se beneficiar dos privilégios comerciais decorrentes do Tratado de Passarowitz (hoje Pozarevac) concluído com a Turquia ao fim da guerra de 1716-1718[338].

Não obstante, a política mercantilista da corte vienense teve grande importância para o território esloveno, situado em uma encruzilhada estratégica das estradas que ligavam a Europa Central e o Mediterrâneo. A esperada expansão do comércio estimulou a reconstrução do sistema viário, que normalmente só fora reformado por razões não econômicas como a visita do imperador Leopoldo I à Carníola em 1660. A construção de pontes foi um progresso significativo que reduziu severamente a utilização das menos eficientes balsas nas passagens dos rios[339]. Somente na Caríntia, o investimento na construção e manutenção de estradas subiu de um valor insignificante de 326 florins na metade do século XVII para cerca de 10.000 florins por ano entre 1718 e 1729[340]. Enquanto anteriormente a responsabilidade pelas estradas e pelo transporte competia às províncias individualmente, passou então a ser competência também do Estado.

Em 1717, Carlos VI declarou a liberdade de navegação no Adriático, apesar dos protestos de Veneza. Como seus interesses coincidiam com os das demais grandes potências europeias ele pôde impor sua vontade. Dois anos mais tarde foi mais longe e

338 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 330.

339 Ibid., p. 341-342.

340 Ibid., p. 341, 344.

declarou Trieste e Rijeka como portos livres[341]. Embora o comércio não tivesse florescido como originalmente desejado, assim mesmo houve considerável crescimento: cerca de 3.500 toneladas de sal por ano eram transportadas da costa adriática para o interior e o comércio de madeira foi outra indústria importante para o litoral. Como em séculos anteriores, animais, produtos da indústria do ferro e linho eram exportados das províncias eslovenas para a Itália. A sericultura, introduzida na Gorizia pela primeira vez no século XVII, tornou-se um setor industrial importante, o que também ocorreu com algumas outras manufaturas no interior (por exemplo, a produção de peneiras, de armas e a tecelagem).

O sistema de corporações, sob o controle do Estado desde 1732, dificultava muito a expansão das manufaturas e do empreendedorismo, ao menos nas cidades, inclusive aquelas habilitadas a ter mercado[342]. O artesanato rural tinha mais liberdade para se desenvolver, mas, ainda assim, as limitações impostas pelos regulamentos feudais tradicionais o impediam de contribuir de modo significativo para a modernização econômica. O único impacto sensível ocorreu no desenvolvimento do comércio rural no interior dos portos livres, especialmente Trieste, apesar de regulamentos legais restritivos (a patente de 1737)[343]. A mentalidade mercantil só foi capaz de afrouxar o sistema existente de forma limitada, uma vez que, economicamente e estruturalmente, a maior parte da Monarquia Austríaca estava consideravelmente atrasada em relação aos países da Europa Ocidental. Certos camponeses na região de Karst e na Carníola interior tornaram-se verdadeiros pequenos empresários através de sua participação no comércio e no transporte.

341 Ibid., p. 330.

342 Ibid., p. 341.

343 Ibid., p. 344.

As Reformas Teresianas

A morte de Carlos VI em 1740 significou a extinção da linha masculina dos Habsburgos e afinal revelou a defasagem da Monarquia com as evoluções em curso na Europa. A Prússia, pequena em tamanho, mas governada de acordo com o que então eram os princípios modernos, abocanhou a maior parte da Silésia de Maria Teresa depois de sua ascensão ao trono. A nova administração do rei Frederico, o Grande, logo conseguiu extrair o dobro de impostos da terra conquistada do que os soberanos Habsburgos, sem com isso destruir o país economicamente. Os belicosos Hohenzollern podiam assim usar a renda de um território muito menor do que o controlado pela corte vienense para manter um exército que podia competir com o da Áustria em qualquer aspecto. Maria Teresa já não podia fechar seus olhos à necessidade de uma modernização completa do Estado, uma vez que a insistência no sistema existente, apesar da Sanção Pragmática, iria mais cedo ou mais tarde pôr em pauta o tema da sua sobrevivência.

O conde Frederico Guilherme Haugwitz, a quem foi confiada a reorganização da administração estatal na parte da Silésia, que continuou a pertencer aos Habsburgos, dedicou-se imediatamente a adotar o sistema prussiano. O plenipotenciário real, nativo da Silésia, logo adotou como princípio que a administração política e financeira devia ser atribuída a um único órgão e não à existente pluralidade de órgãos administrativos. Também acreditava ser imperativo reavaliar a propriedade e atribuir a coleta de tributos à autoridade nacional[344]. Haugwitz acreditava que a difícil condição que atravessava a Monarquia Austríaca poderia ser resolvida por um aparato burocrático diretamente vinculado ao monarca, uma vez que a estrutura administrativa excessivamente complexa permitia graves abusos (especialmente quando a cobrança de impostos era

344 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 11-12.

feita parte em dinheiro e parte em espécie). A velha nobreza, que já tinha perdido seu poder político sob Ferdinando II, ainda controlava parte considerável dos fluxos financeiros e de comércio. Mantinha assim sua posição como elite que de outra forma era ameaçada pelo absolutismo prevalecente e pelo decrescente papel da nobreza nas forças armadas, que primeiro passaram a ser mercenárias e depois baseadas no recrutamento. Como a velha nobreza, ao contrário da classe média enobrecida, tinha uma mentalidade baseada na posse de terras e na economia a ela vinculada, ela não aspirava a ter um papel no emergente sistema comercial; buscava, portanto, maximizar seus lucros com os serviços e funções desempenhadas em diferentes províncias.

A situação era especialmente difícil na Carníola e na Caríntia. Os aristocratas locais se acusavam uns aos outros de conspirações e corrupção, atraindo assim a atenção da corte que, encorajada pelo sucesso das reformas na Silésia, estava já inclinada em favor da introdução das inovações em toda a Monarquia Austríaca (exceto a Hungria)[345]. Em 1747, Hawgvitz viajou a Liubliana como comissário investigador do príncipe e começou a averiguar a gestão das assembleias provinciais. Descobriu que na Carníola, que deveria pagar cerca de 100 mil florins de impostos anualmente, estava sobrecarregada de dívidas que montavam a 2,8 milhões de florins. Logo se evidenciou que a situação na Caríntia era ainda pior: as dívidas provinciais somavam cerca de 4 milhões de florins. Hawgvitz, com justiça, culpou a irresponsável nobreza por esta insuportável situação, uma vez que ela não se considerava obrigada a pagar impostos; a corte encontrou assim um bom argumento para introduzir um novo sistema administrativo na margem

345 Devido à situação difícil em que a imperatriz se encontrava depois da eclosão da guerra com a Prússia e seus aliados, Maria Teresa aprovou solenemente os privilégios em vigor das assembleias provinciais húngaras em 1741.

sudoeste da Monarquia Austríaca[346]. A partir de então, o ritmo da vida foi crescentemente ditado pelos funcionários do Estado, que rapidamente se estabeleceram como a estrutura dos governos das assembleias provinciais, inteiramente dependentes da vontade da corte vienense.

Os nobres que não se adaptavam a estas novas circunstâncias se achavam em clara desgraça; a assembleia provincial carintiana chegou até a perder o seu direito de participar na determinação dos níveis de tributação durante vinte anos (1749-1769) como resultado de suas queixas. Na Carníola e na Estíria, onde o novo regime foi introduzido em 1748, os aristocratas foram mais razoáveis e cooperaram com os executores da vontade da soberana no campo, embora não antes de uma solicitação explícita da corte para que cumprissem "voluntariamente" com os desejos por ela formulados[347].

As principais reformas teresianas, introduzidas como uma medida necessária depois das derrotas da Monarquia Austríaca pelos prussianos, logo começaram a afetar o modo de vida, abrangendo cada vez mais territórios e mais esferas. A solução dos problemas financeiros através do novo aparato burocrático estabelecido e da (pelo menos rudimentarmente) moderna estrutura de governo resultou no aumento do exército e na melhoria do seu equipamento; a própria existência do exército exigiu uma infraestrutura organizada e uma prosperidade ou estabilidade econômica no interior. A educação também se tornou problemática uma vez que as novas tendências na gestão econômica e a intensificação da produção nos ramos tradicionais da indústria requeriam mais conhecimentos. De fato, as iniciativas de reforma da monarquia austríaca não estavam relacionadas

346 Victor Lucien Tapié, *Marija Terezija. Od baroka do razsvetljenstva*, trad. Vital Klabus. Maribor: Zalozba Obzorja, 1991, p. 103-105.

347 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 21.

com os princípios do Iluminismo, mas na prática a sua execução se assemelhava aos propósitos dos "filósofos" racionalistas que se viam como uma oposição principista aos "cristãos". Maria Teresa e a grande maioria de seus funcionários não se opunham de modo algum aos dogmas religiosos, mas a urgência de estabelecer um sistema escolar moderno na Monarquia Austríaca e o anseio de resolver questões jurídicas e administrativas em torno da Igreja obrigaram a corte a interferir em esferas que tinham anteriormente pertencido ao domínio eclesiástico. As reformas afetavam tudo e todos e requeriam uma mudança de mentalidade de cada um e de todos os indivíduos. Sua implementação marcou a vida das pessoas diferentemente, mas não deixou de representar o primeiro encontro e enfrentamento da população com a incipiente administração moderna do Estado.

As reformas teresianas não só estabeleceram uma nova relação entre a mais alta autoridade e as províncias, mas também introduziram mudanças radicais no sistema de governo. Uma legislação uniforme começou a ser aplicada a toda a área não húngara da Monarquia Austríaca. Em 1768 e 1769 um Código Penal uniforme (*Constitution Criminalis Theresiana*) foi introduzido no território desde o Adriático no sul até as terras da coroa na Boêmia no norte. Inicialmente, ele ainda previa a tortura, mas a imperatriz ab-rogou esta parte em 1776[348]. As antigas fronteiras entre territórios específicos traçadas pela nobreza começaram a mudar de acordo com as necessidades da política da corte. Em 1748, foi estabelecida a "Província Mercantil do Litoral", que não constituía um território unificado e abrangia Aquileia, Trieste, Rijeka, Bakar e Kraljevica[349]. Os portos dos Habsburgos no Adriático tornaram-se um instrumento da política econômica com uma

348 Peter Stih & Vasko Simoniti, *Slovenska zgodovina do razsvetIjenstva*, p. 253.

349 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 354.

administração unificada. A Carníola, que antes ligava a costa ao interior, começou a incorporar um caráter explicitamente continental, um processo que chegou a termo após o declínio da Ilíria napoleônica.

As províncias antes unificadas foram divididas em *kresije*[350] (Alem: Kreis), que se tornaram unidades da administração do Estado. Cidades onde funcionários da coroa estavam sediados principiaram a adquirir o caráter de centros regionais, embora muitas tivessem menos de 10 mil habitantes. Os comissários encarregados da administração dos *kresije* eram responsáveis pelas relações entre o Estado e a população das unidades. Embora os senhores, burgueses, habitantes das cidades mercado e os servos não tivessem as mesmas obrigações e direitos, estavam todos submetidos à mesma autoridade administrativa.

Na Carníola e na Caríntia, os eslovenos viviam em todos os três *kresije* (com centros em Liubliana, Novo Mesto e Postojna ou em Villach, Klagenfurt e Völkermarkt); na Estíria em dois (Leibnitz, ou mais tarde em Maribor e Celje). A Província Mercantil do Litoral tinha seu centro em Trieste. A territorialmente pequena Gorizia com Gradisca, originalmente ligada à Carníola, obteve seu próprio governo especial em 1754[351].

Depois que a nova estrutura de autoridades tinha sido montada e estabilizada, as reformas administrativas, que visavam em seu início aumentar a eficiência do Estado e desta forma incrementar seu poder no campo de batalha, mantiveram o seu avanço no mesmo ritmo. O primeiro censo foi realizado em 1754. Seus resultados não eram confiáveis, uma vez que o povo evitava a contagem, compreendendo que ela serviria ou para fins de tributação ou de serviço militar. Somente a numeração das casas, determinada por

350 Unidades administrativas basicamente correspondentes a distritos (nota do tradutor do texto inglês).

351 Vasilij Melik, "Slovenci v casu Marije Terezije". In: Tapié, *Marija Terezija*, p. 364.

um decreto de 10 de março de 1770, trouxe dados mais precisos com o novo censo em 1771. Este censo permite calcular que, no fim do século XVIII, aproximadamente 750 mil habitantes viviam no território da atual República da Eslovênia, com o número total de eslovenos chegando a cerca de 900 mil. O número de habitantes não aumentou substancialmente; em média, as taxas de nascimento se situaram entre 35 e 39 por mil enquanto as taxas de mortalidade eram ligeiramente menores. Havia marcantes diferenças entre determinadas províncias. A predominantemente montanhosa Caríntia tinha taxas de nascimento e mortalidade consideravelmente inferiores (28,5 e 28 por mil respectivamente) comparada com as regiões mais ao sul[352].

O recrutamento após o censo comprovou que o medo do povo tinha fundamento. Entre 1771 e 1773, um novo sistema de recrutamento foi introduzido, fornecendo à Monarquia Austríaca forças armadas com muito mais soldados do que o sistema anterior tinha sido capaz: o plano do conde Haugwitz, aceito muito antes, para um exército em tempo de paz de 108 mil homens (o que exigia uma soma anual de 14 milhões de florins) começou a ter uma base sólida[353]. O novo sistema de recrutamento repousava em autoridades delegadas de recrutamento. Mas um novo sistema de recrutamento de soldados, que só podiam ser isentados com base em graves incapacidades, tinha evidentemente o seu lado duvidoso. Na Caríntia, calculou-se que o recrutamento tinha retirado da província quase 39 mil homens entre 1771 e 1790, quase um sétimo da população conforme o censo de 1771[354]. O recrutamento atingia principalmente as classes mais pobres, pois excluía a nobreza, o clero, os funcionários, médicos, advogados,

352 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 29.

353 Victor Lucien Tapié, *Marija Terezija*, p. 107.

354 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 30.

artesãos, comerciantes urbanos, camponeses com grandes ou médias propriedades e membros de outras ocupações "necessárias" (seus primogênitos ou famílias inteiras eram por vezes também isentas). Isenções também eram concedidas aos habitantes de certos lugares, como a crescente Trieste, cuja população aumentou de 7 mil a 28 mil no fim do século XVIII[355].

As reformas administrativas e militares se tornaram irreversíveis devido a uma ideia obsessiva nos círculos da corte de que uma guerra retaliativa contra a Prússia era necessária. As reformas teriam ficado incompletas sem novos dispositivos jurídicos sobre comércio, regulamentação das relações entre senhores feudais e servos ou sem interferir com a Igreja e a educação, uma vez que a modernização de setores específicos apenas não poderia produzir os resultados desejados. A economia necessitava um grande incentivo, porque o sistema feudal tradicional já não garantia o crescimento econômico. As fronteiras aduaneiras internas foram abolidas gradualmente (exceto as fronteiras com as províncias húngaras); por volta de 1770 opiniões fisiocráticas que acentuavam o valor da iniciativa econômica individual estavam ganhando aceitação. Contudo, o papel das autoridades do Estado era insubstituível em projetos que exigiam uma concentração considerável de recursos financeiros. A drenagem dos pântanos de Liubliana, discutida desde o século XVI, só se tornou possível depois que Maria Teresa se entusiasmou pelo projeto. O controle das obras, que envolviam principalmente a construção de um canal entre os montes de Golovec e do castelo em Liubliana, foi confiado ao professor e jesuíta vienense Gabriel Gruber, que ajudou a estabelecer a capital carniolana como um centro importante de ciências exatas e engenharia (um de seus alunos foi o renomado matemático e engenheiro Jurij Vega). Ainda que o ilustre construtor

355 Ibid., p. 29-30, 74. A própria Trieste, sem contar o seu próximo interior, registrou um crescimento ainda mais dramático, de 4 mil a 21 mil habitantes.

não tenha podido concluir o canal que tinha projetado, seu plano foi executado até o último detalhe sob a direção de Vincenc Struppi[356].

O surgimento da doutrina fisiocrática, baseada na ideia de que a riqueza derivava essencialmente da terra, estimulou a criação de sociedades agrícolas em certas províncias (na Caríntia, em 1764, na Estíria e em Gorizia em 1765, e na Carníola em 1767). Seus membros eram essencialmente funcionários e senhores inspirados pela nova política econômica do Estado. No entanto, a introdução de novos cultivos (milho, batatas e trevo), de práticas de utilização da terra (rodízio de cultivos; maior importância para os legumes) e de métodos de construção de fazendas ou de casas se estenderam por várias décadas, até depois do começo do século XIX[357]. Nos ramos não agrícolas, a principal inovação foi o rápido estabelecimento do carvão mineral como fonte de energia, reputado por ser o "sangue do dragão". Foi escavado em quase todo o território esloveno, do litoral até a Estíria[358]. O incremento da mineração de carvão foi testemunho do crescimento da atividade econômica, pois a indústria tradicional do ferro (que já experimentava as consequências do esgotamento dos depósitos de minério) permaneceu vinculada ao carvão de madeira.

A vida cotidiana da grande maioria da população era principalmente afetada pelas restrições acarretadas pelas obrigações de trabalho. O Estado introduziu reformas neste sistema com grande cautela, pois surtos de descontentamento no seio do campesinato ou entre os senhores feudais poderiam ter efeitos letais na estabilidade econômica da Monarquia Austríaca, predominantemente agrária[359]. Em 1778, as obrigações de trabalho

356 Albert Struna, *Nasi znameniti tehniki*. Liubliana: Zveza inzenirjev in technikov Slovenije, 1966, p. 42-45.

357 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 44-47.

358 Ibid., p. 60.

359 NT: A redação deste início de parágrafo no texto inglês é muito ambígua e só o contexto permite compreender o verdadeiro sentido da frase.

foram limitadas a três dias por semana na Estíria e na Caríntia, enquanto permaneceram um pouco mais longas na Carníola, mesmo após o regulamento de 1782[360]. O sistema de posse da terra (conhecido como *colonatio*) no Litoral permaneceu intocado embora sua abolição estivesse em estudo. O cadastro realizado entre 1748 e 1755 buscou eliminar várias anomalias em taxas e encargos antes acumulados e defini-los em relação à verdadeira capacidade econômica dos contribuintes.

Os projetos de estabilização das autoridades também envolviam a tentativa de reduzir ou abolir a instituição do arrendamento temporário e promover o arrendamento hereditário (arrendamento perpétuo), que dava aos servos muito mais segurança e limitava o despótico poder dos senhores feudais. Apesar de um ajuste de princípio da questão (em 1766 ou 1772 na Caríntia, e em outras regiões em 1788), em alguns lugares as velhas relações perduraram até a revolução de 1848[361].

O Estado também interferiu seriamente no ritmo de vida da população através de suas reformas da educação que, desde o início, afetou grandemente a Igreja Católica. A Igreja tinha monopolizado amplamente a educação desde o declínio do protestantismo até o tempo de Carlos VI, mas sob Maria Teresa a Monarquia Austríaca deu início a várias medidas que limitaram sistematicamente a influência de centros de poder estrangeiros no funcionamento da Igreja Católica dentro de suas fronteiras. Por este motivo, a parte pertencente aos Habsburgos do patriarcado de Aquileia, dissolvido em 1751, passou a ser subordinada à autoridade da recém-estabelecida arquidiocese de Gorizia; ela estava proibida de emitir ordens papais e epístolas pastorais sem a permissão da autoridade secular, ao passo que os sacerdotes podiam participar apenas de

360 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 360.

361 Ibid., p. 360-361.

seminários e universidades nacionais e não podiam mais enviar dinheiro para o exterior. Pela mesma razão o Estado não podia evitar assumir o controle sobre a educação. O processo tinha se iniciado no reinado de Carlos VI em reação ao sistema educacional ossificado, mas foi muito acelerado depois de 1740, e novos objetivos foram estabelecidos. O funcionamento do Estado dentro das novas circunstâncias exigia que as pessoas fossem capazes de acompanhar as iniciativas de modernização, conduzindo à conclusão de que cada um devia dominar um campo particular do conhecimento. A necessidade de preencher o crescente número postos administrativos e de intensificar as atividades econômicas tornaram o estabelecimento do novo sistema escolar inevitável. Para agravar a situação, as sérias disputas entre as coroas portuguesa, francesa e espanhola com os sucessores de Santo Inácio levaram o papa a suprimir a ordem dos jesuítas que, até então, tinha tido a maior influência sobre a educação dos súditos dos soberanos vienenses.

Em 1770, a Monarquia Austríaca declarou que as escolas eram *politicum*, uma questão para o Estado, fornecendo a base para maior intervenção dele na educação. A educação obrigatória foi introduzida no ocidente da Monarquia Austríaca em 1774. Para as terras da coroa húngara, i.e., para o território onde os eslovenos de Prekmurje viviam, a mesma medida foi adotada um pouco mais tarde, em 1777. Escolas-modelo de quatro séries foram introduzidas (como instituições preparatórias para os liceus) e escolas principais foram fundadas nas maiores cidades, enquanto escolas mais modestas (de uma classe) foram abertas em áreas rurais para crianças entre 6 e 12 anos[362]. Os professores deviam estar dotados de instrução pedagógica, mas no começo a prática estava atrás da teoria. Os objetivos de mais longo alcance da reforma teresiana do sistema educacional foram alcançados

362 Zdenko Cepic, *Zgodovina Slovencev*, p. 375-376.

gradualmente; na verdade, a educação obrigatória só começou a funcionar de forma apropriada por volta de 1900. No território esloveno, as maiores dificuldades com o comparecimento regular às escolas se verificavam no noroeste da Ístria e em Prekmurje, i.e, nas províncias que no fim do século XVIII não foram prioritárias na modernização educacional porque pertenciam à República de Veneza e à Hungria, respectivamente.

Embora as reformas teresianas ocasionalmente gerassem grande descontentamente no seio da nobreza, elas não encontravam oposição generalizada em lugar algum. Ainda que as medidas fossem introduzidas pelo Estado central, elas ainda assim atraíram fervorosos defensores ao longo do tempo em muitas partes diferentes da Monarquia Austríaca. Pessoas que se sentiam individualmente limitadas, do ponto de vista intelectual ou econômico, pelo sistema tradicional, tornaram-se ardentes partidários e mesmo agentes das medidas da corte vienense. No território esloveno, um típico representante de um estudioso favorável à reforma foi Blaz Kumerdej, que tinha estudado filosofia e direito em Viena (ao mesmo tempo em que ajudou seu compatriota Anton Jansa a escrever o famoso *Tratado sobre os Enxames de Abelhas*). Por sua própria iniciativa, em 1773, ele preparou e submeteu às autoridades *Um Plano Patriótico sobre Como Ensinar os Carniolanos a Escrever e Ler com o Maior Sucesso*. Ele expressou a opinião de que a língua eslovena devia ser usada nas escolas em primeiro lugar e só mais tarde o ensino de outras línguas, especialmente o alemão, deveria começar. Embora as autoridades vienenses não tenham seguido sua proposta, Kumerdej foi nomeado diretor da escola normal de Liubliana (Alem: Normalschule), que ele transformou na melhor instituição educacional de seu tipo na Monarquia Austríaca. Durante o reinado do imperador José II, ele ascendeu ainda mais e tornou-se o supervisor escolar distrital em Celje (1788-1792). De início, Kumerdej logrou que as autoridades

designassem ao esloveno, mais do que exclusivamente ao alemão (que se estava disseminando por toda a metade ocidental do Estado Habsburgo), certo papel no processo educacional. Mais tarde, contudo, seu entusiasmo contagiante em prol do ensino de seus simples compatriotas pôde sobrepujar muitas restrições burocráticas. Kumerdej, que pesquisava seu idioma materno de uma perspectiva científica (gramática, vocabulário), também se dedicou incansavelmente à tradução de manuais em esloveno. Suas opiniões eram também compartilhadas pelo conde Janez Nepomuk Jakob Edling, que desempenhou importante papel na introdução do esloveno nas escolas elementares (especialmente na Carníola)[363]. As iniciativas de alguns funcionários do Estado na prática modificaram significativamente a política ou as aspirações da corte vienense.

Kumerdej logrou combinar o fervor da reforma teresiana com a consciência da individualidade eslovena que estava crescendo firmemente face às pressões sistemáticas e cada vez mais fortes de germanização. A própria instabilidade do sistema tradicional deu mais proeminência às identidades individuais e comunitárias. Até o polímata Janez Ziga Valentin Popovic, nascido em Arclin perto de Celje, que primeiro seguiu uma vibrante carreira como cientista entre 1753 e 1766 antes de ocupar a nova Cátedra de Alemão na Universidade de Viena, na época dava grande ênfase à coesão e unidade linguística dos carniolanos e habitantes das províncias vizinhas, embora mais tarde ele tivesse sido ativo principalmente no exterior. Popovic acreditava que seus compatriotas e os eslavos do sul tinham sido vítimas da história e de sua posição geográfica, forçados a sacrificar seu próprio progresso para defender o mundo ocidental contra os conquistadores otomanos. O trabalho de Popovic mais tarde tornou-se uma importante inspiração para

363 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 368-370.

cientistas eslovenos e alemães que utilizaram para suas pesquisas os materiais e ideias encontrados tanto em papéis publicados quanto inéditos[364].

De ainda maior importância para o futuro, evidentemente, foram os trabalhos de escritores que, como Kumerdej, mantiveram contato diário com sua pátria. Notável por sua extensão e diversidade foi o trabalho literário do monge Marko Pohlin, da ordem dos agostinianos descalços, que publicou *Uma Gramática Carniolana* (*Kraynska grammatika*) em 1768. Ele acrescentou a sua gramática, escrita em alemão, um prefácio entusiasta no qual conclamava seus compatriotas a não se envergonharem de sua língua materna. Embora seu trabalho visasse apenas os carniolanos, o diligente Pohlin terminou por se converter ao conceito transprovincial ou pan-esloveno (provavelmente sob a influência de Popovic, com quem estava em contato após 1775 quando Popovic estava em Viena), que os críticos de suas concepções linguísticas frequentemente idiossincráticas (especialmente o jesuíta Ozbalt Gutsman na Caríntia) também apoiavam. Gutsman, na sua gramática eslovena, publicada pela primeira vez em Klagenfurt em 1777 (e reeditada mais cinco vezes depois), e em outros trabalhos, defendia com firmeza a unidade cultural de seus compatriotas separados entre diversas províncias[365].

As obras de Pohlin e Gutsman inspiraram trabalhos apaixonados de muitos outros autores. Além de obras religiosas, surgiram trabalhos em esloveno que tinham por objetivo melhorar a vida cotidiana das pessoas comuns com diversos tipos de conselhos. Da mesma forma, a literatura surgiu comprometida com os então modernos padrões estéticos do século XVIII. Em 1776, Pohlin publicou um "manual da vida", inspirado nos princípios

364 Ibid., p. 352-353.

365 Ibid., p. 353-361.

fisiocráticos, com o título de *Aos Camponeses para suas Necessidades e Ajuda* (*Kmetam za potrebo inu pomoc*) (conforme Zacharia Becker). Ele ao mesmo tempo traduziu as cartas literárias de Christian Fürchtegott Gellert. De forma característica, ele acrescentou um capítulo sobre métrica na segunda edição de sua gramática em 1783. Ao lado de Pohlin, de inclinações estéticas e algo conservador, em torno de quem escritores patrióticos mais jovens começaram a se unir, Fr. Janez Damascen Dev (editor de um almanaque de poesia *Uma Coletânea de Bela Literatura* (*Pisanice od lepeh umetnost*), entre 1779 e 1781). O almanaque incluía várias tendências estilísticas, do barroco (o texto de uma curta ópera) e rococó (epigramas e versos líricos) ao pré-romantismo (um poema sobre a famosa balada de Bürger, *Lenore*)[366]. A literatura eslovena que, com exceção da literatura popular, até então tinha sido predominantemente religiosa, assumiu assim uma dimensão secular. Dev e o círculo de Pohlin, ao qual pertencia Valentin Vodnik, o primeiro poeta e jornalista esloveno abertamente patriótico, foram cruciais na sintonia entre o que era então um desenvolvimento literário parcial e predominantemente religioso em um território entre os Alpes orientais e o Adriático e a evolução da "república dos espíritos" na Europa. O trabalho de transcrever para música um libreto para uma ópera curta, publicado na obra de Dev acima citada, empreendido em 1780 ou 1782 por Jakob Francisek Zupan, compositor baseado em Kamnik e Komenda, demonstrou que as mudanças tinham chegado à música e à literatura[367]. Antes de Dev, Jurij Japelj, que traduziu o libreto de Metastásio frequentemente encenado *Astaserse*, tinha buscado introduzir a língua eslovena no palco operístico. Este padre ambicioso tinha também traduzido trabalhos individuais de Alexander Pope, Jean Racine, Gellert e o "Platão

366 Veja: Janko Kos, *Primerjalna zgodovina slovenske literature*. Liubliana: Znanstveni institut Filozofske fakultete, Partizanska knjiga, 1987, p. 15-24.

367 Dragotin Cvetko, *Slovenska glasba v evropskem prostoru*, p. 182-184.

Germânico", Moisés Mendelssohn (de ascendência judaica), em sua língua materna. Ele mais tarde tornou-se o principal tradutor da primeira edição católica da Bíblia em esloveno (1784-1802) e morreu como bispo de Trieste nomeado, mas não investido[368].

As inclinações de José II pelo Iluminismo

A morte de Maria Teresa no fim de novembro de 1780 causou profunda e autêntica consternação entre os membros da nascente intelectualidade eslovena. Em honra da falecida imperatriz, talvez a única pessoa merecedora do título de "Grande" entre os Habsburgos, duas elegias de Dev e Vodnik foram publicadas na "*Coletânea de Literatura*" (*Pisanice*). Seu sucessor, José II, de início ganhou a reputação de continuador da política reformista de sua mãe. Ele conquistou sem dúvida grande popularidade como imperador que se esforçou para melhorar as condições de seus súditos (Dev o louvou como o "nosso Tito" já em 1779). Alguns apreciavam muito a orientação ideológica a favor do Iluminismo que visivelmente o distinguia de sua mãe. No início de abril de 1781, Anton Tomaz Linhart exclamou na recentemente restaurada *Academia operosorum* em Liubliana: "Temos liberdade de pensamento e José no trono!"[369].

Mas as reformas do novo soberano durante a década de 1780 cedo comprovaram ter um quadro de referência bem diferente de seus precursores teresianos, indo além da intensificação ou radicalização para introduzir novos objetivos. O pragmatismo cedia lugar a posições claramente ideológicas, uma vez que José II não escondia sua adesão aos princípios do Iluminismo. Em 1782, o imperador aboliu a servidão e, em 1789, o serviço laboral, através de regulamentos fiscais e de registro fundiário. Ele também acabou

368 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega slovstva I*, p. 371-372.

369 Alfonz Gspan, *Anton Tomaz Linhart. Zbrano delo*. Liubliana: DZS, 1950, p. 326.

com os deveres dos camponeses de pagar impostos em espécie. As medidas emancipatórias de José foram acompanhadas da elaboração de um novo registro de terras em substituição ao que vigorava no período teresiano (é claro que os novos métodos de medição da terra e contabilidade sob controle do Estado não foram recebidos entusiasticamente, pois dados mais precisos de modo geral levam a impostos mais elevados).

As reformas administrativas do imperador, que subordinaram o território de várias províncias a "Gubernias"[370], colocando a Estíria, Caríntia e Carníola sob a administração de Graz, o Litoral sob a de Trieste, e que aboliram os comitês das assembleias provinciais, diminuíram profundamente os poderes das elites tradicionais. O descontentamento se agravou quando o alemão foi declarado língua oficial de toda a Monarquia Austríaca em 1784; esta medida não podia contentar todos os funcionários do Estado nem os defensores da filosofia do Iluminismo. A centralização generalizada também afetou significativamente os centros menores. No período de José II, Liubliana perdeu temporariamente centros de ensino superior em filosofia e teologia (que haviam sobrevivido à eliminação dos colégios jesuítas)[371]. A capital carniolana também se tornou menos atraente para o empreendor Gabriel Gruber. Em 1785, ele discretamente se transferiu para a Rússia, onde os colégios jesuítas continuaram a funcionar sob os auspícios das mais altas autoridades.

O desejo do imperador de que toda a Monarquia Austríaca fosse administrada segundo princípios uniformes levou na prática à tentativa de criar uma espécie de "nação Habsgurgo" germanófona. Sua política, no entanto, logo se defrontou com

370 NT: Subdivisão governamental mais ampla, que passava a englobar diversas províncias.

371 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 97-98. Durante o reinado de José II, o único novo ramo de estudo introduzido em Liubliana foi a medicina; a filosofia foi restaurada em 1788, três anos após sua extinção.

obstáculos insuperáveis. Na Hungria, as tendências centralizadoras do imperador provocaram sentimentos de revolta, expressados no fracasso em saldar os encargos fiscais e na obstrução ao novo sistema de medição das terras; na Bélgica, o descontentamento chegou a escalar em uma aberta insurreição. Antes de sua morte o reformador revolucionário foi forçado a reconhecer que suas tentativas de transformar a Monarquia Habsburgo em um Estado unitário tinham fracassado. Em dezembro de 1789, José II prometeu abolir várias medidas que ele mesmo havia adotado. Na Hungria, onde ele não foi coroado monarca, pretendia mesmo restabelecer o sistema teresiano[372].



Figura 33. O dramaturgo, poeta e historiador Anton Tomaz Linhart. Ivo Svetina, Francka Slivnik, & Veren Stekar Vidic. Monografia em celebração do jubileu de 250 anos de nascimento de Linhart. Liubliana & Radovljica: Museu Esloveno do Teatro, Museu da comunidade de Radoviljica, 2005, capa. Imagem por Jurij Kocbek

No entanto, José provocou um clamor ainda maior na população ao intervir sistematicamente nos terrenos da religião e da Igreja. As primeiras restrições aos cultos a muitos santos não foram especialmente bem recebidas, uma vez que os festivais

372 Hans Magenschab, *Jozef II. Revolucionar po Bozji milosti*, trad. Vital Klabus. Maribor: zalozba Obzorja, 1984, p. 348-353.

religiosos eram uma forma de aliviar a árdua existência cotidiana dos servos. Outras intervenções do Estado nesta esfera provocaram forte indignação. Embora o Édito de Tolerância promulgado em 1781 não desafiasse na essência o papel de liderança do catolicismo, assim mesmo ele teve grande valor simbólico ao permitir ao Estado demonstrar sua autoridade suprema também nas questões religiosas, apesar de na prática ele só se ter provado valioso para as minorias religiosas – protestantes (no território esloveno em Prekmurje e na Caríntia) e judeus (Trieste, Gorizia e Prekmurje)[373]. Muitos católicos de formação tradicional desaprovavam esta política. O fechamento dos mosteiros das ordens contemplativas, que José considerava não desempenharem trabalhos úteis para a comunidade, atiçou mais descontentamento. Ao suprimir as ordens monásticas (especialmente a ordem cisterciana em Sticna e a ordem cartuxa em Zice e Bistra), o josefinismo inflingiu enorme dano cultural ao território esloveno – em algumas áreas este dano foi certamente mais devastador do que as consequências das políticas comunistas no século XX – pois muitos manuscritos e outros tesouros foram retirados da cultura que eles representavam. As propriedades dos mosteiros fechados começaram a se deteriorar em todos os sentidos: em muitos lugares isto levou ao declínio da qualidade da administração da terra.

Ao tempo da transformação global do império por José, a Igreja Católica como um todo podia se satisfazer apenas com uma delimitação mais razoável das fronteiras diocesanas, que foram redesenhadas para corresponder às unidades administrativas do Estado[374] (ainda que certos arcebispos que tinham perdido

373 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 87-88. Os cristãos ortodoxos que, como imigrantes, também viviam em Trieste, já tinham obtido a liberdade de culto no período teresiano.

374 A diocese de Lavant agora (até 1859) compreendia o território do antigo distrito de Völkermarkt (eslov.: Velikovec) no leste da Caríntia e a *kresija* de Celje no sul da Estíria; ao norte a diocese de Seckau se expandiu e foi sediada em Graz.

competência sobre alguns territórios compreensivelmente se tenham oposto a esta intervenção imperial), e com o estabelecimento de maior número de paróquias novas para habilitar os padres a ter contato regular com toda a sua congregação. Contudo, as novas paróquias foram criadas sob a premissa de que as futuras gerações de sacerdotes, instruídos em seminários gerais teológicos (um seminário para Estíria, Carníola e Caríntia foi estabelecido em Graz) seguiriam a política do Estado. Esperava-se que a Igreja se rendesse totalmente à vontade da corte vienense que, no auge do novo fervor reformista em 1784, decretou que os mortos deviam ser enterrados em sacos para não desperdiçar a preciosa madeira[375].

Somente alguns sacerdotes na Monarquia Austríaca apoiaram, por razões não oportunistas, o curso de ação de José, o mais destacado dentre eles tendo sido o bispo príncipe Karel Janez Herberstein. Esta foi uma das razões pelas quais sua diocese foi aumentada consideravelmente quando as fronteiras foram redesenhadas (ela abrangia quase toda a Carníola). Por algum tempo Liubliana chegou a ser uma sede metropolitana ou arquidiocese. No entanto, os frequentes reajustes das fronteiras eclesiásticas, as alterações de hierarquia e as mudanças de localização de sedes diocesanas individuais (especialmente no Litoral) punham à mostra a instabilidade da política eclesiástica de José: ela foi incapaz de convencer a maioria do clero e as vastas massas de fiéis leigos das suas boas intenções. A impopularidade das medidas eclesiásticas e religiosas do imperador foi rapidamente demonstrada pela entusiástica recepção que teve o papa Pio VI, que viajou em 1782 para Viena pelas províncias eslovenas para dissuadir José II de novos impulsos reformistas (em vão). As pessoas simples sob a influência de padres opostos ao imperador ou de monges banidos de seus mosteiros muitas vezes interpretavam as medidas das autoridades vienenses como um ataque óbvio à sua religião tradicional. Ainda

375 Hans Magenschab, *Jozef II*, p. 278.

que o próprio imperador não fosse ainda ele mesmo alvo de críticas abertas, os executores de sua vontade no campo eram vistos como "víboras" que atraíam o "castigo de Deus" contra eles. O "mundo esclarecido" que o imperador tentou criar nas esferas tanto religiosa como secular tornou-se sinônimo de desordem e vida árdua, pois os impostos se tornaram um peso crescentemente penoso. As pessoas simples não consideravam compreensível que todos devessem "conhecer a multiplicação tão bem como os Dez Mandamentos"[376].

José II, que morreu em 1790 durante a mal conduzida guerra Austro-Russa contra a Turquia e a rápida radicalização da Revolução Francesa, não fortaleceu o Estado com suas reformas; ao contrário, ele abalou totalmente suas bases. Como monarca pela graça de Deus, ele não considerou necessário levar os sentimentos de seus súditos em conta. Em vez disso, ele tentou, sem noção das fronteiras do possível, aplicar sua vontade, que considerava encarnar as mais nobres intenções do homem. Quando o descontentamento da população mostrou-se de importância considerável em uma conjuntura em que a política externa da Monarquia Austríaca entrava em colapso, com guerras desfavoráveis nos Balcãs (1788-1791) e rivalidade com a Prússia em torno da Baviera (1778-1779; 1785) ele percebeu que todos os seus projetos tinham fracassado. Seu irmão, Leopoldo II, foi obrigado a pôr fim à guerra com a Turquia o mais rapidamente possível e a quase qualquer preço a fim de se concentrar na consolidação do Estado e ao crescente problema que representava para a corte vienense a Revolução Francesa. O período de reformas foi concluído e as medidas mais radicais de José II foram abolidas. A insatisfação com as mudanças políticas fundamentais era motivada pelo temor de um retorno ao

376 A percepção das pessoas simples sobre as reformas de José foi registrada no poema anônimo *Pesem od tega rezsvetleniga sveta*, divulgado após a morte de José II. Muito provavelmente escrito por um padre, o poema se disseminou entre os camponeses no campo. Ver: Alfonz Gspan, *Cvetnik slovenskega umetnega pesnistva do srede XIX. stoletja*, v. 1. Liubliana: Slovenska matica, 1978, p. 324-327, 379-382.

mais rígido feudalismo e produziu uma escalada de levantamentos camponeses no território esloveno (especialmente no *kresije* de Celje e em Maribor), que foram prontamente reprimidos pelas autoridades[377].

Durante um curto período, até a morte de Leopoldo em março de 1792, a Monarquia Austríaca completou sua estabilização interna em bases que mantiveram intactas as conquistas do período teresiano. Algumas das medidas de José II também continuaram vigentes, embora avanços mais determinados de modernização houvessem causado instabilidade. Era impossível romper os limites da mentalidade e dos tempos contemporâneos. Acima de tudo, o josefinismo não tinha apenas revelado uma orientação para o futuro, mas também se mostrava preso ao absolutismo e não considerava a tolerância um princípio universal. Foi precisamente por isso que provocou descontentamento entre muitos que originalmente tinham sido a favor da reforma. Coalizões genuinamente antijosefinistas, integradas por membros que variavam entre autênticos conservadores e aristocratas locais até defensores moderados do Iluminismo, foram criadas em certas províncias em oposição às medidas da burocracia imperial. Os conservadores censuravam a virada cada vez mais radical das reformas em direção à modernização (especialmente no que se refere à religião), os nobres ficaram consternados com a perda de privilégios tradicionais e a redução de seu papel em províncias específicas, enquanto que os moderados pro-Iluminismo se opunham ao centralismo vienense. Eles encontraram um denominador comum no surgimento do espírito das nações que começou a se disseminar no contexto do pensamento filosófico do Iluminismo tardio e do pré-Romantismo que, de diferentes maneiras, acentuavam ambos a importância da naturalidade da vida encarnada nas pessoas simples.

377 Bogo Grafenauer, *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja*, p. 85.

Foram principalmente os círculos pró-modernização que fortaleceram sua posição no território esloveno durante o reinado de José: uma expressão singular disto foi a cobertura relativamente favorável das primeiras fases da Revolução Francesa na imprensa de Liubliana, e também o começo da expansão da Livre Maçonaria[378], com lojas em Liubliana, Klagenfurt, Trieste e Maribor. Todos eles gradualmente se tornaram muito críticos dos esforços reformistas da corte.

Esta tendência foi caracterizada por Anton Tomaz Linhart, um intelectual com ambições universalistas, que assistia às conferências do teórico iluminista Joseph von Sonnenfels, em Viena, e se tornou um admirador de Montesquieu[379], tentou combinar o espírito italiano com a cultura germânica em suas primeiras produções poéticas (até mesmo o laureado poeta da corte imperial, Pietro Metastásio, elogiou sua destreza eufórica e melodiosa em esloveno)[380], e tinha entusiasmo pela liberdade de pensamento e pelo esclarecido monarca em Viena. Ao retornar a Liubliana, ele se tornou o mais ativo membro da *Academia operosorum* (1781). No entanto, o contato com a realidade logo o "curou" de um entusiasmo exagerado pelos frutos do progresso josefinista. Embora ele tenha sido um bem-sucedido funcionário do Estado que dirigiu a criação de numerosas novas escolas na Carníola Superior (um número impressionante de 27 escolas entre 1786 e 1790), começou a apontar as tendências problemáticas daquele progresso em sua comédia ligeira *Micka, a Filha do Prefeito* (*Zupanova Micka*), estreada com sucesso em Liubliana em 1789, e na comédia *O Dia Feliz ou Maticek se Casa* (*Ta veseli dan ali Maticek se zeni*). Publicada em 1790, mas só encenada em 1848, a última

378 Peter Vodopivec, *Od Phlinove slovnice do samostojne drzave. Slovenska zgodovina od konca 18. stoletja do konca 20. stoletja*. Liubliana: Modrijan, 2006, p. 13.

379 Alfonz Gspan, *Anton Tomaz Linhart, Zbrano delo*, p. 278.

380 Alfonz Gspan, *Zgodovina slovenskega solovstva I*, p. 392.

peça foi uma das mais genuínas adaptações das *Bodas de Fígaro* de Beaumarchais[381].

Nas obras de Linhart, trapaceiros alemães que entram em contato com camponeses eslovenos e o uso do idioma alemão, tornado obrigatório pela burocracia, causam confusão e complicações, mas o bom senso afinal prevalece. Ambas as peças representam muito sugestivamente o imaginário e as ideias de patriotas iluministas; o autor escolheu a forma dramática porque as massas analfabetas do povo só podiam ter contato com a literatura de alto nível e suas ideias através do teatro (Liubliana abriu a moderna "casa de Thalia" em 1765)[382]. Além disso, entre 1788 e 1791, Linhart, que tinha também admirado Shakespeare em sua juventude, chegou a escrever uma tragédia alemã no estilo *Sturm und Drang*, *O Amor de Miss Jenny*, e publicou um estudo historiográfico exemplar para o seu tempo, *Um Ensaio da História da Carníola e de outras terras dos Eslavos do Sul da Áustria*. Embora ele tenha conseguido apenas conduzir um exame crítico do período até o reinado de Carlos Magno, o conceito transprovincial, que não mais levava em conta as fronteiras existentes das terras dos Habsburgo mas era concebido como uma descrição da vida das pessoas e de sua cultura material e espiritual, representou um enorme avanço na autopercepção dos eslovenos. O grande ensaio historiográfico de Linhart, escrito em alemão, foi logo reeditado em Nuremberg em 1796, o que comprova sua alta qualidade. Por um largo período no futuro nenhum estudo de qualidade comparável foi publicado sobre o território entre os Alpes orientais e o Adriático.

381 *Ta veseli dan ali Maticek se zeni* pode também ter sido influenciado pelo libreto de da Ponte para a ópera de Mozart *As Bodas de Fígaro*. Linhart desejava que sua peça tivesse três números musicais, compostos pelo compositor de Liubliana Janez Krstnik Novak. Novak intitulou sua obra, que era moldada tanto estilisticamente como em termos de expressividade no *Fígaro* de Mozart. Ver: Dragotin Cvetko, *Slovenska glasba v evropskem prostoru*, p. 221-224.

382 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 18.

De forma característica, após a morte de José II, Linhart preparou um memorando da assembleia provincial da Carníola para expressar ao novo soberano as opiniões da nobreza local. A redação deste documento não significava que ele tivesse renunciado a suas ideias iluministas bem radicais (em sua opinião, o bispo de Liubliana Herberstein era um "louco mitrado")[383], mas era apenas uma tentativa de alcançar um consenso dentro da coalizão anticentralista no solo esloveno. Ele considerava as assembleias provinciais um fator importante para opor resistência ao voluntarismo da administração imperial. Contudo, a nobreza logo se adaptou totalmente à política vienense. Mais produtiva para o futuro foi, sem dúvida, a noção de Linhart de que a estrutura nacional da monarquia Habsburgo a tornava um Estado predominantemente eslavo. Embora o conceito de austro-eslavismo, desenvolvido no século XIX por Jernej Kopitar, nunca tenha prevalecido, ele teve apesar disso um significado cultural importante. Foi graças a esta ideia que Viena tornou-se o mais importante centro de estudos eslavos, de que foi expoente ninguém mais que Franc Miklosic, compatriota de Linhart da Estíria. O significado puramente político do austro-eslavismo foi incomparavelmente menor.

As atividades de Anton Tomaz Linhart e de outros eslovenos ilustrados tornou-se possível de muitas formas graças ao apoio do patrono Ziga Zois, que combinava cosmopolitismo e patriotismo com tanto sucesso como seu apreço pelas disciplinas humanísticas e seu interesse em mineralogia, geologia, botânica e zoologia (ele não foi contudo um empreendedor muito bem-sucedido e não podia se orgulhar de êxitos brilhantes como os de seu pai Michelangelo). Zois era especialmente interessado nas ciências naturais, que se desenvolveram notavelmente no território esloveno no fim do século XVIII (Giovanni Antonio Scopolli, que trabalhava como

383 Anton Tomaz Linhart, *Zbrano delo*, p. 287.

médico em Idrija e se correspondia com Lineu, inventoriou a flora da Carníola; seu sucessor Baltasar Hacquet era renomado como o primeiro explorador dos Alpes Julianos)[384]. Zois, que era poeta ele próprio (ele traduziu o *Lenore* de Bürger em esloveno) e gradativamente acumulou uma volumosa biblioteca em seu palácio, pode já ter apoiado a *Pisanice* (Coleção da Bela Literatura) de Dev, mas como mentor ele sem dúvida dirigiu o curso da literatura eslovena depois de 1781. Seu salão era um local de reunião para os *illuminati* eslovenos, apesar de que algumas pessoas mais conservadoras também pudessem estar presentes. Jernej Kopitar, que depois veio a ser um eminente e influente eslavista vienense, deu seus primeiros passos no mundo da ciência precisamente no palácio de Zois, e no princípio do século XIX o círculo de Zois garantiu que Liubliana contasse com apresentações teatrais periódicas em esloveno[385] (entre os atores esteve Franc Pollini, parente de Zois e mais tarde benfeitor do compositor Vincenzo Bellini).



Figura 34. O mecenas e reformista barão Ziga Zois. Marija Kacin, "Ziga Zois na cultura italiana – Ziga Zois in italijanska kultura". Liubliana: Zalozba, ZRC, 2001, p. 6

384 Albert Struna, *Nasi znameniti tehniki*, p. 49-54, 177-180.

385 Dragotin Cvetko, *Slovenska glasba v evropskem prostoru*, p. 224.

Os *illuminati* de Liubliana foram orientados sobretudo para a ciência e a literatura, mas eles não se destacaram especialmente na filosofia. A este respeito, eles não podiam se comparar com o círculo, baseado em Klagenfurt, do barão Franz Paul Herbert, um discípulo de Kant. Não existiam oportunidades reais para a disseminação da filosofia do Iluminismo no território esloveno, uma vez que a educação superior em centros menores tinha sofrido golpes severos durante as reformas josefinistas. Alguns eslovenos, não obstante, se distinguiram individualmente como filósofos, entre os quais Franc Samuel Karpe, um admirador fervoroso de Leibniz e Wolff (mas um crítico de Kant) e professor nas universidades de Olomouc, Brno e Viena. Karpe concebeu uma "filosofia sem sobrenomes"[386]. Como o destacado matemático esloveno Jurij Vega, cujas tabelas de logarítmos de 7 e 10 casas fizeram sua reputação entre os contemporâneos e nas gerações futuras e lhe asseguraram participação em várias academias de ciências europeias[387], Karpe não tinha antes tido oportunidade de desenvolver livremente seu talento em sua pátria.

386 Fran Jerman, *Slovenska modroslovna pamet*. Liubliana: Presernova druzba, 1987, p. 40-46.

387 Albert Struna, *Nasi znameniti tehniki*, p. 214-219.

CAPÍTULO 5

MODERNIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO NACIONAL

Domínio francês

Em 1792, oito anos antes do fim do século XVIII, a coroa Habsburgo foi assumida por Francisco II, imperador inexperiente e conservador. O imperador adotou medidas estritas de censura e de pressão política e sua perseguição aos defensores do Iluminismo e simpatizantes das ideias revolucionárias francesas tolheu o ímpeto reformista na Monarquia Habsburgo, mas não paralisou completamente os adeptos dos novos movimentos ideológicos, que continuaram a se encontrar em sociedades secretas e lojas maçônicas. Um oficial do regimento da fronteira, o barão Siegfried von Taufferer, não só esposava as ideias da Revolução Francesa mas também tentou introduzir mudanças na monarquia. Ele estabeleceu contato direto com o governo revolucionário em Paris e organizou companhias de voluntários de prisioneiros de guerra austríacos para lutar pelos franceses, cuja assistência e experiência revolucionária ele considerava instrumentais para substituir o sistema absolutista por um governo formado sobre os princípios da Revolução Francesa. Ele também forjou um plano para a secessão das províncias eslovenas e croatas e sua incorporação ao

Império Francês. Em 1795, ele foi capturado pelos austríacos e executado em Viena.

No entanto, o território esloveno experimentou a influência francesa não só ideologicamente e espiritualmente, mas também diretamente. Em 1797, as tropas francesas mordiam os calcanhares dos austríacos que fugiam, após a derrota, através do norte da Itália e ao longo do rio Soca em direção à Caríntia. Gorizia foi a primeira a ser conquistada em 20 de março, depois que o exército francês tinha atravessado o rio Soca, logo seguida, dentro dos três dias seguintes por Trieste e Idrija (Ital: Idria) "onde o equivalente a dois milhões de francos em mercúrio e sulfeto de mercúrio caiu em suas mãos como um troféu. Além disso, os habitantes de Idrija, tanto com os das outras cidades, foram obrigados a fornecer aos soldados franceses pão, fermento, ovos, toucinho, carne defumada, roupa e calçados"[388]. Depois foi a vez de Postojna, de onde os habitantes fugiram temendo por suas vidas, assim não foi "surpresa que a visão das tropas austríacas se retirando subjugadas através do rio Sava também suscitou um sentimento de terror nos habitantes de Liubliana, que se apavoravam diante dos infames subversivos e jacobinos"[389]. O comandante francês, general Jean-Baptiste Bernadotte se dirigiu ao povo de Liubliana com proclamações, inclusive uma em esloveno, assegurando-lhes que os franceses honrariam os modos e costumes de todos e de que não havia necessidade de temor seja pela castidade ou pela preservação de sua religião. Acrescentou que qualquer soldado francês culpado de saqueio seria condenado à morte.

Depois de dois meses de ocupação francesa, período em que Liubliana também recebeu uma visita de Napoleão, os franceses se retiraram do território esloveno. Pelo Tratado de Campo Formio,

388 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*. Celje: Mohorjeva druzba, 1993, p. 19.

389 Ibid., p. 19.

no outono de 1797, a Áustria obteve Veneza e os territórios a leste do rio Adige como compensação pela perda de seus territórios no norte da Itália. Como a Áustria também recebeu a parte de Veneza habitada por eslovenos[390], o território étnico esloveno foi por curto período unido sob a mesma coroa. Oito anos mais tarde, em 1805, outra guerra culminou em uma vitória francesa, obrigando a Áustria a ceder todos os territórios adquiridos sob a anterior trégua. O governo austríaco instruiu a população a se manter calma diante dos franceses. Contudo, a lembrança da segunda ocupação francesa, que durou dois meses, foi ainda mais amarga, pois desta vez os franceses não só tomaram todas as propriedades do Estado austríaco, mas também empobreceram a população com suas exigências para equipar as tropas e seus exorbitantes impostos.

Com base na experiência de outros estados europeus com o exército de Napoleão, até o soberano austríaco afinal se compenetrou que as caras tropas mercenárias não garantiriam sozinhas uma defesa eficaz e que contingentes armados adicionais teriam que ser convocados. Por iniciativa do arquiduque João, o imperador emitiu uma convocação em 9 de junho de 1808, dando ordens para que todas as províncias austríacas estabelecessem uma Guarda Nacional com homens entre 45 e 60 anos que fossem capazes de portar armas e que não estivessem servindo no exército regular. Intensos preparativos foram iniciados para uma nova batalha contra Napoleão. As autoridades buscaram incitar a população com propaganda antifrancesa e poetas da Guarda Nacional promoveram o patriotismo austríaco. Não obstante, o exército francês entrou no território esloveno em maio de 1809 pela terceira vez e suas medidas se mostraram ainda mais severas, combinadas com requisições, impostos e contribuições de guerra

390 Uma região montanhosa na parte nordeste da província de Friuli (Itália), que faz fronteira com a planície friuliana e se estende em direção ao mar Adriático, situada no interior da cidade de Cividale. A região de língua eslovena foi historicamente chamada de Eslavônia e, mais tarde, de Slavia Veneta (Eslov: Beneska Slovenija).

ainda mais exorbitantes, enquanto que o ônus dos suprimentos do exército, novamente, recaiu sobre as províncias. Diante dessas circunstâncias, o descontentamento da população ensejou levantamentos populares que eclodiram em outubro na Carníola Baixa e Interior e em vários choques entre o exército francês e a Guarda Nacional. Esta última formalmente deveria ter deixado de existir imediatamente depois da chegada de Napoleão, que a tinha dissolvido, presumivelmente para evitar que o imperador da Áustria chegasse até mesmo a armar mulheres contra ele[391]. Estes acontecimentos tumultuosos naturalmente contribuíram para aumentar a pressão francesa.

A situação finalmente se acalmou depois da derrota austríaca em Wagram, que foi seguida pelo Tratado de Schönbrunn (perto de Viena). De acordo com este tratado, a Áustria cedeu à França os territórios da Caríntia ocidental, Carníola e o Litoral com Gorizia, Trieste e a Ístria austríaca, assim como as províncias croatas ao sul do Sava. Napoleão estabeleceu neste território as Províncias Ilírias mediante um decreto especial de 4 de outubro de 1809, que ainda incluía a Ístria veneziana, a Dalmácia e Boka Kotorska. O Tirol oriental foi incorporado um ano mais tarde. O rio Soca representava, de sua nascente a seu estuário, a fronteira ocidental, "natural"[392] das Províncias Ilírias com o reino italiano de Napoleão; a fronteira com, o Império Austríaco coincidia com o do distrito de Klagenfurt a leste e a fronteira provincial entre a Carníola e a Estíria ao norte. Liubliana era a capital das Províncias Ilírias. O território, que abrangia 55 mil km² de área e 1,5 milhões de habitantes nunca foi unificado nacionalmente, politicamente ou economicamente. As Províncias Ilírias foram criadas essencialmente por razões econômicas e militares, ou seja, para impedir a Áustria de ter uma

391 Ibid., p. 52.

392 Janez Sumrada, "Poglavitne poteze napoleonske politique v Ilirskih provincah", *Zgodovinski casopis*, nº 1-2, 2007, p. 76.

saída para o mar e negar à Grã-Bretanha acesso a todos os portos europeus. Ao mesmo tempo seu território era uma ligação vital da França com o oriente.

A ruptura dos fluxos econômicos tradicionais entre a parte central da monarquia Habsburgo e o Adriático, que tinham sido a força motriz do rápido desenvolvimento econômico das terras hereditária austríacas desde que Trieste e Rijeka tinham sido proclamadas portos livres, mergulharam as Províncias Ilírias em uma grande crise econômica. A população rural se viu desprovida de fontes adicionais de renda (transporte de carroças, navegação costeira, artefatos rurais) e as áreas urbanas enfrentavam igualmente perspectivas sombrias. Segundo o direito internacional, as Províncias Ilírias faziam parte do Império Francês, e tinham certa características específicas que diferiam de outros ganhos territoriais de Napoleão. Contudo, apesar de seu território estar sob a bandeira francesa e o brasão de armas imperial, e em grande medida sujeitos à legislação francesa, seus habitantes eram cidadãos ilírios. Os órgãos provinciais, cujas sedes ostentavam, em alguns casos, nomes em francês, e em outros, nomes ilírios, eram responsáveis perante os ministérios em Paris. A organização administrativa das Províncias Ilírias não seguia o modelo dos departamentos franceses. Em vez disso, ela constava de províncias, que eram subdividas em unidades administrativas (distritos, cantões e comunidades) e eram dirigidas pelo governador, na maioria dos casos um militar poderoso. A língua oficial era o francês, na qual o *Télégraphe Officiel*, a gazeta oficial, era publicado. O alemão e o italiano eram línguas auxiliares, enquanto que o esloveno não conseguia penetrar os escritórios públicos devido a deficiências em terminologia jurídica e administrativa e a um serviço civil pouco desenvolvido. A época francesa introduziu mudanças importantes na administração e na legislação. Seu moderno sistema administrativo baseado em comunas foi guardado na memória, como a *mairie* (prefeitura) com

um prefeito nomeado. Este período viu a introdução da igualdade perante a lei, do serviço militar universal para todos os cidadãos, do casamento civil, de um sistema mais eficiente e equitativo de tributação e a extinção dos privilégios tributários. A administração judicial foi posta sob o controle do Estado, as cortes corporativas e patrimoniais foram extintas e os poderes senhoriais desprovidos de competências judiciais.

Em seu esforço para modernizar o sistema escolar, a administração francesa introduziu numerosas reformas que eliminaram a supervisão da igreja. Estas reformas foram introduzidas em 1810 pelo marechal Marmont, o primeiro governador-geral das Províncias Ilírias e ex-governador da Dalmácia. O sistema escolar austríaco, que era composto de três categorias de escolas elementares, foi substituído por um sistema uniforme de quatro anos de educação básica. A rede de escolas básicas foi expandida e escolas de nível superior (liceus) foram fundadas em Trieste, Gorizia e Koper. Liubliana também abriu uma escola de comércio. A escola central, igualmente estabelecida em Liubliana, foi intitulada academia em 1810 e tornou-se a primeira universidade em território esloveno. Consistia de cinco departamentos: teologia (que atraia a maioria dos estudantes), filosofia, direito, medicina e inicialmente também engenharia. O número de estudantes variava entre 200 e 300. Os cursos eram ministrados em francês, italiano e latim. Como indicado por Peter Vodopivec, Liubliana tornou-se um centro educacional importante abrigando mais de mil alunos[393].

393 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 27.



Figura 35. Memorial da Ilíria de Napoleão, praça da Revolução Francesa, Liubliana. Biblioteca da Universidade Nacional, cortesia Seção de Coleções Cartográficas e de Imagens

Os custos de manutenção do sistema educacional eram arcados apenas pelas Províncias, enquanto as escolas de nível mais elementar estavam sob a administração financeira das comunas. Como muitas estavam incapacitadas para cumprir este encargo, muitas escolas foram fechadas; em alguns locais seu número chegou a diminuir em comparação com o tempo dos austríacos. Como autoridade sobre a situação nacional e linguística nas Províncias, o governador-geral Marmont tencionava usar o vernáculo "ilírio" nas escolas. Esta ideia foi recebida com simpatia por vários adeptos eslovenos do movimento iluminista, porque dava uma oportunidade para que o esloveno encontrasse lugar nos textos escolares. Os livros textos das escolas primárias e elementares, ainda que em número muito reduzido, foram escritas pelo professor e poeta esloveno Valentin Vodnik, e o esloveno tornou-se um idioma de instrução. Na opinião dos funcionários franceses, inclusive o experiente Marmont, o ilírio era uma

língua comum eslava. Contudo, as incessantes demonstrações apresentadas pelos linguistas Jernej Kopitar e Valentin Vodnik de que a população das Províncias falavam duas línguas distintas afinal os convenceram. Durante este período, Kopitar e Vodnik também adotaram a ideia de unidade da língua eslovena e uma denominação nacional comum, "eslovenos".

Do ponto de vista econômico, as Províncias Ilírias fecharam as vias tradicionais de transporte e comércio. O bloqueio alfandegário teve um impacto adverso no desenvolvimento dos portos em Trieste e Ístria. Os franceses projetaram construir uma conexão viária leste-oeste, mas não chegaram a completá-la. Todos os recursos financeiros, quer destinados para estradas, para o exército ou a administração deviam ser coletados das Províncias, por meio de tributação direta de sua população. O sistema francês de tributação tornou-se amplamente conhecido como "fronki" e deixou lembranças desfavoráveis por muito tempo e despertou indignação. Da mesma forma, as medidas francesas exasperaram os camponeses que não esperaram para sentir os efeitos desejados da igualdade civil perante a lei uma vez que tinham sido emancipados da servidão e viram abolidas suas obrigações de serviço pessoal e de sujeição. Além disso, ao contrário do esperado, os franceses não abandonaram o feudalismo. A condição dos camponeses ilírios não era igual à dos camponeses franceses. Os senhores proprietários da terra cultivada pelos camponeses podiam recuperar dívidas através da imposição de taxas e várias formas de serviços. O descontentamento no campesinato degenerou em rebeliões, ao passo que as deficientes condições materiais de vastos segmentos da população também se refletiram no crescimento do banditismo e da emigração.

As Províncias Ilírias encontraram simpatizantes e adeptos entre os eslovenos partidários do Iluminismo especialmente. O nome ilírio das Províncias recém-estabelecidas os enchia de

grandes esperanças em relação ao desenvolvimento nacional e linguístico, ainda que a introdução do nome por Napoleão tivesse sido inspirada pelo seu encantamento narcisista com o heroico passado antigo mais do que por qualquer percepção sobre a origem étnica das províncias ocupadas. No entanto, os eslovenos, como todos os demais eslavos balcânicos, reconheceram no nome as origens ilírias pré-romanas dos eslavos, inclusive dos eslavos do sul e da população de língua ilíria da Dalmácia e da Bósnia. De especial interesse foi a atitude dos três fundadores do iluminismo esloveno em relação aos franceses: o rico barão carniolano Ziga Zois, Valentin Vodnik e Jernej Kopitar[394]. Ziga Zois foi leal aos franceses, mas reservado e nostálgico sobre os velhos tempos austríacos. Kopitar "esperou" pelos franceses em Viena, insistindo com Zois para que conseguisse que os novos senhores patrocinassem uma tradução de sua gramática, mas quando lhe ofereceram uma posição na Biblioteca Imperial de Viena ele se desinteressou completamente de cooperar com a administração ilíria. Valentin Vodnik teve inicialmente uma disposição muito desfavorável em relação às autoridades francesas. No entanto, a introdução da língua "local" tanto como matéria de ensino como língua de instrução no novo sistema escolar permitiu-lhe publicar sua gramática eslovena para as escolas elementares, *Alfabetização ou uma Gramática para as Escolas Elementares* (*Pismenost ali gramatika za prve sole*), e sua repugnância gradativamente virou aceitação. Além disso, sua ode *Ilíria Revivida* (*Ilrija ozivljena*) tornou-o um arauto da ideia de Napoleão de uma ressurreição da antiga Ilíria eslava, mas que angariou muito poucos adeptos entre os iluministas eslovenos. No seu documento *Nota über die Pismenost ali gramatika* (1811), para o qual Janez Sumrada chamou especial atenção (não está claro se foi submetido à administração ilíria ou não), Vodnik expressou sem

394 Veja Sumrada, "Poglavitne poteze", p. 81-83.

ambiguidades suas opiniões linguísticas, políticas e culturais[395]. Na sua opinião, o esloveno e o croata cakaviano[396] eram dois dialetos da mesma língua ilíria e deveriam ter suas próprias gramáticas (o que já havia sido feito) e dicionários. Uma vez alcançadas estas "condições", uma língua literária comum seria artificialmente criada, introduzida nas escolas e usada como língua de comunicação por intelectuais, enquanto o povo continuaria a usar a mesma língua que antes. O ilírio se tornaria assim a língua administrativa e cultural da Ilíria. No entanto, depois que o primeiro governador-geral, Marmont, deixou sua posição, a administração ilíria rejeitou esta política, em parte por causa da crise econômica mas sobretudo em virtude da forte aversão da administração por tais planos.

Os sentimentos antifranceses começaram a se propagar no seio da população, disseminando-se a partir do campesinato descontente, dos comerciantes amargurados pela abolição das corporações, e dos cidadãos estropiados pelos impostos, até o clero, que perdera sua autoridade sobre o sistema escolar. A divisão de poder entre o Estado e a Igreja, a proclamação da igualdade religiosa e a transferência das responsabilidades pelo registro de nascimentos, matrimônios e mortes para a administração civil causaram muita desconfiança em uma vasta porção do clero e em seguida no seio da população católica eslovena. Além disso, o retorno dos judeus à Carníola e Caríntia tampouco angariou

395 Ibid., p. 82.

396 Juntamente com o stokaviano e o kajkaviano, o cakaviano representa um dos três principais dialetos da língua croata. O dialeto cakaviano forneceu a base para a primeira língua croata falada em público. Hoje em dia, o cakaviano é falado por cerca de 12% dos croatas no nordeste do Adriático (Ístria, Kvarner, ilhas adriáticas situadas ao norte da península Peljesac), assim como em parte da área de Lika, Gacka e Gorski Kotar. O nome do dialeto vem do pronome interrogativo *o que* (*ca*). O dialeto stokaviano também formou a base para as línguas padrão dos sérvios, bósnios e montenegrinos. Este nome também deriva do pronome interrogativo *o que* (*sto* ou *sta*). O dialeto se divide de acordo com dois princípios em novo e antigo dialetos stokavianos, e conforme as mudanças no velho fonema eslavo *ja*. O dialeto kajkaviano compreende as partes noroeste e central do território de idioma croata; é falado por cerca de 1/3 dos croatas e como os outros dois dialetos, seu nome deriva do pronome interrogativo *o que* (*kaj*).

muita simpatia para os novos dirigentes, com exceção de um número insignificante de intelectuais, funcionários e comerciantes prósperos. Por outro lado, durante a era francesa foram criadas muitas lojas maçônicas, a loja de Liubliana, que tinha menos de 50 membros, e somente 15 deles eram habitantes locais, operou em 1812-1813. Os eslovenos da região eslovena de Veneza foram vítimas de profundo desprezo dos franceses por suas tradições nativas. Eles não só eliminaram o sistema judicial autônomo que lhes tinha sido outorgado como guardiães da fronteira com a República Veneziana, mas também destruíram todos os símbolos visíveis de sua cultura única (mesas, árvores)[397]. Estas medidas não foram abolidas mesmo depois que os franceses tinham finalmente se retirado do território esloveno.

Dada a curta duração do domínio francês e talvez a possibilidade de que Napoleão não tivesse considerado as Províncias como um território a ser incorporado permanentemente mas esperasse pela primeira oportunidade viável para trocá-las por outros territórios, muitas medidas francesas não tiveram os efeitos esperados ou desejados[398]. Não obstante, a elevação do esloveno com língua de ensino foi uma fase muito importante no desenvolvimento e conscientização do movimento nacional esloveno.

As Províncias Ilírias deixaram de existir no outono de 1813, depois que Napoleão sofreu uma derrota esmagadora na guerra com a Rússia. As tropas austríacas começaram a regressar ao território das antigas Províncias Ilírias. Depois de 25 anos de guerra, o Congresso de Viena (1814-1815) não só restaurou o domínio

397 Mesas de pedra debaixo de árvores de tília eram um lugar de reunião para os chefes das aldeias. Compondo um chamado banco (comunidade de aldeias), tais assembleias se reuníam para debater e julgar questões de interesse comum. Os chefes de aldeia eram eleitos pelos membros da comunidade da aldeia e um prefeito-mor era nomeado pelo banco. De acordo com Sergij Vilfan – em *Pravna zgodoniva Slovencev*. Liubliana: Slovenska matica, 1961, p. 333 –, esta era uma antiga tradição eslovena que perdurou até o século XIX.

398 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 25.

austríaco sobre as Províncias Ilírias e outros territórios, mas também buscou trazer uma paz duradoura à Europa. As Províncias Ilírias continuaram a existir nominalmente dentro de uma nova unidade, o Reino da Ilíria (1816), embora ela só abrangesse a Carníola, a Caríntia e Gorizia, Trieste com seu interior próximo, Gradisca, Cividale del Friuli e seus arredores, e a Ístria, bem como (até 1822) Rijeka e a Croácia Civil, ao sul do rio Sava. Administrativamente, o reino não tinha substância, sendo dividido nas "gubernias"[399] de Trieste e Liubliana, que estavam sob a direta autoridade do governo central em Viena. Assim Liubliana também reteve controle sobre o território completo e não dividido da Caríntia até 1848. A Estíria, que inicialmente ficara fora das fronteiras das Províncias Ilírias, também permaneceu fora das fronteiras do Reino da Ilíria e dependia da "gubernia" de Graz, o que em grande parte contribuiu para sua posição e posterior desenvolvimento. O arquiduque João, irmão do imperador Francisco, viveu em Graz a partir de 1809 e desde então supervisionou o progresso econômico e cultural da Estíria, estendendo sua influência também pelo território esloveno como um todo[400]. As províncias e suas assembleias não dispunham de qualquer autoridade. Por muito tempo o nome de Reino da Ilíria se referiu ao Litoral, que era conhecido como o Litoral austro-ilírio. No fim do século XIX, o nome ilírio também estava presente na designação da cidade de Ilirska Bistrica.

Embora a corte imperial austríaca fosse avessa a toda mudança mais importante, ela manteve um certo número de medidas da época napoleônica depois que a Áustria retomou as Províncias. As corporações continuaram abolidas, assim como a justiça patrimonial e o direito dos senhores de recolher impostos.

399 NT: Termo que designa importante subdivisão administrativa existente na época em países da Europa Central e Oriental.

400 Stane Granda, "Predmarcno obdobje". In: *Slovenska kronika XIX. stoletja*, ed. Janez Cvirn. Liubliana: Nova revija, 2001, p. 115.

O Código Civil austríaco, adotado em 1811, cuja base iluminista-racionalista o tornava um dos mais avançados códigos civis de seu tempo[401], foi introduzido nas Províncias. As fronteiras administrativas francesas se mantiveram, assim como os condados, agora chamados de municípios principais. A administração dos condados voltou a caber às chamadas autoridades delegadas, que deviam ter as qualificações apropriadas. De vez que, por razões de custo, estas questões passaram gradativamente à jurisdição dos comissariados locais, esta transição também significou o começo da nacionalização gradual da administração pública. As autoridades austríacas, reconhecendo que a crescente redução das obrigações devidas pelos camponeses aos seus senhores podia constituir um perigo potencial ao sistema feudal da monarquia, advertiu o campesinato a continuar seus pagamentos dos impostos e serviços laborais previstos no *urbarium*[402] e, sobretudo pagar quaisquer dívidas vencidas a seus senhores. Por outro lado porém, as obrigações devidas pelos camponeses em termos de impostos ao Estado também reduziram suas obrigações em relação aos seus senhores a um 1/5 do valor antes devido. O sistema educacional foi restaurado à sua prévia condição: as escolas de humanidades e a Academia de Liubliana foram fechadas e as anteriores escolas primárias e liceus austríacos voltaram a funcionar, com o ensino ministrado conforme a legislação escolar austríaca. A organização da Igreja também voltou ao estado anterior (os franceses haviam abolido a diocese de Kper em 1810). Uma unidade ilíria foi estabelecida em 1830, quando o arcebispo de Gorizia se tornou metropolitano da Ilíria, com autoridade sobre as dioceses de Trieste, Koper e Liubliana. Esta província eclesiástica continuou a existir até a Primeira Guerra Mundial. O Reino da Ilíria tinha seu

401 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 30.

402 NT: O *urbarium* era o documento onde constavam os dados relativos aos impostos e serviços devidos pelos camponeses, assim como outras informações relevantes sobre a terra que cultivavam.

próprio brasão de armas (um navio) e seu nome continuou parte do título imperial. As mudanças na legislação civil e criminal voltaram a atribuir ao clero a responsabilidade pelo registro de nascimentos, matrimônios e mortes e a realização de cerimônias de casamento. Os casamentos civis contraídos no período napoleônico foram submetidos a reconhecimento do clero.

O período pré-março, ausência de liberdade

A era "pré-março"[403] (1815-1848), também conhecida como a idade de Metternich, em virtude do papel do chanceler austríaco Clemens Metternich, parece ter sido um período de paz. As principais preocupações de Metternich era a continuidade e consolidação da Áustria e a permanente legitimidade dos soberanos, o que ele promoveu através da Santa Aliança, uma coalizão criada em 1815 pelo czar da Rússia, Alexandre I, o imperador da Prússia, Guilherme III, o imperador da Áustria, Francisco I. Esta coalizão logo tornou-se símbolo de reação, controle policial, censura estrita e perseguição fanática às ideias progressistas. O Estado via como ameaça qualquer rebelião ou movimento revolucionário na Europa. Embora este período tenha sido caracterizado pelo absolutismo das chancelarias, esta designação foi um desserviço para o regime, especialmente à luz do seu intenso envolvimento internacional. Pois os assuntos internos da Áustria também eram profundamente influenciados pelos círculos da corte imperial, cujo poder aumentou ainda mais depois que o imperador Ferdinando (1835-1848) ascendeu ao trono[404].

Embora as autoridades vienenses só admitissem mudanças profundas e radicais com muita relutância, já não era possível evitá-las de todo. A Revolução Industrial e o início da era industrial

403 NT: Faz-se aqui referência à revolução de março de 1848.

404 Stane Granda, "Predmarcno obdobje", p. 113.

moderna, que trouxe o advento das ferrovias, dos motores a vapor, e das fábricas movidas a vapor, assim como a supremacia da Inglaterra na economia e no comércio, afinal provocou o Império Austríaco a também agir. O mais poderoso precursor dos tempos modernos foi a ferrovia, que entrou no território esloveno com a linha Viena-Trieste da Ferrovia Meridional. A partir de então, o desenvolvimento econômico passou a ser medido em termos da extensão em quilômetros das ferrovias e da potência total dos motores a vapor[405]. Trieste foi uma das cidades eslovenas mais avançadas na incorporação das vantagens da "estrada de ferro", embora a construção e operação das ferrovias também tenha dado novo ímpeto ao desenvolvimento econômico de outras localidades eslovenas. Não obstante, os efeitos da Revolução Industrial não eram sempre positivos, pois várias atividades como o transporte por carroças e a navegação pelo rio Sava tiveram seus lucros consideravelmente reduzidos ou chegaram até à completa estagnação.

As indústrias demoraram muito a adotar as inovações. O primeiro motor a vapor começou a funcionar na refinaria de açúcar de Liubliana em 1835 e o número de estabelecimentos manufatureiros mecanizados cresceu muito gradualmente. A indústria do ferro era o setor mais importante depois da agricultura. O minério de ferro vinha dos Alpes Cárnicos, dos planaltos de Pkljuka e Jelovica. A região de Suha krajina, e dos depósitos em torno de Novo Mesto. O minério era trabalhado em pequenas metalurgias de ferro, fundições e forjas, onde a produção era ainda baseada em métodos tradicionais, com uso de carvão de madeira. As empresas de produção de ferro que tinham incorporado unidades menores estavam nas mãos dos senhores – as famílias Zois, Ruard e Auersperg na Carníola, e os Eggers na Caríntia eslovena. Algumas companhias, porém, modernizaram

405 Ibid., p. 115.

mais rapidamente suas instalações de processamento e produção: com maior destaque, na era antes de março, a siderúrgica de Prevalje, pertencente aos irmãos Rosthorn (imigrantes ingleses), primeira fábrica na monarquia a se especializar na produção de trilhos para ferrovias. Outros setores não agrícolas, também, eram fonte importante de renda, por exemplo a mina de mercúrio de Idrija, que, apesar de produzir menos do que nas últimas décadas do século XVIII, empregava mais de 500 mineiros. A produção de chumbo e a extração de carvão mineral também cresceram.

A maior expansão no setor manufatureiro ocorreu na indústria têxtil, que foi exatamente onde o progresso técnico e o aparecimento de modernas fábricas mecanizadas movidas a vapor avançaram mais, e as modernas tecelagens de algodão (em Ajdovscina, Liubliana e Prebold) gradualmente substituíram a produção doméstica e manual de algodão. A indústria de tecidos na Alta Carníola, a indústria de linho em Skofja Loka e a indústria da seda em Gorizia sofreram os mais pesados golpes devido a estas mudanças e sobreviveram apenas em algumas cidades do campo. As indústrias de vidro, papel e açúcar passaram por modernização progressiva, enquanto o processamento da cana de açúcar e a fabricação de calçados seguiram adiante. Apesar destes avanços, o desenvolvimento de todo o setor não agrícola continuou primitivo e pré-industrial, contribuindo para que as províncias eslovenas permanecessem atrasadas em relação às partes mais desenvolvidas da monarquia. Uma destas províncias foi a Estíria, que devia grandemente esta posição única graças ao vivo interesse de seu ilustre residente, o esclarecido irmão do imperador, o arquiduque João. Foi sua a iniciativa de estabelecer em Graz, em 1837, a Associação para o Apoio e Promoção da Indústria e do Artesanato na Áustria Interior, com duas filiais em Liubliana e Klagenfurt. Na firme crença de que o conhecimento e a vontade eram as forças motoras centrais do progresso econômico, a associação adotou

como sua principal tarefa disseminar informações sobre inovações técnicas e industriais e encorajar o espírito empreendedor. A ideia de promover o conhecimento despertou muito entusiasmo, mas apenas no limitado número de seus membros, o que incluía senhores empresários, proprietários de fundições de ferro, administradores de propriedades senhoriais, artesãos prósperos e altos funcionários. A associação também encontrou adeptos na Carníola e na Caríntia, embora estes não tenham tido mais sucesso em realizar suas ambições e aspirações de modernização do que seus colegas na Estíria.

A agricultura passou por transformações importantes nesse período, com a introdução gradual dos princípios e métodos de produção fisiocráticos, como os rodízios de três ou quatro anos nas culturas, sem períodos de interrupção de cultivo; a produção de batatas ou "pão dos pobres", de milho e de culturas forrageiras aumentou. Devido à disponibilidade de trevo em maior quantidade além de outras forragens, o gado que antes pastava em liberdade foi transferido para estábulos. A modernização na produção de frutas e plantas industriais foi vagarosa, mas houve atenção crescente com a silvicultura. Novos cultivos, especialmente batatas e milho, requeriam maior número de trabalhadores nas fazendas, por serem mais exigentes do que o trigo. No entanto, além das muitas tarefas com a atenção aos campos, os camponeses eram mais oprimidos pelas obrigações feudais, especialmente o serviço laboral. A paisagem rural eslovena portanto se transformava também, mas não tão drasticamente ou rapidamente como as cidades eslovenas mais importantes. Novas oportunidades também surgiam devido a novas vias de transporte que alguns podiam habilidosamente aproveitar para a venda de seus produtos mas outros não logravam fazê-lo. E isto vinha somar-se à divisibilidade dos lotes de terra (que fora introduzida pelos franceses e mantida pelos austríacos), para contribuir para acentuar a estratificação do campo esloveno.

Enquanto o número de pequenos agricultores e trabalhadores rurais aumentava, havia cada vez menos fazendeiros mais ricos ou grandes proprietários de terra. Atividades não agrícolas (como as de ferreiro, transportador de carga, e artesão) continuavam a ser fontes importantes de renda para os camponeses, mas a modernização do transporte e a introdução hesitante da indústria manufatureira reduziam persistentemente seus ganhos adicionais. A modernização se via mais claramente na introdução de aperfeiçoamentos técnicos individuais e de ferramentas, mas não interferia com os métodos tradicionais nem com a organização do trabalho.

A era do pré-março foi também o momento em que os bancos começaram cautelosamente a ingressar na economia eslovena. Em 1820, o Banco de Poupança Carniolano (Kranjska hranilnica) foi fundado em Liubliana como o segundo banco de poupança da monarquia. Condições favoráveis para o crescimento de negócios financeiros foram certamente estimuladas pelo crescente fluxo de capital do comércio de intermediação entre Viena e o Adriático. Mas, como em toda parte, os bancos de poupança investiam em propriedades imobiliárias mais do que na expansão dos negócios, e ao mesmo tempo faziam proliferar a poupança. Novos bancos de poupança foram estabelecidos em Klagenfurt, Trieste e Gorizia seguidos pelas companhias modernas de seguros. O seguro complementar contra incêndios se disseminou de Graz e Viena, enquanto o seguro "básico" apareceu por primeiro em Trieste depois que a Companhia Lloyd de Vapores tinha sido fundada e conexões foram estabelecidas entre Trieste e outros portos em 1836. A maioria dos investidores em novas tecnologias vinha da Europa Ocidental e dos Estados Unidos: em 1818, o primeiro vapor em Trieste era propriedade de um americano; o primeiro moinho a vapor a funcionar em Trieste um ano depois era de um francês; e o primeiro motor a vapor instalado na refinaria de vapor

de Ljublhana (Cukrarna) em 1835 pertencia a um britânico (William Moline), tal como o adquirido pela fiação mecanizada de Liubliana quatro anos adiante. A fiação Prebold comprou seu primeiro motor a vapor em 1844. O investidor esloveno Franc Cerne tornou-se proprietário de um moinho a vapor em Kocevje em 1845. Embora a monarquia Habsburgo como um todo fosse bastante vagarosa e cautelosa em se equipar ela mesma de maquinaria a vapor, o território esloveno enfrentava obstáculos adicionais[406].

Os empresários nacionais gradualmente alcançaram posições eminentes: entre senhores e proprietários de fundições ou minas, que dispunham de capitais consideráveis, e mais tarde comerciantes empreendedores e artesãos de origem rural que ousaram com sucesso entrar no mundo dos negócios. Janez Kalister, um comerciante local pouco ilustrado mas notavelmente perspicaz, galgou sua posição entre os mais bem-sucedidos e ricos eslovenos através do comércio, financiamento de impostos e especulação. O fundador das primeiras empresas da família de comerciantes Kozler, que enriquecera no fim das guerras francesas vendendo frutas e comprando imóveis, era Ivan, filho de um camponês. O pai de Fidelis Trpinc, um dos mais prósperos empresários de seu tempo, foi um pequeno lojista rural que ingressou por primeira vez nos negócios como concessionário de pedágios de pontes e de impostos de consumo, e progrediu com o comércio de produtos agrícolas. O traço mais distintivo destes empresários era sua grande mobilidade, uma vez que suas empresas cobriam o território de todo o país, ao passo que no mundo de negócios esloveno de então o sucesso se media pelo tamanho das propriedades ou mansões e estabelecimentos comerciais em Trieste[407]. A ferrovia foi um importante ganho na vida das províncias eslovenas; as autoridades informaram o público pela primeira vez da chegada da "estrada de

406 Joze Sorn, *Zacetki industrije na Slovenskem*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1984, p. 200-201.

407 Stane Granda, "Predmarcno obdobje", p. 116.

ferro" em 1836, ao anunciar a construção da linha Viena-Trieste. As expectativas eram elevadas, e os planos para o futuro eram traçados ambiciosamente desde o início da construção em 1838. Sociedades agrícolas, contudo, se perguntavam o que a nova modalidade de transporte reservava para as cidades que servia e que efeitos econômicos negativos poderiam se seguir a ela. Elas tinham consciência de que um futuro econômico mais prometedor se depositava na agricultura modernizada e na indústria de ferro modernizada, mas elas ainda não logravam enfrentar seriamente a organização antiquada e improdutiva da economia agrícola. A ferrovia chegou primeiro a Celje em 1846 e a extensão até Liubliana ocorreu em 1849.

Em 1844, o Estado introduziu um novo sistema de tributação construído sobre a base de uma taxa estável, calculada com base em um cadastro uniforme de bens de raiz. Anteriormente, as obrigações tributárias, como as que incidem sobre a terra e as taxas diretas, tinham experimentado mudanças frequentes e drásticas. Para assegurar uma base tributária apropriada era assim necessário realizar medições precisas de todo o território e determinar o produto líquido obtido pelas terras aráveis, parte do qual se tencionava transformar em imposto sobre a terra. O Estado levou mais de 30 anos para completar o cadastro, mas é certo que "o levantamento cadastral Franziscean, que criou a base para a determinação do imposto fundiário, tornou-se a maior realização do regime do período antes de março além da construção do sistema ferroviário"[408]. No entanto, até mesmo o novo sistema tributário não foi capaz de aliviar as condições em todas as partes. Bem ao contrário, a extensão de terras sujeitas a impostos fundiários pelos camponeses em torno de Celje e no distrito de Novo Mesto aumentou e provocou sentimentos de rebeldia. Receosos de que uma possível rebelião fosse brutalmente

408 Ibid., p. 117.

reprimida, a nobreza da Carníola, liderada por Anton Aleksander Auersperg (Anastasius Grün), preparou um memorando especial contendo dados estatísticos, que em 1849 conseguiu obter alívio fiscal para alguns contribuintes.

Condições econômicas relativamente favoráveis promoveram rápido crescimento demográfico, assim como melhorias nas condições sanitárias e de saúde. Tal como as crises gerais de inanição, muitas doenças infecciosas se tornavam cada vez menos frequentes ainda que suas causas tenham permanecido geralmente desconhecidas. Contudo, novas doenças estavam aparecendo. Em 1831, a monarquia sofreu a primeira epidemia de cólera, que a Carníola a princípio conseguiu evitar ao erigir um cordão sanitário ao longo da fronteira entre a Carníola e a Croácia. Em 1836, a epidemia também havia atingido a Carníola, mas a taxa de mortalidade foi inferior, devido sobretudo a um declínio na taxa de mortalidade infantil. O tamanho das famílias rurais cresceu. A população do território esloveno portanto aumentou de 838.000 para 1.077.000 entre 1818 e 1846, ou seja 28,5%[409]. Em certas áreas, um maior número de sobreviventes resultou também em superpopulação. As fazendas eram incapazes de sustentar famílias inteiras, e as pessoas emigravam para as cidades. Uma intensa estratificação da população rural foi ocorrendo simultaneamente, acelerada pela comercialização da agricultura e a lei sobre a divisão de terras herdadas. Liubliana e Trieste registraram o crescimento mais importante de população. Em 1817, Liubliana tinha 9.900 habitantes e por volta de 17 mil em 1847, o equivalente a um aumento de 75%. Esta tendência foi ainda mais acentuada em Trieste (estimada em cerca de 86,4%): entre 1815 e 1841 a população cresceu de 36 mil para quase 58 mil.

409 Janez Cvirn & Andrej Studen, *Zgodovina 3*. Liubliana: DZS, 2007, p. 30.

Trieste estava se tornando a maior cidade eslovena, embora não contasse com uma maioria de população eslovena; Liubliana porém tardou em conseguir a condição de metrópole eslovena. Como Trieste e Graz, continuou sendo a capital de seu *gubernium* e mantinha autoridade sobre duas províncias (Carníola e Caríntia). Outras cidades cresciam também; devido a um clima temperado, Gorizia se desenvolveu como destino de vilegiatura para aposentados mais idosos, mas seu progresso geral continuou inferior ao de Liubliana. Mudanças abrangentes deram novas dimensões à estrutura social, à medida que as diferenças de classe começaram a se atenuar. A nobreza foi gradualmente perdendo o seu papel de liderança social, ao passo que a classe média, que não mais aceitaria o regime absolutista incondicionalmente e o tratava com críticas e almejava alcançar um papel ativo na sociedade, ganhou poder e influência. Os integrantes da classe média encontraram segurança e estabilidade em um novo estilo de vida e de expressão artística, Biedermeier; eles em grande medida se retiraram a suas casas e restringiam a expressão de suas opiniões políticas ou de outra natureza a círculos privados. Estas condições subsequentemente levaram à expansão da vida social da classe média.

Em 1821, Liubliana abrigou a segunda de uma série de congressos diplomáticos internacionais da Santa Aliança e, durante estes quatro meses, tornou-se o centro da política europeia. A Santa Aliança se reuniu para debater os distúrbios revolucionários do fim do período pós-napoleônico. O congresso foi uma diversão para a população de Liubliana tanto quanto para diplomatas e cabeças coroadas da Europa, com sua sucessão de danças, apresentações teatrais, fogos de artifício e paradas. De 10 de janeiro até 22 de maio de 1821, Liubliana foi residência e local de reuniões de representantes da Santa Aliança. Compareceram ao congresso o czar Alexandre I da Rússia; João Kapodistrias (primeiro-ministro

e secretário de Estado russo); o imperador Francisco I da Áustria; o rei Ferdinando IV de Nápoles; e Francisco IV, duque de Modena, juntamente com cerca de 500 ministros e representantes da França, Grã-Bretanha, Prússia e estados italianos individuais. O príncipe Metternich, chanceler da Áustria, foi o propulsor e moderador do congresso. O motivo que levou a Santa Aliança a realizar este congresso foi a revolução constitucional que irrompera no Reino de Nápoles em junho de 1820. Os dirigentes absolutistas das grandes potências europeias, Rússia, Áustria e Prússia, decidiram tomar medidas severas contra os rebeldes. Eles ofereceram ajuda a Francisco, rei de Nápoles, e, depois de 45 dias de consultas (de 12 de janeiro a 26 de fevereiro), enviaram o exército austríaco para esmagar as forças revolucionárias em Nápoles. Aos olhos de seus participantes, o triunfo da Aliança foi completo, de vez que os revolucionários foram derrotados prontamente em 20 de março. Isto marcou o fim da primeira fase do congresso. Durante a segunda fase, os dirigentes europeus discutiram (e reprimiram) uma nova revolução no Piemonte, e também debateram as insurreições na Moldova e na Valáquia contra a hegemonia turca, que só condenaram em princípio. O público era regularmente informado sobre os desdobramentos políticos através de artigos no *Laibacher Zeitung*. A Santa Aliança alcançou seus objetivos em Liubliana e garantiu a autoridade absolutista dos soberanos.

Além dos eminentes convidados, Liubliana recebeu numerosos dignitários nacionais e estrangeiros e qualquer pessoa que estivesse em busca de promover suas vantagens pessoais. A cidade reforçou os controles de segurança e empreendeu amplos trabalhos de renovação. A pavimentação de praças e ruas, o nivelamento da Praça dos Capuchinhos [Kapucinski trg, hoje conhecida como Praça do Congresso (Kongresni trg)] para cerimoniais militares, a instalação de sistemas de esgoto e de iluminação, a restauração do teatro e do salão de danças e a extensão dos serviços postais

foram terminados antes da abertura do congresso. Os convidados não trouxeram apenas a política para Liubliana, mas também se mostraram generosos turistas que participaram de inúmeros acontecimentos sociais. Todos os dias realizavam-se paradas militares, concertos da Sociedade Filarmônica, danças, bailes de máscaras, fogos de artifício, apresentações de óperas e peças de teatro por artistas nacionais e estrangeiros, passeios de barco no rio Liubliana, expedições de caça e missas. Liubliana e seus 20 mil habitantes entregou-se aos esplendores da Europa. A recordação da ocasião permaneceu viva muito tempo depois do encerramento do congresso; ainda hoje a Praça do Congresso, a rua dos Dois Imperadores (Cesta dveh cesarjev), e a Taverna do Czar da Rússia (Pri ruskem carju) trazem a marca da reunião da Santa Aliança.

Apesar do período ter sido caracterizado pelo absolutismo, a pressão policial e a rigorosa censura não impediram o progresso cultural, muito menos o desencorajaram. Bem ao contrário, foi precisamente a esfera cultural, além do ensino compulsório e a crescente importância da educação, aquela sobre a qual se assentaram as fundações do movimento nacional esloveno e a que forneceu a base para o fortalecimento da consciência nacional moderna. No território esloveno uma de cada sete crianças frequentava a escola em 1810 ao passo que em 1847 uma em cada três crianças o faziam, mas a porcentagem de escolares variava entre as províncias. Na região de Podravje, por exemplo, a frequência atingia a quase 100%[410], enquanto sua taxa mais baixa (menos de 20%) se verificava na Carníola Baixa e na Interior. Após a saída dos franceses, as autoridades austríacas restauraram o sistema de escolas elementares compulsórias (*Trivialschulen*), gerais (*Hauptschulen*) e elementares-modelo (*Normalschulen*). O território esloveno tinha o maior número de escolas elementares compulsórias, somente dezesseis escolas elementares gerais e

410 Janez Cvirn & Andrej Studen, *Zgodovina 3*, p. 32.

modelo, e nove escolas secundárias (Liubliana, Novo Mesto, Celje, Maribor, Klagenfurt, Gorizia, Koper, Trieste e Idrija). Os liceus de Liubliana, Klagenfurt e Gorizia forneciam estudos de educação superior, que se restringiam a dois anos de filosofia como pré-requisito para a continuação ulterior de um grau universitário de tempo integral ou de estudos de teologia de quatro anos. Liubliana e Klagenfurt também ofereciam estudos em ciências médico-cirúrgicas. Devido à relutância das autoridades de ampliar os estudos de filosofia e introduzir o estudo de direito no liceu de Liubliana, os liceus complementavam seus currículos com cursos eletivos que ofereciam instrução em uma ampla variedade de temas: agricultura, educação, botânica, italiano, e no âmbito dos estudos teológicos hebraico, armênio e árabe. No liceu de Klagenfurt, a agricultura era ensinada por uma eslovena, Matija Ahacel, ao mesmo tempo que a escola para parteiras permaneceu em funcionamento após a cessação da "medicina" como um tema. Contudo, os estudantes eslovenos mais ambiciosos tinham que buscar educação mais aprofundada em Viena. A universidade de Graz foi renovada em 1827, embora tivesse somente duas faculdades, teologia e direito. Isto melhorou as oportunidades para prosseguir estudos universitários eslovenos, especialmente os da Estíria, de onde Graz estava mais próxima e onde o custo de vida era menor do que em Viena. Em 1812, o liceu em Graz fundou uma cátedra sobre a língua eslovena, permitindo aos estudantes eslovenos em Graz formar as primeiras sociedades culturais eslovenas, o que entre outras coisas, teve influência importante na criação do programa "Eslovênia Unida". Em 1811, o visionário arquiduque João dotou Graz com o chamado Joanneum[411], a primeira fundação para o estabelecimento da escola técnica em Graz e da escola de mineração em Leoben, as duas escolas técnicas mais próximas para os estudantes eslovenos. A escola de comércio

411 Hoje FH Joanneum, Universidade de Ciências Aplicadas (nota do tradutor do texto em inglês).

marítimo em Trieste e a escola de comércio em Liubliana (fundada por um comerciante, Jakob Marn) tinham reputação como escolas vocacionais prestigiosas.

A situação e o desenvolvimento do sistema escolar também ajudam a compreender a posição da língua eslovena dentro do mesmo. O alemão era a língua de ensino nas escolas elementares nas cidades e vilas maiores, o italiano no Litoral e em Gorizia, e o esloveno nas escolas elementares rurais na maior parte do território esloveno. A Estíria era um caso um pouco diferente, pois ali as escolas em alemão constituíam a maioria, ao passo que as escolas nas regiões rurais da Caríntia eram exclusivamente em alemão. Por outro lado, o uso do esloveno aumentou nas chamadas escolas dominicais que ofereciam ensino supletivo, o que permitiu que o sistema de educação compulsório se expandisse em 1816 para incluir as crianças rurais. O alemão e o latim eram as línguas de ensino exclusivas das escolas secundárias e liceus. Seguindo o exemplo do liceu de Graz, a segunda cátedra em esloveno foi criada no liceu de Liubliana em 1817, tornando o esloveno uma matéria de ensino nos liceus. O principal objetivo de ambas as cátedras era fornecer ensino em esloveno para funcionários e sacerdotes que não tinham o idioma como língua materna. O esloveno foi introduzido em outros liceus e escolas secundárias em um ritmo lento mas contínuo: a escola secundária e o liceu em Gorizia, por exemplo, só deram este passo em 1848, ao passo que o idioma era ensinado na escola para parteiras e no seminário teológico de Klagenfurt por ninguém mais que Anton Martin Slomsek, futuro bispo de Lavant.

O clero esloveno, consciente de que a religião não podia existir sem um perfeito vernáculo, exerceu papel importante no movimento nacional, que se concentrava principalmente em consolidar o uso do idioma esloveno na vida pública. Os sacerdotes constituíam então a maioria dos eslovenos com educação superior.

Eles não só eram independentes do Estado, mas também tinham capacidade para se engajarem ativamente na disseminação do conhecimento como parte do movimento nacional esloveno durante a era pré-março, quando existiam poucos outros educadores eslovenos. Eles encontraram inspiração e orientação nas humanidades e no Iluminismo, e na convicção de que a cultura era o pilar do desenvolvimento nacional, embora a maioria dos habitantes dos territórios eslovenos não se definissem em termos de identidade nacional, mas sim por seu apego às províncias e comunidades locais eslovenas e, sem dúvida, também à família imperial e à monarquia por ela governada. As culturas alemã, italiana e húngara, que haviam convergido no território esloveno, estavam incorporadas na sociedade dos nobres e da classe média, enquanto a cultura eslovena se distinguia mais por seus costumes populares e canções folclóricas. A onda de consciência nacional que varreu as nações europeias na era pré-março também se fez sentir entre os membros de cultura mais progressista no território esloveno; mas foi um processo muito lento. Durante seu curso "o sentimento de identidade nacional [...] não foi inevitavelmente relacionado à consciência de origem e à língua materna, pois muitos eslovenos se auto definiam como alemães por causa de sua associação tradicional com o mundo cultural alemão"[412]. Oscilações e identificações nacionais e culturais duplas eram totalmente naturais. Portanto, na vida cotidiana diferentes culturas e práticas linguísticas coexistiam, na ausência de maiores tensões nacionais. Qualquer mudança potencial na tradicional hierarquia cultural e linguística era porém vista com apreensão pelo governo austríaco, que tentava impedir claras definições nacionais.

Entretanto, já não era mais possível deter a vaga do movimento nacional esloveno, que ganhou impulso através de um crescente número de livros em esloveno e, é claro, de adeptos.

412 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovenice do samostojne drzave*, p. 46.

Os termos "Slovenec" ("um esloveno"), "slovenski" ("esloveno"), e "Slovenija" ("Eslovênia"), para referir-se ao território habitado pelos eslovenos, que já tinham sido usados no poema de Valentin Vodnik *Ilíria Redimida* (*Ilirija zvelicana*) escrito em 1816 (mas só publicado em 1859), foram gradualmente substituindo os nomes das províncias, especialmente da Carníola. Pessoas de diversas opiniões e profissões começaram a expressar mais claramente sua identidade nacional, o que também se refletia em suas atitudes em relação à língua e à cultura. A grande maioria era constituída de sacerdotes que identificavam o esclarecimento do povo como princípio mestre de sua obra para consolidar a língua escrita eslovena através de textos religiosos, livros de entretenimento e de instrução e manuais de agricultura. Assim, "em 1828 [...], um natural de Horjul, o pároco Franc Veriti, gravou um marco surpreendentemente forte no meio literário esloveno"[413], ao iniciar uma coleção hagiográfica em quatro volumes *A Vida dos Santos* (*Zivlenje svetnilov*), que foi um retumbante sucesso no mercado esloveno de livros. Os padres traziam versos simples ao povo usando temas da tradição popular, e mesclavam motivos folclóricos com fervorosas narrativas nacionais e líricas. A segunda missão que os sacerdotes assumiram foi a de persuadir as autoridades do Estado da necessidade de introduzir o esloveno no ensino e na vida pública.

Outro grupo de intelectuais eslovenos, mais bem versados, mais liberais, mas numericamente mais fracos, considerava insatisfatória a simplicidade de expressão literária do esloveno. Seus mais ilustres expoentes eram intelectuais próximos do linguista Matija Cop e do poeta romântico esloveno France Preseren (1800-1849). Foram Cop e Preseren que colocaram a língua eslovena no mapa

413 Igor Grdina, "Zivljene svetnikov – ena prvih uspesnic". In: Janez Cvirn, *XIX. Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 172.

literário europeu[414]. Este foi uma fase em que a ideia de uma publicação periódica para disseminar a literatura eslovena tornou-se realidade com o almanaque em quatro volumes *Kranjska cbelica* (1830-1834). O almanaque recebeu apoio fervoroso do círculo, que também o usou para publicar sua poesia. No entanto, nem todos compartilhavam o entusiasmo de Cop, principalmente os jansenistas, que encaravam o almanaque como a culminação do trabalho político e cultural dos círculos seculares eslovenos e dos românticos eslovenos. O mais importante membro destes círculos era France Preseren, um autor eloquente que exaltava a libertação nacional eslovena e a "unidade de todos os eslavos"[415].

Esta era uma razão pela qual os censores consideravam que o poema podia ser entendido como pan-eslávico.

Em 1846, Preseren publicou a coleção de poemas "*Poemas*" (*Poezije*; datada de 1847), na qual ele:

> *Combinou o seu extraordinário trabalho poético anterior em uma nova e bela obra de arte onde tudo respira no mesmo harmonioso ritmo e sensação, como se oriundo da mesma experiência central.* Poezije *reflete [...] o mais elevado domínio do nosso espírito; nenhum esloveno foi capaz de atingir tal originalidade artística até nossos dias nem de transmitir testemunhos tão humanamente consistentes e artisticamente perfeitos sobre si mesmo como fez Preseren em sua obra* Poezije *em 1846,*

disse Anton Slodnjak, com extasiado louvor na edição de 1952 das *Poezije*[416]. Preseren foi o primeiro a "transcender as fronteiras da rima didática e concebeu a poesia como uma arte autônoma,

414 Igor Grdina, "Zivljenje jeca, cas v nji rabelj hudi". In: Janez Cvirn, *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 186.

415 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 336.

416 France Preseren, *Poezije*, ed. com introdução de Anton Slodnjak. Liubliana: Slovenski knjizni zavod, 1952, xxxii.

avaliada conforme os critérios estéticos das literaturas avançadas"[417], enquanto para o escritor e político Josip Stritar, que lançou uma nova edição de *Poezije* em 1866, Preseren prestou aos eslovenos o mesmo serviço que Shakespeare aos ingleses, Racine aos franceses, Dante aos italianos, Goethe aos alemães, Pushkin aos russos e Mickiewicz aos poloneses. Durante aquele período, Preseren se alçou ao pináculo da cultura eslovena e tornou-se um mito nacional, devido a sua "contribuição histórica ao refinamento da língua eslovena e, desta forma, à afirmação do idioma esloveno e também a sua exigência de igualdade dos eslovenos perante as outras nações, baseada na ideia de um Estado independente esloveno"[418].



Figura 36. O poeta France Preseren. Cvirn (ed.), Slovenska kronika XIX. stoletja, 1800-1860. Liubliana: Nova revija, 2001, p. 27

417 Boris Paternu, "Preseren France". In: *Enciklopedija Slovenije,* v. 9. Liubliana: Mladinska knjiga, 1995, p. 313.

418 Ibid., p. 313.

A censura deu forma à criatividade literária eslovena e foi desfavorável ao almanaque *Kranjska cbelica*. Em julho de 1853, a ambição de transformá-lo em uma gazeta literária eslovena de caráter permanente fracassou, em grande parte devido à morte de Matija Cop, seu maior patrocinador e, para muitos, "um gigante da cultura" e "uma esperança da humanidade"[419]. Em 1824, os censores tinham impedido a publicação de *Slavijan*, uma gazeta local de história e literatura que Franc Ksaver Andrioli, Ignacij Holzapfel e Janez Cigler (um pároco de Visjna Gora) tinham lutado para fundar. Cigler, um ativo associado de *Kranjska cbelica*, concentrou então seus esforços na divulgação de contos eslovenos. Em 1836, ele publicou o primeiro conto esloveno, *Uma bênção disfarçada: ensinando os jovens e velhos*, *os ricos e os pobres* (*Sreca v nesreci. Poducenje starim in mladim*, *revnim in bogatim*), que criou a base para o futuro desenvolvimento dos contos eslovenos para a noite. *Uma bênção disfarçada* foi impresso em 1.500 cópias por Jozef Blaznik, que se tornara proprietário de uma casa editora em Liubliana em 1829 e que servia a vários clientes com textos tanto em alemão quanto em esloveno. Blaznik apoiou generosamente os autores eslovenos da época e imprimiu obras literárias e revistas eslovenas fundamentais: desde o *Kranjska cbelica* ao *Batismo no Savica*[420] e *Poezije*, da poesia de Vodnik e da prosa de Fran Levstik às gazetas que surgiam na Carníola.

O silêncio imposto pela censura sobre a imprensa periódica foi rompido em 1838 com o aparecimento de uma revista de história local e de uma gazeta humorística sobre artes, literatura, teatro e vida social, tal como *Carníola*, o novo periódico, indicava em seu subtítulo. Sua preocupação com a terra natal se fazia

419 Igor Grdina, "Mlad umre, kdor je bogovom drag". In: Cvirn, *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 202.

420 NT: *O Batismo no Savica* (*Krst pri Savici*) é o poema épico nacional esloveno. Escrito por France Preseren em 1835, foi publicado pela primeira vez em 1836. Fonte: <en.wikipedia.org>. Acesso em: 18 maio 2014.

evidente com os ensaios publicados sobre a mãe pátria. Editava também registros literários, históricos, etnográficos e geográficos, entretinha os leitores com anedotas e palavras cruzadas, e, sobretudo, explorava o passado esloveno, o qual entrelaçava ainda mais com a literatura popular. Canções folclóricas, por outro lado, apareciam traduzidas em alemão. Durante o tempo em que os periódicos eslovenos tiveram sua circulação proibida, *Carníola* publicou os poemas de Preseren em alemão. No entanto, seis anos depois de seu aparecimento, foi precisamente sua orientação patriótica eslovena que afinal ocasionou seu desaparecimento, apesar de sua inequívoca lealdade ao regime austríaco. O fim de *Carníola* marcou o início de um período tumultuado do nascente jornalismo esloveno, a partir do aparecimento do periódico *Notícias sobre Agricultura e Manufaturas* (*Kmetijske in rokodelske novice*) em 1843, como resultado de negociações que Blaznik durante anos mantivera com as autoridades da polícia e da censura.

O objetivo de Blaznik era publicar uma gazeta que não transmitisse qualquer conteúdo político ou religioso. De preferência, disseminaria conhecimentos gerais, especialmente sobre economia e agricultura, e entreteria seus leitores com histórias, diários de viajantes, poemas e relatos históricos. A ideia de Blaznik recebeu uma reação favorável da Sociedade Carniolana de Agricultura e da Associação Industrial e de Artesãos da Áustria Interior. Quando o veterinário Janez Bleiweis, que tinha sido nomeado Secretário da Sociedade Carniolana de Agricultura em 1842, preparou um programa detalhado definindo a gazeta como um guia exclusivamente dedicado a aperfeiçoar as práticas econômicas, o escritório vienense de censura autorizou a publicação do semanário sob o patrocínio da Sociedade Carniolana de Agricultura. Apesar de que o editor de *Notícias sobre Agricultura e Manufaturas* (*Kmetijske in rokodelske novice*) tenha respeitado fielmente os princípios enumerados acima, que eram os

pré-requisitos para sua circulação, ele se tornou a figura central do movimento nacional esloveno tendo o semanário como seu arauto. Bleiweis evitava prudentemente quaisquer questões delicadas de natureza política e social, expressando repetidamente sua lealdade à monarquia e à corte imperial vienense, "(mas) ao mesmo tempo, (*As Notícias*) promoviam a consciência da afiliação nacional eslovena e o amor pela língua eslovena"[421], chamando assim também a atenção dos leitores para assuntos relativos à história, literatura, geografia, língua e ao alfabeto. O semanário desempenhou um papel central na introdução de um alfabeto comum esloveno, que foi um processo turbulento e sujeito a diferentes influências nacionais e ideológicas.

Um serviço importante à causa de um alfabeto comum esloveno foi prestado pelo movimento ilírio e seu fundador, Ljudevit Gaj, que defendia em sua obra *Breves elementos básicos de uma Ortografia Croato-Eslavônica* (*Kratka osnova horvatsko-slavenskog pravopisanja*) uma unificação ortográfica dos eslavos com base no alfabeto checo. Na sombra das ideias pan-eslávicas de Ján Kollár, que advogava o conceito de quatro grandes línguas eslavas (russo, polonês, checo e ilírio), Gaj reconhecia a oportunidade de desenvolver uma língua literária comum "ilíria", com base na ideia de que os ilírios eram os ancestrais dos eslavos do sul. Tendo realizado a importante tarefa de trazer esclarecimento e corresponder aos desejos nacionais de alcançar uma unificação linguística, o movimento teve excelente acolhida na Croácia. No entanto, como foi em geral percebido como uma ameaça à política de Metternich, o nome ilírio foi banido em 1843 e o movimento ficou confinado à Croácia. Seus méritos eram, contudo, vistos com simpatia no território esloveno, que se viu enredado em uma verdadeira guerra de alfabetos durante os anos 1830 desencadeada pelas aspirações por um novo alfabeto em que cada som tivesse sua própria letra. Os mais fervorosos

421 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 49.

defensores de uma reforma do alfabeto eram o estírio Peter Dajnko e o carniolano Franc Serafin Metelko. Em 1824, eles não só publicaram suas respectivas propostas de alfabeto, o alfabeto Dajnko[422] e o alfabeto Metelko[423], em livros de gramática, mas os utilizaram em seus manuais de ensino e textos religiosos. A ortografia eslovena, portanto, começou a variar conforme as províncias, e surgiram também divergências entre os adeptos das diferentes gramáticas.

Quando Cop e Preseren afinal decidiram entrar na chamada "batalha das letras", Cop revelou seu programa literário e cultural, que via o futuro da literatura eslovena como uma produção literária altamente estética dentro de um padrão europeu. Preseren executou o programa de forma muito persuasiva e sua grandeza poética por fim ajudou Cop a convencer a comissão científica da corte a banir o alfabeto de Metelko das escolas. Isto abriu o caminho para a introdução do alfabeto de Gaj[424] como o comum do esloveno; a maior contribuição veio do *Novice* de Bleiweis, ou dito melhor, da decisão de seu patrono de adotar o alfabeto de Gaj como o esloveno. Os princípios ideológicos do movimento ilírio de Gaj também ressoaram pelo território esloveno. Contudo, a defesa que o movimento fazia de um novo sistema de língua sob a bandeira da unificação nacional e linguística significava que o esloveno seria "rebaixado" a uma língua popular usada como literatura instrutiva simples, enquanto o ilírio tornar-se-ia o idioma da elite ilustrada. Como a consciência da necessidade de elevar a cultura eslovena a um

422 O alfabeto Dajnko ou *dajncica* era um novo sistema para escrever sibilantes, fricativas e africadas (NT: tipos de consoantes). Enquanto as sibilantes eram representadas pelas mesmas letras (c, s, z) que o alfabeto posterior de Gaj usaria, símbolos especiais eram criados para as fricativas e africadas. Dajnko também introduziu símbolos para *nj* e para o som ü da Estíria oriental (que deixou de ser usado depois de 1829). *Dajncica* foi usado entre 1824 e 1839.

423 O alfabeto *Metelcica* foi usado entre 1825 e 1833. Seu autor, Metelko, o compôs complementando o alfabeto romano com as letras cirílicas a fim de dar a cada som o seu símbolo específico.

424 A versão eslovena do alfabeto romano de Gaj ou *gajica*, composto de 25 letras, seguiu o exemplo checo ao usar grafemas para a consoante africada č e as fricativas š e ž.

nível europeu tinha se fortalecido, o movimento ilírio não lograva encontrar um amplo grupo de adeptos mas, não obstante, atraía um número visível de defensores eslovenos, predominantemente na Estíria. Seu representante mais notável era o poeta Stanko Vraz que, por um curto período, teve o apoio de Franc Miklosic e de Davorin Trstenjak, de carintianos como Urban Jarnik (já idoso) e Matija Majar e certo número de carniolanos.

As *Notícias sobre Agricultura e Manufaturas* (*Novice*) foram encarregadas desde o seu início de uma missão específica, da qual Bleiweis deve ter também sido bem informado. Embora fosse contra profundas mudanças sociais e políticas, ele reconhecia a importância da modernização gradual das condições no território esloveno, especialmente da modernização da agricultura. *Novice* se dirigia a todos os eslovenos, ainda que oferecesse informações úteis principalmente para os camponeses e fosse lido predominantemente pelo clero e pelos leigos educados. Por ocasião da visita do imperador Ferdinando a Liubliana em setembro de 1844, *Novice* publicou uma ode de autoria de Jovan Vesel Koseski intitulada *Da Eslovênia ao Nobilíssimo e Benevolentíssimo Senhor e Imperador*, *Ferdinando I*, *na ocasião da Feliz Chegada de Sua Majestade a Liubliana* (*Slovenija presvitlemu*, *premilostjivemu gospodu in cesarju Ferdinandu pervemu*, *ob veselim dohodu njih velicanstva v Ljubljano*). Esta foi a primeira menção à "Eslovênia" como a pátria dos eslovenos; e embora a ode demonstrasse profunda lealdade ao imperador, era a própria encarnação da ideia nacional eslovena.

A consciência de uma afiliação nacional eslovena se fortaleceu na era pré-março, apesar de que os centros do movimento nacional esloveno tenham surgido esporadicamente em cidades especiais que atraiam intelectuais eslovenos. Além da Carníola e do chamado Grupo de Liubliana, muita agitação foi promovida pelos eslovenos da Caríntia, inclusive o sacerdote e promotor da

nacionalidade Urban Jarnik, que já havia chamado atenção para a diminuição do território esloveno em 1826, quando ainda fazia parte dos processos naturais de assimilação. Seus esforços para incorporar os eslovenos da Caríntia em um processo nacional pan-esloveno foram continuados e expandidos por Matija Ziljski, o pai ideológico do programa de Março "Eslovênia Unida". Anton Martin Slomsek, professor e seguidor de Majar, reconheceu a importância de ensinar a língua aos estudantes de teologia e de introduzir o idioma materno nos círculos eclesiásticos.

Outro centro importante do movimento nacional esloveno foi Graz, onde a iniciativa principal coube a Jozef Mursec Zivkov, que reuniu eslovenos da Estíria, discípulos e estudantes em Graz e esforçou-se com seus seguidores para disseminar a consciência pan-eslovena na Estíria. Em Viena, também, um grupo de estudantes patriotas eslovenos formou-se, reunidos em torno do renomado estudioso dos idiomas eslávicos Franc Miklosic e ao mesmo tempo se beneficiaram com a familiaridade próxima da vibração cultural, política e ideológica da capital da monarquia. Outros centros do movimento nacional esloveno se desenvolveram nos distritos de Trieste e Gorizia, onde seu surgimento foi catalisado, entre outros, pelo movimento nacional italiano. O tempo havia chegado para numerosos movimentos nacionais emergirem pela Europa.

"O ano da liberdade", a Revolução de 1848 e a Eslovênia Unida

> *Em 1848, ocorre uma profunda e claramente visível fissura que cortou o século XIX em dois. Aparece um eixo em torno do qual a sorte das nações orbita, uma barreira que separa os espíritos, as classes e os estados e que põe fim definitivamente à era do feudalismo senhorial. Contudo, é também a fonte e origem de novas potências que foram chamadas neste ano extraordinário para a*

> *vanguarda da vida pública. A ideia de nacionalidade já não mais será posta de lado, nem ainda menos deixar-se apagar por completo*[425].

A turbulência política e econômica, as exigências de crescentes direitos nacionais, e as vozes cada vez mais altas a proclamar a urgência do desmantelamento do sistema social feudal irromperam primeiramente em Paris em fevereiro de 1848 e reverberaram em grande parte da Europa. Quando alcançaram Viena em 13 de março de 1848, as agitações logo derrubaram o impopular chanceler Metternich de sua posição e, nos dias que se seguiram, forçaram o imperador Ferdinando I a prometer que aprovaria uma nova constituição, convocaria o Parlamento, aboliria a censura, restabeleceria a liberdade de imprensa, de associação e de expressão e permitiria a criação de Guardas Nacionais. Embora as revoluções de 1848 tenham sido tipicamente produto da classe média, elas diferiram de Estado a Estado. Acredita-se também em geral que, em uma vasta parte da Europa, o fermento revolucionário marcou a Primavera das Nações, que expuseram suas exigências naquele ano com grande clareza.

Na Monarquia Habsburgo, porém, a revolução seguiu um curso separado e distinto daquele do resto da Europa, "porque tinha crescido de raízes próprias e enfrentava problemas que eram totalmente diferentes daqueles confrontados alhures"[426]. Três dias depois que a revolução eclodira na capital, um viajante trouxe a Liubliana a notícia, que inflamou a cidade, causando grande furor. Cidadãos eminentes de Liubliana e representantes das autoridades locais saudaram as decisões do imperador no teatro, enquanto o restante da população de Liubliana e seus arredores, especialmente trabalhadores e estudantes, se reuniram nas ruas, fizeram

425 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 635.

426 Stane Granda, "Revolucionarno leto 1848 in Slovenci". In: Cvirn, *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 304.

manifestações, causaram tumultos, destruíram uma estátua de Metternich, atacaram os escritórios do fisco e forçaram o prefeito de Liubliana a fugir. Seguindo o exemplo de Viena, os cidadãos de Liubliana criaram uma Guarda Nacional para restaurar a ordem pública na cidade e proteger a propriedade privada, mas isto não livrou por completo a cidade do medo e da inquietação. Mais do que tudo, os cidadãos se alegravam com as promessas do imperador de uma nova constituição, de liberdade de imprensa e de direito de associação. No entanto, outros intelectuais eslovenos mais moderados, inclusive Bleiweis, decidiram aguardar pacientemente as mudanças trazidas pela nova legislação.

O campo também estava fermentando com descontentamento, pois os clamores pela abolição do absolutismo e dos resquícios do feudalismo tinham igualmente alcançado a população rural. O campesinato percebeu nas promessas do imperador uma possível garantia de sua emancipação, quando a terra por eles cultivada se tornaria finalmente sua própria terra. Por conseguinte, decidiram não mais pagar taxas e se recusaram a prestar serviços laborais e a pagar impostos. O maior peso do seu ódio ia contra os senhores; os camponeses desencadearam sua raiva contra mansões e castelos e saquearam propriedades feudais. Eles chegaram até a se sublevar contra o clero e contra certos párocos. O maior levantamento camponês ocorreu em Ig (nos arredores de Liubliana), onde, no dia 21 de março, camponeses enfurecidos pilharam e queimaram todo o castelo. A onda de insurreições persistiu até a metade de abril, exceto na Caríntia, onde só retrocedeu em maio. Mas foi na Carníola onde as insurreições foram mais extensas; ali as autoridades proclamaram o estado de emergência, criaram um tribunal sumário e impuseram responsabilidade coletiva pelos danos causados às municipalidades rurais. Os citadinos e a maioria do clero, apesar de suas inclinações liberais, não demonstraram compreensão pelo descontentamento dos camponeses;

os promotores da consciência nacional condenaram a violência e fizeram apelos para a obediência e moderação. Esta falta de compreensão, contudo, impediu o movimento nacional esloveno de se arraigar na sociedade de forma mais ampla, o que teria sido facilitado se tivesse mostrado apoio ao campesinato esloveno[427]. Os camponeses rebeldes foram afinal silenciados pela proclamação de sua emancipação no outono de 1848.

"A Eslovênia Unida"

O estágio inicial da revolução não mostrou sinais de maiores divisões nacionais dentro do território étnico esloveno. Divergências eram resolvidas por compromissos, como no caso da torre do castelo de Liubliana, onde afinal se decidiu que se hastearia tanto a bandeira alemã de Frankfurt (NT: adotada pelo Parlamento de Frankfurt em 1848) como a com as cores da Carníola – branco, azul e vermelho –, que mais tarde se tornaram as cores da bandeira nacional eslovena. A euforia da liberdade e a crença de que as nações no interior da monarquia poderiam daí em diante concertar suas relações pacificamente ainda ligavam os alemães e os eslovenos àquela época. Na metade de abril, uma delegação da assembleia provincial ampliada da Carníola, que incluía Bleiweis, o editor da *Novice*, visitou a capital para expressar seu apoio à corte imperial. Contudo, eslovenos de Viena como Franc Miklosic, Peter Kozler e o advogado Matija Dolenc convenceram Bleiweis a fazer um apelo ao arquiduque João a respeito da unificação de todos os eslovenos em uma província. O arquiduque contornou com argúcia o apelo indagando se Bleiweis poderia demonstrar apoio pan-esloveno para seu pedido. Bleiweis se deu conta então, segundo escreveu, que os eslovenos deveriam expressar sua vontade comum através de proclamações municipais[428]. Ao mesmo tempo

427 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 52.

428 Stane Granda, *Prva odlocitev Slovencev za Slovenijo*. Liubliana: Nova revija, 1999, p. 562.

eles também contemplavam a ideia de uma Grande Alemanha que também incorporaria a Áustria, achando este arranjo constitucional evidente, e ignorando completamente suas consequências para a existência da monarquia ou da nação eslovena[429]. Mas, quando os intelectuais eslovenos "bem informados"[430] reconheceram que era indispensável que os eslovenos formulassem suas exigências nacionais seguindo os exemplos checo e croata, as relações germano-eslovenas começaram a mostrar sinais óbvios de tensão.

A tarefa de preparar o programa nacional foi empreendida por Matija Majar, o vigário da catedral de Klagenfurt. No fim de março de 1848 Majar explicou o significado da revolução dentro da monarquia a seus compatriotas:

> *Nunca houve um tempo tão maduro para todos os eslovenos desde que o sol brilha, e só Deus sabe se haverá outro tempo como este. Agora podemos olhar para prosperidade da nossa nação, agora nossa nação libertada pode unir-se a outras nações livres – como parceiro igual e livre entre todos*[431].

Inicialmente Majar restringiu suas exigências ao uso do esloveno em repartições públicas e escolas. Porém, depois de ter enviado seu memorando a Ljudevit Gaj em abril, este o encorajou a ampliar suas demandas. Para os eslovenos como nação separada, ele então passou a também considerar a necessidade de um "Sabor"[432] especial (seguindo o exemplo do "Sabor" do Banovina[433]

429 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 53.

430 Stane Granda, *Prva odlocitev Slovencev*, p. 562.

431 "Slava bogu v visavah in na zemlji mir ljudem dobrega serca". *Kmetijske in rokodelske novice*, 29 de março de 1848. Citado de Granda, "Revolucionarno leto 1848", p. 306.

432 Nome do parlamento croata. Em croata, a palavra *sabor* significa "assembleia", "reunião" ou "congresso" (nota do tradutor do texto em inglês).

433 NT: vice-reinado.

da Croácia), exigiu o reconhecimento da igualdade de condição do esloveno e expressou a intenção de estabelecer vínculos mais estreitos com os croatas. Petições separadas foram também elaboradas por eslovenos de Graz que cercavam o intelectual e professor eslavo Josip Mursec, e por intelectuais e estudantes eslovenos em Viena. Estes memorandos defendiam a proteção da nacionalidade eslovena, exigiam igualdade para o idioma esloveno e conclamavam os eslovenos a pressionar o imperador em favor da unificação do território esloveno, até então dividido entre terras de diferentes coroas, em uma única província eslovena. O programa foi finalizado quando a Sociedade Slovenija foi criada em Viena em 20 de abril de 1848, tendo Franc Miklosic como presidente.

O programa, que se tornou conhecido como "Eslovênia Unida", era baseado nas ideias de Majar e na petição dos eslovenos em Graz. Pedia a fundação do Reino da Eslovênia, com sua dieta provincial própria, que faria parte do Império Habsburgo, mas não do Império Alemão. Os autores requeriam a igualdade da língua eslovena com a língua alemã e a introdução do esloveno nas escolas e na administração pública. A petição bilíngue foi impressa em milhares de cópias junto com um folheto intitulado *O que nós*, *eslovenos*, *pediremos ao imperador* (*Kaj bomo Slovenci cesarja prosili*), e foi circulado para assinaturas. Petições semelhantes foram apresentadas pelas associações eslovenas que surgiram nas cidades eslovenas (Graz, Viena, Liubliana, Klagenfurt e Gorizia). Os eslovenos na Hungria e na Eslovênia veneziana foram também incluídos nas fronteiras da "Eslovênia Unida" concebida por Matija Majar. O programa acabava com as velhas fronteiras provinciais e argumentava em favor da reorganização da Monarquia Habsburgo. Os líderes do movimento nacional esloveno viam seu futuro em uma Áustria federal, onde os eslavos constituiriam inegavelmente a população majoritária, assumiriam todos os seus direitos como seus cidadãos e, sobretudo, disporiam de independência administrativa, política e econômica. Mas estas exigências vigorosas não lograram

atrair amplo apoio entre os citadinos e intelectuais eslovenos. Mesmo Bleiweis, que tinha em princípio aceito o programa ou pelo menos não o tinha rejeitado inteiramente[434], advertiu que os eslovenos não tinham ainda suficiente "fortaleza espiritual" para realizar um plano tão ambicioso. A consciência das províncias era ainda muito alta para que as antigas e bem estabelecidas fronteira provinciais fossem abandonadas em favor de novas e desconhecidas fronteiras de uma futura Eslovênia. No entanto, isto não podia desencorajar a agitação persistente e bem-sucedida em favor do programa da "Eslovênia Unida", que culminou com a assinatura da petição.

A petição de apoio à "Eslovênia Unida" foi assinada tanto por intelectuais de pensamento nacionalista como por camponeses, e na metade de maio de 1848 os eslovenos da Estíria tinham colhido mais de mil assinaturas. O círculo esloveno de Viena recebeu apoio encorajador de várias partes do território esloveno, exceto da Carníola e de sua capital Liubliana, onde só suscitou uma morna reação, embora uma Sociedade Slovenija também tivesse sido fundada em Liubliana em 24 de abril. No dia 12 de maio, a sociedade de Liubliana foi visitada por uma delegação da Sociedade Slovenija de Viena sob a chefia de Miklosic. Foi então que a assinatura da petição teve início no território esloveno. A vida nacional, caracterizada também por uma crescente consciência do Programa Nacional Esloveno, continuou a seguir seu curso, sobretudo dentro das sociedades nacionais de Trieste, Gorizia, Klagenfurt e Celje. Além disso, a promoção e disseminação das ideias da "Eslovênia Unida" tornou-se uma missão dos novos jornais eslovenos que surgiram no fim de 1848. Liubliana lançou o primeiro jornal político, *Slovenija*, Celje fundou o semanário *Celske slovenske novine* e Trieste viu o surgimento da publicação mensal *Slavjanski rodoljub*.

434 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 54.

Os círculos eclesiásticos em Liubliana deram ainda mais impulso aos esforços de publicação com seu jornal *Slovenski cerkveni casopis*.

A "Eslovênia Unida" tornou-se assim uma fusão de todos os programas nacionais eslovenos da época, que também rejeitavam firme e unanimemente a possibilidade da incorporação da Eslovênia em uma Alemanha unida. Era não obstante necessário tornar esta posição em realidade. Seguindo o exemplo checo, os eslovenos boicotaram assim as eleições para o parlamento de Frankfurt e conclamaram seus adeptos a fazerem também, recordando-lhes que eram eslovenos e não alemães. Eles seguiram a orientação do checo Frantisek Palacki, que se opôs à Grande Alemanha em sua carta de 11 de abril de 1848. Fiéis ao espírito austro-eslavo, acreditavam com firmeza que os eslavos austríacos só poderiam ter futuro em uma monarquia reconstituída que pudesse protegê-los da hegemonia alemã, russa ou italiana e se opunham às exigências polonesas de restauração do reino.

Mais uma vez, os intelectuais eslovenos se dividiram a respeito das eleições para a Assembleia Nacional de Frankfurt, com os opositores em minoria. Assim, tanto os simpatizantes da revolução, que viam as eleições como uma oportunidade para desenvolver a democracia quanto os fervorosos defensores da corte imperial apoiaram as eleições. Aliado próximo destes, o poeta conde Anton Aleksander Auersperg, tentou convencer os eslovenos a participar. Bleiweis, que tinha sucumbido a um temor de possíveis tensões germano-eslovenas, fez apelo a seus leitores para que apoiassem as eleições, argumentando que ninguém poderia jamais despojar os eslovenos de sua consciência nacional[435]. Vários intelectuais liberais eslovenos se declararam a favor das eleições, sentindo que o parlamento de toda a Alemanha lhes permitia ter a possibilidade de afirmar seus valores liberais e democráticos, enquanto que

435 Ibid., p. 56.

uma potencial federação de estados alemães poderia permitir às unidades federadas austríaca e eslovena obter igualdade de condições a um nível nacional. Argumentos a favor e contra a participação nas eleições davam assim ensejo a reações e resultados muito diferentes. A Sociedade Slovenija de Viena publicou um boletim com apelo para que as pessoas boicotassem as eleições. Seus apelos também chegaram a parte do campo esloveno, onde davam especial destaque ao perigo de impostos mais altos e de recrutamento no exército alemão. O texto sublinhava que só a corte imperial, o imperador e o parlamento de Viena teriam competência para abolir o feudalismo e dar solução a outras questões. A oposição às eleições, portanto, receberam algumas reações favoráveis, tanto na Carníola (que, entretanto, elegeu o conde Auersperg) e na Baixa Estíria. As eleições para a Assembleia de Frankfurt foram as primeiras eleições modernas para a população da federação alemã, incluindo os eslovenos, ainda que tenham se realizado em um período muito turbulento na vida de seus cidadãos.

A agitação contra as eleições ocorreu concomitantemente com a declaração eslovena em prol da Eslovênia e a circulação da petição. Muitos nomes de camponeses também apareceram na lista de signatários, de vez que a assinatura tinha sido estendida ao campo esloveno. As principais forças motrizes do movimento nacional esloveno continuaram seu trabalho fora de Liubliana, em Graz e Viena, onde também buscaram fortalecer suas relações com os croatas e os checos. Por uma conclamação, cujo único signatário esloveno foi Miklosic, os checos convocaram um Congresso Pan-eslavo em Praga em 1º de maio de 1848, como um contrapeso ao Congresso Pan-germânico em Frankfurt. Cerca de 300 pessoas participaram do Congresso de Praga, inclusive aproximadamente 40 representantes dos eslavos do sul. Quatro eslovenos apresentaram o programa "Eslovênia Unida" exigindo a unificação de todo o território nacional esloveno sob o Reino da Eslovênia com capital em Liubliana, igualdade de condição para a língua

eslovena e sua introdução na administração, escolas e tribunais e o estabelecimento de uma universidade em Liubliana. O programa foi incorporado com êxito no memorando final do Congresso de Praga que visava principalmente reorganizar a monarquia como um Estado federal. O Congresso de Praga foi concluído em fins de junho, quando o exército austríaco subjugou a insurreição em Praga. Ao mesmo tempo o presidente da Sociedade Slovenija em Graz participou de uma sessão do "Sabor" croata e fez apelo em favor de uma reciprocidade entre eslovenos e croatas, que, reconhecida principalmente como uma base para formar alianças foi recebida positivamente no território esloveno. Entrementes, um movimento camponês completamente sem relação com este processo teve início na Baixa Carníola e ao longo da fronteira esloveno-croata na Estíria, em favor da incorporação das áreas fronteiriças locais à Croácia. Este movimento foi inspirado pelas medidas tomadas na parte húngara da monarquia, onde as obrigações feudais tinham sido abolidas logo ao início da revolução com previsão de pagamento pelo governo de parte da compensação.

Em maio, depois que o imperador e a corte imperial resolveram proclamar uma nova constituição, Viena foi abalada por uma nova rebelião que obrigou o imperador a retirar-se para Innsbruck. A situação se acalmou relativamente no começo de junho, quando os preparativos para as eleições para o parlamento de Viena começaram, como um primeiro passo para o cumprimento das exigências dos rebeldes de maio. A atitude do círculo de Bleiweis em relação à situação mudou ao saber que a nova constituição seria objeto de deliberações do parlamento eleito, e, sobretudo, construiu um consenso em torno de um apoio inequívoco às exigências da "Eslovênia Unida".

As eleições para o parlamento de Viena se realizaram na metade de junho de 1848. O direito de voto era concedido a todos os homens acima de 24 anos de idade, mas com numerosas

restrições baseadas no princípio da independência; isto afetava especialmente os possíveis eleitores rurais, porque o voto era concedido apenas aos camponeses que se dedicavam a manufaturas ou eram proprietários de suas terras. A situação foi de fato uma repetição das eleições de Frankfurt, pois a taxa de comparecimento foi novamente baixa na Carníola e na Baixa Estíria. Em outras regiões, porém, os camponeses se tornaram muito mais conscientes da importância do parlamento de Viena e votaram em candidatos camponeses ou intelectuais. A decisão de voto se baseava principalmente na confiança, qualidade que nem os padres nem os senhores de castelo inspiravam, eles não se elegeram como representantes parlamentares pelo território esloveno. Uma maioria de votos foi em favor de pessoas liberais com inclinações pró-eslovenas e os que demonstravam pouco apoio aos eslovenos tornaram-se minoria. Apesar disso, a falta de unidade no interior do movimento nacional no parlamento de Viena permaneceu um elemento permanente da política eslovena do período. Quando o parlamento de Viena foi inaugurado em 7 de julho de 1848, os deputados eslovenos não conseguiram propor um programa comum claramente definido, e sim uma miscelânea incoerente de pontos de vista individuais ou pessoais. Por mera coincidência eles foram quase unânimes em uma das mais cruciais questões sob exame parlamentar, a lei sobre a emancipação dos camponeses, o que os aproximou do que era então a ala esquerda do parlamento[436].

As opiniões dos deputados, no entanto, se dividiam sobre a questão da compensação: os deputados da ala esquerda buscavam minimizar o encargo que viesse a recair sobre o campesinato, ao passo que alguns deputados, inclusive os eslovenos, se opunham totalmente a ela porque violava os princípios da igualdade cívica assegurados pela Revolução Francesa. A moção em favor

436 Ibid, p. 59.

da compensação com resgate parcial em terra ainda assim recebeu afinal maioria e foi proclamada pela Lei de Abolição da Servidão promulgada em 7 de setembro de 1848. Uma parte da compensação dos senhores deveria ser paga pelo Estado e outra pelos camponeses. Ainda que a lei não tivesse atendido todas as exigências dos camponeses, foi, contudo, suficiente para acalmá-los e impedir seu envolvimento em novas lutas violentas.

Os deputados também tinham opiniões divergentes sobre a reorganização da Monarquia Habsburgo em uma federação de unidades nacionais como argumentava o advogado esloveno Matija Kavcic: "As nações são a pedra fundamental do Estado austríaco. Eu tenho a honra de ser eslavo"[437]. A constituição tornou-se assim o ponto central de disputa entre os deputados vienenses e a discussão se arrastou até que uma nova revolução irrompeu em Viena, desta vez em apoio da inflexível Hungria. Como resultado das revoluções da primavera, a Hungria alcançou considerável autonomia e buscou aproveitar a ocasião para restaurar a independência da Hungria histórica, mas se recusou a reconhecer os direitos nacionais das outras nações (croatas, eslovacas) o que, naturalmente, provocou resistência por parte destas nacionalidades. Isto levou o vice-rei da Croácia ("Ban"), Josip Jelacic, a terminar todos os contatos com o governo húngaro, que o destituiu de sua posição, ato que logo foi revertido pelo imperador no início de setembro em troca da sua ajuda muito necessária para reprimir a revolução húngara. O exército de Jelacic primeiro ajudou a esmagar a revolução em Viena e então seguiu para a Hungria, que declarara independência em 11 de abril de 1848, mas que voltou à autoridade dos Habsburgos depois que as forças húngaras foram afinal derrotadas com ajuda de uma intervenção militar russa. Os deputados eslovenos e outros deputados eslavos no parlamento de Viena basearam sua atitude em relação à insurreição de outubro na convicção de que só a Monarquia

437 Ibid., p. 59.

Habsburgo lhes podia conceder direitos nacionais. Na esperança de que sua lealdade ao imperador e às decisões governamentais seria recompensada com o reconhecimento imperial da igualdade nacional, eles expressaram apoio ao imperador e ao governo e abandonaram a tumultuada Viena. Enquanto isso, a corte imperial consolidou seu poder; um novo governo foi empossado sob a direção do príncipe Felix Schwarzenberger e, em 2 de dezembro de 1848, o trono imperial foi assumido por Francisco José, então com 18 anos.

O parlamento de Viena voltou a se reunir no fim de novembro de 1848 em Komeriz, Moravia, e foi caracterizado por incontáveis propostas para a reconstituição da monarquia. Um deputado liberal, Ludwig von Löhner, imaginou um plano que previa a igualdade das nações e a reorganização da parte ocidental do império em uma união de cinco grupos nacionais, os alemães, os checos, os poloneses, os italianos e os eslovenos (exceto Trieste e a Ístria eslovena). Este plano pareceu atraente para alguns deputados eslovenos, ou pelo menos não foi por eles rejeitado, como ocorreu com o plano submetido pelo advogado Matija Kavcic, que visava uma reorganização da monarquia em catorze unidades nacionais e históricas sob a qual a unidade eslovena incluiria Trieste e o Litoral, mas não a Caríntia eslovena. A opinião prevalecente no parlamento era, portanto, aquele do chamado centro alemão, que favorecia a preservação das antigas terras da coroa divididas em distritos com autonomia local limitada, ao passo que suas fronteiras deveriam tanto quanto possível coincidir com as fronteiras nacionais. Na primavera de 1849 o comitê constitucional redigiu um projeto de constituição e o submeteu ao parlamento. Enquanto isto, porém, a corte imperial já dava andamento a preparativos para impor a constituição outorgada (preparada pelo ministro do Interior, conde Franz Stadion) em 4 de março de 1849 e dissolver o parlamento em 7 de março. A nova constituição tratava da questão da igualdade das nações ao mesmo tempo em que conferia amplos poderes ao

soberano e ao governo. A derrota das revoluções na Hungria e na Itália deu aos círculos governantes uma nova oportunidade e sua disposição para o compromisso gradualmente se reduziu.

Estes acontecimentos tomaram de surpresa a cúpula dos políticos eslovenos. A facção conservadora esperava que a constituição outorgada continuasse em vigor, especialmente porque se referia ao Reino ilírio estabelecido em 1816, que em sua opinião, que mais tarde se mostrou infundada, marcava a disposição do governo vienense de estabelecer uma unidade ilíria separada que também incorporaria todo o território esloveno. A facção mais liberal, entretanto, mostrou gritante decepção ao notar que o novo arranjo administrativo abolia as "gubernia", mas preservava a divisão territorial em províncias. A constituição outorgada, além disso, previa a formação de distritos que corresponderiam com as fronteiras étnicas, mas só respeitou este compromisso com relação à Estíria. As exigências da "Eslovênia Unida" de igualdade de condição para a língua eslovena foram amplamente desconsideradas mesmo depois da sanção da constituição, apesar de que o esloveno tivesse obtido reconhecimento oficial através da decisão de traduzir o Código Civil austríaco nas chamadas línguas das províncias (*Landessprachen*) porque dispositivos semelhantes deveriam ter sido adotados nas legislações das próprias províncias. Assim, Liubliana passou a ter uma gazeta judicial em esloveno *Ljubljanski casnik*, o que levou ao reconhecimento do nome esloveno para a nação eslovena e para seu idioma; isto, por sua vez, também contribuiu para a formação gradual de uma terminologia jurídica eslovena e a padronização de uma língua literária comum. No entanto, a abolição da constituição outorgada de 1851 também eliminou a possibilidade de usar a língua eslovena na administração pública. A instrução elementar na língua materna só ocorria nas áreas rurais, e mesmo ali era restrita a áreas nacionalmente

homogêneas, ao passo que o alemão era o meio exclusivo para a educação secundária. Depois das reformas dos liceus, o esloveno tornou-se matéria de ensino em algumas localidades.

Pouco antes da rejeição da constituição outorgada, os círculos governamentais promoveram a restauração do absolutismo mediante a supressão das liberdades e direitos políticos dos cidadãos, o que levou a uma queda no engajamento político. A liberdade de imprensa foi totalmente abandonada, e os jornais eslovenos desapareceram, exceto o *Novice*, que voltou a oferecer conselhos sobre desenvolvimento econômico. O semanário católico *Jornal Eclesiástico Esloveno* (*Slovenski cerkveni casopis*) passou a ter o título de *Jornal da Estrela Matutina* (*Zgodnja danica*). Os ministros eram responsáveis apenas perante o imperador e a chamada Carta Patente Silvestre, de 31 de dezembro de 1851, rejeitou a constituição outorgada. O período do neoabsolutismo começou, durante o qual a autoridade repousou sobre o exército, a polícia, a administração pública e a Igreja.

Na sombra do novo absolutismo

Fracassada a revolução, com a censura reforçada e os jornais silenciados, e a diminuição progressiva do número de sociedades políticas, o movimento nacional esloveno foi levado a uma breve paralização. Segundo instruções de Matija Majar, a partir de 1851, os esforços nacionais e políticos eslovenos se concentraram na cultura e, sobretudo, na criatividade eslovena[438]. As sociedades políticas eslovenas, como a Sociedade Slovenija de Graz, tornaram-se sociedades de leitura e cultura. Uma prolífica produção literária levou a tentativas de criar gazetas literárias, das quais a mais duradoura foi a publicação mensal *Uciteljski tovaris* de Klagenfurt. De 1851 até hoje, a casa editora St. Hermagoras, fundada naquele

438 Ibid., p. 68.

mesmo ano em Klagenfurt, tem prestado serviços particularmente valiosos para a difusão da literatura eslovena.

Apesar de seu foco explicitamente literário e cultural, o movimento nacional esloveno começou a se dividir em três grupos desde os anos 1850, ainda que os pontos de vista dos políticos eslovenos fossem muito mais variados. O grupo em torno de Bleiweis, que nunca se mostrara abalado em seu profundo compromisso com o movimento esloveno, ao mesmo tempo em que permanecera indulgente e leal às autoridades austríacas, passou a defender a posição de que o povo precisava de mais educação prática. Outro grupo se juntou ao redor de Slomsek, o bispo de Lavant, e Luka Jeran, editor de *Zgodnja danica*. Slomsek contribuiu de maneira notável para ampliar o conhecimento da língua eslovena; escreveu textos religiosos e educativos em esloveno, defendeu energicamente a autoridade das leis divinas, e se opôs à revolução, ao capitalismo industrial e ao liberalismo. Ele teve muito apoio da parte de Jeran como defensor das posições do clero. Ambos os grupos continuaram a prevalecer durante a época do absolutismo associada com o ministro do Interior, Alexander Bach[439], uma vez que o círculo de adeptos era amplo e incluía o clero, que dava muita orientação às atividades literárias e editoriais. Tanto *Novice* quanto *Zgodnja danica* publicavam artigos com conteúdo religioso, educativo e patriótico; *Novice* dedicava também espaço a obras literárias eslovenas mais contemporâneas e originais. Estas também ocupavam uma posição importante na revista literária *Slovenski glasnik*, publicado pela primeira vez em 1858 pelo agitador Anton Janezic, um esloveno da Caríntia.

O terceiro grupo, cujos representantes mais visíveis eram o escritor Fran Levstik e o poeta Simon Jenko, tinha orientação mais liberal. A maioria de seus membros eram estudantes da escola secundária, ardentes leitores e admiradores de Preseren, que se

439 O período foi assim apelidado de "Absolutismo de Bach" (nota do tradutor do texto em inglês).

inspiravam nos *slogans* eslavos e eslovenos da Revolução de Março. A poesia e prosa de autores do grupo evoluíam para o realismo. Seus contos tinham um caráter expressamente nacional e político e encontravam leitores tanto em pessoas instruídas como nas mais simples. Em 1858, Fran Levstik escreveu seu conto famoso *Martin Krpan*, que continua até hoje a ser leitura obrigatória para as crianças eslovenas na escola primária. O conto era a história de um valente contrabandista carniolano, *Martin Krpan*, que salvou o imperador e a nobreza vienense do gigante turco Brdavs e foi recompensado com ingratidão. Na época Martin Krpan ficou ofuscado pela narrativa de Ferdo Kocevar-Zavcanin, *Mlinarjev Janez* (1849), que tratava do levantamento de uma aldeia eslovena na Estíria. A obra usou como pano de fundo histórico a trajetória dos condes de Celje e foi a sensação literária do dia.

A produção científica também aumentava, estimulada pelas sociedades históricas, inclusive a Sociedade Histórica da Carníola. Seus esforços se concentraram na pesquisa e no registro das histórias das províncias individuais, embora exclusivamente em alemão. No final dos anos de 1850, *Novice* começou a publicar ensaios de precisão histórica duvidosa de Davorin Trstenjak, um ardoroso defensor da autoctonia eslovena e da presença milenar dos eslovenos no território entre os Alpes e o Adriático. Ainda que seus ensaios não tenham produzido muita reação, eles "revelavam [...] os sentimentos eslovenos de impotência e insegurança frente ao absolutismo e a renovada pressão alemã"[440]. A pressão alemã se revelava também na desconfiança austríaca em relação a qualquer manifestação pública de filiação nacional eslovena. A inauguração de um monumento a Preseren no cemitério da Kranj, em 1852, em que o orador oficial foi Bleiweis, foi assim a única cerimônia pública dedicada à iniciativa nacional até 1858. Em 1853, os censores impediram a publicação de um mapa das províncias

440 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 70.

eslovenas pelo cartógrafo Peter Kozler, que fixava as fronteiras da "Eslovênia Unida" e devia levar o título de *Mapa do Reino da Ilíria*. O término da década marcou o fim do absolutismo. Seu declínio nas terras eslovenas já se anunciava na cerimônia solene realizada em Liubliana em 1858 para celebrar o centenário de nascimento do poeta Valentin Vodnik. As fronteiras linguísticas do território, que eram densamente povoadas por eslovenos, permaneciam basicamente inalteradas na metade do século XIX. A fronteira linguística ocidental corria do golfo de Trieste ao rio Tagliamento, ao longo da beira da planície friulana e o planalto de Karst. Eslovenos habitavam o vale de Resia, de onde a fronteira subia através de Kanin e Pontebba e daí descia ao vale de Kanal, cruzando os Alpes Cárnicos em direção ao rio Gail na Caríntia. A fronteira entre o esloveno e o alemão cruzava o vale de Gail a leste de Hermagor, de onde virava em Villach, atravessava a cadeia de montanhas Ossiacher Tauern, a planície de Zollfeld e os Alpes de Sau, para continuar até a área ao norte de Diex, de onde se dirigia para o rio Drava e cruzava a Estíria na direção leste. Esta parte da fronteira corria ao norte da fronteira atualmente existente entre a Áustria e a atual Eslovênia. A região de Prekmurje continuava a ser parte da Hungria, onde eslovenos também habitavam a área que se estendia até o rio Raba. O rio Sotla, a cadeia montanhosa de Grojanci e o rio Kolpa separavam o território étnico esloveno da Hungria e da Croácia. Na Ístria, as populações eslovena e croata habitavam ambos os lados da atual fronteira entre a Eslovênia e a Croácia. O território esloveno contava então com cerca de 1.300.000 habitantes, 88,9% dos quais eram eslovenos (1.150.000). As fronteiras provinciais eram traçadas de forma que os eslovenos eram maioria apenas na Carníola e em Gorizia; o componente alemão continuava a ser muito forte na área de Kocevje, e colonos alemães também viviam no vale de Kanal e em Bela Pec. Os alemães, em geral, habitavam as cidades e seus arredores. As

cidades do Litoral conservavam uma maioria românica; 50% dos habitantes de Gorizia eram de origem italiana ou friulana e a cidade também tinha uma população alemã considerável, ao passo que os arredores eram principalmente eslovenos. A população de Trieste era de composição étnica extremamente diversa, compreendendo não somente italianos, eslovenos, croatas e alemães, mas também judeus, gregos, sérvios e armênios.



Figura 37. Mapa da Eslovênia de Kozler, 1851. Slovenska kronika XIX. stoletja, p. 421

As reformas administrativas de Bach acarretaram, entre outras coisas, a divisão administrativa do território esloveno em 1849, que

permaneceu em vigor até o fim da monarquia em 1918. Enquanto as antigas fronteiras históricas ainda separavam as províncias históricas, os velhos *kresije* (unidades administrativas do Estado anteriores a março de 1848) foram abolidos e substituídos por comissões distritais que exerciam autoridade sobre os municípios, as menores unidades administrativas. A divisão da Estíria em três regiões – Estíria Superior, Central e Baixa – era "congruente" com as fronteiras étnicas, mas os eslovenos eram majoritários apenas na região de Maribor (Baixa Estíria). A unidade administrativa do Litoral foi repartida nas regiões de Ístria e Gorizia, ao passo que a cidade de Trieste e suas vizinhanças alcançaram uma condição especial e tiveram constituições próprias. O sistema judiciário era composto por distritos distribuídos através das comissões distritais individuais.

As reformas administrativas foram seguidas pela reorganização da Igreja na Estíria e na Caríntia. Em 1859, a diocese predominantemente eslovena de Lavant cedeu seu território na Caríntia para a diocese de Gurk e recebeu do bispo de Graz (Seckau) paróquias dentro da região de "Maribor". O então bispo de Lavant, Anton Martin Slomsek, transferiu a sede diocesana da periférica St. Andrä na Caríntia para Maribor, que se tornou assim a quinta sede diocesana no território esloveno, além de Trieste, Liubliana, Gorizia e Klagenfurt. Partes do território esloveno também foram atribuídas às dioceses de Graz (Seckau), Zagreb e Szombathely. Os protestantes que viviam nas áreas de Prekmurje Rába tinham sua própria organização eclesiástica.

O crescimento demográfico no território esloveno durante a metade do século XIX foi inferior à média europeia (inclusive austro-húngara) e continuou a manter este nível até a irrupção da Primeira Guerra Mundial. As razões eram múltiplas, mas provinham essencialmente das variáveis condições econômicas e do crescimento da emigração. Os anos de 1850 foram, portanto,

também um período de marcantes inovações para a economia no território esloveno. Assistiu-se ao advento de uma moderna economia de mercado, encorajada pela construção da linha da Ferrovia Meridional Viena-Trieste em 1857, à emancipação dos camponeses, à introdução de um mercado livre e de uma política comercial mais aberta. Os camponeses eslovenos também tinham que adotar práticas de mercado, porque suas novas obrigações "pós-emancipação" (impostos e taxas) deviam agora ser pagas em dinheiro, o que os obrigava a vender suas colheitas. Como o processo de emancipação se arrastou até a metade dos anos 1850, os camponeses lograram vender bem seus produtos no mercado e não faltou dinheiro ao campo. Os artesãos tinham que enfrentar a dura concorrência dos produtos industriais. A chegada da ferrovia levou a um declínio do transporte por carroças, obrigando os camponeses a encontrar outras fontes de renda. Não obstante, antes do fim da construção da ferrovia, quando Liubliana (então ainda um terminal ferroviário) se transformara em um vibrante centro comercial, o transporte por carroça e a construção da ferrovia ofereciam amplas oportunidades para lucro. Um vento econômico favorável soprava pela Europa Ocidental e também alcançava a Monarquia Habsburgo. Instituições que promoviam o desenvolvimento do comércio e dos negócios, câmaras de comércio e negócios, estavam impregnadas de otimismo e confiança com relação às grandes perspectivas das províncias eslovenas.

Contudo, o surto econômico do começo dos anos 1850 começou a declinar antes do fim da década. A frequentemente má gestão financeira comprovou-se fatal; não havia poupança e o dinheiro era gasto de forma extremamente irresponsável em produtos industriais ordinários e, ainda pior, em um consumo excessivo de álcool[441]. A miséria tornou-se ainda mais grave pelo peso incapacitante da compensação avaliada para a emancipação

441 Ibid., p. 65.

dos camponeses. De uma soma total de 290 milhões de florins, calculada para reembolsar a metade austríaca da monarquia, os camponeses eslovenos deviam pagar 20 milhões. Além disso, a questão dos chamados direitos de servidão ainda estava por ser resolvida e a relativa à exploração das pastagens e florestas permaneceu sem solução até os anos 1870, aumentando ainda mais a ansiedade entre os camponeses. Os pequenos fazendeiros e agricultores se achavam na pior situação, pois vastas florestas e terras aráveis continuaram a pertencer a grandes proprietários de terra mesmo depois da emancipação, ao passo que os pastos municipais eram distribuídos entre fazendeiros individuais. O comércio rural também estava em baixa e o campo esloveno foi lançado em um período de excessivo endividamento dos camponeses. Contudo, as sociedades agrícolas e a *Novice* de Bleiweis, conduzidas por uma crença firme de que a modernização da agricultura era fundamental para assegurar um futuro mais brilhante e exitoso para a população eslovena, mostravam ainda menos confiança no desenvolvimento industrial das províncias eslovenas. Apenas Trieste experimentava o progresso econômico desejado: como terminal da Ferrovia, obteve um arsenal, um amplo estaleiro, e uma instalação para a reparação de navios pertencente ao Lloyd Austríaco, a maior companhia de navegação a vapor do Mediterrâneo. Nas demais partes do território esloveno, o progresso econômico na maioria das vezes se manifestava pela abertura de pequenas companhias de comércio e manufatura. Os contemporâneos procuravam entender as razões principais do lento crescimento econômico; de acordo com a *Novice*, o problema principal residia no baixo nível de educação. A população rural ainda recorria com frequência à superstição para explicar seus males e atribuí-los a diversos fenômenos naturais. No entanto, as razões eram muito mais profundas, e derivavam da falta de capital assim como da falta de interesse dos investidores estrangeiros no mercado esloveno.

O sistema geral de ensino permaneceu mais ou menos inalterado, i.e., longe de um nível satisfatório. Isto era o resultado, de modo geral, de um sistema escolar obsoleto, que era usado desde o período pré-revolucionário. Mudanças drásticas foram introduzidas, contudo, na educação secundária e superior com uma grande reorganização dos liceus em 1849. Os liceus de seis anos existentes foram transformados em escolas gerais de oito anos e permaneceram assim até a queda da monarquia em 1918. A reorganização escolar também trouxe mudanças no conteúdo do currículo: o número de cursos de ciências naturais aumentou e o ensino de latim diminuiu em favor do alemão, que se tornou a única língua de ensino nos liceus durante o neoabsolutismo. Um diploma de escola secundária (*matura*) foi criado para o fim da educação secundária e servia, ao mesmo tempo, como qualificação para admissão nas universidades. Para ensinar nas escolas secundárias tornou-se obrigatório ter um diploma universitário e passar por exames especiais complementares. A reforma escolar levou à proliferação de novas escolas de matemática e ciências naturais, as chamadas escolas secundárias modernas. Os liceus, que antes serviam como transição entre a escola secundária e a universidade, foram abolidos. No entanto, a abolição dos liceus em Liubliana, Gorizia e Klagenfurt também ameaçaram o colapso total da educação superior como um todo no território esloveno, com exceção da teologia naquelas três cidades e Maribor. A Concordata entre o Império Austro-Húngaro e o Vaticano de 1855 concedia mais autoridade à Igreja sobre as escolas e os professores e também representava um ganho importante para a língua eslovena e seu uso nas escolas. Este passo foi muito bem acolhido pelo clero esloveno de inclinação nacionalista, que lutava para promover o esloveno como a língua de ensino.

Contudo, ao final dos tumultuosos anos de 1850, as cadeias do absolutismo estavam começando a se romper: "assim como as

contingências da guerra tinham trazido o absolutismo ao poder em 1849, as derrotas de 1859 demonstraram claramente que tipo de serviço ordinário a arrogante burocracia tinha prestado [...]"[442]. Os eslovenos estavam entrando em um período da maior ascendência em sua história[443].

Os eslovenos na Era Constitucional

A derrota militar na guerra contra a França trouxe uma reviravolta dramática no destino da Monarquia Habsburgo quando, ao início dos anos de 1860, perdeu a Lombardia e assim a contragosto criou uma oportunidade perfeita para a unificação da Itália sob o poder piemontês. A Monarquia Habsburgo achou-se na desconfortável situação de decidir qual seria seu próximo passo, porque a unificação italiana também representava um triunfo para as tendências nacionais e as ideias liberais, e, por outro lado, uma derrota para o legitimismo e a Igreja. O Estado sofreu uma série de desastres militares e econômicos, a dívida pública subiu muito, de vez que o surto econômico europeu pouco tinha beneficiado as províncias austríacas. O imperador teve afinal que se decidir pela adoção de uma nova constituição. Depois de assinar o Tratado de Villafranca entre a Áustria e a França, ele traçou o Manifesto de Laxenburg em julho de 1859, no qual prometia empreender melhorias legislativas que há muito já deveriam ter ocorrido. No fim de agosto de 1859, ele demitiu a figura central do regime absolutista, Alexander Bach, e formou um novo governo sob Agenor Goluchowski. O gabinete imperial anunciou um aumento da autonomia das províncias e a restauração das representações das assembleias provinciais nas terras da coroa. Nos meses seguintes, o imperador introduziu várias concessões relativas ao uso de idiomas de forma a satisfazer as nações não

442 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 964.

443 Vasilij Melik, "Ustavna doba in Slovenci". In: Cvirn, *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 13.

germânicas da Áustria. Afora isto, a corte imperial de Viena não imaginava realizar quaisquer reformas políticas drásticas; muito pelo contrário, na sessão do novo governo realizada em 25 de agosto de 1859, o imperador chegou mesmo a recomendar ações decisivas contra exigências de um novo sistema constitucional. Contudo, em meio ao descontentamento geral e em face de uma crise crescente na Hungria, ele foi afinal obrigado a retroceder de sua posição inflexível. Em 5 de março de 1860, o imperador emitiu uma carta imperial para reforçar o Conselho Imperial (previsto na constituição outorgada de 1849 e definido como um órgão consultivo em 1852) com novos membros associados.

A composição do Conselho Imperial reforçado mostrava que o órgão parecia um substituto pálido do parlamento com sua Câmara de Nobres e Câmara de Deputados. Além de membros vitalícios, tinha também 38 representantes provinciais com um mandato de seis anos; cada representação provincial designava três candidatos, mas como não havia dietas provinciais, os representantes eram nomeados pelo próprio imperador. Cada província eslovena, juntamente com Gorizia e a Ístria, era representada por um membro, nenhum dos quais era esloveno. O Conselho Imperial reforçado, que se reuniu entre 31 de maio e 28 de setembro de 1860, não tinha poder legislativo e se restringia a discutir o orçamento, os relatórios financeiros, projetos de lei importantes e propostas submetidas pelos representantes provinciais. Durante a sessão, o Conselho Imperial também considerou temas relativos à organização interna do Estado e submeteu suas opiniões ao imperador. Na metade de setembro de 1860 o debate focalizou assim a futura organização do império. Os representantes da nobreza conservadora, que formavam a maioria, instavam a que se desse maior autonomia às províncias históricas; defendiam consideráveis emendas constitucionais que dessem lugar a nações individuais que teriam assim a oportunidade de participar ativamente do

desenvolvimento do Estado. A minoria, por outro lado, advogava o estabelecimento de um estado moderno, centralista, constituído sobre fundações liberais. Ao final, a opinião majoritária prevaleceu e o Conselho Imperial encaminhou uma proposta que reorganizaria a Monarquia Habsburgo com base no federalismo histórico (tradicional). Esta moção foi aprovada pelo imperador depois de ponderada reflexão. Após uma década de centralismo absolutista, as conclusões do Conselho Imperial também foram recebidas com satisfação pelos eslovenos. O governo levou três semanas depois do final da sessão para determinar a forma da futura constituição, mas foi o imperador quem finalmente tomou a decisão e optou pelo princípio do federalismo histórico.

Em 20 de outubro de 1860, o imperador emitiu um manifesto e o chamado Diploma de Outubro, que regulava as relações constitucionais internas e assim pôs fim definitivamente ao absolutismo. O Diploma de Outubro refletia a opinião majoritária do Conselho Imperial reforçado de que a melhor solução para o Estado consistia no reconhecimento das circunstâncias específicas históricas e políticas dos reinos e províncias, na igualdade das nações e no reforço da autonomia administrativa e legislativa das províncias. O Diploma de Outubro distribuía o poder legislativo entre o imperador, as dietas provinciais e o parlamento (*Reichsrat*)[444], que consistiria de representantes dos senhores territoriais e do clero e substituiria o anterior Conselho Imperial reforçado. Teria poderes legislativos e competência sobre questões financeiras. Além do parlamento para toda a monarquia, o Diploma de Outubro também previa um parlamento para todas as províncias não húngaras. As constituições das terras da coroa de Santo Estêvão foram restauradas e quatro manifestos adicionais foram preparados para o restante, inclusive a Estíria e a Caríntia.

444 Para evitar ambiguidades, os eslovenos se referiam ao órgão como Assembleia Nacional, uma vez que a tradução literal do nome em alemão, *Reichsrat*, significa "Conselho Imperial".

Contudo, o sistema constitucional interno emendado, em especial sua concepção não democrática, esbarrou na oposição tanto dos centralistas germânicos que criticavam o papel acentuado das dietas provinciais e as autonomias territoriais, como dos adeptos do progresso da democratização. Segundo a nova organização do Estado, as dietas provinciais seriam constituídas por representantes do clero, da nobreza e de grandes proprietários de terra e de câmaras de comércio, cidades e outras comunidades locais. Nas cidades, o voto estava limitado à representação municipal, enquanto no campo só era concedido aos prefeitos e a um membro de cada Conselho Municipal. Entretanto, com tal composição, as dietas provinciais quase não se distinguiam das anteriores assembleias provinciais do período feudal. Além disso, como este sistema eleitoral não estava de fato baseado na população, ele claramente dava prioridade aos alemães, em termos nacionais, e aos proprietários de terra e à classe média em termos de posição social. Por isso, até mesmo na Carníola, onde a maioria eslovena era a maior, a bancada[445] dos grandes proprietários de terra permaneceu em mãos dos alemães até o fim da monarquia.

Mas antes que o Diploma de Outubro chegasse a ser posto em vigor, o imperador teve que mudar seus ministros. O posto de chanceler[446] foi transferido para Anton Schmerling, que proclamou a chamada Patente de Fevereiro, em 26 de fevereiro de 1861. A patente era de fato uma lei emitida pelo imperador que continha o manifesto do imperador, a Lei Básica do parlamento, que logo foi emendada, porque fora inicialmente prevista para vigorar

445 NT: O texto em inglês diz: "[...] the curia of large landowners remained in German hands until the end of the monarchy". O dicionário Unabridged Merriam-Webster atribui à palavra "curia" em inglês, a seguinte acepção: "(1 c): a division of the people or the senate in Italian cities under Roman rule". O tradutor entendeu que poderia vencer a pouca clareza do texto inglês usando o termo "bancada", i.e., representação de um setor social.

446 NT: Chefe do Governo.

para toda a Monarquia Habsburgo, mas nunca chegou a ser implementada desta forma.

O Parlamento era dividido em uma Câmara dos Nobres e uma Câmara dos Deputados. Os membros da Câmara dos Nobres eram nomeados pelo imperador e incluíram dois eslovenos: Franc Mklosic e, depois de sua morte, Oton Detela. Tinham também assento na Câmara dos Nobres arquiduques, bispos e chefes de certas famílias nobres. Os 343 membros da Câmara dos Deputados eram eleitos pelas dietas provinciais e, de 1873 em diante, pelo voto popular direto. Imediatamente após sua criação, o parlamento se dividiu em dois campos sobre a questão da divisão de competência entre o parlamento e as dietas provinciais. A ala esquerda e o centro (os chamados centralistas) exigiam que fosse atribuído mais poder e autoridade ao parlamento e às autoridades centrais, enquanto que a ala direita (chamada de federalista) defendia o fortalecimento da autonomia das províncias históricas. O primeiro campo representava em particular o espírito da Patente de Fevereiro, enquanto que o segundo sustentava aquele do Diploma de Outubro. Os centralistas participavam do governo e os federalistas formavam a oposição. A luta pelo centralismo era emblemática em muitos estados liberais na Europa.

A Patente de Fevereiro dotou as províncias individuais da metade austríaca da monarquia de constituições provinciais que continham as respectivas leis provinciais e regras eleitorais para a Dieta Provincial, que se mantiveram em vigor até o fim da monarquia. Isto marcou a criação de um sistema de governança em dois patamares: de um lado, o governo central e o parlamento que delegavam às autoridades do Estado a governança das províncias em nome do governo vienense e dos ministérios, e de outro lado, as províncias e dietas provinciais que eram dotadas de ampla margem de competência.

Na Estíria e no Litoral (Trieste, Gorizia e Ístria), o governo vienense era representado pelo governador-geral[447] imperial (mais tarde imperial-real) (*Staathalter*). Nas províncias menores como a Carníola e a Caríntia, esta representação cabia ao presidente da província (*Landespräsident*). O presidente da província tinha sua sede no palácio provincial e era diretamente responsável perante o governo em Viena, cujas decisões ele executava fielmente. Presidentes de províncias e governadores-gerais representavam a alta nobreza, predominantemente não eslovena; a única exceção foi a Carníola, que entre 1880 e 1892 teve um presidente de nacionalidade eslovena, Andrej Winkler. Os governadores-gerais e presidentes tinham que aprender a língua da província sobre a qual presidiam. Na Carníola era o esloveno, enquanto na Caríntia e na Estíria (e também no Litoral e na Ístria), onde os eslovenos eram minoria, o idioma era o alemão ou, no caso das últimas, o italiano[448]. Na realidade, até o próprio imperador reforçava sua educação linguística aprendendo húngaro, checo e outras línguas que usava durante suas visitas às províncias individuais.

A principal autoridade provincial, no entanto, cabia à Dieta Provincial e ao Governador da Província (*Landeshauptmann*), nomeado pelo imperador dentre os membros do partido majoritário na dieta provincial. Na Carníola o governador da província era na maioria das vezes um esloveno, enquanto nas províncias com uma população minoritária eslovena geralmente era um alemão ou italiano. O imperador também nomeava o vice-governador provincial, que era geralmente um membro do partido minoritário na dieta provincial. O governador provincial presidia o comitê

447 NT: A palavra "stadtholder", usada no texto inglês, é encontrada no dicionário Unabridged Merriam-Webster para aludir ao vice-rei ou chefe de Estado das Províncias Unidas dos Países Baixos, ou vice-rei ou vice-governador de uma região fora dos Países Baixos. O tradutor optou pelo emprego da palavra governador-geral.

448 Janez Cvirn, *Trdnjavski trikotnik. Politicna orientacija Nemcev na Spodnjem Stajerskem (1861-1914)*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1997.

provincial, que operava como um governo autônomo, i.e., o poder executivo da dieta provincial, e era encarregado da administração provincial autônoma. O comitê provincial respondia perante a dieta provincial; todos os membros eleitos do comitê provincial deviam residir na capital da província.

O sistema eleitoral de 1861 introduziu cinco classes ou cúrias eleitorais: *virilists*[449] (bispos e reitores de universidades, que atuavam *ex-officio* como deputados), grandes proprietários de terras, câmaras de comércio e comunidades rurais. Cada cúria tinha um número pré-determinado de deputados. Esta composição permitia que certas classes sociais elegessem um maior número de deputados do que outras, porque o voto era ponderado de acordo com o valor dos impostos pagos ou da propriedade. Este direito ao voto era um princípio liberal que não reconhecia o sufrágio universal exigido pelos democratas, que argumentavam que cada um devia ter o direito de votar quanto qualquer outro, pois todos, pagassem taxas ou não, tinham que servir no exército. O voto, segundo o sistema eleitoral austríaco, era extremamente limitado, mas ainda assim era menos restrito do que o vigente na Hungria, Itália ou Bélgica. Nos anos de 1870 era concedido a 7 ou 8% da população. Por essa razão, um punhado de proprietários de terra chegava a ter 1/4 dos deputados (entre 100 e 200 nas províncias eslovenas), enquanto que 80% da população rural só tinham 40% dos deputados. No território esloveno, todos os bispos eram *virilists*. Nas cúrias das cidades e nas rurais, o voto era geralmente atribuído aos membros das primeiras duas categorias de eleitores qualificados de acordo com a lei municipal. Os representantes das cúrias das cidades eram eleitos por votação direta, ao passo que os das cúrias rurais eram eleitos pelos eleitores que cada comunidade rural indicava. A composição das dietas provinciais

449 NT: O termo "virilist" se refere, segundo pesquisa no *Google*, a um dispositivo da legislação eleitoral que previa uma cota elevada de representantes dos maiores contribuintes ao tesouro do Estado.

que resultava deste sistema mostrava óbvios traços das assembleias provinciais. O mesmo sistema de cúrias era aplicado para as dietas provinciais e para o parlamento, porque a eleição por cúrias e uma distribuição desigual de deputados entre as províncias individuais era o principal objetivo da geometria eleitoral de Schmerling, que buscava manter o domínio alemão mesmo em áreas não alemãs com uma população minoritária de alemães.

As províncias tinham liberdade para administrar suas riquezas, frequentemente vultosas, e o direito de estabelecer margens de impostos e diversos tributos. Segundo a legislação austríaca, as províncias também tinham poderes para resolver questões locais, escolares e relativas à Igreja, e lidavam com matérias de interesse local, como fundos caritativos, hospitais, trabalhos culturais e públicos, e instalações industriais. A autonomia provincial, porém, mostrou-se muito menor na prática do que em princípio. Por definição, também abrangia o sistema de ensino fundamental de acordo com a lei que obrigava todas as províncias autônomas a manter seus respectivos sistemas escolares, nomear professores e fundar novas escolas. Além disso, como os salários dos professores recaíam sob a autoridade das províncias, eles variavam consideravelmente de uma província a outra, de forma que, por exemplo, um professor na Carníola recebia menos do que seu colega na Estíria. A lei também estipulava que as escolas deviam ser supervisionadas por conselhos escolares que eram estabelecidos para cada nível da administração e se compunham de representantes do Estado, das municipalidades, dos condados, da província, da Igreja, dos professores e dos pais. Cada província aprovava um ato oficial escolar que previa a composição dos conselhos escolares.

O ano de 1861, no qual a Patente de Fevereiro foi proclamada e causou muita indignação no território esloveno, foi também marcado pelas primeiras eleições para as dietas provinciais.

Depois de uma séria reflexão, Bleiweis compreendeu que havia poucos patriotas para garantir o sucesso do movimento nacional esloveno. As expectativas eslovenas provinham principalmente da convicção de que a língua nacional era um pré-requisito para o desenvolvimento nacional. Isto foi também articulado em uma petição endereçada ao chanceler Schmerling, que exigia a criação de escolas primárias exclusivamente em língua eslovena, a garantia de igualdade para o idioma esloveno nas escolas secundárias e superiores e a unificação de todas as províncias eslovenas sob um mesmo governo. Em abril de 1861, 20 mil pessoas haviam assinado a petição[450].

A firme crença nos direitos linguísticos como direitos nacionais fundamentais também se manifestou na luta política antes das primeiras eleições gerais para as dietas provinciais em 1861, especialmente nos apelos para que os votos fossem dados a homens que defendessem as liberdades concedidas pelo imperador, mas também lutassem fervorosamente pelos interesses de sua nação e de seus direitos linguísticos. Antes das primeiras eleições para a dieta provincial não houve mudanças importantes na atitude eslovena para com os alemães ou italianos. Contudo, a impotência dos políticos eslovenos da época foi plenamente demonstrada pelos fracos resultados para o campo nacional esloveno. Sua completa falta de organização foi, também, demonstrada de forma mais que eloquente pelo fato de que Bleiweis foi eleito por três distritos eleitorais, de forma que teve de renunciar a dois. Duas das razões que levavam a isto eram que a campanha pré-eleitoral tinha sido deixada nas mãos de nacionalistas eslovenos que atuavam no campo eleitoral, enquanto as opiniões dos eleitores eram mais fortemente influenciadas pelos seus conhecidos do que por finalidades políticas. As eleições, além disso, revelaram duas lutas concorrentes: uma entre opiniões liberais e conservadoras ou

450 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 937.

clericais e outra a favor ou contra os direitos linguísticos eslovenos. As forças conservadoras sofreram uma amarga derrota, perdendo todos os votos rurais e conseguindo eleger apenas um sacerdote para todo o território esloveno. O partido esloveno era bem organizado na Estíria e em Liubliana, cujo novo prefeito era um funcionário popular de 1848, Miha Ambroz. Em seu compromisso de manter a confiança recíproca, a fraternidade e as tradições de 1848, Ambroz buscou governar a cidade segundo uma base comum entre eslovenos e alemães. Ele chegava a pronunciar discursos nas duas línguas, que também tinham diferenças em conteúdo. Em geral, pode se concluir que o movimento nacional esloveno foi derrotado nas eleições de 1861. Só 13 dos 36 deputados se declararam eslovenos na dieta provincial de Carníola e 7 dentre 21 na dieta provincial de Gorizia, enquanto declarações nacionais em outras dietas provinciais ainda não tinham sido feitas. Em consequência, os eslovenos tiveram uma voz muito marginal no parlamento, no qual suas opiniões eram representadas por três deputados não afiliados: dois da Carníola e um de Gorizia. E o que foi pior, durante as primeiras sessões do parlamento os eslovenos descobriram com decepção que as promessas do imperador de proteger os direitos de todas as nações tinham sido fraudulentas e enganosas. O ministro de Estado, Schmerling, rejeitou terminantemente a petição eslovena e todas as exigências linguísticas dos deputados eslovenos.

Depois que a vida constitucional foi restaurada, o movimento nacional esloveno continuou a se reunir em torno do prudente e pragmático Bleiweis, editor da *Novice*, que insistiu em que a nacionalidade e a liberdade eram direitos inseparáveis e que o esloveno devia ser introduzido nas escolas e na burocracia. Começaram porém a surgir opiniões clericais novas e mais radicais, encarnadas no editor da *Zgodonja danica*, Luja Jeran, que colocavam a religião antes da nação e da liberdade e provocavam assim

desaprovação mesmo dentro do clero. Ainda que a preocupação central dos políticos eslovenos da época fosse uma transformação federalista da monarquia, eles não eram sequer capazes de articular uma oposição ao governo baseada em princípios. O movimento nacional e político esloveno ainda mostrava unidade externa, mas o território esloveno já fora dividido em dois campos políticos nacionalmente conflitivos: eslovenos e alemães. Bleiweis dividia os adversários do movimento esloveno (que, ele advertia, também incluíam eslovenos) em três grupos, com base em suas atitudes em relação à língua eslovena. Os membros do primeiro grupo, funcionários públicos e artesãos, falavam esloveno em casa, mas alemão em público, em parte por um desejo de melhorar sua reputação. Os membros do segundo grupo dependiam estreitamente do primeiro grupo e não eram em princípio antieslovenos. O terceiro grupo consistia nos membros das classes média e burocrática alemã que se opunham energicamente ao movimento esloveno e descreviam as exigências sobre língua eslovena como indicações de separatismo, traição, pan-eslavismo e talvez mesmo a aspiração de criar um reino eslávico do sul sob Nicolau de Montenegro[451].

Mudar para o campo nacional oposto, como testemunhado pelos eslovenos bem no início da era constitucional em 1861, provocava um clamor. Dragotin Dezman, um intelectual antes dedicado à causa eslovena entrou em divergência com a liderança política eslovena da época e passou-se do campo nacional esloveno para o lado alemão. Ele se opunha especialmente a forjar alianças com os croatas e a imitar o exemplo checo. Depois de ter "desertado" o lado esloveno, ele defendeu fervorosamente as opiniões alemãs e ganhou apelidos pejorativos como "renegado" e "traidor nacional" ao expressar a opinião extremamente degradante de que os eslovenos deviam ter humildade face a sua condição cultural e

451 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 76.

econômica, que eles deviam amplamente aos alemães, cuja cultura era sua única garantia de progresso. Porém, a sua observação de que o esloveno não podia ainda superar o alemão na vida pública e cultural foi aplaudida por muitos membros da classe média, então predominantemente bilíngue, que se identificava e tinha empatia simultaneamente com as culturas eslovena e alemã. Alguns podem ter considerado a política nacional eslovena muito estreita, ao passo que outros podem tê-la achado muito conservadora e totalmente inaceitável por seu inescrupuloso flerte com as políticas dos eslavos do sul. Portanto, o problema da "defecção" tinha obviamente muitas facetas e decorria de razões econômicas, sociais, até mesmo pessoais e, acima de tudo, políticas. Um apelido pejorativo para um esloveno que tomasse o lado alemão na disputa esloveno-alemã foi *nemskutar*[452]. Josip Jurcic os caracterizou da seguinte maneira:

> *Vocês concordariam, meus compatriotas eslovenos, que é uma ave repugnante a que avilta e mesmo abandona o seu próprio ninho; que quem morde a mão que o alimenta acaba lambendo a bota que o espanca; que quem tem vergonha de sua mãe e pai, que o amaram e nutriram, é um filho desgraçado, com um coração de pedra e que não merece confiança nem respeito. E veja bem, tal ave, tal pessoa, tal filho é um* nemskutar. *Ele despreza seus compatriotas, desdenha da fala e da língua de sua própria raça e tem vergonha de ser esloveno, esticando-se até a ponta dos pés para se tornar alemão e unir-se aos alemães, nossos adversários*[453].

A fachada exibida externamente da unidade interna do partido "nacional" esloveno começou a rachar sob a pressão das divergências que emergiam; além dos clérigos radicais, políticos

452 NT: algo equivalente a "poodle dos alemães".

453 Josip Jurcic, *Zbrano delo*, v. 11. Liubliana: DZS, 1984, p. 74.

eslovenos mais jovens de inclinações liberais (Simon Jenko, Josip Stritar, Josip Jurcic e Josip Vosnjak) principiaram a afirmar com sucesso suas posições em esferas culturais e artísticas mais amplas. Na Estíria, o papel principal na promoção de políticas nacionais estava nas mãos de liberais extremados (Janko Sernec e Ferdinand Domenkus) cuja orientação e ideologia liberais impregnaram todo o movimento nacional esloveno. Um funcionário alemão, Mihael Hermann, foi um dos primeiros líderes eslovenos na Estíria e um defensor dos interesses eslovenos. Depois das primeiras eleições, os eslovenos da Estíria foram os primeiros a organizar sua movimentação política, de vez que neste período a Estíria tinha muito maior flexibilidade política, resultante, entre outras causas, de melhor capacidade financeira e organizacional. Foi precisamente na Estíria que a ideia da Sociedade Literária Eslovena (Slovenska matica), estabelecida em Liubliana, em 1864, foi primeiro concebida.

Durante os quatro anos do governo de Schmerling os progressos do movimento nacional esloveno para consolidar a língua eslovena continuaram a ser modestos. Enquanto houve avanços nas escolas primárias na Carníola e em Gorizia, o alemão continuou a ser o idioma de ensino dominante nas escolas secundárias em todo o território esloveno, assim como nas cortes e na administração pública.

Sociedades de leitura, *tabori,* e a popularização das ideias nacionais

Durante a era constitucional os eslovenos confinaram seus esforços políticos e culturais nas sociedades de leitura, uma vez que a vida constitucional na Áustria progredia muito lentamente e não permitia suficiente liberdade para o estabelecimento de associações de caráter político. As sociedades de leitura forneciam assim o nicho perfeito para muitos ativistas políticos e culturais. A primeira sociedade de leitura foi criada em janeiro de 1861 em

Trieste como Sociedade de Leitura Eslava (Slovanska citalnica), que se destinava a também servir outros eslavos do sul em Trieste. Fran Levstik foi nomeado seu secretário. Durante seu primeiro ano de funcionamento, a Sociedade de Leitura Eslava alcançou o número de 230 membros. Naquele mesmo ano, sociedades de leitura começaram a surgir em Maribor, Liubliana e Celje. Daí por diante, seu número cresceu a cada ano e, por volta de 1864, chegaram a 12; depois da adoção da Constituição de Dezembro em 1867, atingiram o número de 57 em 1869. As sociedades de leitura eram fundadas em cidades, cidades-mercados e centros administrativos menores, no Litoral, até certo ponto na Carníola Interior e em aldeias. Em 1869, o número de membros das sociedades de leitura chegava a cerca de quatro mil. Elas continuaram a surgir durante a década dos 1870 e mesmo depois, mas não com a mesma intensidade de antes. Sua "idade de ouro" pode ser situada nos anos 1860, quando exerceram um papel político crucial.

As sociedades de leitura, cujas origens remontam aos clubes de leitura do período anterior à revolução de março, forneciam um local de reunião onde pessoas que compartilhavam das mesmas opiniões organizavam as chamadas *palavras* (*besede*) em diversos locais, mas com mais frequência em tavernas. Tratava-se de noites com divertimentos, declamação, discursos e conferências, impregnadas de conteúdo patriótico. Muitos tinham seus próprios corais e escolas de canto, colecionavam jornais nacionais e estrangeiros e em alguns lugares estabeleciam bibliotecas. Nas cidades e cidades-mercados, tornaram-se centros da vida social. Ainda que variassem em termos de acesso, as sociedades de leitura eram, em geral, instituições de classe média (intelectuais, comerciantes conceituados, entre outros). Elas forneciam um lugar de encontro para a *intelligentsia* motivada pelas ideias nacionais e a elite eslovena privilegiada nas cidades e cidades-mercado e para pessoas bem-sucedidas do meio rural, artesãos e pequenos

comerciantes no campo. Contudo, exceto no Litoral, onde elas também foram populares entre os camponeses, as sociedades de leitura não abrangiam os segmentos mais amplos da população. Desde 1863, as sociedades de leitura da Estíria organizavam festividades ao ar livre, reunindo grandes massas para celebrar acontecimentos específicos (por exemplo, o Dia dos Veteranos de Guerra) e oferecendo uma ampla gama de espetáculos para atrair o máximo de pessoas. Do ponto de vista organizacional, este tipo de reuniões estava se tornando cada vez mais parecido com as reuniões *tabori*[454] que surgiram mais tarde, mas, ao contrário das últimas, não tinham conotações políticas.

Inicialmente, as sociedades de leitura também eram frequentadas por alemães, o que causava um problema de língua, uma vez que a língua "oficial" nas sociedades de leitura era o esloveno, ao passo que as mulheres em especial se comunicavam em alemão. A posição dos eslovenos nas sociedades de leitura acabou afinal melhorando através do envolvimento ativo da geração dos liceus pós-1848, nos quais o esloveno tinha se tornado a língua de ensino e o sistema ortográfico esloveno tinha sido completamente estabelecido. O único critério para a produção cultural e especialmente literária era o fervor nacional e o entusiasmo patriótico, uma vez que a crítica literária na época era virtualmente desconhecida para os eslovenos. Em 1869, a sociedade de leitura central de Liubliana tinha 300 membros. Ao tornar-se um centro da vida cultural e política eslovena, Liubliana evoluía como uma capital longamente desejada da Eslovênia, uma cidade moderna, com iluminação a gás. Devido às regras eleitorais injustas da patente de Schmerling, como Josip Mal apelidou a legislação eleitoral com compreensível frustração[455], os alemães

454 *Tabor* é um termo esloveno que geralmente denota campo ou acampamento; no entanto, com referência ao período 1868-1871, a palavra se refere a uma reunião política de massa realizada ao ar livre (nota do tradutor do texto em inglês).

455 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 972.

tiveram maioria no Conselho Municipal de Liubliana até 1869, mas a própria cidade era dirigida por prefeitos eslovenos.

A força crescente do movimento nacional esloveno também se refletia na renovada criação de sociedades. A única sociedade que havia perdurado desde os anos 1850 era a editora Mohorjeva druzba, estabelecida em 1851 com base na legislação do ano revolucionário de 1848 que formalmente permaneceu em vigor até a era da reação, quando até 1867 tornou-se quase impossível criar qualquer sociedade, especialmente com fins políticos. Como a ideia da disseminação de livros eslovenos entre a população fora concebida por Slomsek, Mohorjeva druzba reorganizada tornou-se uma organização semieclesiástica cuja popularidade cresceu durante os anos 1860 e atingiu seu auge nas vésperas da Primeira Guerra Mundial. Os livros da Mohorjeva druzba eram encomendados através de todo o território esloveno independentemente de crenças políticas. Seu conteúdo era bem equilibrado e estruturado, compreendendo um calendário com artigos, as "vésperas" eslovenas (coleção de contos), livros para a igreja e vários livros instrutivos (em economia e ciência popular). No período 1874-1891, houve uma edição em cinco volumes da *História Geral do Povo Esloveno* (*Obca zgodovina za slovensko ljudstvo*) de Josip Stare, escrita em estilo vibrante, compreensível e belo e cuja primeira tiragem se esgotou em um período muito curto. Antes da Primeira Guerra Mundial, houve planos para publicar uma nova edição de história mundial em dez volumes, para a qual autores selecionados contribuiriam com descrições de períodos históricos específicos. Afinal, o livro de Anton Sovre, *Os Antigos Gregos* (*Stari Grki*), de 1939, foi o único volume a ser realmente publicado, pois as demais obras foram impedidas pelo início da guerra, após o qual um projeto tão ambicioso já não podia mais ser completado. Entre a Primera Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, *A História da Nação Eslovena* (*Zgodovina*

slovenskega naroda) foi publicada, iniciada por Josip Gruden (que escreveu as primeiras mil páginas até o período de Maria Teresa e José II). Depois da morte de Gruden, seu sucessor na Mohorjeva drzuba foi o diretor do Museu Provincial Josip Mal, que contribuiu com um trecho completo cobrindo o período desde a Revolução de Fevereiro até a Primeira Guerra Mundial.

Em 1864, juntou-se a Mohorjeva druzba a primeira sociedade científica eslovena, Slovenska matica, cuja finalidade era publicar livros para leitores mais refinados. O nome "matica" foi adotado de suas sociedades irmãs (Matica srpska em Novi Sad, na Sérvia, e Ilirska matica em Zagreb, Croácia). A missão fundamental da Slovenska matica, que continua a existir, era a promoção da imprensa científica eslovena. O imperativo primordial desta árdua tarefa era afirmar o esloveno como idioma da ciência e construir uma terminologia apropriada. A Slovenska matica publicou um vasto número de livros e o primeiro jornal científico, *Letopis--Zbornik Matica Slovenske*, contendo discussões em esloveno sobre vários campos da ciência. Nos primeiros estágios a maioria dos textos eram de fato traduções de outros idiomas, mas a seleção de papéis científicos eslovenos continuou a crescer.

Em estreita relação com as sociedades de leitura, e buscando realizar a mesma missão, os amantes do teatro estabeleceram a Sociedade Dramática em Liubliana em 1866. Seguindo o exemplo checo, e na linha das tendências europeias do século XIX que marcaram o começo e o desenvolvimento da vida esportiva, criou--se em Liubliana, em 1863, a sociedade ginástica – Juzni sokol –, que disseminou a consciência nacional eslovena por meio da organização de competições e excursões ao campo. Juzni sokol era uma organização ginástica liberal, enquanto os católicos estabeleceram a sua própria organização, Orel (Águia), em 1906. As duas organizações permaneceram separadas até a introdução

da ditadura real em 1929, quando se uniram em uma única associação pan-iugoslava.

Além disso, com a introdução da Constituição de 1867, que aumentou a liberdade de associação, as primeiras sociedades educacionais de trabalhadores começaram a aparecer ao fim dos anos 1860. Condições favoráveis também facilitaram a criação de sociedades políticas, de que só homens participavam. Inúmeras sociedades menores surgiram em diversas cidades e cidades-mercado, mas ficavam confinadas às fronteiras respectivas de cada província, apesar de seus nomes pan-eslovenos, como "Slovenija" na Carníola (para a proteção dos direitos nacionais), "Sloga"[456] no Litoral e "Edinost" em Trieste[457]. Isto era, sobretudo, um reflexo do estado contemporâneo da política eslovena naquela época, que era liderada de forma diferente em cada província. Numerosas sociedades menores também surgiram em cidades específicas e cidades mercado e prestaram contribuição crucial para o desenvolvimento cultural e nacional esloveno.

Este foi também um período animado de atividades literárias, que seguiam principalmente as tendências pós-românticas combinadas com elementos das fases iniciais do realismo, e seus representantes mais significativos foram Fran Levstik, o poeta Simon Jenko e Josip Jurcic, autor do primeiro romance esloveno *Deseti brat* (1866)[458]. Em 1866, a sociedade de leitura de Liubliana encenou a primeira opereta, *Ticnik*, composta pelo mais importante representante da música romântica eslovena, Benjamin Ipavec.

Os anos 1860 também permaneceram na memória do território esloveno como uma época em que a publicação de jornais

456 "Concórdia", informação do tradutor do texto inglês.

457 "Unidade", idem.

458 NT: "O Décimo Irmão".

floresceu em meio ao despertar das paixões políticas, o que levou à necessidade de um jornal político especial para os eslovenos. O *Novice* de Bleiweis não só tinha uma circulação modesta como era publicado somente uma vez por semana, e por outro lado seu editor insistia em manter um estilo de redação antiquado e ineficaz, escrevendo de maneira concisa e clara. Nestes novos tempos, os eslovenos necessitavam de um jornal político que se especializasse exclusivamente em temas políticos. Um grupo de intelectuais e políticos eslovenos de orientação liberal, os chamados Jovens Eslovenos, tentaram por três vezes lançar um jornal político. Em 1863, o rico senhor de castelo e poeta Miroslav Vilhar deu apoio à publicação de uma gazeta bissemanal, *Naprej*, e escolheu Fran Levstik como seu editor chefe e autor. Ainda que *Naprej* não tenha afetado a unidade do campo político esloveno ou contraditado diretamente os velhos eslovenos, representou um passo à frente com seu julgamento sensato e realístico da situação no território esloveno, com sua postura baseada em princípios nas questões de interesse nacional, e em seus apelos a favor de melhorias na organização e no compromisso com o movimento nacional. *Naprej* defendia sem ambiguidade a "Eslovênia Unida" e a criação de vínculos com outros eslavos do sul, mas rejeitava as propostas de adotar o croata como língua científica principal, acentuando que o trabalho científico era, precisamente, de importância central para o idioma esloveno. Atingida por numerosos processos, a gazeta ficou em circulação por não mais de seis meses. É necessário ter em vista que neste tempo ainda não existia imprensa livre e os editores eram muitas vezes trazidos à justiça debaixo de acusações de publicar artigos que incitavam o ódio entre as duas nações. O dono da gazeta, Vilhar, chegou a ser preso e multado por publicar um artigo pedindo a abolição das velhas fronteiras provinciais e a unificação das nações que compartilhavam a mesma língua.

O círculo de Bleiweis, porém, não apreciava tanto a ideia de uma linguagem política eslovena e preferia publicar uma gazeta que apresentasse a perspectiva eslovena em alemão. Levstik e muitos eslovenos fora da Carníola se opunham energicamente a este conceito, as discussões que se seguiram sobre que tipo de jornal político os eslovenos precisavam ter acabaram por dividir a liderança política eslovena em Jovens Eslovenos e Velhos Eslovenos, que receberam estes nomes segundo o exemplo dos "Velhos Checos". Entre 1865 e 1870, os Velhos Eslovenos publicaram assim *Triglav*, chamado de "o jornal dos interesses da pátria", que apresentava o ponto de vista esloveno; ainda que fosse essencialmente mais carniolano do que pan-esloveno. Enquanto isto, Andrej Einspieler, um conservador e ardoroso defensor dos direitos da Igreja Católica, lançou o jornal *Slovenec* em Klagenfurt, que durou não mais do que dois anos. Seu principal objetivo era instruir e educar o povo esloveno em questões de interesse religioso, político, nacional e econômico. Além disso, em 1868, um novo jornal político, *Slovenski narod*, foi lançado em Maribor, com publicação em vários dias da semana e que afinal veio a ser o primeiro diário esloveno. O *Slovenski narod* tornou-se o primeiro jornal esloveno permanente e teve um papel importante como arauto do campo liberal até os anos de 1920, quando passou a representar as opiniões de apenas uma facção liberal. Em 1920, o campo liberal lançou um novo jornal, *Jutro*, cuja orientação política foi denunciada pelo *Slovenski narod* que continuou a ser publicado até o fim da Segunda Guerra Mundial. Com o tempo, cada região passou a publicar semanários como seus jornais especiais. *Soca* (1871-1915) era o mais renomado em Gorizia, *Mir* (1882-1920) na Caríntia, *Slovenski gospodar* (1867-1941) na Estíria e *Edinost* (1876-1928) em Trieste. Este período também assistiu ao nascimento de revistas de humor, como *Pavlika* de Levstik em 1870, bem como *Osa* e *Brencelj*.

Grandes mudanças também ocorreram na arena política mais ampla dos Habsburgos durante a metade dos anos 1860. O governo de Schmerling tentou orientar a monarquia em um espírito centrista, mas não conseguiu reunir o apoio húngaro e croata para o Diploma de Outubro e menos ainda para a Patente de Fevereiro e as eleições do parlamento. A oposição também ganhava terreno nas terras da Boêmia, onde os liberais e a velha nobreza conservadora se opuseram ao sistema criado pela Patente de Fevereiro. Insistindo nos princípios do direito histórico checo eles rejeitavam categoricamente o centralismo e pediam maior autonomia local. A política checa se radicalizou e, a partir de 1863, os deputados checos não participaram mais das sessões parlamentares em Viena. A oposição ao centralismo também era manifestada em outras nações eslavas. A política de Schmerling de esperar chegou a se tornar fonte de frustração para os liberais alemães, que exigiam emendas constitucionais democráticas, a expansão das liberdades e dos direitos políticos e a revogação da Concordata de 1855 com a Igreja Católica.

Depois que o chanceler Otto von Bismarck subiu ao poder na Prússia e Schmerling já não era capaz de administrar os assuntos do Estado, a deterioração das relações da monarquia com a Prússia e o temor de sua desintegração exigiam uma imediata consolidação interna. O fracasso completo da política de Schmerling levou à queda do governo no verão de 1865. O conde Richard Belcredi tornou-se o novo primeiro-ministro e, por um curto período, a nobreza federalista e conservadora tomou a direção do Estado. A Patente de Setembro de 1865 manteve a Lei Básica sobre Representação do Estado, com base no argumento de que era primeiro necessário alcançar um acordo com o parlamento húngaro e o "Sabor" croata, que até então tinham se recusado a cooperar. Aos olhos dos liberais alemães, a manutenção da Patente de Fevereiro era um ataque óbvio aos direitos constitucionais e ao parlamentarismo; os

conservadores e clericais a acolheram com satisfação, enquanto os líderes das nações não alemãs receberam a Patente de Setembro como garantia da futura igualdade das nações, o reconhecimento dos direitos históricos das províncias e o fim da pressão centralista.

A ascensão de Belcredi encheu os eslovenos com a esperança de um futuro mais brilhante para sua nação, especialmente depois que ele emitiu uma circular exigindo que os funcionários nas províncias etnicamente mistas respeitassem o idioma da população local e expressassem um compromisso de respeitar as aspirações dos eslovenos. O envolvimento político esloveno tornou-se mais intenso e mais ousado; o reaparecimento das ideias da "Eslovênia Unida" deveria agora ser harmonizado com os princípios do direito histórico, que naturalmente representava um imperativo para a reconstrução da monarquia.

O iniciador e firme adepto da reconstrução da monarquia, Andrej Einspieler, tinha previsto a criação de um grupo especial composto das províncias da Áustria Interior, Estíria, Caríntia, Carníola e o Litoral, mas com exclusão de Prekmurje e da Eslovênia veneziana. A chamada Áustria Interior teria um parlamento e um governo em comum e formaria, simultaneamente, uma federação com as demais províncias austríacas. Einspieler mostrou-se aberto aos colaboradores do território esloveno mais amplo, inclusive os Jovens Eslovenos e Levstik, cujos artigos em *Slovenec* abordavam as mais prementes questões da política eslovena.

Em uma reunião de políticos eslovenos em Maribor, em 1865, os Jovens Eslovenos instaram pela reconstrução da antiga Áustria Interior, cujas fronteiras abrangeriam todos os eslovenos, inclusive os da Eslovênia veneziana e Prekmurje. De acordo com o chamado Programa de Maribor, cada província teria sua própria dieta com deputados de todas as nações que ali vivessem e que seriam eleitos com base em cúrias de nacionalidades. Os temas comuns ao grupo da Áustria Interior seriam da competência de uma dieta

conjunta. Eles imaginavam assim a unificação dos eslovenos sem romper o princípio da indivisibilidade das províncias defendido pelos alemães da Estíria e da Caríntia. Contudo, como os eslovenos teriam constituído cerca de 40% da população da Áustria Interior, o problema da igualdade ainda continuava sem solução. De uma ou outra forma, o plano não despertava interesse para os círculos do governo nem para os conservadores alemães, e o programa chegou mesmo a provocar oposição e críticas categóricas entre os eslovenos. O Programa de Maribor foi, portanto, apenas um breve episódio na luta dos eslovenos para alcançar seus objetivos nacionais. O retorno do movimento esloveno ao programa original da "Eslovênia Unida" foi, além disso, estimulado pelos acontecimentos tumultuosos de 1866 e 1867: a derrota da Áustria pela Prússia, que resultou na unificação da Alemanha, e a derrota da Áustria pela Itália no verão de 1866, que acarretou a perda da Eslovênia veneziana. Seguindo o exemplo dos reinos que constituíram a nova Itália unida, um plebiscito também foi realizado na Eslovênia veneziana, quando a população, inclusive cerca de 27 mil eslovenos, votaram por sua anexação ao Reino da Itália. Isto marcou o início do processo de italianização. Os novos governantes italianos asseguraram à população local que a italianização não seria imposta à força, mas disseminada pelo ensino da língua e da cultura da civilização predominante italiana. A italianização foi, portanto, principalmente realizada na educação, na agricultura e na literatura. Este enfoque, na opinião dos italianos, era a estratégia mais eficaz para fortalecer suas fronteiras. E o que era mais, se toda a população que habitava as regiões montanhosas da província de Udine e do vale do Resia recebesse educação em italiano sobre cultura italiana, o italiano se tornaria a única língua usada pela geração seguinte.

Outro momento sombrio para a liderança política eslovena foi o Acordo Austro-Húngaro. Em paralelo às exigências eslavas

(particularmente dos checos) por uma reconstrução federalista da monarquia, defensores de uma reorganização dualista do Estado ganhavam terreno entre os círculos dominantes e prevaleceram totalmente após as derrotas militares da Áustria em 1866. Depois de prolongadas negociações com os liberais húngaros, o governo afinal optou por uma reconstrução dualista da Monarquia Habsburgo no começo de 1867. O Acordo Austro-Húngaro proclamava a união de dois estados soberanos dentro da mesma monarquia e a organização interna de cada parte era determinada por uma constituição especial. Três áreas do governo eram designadas como de comum interesse para ambas as partes da recém-estabelecida Monarquia Austro-Húngara: relações exteriores, questões militares e (em parte) finanças. Questões específicas recaiam sob a competência de novos ministérios conjuntos que tiveram seus nomes prefixados com abreviações que eram também incorporadas em títulos profissionais ou nomes pessoais, dando-lhes um significado completamente novo. Estas abreviações eram: k.k. denotando imperial-real (*kaiserlich-königlich*); k.u.k. denotando imperial e real (*kaiserlich und königlich*) e k. denotando real (*königlich*). O imperador Francisco José era imperador da Áustria, mas apenas rei da Hungria. O exército conjunto austro-húngaro estava sob comando alemão. Além disso, cada unidade estatal também formava seus próprios chamados regimentos provinciais de defesa (chamados *Honved* na Hungria e Croácia, e *Landswehr* na metade austríaca da monarquia) como parte da autonomia provincial. Em cada unidade de defesa, a língua de comando era um "vernáculo" (alemão, húngaro e croata). Liubliana recebeu seus quartéis provinciais de defesa, construídos com apoio financeiro da província e da cidade, no começo do século XX.

Os eslavos, que haviam tido aspirações e esperanças de realizar uma federação de nações, consideraram o dualismo como seu

maior infortúnio. O líder checo Frantisek Palacky afirmou que o dia em que o dualismo foi proclamado era o do nascimento do pan-eslavismo na sua forma menos desejada. Em um tom semelhante, Bleiweis descreveu a decisão austríaca em favor do dualismo como brincar com fogo e como a maior catástrofe que um dia cairia sobre a Áustria. A introdução do dualismo também infligiu uma perda física aos eslovenos, porque a Hungria assumiu o controle sobre Prekmurje e consequentemente cortou os contatos de 45 mil eslovenos de Prekmurje com sua pátria. O dualismo cortou as nações eslavas da monarquia em duas metades e separou aliados naturais uns dos outros.

Apesar de tudo, entretanto, os anos cruciais de 1866 e 1867 também trouxeram algumas mudanças positivas para os eslovenos. A legislação mais nova e liberal concedia-lhes mais liberdade, inclusive de seguir uma vida política.

As eleições para a dieta provincial, em janeiro de 1867, nas quais os eslovenos participaram pela primeira vez como um corpo político organizado, trouxeram ao movimento nacional esloveno sua primeira vitória importante. Além disso, este triunfo deveu muito ao compromisso profundo demonstrado pela vasta maioria da população rural em Gorizia, Carníola e Estíria, com a causa política em sua expressão inequívoca de consciência nacional eslovena. Isto é, todos os distritos eleitorais rurais nestas três províncias elegeram deputados eslovenos. Os eslovenos também triunfaram em Liubliana, assegurando uma maioria de assentos na dieta carniolana; em Gorizia, o número de deputados eslovenos foi quase igual ao de italianos; e na Estíria eslovena, os deputados eslovenos surgiram como a maior força nas cúrias rurais.

Em fevereiro de 1867, um novo primeiro-ministro, Friedrich Ferdinand von Beust, dissolveu as dietas provinciais, de inclinação pró-federalista em sua maioria, inclusive a da Carníola. Mas isto não impediu os eslovenos de saírem novamente vitoriosos nas eleições

seguintes, em março. Um pouco mais frustrante, no entanto, foi o percentual de representantes eslovenos no parlamento de Viena. Eles foram assim confrontados com três opções: seguir o caminho da abstenção por princípio como fizeram os checos; formar uma oposição com base em princípios no parlamento; ou fazer uma oposição oportunista e tática. Os deputados eslovenos seguiram a terceira opção. Em maio de 1867, eles participaram da sessão parlamentar em Viena e votaram a favor da reconstrução dualista da monarquia, o que provocou uma explosão de indignação no público esloveno. Os representantes eslovenos no parlamento de Viena justificaram sua decisão citando a promessa do governo de aumentar a autonomia provincial e conceder mais direitos à língua eslovena nas escolas e na administração pública. Contudo, a única promessa cumprida pelo governo foi a aprovação de uma linha ferroviária para a Carníola Superior entre Liubliana e Tarvisio. A concessão da linha foi ganha pelo deputado Lovro Toman que, contudo, a vendeu por uma fortuna a uma companhia de construção. A ação de Toman virou um escândalo político que produziu reações furiosas, pois os deputados eslovenos se viram submergidos por acusações de votar a favor do dualismo por corrupção.

De outra perspectiva, o ano de 1867 deu início a um período de crescimento e aprofundamento dos antagonismos ideológicos entre os Jovens Eslovenos (liberais) e os Velhos Eslovenos (católicos conservadores) dentro do território esloveno, assinalando a primeira mudança importante na introdução de um elemento de clericalismo em uma parte da política eslovena. Uma explicação para isto era a luta cada vez mais feroz que se travava no Estado contra a Concordata e as posições eclesiásticas: o grupo liberal alemão via a Igreja como o maior obstáculo para o desenvolvimento de um Estado constitucional de direito, enquanto a Igreja se sentia ameaçada pela introdução do casamento civil e o controle do Estado sobre o sistema escolar, que solapava os princípios fundamentais

da Concordata. Nestas circunstâncias, o clero se achava compelido a fortalecer seu engajamento político.

A maioria do clero esloveno tinha uma consciência nacional. Além disso, como corporação organizacional principal no meio rural esloveno, ela exercia considerável influência e controle sobre o movimento nacional esloveno, forçando assim a liderança do movimento nacional a consentir com suas exigências de unificação através da defesa dos princípios católicos e da influência da Igreja. Outra razão de consideráveis atritos no movimento nacional esloveno eram as táticas políticas dos deputados eslovenos no parlamento: um lado defendia a chamada política realista, oportunista ou favorável a compromissos, o outro lado argumentava em favor de políticas nacionais inspiradas no "Eslovênia Unida". No entanto, com a deterioração da situação política, até o grupo liberal esloveno concluiu que a defesa dos princípios católicos e da influência da Igreja na vida pública se impunha; assim, estas posições foram afinal incorporadas no Programa Nacional Esloveno. As eleições de março de 1867 fizeram nascer o princípio "Tudo pela religião, pelo imperador e pela pátria". Os deputados eslovenos no parlamento criaram um clube em comum com tiroleses clericais como sinal de oposição decidida às políticas de germanização seguidas pelos liberais alemães. Em julho de 1867, Luka Svetec foi o primeiro deputado estatal esloveno a levantar sua voz em defesa da Concordata.

A decisão de endossar o dualismo também foi um duro golpe para os eslovenos porque permitia que os alemães e os húngaros fizessem acordos recíprocos em detrimento das outras nações da monarquia. Decepcionados com os desdobramentos constitucionais internos desfavoráveis e com medo da pressão alemã, os líderes nacionais eslovenos tiveram a ideia de forjar laços mais fortes com outras nações eslavas. Já em 1868, um grupo de dignitários eslovenos perguntaram ao vice-rei (Ban) croata se

seria possível contar com apoio húngaro caso eles decidissem se unir às terras da coroa de Santo Estêvão. A resposta negativa de Budapeste naturalmente levou à mesma resposta do vice-rei. O forte ressentimento contra a divisão de poder alemã-húngara deflagrou expressões ainda mais acentuadas de descontentamento pan-eslavo, por exemplo, como no desafiador comparecimento de checos, eslovenos, croatas e rutenos da Galícia em uma exposição etnográfica em Moscou na primavera de 1867, como clara indicação de que todas as suas esperanças estavam na Rússia[459], Mal escreveu, explicando ainda que:

> *[e]sta foi realmente uma época quando eles se voltariam com grande amor e simpatia para sua* matuska[460] *do leste. Em uma reunião no outono de 1869, estudantes eslovenos exprimiram sua "firme convicção de que, no interesse da literatura de alto nível, é absolutamente imperioso para nós aprender russo". Este foi, além disso, um tempo em que os verdadeiros eslovenos adotaram o* slogan *"melhor russos do que prussianos"*[461 e 462],

caso a monarquia se desintegrasse ou fosse ameaçada de dominação prussiana. Mas ao buscar aliados que pudessem assegurar ou garantir aos eslovenos sua existência nacional, os Jovens Eslovenos também aprenderam algumas lições graves que levavam à séria reconsideração. Eles ficaram chocados principalmente ao se dar conta de que os russos se importavam muito menos com os eslovenos do que com os eslavos ortodoxos a tal ponto que os russos realmente buscavam formar uma aliança com os prussianos. A segunda grave lição veio no chamado

459 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 976.

460 Expressão russa afetiva para a mãe (nota do tradutor do texto inglês).

461 NT: "better Russians than Prussians".

462 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 976.

Congresso de Liubliana (ou Iugoslavo) em dezembro de 1879, de que participaram sérvios, eslovenos e croatas, que reiteraram a necessidade da unificação das nações eslavas dos sul. Naquela ocasião, o sérvio da Voivodina, Svetozar Miletic declarou que era completamente absurdo fazer alianças com os eslovenos ou os checos, porque se houvesse guerra eles seriam com certeza anexados à Alemanha. O único resultado tangível desta reunião dos eslavos do sul foi a circulação durante seis meses do jornal *Südslawische Zeitung*.

De outro ponto de vista, o dualismo concedeu maior liberdade política ao reconhecer a igualdade perante a lei e a liberdade de expressão e associação, ao aprovar a lei sobre processo penal e ao assegurar a vitória de vários princípios parlamentares que inspiraram a nova constituição (a chamada Constituição de Dezembro) e instalaram o primeiro governo da classe média. O art. 19 da nova constituição garantia a igualdade das nações e das línguas. Mas este direito só se aplicava às chamadas nações históricas, ao passo que o resto não tinha sequer a oportunidade de receber educação secundária em sua língua materna. Os eslovenos também só conseguiram estabelecer um liceu estadual (em Gorizia), enquanto a igualdade no ensino acadêmico estava ainda mais distante de tornar-se realidade[463]. Independentemente das liberdades declaradas, porém, a mesma constituição "garantia [...] nada menos do que períodos específicos de governo absolutista"[464] ao autorizar o Conselho de Ministros a emitir leis caso o parlamento fosse dissolvido.

Este regime liberal durou até 1879, exceto por um interlúdio entre abril de 1870 e outubro de 1871, quando a coalizão de conservadores e federalistas manteve brevemente o poder. Durante

463 Igor Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo. Politicni mozaik 1861-1918*. Liubliana: Studentska zalozba, 2003, p. 31-32.

464 Ibid., p. 32.

este período, os governos austríacos não eram propriamente partidários, pois eles consistiam de agentes próximos ao imperador e da alta nobreza e constituíam, devido a suas inclinações mais conservadoras, a chamada ala direita dentro de governos liberais. A vida política interna na monarquia continuava a existir na sombra de acontecimentos políticos internacionais que também tinham impacto na situação política e nacional eslovena. Os acontecimentos mais importantes deste período foram a Guerra Austro-Prussiana (1870-1871), a vitória da Prússia e, como consequência, a criação de uma Alemanha unificada (18 de janeiro de 1871) sob o primeiro imperador alemão, Guilherme I. A Alemanha imperial logo se tornou o Estado mais poderoso do continente. Isto também significou o triunfo da Prússia na questão alemã e, por fim, à exclusão da Áustria da Alemanha.

Quando o grupo dos Velhos Eslovenos e seus deputados no parlamento (Janez Bleiweis, Etbin Costa, Lovro Toman e Luka Svetec) optaram pela chamada política do oportunismo, a política eslovena se radicalizou. A exigência de uma oposição decidida ao governo desfechada pelos Jovens Eslovenos Fran Levstik, Valentin Zarnik e Josip Vosnjak, que vinham principalmente da Estíria, de tendência mais liberal. Eles apresentaram suas opiniões no *Slovenski narod*, que se tornou um diário depois que se transferiu para Liubliana em 1872. Por um lado, *Slovenski narod* apoiava uma Áustria forte que protegesse os eslovenos contra as tendências vindas da Itália e da Prússia, mas ao mesmo tempo clamava por um Estado livre e federalista, expressando assim seu forte antidualismo. *Slovenski narod* difundia o programa "Eslovênia Unida" e promovia a cooperação entre os povos eslavos e eslavos do sul. Contudo em certos aspectos também ia contra os princípios do liberalismo europeu, por exemplo, ao defender fortemente um vínculo inquebrantável entre a nação eslovena e a Igreja Católica. Nas questões econômicas, porém, defendia o mercado interno

rejeitando o comércio livre. Era "típico" do campo liberal esloveno da época "buscar continuamente um equilíbrio entre os princípios liberais e a realidade interna"[465].

Outra face na propagação das opiniões políticas nacionais visava atrair grandes massas e tomava a forma de manifestações nacionais. Tornadas possíveis pelas normas que concediam maior liberdade de reunião, tais manifestações se tornaram a base para a organização de assembleias ao ar livre, as chamadas reuniões *tabor*, espacialmente mais amplas e menos seletivas do que as sociedades de leitura o que lhes dava maior alcance. Assim a tradição europeia de reuniões de massa, também bastante bem conhecida na Áustria, se enraizou no solo esloveno. Além do mais, como mostra a experiência checa (a reunião dos hussitas no bíblico Monte Tabor em 1434), a liderança política eslovena abraçou a tradição tanto na forma quanto no nome, embora as reuniões *tabor* também tivessem um significado profundo na tradição eslovena (a palavra denotava fortificação, por exemplo, igrejas *tabor*). Na Estíria, as chamadas "palavras sob o céu aberto" foram organizadas a partir de 1863 e atraíram grandes audiências. O primeiro tabor em território esloveno reuniu-se na Estíria, se realizaram e o maior teve lugar em Vizmarje perto de Ljbljana, com 30 mil em Ljutomer, em 9 de agosto de 1868. Durante os três anos seguintes, dezoito tabors pessoas.

Em média, os tabors atraíam massas de 5 a 6 mil pessoas. Acompanhados pelos sons de bandas e vestidos com trajes nacionais, os participantes vinham a pé ou a cavalo, em carroças decoradas ou de trens com passagens baratas. Todos os tabors tinham uma programação semelhante: eles eram convocados para as tardes de domingo e incluíam um número de oradores, inclusive líderes nacionais ou deputados. O tema principal de cada

465 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 84.

tabor era o programa "Eslovênia Unida", e os outros elementos do programa eram todos de alguma forma relacionados a ele, tal como exigências para a introdução do esloveno nas escolas, escritórios, igrejas e tribunais, e para a criação de novas escolas e de uma universidade eslovena[466]. Os oradores se dirigiam depois a questões de importância local ou econômica. A parte oficial de um tabor se concluía com a aprovação de resoluções e apelos endereçados às autoridades para que as endossassem. Seguia-se um programa de divertimentos. Dois dos mais populares oradores eram Valentin Zarnik e o padre Bozidar Raic. Os opositores dos Jovens Eslovenos mantinham distância dessas reuniões ao ar livre, ou melhor, se reuniram a elas só depois que o movimento tabor alcançara todo seu impulso. Os tabors enchiam os eslovenos de entusiasmo, animando tanto a população urbana como a rural e acelerando as simpatias das pessoas simples pelo "Eslovênia Unida". Eles representavam assim uma manifestação única do programa nacional, e a exigência em prol do "Eslovênia Unida" passou dos tabors para as dietas provinciais da Estíria e da Carníola. Mihael Hermann assim advertiu explicitamente na dieta provincial da Estíria que os estrangeiros tinham completo controle sobre o território esloveno, ao passo que os eslovenos não passavam de empregados em sua própria terra. A dieta provincial de Gorizia questionou o governo em 1869 se estaria disposto a atender às aspirações contidas no "Eslovênia Unida", e a dieta provincial da Carníola adotou uma resolução semelhante em 1870.

A legislação liberal de 1869 introduziu a Lei sobre Ensino Elementar, atendendo as mais necessárias de todas as reformas educacionais. A Igreja perdeu o controle sobre o sistema escolar que tinha tido durante a Concordata. A educação não ficava mais à discrição das autoridades locais e tornou-se responsabilidade das províncias e do Estado. Os anos de escolaridade obrigatória

466 Ibid., p. 84.

passaram de seis a oito anos. Mudanças substanciais também foram introduzidas no currículo: além dos quatro cursos básicos (leitura, escrita, aritmética e ensino religioso), as crianças também recebiam importante instrução em ciências naturais, geografia, história, geometria, canto e exercício físico. A nova lei visava assegurar igualdade de oportunidades educacionais, melhorando a qualidade do ensino e eliminando taxas escolares, das quais só as crianças mais pobres tinham sido isentas até então. De acordo com a nova legislação, o ensino elementar foi posto sob a supervisão de conselhos escolares provinciais que, em cooperação com os municípios, decidiam também sobre o idioma de ensino. O esloveno ingressou assim nas escolas elementares na Carníola, na parte eslovena da Gorizia, na vizinhança de Trieste e em vários municípios da Estíria.

Como a custosa administração da reforma escolar causou sérias dificuldades ao Estado, foram oferecidas às províncias menos desenvolvidas (Carníola, Gorizia e Ístria) alternativas para adaptar a duração da escolaridade às suas condições. A Ístria introduziu seis anos de escolaridade obrigatória com dois anos adicionais de classes noturnas obrigatórias. Na Carníola, a escolaridade de oito anos foi adotada nas cidades maiores e nas cidades mercado, e as áreas rurais mantiveram os seis anos de escolaridade. De acordo com as novas normas sobre escolaridade obrigatória universal, as novas escolas elementares modernas incluíam todas as crianças com idades entre 6 e 12 ou 14 anos. Outros passos foram dados nos anos 1870 para fornecer educação em ofícios e comércio, que também eram oferecidos como cursos extracurriculares. O analfabetismo nas províncias eslovenas vinha decrescendo regularmente, de modo que, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, os eslovenos tinham uma posição elevada na escala de alfabetização, só ficando atrás dos alemães, checos e italianos. Havia, contudo, diferenças entre províncias individuais:

as taxas de analfabetismo em Trieste, Carníola, Estíria e Gorizia ficavam entre 11% e 15%, ao passo que na Caríntia a taxa subia para 23% devido à germanização, enquanto a situação na Ístria era ainda pior.

Os anos 1860 podem também ser vistos como um período de luta cultural parcialmente atribuível ao antagonismo entre liberais e clericais que permeara a Áustria desde 1867. A maioria liberal no parlamento tentava fazer passar uma série de leis para minimizar o papel do clero no Estado até onde fosse possível (a Lei sobre Educação, a organização dos mosteiros, a Lei sobre o Casamento Católico e Heterodoxo), despertando assim polêmicas ferozes. Tensões semelhantes também se manifestaram no território esloveno, causando divisões cada vez mais profundas no movimento nacional esloveno. O movimento tabor começou a decrescer; foi proibido durante a Guerra Franco-Prussiana de 1870 e também mais tarde por promover ideias pan-eslavistas e iugoslavas. Contudo, o movimento nacional esloveno ainda mantinha uma posição unânime em relação ao grupo alemão, que se declarava liberal, anticlerical e constitucionalista (*Verfassungstreu*). A fim de demonstrar seu firme compromisso com seus princípios, os alemães estabeleceram a Associação Constitucional (*Verfassungsverein*) em Liubliana em 1868 e começaram a publicar um jornal, *Laibacher Tagblatt*. Este exemplo foi logo seguido pelos alemães em Celje e Maribor. A pressão alemã aumentou ao mesmo tempo em que a fissura no movimento nacional esloveno se aprofundava. Para deter as exigências liberais, que se materializavam sobretudo na legislação liberal, o clero da metade austríaca da monarquia começou a se organizar como um partido católico que primeiro surgiu nas eleições em 1870, alcançando grande sucesso no campo ao passo que os liberais foram vitoriosos nas áreas urbanas. Esta onda também alcançou o solo esloveno, onde sociedades católicas surgiram e reuniram católicos de todas

as afiliações nacionais. A força do movimento conservador católico se refletiu no aparecimento de novos jornais; o *Slovenski gospodar* de Maribor surgiu em 1871 e o católico *Slovenec* de Liubliana começou a ser publicado em 1872. Em Gorizia também se desenvolveram atividades jornalísticas interessantes e cheias de vibração, e o jornal católico *Glas* teve início em 1872. A facção católica da sociedade política Soca, estabelecida em 1868, achou o jornal homônimo muito liberal e fundou um jornal menos de um ano mais tarde. A atmosfera estava saturada com a controvérsia entre os Velhos e Jovens Eslovenos de Gorizia o que gerou uma nova "sociedade nacional e política eslovena com base religiosa" em 1873, que se tornou conhecida como *Gorica*. *Glas* passou a ser o jornal central da nova sociedade política e reteve esta posição até que *Gorica* acabou como sinal de reconciliação em 1876, quando *Soca* tornou-se o jornal da sociedade unificada dos eslovenos de Gorizia simbolicamente chamada de Sloga. A antiga tradição de publicação foi infelizmente encerrada pela incorporação do Litoral ao Reino da Itália depois da Primeira Guerra Mundial. Em 1949, um novo jornal católico, *Katoliski glas*, foi lançado em Gorizia como sucessor do *Slovenski Primorec* (1945-1948, publicado em Gorizia na zona A da Marca Juliana)[467]. Permaneceu em publicação até 1995, quando se uniu ao *Novi list* de Trieste em um novo semanário católico, *Novi glas*.

Os eslovenos não aprovavam esta divisão ideológica imposta: como ocorreu muito cedo, ela os impedia de travar uma luta unificada e afetava negativamente o desenvolvimento nacional esloveno como um todo. A maioria do clero esloveno se mobilizava pela causa eslovena e vigiava de perto a posição da

467 NT: Marca Juliana, também chamada de Venezia Julia, na região norte do Adriático. Fortemente contestada entre os estados vizinhos ao longo dos séculos. No fim da Segunda Guerra Mundial, a Zona A referida acima foi zona de ocupação norte-americana. Vide: <en.wikipedia.org/wiki/Julian_March>. Acesso em: 19 jun. 2014.

língua eslovena nas escolas. Os professores universitários, porém, eram predominantemente liberais. Conforme a nova legislação, os professores foram alçados a posições de prestígio, permitindo ao Partido Liberal estender seu apoio majoritário até o campo. Assim, o território esloveno também assistiu à formação de dois blocos políticos, católicos e liberais, enquanto o grupo de conservadores em torno de Bleiweis advertia que era absolutamente vital para o movimento nacional esloveno preservar sua unidade na luta nacional. Em 1872, os liberais alemães chegaram ao poder na parte austríaca do Estado, enquanto as forças conservadoras austríacas, que então tinham fundado o Partido Constitucional (*Reichspartei*), reiteravam a exigência de restauração da autonomia histórica das províncias. Eles defendiam a igualdade das nações e das línguas e sublinhavam a necessidade de restaurar o antigo controle da Igreja sobre a educação e a vida pública. Isto, contudo, estava em total contradição com os princípios advogados pelos Jovens Eslovenos, que identificavam a concessão dos Velhos Eslovenos ao Partido Constitucional como uma reversão do conceito histórico obsoleto do arranjo sobre a autonomia provincial. As eleições para os comitês na assembleia geral da "Slovenska matica" em 1872, vencidas pelo grupo conservador dos Velhos Eslovenos, foram também uma mostra de que o movimento nacional esloveno estava à beira de uma ruptura ideológica. Além disso, os antagonismos tornaram-se um aspecto notório da dieta provincial carniolana e do período pré-eleitoral de 1873, quando editais foram emitidos para as novas eleições para o parlamento de Viena. Como primeiras eleições diretas, elas refletiam uma importante reforma política interna, que representava um passo significativo para a democratização da vida política, mas também exigiam uma organização política mais eficaz. A criação de novos distritos eleitorais dava aos eslovenos a oportunidade de eleger seus representantes ao parlamento vienense a partir de todas as províncias eslovenas – Estíria, Gorizia, Ístria,

Trieste e até a Caríntia. No entanto, a era de predominância dos liberais alemães foi também uma época de pressões fortes sobre os funcionários eslovenos para que demonstrassem sua lealdade a seus superiores ainda que o vasto número de funcionários alemães no território esloveno por si já assegurasse uma ampla porcentagem de votos para o partido alemão.

O resultado das eleições foi afinal bastante uniforme, mas, com apenas oito deputados esloveno eleitos, extremamente desfavorável para todo o movimento nacional esloveno. O resultado também mostrou que o grupo liberal esloveno permanecia fraco nas áreas urbanas, onde uma maioria de votos foi dado ao Partido Liberal alemão, mas que tivera muito melhor resultado no campo, onde o apoio dos professores fazendeiros abastados de tendência liberal provou ser crucial. Uma incapacidade semelhante de seguir uma política unificada podia ser vista entre os representantes eslovenos no parlamento de Viena, onde os deputados católicos e liberais formavam clubes separados e não voltaram a se afiliar senão na metade nos anos 1870. A facção católica eslovena reconhecia como seu principal líder o conde Karl Hohenwart, que de certa forma tornou-se o principal protagonista da política eslovena (até o clube foi batizado com o nome do conde) e simultaneamente mantinha unida a maioria dos conservadores católicos alemães. Os dois campos políticos eslovenos antagônicos moveram uma campanha suja e pessoal um contra o outro; eles acabavam levando suas rixas aos respectivos jornais, que logo se reduziram a brochuras propagandísticas mesquinhas. Além disso, suas disputas odiosas tornaram cada campo o pior inimigo do outro, pois eles preferiam votar por alemães a votar por qualquer membro do lado esloveno oposto. Isto enchia os eleitores eslovenos de indignação e frustração. Mas uma vez que as divisões na metade austríaca do Estado começaram a diminuir no começo de 1876 e especialmente quando os liberais ingressaram no Clube Hohenwart naquele ano, a unidade voltou ao território esloveno.

Contudo, a unidade não significava que os eslovenos se tivessem unido em um único partido político, mas sim que todas facções, ainda que ressalvando sua autonomia, se comprometeram com a cooperação política recíproca. Segundo Grdina, o "utilitarismo dos [Velhos Eslovenos] e a fervorosa atividade dos [Jovens Eslovenos] encontraram um campo comum no pragmatismo político nacional", e a pressão governamental era grande demais para que os eslovenos continuassem a se agredir mutuamente para sempre[468]. Eventos solenes, como a celebração do 70º aniversário do "pai da nação", Bleiweis, ruidosamente celebrada à luz de tochas em novembro de 1878, anunciaram a unificação do movimento nacional esloveno. Além disso, o movimento agora também acolhia a participação ativa das mulheres eslovenas, porque:

> *Como diz um antigo ditado esloveno: A casa não é construída sobre o chão, mas sobre uma mulher. E hoje este velho ditado esloveno tem um significado mais amplo: portanto não podemos dizer que a Eslovênia é construída não apenas sobre os homens eslovenos mas também sobre as mulheres eslovenas*[469].

A aliança entre o campo unificado esloveno e os conservadores alemães representou um passo fora da causa nacional e das normas da "Eslovênia Unida". Os deputados eslovenos juntaram forças no parlamento e nas eleições, e continuaram a fazê-lo até o começo dos anos 1890, ainda que os dois lados também continuassem a seguir seus caminhos respectivos com independência. Na virada dos anos 1860 para os 1870, novas forças políticas apareceram e deram prioridade à questão social, ou melhor, à questão dos trabalhadores. Este período testemunhou a fundação de sociedades

468 Igor Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo*, p. 66.

469 Anton Bezensek, *Svecanost o priliki sedemdesetletnice Dr. Janeza Bleiweisa*. Zagreb: Urednistvo "Jugoslavenskog stenografa", 1879, p. 54. Citado de Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo*, p. 67.

educacionais de trabalhadores de caráter supranacional que de início reuniam comerciantes e artesãos. Pedidos de ingresso foram feitos por liberais eslovenos e alemães e também por católicos, pois todos reconheciam plenamente a urgência do problema dos trabalhadores e as implicações de possíveis explosões de descontentamento. Nos anos 1870, as primeiras greves de trabalhadores ocorreram no território esloveno tal como em outros lugares e ligações políticas foram estabelecidas com o movimento dos trabalhadores austríacos. A vívida lembrança da Comuna de Paris esmagada elevava a consciência sobre a necessidade de uma política social mais sistemática.

O desenvolvimento da política eslovena variava de uma província a outra e era em muitos aspectos determinada pelas condições econômicas e a posição da *intelligentsia* eslovena e a classe média. A *intelligentsia* eslovena da Estíria era muito ativa politicamente e muito inclinada às ideias liberais, mas fraca demais para ganhar uma maioria de votos nas eleições. A situação na Carníola parecia algo melhor, mas a feroz competição eleitoral se provou fatal para o movimento esloveno, que foi derrotado nas eleições para a dieta provincial em 1877 depois de perder o apoio dos eleitores urbanos ("urban curia" no texto inglês). Na Caríntia, o movimento esloveno progredia lentamente, devido às condições étnicas desfavoráveis e ao pequeno tamanho da *intelligentsia* eslovena laica. Os eslovenos no Litoral, em Trieste e Gorizia e na Ístria enfrentavam dois fortes adversários, os italianos e o os funcionários do Estado austríaco. Ainda que o próprio movimento italiano se ramificasse em duas direções – irredentista e pró-Áustria – o mesmo permanecia unanimemente antiesloveno e antieslavo. As condições pareciam mais favoráveis para os eslovenos na Gorizia, onde eles formavam 75% da população e, ainda que isto não lhes garantisse maioria na dieta provincial, não dava aos deputados italianos uma predominância completa.

Assim, o esloveno estava em pé de igualdade com o italiano na dieta provincial de Gorizia, ao mesmo tempo que os políticos eslovenos também recebiam forte apoio da imprensa eslovena e das sociedades eslovenas. A unanimidade política, que chegou às áreas centrais eslovenas pelos fins dos anos 1870, já tinha produzido importantes resultados político-nacionais na Gorizia cerca de um ano antes. Em Trieste, qualquer esforço político bem-sucedido se tornava quase inconcebível devido à baixa representação eslovena no Conselho da Cidade, mas a classe média eslovena liberal e economicamente revitalizada tinha não obstante alcançado suficiente poder e experiência política em 1874 para unir-se na sociedade política eslovena Edinost. Edinost cresceu gradualmente como uma sociedade política eslovena para todo o Litoral e publicava um jornal de mesmo nome que continuou em permanente circulação até 1928, quando foi banido pelo regime fascista. A luta contra a dominação italiana na Ístria obrigou os eslovenos a unir forças com os croatas.

Os eslovenos na Hungria viviam em princípio sob a proteção de uma lei especial de nacionalidade que permitia o uso de línguas não húngaras na vida pública. No entanto, a lei não era implementada nas áreas povoadas por eslovenos entre os rios Rába e Mura. Nas poucas escolas primárias que proporcionavam ensino em esloveno, a lei de 1879 exigia lições obrigatórias de húngaro, aumentando a pressão húngara. O rio Mura, o maior obstáculo natural entre os eslovenos húngaros e sua pátria, era muito facilmente atravessado pela (editora) Mohorjeva druzba, cujos livros contribuíam de modo importante para a preservação da língua eslovena entre os eslovenos de Prekmurje.

Os eslovenos na Eslovênia veneziana, por outro lado, viviam sob circunstâncias políticas e étnicas completamente diferentes. Eles estavam presentes em onze municípios, seis dos quais eram

etnicamente mistos. Devido às precárias condições econômicas, esta região foi sempre marcada por maciça emigração, mais acentuadamente a partir das comunidades eslovenas nas áreas montanhosas. De uma perspectiva formal, os eslovenos na Eslovênia veneziana eram cidadãos italianos com iguais direitos perante a lei com a exceção de igualdade de direitos de nacionalidade porque o Reino da Itália só reconhecia juridicamente a minoria étnica francesa no vale de Aosta e obrigava todos os demais grupos étnicos à assimilação. Esta atitude provinha da crença generalizada de que o Estado (italiano) devia ser baseado na unidade cultural e linguística. O jornalista contemporâneo friulano Pacifico Valussi escreveu que, embora os eslavos em San Pietro al Natisone claramente não fossem de origem italiana, apesar disso eles se identificavam com a cultura italiana. A partir de 1869 o italiano foi declarado língua obrigatória de ensino, enquanto o esloveno foi preservado, embora em uma forma dialetal, por catecismo esloveno elaborado em 1869, e por livros em esloveno publicados pela Mohorjeva druzba. Porém, apesar das condições étnicas desfavoráveis, os eslovenos na Eslovênia veneziana formavam uma florescente comunidade científica e cultural, imbuída de fervor nacional e patriótico. Com a exceção das associações profissionais de trabalhadores, todas as sociedades eslovenas na Eslovênia veneziana se distinguiram pelo papel desempenhado no fortalecimento e na promoção das atividades profissionais, culturais, científicas e artísticas. A "Glasbena matica" fomentou e promoveu sistematicamente a música clássica e folclórica eslovena, a "Slovenska matica" dedicou seus esforços a desenvolver a ciência e a terminologia científica em esloveno e a "Mohorjeva druzba" difundiu uma cultura de leitura entre os eslovenos com suas extraordinárias atividades literárias e editoriais.

A personalidade literária central da época foi Josip Stritar, um escritor e poeta, editor da revista literária *Zvon*, e engajado na crença em uma destacada filosofia artística segundo a qual "a arte era o

único caminho para superar o conflito entre as expectativas do homem e as realidades da vida"[470]. Sua opinião era compartilhada por seus colaboradores Fran Levstik e Josip Jurcic, e uma geração mais jovem de autores literários eslovenos começou a surgir, da qual os mais notáveis representantes foram Ivan Tavcar, Janko Kersnik e Simon Gregorcic. Se a prosa era predominantemente realista, a poesia era ainda essencialmente pós-romântica. Contudo, apesar do alto nível da criatividade literária, ainda não tinha chegado a época para o pensamento liberal; uma atmosfera de simplicidade e ausência de espírito crítico, ditada pelos círculos culturais e políticos de inclinação conservadora, favorecia criações e espetáculos de divertimento e artisticamente pouco exigentes. A música era ainda amplamente influenciada pelo romantismo. Este foi também uma época de ouro para operetas no estilo da *Ticnik* de Benjamin Ipavec[471] e *Gorenjski slavcek* de Anton Foerster (adaptada da obra da poetisa e escritora eslovena Luiza Pesjakova). Enquanto Ipavec era o mais destacado compositor do período, melodias simples e composições patrióticas também tornaram populares Davorin Jenko e Anton Hajdrih. A pintura eslovena foi caracterizada por uma mudança em direção ao realismo acadêmico do período moderno, encarnada nos irmãos Janez e Jurij Subic[472].

Do ponto de vista econômico, porém, as províncias eslovenas passavam por um período turbulento. Em 1º de maio de 1873, Viena abriu solenemente uma exposição econômica mundial para exibir o progresso econômico da Monarquia Habsburgo. No entanto, este progresso era ilusório: no dia seguinte à abertura, a bolsa de valores de Viena despencou, vários bancos e companhias por ações ficaram arruinadas e muitos homens de negócio perderam todas as

470 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 92.

471 Igor Grdina, *Ipavci. Zgodovina slovenske mescanske dinastije*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2002.

472 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 93.

suas propriedades. Enquanto a crise atingiu mais severamente as áreas mais desenvolvidas industrialmente da monarquia, ela teve menor impacto nas províncias eslovenas predominantemente agrícolas. A situação agrícola tinha estado desanimadora por muito tempo, como resultado da emancipação dos camponeses, da lenta modernização da agricultura, a perda de renda para atividades não agrícolas, o declínio do artesanato rural e do transporte por carroças assim como pelos preços mais baixos dos produtos agrícolas devido à concorrência estrangeira. A posição dos fazendeiros se deteriorara ainda mais com a entrada do trigo russo e americano no mercado europeu, o que levou os preços a cairem verticalmente. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da economia agrária foi afetado pela proximidade das cidades ou vilas mais importantes, o que permitia aos fazendeiros com mais recursos comerciar seus produtos com êxito. Contudo, a lei sobre a emancipação dos camponeses afetou mais seriamente o campo esloveno, onde os fazendeiros pagavam 1/3 do valor da terra adquirida em 20 anos, o que causava crescente endividamento. A lei de 1868 permitiu o livre comércio das terras agrícolas, o que levou à ruina as fazendas pequenas e médias, pois os fazendeiros só podiam pagar suas dívidas vendendo sua propriedade, ao passo que as grandes propriedades se tornavam cada vez maiores. Este processo era mais evidente na Estíria, Prekmurje e na Caríntia eslovena. Pior ainda, até as próprias condições geográficas eram extremamente desfavoráveis para a agricultura no território esloveno, porque vastas partes da terra eram impróprias para a produção agrícola. Isto por seu turno levou a uma crescente fragmentação da terra disponível para a agricultura e a um decréscimo da população agrícola. Uma das tentativas para tentar resolver a crise da agricultura eslovena foi o estabelecimento de um movimento de cooperativas que foi estimulado pela adoção da lei sobre cooperativas em 1873 que foi inspirada pelas ideias de reformadores sociais sobre autoajuda,

que contribuiu substancialmente para melhorar a situação dos fazendeiros.

As cooperativas de crédito eram as sociedades cooperativas mais importantes no final do século. No território esloveno, as mais destacadas eram as cooperativas e bancos de poupança Raiffeisen fundadas por Janez Evangelist Krek. As cooperativas de crédito acumulavam grandes somas de pequenas economias e as distribuía em empréstimos acessíveis entre fazendeiros e artesãos. Os ativos dos bancos de poupança cresceram, o número de membros cresceu e os depósitos de poupança dispararam. Isto deteve a deterioração das propriedades agrícolas, facilitou sua modernização e contribuiu assim de forma significativa para melhorar a situação das propriedades agrícolas em geral. Antes da criação dos bancos agrícolas ou de poupança, os fazendeiros tinham geralmente contraído empréstimos com usurários rurais segundo as condições por eles estabelecidas. Assim, o empréstimo de dinheiro por um lado tornou-se uma fonte importante de capital esloveno e, por outro, mostrou-se um negócio ruinoso para os fazendeiros eslovenos[473]. Isto foi claramente ilustrado pelo exemplo da Carníola, onde 14% das propriedades rurais foram vendidas em leilões entre 1868 e 1893. A agonia dos fazendeiros eslovenos se mostrava em várias manifestações, alguns se juntaram ao exército do irmão do imperador, arquiduque Maximilano, na sua expedição militar ao México em 1867, e uma grande maioria emigrou para a Europa ocidental e a América. Este êxodo não pode nem ser contido por Bleiweis, que era fundamentalmente mais favorável à emigração para países eslavos.

O cultivo, a pecuária e a silvicultura eram as principais fontes de renda agrícola, e as províncias eslovenas estavam até entre aquelas áreas exportadoras de animais e madeira. A produção

473 Ibid., p. 96-97.

agrícola nas províncias eslovenas permanecia na maior parte dentro das fronteiras provinciais, com a exceção da produção vinícola, que sempre contou com uma ampla variedade de consumidores: os vinhos da Estíria encontravam provadores entusiásticos em Graz, vinhos de Vipava e da região de Karst eram vendidos em Trieste e no interior do litoral, enquanto os da Baixa Carníola agradavam consumidores menos exigentes na Carníola Superior[474].

A mineração e a silvicultura se desenvolveram em próxima correlação mútua e foram postas sob o mesmo ministério por razões tecnológicas e de propriedade. A indústria de mineração eslovena estava baseada no carvão, ferro, chumbo, zinco e mercúrio, tendo a mineração de carvão como o setor mais importante. A posição única e o valor da riqueza mineral deram aos mineradores direitos e obrigações especiais e sua própria legislação reguladora das atividades de mineração (a Lei Geral sobre Mineração de 1854). A Companhia de Mineração Trbovlje, fundada em Viena em 1872, incorporou todas as mais importantes minas de carvão no território esloveno (80%) até 1904.

A industrialização sistemática no território esloveno remontava à segunda metade do século XIX, a começar com a Patente de 1859 sobre a Emancipação dos Camponeses e os Ofícios, que terminou com o processo de concessão de privilégios, fixou condições para o desenvolvimento de indústrias não agrícolas e assim abriu caminho para a transição gradual de uma economia agrícola para uma economia não agrícola. Além das indústrias de mineração e carvão, o progresso mais notável neste período foi experimentado pela indústria do ferro com o estabelecimento de quatro importantes fundições (Ravne na Koroskem, Jesenice, Store e Prevalje). Em 1869, três homens de negócios de Liubliana,

474 Stane Granda, "Od razcveta v streznitev". In: Janez Cvirn, *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 129.

sócios de uma companhia comercial que era proprietária do moinho a vapor da cidade, fundaram a Companhia Industrial Carniolana em sociedade com a endividada empresa líder Karl Zois & Sons, que possuía várias forjarias na Carníola Superior. Ao fundir as usinas de Zois, as minas de Viktor Ruard, e os estabelecimentos na Carníola Superior, a Companhia Industrial Carniolana criou uma rede moderna de indústria do ferro. Ao fim do século, tinha expandido sua atividade a Servola, perto de Trieste, onde construiu o primeiro forno de fusão em 1897 e o colocou em funcionamento com a assistência de forjadores de Jesenice.

A metalurgia foi um elemento-chave da industrialização neste período; uma fábrica estatal de processamento de zinco foi fundada em Celje em 1873. A indústria do vidro também progrediu bastante; a indústria madeireira eslovena era fragmentada (seu setor principal era processamento da matéria-prima, enquanto que a produção de produtos acabados era bastante modesta); as indústrias de papel e de couro sofreram muitas transformações (a modernização, especialização e expansão das fábricas de papel foram aceleradas pelo afluxo de capital estrangeiro, e a indústria de papel se concentrou em torno de Liubliana). A indústria química teve suas primeiras fábricas estabelecidas depois de 1869; a indústria têxtil sofreu poucas modificações; a indústria de alimentos experimentou progressos no processamento de alimentos, cereais, oleaginosas e lúpulo. Grandes aglomerações de fábricas industriais específicas se concentraram ao longo das ferrovias, entre Maribor e Trieste, e entre Liubliana e Jesenica (formando o chamado "epsílon" industrial). Isto originou o desenvolvimento de novos centros industriais (Celje, o triângulo Zagorje-Tribovlje-Hrastnik, Liubliana, Trieste e Jesenice). Paralelamente ao desenvolvimento industrial, a porcentagem da população ocupada nas manufaturas e indústrias cresceu rapidamente, de 7% em 1869 a 10,4% em 1910.

Outra contribuição importante para o desenvolvimento econômico e geral foi dada pela expansão das instituições financeiras, principalmente os bancos de poupança. Cooperativas agrícolas também começaram a aparecer. As primeiras tentativas para a criação de um banco esloveno se deram na segunda metade do século XIX, até que finalmente frutificaram no fim do século com a fundação do "Ljubljanska kreditna banka", inteiramente apoiado em recursos financeiros checos. Até o início da guerra, o banco fundou uma rede de filiais no território étnico esloveno (Klagenfurt, Trieste, Gorizia e Celje). Em 1905, foi fundado o banco Jadranska em Trieste e, no fim da década, o banco "Kranjska Kreditna" em Liubliana. Os avanços iniciais do setor bancário esloveno ocorreram simultaneamente com o desenvolvimento do negócio de seguros.

Uma grande mudança, senão uma genuína revolução também foi experimentada no transporte. A grande realização foi a construção da linha Viena-Trieste da Ferrovia do Sul. Na Carníola Superior, a linha ligando Liubliana e Travisio foi construída em 1870; em 1873, a linha Liubliana-Tarvisio foi estendida até Villach; a seção Tarvisio-Pontebba foi construída em 1879, a seção Pivka-Rijeka em 1872 e a seção entre Divaca e Pula, o principal porto naval austríaco, em 1879. A chamada linha Bohinj ligava Jesenice e Gorizia em 1906. No começo do século XX, o desafio principal à ferrovia chegou com a introdução do automóvel. As estradas no território esloveno eram classificadas como estaduais ou estradas principais de comércio, provinciais, estradas do condado e estradas municipais. A principal estrada comercial era a que ligava Viena a Trieste. O desenvolvimento da rede ferroviária foi ainda mais encorajado pela construção do canal de Suez em 1869. Em 1872, os primeiros projetos econômicos e de transporte para tornar todo o território esloveno integrado

em seu conjunto foram elaborados, mas o governo central vienense não mostrou o menor interesse[475].

O Canal de Suez poderia também ter contribuído de forma decisiva para o progresso do interior de Trieste. A própria cidade, que estava se tornando um porto importante, tinha todas as oportunidades para prosperar, mas a expectativa de que se tornaria uma Manchester austríaca se comprovaram irrealistas.

O início do turismo no território esloveno remonta às duas últimas décadas do século XIX, com as estâncias hidrominerais aparecendo como o ramo de maior crescimento no turismo, especialmente na Baixa Estíria (Dobrna, Lasko, Rimske Toplice, Rogaska). Bled estava entre os sítios turísticos e as estâncias hidrominerais mais famosos antes da Primeira Guerra Mundial e guarda o seu renome como destinação turística de prestígio até hoje.

Os membros da classe média eslovena, cuja atividade econômica principal ainda se parecia mais com a da população rural do que urbana, melhoraram sua posição material no fim do século XIX. A classe média incluía alguns grandes homens de negócio, empresários industriais e um número ligeiramente maior de negociantes atacadistas, donos de lojas nas cidades e fazendeiros ricos que tinham se mudado recentemente para as cidades. A elite social de cada cidade era formada por advogados, notários, médicos e professores. Os pensadores, contudo, estavam principalmente ocupados com a luta nacional.

475 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzava*, p. 101.

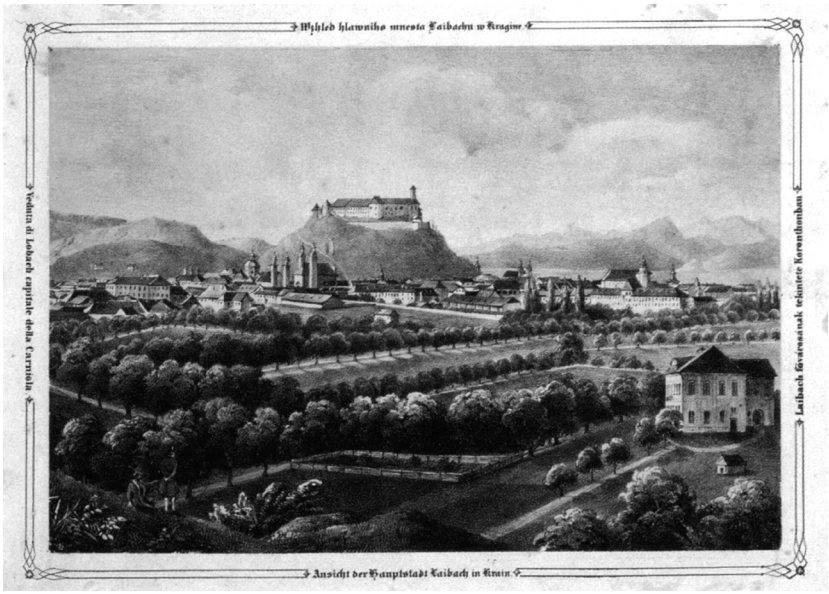

Figura 38. Liubliana, na segunda metade do século XVIII. Slovenska kronika XIX, stoletja, p. 109

Unidade e existência nacional

O verão de 1879 trouxe mudanças importantes à arena política interna austríaca. O principal catalisador foi a chamada Crise Oriental, que irrompeu em 1875 com a insurreição bósnia contra os turcos. Esta revolta, a maior e mais poderosa até então ocorrida, despertou atenção em toda a Europa, bem como entre os eslovenos, cujas simpatias estavam fortemente em favor de qualquer luta de libertação contra a hegemonia turca. Muitas cidades eslovenas começaram, portanto, a coletar ajuda para os rebeldes e muitos voluntários eslovenos chegaram a ir à Bósnia para unir-se à sua luta. A Áustria tinha que tomar uma posição e a Rússia fez apelo à Áustria para que se juntasse à guerra contra a Turquia e depois partilhasse os territórios turcos entre os dois. A ideia de uma guerra contra a Turquia era extremamente popular entre os povos eslavos da Áustria-Hungria, mas oposta pelos liberais alemães e

pelos partidos húngaros, que tinham grande temor de uma Rússia poderosa e dos eslavos em uma Áustria expandida. O movimento de trabalhadores liderado por Marx e Engels favorecia a Turquia. Engels chegou mesmo a elogiar o camponês turco como um precursor do progresso, mas isto era principalmente porque ele não tolerava as aspirações russas e eslavas. Tudo isto resultava em uma situação bizarra na qual a maioria, tanto no parlamento austríaco como no parlamento húngaro, se opunha a uma intervenção. O governo tentava encontrar uma solução neutra, enquanto as preocupações do ministro do Exterior, Gyula Andrássy, giravam principalmente em torno das aquisições territoriais para a Áustria--Hungria. A Rússia entrou assim sozinha na guerra contra a Turquia e avançou até Constantinopla.

A invasão da Rússia foi afinal contida pela intervenção britânica a que se seguiu o Tratado de San Stefano, que a Europa se recusou a reconhecer. O governo então conseguiu persuadir o parlamento vienense a iniciar entendimentos sobre a ocupação. Enquanto os Jovens Eslovenos tinham esperanças de que um novo e forte Estado eslavo surgisse do território da Turquia europeia, os Velhos Eslovenos manifestaram apoio à ocupação da Bósnia-Herzegovina. O Congresso de Berlim realizado em 1878 colocou a Bósnia-Herzegovina sob a administração da Áustria--Hungria; os Velhos Eslovenos chegaram a propor a unificação das duas províncias com os territórios esloveno e croata em uma unidade eslava do sul, a Ilíria. A operação militar foi completada em menos de três meses e, a julgar pelas suas estatísticas, foi o maior empreendimento militar do exército austro-húngaro no século XIX.

Depois do Congresso de Berlim, o imperador dissolveu todo o governo liberal alemão e formou um novo sob o conde Eduard Taaffe. Taafe era o presidente do governo da Áustria, formado por uma coalizão direitista de nações eslavas e deputados católicos

alemães. A missão do novo governo era resolver as disputas políticas e estabelecer o equilíbrio interno da monarquia. Nesta época, a distribuição de poder no parlamento tinha mudado completamente depois que os checos abandonaram sua política fútil de abstenção e voltaram a ocupar seus lugares no parlamento. Ao voltar, eles emitiram uma declaração de princípios que se referia aos direitos históricos de sua nação e sublinhava que não reconheciam o parlamento, mas que apesar disso participariam de suas atividades. Ambos os lados, os liberais alemães e a ala direita, eram igualmente fortes. O partido liberal alemão manteve um grande número de deputados, pois a legislação eleitoral continuava a dar prioridade às cidades e aos grandes proprietários de terra. A questão de uma maioria, contudo, causava constantes atritos, com cada lado tentando conquistar grupos menores. O governo basicamente independente de Taaffe estava baseado na coalizão parlamentar, mas tinha que fazer constantes concessões a um ou outro lado que lutavam por seus interesses. Em reação a estas pressões, o governo ameaçou renunciar e entregar o poder aos liberais alemães, que foi exatamente a manobra que lhe assegurou o mais longo mandato. No entanto, o governo de Taaffe não tinha intenções de efetuar mudanças constitucionais ou de resolver a questão nacional com base em alguns princípios gerais; a única coisa que o manteve no poder por tanto tempo foi seguir um princípio da "mão para a boca", como Fran Zwitter a política de concessões do governo[476]. Embora o governo de Taaffe tenha conseguido alguma redução das tensões na parte austríaca da monarquia, esta melhoria não ocorreu sem um preço:

> *A política, que tinha até então girado em torno de questões de princípio (a luta entre centralismo e federalismo, o conflito entre os liberais alemães e a Igreja Católica), se tornara uma questão de puro pragmatismo [...] A rota*

476 Fran Zwitter, *Nacionalni problemi v Habsburski monarhiji*. Liubliana: Slovenska matica, 1962, p. 163.

> *do sucesso podia ser trilhada apenas através de passos desprovidos de heroísmo que só levavam a mudanças importantes em um período maior de tempo*[477].

Os eslovenos não estavam, portanto, muito entusiasmados com o governo, mas se conformaram com as migalhas da mesa de Taaffe. Dito isto, o período de governo de Taaffe trouxe uma importante mudança positiva para os eslovenos da Carníola ao reconhecê-la como uma província eslovena e ao mesmo tempo dando sinais de reduzir seu apoio ao governo do partido alemão na Carníola, que ainda mantinha importantes posições econômicas. O diário *Laibacher Zeitung* passou a ser uma publicação semanal. Em 1879, o partido alemão da Carníola participou das eleições pela última vez, sem sucesso. Em 1882, o partido perdeu a maioria no conselho municipal e um ano mais tarde na dieta provincial. A presidência provincial passou para um esloveno, Andrej Winkler, um bem-sucedido funcionário que era extremamente popular, sem trajetória entre os grandes patriotas.

Winkler prestou um notável serviço aos eslovenos por ter calmamente asseverado o esloveno como língua oficial; ao mesmo tempo ele permanecia leal ao governo, navegando habilmente entre os dois lados e nunca agindo em detrimento dos interesses eslovenos. Durante poucos anos Winkler reorganizou discretamente a administração carniolana e a reforçou com pessoal esloveno. Isto era mais evidente pela crescente e afinal predominante parcela de eslovenos que ocupavam posições importantes, tais como de diretores ou supervisores de escolas, ou presidentes de tribunais. Durante a presidência provincial de Winkler o esloveno também começou a ser usado em comunicações oficiais. No entanto, durante todo o tempo, Winkler conseguiu preservar sua imagem de um líder imparcial. Outro testemunho de sua adaptabilidade foi sua decisão de declarar uma metade de

477 Igor Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo*, p. 80.

sua família como alemã e a outra como eslovena em um censo de população. O partido alemão comemorou sua saída como uma vitória. A Carníola teve assim seu primeiro e último presidente provincial entre 1880 e 1892. Ainda antes que o mandato de Taaffe tivesse terminado, a política do governo e a pressão dos liberais alemães forçou Winkler a renunciar.

A situação dos eslovenos da Estíria e da Caríntia não sofreu tanta mudança. Em ambas as províncias eles eram minoria, ao passo que os alemães não só detinham o poder político, mas também importante poder econômico, que fortalecia ainda mais a sua posição apesar da política do governo. A situação do esloveno, que já estava aos poucos penetrando na vida pública na Carníola, era muito mais frustrante na Estíria e na Caríntia, onde a maioria dos funcionários era alemã. Uma importante ameaça pesava sobre a existência nacional dos eslovenos da Caríntia, pois eles eram fracos econômica e socialmente, uma razão a mais pela qual as comunidades urbanas eslovenas se abstinham de participar das eleições. Nestas províncias, o efeito da política do governo era oposto ao efeito que ocorria na Carníola, pois os alemães da Estíria e da Caríntia faziam cada vez mais pressão sobre o governo, que eles acreditavam estar promovendo o desenvolvimento nacional esloveno.

A introdução do esloveno na burocracia e nos tribunais era gradual e, como mencionado acima, foi mais bem-sucedida na Carníola. Contudo, ainda que em teoria fosse possível comunicar-se em qualquer idioma no parlamento, os deputados eslovenos não falariam em esloveno de forma alguma até que prestaram seus juramentos em 1867. Ainda assim, eles continuaram a falar em alemão até à Primeira Guerra Mundial, usando apenas raras frases e parágrafos em esloveno para sublinhar suas exigências de igualdade linguística. Discursos que não fossem pronunciados em alemão não eram traduzidos nem transcritos. Nas dietas

provinciais, o esloveno só gozava de paridade com o alemão na Carníola e com o italiano em Gorizia. As traduções oficiais da Gazeta Oficial também eram publicadas em esloveno, mas só o texto original em alemão era reconhecido como autêntico. Além disso, todas as províncias, inclusive as eslovenas, publicavam suas próprias gazetas oficiais em suas línguas respectivas. Eventos públicos eram na maioria das vezes bilíngues; na Carníola, eles começaram a ser conduzidos exclusivamente em esloveno só perto do fim do período de Ivan Hribar como prefeito (1896-1910). A Gorizia, também, tinha um caráter bilíngue, enquanto as cidades na Baixa Estíria eram completamente germanizadas.

Embora a introdução da língua eslovena e o ensino em esloveno fossem o ponto central do Programa Nacional Esloveno de 1848, antes da Primeira Guerra Mundial o esloveno só havia se afirmado integralmente na educação elementar. O idioma de ensino era determinado pelos conselhos escolares provinciais; em 1914 todas as escolas elementares na Carníola eram em esloveno, exceto na área de Kocevje, que tinha uma forte comunidade alemã, Bela Pec, e em Liubliana, que também tinham escolas elementares em alemão. Nas escolas eslovenas o alemão tornou-se matéria obrigatória a partir do terceiro ano e vice-versa. O ensino em esloveno fez grande progresso no Litoral, o que descontentou a maioria italiana em Gorizia e Trieste; a primeira escola em idioma esloveno em Gorizia só foi fundada em 1895, enquanto em Trieste tais esforços não deram resultado. Antes da Primeira Guerra Mundial, escolas eslovenas foram também criadas na área rural da Baixa Estíria, enquanto que aquelas nas cidades e cidades-mercado povoadas por alemães eram predominantemente em alemão. Na Caríntia, escolas em esloveno apareceram em Jezersko, Globasitz, St. Michael, Zell e St. Jakob im Rosental. A situação era muito lamentável em Prekmurje e na Eslovênia veneziana, que não tinham nenhuma escola eslovena. A luta

pela predominância na educação se tornou mais organizada depois de 1880, quando a Associação Escolar Alemã (*Deutscher Schulverein*) foi criada em Viena para estabelecer e manter escolas alemãs nas províncias austríacas com populações etnicamente mistas. Nas províncias habitadas por italianos, a mesma tarefa foi empreendida por uma organização semelhante, "Para a Pátria" (*Pro Patria*), que foi sucedida pela Liga Nacional (*Lega Nazionale*). O principal promotor dos esforços nacionais em prol do ensino em esloveno era a Sociedade S. Cirilo e Methodius (*Druzba sv. Cirila in Metoda*), fundada em 1885 em Liubliana. Seu objetivo era facilitar o estabelecimento de jardins de infância e escolas particulares; em 1914, a Sociedade tinha 21 jardins de infância e oito escolas elementares no Litoral, na Estíria e na Carníola. Em Gorizia, jardins de infância também foram fundados pela sociedade política Sloga, cujo patrocínio sobre a esfera educacional foi continuado pela sociedade Solski dom em 1897.

A vida política ativa e vibrante da era de Taaffe foi um grande desafio para a unidade política eslovena, que se tornou muito enfraquecida porque os compromissos assumidos com o governo tornavam difícil sustentar uma posição de princípio depois. Ambos os grupos políticos, os adeptos do clericalismo e os liberais, mantinham opiniões relativamente conservadoras que refletiam uma sociedade que reconhecia apenas um direito limitado ao voto.

Acorrentados aos partidos políticos

A vida política no começo dos anos 1880 foi caracterizada por uma mudança de gerações. Janez Bleiweis, o "pai da nação" e "um conservador moderado, mas não um partidário do clericalismo"[478], morreu em 1881 sem deixar um sucessor capaz de deter a crescente divergência de opiniões e de intolerância política. O lado católico, sem dúvida, declarou Luka Svetec como seu sucessor, mas sua

478 Stane Granda. "Od razcveta v streznitev". In: Cvirn, *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 129.

"escolha" não se comprovou eficaz. Ao contrário, foi Karel Klun, um dos primeiros organizadores do grupo católico na Carníola, que alcançou proeminência. Na realidade, Klun realmente encarnava o que era considerado um membro da facção conservadora católica. Em consonância com os desdobramentos na Igreja Católica como um todo, que se tornou mais ativamente envolvida com as questões sociais sob o papa Leão XIII e adotou uma atitude mais rigorosa a respeito de princípios liberais sociais e econômicos, o grupo católico esloveno começou a fortalecer sua posição. Uma editora católica foi criada e o seu jornal, *Slovenec*, passou a ser um diário. O novo bispo de Liubliana, Jakob Missia (consagrado em 1884), deu abertamente seu apoio a Klun. Sua decisão foi motivada por um profundo temor do crescimento do Partido Social-Democrata, que ele identificava como a mais grave ameaça, de tal modo que ele "permitiu a rápida politização da rede da Igreja"[479].

Uma série de artigos intitulados *As Doze Noites* (*Dvanajst vecerov*), de Anton Mahnic, um professor na escola teológica em Gorizia, marcou o início do que veio a ser conhecido como a "divisão das almas" nas terras étnicas eslovenas. A série relacionava os princípios e as exigências da reforma católica, que Mahnic reafirmava e mesmo radicalizava em 1888 no diário *Rimski katolik*. Para Mahnic, o único padrão legítimo na literatura e nas artes era a moral católica. Ele lutou para encorajar uma renovada cristianização em todas as esferas da vida, exigindo a confissão radical e o comportamento baseado nos princípios católicos. Ele condenou os poemas de Simon Gregorcic, um poeta e sacerdote, estigmatizando-os como completamente insensatos e contrários à doutrina religiosa e iniciou uma crítica geral do realismo esloveno na literatura. Os realistas eslovenos reagiram de maneira pouco conclusiva, tentando preservar a unidade política, e foi somente em 1888 que Mahnic se confrontou com uma oposição mais decidida,

479 Igor Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo*, p. 124.

manifestada por Janko Kersnik no jornal literário *Ljubljanski svon*. O grupo católico, por seu lado, lançou seu próprio jornal literário, *Dom in svet* (1886-1944), editado por Francisek Lampet.

A intervenção de Mahnic na situação política na Eslovênia teve consequências duradouras. A sua luta se dirigia contra qualquer forma de liberalismo, inclusive o liberalismo católico, pois para ele os princípios religiosos eram diretrizes obrigatórias para a vida pública e privada. O trabalho a favor do povo, em sua opinião, era impossível na ausência de um consenso sobre a doutrina religiosa. Em outros termos, ele pedia uma divisão das almas de acordo com os lineamentos dos princípios. Com Mahnic, a tendência católica combativa e baseada em princípios, que lutava por uma reforma da sociedade moderna de acordo com os valores cristãos, tal como encorajava o papa Leão XIII em suas encíclicas, começou a ganhar terreno na Eslovênia. A divisão de almas provocou divisões políticas, a começar na região de Gorizia em 1889, quando um grupo católico radical liderado por Mahnic e Josip Tonkli se separou da sociedade Sloga. A maioria dos membros permaneceu na Sloga, que era liderada pelo católico liberal Anton Gregorcic. A luta entre os dois lados terminou durante as eleições parlamentares de 1891, quando Gregorcic venceu Tonkli e iniciou um novo período de unidade. Na Carníola a unidade se dissolveu quando a liderança de Sloga não conseguiu indicar seus candidatos conjuntos para as eleições provinciais de 1889.

Em 1890, a Associação Política Católica (*Katoliska politicna drustvo*) foi estabelecida em Liubliana na esteira da segunda Convenção Católica Austríaca realizada em 1889, enquanto que a primeira Convenção Católica Eslovena em 1892 desencadeou a criação de uma série de associações católicas locais. Em outubro de 1895, antes das eleições provinciais, estas várias associações se reuniram em uma só, o Partido Nacional Católico (*Katoliska narodna stranka*). Seu chefe oficial até sua morte em 1896 foi Karel

Klun, mas a verdadeira força motriz por trás dele era o Dr. Ivan Susterisic, que assumiu a chefia em 1902.

Do lado liberal, os protagonistas mais persistentes eram Josip Vosnjak e, trabalhando à sua sombra, o escritor Josip Jurcic, editor do jornal *Slovenski narod*. No entanto, a baixa estima social que tinham os homens de letras impediu Jurcic de tornar-se o principal político liberal. Após a morte de Jurcic em 1881, a geração mais jovem começou a estabelecer um espaço no grupo liberal. Em 1883, depois da vitória do grupo nacional esloveno na dieta da Carníola, os delegados se dividiram sobre um desacordo provocado pela exigência de anular as indicações de três representantes da cúria de grandes proprietários de terra alemães. Tratava-se de uma divisão entre a política do gradualismo e adaptação às circunstâncias, advogada pela chamada facção dos "elastikarji", e a política de se concentrar nos ganhos práticos nas exigências nacionais, defendida pela facção radical[480]. A influência mais importante entre os liberais radicais era o escritor Ivan Tavcar. Ele defendia que, ao passo que era justificável os eslovenos e outros eslavos entrarem em compromissos, um compromisso com os alemães estava fora de questão[481]. Tavcar era firmemente apoiado por Ivan Hribar, que mais tarde tornou-se prefeito de Liubliana (1886-1910). A consolidação do campo católico forçou os liberais a enfrentarem o desafio. Em 1891, eles estabeleceram a Associação Eslovena (*Slovenska drustvo*) e, em 1894, o Partido Nacional (*Narodna stranka*), que foi rebatizado como Partido Nacional Progressista (*Narodna napredna stranka*) em 1905. Seus líderes eram Karel Bleiweis-Trsteniski, Ivan Hribar e Ivan Tavcar.

480 O nome "elastikarji" (elásticos) teve origem na explicação dada pelo escritor esloveno Janko Kersnik sobre a política gradualista, na qual ele defendia a necessidade de "ser elástico".

481 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 107.

O movimento de trabalhadores também começou a ganhar influência política durante os anos 1880. Ele tomou posição contra os dois campos políticos tradicionais e evoluiu conforme o curso dos acontecimentos na Europa Central e Ocidental. As primeiras associações de trabalhadores em Liubliana e Maribor foram fundadas durante o fim dos anos 1860. Estas eram principalmente associações do comércio, depois associações da educação que tiveram origem em cidades e se estenderam a centros industriais e de mineração. As primeiras associações de trabalhadores não foram organizadas em função de visões comuns sobre questões mundiais ou objetivos nacionais, mas com o tempo seu traço unificador assumiu o caráter de uma posição antiburguesa. Seus pontos de vista começaram a se cristalizar por meio de debates sobre como melhorar a situação dos trabalhadores. Uma opção eram as cooperativas, o que se traduzia na autoajuda através da reunião de pequenas somas de dinheiro, como defendiam os liberais; a outra era ajuda estatal, como sustentado pelos chamados "lassalovci", adeptos do ativista social e político alemão Ferdinand Lassalle. Tendências anarquistas com origens no movimento austríaco de trabalhadores durante os anos 1870 também ganharam terreno, mas os anarquistas foram perseguidos por apoiar táticas terroristas. O líder da associação de trabalhadores de Liubliana, Franc Zeleznikar, que atraía seus camaradas com o *slogan* "dinamite e parafina", também pertencia a este grupo[482]. Ele e seus associados foram trazidos a julgamento em Klagenfurt e condenados a vários anos de prisão.

Um movimento trabalhista com contornos modernos se formou ao fim dos anos 1880, e as primeiras grandes organizações socialistas (partidos social-democratas seguindo uma ideologia marxista) surgiram. O Partido Social-Democrata Austríaco foi fundado em 1888/1889. Embora houvesse alguns eslovenos entre

482 Ibid., p. 109.

seus fundadores, o sucesso do partido nas províncias eslovenas com uma população predominantemente camponesa foi relativamente modesto. O Partido Social-Democrata Iugoslavo foi estabelecido em 1896, quando o Partido Social-Democrata Austríaco começou a se dividir em partidos nacionais individuais. Na Estíria e na Caríntia, os esforços de organização tiveram nuances nacionais alemãs, e a participação nos partidos sociais-democratas sugeria uma afiliação com a cultura alemã. Os líderes alemães rotularam o movimento trabalhista esloveno de atrasado. Sem dúvida, o partido esloveno na Caríntia era ligado ao clero, de maneira que os sociais democratas associaram o movimento trabalhista esloveno ao clericalismo. O Partido Social-Democrata também era ativo em Celje e Maribor, ao passo que na região do Litoral havia dois partidos sociais democratas separados, um esloveno e um italiano. Ambos tinham sede em Trieste, um dos centros de trabalhadores da época. Em 1890, o Dia do Trabalho foi comemorado pela primeira vez na Eslovênia.

O governo de Taaffe, que na realidade tornou possível o desenvolvimento de partidos políticos na Eslovênia, começou a desmoronar em 1890 e acabou caindo por causa de uma questão política interna que dominou a última década do século XIX – a batalha pelo sufrágio universal. Em 1893, Taaffe surpreendeu seus parceiros da coalizão com uma proposta de reforma eleitoral que visava a extensão dos direitos de voto, mas encontrou dura oposição dos maiores clubes parlamentares (a ala esquerda dos liberais alemães, o clube dos conservadores de Hohenwart e o clube polonês). O principal objetivo por trás da proposta era a de frear o radicalismo político, nacional e social dos novos partidos que se mostravam irredutíveis em suas exigências nacionais e buscavam apoio na sociedade mais ampla. Taaffe afinal perdeu o apoio do imperador e a chefia do governo foi confiada a Alfred Windischgrätz. A nova coalizão governamental aparentemente

atraiu alemães e eslovenos, de modo que seis delegados eslovenos deixaram o clube de Hohenwart, enquanto sete preferiram permanecer. A posição negociadora eslovena melhorou, pois agora os delegados eslovenos estavam em uma posição capaz de fazer pender a balança sobre a qual a sobrevivência do governo dependia e delegados independentes podiam apresentar diretamente suas exigências.

O objetivo comum dos delegados eslovenos era a introdução de classes paralelas em esloveno nos liceus de Celje. Durante os dois anos seguintes esta se tornou uma questão política importante cujas implicações repercutiam em toda a monarquia. Em 1888, o governo de Taaffe introduziu as classes paralelas em Maribor e, em troca de seus apoios no parlamento, os delegados eslovenos receberam a promessa de que classes paralelas também seriam estabelecidas em Celje. A promessa foi cumprida em 1895, mas os alemães de Celje, encorajados pelo apoio dos liberais nacionalistas alemães, rejeitaram com dureza a iniciativa, vendo nela o começo da eslovenização da Baixa Estíria. Os liberais se retiraram da coalizão e o governo de Windischgrätz renunciou. O novo gabinete foi formado por Kazimir Badeni, que primeiro se dedicou a resolver o conflito teuto-checo por uma resolução que fazia compulsório o conhecimento do checo para os funcionários alemães na Boêmia e Moravia. Mais uma vez, os alemães resistiram ferozmente.

A combativa campanha dos alemães, dirigida contra os eslovenos na Estíria e na Caríntia, entre outros, era conduzida por partidos nacionalistas, antieslavos e antissemitas, que tinham a esta altura tomado o lugar dos liberais enfraquecidos. Especialmente bem-sucedidos eram os partidos com grande apoio financeiro, com boas conexões econômicas e apoio das organizações nacionalistas. Nas terras étnicas eslovenas seu aliado mais confiável era a Associação Escolar Alemã (*Deutshe Schulverein*), que apoiava escolas particulares alemãs, desempenhava um papel

importante no processo de germanização e recolhia dinheiro para a proteção dos interesses nacionais alemães. Uma organização semelhante era a Província do Sul (*Südmark*), que comprava fazendas de camponeses eslovenos falidos e as vendia aos alemães. O assentamento de alemães e vários outros métodos desenvolvidos por tais organizações levaram a uma diminuição na proporção de população eslovena na Estíria e Caríntia, embora os eslovenos que se declaravam alemães também ajudaram esta tendência[483]. Nas áreas onde os alemães predominavam economicamente, eles exerciam pressão sobre os eslovenos economicamente dependentes. A fronteira nacional eslovena na Caríntia foi permanentemente empurrada para o sul. Um aparente sinal de que os eslovenos estavam perdendo a batalha pelo reconhecimento nacional foi uma rubrica no formulário do censo que dizia "língua de comunicação" e não "língua materna".

A disputa germano-eslovena culminou em choques violentos, que ocorreram com frequência principalmente em Celje, durante espetáculos culturais e eventos sociais. Na primavera de 1903 uma manifestação de protesto em Liubliana, organizada em favor do movimento croata de resistência, virou uma demonstração antialemã. Contudo, os mais sérios distúrbios nacionais começaram em 1908 em Ptuj, depois que os alemães não puderam impedir a reunião geral da Sociedade S. Cirilo e Methodius por meios judiciais. Encorajados com o apoio de seus compatriotas de outras áreas na luta em defesa dos interesses nacionais alemães, e com o consentimento tácito da polícia municipal, eles atacaram os participantes da reunião no dia 13 de setembro, provocando uma briga generalizada seguida de numerosas prisões. As notícias sobre os acontecimentos em Ptuj desencadearam demonstrações dos dois lados e em muitas cidades da monarquia. Os piores conflitos ocorreram entre 18 e 20 de setembro em Liubliana, o que provocou

483 Ibid., p. 112.

a intervenção dos militares e resultou em duas mortes. Os funerais das duas vítimas deram ensejo a uma maciça demonstração contra os alemães. Estes acontecimentos tornaram claro que:

> *a maior ameaça ao futuro nacional dos eslovenos está representada pelos alemães e sua"Drang nach Süden", enquanto o conflito alemão-esloveno é apenas uma parte da "milenar" luta entre eslavos e alemães, que atualmente se aproxima de seu estágio decisivo e deve, mais cedo ou mais tarde, terminar com a vitória eslovena*[484].

No Litoral, as relações nacionais eram menos tensas. O irredentismo e o nacionalismo italianos estavam crescendo, mas ocorria o mesmo com a consciência da classe média eslovena. Os trabalhadores italianos e eslovenos, por enquanto, mostravam uma cooperação exemplar.

No parlamento austríaco, os delegados eslovenos de ambos os grupos políticos e os croatas estabeleceram seu próprio clube, a Associação dos Povos Cristãos Eslavos (*Slovanska krscanska narodna zveza*). A resistência alemã resultou na abolição das classes paralelas em Celje em 1897, mas elas continuaram em Maribor como uma solução de compromisso. O decreto de Badeni sobre o conhecimento obrigatório do checo na Boêmia e Moravia provocou a oposição dos nacionalistas alemães, causando permanente inquietação, demonstrações de rua e a obstrução do parlamento, acabando por derrubar o governo Badeni. A luta nacional continuou, tornando o parlamento em geral inoperante. Os governos sucessivos, a maioria deles interinos, conseguiam formar coalizões só com dificuldade e frequentemente tinham que recorrer ao art. 14 da Constituição, que permitia ao imperador emitir decretos relativos a assuntos de competência do parlamento se este estivesse incapacitado de se reunir. Os delegados eslovenos

484 Ibid., p. 148.

inicialmente deram apoio a algumas coalizões governamentais, mas afinal aderiram aos obstrucionistas checos.

A política eslovena sofria de forte pressão alemã e era assolada por divisões faccionárias. O programa católico visava escolas totalmente baseadas nos princípios religiosos, e a introdução do esloveno como idioma de ensino em todas as regiões habitadas por eslovenos. Os liberais e marxistas foram declarados como seus adversários. Foi planejado que o programa fosse executado por meio de associações políticas e educacionais. Os católicos eram especialmente ativos nas regiões rurais, onde criaram sociedades para poupança e crédito e cooperativas para a venda e aquisição de produtos agrícolas, expandindo rapidamente seu círculo de adeptos. O novo partido ganhou uma posição firme na arena política graças a seus astutos líderes políticos Ivan Sustersic, Janez Evangelist Krek, Vinko Gregorcic e Ignacij Zitnik.

A vida política na região de Gorizia seguiu um curso um pouco diferente. Lá, o ritmo era dado pelo eminente líder católico Anton Gregorcic, que encontrou parceiros políticos entre os liberais eslovenos e italianos e resistiu ao clericalismo que predominava na Carníola e perpetuava a *Kulturkampf*. Em março de 1900, Andrej Gabrscek e Henrik Tuma estabeleceram o Partido Progressista Nacional (*Narodna napredna stranka na Goriskem*). Gregorcic e seus seguidores se aliaram aos adeptos de uma nova corrente dentro do movimento social-cristão liderada por Josip Pavlica. As atividades políticas, de organização e sociais passaram ao controle dos socialistas cristãos. Perto do final de 1907 a Sociedade Sloga – estabelecida há muito tempo – foi rebatizada como Partido Popular Esloveno de Gorizia (*Slovenska ljudska stranka za Gorisko*).

A unidade também estava se dissolvendo na Estíria e os protagonistas da unidade intelectual estavam principalmente preocupados com os direitos nacionais. Os antagonismos entre liberais e católicos se tornaram particularmente notórios depois

de 1895, quando os dois campos designaram cada um os seus próprios candidatos às eleições parlamentares. Os partidos afinal se separaram durante as eleições de 1907. O Partido Nacional da Estíria (*Narodna stranka za Starjersko*) formou-se no fim de 1906 com Vekoslav Kukovec como seu líder e, em 1907, a Associação dos Camponeses Eslovenos da Estíria (*Slovenska kmecka zveza za Starjersko*) foi fundada, sob a liderança do Dr. Anton Korosec.

As divisões entre partidos políticos naturalmente levaram a organizações sociais e profissionais separadas. A sociedade Sokol era contraposta pela Orel, ao passo que a Slovenska matica teve o seu polo antagônico na Leonova druzba, estabelecida em 1896. Em 1900, os professores católicos formaram sua própria organização, Slomskova zveza.

A unidade só era preservada quando existia uma gravíssima ameaça à causa nacional. O movimento líder na Caríntia, a Associação Católica Política e Econômica dos Eslovenos na Caríntia, tinha orientação católica, mas era moderada. Em Trieste, as questões nacionais estavam a cargo da sociedade liberal Edinost. Os eslovenos na Ístria ainda mantinham estreitas relações com os croatas em sua luta contra os italianos; a Associação Política dos Croatas e Eslovenos na Ístria (*Politicno drustvo za Hravate in Slovence v Istri*) foi estabelecida em 1902. Novos nomes surgiram no palco político esloveno e alguns ficariam nele por décadas e conformariam o futuro político e nacional da Eslovênia.

O programa do partido católico instava a um compromisso com o trabalho político, econômico, social e educacional. "Em todos os campos e entre todas as classes um intenso trabalho começou, tal como profundos sulcos na vida pública e espiritual da nação"[485].

No entanto, não somente sulcos, mas também cicatrizes foram infligidas por uma política que causava a divisão das

485 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 1089.

almas, embora estivesse consciente dos problemas sociais e econômicos, e determinada a resolvê-los. O trabalho intenso, tal como Mal o caracteriza, foi assumido pelo "jovem pelotão dos adeptos de Mahnic"[486], os cristãos sociais cuja agenda, depois da segunda Convenção Católica em Viena em 1889, foi influenciada pelo círculo de Viena (Karel Vogelsang) e pela *Rerum novarum* (1891) do papa Leão XIII, a encíclica sobre as condições da classe trabalhadora. Eles defendiam uma reforma radical da legislação social e econômica em benefício dos camponeses e trabalhadores, estabeleceram cooperativas camponesas e associações de comerciantes e trabalhadores para fornecer ajuda material. Sob a influência da geração mais jovem, o partido católico perdeu sem dúvida um pouco seu caráter conservador, mas seus líderes conservadores continuaram a insistir em uma sociedade hierarquizada de classes e se recusaram a seguir o modelo do movimento social-cristão austríaco. Depois da morte de Klun em 1896, a influência dos adeptos de Mahnic aumentou. Eles estavam convencidos de que o movimento social-cristão era a única alternativa correta ao socialismo nefasto, detestado e, sobretudo, ateu. O Dr. Janez Evangelist Krek, firmemente convencido de que uma legislação social justa presumia a atribuição de direitos mais do que a concessão de benefícios, tomou o controle do movimento social-cristão e "por meio de suas opiniões democráticas atraiu todas as classes da sociedade para ele e seu partido, e teve um impacto educacional particularmente forte entre trabalhadores e estudantes"[487].

Krek expos o programa do movimento social-cristão em um livro "Os Livros Negros da Classe Camponesa" (*Cren bukve kmeckega stanu*), publicado em 1895. De acordo com este programa, a sociedade estava fundada sobre classes e repousava sobre um

486 Ibid., p. 1090.

487 Ibid., p. 1090.

acordo entre os trabalhadores e os donos do capital. Com o tempo ele descartou o conceito de uma sociedade de classes e buscou soluções para as disparidades sociais dentro de uma sociedade parlamentar moderna, nas quais as cooperativas seriam o principal motor na transformação da ordem capitalista. Seu colaborador mais leal foi o Dr. Ignacij Zitnik, cuja atividade se concentrava nas regiões rurais onde ele criou associações políticas e educacionais católicas, enquanto o Dr. Ivan Sustersic o ajudava com "sua habilidade tática e talento para a organização"[488]. Durante as décadas antes da Primeira Guerra Mundial, Krek ganhou uma reputação igual àquela antes atribuída a Bleiweis[489]. Seus persistentes esforços levaram à fundação de numerosas associações de trabalhadores e cooperativas de camponeses que afinal se uniram para formar a Associação Social-Cristã Eslovena (*Slovenska krscanskocosocialna zveza*). Suas tarefas principais incluíam a educação e a melhoria das condições materiais dos trabalhadores. A rede abrangente de sociedades de crédito e cooperativas ajudou a estancar a venda de fazendas eslovenas, a destruição do campesinato e a emigração.

Em 1909, a iniciativa de Krek resultou no estabelecimento de uma organização sindical católica, a Associação Profissional Iugoslava (*Jugoslavanska strokovna zveva*). Embora tenha considerado a possibilidade de fundar um partido social-cristão, ele continuou com o partido católico (conhecido desde 1905 como o Partido Popular Esloveno). As atividades de Krek cobriam várias áreas da vida pública: ele era membro da liderança do partido, delegado ao parlamento e à dieta da Carníola, editor do diário Slovenec, e também zelava pelos estudantes católicos eslovenos. Em 1909, o partido ultrapassou as fronteiras provinciais e uniu todos os partidos locais com um programa católico no Partido Popular Pan-esloveno (*Vseslovenska ljudska stranka*). No entanto,

488 Ibid., p. 1090.

489 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 115.

sua entrada em outras províncias eslovenas não ocorreu sem obstáculos. Os políticos católicos de Gorizia e da Caríntia muitas vezes se opunham à liderança do Partido Popular Esloveno, tanto no nível ideológico quanto pessoal.

O ritmo da vida política entre os eslovenos tinha claramente sido ditado pelo lado católico desde a virada do século[490]. Seu sucesso pode em parte ser atribuído à apatia do Partido Nacional Liberal, de tendência liberal, que não demonstrava especial habilidade para resolver os problemas econômicos e sociais, especialmente nas áreas rurais e não "dava importância à organização das massas"[491]. Os liberais decidiram descansar sobre seus laureis e, no meio de conflitos e choques políticos, "na alvorada do novo século esses refletiam melancolicamente sobre a era de ouro de seu grupo político"[492]. Os liberais eslovenos se apoiavam na classe média urbana e na recém-formada classe média rural. Muitos intelectuais, professores e estudantes liberais também seguiam uma orientação liberal. Nas regiões rurais, os liberais inicialmente seguiram o modelo das cooperativas de Krek, ainda que de maneira pouco convincente. Embora eles tivessem consciência da superioridade de seus adversários políticos e da atração que exerciam sobre os eleitores, eles começaram a rejeitar o sistema de cooperativas de Krek, que desviava muitos eleitores camponeses de seu partido. Sua fraqueza também era demonstrada pela sua decisão de entrar em coalizão com os grandes proprietários de terra alemães na Carníola, o que os forçava a evitar a abordagem de temas nacionais para preservar a boa cooperação. Apesar de que esta falta de princípios lhes valeu a condenação popular, a coalizão trouxe alguns benefícios para a cultura eslovena: os liberais foram capazes de

490 Igor Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo*, p. 165.

491 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 1090.

492 Igor Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo*, p. 151.

obter fundos para o estabelecimento de um teatro esloveno, uma escola de ensino médio para meninas em Liubliana e uma escola civil em Postojna. Os mais eminentes membros do partido eram pessoas bem situadas, tanto dos centros urbanos como das áreas rurais. Os estudantes, que antes tinham sido um esteio importante do partido, se decepcionaram com a sua política e seu programa morno, e o desertaram. Os estudantes eslovenos de inclinação liberal em Graz, Praga e Viena se reuniram em torno do jornal acadêmico *Omladina* e iniciaram a busca por conceitos ideológicos que pudessem ser usados para frear o catolicismo político.

Durante os anos de 1890, os estudantes eslovenos em Praga, mais destacadamente Dragotin Loncar e Anton Dermota, adotaram a filosofia do professor checo Tomás Garrigue Masaryk, que criticava o catolicismo político, o liberalismo e o marxismo, e pedia a democracia e a socialização da cultura e da política. Em sua *Comunicação à Juventude Eslovena*, publicada em 1901, e no jornal *Nasi zpiski*, os adeptos de Masaryk (também conhecidos como realistas) se concentraram em promover a cultura e a educação. Em 1906, a maioria deles entrou para o Partido Social-Democrata Iugoslavo, para o qual foram atraídos pelo seu programa em prol de reformas políticas e sociais justas e graduais. Suas ideias também inspiraram Albin Prepeluh, que defendia um conceito esloveno especial de socialismo; para ele a origem das crises sociais e nacionais era a urgente questão dos camponeses. Em 1902, os adeptos de Masaryk causaram uma cisão entre os estudantes liberais eslovenos em Viena, que resultou no surgimento de um grupo radical-populista, liderado por Gregor Zerjal, que agia independentemente do Partido Nacional Progressista. O grupo defendia uma reforma radical em todas as esferas, mas encarava sua atividade como tendo início entre a *intelligentsia* e só mais tarde se estendendo ao povo comum. O grupo apresentou seu programa em 1905 na primeira reunião dos estudantes radicais-

-nacionais em Trieste, mas, depois de 1909, sua dependência em relação ao Partido Nacional Progressista aumentou até que afinal o grupo se juntou a ele. Em 1906, Vladimir Ravnihar e alguns outros se separaram do grupo e criaram um Partido Econômico Esloveno de curta existência (ele se desintegrou em 1908), pedindo a independência econômica dos eslovenos e a colaboração com a sociedade mais ampla.

O partido liberal era o partido das classes superiores. Ele resistia a introdução do sufrágio universal e tomava o partido dos homens de negócio em sua oposição às associações de consumidores e sociedades de empréstimos. Isto lhes custava o apoio das classes mais baixas, que era transferido para o partido católico. Eles se opunham veementemente à Igreja e ao movimento político católico, com o anticlericalismo no cerne de suas atividades políticas, e acusavam a Igreja de explorar a religião para atingir objetivos políticos. Sua permanente denúncia de figuras eminentes do campo católico, apelidada de "campanha contra os padres", deveria ser atribuída à ambiguidade de sua composição ideológica e política. A campanha despertou alguma desaprovação (e.g. de Ivan Hribar), mas as paixões já estavam intensas e era muito tarde para acalmá-las.

A arena política austríaca tinha estado envolvida na luta pela reforma eleitoral desde a segunda metade dos anos 1890. Em janeiro de 1896, o governo reformou o sistema eleitoral por meio da introdução de um colégio eleitoral geral[493] que dava o direito de voto a todos os homens de 24 anos ou mais. Uma vantagem da extensão do direito de voto era que concedia ao cidadão comum um papel político ativo. Seu lado negativo era que não presumia automaticamente maior liberdade individual, mas ao contrário

493 NT: O texto inglês usa a expressão: "general *curia*". O sistema de "Kurien", que remonta a 1861, na realidade era uma forma de colégios eleitorais constituídos por categorias sociais, que elegiam indiretamente os deputados ao parlamento. Consulta à página do parlamento austríaco: <http://www.parlament.gv.at>.

dava mais poder a partidos individuais, em consonância com as tendências em outras partes da Europa. A reforma abria as portas do parlamento para os sociais democratas, mas foram os partidos nacionalistas alemães apoiados pelo grande capital que se mostraram mais hábeis em aproveitar-se do novo sistema eleitoral. A "cúria geral"[494], i.e., um sufrágio masculino qualificado, também foi introduzida nas dietas provinciais. O marco eleitoral seguinte foi a lei de 1907 sobre voto masculino universal aprovada pelo governo do barão von Beck, que aboliu o sistema de votações em cúrias. Os grandes proprietários de terra alemães, os delegados progressistas eslovenos e os católicos checos, apoiados pelos sociais democratas, rejeitavam a lei. As primeiras eleições, conforme o novo sistema, foram realizadas naquele mesmo ano. Os eslovenos elegeram 24 delegados para a Câmara Alta (Reichsrat), a maioria do campo católico; o número de delegados era aproximadamente proporcional ao número de eslovenos que viviam na parte austríaca da monarquia. A nova geometria eleitoral foi concebida para aplacar insatisfações nacionais e chegou a elevar as esperanças dos eslavos de que a política austríaca mudaria radicalmente quando confrontada com uma maioria eslava no parlamento. Um grupo de neoeslavistas se formou dentro do parlamento sob a liderança do delegado checo Karel Kramar e o delegado esloveno Dr. Ivan Hribar. Este novo movimento eslavista tentava reunir todas as nações eslavas na monarquia e além de suas fronteiras, eles defendiam laços econômicos, políticos e culturais estreitos entre os eslavos e desejavam a federalização da monarquia. Com relação à política externa, a sua opinião era de que a Áustria deveria se aproximar da Rússia. Em suma, a reforma eleitoral de 1907 abriu a porta do parlamento para o Partido Social-Democrata, mas seu ramo esloveno era ainda muito fraco para poder ter esperança de sucesso. No início do século XX, os sociais democratas nas terras eslovenas

494 Cf. nota 493.

tinham uma plataforma nacional, embora eles desejassem unir todos os sociais democratas dentro da monarquia. Infelizmente, os movimentos de trabalhadores em outras terras eram muito fracos, tornando inalcançável este objetivo. Eles então se concentraram nos centros industriais e de mineração (Trieste, Gorizia, Idrija, Liubliana, Jesenice, Zasavje, Celje, Maribor e Klegenfurt) e na publicação de jornais, como *Delavec*, *Rdeci prapor*, e *Nasi zapiski*. Em seu trabalho eles se apoiavam em organizações profissionais, se esforçavam para explicar seus princípios e programa em reuniões políticas e apoiavam ativamente as greves. Os trabalhadores em províncias etnicamente mistas aderiram, respectivamente, aos partidos sociais democratas austríaco e italiano e, em especial, estabeleceram estreita cooperação com suas contrapartes eslovenas. Em termos de objetivos, eles seguiram o modelo dos sociais democratas austríacos. Sua meta de longo prazo era a eliminação do sistema capitalista, mas também a democratização da vida política na monarquia, o sufrágio universal, igualitário, direto e secreto, uma separação estrita entre a Igreja e o Estado e o ensino gratuito e não religioso. Até a desagregação da monarquia os líderes mais eminentes do partido eram Etbin e Anton Kristan, Albin Prepeluh, Melhior Cobal e Josip Kopac.

Na virada do século, o programa "Eslovênia Unida" figurava ocasionalmente em considerações sobre soluções possíveis para a questão nacional eslovena, mas não mais representava a força motriz. Os partidos políticos eslovenos se exauriram no combate nacional. Em consequência, tanto o partido liberal quanto o partido católico só davam apoio retórico às questões da autonomia nacional e da igualdade do esloveno, que só poderia ser alcançada através do sistema esloveno de instituições educacionais e culturais. A monarquia, por seu lado, considerava possíveis formas de resolver a premente, e afinal fatídica, questão nacional. As opções consideradas eram a reorganização do sistema judicial

e o de cúrias nacionais[495], que pretendiam assegurar proteção nacional. Contudo, nenhuma mudança ou progresso foi realizado nestas questões no que diz respeito aos eslovenos, apesar de que, durante o início do século XX, uma reforma da dieta provincial e de sua estrutura estava sendo negociada em algumas partes do país e executada na Moravia e na Galícia. O principal ideólogo do movimento social-democrata esloveno, Etbin Krstan, propôs um enfoque único para a questão nacional. Em 1898, o jornal checo *Akademie* publicou um artigo de Kristan propondo uma chamada "autonomia nacional pessoal". "A plena igualdade é alcançada quando os membros de uma nação usufruem, independentemente de seu lugar de residência, direitos iguais em relação a suas relações interpessoais e com outras nações. Uma precondição para alcançar esta igualdade é a unidade da nação, no sentido de unidade cultural, dado que a unidade territorial é inevitavelmente excluída"[496]. Claramente, na opinião de Kristan, a questão nacional era exclusivamente cultural, mas ele não deu qualquer sugestão sobre como alcançar a autonomia. Krstan apresentou esta ideia no congresso do Partido Social-Democrata Austríaco em Brno, em 1897, mas ela foi rejeitada. Até na Eslovênia ela nunca recebeu uma reação positiva. A posição oficial do partido era que a Áustria-Hungria deveria ser transformada em uma federação de nações.

Depois da ruptura dentro do movimento nacional esloveno, a principal preocupação dos partidos políticos eslovenos no parlamento tornou-se a de construir alianças políticas independentes das afiliações nacionais. Contudo, a inflamada reação dos alemães aos decretos de Badeni sobre idiomas e a queda do seu governo em 1897 mostraram que a estratégia de buscar acordos com os alemães não trazia possíveis benefícios para os eslovenos.

495 Cf. nota 493.

496 Citado de Vasilij Melik, "Problemi slovenske druzbe 1897-1914". In: *Slovenci 1848-1918. Razprave in clanki*, ed. Viktor Vrbnjak. Maribor: Litera, 2002, p. 604.

Os delegados eslovenos continuaram a apoiar o governo por precaução, mas em um encontro de todos os delegados eslovenos em Liubliana em julho de 1897 eles resolveram não fazer mais concessões aos partidos alemães, mas a reagir convocando uma convenção pan-eslovena. Esta se realizou em 14 de setembro de 1897, em Liubliana, com representantes croatas, rutenos e checos como convidados. Nesta ocasião os católicos e os liberais declararam seu apoio à integração de todas as regiões eslovenas em uma só unidade administrativa, tendo Liubliana como seu centro, e por um direito de voto ampliado, uma reforma social e um movimento unido. Infelizmente, sua reconciliação teve curta duração. Em 1899, o chamado Programa de Pentecostes dos partidos austríacos burgueses (*bürgerlich*) tornou claro que os partidos políticos alemães tinham uma disposição negativa em relação aos checos e eslovenos. Desde então os delegados eslovenos se envolveram somente com outros grupos parlamentares eslavos. No entanto, os delegados eslovenos já não estavam mais unidos depois de 1901, porque as divergências entre partidários do clericalismo e liberais se estenderam ao parlamento. Sustersic conseguiu unir os delegados eslovenos, sérvios, croatas, checos e rutenos na Sociedade Eslava (*Slovanska Jednova*), que se tornou o maior grupo parlamentar. Este grupo "consolidou a reputação dos eslovenos e deu mais destaque a Sustersic como um excelente político, mas não trouxe nenhum ganho substantivo", segundo Melik[497].

Krek, também, estava ativamente envolvido na busca por relações úteis que levariam a uma solução para a questão nacional eslovena. Em 1890, ele defendeu a união com os eslavos do sul e, na primeira Convenção Católica em 1892, ele apoiou a proposta de ajuda recíproca esloveno-croata. No verão de 1898, ele começou a defender a integração política com os partidos croatas,

497 Ibid., p. 603.

particularmente o Partido dos Direitos Croatas. Em sua visão, a solução para o problema esloveno dependia de uma integração com os croatas baseada no direito croata a um Estado. Tal tipo de integração excluiria os eslovenos de Prekmurje, da Eslovênia veneziana e do Litoral, e por isso foi considerada um enfoque impróprio para a questão nacional. A convenção e o chamado programa tripartite foram criticados pelos liberais, e outros políticos católicos não eram menos céticos. Porém, depois da proclamação da garantia recíproca germânica que dava prioridade ao alemão em toda a Cisleitânia[498], exceto na Boêmia e na Morávia, a mutualidade dos interesses entre a Eslovênia e a Croácia começou a ser acentuada. Krek reafirmou sua lealdade aos sérvios e croatas quando se recusou a aceitar um lugar na diretoria da Associação Social Austríaca de Trabalhadores.

A opinião dos políticos eslovenos sobre uma solução adequada para a questão nacional eslovena se cristalizou, em suma, por meio de sua fidelidade às nações checa, eslavas e eslavas do sul e à ideia da Iugoslávia era atraente para a maioria deles. "A ideia da Iugoslávia não era uma única ideia, mas muitas ideias que diferiam fortemente uma da outra, de forma que nenhum partido tinha um conceito formado sobre o significado desta noção"[499]. Ideias sobre um conceito tripartite dentro da Áustria-Hungria também diferiam de forma semelhante. Uma possibilidade era a transformação da monarquia de estado dual em estado tripartite, com os eslavos do sul como parte de um terceiro elemento, ou em uma federação de nações iguais. O conceito tripartite, no sentido estrito da expressão, considerava a Croácia, Eslavônia, Dalmácia e Bósnia-Herzegovina como um terceiro constituinte, mas para os eslovenos o único acordo possível também deveria incluir as terras eslovenas. Até

498 NT: Nome que foi dado à parte austríaca da Monarquia Austro-Húngara no fim do século XIX e até a sua dissolução.

499 Ibid., p. 603.

as guerras balcânicas, os vários conceitos tripartites, que eram todos ligados ao marco do Estado austríaco, também tinham contado os búlgaros como estando dentro do grupo iugoslavo. Os partidos políticos eslovenos tinham opiniões divergentes sobre esta questão. Círculos católicos, por exemplo, esperavam pela vitória do catolicismo se o conceito tripartite se tornasse realidade. Sem dúvida, o interesse esloveno nos desdobramentos na Croácia estava aumentando junto com a crescente resistência à pressão exercida pelos húngaros. Os eslovenos estavam a favor de uma mudança de dinastia na Sérvia, onde a dinastia Karadjordjevic apossou-se do trono em 1903, e também prestaram muita atenção à revolta de Ilinden[500] na Macedônia. Porém, em 1905, os representantes de todos os partidos croatas adotaram as resoluções de Rijeka e Zadar, assinadas também pelos sérvios croatas, nas quais eles instavam pela inclusão da Dalmácia no Reino da Croácia. Com vistas a alcançar este objetivo eles chegaram mesmo a buscar aliados entre a oposição húngara e os irredentistas italianos. Com estes últimos eles planejaram alcançar um acordo sobre a fronteira na região da costa, pelo qual Trieste, o oeste da Ístria e Gorizia ficariam com a Itália. Os partidos eslovenos se encontraram assim sem um aliado confiável em seus esforços para encontrar uma solução para seus problemas e esta situação se manteve inalterada por mais uma década.

Em 6 de outubro de 1908, a Áustria-Hungria proclamou a anexação da Bósnia-Herzegovina. Esta atitude não era totalmente inesperada, mas constituiu uma mudança da política austríaca nos Balcãs. A Bósnia-Herzegovina tornou-se uma província imperial separada sob a administração de ambas as partes do império e um ministro das Finanças comum. A anexação inevitavelmente deu ímpeto às ambições tripartites dos campos católico e liberal, entre cujos mais importantes promotores e propagandistas estava

500 NT: Levantamento de macedônios e búlgaros contra a dominação otomana em 1903.

o Partido Popular Esloveno. A anexação da Bósnia-Herzegovina foi acolhida favoravelmente como um primeiro passo para a união de todas as nações eslavas do sul como uma unidade administrativa sob a coroa Habsburgo. Sem dúvida, àquela época ninguém, à exceção de raros indivíduos, imaginava ou desejava a desintegração da Áustria-Hungria, porque ela representava uma proteção contra as ambições territoriais do Império Germânico e do Reino da Itália. A maioria dos eslovenos acreditava firmemente e se mantinha leal à dinastia Habsburgo, até o período da reviravolta na Primeira Guerra Mundial em 1916-1917. A designação de Francisco Ferdinando como sucessor ao trono aumentou as esperanças de que a terceira entidade, a Iugoslávia, pudesse tornar-se realidade, dada a sua antipatia pelos húngaros.

No verão de 1909, Ivan Sustersic endereçou um memorando ao herdeiro presuntivo do trono propondo uma terceira unidade que seria constituída pelas nações eslavas do sul: Croácia, inclusive a Eslavônia, as províncias sérvias localizadas na parte húngara do império, a Bósnia-Herzegovina e as terras croatas e eslovenas situadas na parte austríaca, a saber, a Dalmácia, o Litoral inclusive a Ístria, a Carníola e as partes eslovenas da Estíria e da Caríntia. As opiniões dos sociais democratas, por outro lado, eram bem diferentes e foram proclamadas na resolução de Tivoli, em sua conferência realizada em novembro de 1909. Eles condenavam a anexação da Bósnia-Herzegovina como um ato imperialista e exigiam um "novo conceito político de autonomia nacional, i.e., a transformação da Áustria-Hungria de modo a que todas as nações existentes dentro do território econômico integrado, independentemente das fronteiras históricas, teriam sua unidade, independência e autogoverno garantidos em todas as questões nacionais e culturais"[501]. Defendiam também vínculos mais

501 Vasilij Melik, "Nacrti za reformo Avstro-Ogrske in Slovenci". In: Vrbnjak (ed.), *Slovenci 1848-1918*, p. 645.

próximos com os eslavos do sul com os quais, eles argumentavam, os eslovenos deveriam formar uma nação unida.

Olhando para trás e vendo as várias décadas de desenvolvimento nacional deveria ter enchido os eslovenos com um sentimento de orgulho e satisfação na primeira década do século XX; a realidade era exatamente o oposto e o pessimismo estava na ordem do dia. As aspirações mais importantes, encarnadas no "Eslovênia Unida", não tinham ainda sido atendidas, a proporção da população eslovena estava declinando por causa de uma taxa de natalidade mais baixa e da pressão alemã, e a extensão do direito de voto não tinha trazido os resultados esperados em todas as partes[502]. O sentimento de que os eslovenos não poderiam alcançar seus objetivos por si sós e que sua salvação residia em unir-se a um aliado maior e mais poderoso se tornara ainda mais intenso. Os defensores da unidade dos eslavos do sul estavam convencidos de que o entorno natural da língua eslovena era muito pequeno para permitir-lhe um desenvolvimento bem-sucedido e diversificado no âmbito da literatura e da ciência: "Ao pensar assim, alguns tinham em mente uma relação verdadeiramente mais estreita que permitisse o desenvolvimento de uma terminologia científica comum, a eliminação dos vocábulos de origem alemã ou turca e um amálgama igualitário das línguas"[503]. Outros, em contraste, acreditavam que o esloveno devia ter sido descartado nas comunicações científicas e intelectuais e, em seu lugar, o croata ou o servo-croata deveria ser usado.

Os adeptos do ilirismo restaurado ou neoilirismo, como eram conhecidos, aludiam ao presidente da Slovenska matica, o especialista em línguas eslavas Fran Ilesic, que sustentava que a unidade linguística era o sinal mais óbvio da unidade nacional, da

502 Vasilij Melik, "Slovenci v casu Cankarjevega predavanja o jugoslovanstvu". In: Vrbnjak (ed.), *Slovenci 1848-1918*, p. 688-689.

503 Ibid., p. 692-693.

mesma forma que a própria língua era o mais óbvio sinal de uma nação. A maioria dos eslovenos rejeitava o neoilirismo e defendia a individualidade nacional eslovena. O liberal Mihajlo Rostohar era um dos que se opunham firmemente contra o neoilirismo, e outra eminente personalidade que também tinha esta posição era Ivan Cankar. Em sua conferência "Os eslovenos e a Iugoslávia" ("Slovenci in Jugoslovani"), realizada em abril de 1913, ele traçou uma clara linha entre o iugoslavismo político e cultural. Defendia a unificação das nações eslavas do sul em uma República Federal Iugoslava, mas rechaçava os elementos culturais e linguísticos do conceito de Iugoslávia, descrevendo as nações iugoslavas como irmãs pelo sangue, mas primas pela língua, e assim mais distantes em termos de cultura do que um camponês da Carníola Superior era de um camponês do Tirol.

As ideias alimentadas pelo movimento restaurador Renascimento (Preporod) contrastavam totalmente com todos os conceitos que viam as nações eslavas do sul como parte da Áustria-Hungria. O movimento proclamava explicitamente ideias antiaustríacas e ansiava pela dissolução da monarquia. Uma organização clandestina de "renascentistas", que publicou o jornal *Preporod* (1912/1913) e representava os estudantes que lutavam em favor da Iugoslávia, argumentava que a solução para as questões da Iugoslávia e da Eslovênia era o caminho revolucionário. Estavam convencidos de que a federalização da Áustria-Hungria não era possível, porque não seria conduzida pacificamente, somente recorrendo às armas, que estavam em mãos dos alemães e húngaros. Sublinhavam que um novo Estado iugoslavo só poderia ser construído sobre as ruínas da Áustria-Hungria. *Preporod* tinha poucos seguidores, e depois do início da Primeira Guerra Mundial as autoridades encenaram o que veio a ser conhecido como um julgamento por alta traição contra eles. A maioria dos estudantes foi sentenciada a períodos curtos de prisão, enquanto Ivan Endlicher e Janez Novak

receberam sentenças mais longas. Novak foi posto na prisão por cinco anos enquanto Ivan Endlicher morreu em um centro de prisão preventiva em 4 de setembro do mesmo ano.

Os ideais tripartites foram suspendidos pelas guerras balcânicas (1912/1913), mas as vitórias dos sérvios despertaram entusiasmo e reacenderam os sentimentos iugoslavos. Todos os partidos políticos eslovenos apoiaram o aspecto político do iugoslavismo, mas suas ideias a respeito dos aliados potenciais, os sérvios e croatas, divergiam radicalmente. Em 1912, o Partido Popular Pan-esloveno chegou a unir-se ao Partido dos Direitos Croatas e aceitou incondicionalmente o seu programa; sua resolução conjunta enfatizava que os eslovenos e os croatas representavam um todo nacional. Suas expectativas eram infundadas[504]. Um dos raros resultados foi a cooperação mais estreita dentro do clube croata-esloveno no parlamento. Os liberais eslovenos estabeleceram contatos com os croatas, mas também cogitaram parcerias com os sérvios e os búlgaros e tinham entusiasmo pela recentemente coroada família Karadjordjevic, e mesmo sobre a igreja ortodoxa sérvia, que viam como menos agressiva e mais próxima dos fiéis. No entanto, não tiveram êxito em estabelecer os vínculos e concluíram com decepção que a coalizão servo-croata priorizava a versão croata do conceito tripartite que excluía os eslovenos. É, portanto, possível afirmar que durante a primeira década do século XX os mais bem-sucedidos no estabelecimento de alianças foram os sociais democratas.

Os líderes eslovenos orientados pelo conceito iugoslavo na busca de uma solução para a questão nacional eram guiados principalmente pelo desejo de assegurar proteção contra os alemães e italianos. Sob a influência do Partido Popular Pan-esloveno, a população camponesa interessou-se pela ideia da

504 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 149.

união dos eslavos do sul vivendo na Áustria-Hungria dentro de um Estado esloveno-croata.

Uma batalha pela democratização do sistema eleitoral foi também travada no nível local. Em 1902, o Partido Nacional Católico na dieta da Carníola começou a fazer uma campanha pelo sufrágio universal e igualitário, que teria resultado em um número menor de assentos na dieta para os liberais. Os partidos só alcançaram um acordo sobre a reforma eleitoral em agosto de 1908. Na Caríntia, a cúria geral foi introduzida em 1904 e depois reformada em 1909. A reforma eleitoral da dieta carintiana foi introduzida em 1902. Somente depois de uma segunda reforma do sistema eleitoral em 1909, que introduziu distritos eleitorais baseados no princípio da nacionalidade, foi que a posição dos eslovenos na dieta da Caríntia e no parlamento de Viena sofreu alguma melhoria. A reforma eleitoral na região de Gorizia não mudou a proporção dos eslovenos em relação aos italianos, que ainda os ultrapassava em número. A situação na Ístria e em Trieste era parecida. Um traço comum da reforma eleitoral nas dietas provinciais foi a introdução da cúria geral. Contudo, como o sufrágio universal ainda não tinha sido introduzido, os eslovenos na Ístria, em Trieste, na Caríntia e na Estíria ainda não poderiam atingir uma representação proporcional nas dietas provinciais.

A reforma eleitoral local, portanto, não resolveu as controvérsias nacionais nas províncias, mas mudou decisivamente as relações de poder entre as forças políticas, particularmente na Carníola, onde o Partido Popular (Pan-) Esloveno obteve uma maioria absoluta e governou sozinho sem dificuldades, e tendo como governador também um membro de suas fileiras. De 1908 a 1912, o governador foi Fran Suklje, que mudou depois de lado e para o campo católico. Ele foi sucedido por Ivan Sustersic. Graças a seu poder, o Partido Popular Esloveno subordinava sua política local aos interesses do partido e o resultado imediato e

mais conspícuo foi a perseguição dos liberais. Por outro lado, o partido seguiu uma política econômica ativa, introduziu medidas para incrementar a agricultura, o transporte e a eletrificação. Também estabeleceu um banco local. Sustersice, líder do partido e governador, fortaleceu sua posição. O Dr. Anton Korosec assumiu a liderança do clube parlamentar croata-esloveno em Viena com apoio de Krek, tornando-se o terceiro membro mais influente do partido e mais tarde uma pessoa influente no palco político esloveno.

Na véspera da Primeira Guerra Mundial, a arena política eslovena estava dominada pelo movimento católico. No Litoral, o equilíbrio político de poder inclinava-se alternadamente entre os liberais e os católicos. Em Prekmurje e Porabje, a atividade política estava focalizada nas questões nacionais culturais e não se relacionava com a vida política em outros lugares das terras eslovenas. Lá, os sacerdotes eslovenos e a *intelligentsia* secular concentravam seus esforços na manutenção e evolução da língua eslovena, na herança cultural, nos costumes populares e na tradição. Aqueles que eram mais politicamente motivados se apoiavam no partido católico húngaro. Expatriados eslovenos nos Estados Unidos e na Europa ocidental também começaram a se organizar, tal como os emigrantes eslovenos que viviam nas regiões mineiras do Império Alemão. A maior organização integrando todos os eslovenos que viviam nos Estados Unidos era a Sociedade Nacional Beneficente Eslovena (*Slovenska narodna podporna jednota*), estabelecida em 1904[505].

505 Uma forma especial de emigração eslovena durante o século XIX e a primeira metade do século XX era a prática de mulheres eslovenas se mudarem para o Egito, onde trabalhavam como empregadas domésticas. Popularmente apelidadas de "aleksandrinke", estas mulheres e meninas eram motivadas pela oportunidade de ganhar uma renda suplementar em uma tentativa de salvar suas fazendas altamente endividadas no país de origem. Houve cerca de 7 mil mulheres eslovenas trabalhando em Alexandria (até 1960), e elas também tiveram suas organizações.

Demografia

Até a dissolução da monarquia, o território habitado pelos eslovenos era dividido em quatro províncias históricas (*dezele*): Carníola, Estíria, Caríntia e o Litoral (inclusive a região de Gorizia, a região de Gradisca d'Isonzo e Ístria). Durante a segunda metade do século XIX, a fronteira nacional setentrional foi deslocada para o sul. Do ponto de vista da questão nacional, as cidades maiores eram peculiares porque uma parte significativa de suas populações era constituída de pessoas de origem alemã ou italiana. Os primeiros dados estatísticos sobre afiliação nacional vêm do censo de 1880, pelo qual a nacionalidade foi determinada com base em uma categoria discutível, a língua de comunicação. Conforme este sistema pouco confiável, 23% dos residentes de Liubliana, em 1880, eram alemães, ao passo que, em 1910, este número era de 15%. Uma grande proporção de cidadãos germanófonos podia ser encontrada não só nas três maiores cidades da Estíria (Maribor, Ptuj e Celje), mas também em outros locais. As cidades localizadas ao longo das margens das terras étnicas eslovenas com grande população eslovena (Trieste, Gorizia e Klagenfurt) representavam um caso especial. Por exemplo, 35% (57.000) da população de Trieste era constituída de eslovenos de acordo com sua língua de comunicação, portanto seria justificável dizer que, em termos de representação nacional, Trieste era a maior cidade eslovena. Em Gorizia, esta porcentagem era de 36% (11.000); e em Lçagemfurt apenas 2% (600). Analistas destas estatísticas tentaram introduzir correções mediante a combinação dos critérios de língua de comunicação e de local de nascimento (direito de terra natal). De acordo com tais resultados, a maioria da população era originária das terras étnicas eslovenas. Conforme alguns cálculos e levando em conta as referidas correções, 88.9% da população que habitava os territórios étnicos eslovenos, em 1846, eram eslovenos, e depois os alemães e os italianos eram os

maiores grupos étnicos. Em 1910, estimativas baseadas na língua de comunicação estimou a porcentagem de eslovenos em apenas 76,9%; para 12,1% da população, a língua de comunicação era o alemão e, para 11%, o italiano.

O registro do desenvolvimento demográfico só se tornou possível depois de 1857, quando o recenseamento demográfico na Áustria-Hungria se tornou uma exigência legal. O primeiro recenseamento se realizou em 1857 e se concentrou no local de residência permanente dos "habitantes locais". Recenseamentos subsequentes (em 1869, 1880, 1890, 1900 e 1910) foram modernizados e buscaram estabelecer "a população atualmente presente". Em 1869, havia 1.447.241 pessoas vivendo dentro das terras étnicas eslovenas na parte austríaca da monarquia, e 64.795 na parte húngara (Prekmurje), com um resultado total de 1.512.036. A população do atual território da Eslovênia era 1.193.563, inferior em 20% ao número mencionado acima. Em 1910, havia 1.795.376 pessoas vivendo nas terras eslovenas na parte austríaca da monarquia, e 90.670 vivendo na parte húngara, perfazendo um total de 1.886.046 pessoas. Em 1869, havia 46 centros com mais de mil habitantes nas terras eslovenas, e 19 centros com mais de 2 mil habitantes; em 1910, o número dos primeiros se elevara para 67, o dos segundos para 30[506].

Durante do século XIX, as terras eslovenas experimentaram um processo de urbanização tal como ocorreu com outras regiões. Contudo, a industrialização relativamente fraca e o subdesenvolvimento resultante da região significaram que só alguns centros maiores se desenvolveram lá antes da Primeira Guerra Mundial. A única grande cidade era Trieste, cuja população dobrou entre 1880 e 1910 (elevando-se de 74.554 para 161.000),

506 Jasna Fischer, "Slovensko narodno ozemlje in razvoj prebivalstva". In: Zdenko Cepic et al. *Slovenska novejsa zgodovina*. Liubliana: Mladinska knjiga – Institut za novejso zgodovino, 2005, p. 17-21.

expandindo as fronteiras da cidade mais em direção aos seus arredores. Entre as cidades com população acima de 10 mil na metade do século XIX figuravam Klagenfurt, Gorizia e Liubliana (26.284 habitantes em 1880 e 41.727 em 1910), depois alcançadas por Maribor, Celje e Ptuj.

Dois fatores importantes afetaram o desenvolvimento demográfico nas terras eslovenas durante a segunda metade do século XIX. Como ocorrera em outros países europeus, a taxa de nascimento cresceu enquanto que a taxa de óbitos se estabilizou ou mesmo diminuiu. O Litoral tinha a maior taxa de nascimento e a Caríntia, a mais baixa. Durante a década que antecede a Primeira Guerra Mundial, a taxa de nascimentos nas Carníola aumentou para o mesmo nível daquela no Litoral, enquanto a parte eslovena da Estíria ficou atrás neste aspecto. Além disso, havia grandes diferenças entre as áreas urbana e rural. Outro fator que marcou decisivamente o panorama demográfico das terras eslovenas foi a emigração maciça antes da Primeira Guerra Mundial. De acordo com as estimativas antes mencionadas e se referindo ao atual território da Eslovênia, entre 170 mil e 300 mil pessoas emigraram entre 1860 e 1914. Hoje acredita-se amplamente que a emigração, que na Carníola chegou ao auge durante a primeira década do século XX, absorveu metade do crescimento demográfico durante a década antes da Primeira Guerra Mundial. A emigração também afetou a estrutura etária da população, que até 1869 se mantivera bastante equilibrada, com apenas pequenas diferenças entre mulheres e homens como consequência das guerras do século XIX. Em consequência, o crescimento populacional foi mais vagaroso do que em ambientes europeus comparáveis.

Economia

Durante as últimas décadas do século XIX e na virada para o novo século, a economia das terras eslovenas dependia principalmente

da agricultura; em 1910, 54,5% da população viviam com rendas provenientes de várias formas de agricultura e a produção agrícola representava mais de 2/3 do valor total da produção[507]. A forma mais disseminada de agricultura era o cultivo de subsistência; só o trigo não era produzido em quantidade suficiente. A pecuária e o cultivo geravam a maior renda. Embora a emigração tenha afetado severamente as regiões agrícolas, o choque foi contrabalançado por um grande crescimento das florescentes cooperativas, das sociedades de crédito e da educação em geral, ainda que o resultado fosse modesto comparado com aquele alcançado em outras partes mais desenvolvidas do império. A modernização também penetrou as regiões rurais, trazendo com ela novos produtos e costumes urbanos. A população rural entrou em contato com estes costumes através do seu trabalho em fábricas ou outros empregos em cidades, que eles exerciam a fim de conseguir renda adicional. As mulheres camponesas eram especialmente habilidosas em tirar partido das novas circunstâncias; o dinheiro que elas ganhavam como lavadeiras, cozinheiras e empregadas domésticas contribuía para o orçamento familiar.

As manufaturas também passaram por modernização gradual. As cooperativas de artesãos tornaram mais fáceis e rápidas a modernização e a transição para o modelo industrial de produção. Grandes manufaturas se transformaram em indústrias e sufocaram ofícios e comércios tradicionais, como a tecelagem, a fabricação do linho, dos panos, da seda, dos produtos de couro, dos calçados, da serralheria, do cuidado das unhas, da carpintaria e do ofício de lenhador. Por outro lado, alguns tipos de atividades artesanais (como o corte de vestidos e a alfaiataria) se desenvolveram ainda mais rapidamente. Logo na metade do século XIX, o desenvolvimento do comércio e dos ofícios foi

507 France Kresal, "Struktura slovenskega od 1851-1914", *Casopis za zgodovino in narodopisje*, nº 2, 2002, p. 108.

protegido por associações comerciais (câmaras de comércio), que deram atenção especial a atividades educativas dedicadas aos comerciantes e artesãos, o estabelecimento de novas companhias comerciais e de manufaturas e a promoção de novos produtos. As companhias industriais eram menores e estavam em atraso em relação àquelas na Boêmia e outras partes da Áustria-Hungria. As indústrias mais importantes, tanto em termos de sua produção como no número de trabalhadores, eram a indústria da madeira, a mineração, a indústria do ferro e dos metais. Os líderes na indústria do ferro eram a Companhia Industrial da Carníola (Kranjska industrijska druzba), principal supridor de ferro gusa e a companhia que controlava a maioria da indústria de metais nas terras eslovenas, e a Alpine Montangesellschaft na Estíria. As companhias têxteis estavam integradas dentro da firma têxtil de "propriedade estrangeira" Mautner, com sede em Viena. A maioria da indústria papeleira eslovena também fazia parte de uma companhia conjunta por ações (sob controle da firma Leykam-Josefthal baseada em Graz desde 1870). Várias companhias industriais modernas surgiram como, por exemplo, a Westen, baseada em Celje e que fabricava produtos de cozinha esmaltados (mais tarde rebatizada Emo Celje). As terras eslovenas eram autossuficientes em produção de carvão e a mineração de carvão duplicou durante os últimos 25 anos da monarquia. A produção de chumbo, zinco e mercúrio também se elevava.

As maiores companhias industriais nas terras eslovenas estavam nas mãos do capital estrangeiro, com suas sedes fora das terras eslovenas. Antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, a relação entre o capital doméstico e o estrangeiro era de 1:7 (algumas fontes estimam em 1:8 e mesmo 1:10)[508]. Não obstante, o setor financeiro era pouco desenvolvido (antes do colapso da bolsa

508 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 144.

de valores de Viena em 1873, havia 150 bancos na monarquia, mas nenhum estava localizado nas províncias eslovenas)[509]. Os bancos só começaram a se desenvolver depois de 1900, e o estabelecimento do Ljbljanska banka ocorreu com ajuda de capital checo, cooperativas liberais e investimentos individuais. Os liberais também tiveram um papel no estabelecimento do Jadranska banka em Trieste, em 1905. O Partido Popular Esloveno contribuía para o estabelecimento do Kranjska dezelna banka em 1910 (até então, instituições financeiras católicas tinham se valido do capital proporcionada por cooperativas de Krek, como Ljudska posojilnica e Vazajemna zavarovalnica). O terceiro banco esloveno unido por ações era o Ilirska banka, fundado em 1916. As instituições financeiras mais disseminadas eram as cooperativas de poupança e empréstimo presentes em quase cada uma das aldeias eslovenas. Elas forneciam crédito em condições favoráveis, ajudando os camponeses a atravessar as crises, acelerando a modernização das regiões rurais e encorajando o desenvolvimento da indústria, do comércio e dos negócios através de investimentos maiores.

O desenvolvimento industrial levou a um aumento do número de trabalhadores, o que, por sua vez, deu origem a movimentos trabalhistas mais decididos e a greves reivindicando melhores salários, regulamentação e melhoria das condições dos trabalhadores. Trieste tinha o maior número de trabalhadores industriais, cerca de 41 mil; dentro do território da atual Eslovênia, o número total de trabalhadores industriais era aproximadamente de 86 mil[510].

As fábricas eram as primeiras a avançar em direção à eletrificação, ao passo que a utilização da eletricidade para a iluminação das vias públicas e para o funcionamento de

509 France Kresal, "Struktura slovenskega gospodarstva", p. 120.

510 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 146.

instalações municipais (como o bombeamento de água e os bondes) veio um pouco mais tarde. Contudo, em certas indústrias e na mineração, máquinas elétricas só foram introduzidas depois da Primeira Guerra Mundial e a eletricidade chegou às regiões rurais mais ao menos na mesma época. Em alguns casos, a eletrificação alcançou o mesmo ritmo do que no resto da Europa: por exemplo, o moinho a vapor em Maribor comprou sua primeira lâmpada em 1883, quatro anos após a sua invenção. O planejamento da eletrificação se iniciou em 1909; planos ambiciosos foram traçados em 1912 para a construção de onze usinas de eletricidade no rio Sava, mas o trabalho foi atrasado pela guerra. A primeira usina de eletricidade, zavrsnica, foi não obstante construída em 1915 e a rede de transmissão foi completada no ano seguinte. A grande usina elétrica de Fals no Drava, que supria eletricidade para a cidade de Maribor, foi construída entre 1912 e 1918[511].

Como em outros lugares, a vida nas cidades eslovenas foi afetada pela urbanização, que era a força primordial por trás da história moderna da civilização. Ela conformava as normas sociais e a mentalidade e em consequência a vida das sociedades urbanas e industriais do século XX. As cidades eslovenas foram assoladas por uma crise de habitação na sequência da migração para os centros urbanos e por uma piora dos problemas de abastecimento e de tráfego. A cultura da habitação sofreu rápida mudança. Casas de madeira nas regiões rurais deram lugar a casas de tijolos e pedra. Os habitantes das cidades começaram a prestar atenção tanto à privacidade quanto à aparência; as salas de visita se tornaram luxuosas, os quartos viraram espaços de intimidade enquanto os banheiros ainda eram uma raridade (antes de 1914 só 6,1% das casas de Liubliana tinham banheiros). Vasos sanitários com descarga só entraram na moradia urbana eslovena na virada do século XX. As classes inferiores viviam em apartamentos pobremente equipados

511 France Kresal, "Struktura slovenskega gospodarstva", p. 112.

com muito poucas camas e muitos residentes espremidos em quartos úmidos e mofados. As ruas das cidades eslovenas do século XIX eram enlameadas e sufocadas pelo fedor das cloacas. A higiene melhorou ao longo do tempo, principalmente depois de epidemias de cólera (em 1836, 1849, 1850, 1855, 1866 e 1886)[512]. A construção de canalizações de suprimento de água e de sistemas de esgoto foram as mais importantes contribuições para a melhoria da higiene (Kamnik as obteve em 1888, Liubliana em 1890, Maribor e Skofja Loka em 1902, Celje em 1908 e Kranj em 1911).

A urbanização também mudou os hábitos de vestir. O uso do linho para costura de roupas declinou e novos materiais requeriam novas visões neste ofício e levou a estilos mais descontraídos de vestuário. As roupas tradicionais se viram confinadas ao folclore. A cultura alimentar e de refeições também mudou. Na metade do século XIX, a fome tinha mesmo sido eliminada entre as classes sociais mais baixas, embora a dieta de todos continuasse a ser influenciada pelas flutuações econômicas. Livros de culinária e aulas de cozinha para jovens meninas tornaram-se um hábito constante nas casas urbanas. Servir pratos melhores era principalmente um signo de uma condição social superior. Os principais componentes que distinguiam a dieta das classes superiores daquela da maioria da população eram as carnes e a diversidade de pratos. A maioria da população vivia com uma dieta sem carne composta de pratos simples e a dieta da classe trabalhadora era ainda mais pobre.

Na virada do século a construção da rede de ferrovias foi completada. Tinha levado 70 anos e o comprimento total dos trilhos era de mais de 1.700 km. Uma comparação interessante pode ser feita com base na informação de France Kresil sobre o comprimento total da rede de estradas nas terras eslovenas:

512 Para mais informações sobre as epidemias de cólera veja: Katarina Keber, *Cas kolere. Epidemije kolere na Kranjskem v 19. stoletju*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2007.

havia 3.750km de estradas nacionais e provinciais pavimentadas com macadame[513].

Demandar e encontrar justiça em sua própria língua

A vida social e a cultura ganharam impulso. Artistas eslovenos se equiparavam com seus colegas em outras partes da Europa e estavam estabelecendo vínculos muito importantes e necessários. No entanto, a posição oficial da língua eslovena não melhorava. Os delegados eslovenos e checos no parlamento se esforçavam para conseguir a igualdade de todas as nações na estenografia, por uma razão puramente prática: os discursos estenografados não podiam ser confiscados pelos censores. Mas só depois de 1907 os delegados não alemães tiveram permissão para requerer um estenógrafo próprio[514]. Em 1898, dois delegados eslovenos propuseram uma lei para regular de vez a questão linguística. De acordo com a esta proposta, cada cidadão teria "o direito de buscar e ter acesso à justiça em seu próprio idioma, em todos os órgãos competentes, ainda que localizados fora do território de sua própria língua. Todos os idiomas de uso comum dentro do Estado seriam equivalentes e estariam em pé de igualdade em todos os procedimentos efetuados tanta pelas autoridades do Estado como das províncias"[515]. Mal considerou esta como uma das "mais avançadas" exigências já feitas em prol do reconhecimento da igualdade linguística dentro da monarquia, acrescentando que "nos anos que se seguiram ela ficou obscurecida pela agitação parlamentar"[516].

No nível provincial, a condição do esloveno era equivalente à do alemão apenas na Carníola. Infelizmente, mesmo nesta província, a mais eslovena de todas elas, o esloveno encontrou

513 France Kresal, "Struktura slovenskega gospodarstva", p. 112.

514 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 1173.

515 Ibid., p. 1173-1174.

516 Ibid., p. 1174.

muita dificuldade para se estabelecer na vida pública. O sucessor de Winkler, barão Hein, sustentava que as questões administrativas na Carníola deveriam ser tratadas tanto quanto possível em alemão. O bispo Anton Bonaventura Jeglic enfrentou-o categoricamente quando ele ordenou que o escritório diocesano ordinário usasse esloveno exclusivamente em sua correspondência com o governo provincial. O governador provincial Hein não cedeu. Em 1899, ele ordenou a anulação da resolução municipal que determinava que os nomes das ruas fossem escritos apenas em esloveno, embora esta decisão fosse da competência das autoridades municipais. A dieta da Carníola determinou que ele se desculpasse por menosprezar o idioma da maioria. Contudo, uma perspectiva mais feliz estava à vista para o esloveno: a partir do fim de 1905 as atas das sessões da câmara eram escritas e lidas em esloveno. Uma proposta do delegado Ivan Hribar estabelecia que toda correspondência escrita entre a junta provincial e os escritórios do Estado e as autoridades autônomas na Carníola utilizasse exclusivamente o esloveno. Em outras províncias, o alemão e o italiano continuaram como idiomas da administração. Em 1905, a dieta da Caríntia instituiu o alemão como a língua exclusiva de comunicação, embora a junta local também aceitasse e processasse recursos em esloveno, embora invariavelmente usasse o alemão em suas comunicações com os municípios eslovenos. Na Estíria, o idioma da administração pública não era contencioso. O que era mais discutível era a obstinação das autoridades municipais em Maribor, Ptuj e Celje em recusar-se a levar em conta a igualdade dos idiomas, de forma que o tribunal do Estado intimou-as a observar o bilinguismo em sinais oficiais e carimbos usados por autoridades políticas e financeiras. Na dieta da Estíria, os delegados eslovenos podiam usar o esloveno.

Não menos árdua foi a penetração do esloveno nas escolas. O Estado confiava a supervisão da educação primária e da língua de ensino às autoridades provinciais, retendo apenas o controle

sobre a educação secundária e superior. Os efeitos práticos variavam de província a província: "Como seria de esperar, as consequências deste autogoverno sobre a educação foram sentidas pelos eslovenos onde quer que seu pão fosse fatiado por alemães ou italianos, que não lhes permitiam ter escolas em sua língua nacional, especialmente nas regiões fronteiriças ou nas cidades"[517]. O estabelecimento e a manutenção de escolas em regiões nacionalmente ameaçadas eram tarefas da Sociedade S. Cirilo e Methodius, que tentava deste modo conter a influência desnacionalizadora dos alemães e italianos. As autoridades da Caríntia aderiram às escolas bilíngues. Havia um total de 82 destas escolas, e o esloveno foi substituído pelo alemão nos primeiros anos de seu funcionamento; havia apenas três escolas primárias com ensino em esloveno na Caríntia. Na Carníola, as escolas primárias públicas eram em esloveno (ao todo 285), exceto em diversos enclaves alemães, na região de Kocevsko, em Bela Pec e em Liubliana. No Litoral, os eslovenos conseguiram sua primeira escola primária pública em 1895, mas em Trieste tais desejos e aspirações nunca se concretizaram. Na Baixa Estíria, a classe média alemã se opôs duramente às escolas públicas em esloveno, mas a Sociedade St. Cirilo e Methodius, apesar disso, conseguiu fundar duas escolas primárias particulares. Os eslovenos que viviam na Eslovênia veneziana e na Hungria não tinham outra alternativa senão a de frequentar escolas italianas ou húngaras. A consciência da necessidade de educação elementar variava de lugar a lugar. Na região eslovena da Caríntia, 80% das crianças entre 6 e 12 anos frequentavam escolas primárias. Esta porcentagem também era alta na Baixa Estíria, aproximadamente 82%, ao passo que em outras regiões este número oscilava entre 72% a 76%[518].

517 Ibid., p. 1180.

518 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 129.

No entanto, a porcentagem de crianças nas escolas primárias não era refletida na taxa de analfabetismo: na Estíria, na Carníola, em Trieste e na região de Gorizia, esta taxa variava entre 11% e 15%, enquanto na Caríntia chegava a 23%.

A determinação da língua de ensino nas escolas secundárias era competência do ministro da Educação. Na Carníola, duas escolas secundárias do Estado eram exclusivamente em alemão e quatro em alemão e esloveno. Depois de 1908, o esloveno também se tornou língua de ensino nos graus mais altos, embora não de maneira uniforme em todas as províncias. A introdução das "famosas" classes paralelas em Celje e Maribor foi um processo doloroso, ao passo que "a escola secundária de Ptuj não tinha nem permissão de ter departamentos de esloveno, a fim de não arruinar seu caráter de escola alemã"[519]. As três escolas secundárias na Caríntia eram exclusivamente alemãs. Na Carníola, por outro lado, as escolas secundárias já se tinham transformado durante o período de Taaffe de forma que em algumas escolas o idioma de ensino nas classes mais baixas era o esloveno; depois de 1908 isto também foi estendido às classes superiores. A primeira escola secundária exclusivamente eslovena foi a escola secundária diocesana em Sentvid nad Ljubljano, fundada em 1905.

A escola secundária em Gorizia era a única escola na qual o idioma de ensino era exclusivamente o esloveno. Ela foi fundada em 1913, pela divisão da antiga escola alemã em escolas em esloveno, alemão e italiano. Em todas as províncias com uma população eslovena, o esloveno era uma matéria opcional, inclusive em escolas secundárias não eslovenas. Com relação às escolas vocacionais, duas escolas secundárias (*realka*) em Trieste eram italianas e outras alemãs. Somente em Idrija havia uma *realka* em esloveno e alemão. A *realka* em Gorizia dava aulas de religião em esloveno nos dois primeiros graus. Postojna tinha

519 Josip Mal, *Zgodovina slovenskega naroda*, p. 1181.

uma escola secundária em esloveno, tal como Zalec (desde 1913); as escolas para formação de professores e professoras em Gorizia e Skofja Loka eram apenas em esloveno, ao passo que em Liubliana os idiomas de ensino nas escolas de formação de professores eram em esloveno e alemão.

Os estudantes eslovenos iam estudar em Viena, Graz e Praga e, na década antes da Primeira Guerra Mundial, também estudavam em Cracóvia. Havia de 300 a 400 estudantes eslovenos matriculados em universidades e escolas superiores austríacas durante os anos 1870 e 1880; por volta de 1900 já somavam cerca de 650 e, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, seu número tinha subido para mais de 930 (2/3 do número total de estudantes eslovenos estudavam em Viena). Até a virada do século o maior número de estudantes eslovenos estava matriculado em cursos de teologia; daí em diante o número destes foi superado por estudantes de direito. O número de estudantes dedicados ao estudo de ciências técnicas também crescia. As primeiras mulheres eslovenas se matricularam na Universidade de Viena no princípio do século XX.

Embora a *intelligentsia* eslovena viesse de escolas em língua estrangeira, a "ideia nacional já era tão forte que era capaz de atrair um número crescente de trabalhadores para trabalhar em cultura. O combate e a competição com o adversário mais forte economicamente, política e culturalmente, obrigou os eslovenos a se organizarem decididamente e a contarem com seu próprio trabalho e iniciativa"[520]. A consciência do mundo espiritual e da cultura comuns crescia, tendência que se traduzia no florescimento das sociedades educativas, bibliotecas, corais, bandas, grupos teatrais e associações de ginástica e outras. Estas instituições eram ativas principalmente nas regiões rurais, uma vez que os camponeses, como a classe mais numerosa, constituíam um esteio

520 Ibid., p. 1183.

importante do caráter nacional esloveno e eram instrumentais para reforçar a consciência nacional.

O aumento da alfabetização e a educação introduziu uma nova atividade de lazer – a leitura. Muito cedo se tornou a mais popular e mais disseminada forma de aproveitar o tempo de lazer. Havia cinco jornais diários em esloveno: o diário católico, *Slovenec*, o diário liberal, *Slovenski narod*, o socialista, *Zarja*, o liberal independente, *Dan*, e o diário liberal, *Edinost*, publicado em Trieste, além de várias publicações oferecendo conteúdo de entretenimento. A organização literária mais influente do tempo, ou organização de livros como eram chamadas, era Mohorjeva druzba, com cerca de 71 mil sócios em 1895, que subiram a 91 mil ao fim da Primeira Guerra Mundial. Sua rede se espraiava para regiões além das fronteiras da parte austríaca do império, especialmente na Hungria e na Eslovênia veneziana. A forma mais fácil de conseguir que textos científicos alcançassem leitores era por meio de várias coleções de publicações científicas. A missão principal ainda era exercida por Slovenska matica. O conteúdo educacional era disseminado pela Slovenska solska matica (a partir de 1900) e sociedades científicas para a promoção do conhecimento sobre a pátria editavam suas próprias publicações. A Biblioteca eslávica (Slovanska knjiznica) disseminava o conhecimento sobre a literatura das nações eslavas. Como publicar envolvia riscos financeiros, sociedades e organizações literárias eram os editores principais, com empresários individuais se associando apenas mais ao término do século. A rainha das formas de arte entre os eslovenos era a literatura. Os padres Simon Gregorcic e Anton Askerc eram os poetas mais eminentes da geração mais velha. O primeiro ganhara renome como escritor de baladas e poemas românticos, que, graças à "ressonância descontraída de sua linguagem e seu talento para o ritmo"[521], eram muito populares e alguns chegaram a

521 Ibid., p. 1079.

fazer parte da cultura folclórica eslovena. Anton Askerc se dedicou exclusivamente a poemas épicos, baladas e poemas românticos.

Durante a segunda metade dos anos 1890, uma tendência nova na literatura, chamada de "moderna" ("modernidade") promovida pelos escritores eslovenos Fran Govekar e Ivan Cankar, começou a ganhar renome. Tratava-se de uma tendência literária muito distinta em termos de estilo. Entre os poetas, os mais eminentes representantes da modernidade era Dragotin Kette e Josip Murn-Aleksandrov, dois poetas muito talentosos que infelizmente morreram jovens na virada do século. Não menos renomado era Oton Zupancic, que "introduziu muito da riqueza estilística, linguística e mental baseada em canções populares na poesia e na literatura eslovenas..."[522]. Zupancic era também um perfeito tradutor de muitas obras supremas da literatura mundial. Junto com Cankar, o poeta, dramaturgo e autor, estes escritores aproximaram a literatura eslovena das tendências europeias, pela primeira vez desde France Preseren. Mal resumiu as características básicas do trabalho de Cankar:

> *Ele é um grande artista de uma narrativa mais curta em forma lírica, do romance e do conto; criou um estilo narrativo completamente novo e único. Nestes escritos, tal como em suas peças e sátiras, ele censurava a injustiça social e, entre outras coisas, desmascarava com entusiasmo reformista a falta de sinceridade e o egoísmo da sociedade política patriótica. Suas profundas descrições psicológicas também lhe deram fama e reputação entre as grandes nações europeias, que incluíram várias obras de Cankar em suas literaturas*[523].

522 Ibid., p. 1185.

523 Ibid., p. 1185.

Os protagonistas da modernidade na literatura defendiam a autonomia da arte, e essencialmente lutavam pela sinceridade em suas confissões artísticas. A modernidade representava assim uma forte ruptura com a tradição: embora seu saber sobre as tendências literárias contemporâneas viesse de Viena, os escritores eslovenos tomaram como modelo os autores da Europa ocidental. Eles encontraram inspiração em várias tendências contemporâneas, como a decadência, o impressionismo e o simbolismo com uma mescla de realismo, naturalismo, futurismo e expressionismo. Seu estilo artístico era condenado de forma veemente pela Igreja. Esta hostilidade foi tão longe que o então bispo de Liubliana, Anton Bonaventura, comprou a maior parte da coleção de poemas de Cankar, *Erotika* (1899), e a incinerou. No entanto a influência substancial da (arte) "moderna" eslovena já não podia mais ser reprimida. Ao contrário, Cankar deu um exemplo que mereceu apoio mesmo entre católicos.

Os estilos literários tradicionais também mantiveram sua continuidade e alguns incorporaram certos elementos das tendências modernas. Fran Saleski Finzgar foi reputado por sua observação direta do desenvolvimento popular e social, que ele retratava no estilo tradicional. Ele alcançou sua fama com o romance histórico *Sob o Sol Livre* (*Pod svobodnum soncem*), escrito no estilo de Henrik Sienkewicz.

Outras formas de arte também combinavam elementos novos e antigos, superando em alguns casos as formas tradicionais e estabelecidas. A música vocal e especialmente coral estava dando lugar à música instrumental. A revista musical eslovena *Novi akordi* (1901) trazia sistematicamente crítica musical e publicava originais de música eslovena. Glasbena matica continuava a ser a instituição musical central na Eslovênia, a que veio juntar-se em 1908 a Filarmônica Eslovena. Com a abertura do novo Teatro Provincial (*Dezelno gledalisce*) em Liubliana em 1892, as óperas

também encontraram espaço no palco. A primeira ópera eslovena encenada em palco nacional foi *Os Nobres de Teharje* (*Teharski plemici*) de Benjamin Ipavec. Outros compositores eslovenos de ópera que alcançaram fama incluem Viktor Parma, Anton Foerster e Risto Savin. O autor do primeiro balé esloveno, *Jumping Jack, 1901*[524] (*Mozicek*), foi Josip Ipavec, sobrinho de Benjamin Ipavec. Trieste também ostentava uma companhia de ópera e operetas foram encenadas em Maribor. A música coral e o canto guardaram seu lugar tradicional na música eslovena e no espírito das pessoas; em 1913, a Associação das Sociedades de Corais Eslovenas (*Zveza slovenskih drustev*) tinham mais de 300 membros dos corais.

O Teatro Provincial forneceu um palco para a arte dramática que era principalmente cultivada e guiada pela Associação Dramática (Drmaticno drustvo), sob cujo auspício os primeiros atores profissionais foram formados. Eles encenaram as obras clássicas de dramaturgos internacionalmente renomados (Shakespeare, Goethe, Schiller, Ibsen) e dramaturgos eslovenos (Josip Vosnjak, Anton Askerc, Anton Funtek, Fran Govekar e Ivan Cankar). Grupos amadores de teatro atendiam a demanda de audiências menos teatrais menos exigentes que apreciavam peças folclóricas alegres; apresentações também se realizavam em regiões rurais. Em 1905, Karol Grossman, um advogado de Ljutomer, juntou-se ao mundo do cinema com dois curtos documentários, o primeiro dos filmes eslovenos, *Deixando a Igreja* (*Odhod od Mase* e a *Feira de Ljutomer* (*Sejem v Ljutomer*).

Durante as últimas décadas do século XIX, as artes visuais na Eslovênia pararam de seguir cegamente o padrão da pintura romântica-relgiosa e buscou um caminho autêntico. Jozef Petkovsek e os irmãos Janez e Jurij Subic influenciaram a expressão dos dos artistas eslovenos, mas não puderam causar

524 NT: Boneco desengonçado, em tradução livre.

um impacto profundo no desenvolvimento da pintura eslovena porque trabalharam fora do país e suas mortes prematuras cortaram suas carreiras. Em contraste, Anton Azbe foi uma tremenda influência. Ele se tornou o professor e amigo da jovem geração de pintores eslovenos, mas a estreiteza cultural na Carníola o levou embora para Munique. Os mais eminentes representantes da geração de pintores que saiu dos ateliês e passou a trabalhar na natureza foram Ivan Grohar, Rihard Jakopic, Matija Jama e Matej Sternen. Inspirando-se no impressionismo, eles fizeram da cor o elemento básico de sua expressão. Embora sua popularidade na terra natal chegou só depois que eles ganharam aplausos em Viena, eles buscaram inspiração na arte eslovena, nas paisagens locais e no povo local. Em 1900, este grupo artístico fundou a Sociedade Eslovena de Artes (*Slovensko umetnisko drustvo*) e organizaram a primeira exposição coletiva em Liubliana no mesmo ano, seguida por exposições em outros centros europeus. Em 1901, Jakopic fundou o primeiro pavilhão de exposição no Parque Tivoli em Liubliana.

Os arquitetos Joze Plecnik, Maks Fabiani e Ivan Jager seguiram o caminho dos pintores eslovenos. No entanto, só Fabiani ficou famoso no país, depois que a restauração de Liubliana após o terremoto de 1895 forneceu-lhe a oportunidade de desenhar o plano urbano e projetar vários edifícios. Plecnik e Jager encontraram trabalho e fama fora das fronteiras eslovenas: Plecnik participou das obras de renovação de Viena e Praga antes de voltar a Liubliana, ao passo que Jager trabalhou na China e nos Estados Unidos.

A missão fundamental da *intelligentsia* eslovena continuou a ser do esloveno na vida pública com grande sucesso em várias áreas da cultura. O esloveno tornou-se um idioma plenamente formado. Era usado também na ciência; os primeiros estudos sobre história da arte foram publicados e a terminologia profissional

foi estabelecida. O esloveno era usado em eventos públicos e um número crescente de profissionais escrevia em esloveno. A *intelligentsia* eslovena podia agora receber educação primária em esloveno, ainda que a maioria dos tesouros culturais viesse do alemão. Um formato muito popular era o das chamadas "reklamke", traduções baratas em alemão de obras que iam dos antigos clássicos aos contemporâneos e cujo nome vinha do editor alemão Reclam.

As instituições acadêmicas eram poucas em número e o trabalho acadêmico era realizado principalmente por pessoas que trabalhavam em museus ou por numerosas associações profissionais e suas publicações. A Slovenska matica e seu anuário continuavam a ser as forças motoras. Em 1889, os advogados eslovenos fundaram sua associação, Pravnik (Advogado), e lançaram a publicação com o mesmo nome. Em 1891, a Associação de Museus da Carníola (*Muzejsko drustvo za Kranjsko*) inauguraram o jornal, *Izvestje*, e mais tarde *Carníola* (em 1910). Estas duas publicações eram as principais dedicadas às ciências naturais e históricas e logo elas estenderam suas atividades para cobrir todas as terras eslovenas. Em 1903, a Sociedade Histórica (*Zgodovinsko drustvo*) foi criada em Maribor. Sua publicação, *Revista de História e Etnografia* (*Casopis za zgodovino in narodopisje*), sobrevive até hoje. As últimas décadas do século XIX viram a publicação de vários tratados profissionais: *Estilos Arquitetônicos* (*Stabinski slogi*) de Janez Flis surgiu em 1885; *Uma Introdução à Filosofia* (*Uvod v modroslovje*) de Francisek Lampe (1887) assentou os fundamentos da terminologia filosófica eslovena; *Os Fundamentos Básicos da Meteorologia* (*Temelji vremenoznanstva*) de Simon Subic foi publicada em 1900; *Material para a História dos Eslovenos* (*Gradivo za zgodovino Slovencev*) de Franc Kos começou a ser publicada em 1902. Entre 1874 e 1891, Mohorjeva druzba publicou a série *História Geral para o Povo Esloveno* (*Obca zgdovina za slovensko ljudstvo*), escrita pelo professor Josip Stare. Entre 1893 e 1895, Maks Pletersnik publicou um dicionário

esloveno-alemão e, em 1894, Karel Glaser completou *Uma História da Literatura Eslovena* (*Zgodovina slovenskega slovstva*); Karel Strekelj publicou a coleção *Canções Folclóricas Eslovenas* (*Slovenske ljudske pesmi*) em 1895. Josip Gruden e Josip Mal escreveram a história da Eslovênia em um livro abrangente que ia além das fronteiras provinciais e além das fronteiras da historiografia tradicional de descrição historiográfica. A seção escrita por Mal em especial apresenta um quadro completo da vida nas terras eslovenas. Um número crescente de intelectuais eslovenos estava fortalecendo suas reputações profissionais, contribuindo para várias disciplinas acadêmicas e científicas por toda a monarquia e a Europa. Entre eles estava o físico Nace Klemencic, o matemático Josip Plemelj, o historiador do direto Vladimir Levec e o famoso físico Jozef Stefan. O último mais tarde foi para Viena "deixou as fileiras nacionais" e se tornou um cientista austríaco tanto na expressão falada quanto na escrita. A vida política e social tornou-se mais bem organizada e mais diversificada. As velhas formas de vida política e social, como os encontros, as excursões organizadas por sociedades ginásticas e corais, e os eventos de leitura literária, foram substituídos por novas atividades. As mais disseminadas eram as associações de bombeiros, educacionais, desportivas e corais, assim como as sociedades humanitárias e de defesa nacional. Os centros iniciais de suas atividades eram salas de leitura, mas ao longo do tempo salões nacionais os substituíram e se tornaram o foco de atividades sociais. O primeiro salão nacional foi construído em Liubliana (1896), seguido de Celje (1897), Maribor (1899) e finalmente Trieste e Gorizia (1904). Eles acolhiam apresentações, abrigavam bibliotecas e cafeterias e criavam oportunidades para o estabelecimento de contatos sociais e de negócios.

O florescimento da cultura de esportes levou ao surgimento de sociedades de ginástica. As duas principais sociedades, Sokol e Orel, tinham matizes políticas. Além dos exercícios físicos também

ofereciam a seus membros formação espiritual sob a forma de conferências e vários cursos e até mesmo exercícios de retórica, Ao lado das sociedades educacionais, elas também participavam de peças teatrais. Embora a preocupação com o bem-estar e a aparência fosse sem dúvida uma preocupação das classes ricas e de intelectuais, algumas avaliações sugerem que, antes da Primeira Guerra Mundial, 1/5 da população ativa ocasionalmente fazia exercícios físicos[525]. A atividade recreativa mais popular do tempo era o montanhismo (o que continua a ser o caso hoje em dia). Em 1893, os eslovenos deixaram a sociedade de montanhismo austríaca, de orientação alemã, e criaram a Associação Eslovena de Montanhismo em Liubliana. Ela entrou logo em choque com a organização austríaca a respeito dos abrigos de montanha. Esta chamada guerra esloveno-alemã pelos abrigos de montanha teve seu ápice em 1895 quando o padre Jakob Aljaz de Dovje comprou o cume da mais alta montanha, Triglav, por cinco florins e construiu uma torre lá como símbolo da nação eslovena. Outras associações esportivas incluíam a Associação de Ciclismo e o Clube de Futebol esloveno, Hermes (1906); o jogador de xadrez esloveno Milan Vidmar ganhou reputação internacional.

A vida cotidiana das cidades eslovenas se parecia muito com aquela de outras cidades dentro da monarquia. As cidades tinham uma aparência predominantemente alemã (ou italiana nas zonas costeiras) refletindo a estrutura bilíngue e binacional da população. Entre elas, Liubliana experimentou as mais radicais transformações no planejamento urbano, que foram de certo modo acidentais e forçadas pelas circunstâncias. Em 1895, a cidade foi abalada por um forte terremoto, a partir do que evoluiu em uma capital moderna com novos palácios *art-nouveau*. Em 1895, ganhou um hospital moderno, um ano mais tarde o primeiro filme foi exibido e, em 1897, os primeiros telefones chegaram. As linhas

525 Peter Vodopivec, *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave*, p. 136.

elétricas foram instaladas no ano seguinte e, em 1901, Liubliana passou a ter bondes elétricos. Sinais de tráfego na Eslovênia foram instalados pela primeira vez em 1908.

O outro lado da história

As marcas distintivas da entrada das mulheres eslovenas na vida política e cultural foram sua afiliação nacional e sua participação nas atividades nacionais. Já em 1809, as "corajosas Blejke" (mulheres de Bled) tinham impedido os franceses de retirar os tesouros da igreja na ilha de Bled[526]. Porém, suas primeiras grandes oportunidades surgiram com a Primavera das Nações; nas crônicas daquela era, seus nomes podem ser encontrados nos registros de agitações sociais, eleições informais, edição de jornais e publicações políticas. Aquele período turbulento forneceu mais oportunidades para que senhoras respeitáveis de classe média, que até então tinham tradicionalmente se dedicado a trabalhos de caridade, se envolvessem em acontecimentos sociais. Elas se dedicaram a fabricar bandeiras para várias associações e para a Guarda Nacional e também participaram de loterias com fins caritativos, doando seus produtos feitos à mão ou objetos pessoais. Por outro lado, mulheres que não pertenciam à elite social da época, essencialmente viúvas, mulheres comerciantes e proprietárias de fazendas, também contribuíram ativamente. Nas comunidades aldeãs, a condição de viúva trazia os mesmos direitos e obrigações atribuídos aos homens, assim as mulheres viúvas eram formalmente iguais aos homens. Particularmente excepcional era o papel das mulheres camponesas no desenvolvimento cultural geral das regiões rurais, uma vez que as lições de escrita e leitura eram principalmente uma função de que se encarregavam as

526 Stane Granda, "Zenske in revolucija 1848 na Slovenskem". In: Natasa Budna Kodric & Aleksandra Serse (ed.), *Splosno zensko drustvo 1901-1945*. Liubliana: Arhiv Republike Slovenije, 2003, p. 7.

mulheres. As mulheres mandavam os filhos para a escola e frequentemente forneciam sua subsistência.

Durante a primeira metade do século XIX, as sociedades *kazina* (a *kazina* é um local para eventos sociais) desempenharam um papel especialmente importante no desenvolvimento das terras eslovenas. Elas faziam parte da cultura urbana e por meio delas o papel social das mulheres se tornou mais conspícuo. Durante a era pré-Março, foi confiado às mulheres eslovenas um papel importante no despertar da nação, que se refletiu em seus esforços para instilar o amor ao esloveno em seus filhos e prover-lhes educação.

Durante os anos revolucionários de 1848 e 1849, as mulheres eslovenas foram capazes de expressar publicamente sua afiliação nacional. Jozefina Oblak de Graz, por exemplo, decidiu hastear a bandeira eslovena, enraivecendo seus vizinhos alemães. Outras expressaram seu sentimento nacional encorajando e apoiando seus maridos e filhos em seus esforços para preservar a nação eslovena. Mulheres eslovenas conscientes, ativas no exercício de sua nacionalidade, podem também ser encontradas entre os signatários da petição "Eslovênia Unida". Durante os anos revolucionários, mulheres ao longo das terras eslovenas passaram a se envolver nas questões políticas públicas em artigos de jornais.

No verão de 1848, o círculo esloveno em Celje que publicava o jornal *Celje Slovenske Novine* (rebatizado *Slovenske Novine* em 1849) incluiu entre seus membros a primeira poeta feminina eslovena, Fani Hausmann. Seu poema *Vojaka izhod* encantou os populistas eslovenos[527]. As primeiras escritoras e artistas podiam agora apresentar seu trabalho em círculos de leitura e em salões.

Durante os anos 1860 e 1870, este caminho foi tomado com determinação por Marija Murnik Horak, uma ativista e

527 Mira Delavec, "Fani Hausmann". In: Alenka Selih et al., *Pozabljena polovica. Portreti zensk 19. in 20. stoletja na Slovenskem*. Liubliana: Zalozba Tuma, 2007, p. 31.

organizadora de educação caritativa e de sociedades de mulheres. Neste período, políticos e escritores eslovenos começaram a expressar suas opiniões sobre o papel das mulheres na sociedade. Em 1871, Radoslav Razlag deu uma conferência em Liubliana intitulada "Sobre a autonomia do gênero feminino" e reconheceu que as mulheres tinham permissão de se engajar em atividades sociais, nacionais e políticas, mas somente se a nação estivesse em perigo. Em outras circunstâncias, ele sustentava, seu papel ativo era dentro da família. Durante os anos 1880, Fran Celestin sugeriu que a condição das mulheres era um indicador da cultura de uma sociedade e que os homens deveriam guiar o movimento das mulheres para o bem da nação.

Nem todos, porém, concordavam com o exercício de atividades nacionais pelas mulheres; alguns pensavam que este engajamento solaparia as relações tradicionais dentro da sociedade e da família. Anton Mahnic estava entre os que mais fortemente resistia e tentava convencer seus leitores de que o envolvimento das mulheres abrigava as sementes de corrupção e decadência como consequências do capitalismo e do liberalismo. Além disso, ele via as mulheres como desiguais por natureza, valor e direitos. Andrej Gabrscek opunha-se fortemente a esta linha de pensamento e retrucava a Mahnic manipulando a tese deste segundo a qual as mulheres estavam em um estágio inferior de desenvolvimento, dizendo que, se isto fosse verdade, elas tinham que ter mais oportunidades de educação[528]. A admissão das mulheres na vida pública não era contestada apenas pelo campo católico, mas também por alguns políticos eslovenos liberais. Um ponto de vista interessante era o de Ivan Tavcar, cuja mulher, Franja, era uma mulher ativa e versátil, ao passo que ele (embora de certo modo inclinado em favor do papel das mulheres na conscientização da

528 Natasa Budna Kodric & Aleksandra Serse. "Zensko gibanje na Slovenskem do druge svetovne vojne". In: Kodric & Serse (ed.), *Splosno zensko drustvo 1901-1945*, p. 18-19.

nacionalidade) se opunha incansavelmente a conceder direitos políticos às mulheres. Tudo isto dava certamente impulso ao envolvimento das mulheres, mas outras duas décadas deveriam se passar antes que um sucesso óbvio pudesse ser alcançado. A vitória veio em 1892 quando, por iniciativa de Marija Murnik Horak, um ramo feminino da Sociedade S. Cirilo e Methodius foi fundado em Liubliana, seguindo o modelo dos já existentes em Trieste e Gorizia. Talvez tenha sido o ambiente multiétnico na região de Gorizia e Trieste que tenha fornecido um estímulo adicional para levantar gerações nacionalmente conscientes que, por seu turno, levantaram a causa da educação das mulheres e as possíveis formas de eliminar os obstáculos à igualdade na educação[529]. Este foi um passo precursor das exigências feministas. Em 1900, o suplemento do jornal de Trieste, *Edinost*, intitulado *A Mulher Eslovena* (*Slovenka*), tornou-se um jornal independente e o primeiro periódico feminino na Eslovênia. Sua missão era educar as leitoras eslovenas. Ao mesmo tempo, as primeiras poetas e escritoras eslovenas receberam reconhecimento escrevendo para o jornal literário *Ljubljanski zvon* e para o *Kres*, baseado em Klagenfurt; o *Slovanski svet* iniciou uma coluna feminina nos anos 1890.

Eram as mulheres economicamente independentes e instruídas que expressavam decidias exigências por igualdade política, pois sua boa condição material lhes permitia descartar o patrocínio masculino que implicasse obrigações de seguir as ordens de seus maridos, conforme estatuído pelo Código Civil Geral em 1811. O caminho para a igualdade correu ao longo da sociedade como uma das mais firmemente estabelecidas e reconhecidas formas de atividade pública. O reconhecimento de que trabalhadoras (tal como professoras, trabalhadoras administrativas ou funcionárias dos correios) recebiam salários inferiores aos dos homens pelo

529 Marta Verginella, "Mesto zensk pod steklenim stropom". In: Kodric & Serse (ed.), *Splosno zensko drustvo 1901-1945*, iii.

mesmo trabalho, e que isto era uma consequência não só do sistema capitalista mas também da discriminação de gênero, levou à criação da Associação das Professoras Eslovenas (*Drustvo slovenskih ucitljic*) em 1898. Sua tarefa principal era a luta contra a discriminação de gênero nas profissões do ensino. A ela vieram juntar-se, em 1900, as trabalhadoras postais. Sua luta sacudiu as relações sociais e políticas da época, entrincheiradas em vários séculos de tradição, e se tornou um fato político que adquiriu um novo significado nos anos seguintes através da luta pelo sufrágio universal.

A entrada das mulheres eslovenas na vida política provocou reações variadas. O campo católico tentou isolar as mulheres instruídas e anular sua influência social estabelecendo sociedades que representavam uma nova forma de supervisão sobre as mulheres[530], por exemplo, a Sociedade Católica de Mulheres (*Katolisko drustvo za delavke*), a Sociedade das Mulheres Cristãs (*Krscanska zenska zveza*, fundada em 1900) e as sociedades de Santa Maria. Em 1910, o Partido Popular Esloveno apoiou a ordem municipal estendendo às mulheres contribuintes o direito de voto, pelo qual o partido buscava fortalecer sua posição política e desafiar a posição dos grupos políticos livres-pensadores. Apesar do partido incluir sociais democratas, seu apoio à igualdade de direitos entre homens e mulheres não era consistente. Por um lado eram favoráveis a que as mulheres se associassem ao partido e ao sufrágio universal, mas eram menos inclinados a reconhecer direitos específicos das mulheres que refletissem sua batalha contra a injustiça social, econômica e política.

Os esforços para assegurar o voto para as mulheres reuniram publicamente mulheres eslovenas de diferentes visões, cujas noções sobre como expressar exigências pela emancipação das

530 Ibid., iv.

mulheres também diferiam. Em 1901, Franja Tavcar e Josipina Vidmar estabeleceram a Sociedade Geral das Mulheres (*Splosno zensko drustvo*), que fechou as portas em 1945. A instituição aceitava todas as mulheres eslovenas independentemente de classe ou profissão e exercia suas missões na política, caridade e educação. A sociedade operava para alcançar a igualdade de todas as mulheres, o que estava intrinsicamente vedada pelo artigo 30 da lei estatal, que excluía as mulheres de sociedades políticas e partidos e proibia participação de mulheres em corporações que tomavam decisões sobre educação, saúde, cultura e outras questões públicas. A sociedade reunia feministas comprometidas bem como mulheres "tradicionais" da nação. Suas tarefas fundamentais incluíam educação para mulheres e a preparação de mulheres para a "luta existencial", i.e., para participar ativamente na sociedade. A sociedade também tomava parte em atividades internacionais por meio de sua associação com a sociedade de mulheres de todo o Estado. Suas sócias participavam regularmente de eventos desportivos de massa em Praga e estabeleceram contatos estreitos com suas contrapartes checas, que tinham servido de modelo para a instituição eslovena. Durante as Guerras Balcânicas elas participaram ativamente em ações de caridade, contribuindo com roupas, itens sanitários e outros bens de necessidade para a Cruz Vermelha sérvia e búlgara. A eclosão da Grande Guerra em 1914 acrescentou novas tarefas e desafios para a sociedade. As ruas da capital continuavam sendo iluminadas por luz elétrica, mas a luz brilhante irradiada pelo progresso político, cultural e econômico começou a ser ensombrecida pela aproximação do desconhecido. Precisamente por esta razão, todos – o indivíduo, a comunidade mais ampla, a família, a comunidade nacional, ou o Estado – tinham que estar preparado para o desconhecido. Na alvorada de uma nova era que seguia alguns dos mais produtivos séculos na história das terras eslovenas, quando os eslovenos buscavam ativamente o

caminho do reconhecimento nacional e aliados políticos e quando a cultura eslovena e indivíduos de renome tinham alcançado o ápice da cultura europeia contemporânea e a língua eslovena ganhava reconhecimento, "os anos do horror" chegaram.

CAPÍTULO 6

DA MONARQUIA AO REINO

Divididos pela Grande Guerra

A chamada Grande Guerra figura como um marco e um ponto de inflexão no panorama da moderna história eslovena. Na Europa Central, como em muitas outras partes do continente, constituiu um "divisor de águas" que transformou quase tudo, das perspectivas políticas agora dirigidas para as campanhas nacionalistas até o discurso da cultura. A guerra também expôs a vida cotidiana, a arte e a economia de distintas formas, melhor ilustradas em cartas particulares e diários. Este material carregado de emoções sugere, acima de tudo, que a guerra no sudeste da Europa foi diferente da guerra familiar que se percebe das descrições de Verdun, Ypres ou Arras. A diferença se torna mais aparente quando um rosto humano é posto nos conflitos na Sérvia, Macedônia, Albânia, Galícia e no vale do Soca (Isonzo). E a brecha se alarga quando se ouve a voz dos soldados nas trincheiras e de suas famílias em casa. Este contraste também se torna evidente quando se percebe que, para os austríacos, a guerra no sudeste era realmente uma expedição punitiva contra os sérvios.

Traços desta diferença, e a mudança do entusiasmo em 1914 para a depressão e a frustração a partir de 1915, são visíveis em toda a parte. Além dos diários, cartas e artigos, arquivos públicos e particulares também contêm uma vasta quantidade de fotografias, pinturas, mapas, desenhos, poemas líricos e literatura de amadores escrita por soldados e seus parentes. Seus escritos repetida e incessantemente produzem uma mistura com pensamentos sobre a sua incapacidade para articular em palavras a profunda loucura que os rodeava:

> *Não há notícias; só a Morte prossegue seu festim*
> *E hoje, como ontem, o infindável curso da morte*
> *Carnificina, mil vezes chorando*
> *Quarto ano da guerra – será ela jamais apaziguada?*
>
> *Não há notícias; só a morte colherá sua colheita fria*
> *E ainda depois de um milhão de anos*
> *A humanidade ceifará incontáveis atos de bravura*
> *O mundo não será salvo das lágrimas;*
> *Quem hoje for liberado da carga mortal,*
> *Será abençoado com o novo e libertado do velho*[531].

E mais importante, estes campos de batalha raramente lembrados também criaram nos soldados e nos civis do povo a necessidade de expressar seus medos e o horror frente às condições extraordinárias da guerra. Quase de um dia para o outro, centenas de pessoas que nunca tinham sentido a necessidade de articular seus sentimentos antes da guerra tornaram-se poetas e escritores produzindo incontáveis cartas para dissipar suas angústias e preocupações.

531 NT: Em inglês no original. Petuskin, "Vojno porocilo". In: *Oblaki so rudeci*, ed. Janez Povse. Trieste: Zalozba trzaskega tiska, 1988, p. 141. Traduzido do esloveno para o inglês por Manca Gaspersic e, para o português, por Gilberto Saboia.

De outra perspectiva isto apenas dava expressão a um lado mais brutal daquilo que a elite política eslovena já tinha percebido antes da guerra: a Monarquia Habsburgo ficava sobre uma falha sísmica entre a Europa oriental e a Europa ocidental e qualquer turbulência política maior podia solapar as estruturas existentes. Lançar as forças do descontentamento interno para fora contra um inimigo comum provavelmente não as absorveria, apenas levaria, afinal, à dissolução do espaço político estabelecido e compartilhado. De uma perspectiva mais ampla e sensata, a Europa de 1914 se equilibrava sobre uma plataforma crescentemente precária de velhos códigos e crenças destinadas a desmoronar-se. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, os eslovenos se viram como uma comunidade nacional fraca e universalmente vulnerável. Sua busca febril por aliados políticos entre os eslavos do sul, que Ivan Cankar tinha proclamado como irmãos de sangue e primos de idioma, revelava profundas ansiedades. Ao fim da *belle époque*, a construção de uma "ponte alemã para o Mar Adriático" parecia assim apenas uma questão de tempo. Em outras palavras, enquanto a Associação Escolar Alemã (*Schulverein*) começava a estabelecer o ensino bilíngue em território puramente esloveno, o Estado austríaco discriminava contra as escolas eslovenas. Assim as aspirações eslovenas de unir forças com os povos etnicamente relacionados do sudeste da Europa não eram de forma alguma um recurso para ideias utópicas, mas refletia preocupações reais e atuais.

Não obstante, no verão de 1914, ninguém poderia sequer remotamente imaginar que a guerra desencadearia tantas transformações substanciais e iniciativas importantes. Por esta razão, a reação geral na Eslovênia e em Liubliana (e em outras cidades importantes na Alemanha e na Áustria) quando do início da guerra foi de entusiasmo público, o despertar de fervor patriótico e compromissos de lealdade ao governo austríaco e ao monarca.

Depois do assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, os exacerbados confrontos entre liberais e conservadores se reduziram consideravelmente, como testemunhado explicitamente pelos dois principais jornais eslovenos do dia. Quando a declaração de guerra foi aprovada como uma medida retaliatória necessária, o jornal conservador, *Slovenec*, chegou a adornar suas reportagens com inspirados versos que logo foram intercalados ao uso cotidiano:

Ouvis nossos canhões a saudarem
Oh, sérvios?
Nós vos poremos ao chão como comida
Para as ervas!
Deus enviará nosso possante exército
Aos vossos portões
Para ver o que tanto fermenta
Em Belgrado.
Envolveremos vossos corpos debaixo da relva
Em ordem
E fecharemos por muitos anos
A vossa fronteira
As justas dívidas de um odioso passado
Serão pagas
Nossa vitória então prevalecerá
Inconteste[532].

532 *Slovenski narod* 65, nº 840, 1914, p. 1. Em inglês no original.



Figura 39. Posição austro-húngara na Frente de Isonzo. Joze Dezman, A Criação da Eslovênia. Liubliana: Muzej novejse zgodovine, 2006, p. 12

Os únicos opositores públicos da guerra, que estavam virtualmente isolados, eram os membros do movimento ilegal pró-iugoslavo Preporod (Renascença), a maioria dos sociais democratas e alguns liberais. Eles alegavam que os conservadores, enquanto "choravam lágrimas de crocodilo sobre o assassinato do monarca (sic)", pensavam principalmente em como podiam melhor tirar vantagem da nova situação para desacreditar seus inimigos políticos. A principal crítica dos liberais era que os conservadores, apesar de defenderem a reorganização da Monarquia Habsburgo e igualdade de todos os povos iugoslavos, estavam ainda enviando telegramas a Viena jurando fidelidade à corte imperial.

A oscilação entre Viena e Belgrado se refletia também parcialmente na frente militar. Soldados eslovenos podiam ser encontrados nas fileiras de ambos os lados na guerra e na maioria dos campos de batalha no sudeste da Europa. Os que serviam como recrutas regulares austríacos estavam organizados em seis regimentos austro-húngaros, ao passo que os antes mencionados

partidários da "Renascença", que tinham laços estreitos com a defesa nacional sérvia, colaboraram inicialmente como voluntários no exército sérvio[533]. A maioria dos "renascentistas", inclusive seu líder Avgust Jenko, morreram nas primeiras duas batalhas (em Cer e Kolubara), enquanto outros recuaram através da Albânia para a Grécia em companhia do exército sérvio e um número considerável de civis.

Em 1917, voluntários eslovenos, croatas e outros oficiais iugoslavos juntaram-se a este "êxodo" mediterrâneo. Eles tinham sido feitos prisioneiros na Rússia, foram depois recrutados pelas autoridades sérvias para executar uma penetração conjunta longamente planejada pela Frente Meridional ao longo da fronteira macedônia. No entanto os oficiais eslovenos e croatas só podiam manter seus postos se se tornassem cidadãos sérvios. Não havia exceções mesmo depois de uma intervenção do príncipe real Alexandre e não havia resistência ao juramento. Ao contrário, quase todos sucumbiram aos apelos persuasivos do Comitê Iugoslavo: Dr. Ante Trumbic, Dr. Vosnjak (um membro esloveno do Comitê) e o ministro da Guerra sérvio solicitaram a cidadania sérvia e juraram fidelidade ao Rei Pedro.

533 A defesa nacional sérvia (*Narodna odbrana*) foi estabelecida quando a Bósnia-Herzegovina foi anexada à Áustria em 1908. Sua principal preocupação era unir os representantes de todos os partidos políticos a fim de sobrepujar as diferentes opiniões partidárias em benefício do interesse nacional superior. A defesa nacional também foi pensada como meio de fornecer uma plataforma para a formação e organização de destacamentos voluntários em caso de guerra entre a Áustria-Hungria e a Sérvia. Em 1912, ela foi rapidamente perdendo apoio e afinal se dividiu conforme as diferentes facções na mais pacifista Liga Cultural (*Kulturna liga*) e a militante Unificação ou Morte (*Ujedinjenje ili smrt*).

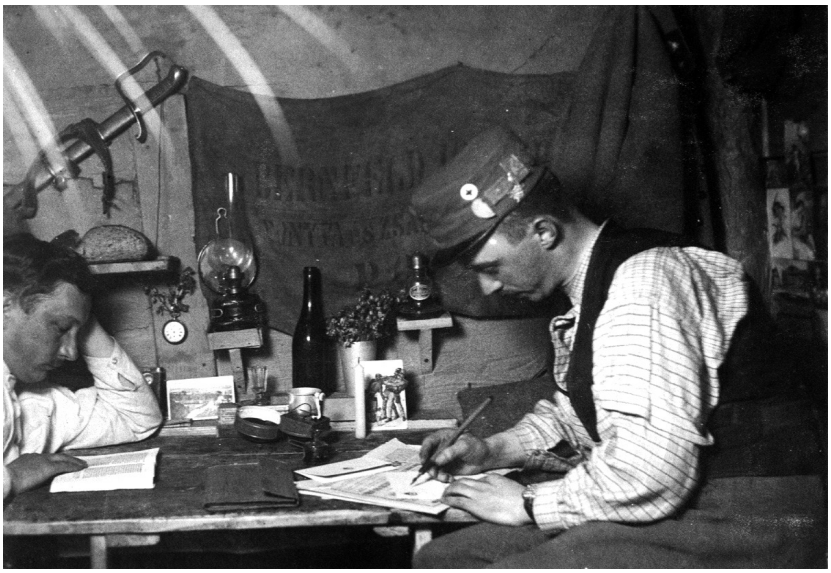

Figura 40. Na caverna, de noite, Frente de Isonzo. Cortesia da coleção de Ciril Prestor

Em Liubliana, o assassinato do herdeiro do trono austríaco em Sarajevo provocou ira e tristeza geral, mas vários políticos importantes tinham ressalvas. Enquanto o líder católico, Ivan Sustersic, acusava fervorosamente a Sérvia, angariando apoio para uma ofensiva contra os "traidores, agitadores e instigadores" domésticos, seus colegas mais antigos de partido, Janez Krek e Anton Korosec, em geral se limitaram a estender condolências e expressar lealdade à corte imperial Habsburgo. Os sociais democratas foram ainda mais reservados; eles não tinham feito qualquer declaração pública até o assassinato e mais tarde mantiveram-se firmes na oposição à declaração de guerra à Sérvia.

Quando a guerra teve início, alguns políticos austro-húngaros pró-iugoslavos fugiram para Suíça, Itália e França. Eles se reuniram com frequência na Grã-Bretanha depois que o Tratado de Londres deu à Itália muito território esloveno e croata. O Comitê Iugoslavo foi fundado em Paris em abril de 1915 e representava eslovenos,

croatas e sérvios que viviam na Áustria-Hungria. O papel do comitê, presidido por Trumbic[534], era informar as forças Aliadas da situação desafortunada dos eslavos do sul na Áustria-Hungria e promover seu desejo de se unificar com a Sérvia em um Estado eslavo do sul. O Comitê inicialmente parecia ser mais um destes estranhos autodesignados comitês que pululavam as capitais europeias perseguindo causas perdidas. Naquele tempo, nenhuma das Grandes Potências contemplava a desintegração da Áustria-Hungria. No entanto, o Comitê Iugoslavo atraiu um pequeno, mas poderoso, corpo de adeptos em Londres, inclusive Robert Seton-Woods, um rico pensador e linguista independente, e Henry Wickham Steed, correspondente do *The Times* em Viena antes da guerra. Ambos viam a Áustria-Hungria com irritação como um "uma anomalia corrupta e incompetente e assumiram por si sós a tarefa de tirá-la da sua miséria"[535].

534 Trumbic, um político croata e membro do Partido dos Direitos Croatas, pertencia à facção dálmata, a menos inclinada a qualquer exclusivismo nacional ou político. Ele se tornaria, portanto, mais tarde uma daquelas raras personalidades aptas a construir um consenso entre sérvios e croatas no Comitê Iugoslavo; em parte isto se devia também a ele já ter tratado de suas disputas na Dalmácia, onde os sérvios se opunham fortemente à ideia de unificar a Banovina da Croácia e a Dalmácia. Além disso, ele era um dos poucos adeptos da ideia iugoslava que não caiu nas armadilhas da política austríaca e sérvia. E ainda que estivesse consciente de que a "Sérvia buscava atingir seus interesses estreitos e egoístas", ele ainda reconhecia na Áustria e no "germanismo" a maior das ameaças à Croácia, de modo que ele e o líder de seu partido, Frano Supilo, defendiam a união de todos os eslavos do sul na Monarquia Habsburgo. Não surpreendente assim que como ministro no recém-formado Estado ele ficou frustrado pela elaboração de uma nova constituição e mesmo exasperado pela subsequente política "não construtiva" de Stjepan Radic. Conforme os historiadores croatas, ele ficou também amargurado com o "regime absolutista do rei adotado em 6 de janeiro de 1929", presumivelmente o tema de sua afirmação de que "na Sérvia turca havia apenas os turcos e os vencidos (*underdogs* no original), ao passo que os croatas estavam destinados a se tornarem os vencidos da Iugoslávia". Apesar da sua decepção, ele recusou-se mesmo no leito de morte a converter-se ao separatismo, como alguns tinham insinuado, mas como um político realista e sagaz simplesmente chegou à conclusão de que "a persistência na Croácia dentro do Estado iugoslavo traria consequências trágicas para a nação croata". Todas as citações são de Ljubo Boban, "Ante Trumbic – Zivot i djelo". In: Ljubo Boban & Ivan Jelic, *Zivot i djelo Ante Trumbica*. Zagreb: Croatian Academy of Sciences and Arts, 1991, p. 9-12.

535 Margaret Macmillan, Paris 1919. *Six Months that Changed the World*. Nova York: Random House, 2002, p. 114.

Quando o governo sérvio soube que a Grã-Bretanha, França e Rússia haviam assinado o Tratado de Londres (secreto) com a Itália para persuadi-la a unir-se à sua aliança, o primeiro-ministro, Nikola Pasic, instou o Comitê Iugoslavo a fazer tudo que pudesse para anular aquele instrumento. Ele acreditava que o tratado tornaria excepcionalmente difícil, senão impossível, formar um Estado iugoslavo. Mas ele também estava convencido de que uma paz duradoura nos Balcãs poderia ser atingida mais eficientemente com a criação de um Estado nacional, suficientemente grande do ponto de vista geográfico, etnicamente compacto, politicamente forte, economicamente independente e em harmonia com a cultura e o progresso europeus. Esta era alegadamente sua posição desde dezembro de 1914, quando seu governo emitiu a primeira declaração pública sobre os objetivos de guerra da Sérvia. Ela tornou-se conhecida como Declaração de Nis (conforme o nome da cidade sérvia onde o seu governo se reunira depois da queda de Belgrado). A declaração foi mais tarde aprovada pelo parlamento sérvio e afirmava que o principal objetivo da Sérvia após a vitória era a libertação e a unificação de todos os sérvios, croatas e eslovenos. Assim, a Declaração de Corfu – assinada em 20 de julho de 1917, entre Pasic em nome da Sérvia e Trumbic representando o Comitê Iugoslavo – pode ser vista como o próximo passo no estabelecimento de um estado comum. Contudo, também é possível que Pasic tenha assinado a declaração porque acreditava não ter outra escolha. Como as Grandes Potências ainda não estavam dispostas a considerar o futuro Estado como um dos objetivos de guerra da Sérvia, a declaração era em parte destinada a pressioná-los a aceitar as consequências da dissolução da Monarquia Habsburgo. Por outro lado, ela também foi vista como uma resposta à Declaração de Maio dos deputados eslavos do sul no parlamento austríaco[536].

536 Ver: Alex N. Dragnich, *Serbs and Croats. The Struggle in Yugoslavia*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1992, p. 26.

O primeiro ponto da Declaração de Corfu afirmava que o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (seu nome oficial) seria uma "monarquia constitucional, democrática e parlamentar chefiada pela Casa de Karadjordjevic". Esta era uma proposta generosa do ponto de vista da Sérvia, pois a "Sérvia não exigia nenhuma condição privilegiada ou poder de veto no novo Estado, como tinha feito a Prússia, por exemplo, quando era a força motriz da unificação da Alemanha. Além disso, a Sérvia estava disposta a abrir mão de sua constituição democrática, convencida de que a Assembleia Constituinte produziria uma constituição que seria aceitável para todos"[537]. A parte final desta interpretação é especialmente importante, pois os membros croatas e eslovenos do comitê queriam que a futura constituição fosse ratificada pela maioria de cada grupo nacional ou pela maioria de 2/3 da Assembleia Constituinte. Na opinião deles, tal requisito existia em todas as democracias. O ponto de vista dos sérvios era bastante distinto. Eles sustentavam que esta questão podia ser respondida de várias formas e todos os partidos concordaram com a expressão "uma maioria numericamente qualificada". Portanto, um pouco mais de 50% da Assembleia Constituinte concluiu na sua reunião de 1921 que uma maioria absoluta de seus delegados suficiente para atender às exigências estipuladas em Corfu.

Pasic, o seu gabinete e a maioria do Comitê Iugoslavo concordaram que o futuro Estado deveria ser unitário com certos direitos de autonomia local. Depois da Declaração de Nis, Trumbic prestou grande homenagem à Sérvia, afirmando que "ela tinha feito os maiores sacrifícios para a união e com isso ela começa o maior de seus feitos e atinge o direito absoluto de ser chamada de Piemonte iugoslavo"[538]. Uma união com a Sérvia, quaisquer que fossem suas desvantagens, parecia menos inquietante do que a independência

537 Alex N. Dragnich, *Serbs and Croats*, p. 26.

538 Ibid., p. 28.

porque, na melhor hipótese, seria um país formado por remendos juntados da Eslovênia, Croácia e Bósnia e, no pior cenário, dois ou três estados pequenos e fracos. Imprudentemente, ambos os lados adiaram a discussão sobre a constituição e assim a questão de uma federação ou um Estado unitário nunca foi resolvida. Muito pelo contrário, os sérvios deixaram bem claro como eles viam o processo de união entre povos distintos. Como um funcionário do governo disse a Trumbic, por exemplo, "não haveria nenhuma dificuldade em lidar com os muçulmanos bósnios. O exército sérvio lhes daria vinte e quatro horas – ou talvez até quarenta e oito horas – para retornar à fé ortodoxa. 'Os que se recusarem serão mortos, como fizemos em nosso tempo na Sérvia'"[539].

No mês seguinte após a Declaração de Corfu, Pasic se distanciou da ideia de qualquer união verdadeira. Ele tinha trabalhado por trás da cena para se assegurar de que os Aliados não reconhecessem Trumbic e o Comitê Iugoslavo como a voz dos eslavos do sul da Áustria-Hungria. Em uma reunião em Londres com Wickham Steed, ele afirmou que a Declaração de Corfu tinha sido feita somente com propósitos propagandísticos e que a Sérvia devia controlar qualquer novo Estado. Os croatas e eslovenos que não gostassem estavam totalmente livres para ir para outro lugar...[540]

Enquanto isto, na "frente política nacional" novas divisões estavam surgindo entre os partidos eslovenos. As causas principais eram a declaração de guerra da Itália contra a Áustria-Hungria e a ocupação pelos italianos de terras ao longo da fronteira nacional eslovena. Esta última ação deixou perplexos os líderes do Partido Popular Pan-esloveno na medida em que eles estavam dispostos a reconsiderar seus planos croata-eslovenos, anteriores à guerra,

539 Margaret Macmillan, Paris 1919, p. 115.

540 Alex N. Dragnich, "The Serbian Government, the Army and Unification of Yugoslavs". In: *The Creation of Yugoslavia, 1914-1918*, ed. Dimitrije Dordevic. Santa Barbara & Oxford: Clio Books, 1980, p. 43-44.

que favoreciam uma reorganização tripartite da Monarquia Dual e aceitar o alemão como língua oficial e concordar com as ideias centralistas propostas pelas autoridades militares austríacas. Em troca, eles desejavam pelo menos negociar o reconhecimento da cultura eslovena e a autonomia educacional. Alguns atribuem esta mudança à expansão da ideia de Friedrich Naumann sobre uma nova ordem para a Europa Central (Mitteleuropa) liderada por uma federação Habsburgo-Alemã. Não obstante, há amplo acordo de que na primeira metade da guerra as ideias sobre a Iugoslávia eram representativas apenas de um número insignificante de políticos eslovenos emigrados para a Europa Ocidental. As condições mudaram depois do assassinato do primeiro-ministro austríaco, Karl von Stürgkh, a morte de Francisco José em 1916 e a acessão ao trono do imperador Carlos da Áustria, que decidiu reconvocar o parlamento durante um período de pobreza, angústia e fadiga da guerra.

Não constitui assim surpresa que um acordo sobre um clube parlamentar comum iugoslavo de representantes eslavos do sul da parte austríaca da monarquia fosse alcançado apenas dois ou três dias depois que o parlamento retomou suas sessões. E ainda então alguns representantes tinham consideráveis reservas sobre a questão iugoslava. Apesar de que representantes eslovenos e croatas da metade ocidental da monarquia e da Dalmácia se achassem no mesmo clube do que os seus colegas sérvios pela primeira vez, a grande maioria dos deputados unidos não podiam simplesmente crer que sua declaração conjunta fosse despertar uma ampla reação. Apesar de tudo, logo depois da anexação da Bósnia-Herzegovina, em 1908, eles tinham feito um apelo semelhante às exigências da Dieta Provincial Carniolana, que também buscava unificar os territórios habitados por eslovenos, croatas e sérvios dentro da Monarquia Habsburgo. A Declaração de Maio era uma exigência inequívoca por um novo Estado "livre de domínio

estrangeiro e construído com base nos princípios democráticos". O que foi realmente sem precedentes foi a acolhida da declaração.

Na primavera de 1918, a declaração tinha sido assinada por mais de 200 mil pessoas e apoiada pela grande maioria dos partidos, inclusive os sociais democratas. Daí em diante os acontecimentos se desdobraram em um ritmo vertiginoso. Primeiro, o governo – interpretando a trégua com os bolcheviques russos em Brest-Litovsk como uma vitória importante – reprimiu o movimento em favor da Declaração de Maio. Ela assegurava à população germanófona da monarquia acesso ao mar Adriático, uma fonte válida para preocupar-se sobre a permanência ou não das províncias eslovenas na parte alemã do Estado caso a monarquia fosse reorganizada. O resultado foi um sério declínio do patriotismo Austro-Habsburgo entre os eslovenos, que viam a Declaração de Maio como sinônimo de um Estado nacional que finalmente concretizaria suas aspirações de "autodeterminação" e independência nacional. Diversamente, pesquisas recentes indicam que a maioria dos signatários da Declaração de Maio continuava a expressar sua lealdade incondicional ao novo imperador austríaco, Carlos, até a metade de 1918[541]. Provas documentais confirmam esta avaliação, com menos atividades antiaustríacas detectadas entre os eslovenos do que entre os checos[542]. Pasic sem dúvida percebeu esta divisão. Em meados de outubro de 1918, ele disse ao *The London Times*, *The Morning Post e The Manchester Guardian*: "o povo sérvio não pode desejar assumir uma posição dominante no futuro Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos". Na mesma ocasião, ele afirmou que a Sérvia considerava um dever nacional "liberar todos os sérvios, croatas e eslovenos [...] E quando eles se tornarem

541 Ver: Vlasta Stavbar, "Izjave v podporo Majniske deklaracije". *Zgodovinski casopis*, nº 3, 1992, p. 357-381; nº 4, 1992, p. 497-507; *Zgodovinski casopis*, nº 1, 1993, p. 99-106.

542 Walter Lukan, "Slovenci in nastanek jugoslovanske drzavne skupnosti". *Glasnik Slovenske matice*, nº 1, 1989, p. 40-44.

livres", disse, "eles terão garantido o direito à autodeterminação, isto é, o direito de declarar livremente se desejam unir-se à Sérvia com base na Declaração de Maio ou criar pequenos estados como no passado distante". Ele concluía que o governo sérvio de forma alguma "invocaria a Declaração de Corfu se ela fosse contra seus desejos"[543].

Fatídico para os desdobramentos após o golpe de Estado de 1918 foi o fato de que os líderes do movimento de Maio não tinham um plano específico antes da queda da monarquia sobre como o desejado Estado iugoslavo deveria ser organizado. Na verdade, eles tinham adiado as discussões até o outono de 1918. Os jornais só exploraram a fundo a controvérsia em outubro, quando um conservador, Fran Suklje, apresentou suas considerações à nação eslovena a mando de Korosec. Ainda que Suklje tenha afirmado que os eslovenos formavam uma nação com os croatas e os sérvios, sua concepção de um Estado de eslovenos, croatas e sérvios, composta pelas unidades eslavas do sul integradas no Império Austro-Húngaro, era de uma república federativa com fronteiras baseadas nos princípios históricos, nacionais, linguísticos e étnicos. Segundo este plano, a Ístria seria anexada à Eslovênia, a Bósnia à Croácia e a Herzegovina à Dalmácia. Cada unidade seria subdividida internamente e contaria com ampla autonomia.

Os liberais desacreditaram Sklje antes mesmo que ele pudesse explicar completamente suas ideias e rechaçaram sua tentativa de traçar uma noção intermediária entre autonomia e centralismo (sem dúvida o centro do seu plano) como não suficientemente iugoslavo. "Se imaginamos um Estado iugoslavo, não podemos imaginá-lo a partir do desenvolvimento de grupos separados eslovenos, croatas e sérvios... Nosso futuro Estado deve ser construído a partir de uma pedra e somente de uma pedra",

543 Alex N. Dragnich, *Serbs and Croats*, p. 29-30.

mantinha um liberal, Ivan Tavcar[544]. Tal visão "unitária" não era de nenhum modo incomum em 1918 (e, em certo grau, mesmo mais tarde). Antes, era compartilhada por boa parte da *intelligentsia* eslovena que se virava para o ocidente, em especial para a França, firmes na sua convicção de que a unificação de sérvios, croatas e eslovenos daria origem não só a um novo país eslavo, mas também a uma nova "nação iugoslava"[545].

A formação do novo Estado

Durante estes debates todos os três partidos eslovenos em Liubliana fundaram o Conselho Nacional Esloveno em agosto de 1918 de comum acordo: conselhos nacionais provinciais e locais foram imediatamente formados em todas as províncias eslovenas. No começo de outubro, o Conselho Nacional dos eslovenos, croatas e sérvios foi criado em Zagreb. O Comitê Iugoslavo imediatamente acolheu esta medida, mas também a lamentou, porque o Conselho estava a substituir o Comitê como a voz dos eslavos do sul dentro da Monarquia Habsburgo em processo de desagregação. Apesar disso, Trumbic e seus colegas buscaram o reconhecimento internacional do Conselho, tentando aproveitar o momento propício para tentar extrair concessões de Pasic. A Áustria-Hungria estava literalmente caindo aos pedaços, apesar do imperador Carlos ter concedido o direito de autodeterminação a todas as nações na monarquia em 27 de outubro de 1918. Mas o tempo tinha se esgotado. As palavras de Anton Korosec ao imperador em seu último encontro ("Ihre Majestät, es ist zu spät")[546] estavam se tornando verdade. No próprio dia seguinte, Praga anunciou a fundação da República da Checoslováquia,

544 *Slovenski narod*, 17 de outubro de 1918.

545 Anton Loboda (Anton Melik), "Narod, ki nastaja", *Ljubljanska zvon*. Liubliana, 1918, p. 476-484; ibid., "Nacionalna drzava proti historicni", p. 788-797.

546 "Majestade, é tarde demais" (nota do tradutor da versão em inglês).

liderada por um governo provisório formado em Paris apenas duas semanas antes.

O Estado dos Eslovenos, Croatas e Sérvios foi constituído em 29 de outubro. Anton Korosec e dois vice-presidentes (o croata Ante Pavelic e o sérvio Svetozar Pribicevic) formalmente presidiram o mais alto órgão representativo do Estado, que estava destinado a existir por apenas um mês. A administração do território esloveno, o Governo Nacional em Liubliana, foi nomeada pelo Conselho Nacional dos Eslovenos, Croatas e Sérvios. Gozava de autonomia absoluta sobre questões políticas na maior parte da Eslovênia até que o primeiro governo comum iugoslavo em Belgrado fosse estabelecido. Contudo, sua jurisdição não se estendia ao território sujeito ao Tratado de Londres. Estes territórios tinham sido tomados pelo exército italiano depois que ele rompeu a linha de fronteira no rio Piave e permaneceu separada do resto do território esloveno até 1945.

A questão das fronteiras pós-guerra era crucial para a conformação de um estado comum. Os italianos exerciam pressão a partir do oeste e, em algumas áreas, chegaram a violar a fronteira do Tratado de Londres, enquanto a fronteira norte ainda estava por ser fixada. A população de língua alemã resistiu a incorporação ao novo Estado no sul da Caríntia (que os eslovenos consideravam sua) e certas áreas da Baixa Estíria, e às vezes recorriam às armas. Em novembro, a situação só havia se acalmado um pouco na Estíria, onde o controle militar foi introduzido sob o antigo major austro-húngaro Rudolf Maister depois de alguns dias de hesitação do Governo Nacional da Eslovênia. Não é de admirar que os eslovenos estivessem tão comprometidos com a fundação imediata de um novo Estado. Ajudados pelos sérvios, cujo papel intimidador durante a guerra lhes tinha angariado respeito nesta parte da Europa Central, eles negociariam o mais abrangente ajuste fronteiriço.

O que aconteceu, no entanto, foi que a maioria destas expectativas não se realizou. Uma fronteira relativamente favorável foi negociada somente ao leste do território esloveno, onde o exército iugoslavo ocupara boa parte da chamada Windische Mark (atual Prekmurje). A oeste, o resultado se comprovou muito diferente. A Itália tinha recebido promessas de terras austro-húngaras (a Ístria eslovena, o interior de Trieste, toda a região de Gorizia, a Ístria croata e as ilhas no golfo de Kvarner) por parte dos britânicos e franceses e agora ocupavam quase um terço do território esloveno. Como a Conferência de Paz de Paris tinha deixado esta questão para ser resolvida por um acordo bilateral no Tratado de Rapallo (novembro de 1920), a Itália e a Iugoslávia, para não falar dos eslovenos, permaneciam insatisfeitos. Cerca de 340 mil eslovenos e 160 mil croatas assim permaneciam no lado italiano da fronteira, enquanto a Itália não recebeu a Dalmácia como fora prometido. A perda de toda a parte oeste do que viria mais tarde ser a Eslovênia era catastrófica para os eslovenos, que tinham também perdido permanentemente a Caríntia.

Em outubro de 1920, mais de metade (59%) da Caríntia do Sul (a chamada Zona A) votou a favor de viver na Áustria. Isto incluía um número considerável de eslovenos, representando 80% da população. Tal guinada nos acontecimentos pode parcialmente ser explicada pelas escaramuças entre eslovenos e alemães da Caríntia depois que o Estado dos eslovenos, croatas e sérvios tinha sido proclamado e parcialmente pela má organização do exército iugoslavo, que só conseguiu conquistar uma parcela importante da bacia de Klagenfurt em maio de 1919. Mas foi principalmente o resultado da propaganda antissérvia, que se aproveitava muito da miséria da população local sob ocupação temporária; por exemplo, durante os períodos de escassez geral, a Caríntia tinha sido abandonada pela administração iugoslava. Contudo, alguma responsabilidade pelo resultado pode também ser atribuída aos

políticos eslovenos de Liubliana, que tinham ficado muito seguros de um resultado favorável e não se engajaram seriamente em defender suas posições. Especialmente, eles não tinham tido o cuidado de aconselhar os fazendeiros carintianos sobre onde e como eles deviam vender seus produtos no futuro Estado, pois eles eram dependentes economicamente do centro regional, Klagenfurt, que o plebiscito não tinha incluído na Zona A. Depois de 10 de outubro de 1920, as explicações e a frustrações eram inúteis: a Caríntia havia se tornado parte da Áustria.

Nenhum político poderia ter previsto tal drástica sucessão de acontecimentos no fim do outono de 1918, com exceção dos sociais democratas, que viam a questão das fronteiras do Estado principalmente como um obstáculo irritante para o desenvolvimento do movimento internacional dos trabalhadores. Sem ter em conta estes acontecimentos, seria simplesmente impossível compreender a pressa com a qual os políticos buscaram consumar a unificação com os poderosos sérvios, ou explicar a forma leviana pela qual suas antigas aspirações de união igualitária com a Sérvia e Montenegro foram abandonadas. Em novembro de 1918, Korosec, Trumbic e Pasic assinaram um novo acordo em Genebra (conhecido como a Declaração de Genebra), que confirmava a unificação de três estados separados em "uma nação iugoslava". Mas, como se soube depois, Pasic assinou a declaração com os dedos cruzados e sob pressão dos franceses, que ameaçavam terminar com o processo de unificação. Alguns dias depois, este astuto político renunciou taticamente ao cargo de primeiro-ministro para tornar a sua assinatura (i.e., aquela do governo sérvio) inválida. Este recurso matreiro transformou-se em uma anexação dos novos territórios por uma Sérvia triunfante mais do que a unificação voluntária de três estados iguais. Além disso, a Declaração de Genebra, que tinha deixado a organização do Estado para a Assembleia Constituinte, também se defrontou com

a feroz oposição do Príncipe Regente, Alexandre Karadjordjevic, que teria tido que renunciar a sua coroa se a assembleia optasse por uma república. Quando a unificação tornou-se anexação, os radicais sérvios, ajudados por Svetozar Pribicevic e sua coalizão sérvio-croata, delinearam com sucesso um novo Estado conforme as condições sérvias. Outros fatores que contribuíram para isso foram os temores croatas de mais um avanço italiano em direção ao leste e, acima de tudo, a maestria política de Pasic.

Antes que a delegação de 28 membros do Conselho Nacional de eslovenos, croatas e sérvios chegasse a Belgrado, os representantes do Partido Radical Sérvio tinham criado condições para que a Sérvia anexasse diretamente a Vojvodina na Assembleia Nacional em Novi Sad; embora alguns deputados pedissem a anexação desde Zagreb. Um desdobramento semelhante ocorreu em Montenegro, onde os "zelenasi" (verdes) pediam a unificação com base na igualdade e preservação da autonomia política[547]. A recém-eleita Grande Assembleia do Povo Sérvio em Montenegro assegurou a vitória para os "beljasi" (brancos)[548]. Montenegro foi em seguida anexado pela Sérvia em 26 de novembro de 1918 e a antiga dinastia montenegrina Petrovic foi forçada a abdicar. Assim, Pasic e o príncipe Alexandre haviam fortalecido consideravelmente suas posições negociadoras no momento em que aguardavam a delegação do Conselho Nacional dos Eslovenos, Croatas e Sérvios. Eles também sabiam havia bastante tempo que a delegação de Liubliana e Zagreb tentaria, pela última vez, impor várias condições na natureza e organização do novo Estado. Estas estipulavam que a Assembleia Constituinte decidiria se o Estado deveria ser uma república ou uma monarquia; que a

547 O nome vem dos cartões de votação usados pelos adeptos do Reino de Montenegro na assembleia em Podgorica (nota do tradutor do texto em inglês).

548 Como no caso anterior, o nome faz referência às cartas de votação brancas usadas pelos adeptos da unificação com a Sérvia na assembleia de Podgorica (nota do tradutor do texto em inglês).

futura constituição deveria ser adotada por uma maioria de dois terços; e que só certas funções específicas de governo deveriam ser atribuídas ao governo central, enquanto o resto deveria ser exercido pelas unidades governamentais locais. Contando com todos os trunfos, Pasic e o príncipe regente transformaram a negociação em um protocolo diplomático, que obrigou o Conselho Nacional a abrir mão da maioria de suas exigências. A situação foi descrita de convincentemente por Joze Pirjevec:

> *[...] o povo em Belgrado estava alegre e orgulhoso com o último triunfo, e se mostrava indisposta em relação a quaisquer exigências. Os sérvios tinham seu próprio exército e sabiam que quando a conferência de paz fosse convocada, eles estariam sentados nos lugares de honra entre os vencedores. Quanto aos eslovenos e croatas, eles nada podiam fazer além de acelerar a velocidade para se retirar dos escombros da monarquia, pela qual eles tinham lutado até um dia antes. Depois de uma discussão de três dias, os representantes do Conselho Nacional foram obrigados a concordar com uma unificação que não estava conforme com o espírito das instruções que lhes haviam sido dadas. "Nossa realidade austro--húngara", Krleza escreveu mais tarde, "rodou como que embriagada sob o trono dos Karadjordjevic como uma garrafa de cerveja vazia"*[549].

O príncipe regente e Pasic fizeram tudo o que estava em seu poder para reduzir a questão crucial a um mero protocolo. O representante do Conselho Nacional leu uma declaração solene durante uma audiência com o príncipe regente (1º de dezembro de 1918) relativa à decisão do Conselho de que o Estado dos Eslovenos,

549 Joze Pirjevec, *Jugoslavija 1918-1992. Nastanek, razvoj ter razpad Karadordeviceve in Titove Jugoslavije*. Koper: Lipa, 1995, p. 11-12.

Croatas e Sérvios devia unir-se ao Reino da Sérvia sob a chefia de Pedro I Karadjordjevic. Até que a Assembleia Constituinte fosse convocada, um acordo seria alcançado para estabelecer um gabinete responsável e um parlamento provisório. Por um período de transição cada unidade governamental manteria suas autoridades existentes, embora sob controle do gabinete e da Assembleia Constituinte, que deveria ser eleita com base no sufrágio universal, igual e proporcional. O príncipe Alexandre aceitou esta declaração e proclamou a criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. A presidência do Conselho Nacional, no entanto, enviou o seguinte relatório de Belgrado:

> *Em cumprimento com a decisão do atual Comitê do Conselho Nacional de 24 de novembro de 1918, uma delegação especial do Conselho Nacional dirigiu ao Principe Real Alexandre um memorando solene em 1º de dezembro às 8:00 pm proclamando a unificação de toda a nação dos eslovenos, croatas e sérvios em um Estado unitário iugoslavo sob a chefia do Rei Pedro e do Príncipe Real Alexandre como Regente. O novo Estado deve logo organizar um órgão nacional representativo para todos os ramos da administração pública e constituir um órgão nacional representativo para funcionar como conselho legislativo temporário até a convocação da Assembleia Constituinte. Durante este período e até que os ramos individuais serjam transferidos para a jurisdição conjunta, todos os atuais governos provinciais permanecerão em funcionamento. O Príncipe Real assumiu a regência em seu discurso do trono e indicara o governo conjunto. A função do Conselho Nacional como mais alta autoridade soberana os Estado dos eslovenos,*

croatas e sérvios no território da extinta Áustria-Hungria chegou ao fim por efeito deste Ato[550].

Um Estado foi, portanto, fundado por três nações que falavam duas línguas e escreviam em dois alfabetos. Ele incluía 750 mil bósnios de origem eslava e religião muçulmana, 600 mil macedônios, 500 mil alemães, mais ou menos números equivalentes de húngaros e albaneses, 200 mil romenos, 150 mil turcos, 115 mil checos e eslovacos e alguns milhares de ucranianos, poloneses, italianos, judeus e ciganos. Sua composição religiosa era igualmente diversificada. Ao lado dos 5 milhões de cristãos ortodoxos, a Iugoslávia era povoada por um número equivalente de católicos, 1,3 milhões de muçulmanos, 400 mil uniatas[551], 230 mil protestantes e 36 mil judeus. Os grupos étnicos também eram consideravelmente misturados em certos lugares. À parte esta diversidade nacional e religiosa, o Estado também se caracterizava por vastas discrepâncias em termos de desenvolvimento. Por exemplo, o analfabetismo variava de 8,8% no norte da Eslovênia a 83,8% no sul da Sérvia, conforme o recenseamento de 1921.

Os problemas estruturais com que se defrontava a nova administração eram causados não só por estas diferenças, mas também pela incomensurável devastação causada pela guerra. A Sérvia e Montenegro, que tinha perdido mais de meio milhão de sua população entre 1914 e 1918, ainda tinha que reconstruir suas cidades sobre os escombros deixados pelas tropas dos Habsburgos, que, depois de 1915, tomaram os dois reinos conquistados como despojos de guerra. Cidades e aldeias foram pilhadas de gado, ferramentas e qualquer item de propriedade capaz de ser transportada e grande quantidade de civis foram mortos[552].

550 Alex N. Dragnich, *Serbs and Croats*, p. 176.

551 NT: ramo da igreja ortodoxa que se reuniu à Igreja Católica mantendo ritos bizantinos – o termo é hoje considerado pejorativo.

552 Ver: John Reed, *War in Eastern Europe. Travels through the Balkans in 1915*. Londres: Phoenix, 1995.

O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos

Contra este pano de fundo, o primeiro governo iugoslavo comum, constituído em 20 de dezembro, decidiu executar políticas uniformes em todo o país independentemente dos diferentes arranjos legais que tinham existido em áreas individuais. Mesmo antes de a constituição ter sido adotada, o governo promoveu regulamentos centralizados, apoiado pelos dois mais poderosos partidos políticos (o Partido Popular Radical e o Partido Democrático Iugoslavo). De uma perspectiva eslovena, os círculos governantes desta forma simplesmente "absorveram" todas as outras províncias iugoslavas em um Estado sérvio expandido e asseguraram uma influência predominante[553]. Depois que um governo comum foi formado em Belgrado, o Governo Nacional da Eslovênia renunciou em Liubliana e foi substituído por um governo provincial com menos poderes. As autoridades centrais tinham assim violado o Decreto sobre a Administração Transitória, que normalmente teria preservado seu poder para tomar decisões autônomas até que estipulado diferentemente pela Assembleia Constituinte.

Esta substituição do Governo Nacional foi também uma das razões para o rápido e completo colapso da unidade nacional na Eslovênia, o que acentuou significantemente o clima sectário que existira durante o declínio da Monarquia Habsburgo. De acordo com o historiador esloveno Peter Vodopivec, novas divisões e rixas entre partidos políticos tornavam cada vez mais claro que os eslovenos careciam de qualquer estratégia comum para seu futuro no novo Estado. Discussões sobre autonomia ou centralismo, unidade iugoslava ou observância estrita das distintas características nacionais, não refletiam apenas opiniões diferentes sobre a questão nacional, o Estado iugoslavo e o futuro esloveno. Antes de tudo, elas eram o resultado de uma distribuição

553 Ervin Dolenc & Ales Gabric, *Zgodovina 4. Ucbenik za cetrti letnik gimnazije*. Liubliana: DZS, 2002, p. 77.

desigual dos poderes e das oportunidades políticas para que os partidos pudessem afirmar sua autoridade e influência. Sob tais circunstâncias, os eslovenos não somente se tornaram "peões de Belgrado", eles eram cativos de seus próprios partidos – como Bogo Grafenauer, o mais destacado historiador esloveno do século XX, afirmou antes da Segunda Guerra Mundial[554].

No entanto, as divisões internas eslovenas não tiveram grande influência no novo Estado, de acordo com o resultado das primeiras eleições realizadas menos de dois anos depois da criação do novo Estado. O Partido Democrático Iugoslavo (JDS) recebeu 20% dos votos, seguido pelo Partido Radical Nacional (NRS) com 18%, o Partido Comunista da Iugoslávia (KPJ) com 14%, o Partido Camponês Croata (HSS) com 12%, a Organização Muçulmana Iugoslava (JMO) com 7% e o Partido Popular Esloveno (SLS) com 3,7%, entre outros. De um total de 40 grupos políticos, 17 entraram para o parlamento. Estes resultados devem ser vistos em relação com cada respectivo eleitorado (nacional). Porém só os resultados absolutos contavam para a política do Estado, o que não dava vantagem aos partidos eslovenos.

Apesar das especulações iniciais sobre se os eslovenos constituíam uma nação ou apenas uma tribo dentro da nação iugoslava unificada, a maioria dos eslovenos ficou decepcionado por estes desdobramentos. Mas ainda mais desapontadora foi a chamada Constituição de Vidovdan[555], que provocou desaprovação geral ainda antes mesmo de sua adoção em dezembro de 1921. Embora este documento contivesse inegáveis avanços liberais (v.g., a separação da Igreja e do Estado; e a atribuição de autonomia

554 Bogo Grafenauer, *Slovensko narodno vprasanje in slovenski zgodovinski polozaj*. Liubliana: Slovenska matica, 1987, p. 160. Citado aqui a partir de Peter Vodopivec, "Pogled zgodovinarja". In: *Slovenci v XX. sotletju*, ed. Drago Jancar & Peter Vodopivec. Liubliana: Slovenska matica, 2001.

555 O nome provém do feriado religioso do dia de St. Vitus (Vidovdan), observado pelos cristãos ortodoxos em 28 de junho. Na Sérvia esta é também uma data de grande importância histórica (nota do tradutor do texto inglês).

ao poder judiciário), seguindo os princípios da Constituição de Weimar, ela não obstante restringia a autonomia das províncias individuais. Além disso, dividia o Estado em 33 unidades administrativas regionais (a parte eslovena agora consistia das unidades de Liubliana e Maribor) e criava maiorias sérvias em áreas etnicamente mistas da Croácia e da Bósnia. A população não sérvia da metade ocidental do Estado também se mostrou preocupada com os poderes excessivamente amplos do monarca e o estabelecimento de uma nação iugoslava. Além disso, o público político anticentralista ficou preocupado pela decisão de exigir apenas uma maioria simples (acima de 50%) para a adoção da constituição em vez da maioria qualificada de 2/3 conforme a Declaração de Corfu, que tinha se refletido nas opiniões anteriores dos representantes do Conselho Nacional do SHS.

Esta mudança provocou gritantes protestos entre os eslovenos e os croatas que desde o início temiam ser simplesmente derrotados nas votações sobre decisões cruciais da Assembleia Constituinte. Os representantes do SLS, o quarto maior partido do Estado, sequer se aventurou a ir até Belgrado, pois a nova constituição também estipulava um juramento obrigatório de fidelidade ao rei. A votação transcorreu conforme as instruções dos radicais e democratas e, em vista das correlações de poder no parlamento, foi meramente uma questão de protocolo. Ao final, os representantes do SLS protestaram também e deixaram o plenário antes que a votação ocorresse. O terceiro maior partido, o Partido Comunista, também não participou da votação, porque uma ordem especial do governo os tinha proscrito. No fim, apenas 258 dos 419 representantes participaram, tendo 223 (53%) votado a favor da constituição.

Estes desdobramentos tornaram os eslovenos cada vez mais cônscios do que significava ser uma das três "tribos" diferentes da mesma nação (iugoslava) e que a vida em um Estado culturalmente

expressivo e politicamente específico seria um desafio, segundo qualquer parâmetro. Eles gradualmente se deram conta de que agora viviam em um país criado a partir de unidades cultural e economicamente diversas e em províncias com regimes jurídicos inteiramente diferentes. Por exemplo, a Eslovênia, a Dalmácia e, até certo ponto, a Bósnia estavam habituadas com as leis austríacas; a Eslavônia e a Vojvodina tinham antes vivido sob as leis húngaras; o Kossovo, Sandzak e a Macedônia tinham permanecido sob o marco da Turquia muçulmana até 1912. Esta realidade, uma vez tornada consciente, transformou em descontentamento o que eram inicialmente altas aspirações. Além disso, a recuperação da parte meridional do país logo se mostrou muito vagarosa, as consequências da guerra eram ainda fortemente sentidas e os esforços para estabelecer um sistema administrativo funcional e eficiente estavam penosamente se arrastando a uma paralização, enquanto os especuladores prosperavam no meio da miséria humana.

O Partido Radical Sérvio logo encontrou sua orientação política sob a firme liderança do velho Nikola Pasic, que permaneceu à frente de seu partido e na vanguarda da política sérvia por mais de três décadas. Ele era um político evasivo, que tinha logrado praticamente tudo o que desejava. Sob sua direção, o Estado foi unificado, o parlamento adotou o "seu" conceito constitucional, e com o apoio do rei, ele controlou os primeiros sete anos da política iugoslava. Lloyd George se referiria mais tarde a Pasic em suas memórias da conferência de paz como um dos "dos mais astutos e obstinados estadistas da Europa do Sudeste. [...] A criação do Reino da Iugoslávia foi em grande parte sua obra. [...] Ele garantiu que este extenso domínio fosse um fato consumado antes que a conferência de paz tivesse mesmo começado[...]"[556].

556 Alex N. Dragnich, *Serbs and Croats*, p. 34-35.

Sem dúvida, junto com Svetozar Pribicevic (o primeiro-ministro do Interior e um membro sérvio da coalizão sérvio-croata na antiga dieta de Zagreb), Pasic ditava o tom e o estilo do governo no dia a dia da administração e das questões políticas durante o primeiro ano do reino. Embora Stojan Protic fosse primeiro-ministro, o primeiro da Iugoslávia, Pasic e Pribicevic emitiam ordens administrativas e nomeavam e demitiam funcionários locais. Eles introduziram um estilo específico de decisão política e foram grandemente responsáveis por suas consequências, que deixariam sua marca na Iugoslávia até o início da Segunda Guerra Mundial. Quando Pasic morreu, em 1926, pouco tinha mudado. Enquanto os sérvios se esforçavam para fazer avançar sua agenda centralista em todas as frentes, os eslovenos, limitados em sua influência, recorriam a uma política de compromisso. Os croatas, como a segunda mais poderosa nação na Iugoslávia, logo se deram conta de que o novo Estado os privava até mesmo da independência limitada que eles tinham durante o governo húngaro. E por último, na Bósnia-Herzegovina, onde a afiliação política estava em grande medida determinada pela religião, uma grande influência era exercida pela Organização Muçulmana Iugoslava. O único partido político importante que abarcava todo o país era o Partido Democrático Iugoslavo, ao menos por um curto período. Pribicevic tinha conseguido fundi-lo com membros do Partido Radical Independente e do Partido Liberal da Sérvia, democratas da Eslovênia e vários grupos menores da Bósnia, Montenegro e Macedônia. Mas já em 1922, os antigos liberais eslovenos renunciaram do partido, o que levou a sua transformação no Partido Democrata Independente um ano depois.

O papel de liderança na batalha contra o centralismo foi em grande parte assumido pelo Partido Camponês Croata sob a liderança de Stjepan Radic. Radic foi acusado repetidamente de ativismo contra o Estado pelas autoridades e os sérvios o

consideravam não como um camponês mas como alguém que tinha conseguido se identificar com o campesinato croata e galvanizar sua consciência nacional para sua vantagem política. Ao contrário da maioria dos líderes partidários do tempo, ele não favorecia uma Iugoslávia federal, de acordo com sua correspondência particular e suas manifestações públicas a favor de uma Croácia independente. Ele pediu ao presidente dos EUA, Woodrow Wilson, e a outros estados, ajuda para a realização e o reconhecimento de uma república croata. Também escreveu cartas e panfletos para angariar o apoio da imprensa estrangeira.

No começo, Radic não era levado muito a sério pelo novo governo. Em março de 1919, porém, ele foi condenado a um ano de prisão por seu ativismo, mas a experiência não pareceu contê-lo. Ele retomou suas atividades depois de sua libertação e foi novamente preso, mas solto no dia das eleições para a Assembleia Constituinte, em 28 de novembro de 1920. As eleições mostraram de que maneira o instável consenso se havia deteriorado na Croácia. O partido de Radic, antes pequeno e insignificante, ganhou quase todos os assentos dos delegados croatas, derrotando decisivamente os partidos que tinham representado a Croácia no parlamento provisório – aqueles partidos que tinham aceitado a unificação sob a Monarquia Karadjordjevic. Radic portanto interpretou os resultados da eleição como um mandato para criar um Estado separado croata. Logo depois, em um comício de seus adeptos, ele rebatizou seu partido de Partido Republicano Croata e anunciou que não tomaria parte nas deliberações da Assembleia Constituinte. Em carta ao rei Alexandre em 1921, ele queixou-se de seus ministros e declarou nulo e sem efeito o pedido do Conselho Nacional para estabelecer uma união. Sua exigência de uma república camponesa da Croácia com uma assembleia constituinte separada contribuiu enormemente para a insegurança interna do recém-criado Estado. Ao tentar reorganizar o Estado, ele

conseguiu unir os croatas, enquanto os sérvios – divididos entre os democratas e os sérvios radicais se viam incapazes de negociar com ele.

A última tentativa séria para cooperar com Belgrado é mais bem ilustrada por um curto episódio de participação no governo com o majoritário Partido Sérvio Radical. Como Radic não tinha alcançado os resultados que queria, retornou à oposição e aumentou suas críticas à política do governo. Punisa Racic, um representante montenegrino do Partido Radical que ficara furioso com o resultado, atirou em Radic e seus colegas de partido no parlamento[557] no verão de 1928, pondo assim fim ao primeiro período de governo democrático pluralista na Iugoslávia. Seguiu-se uma grave crise política e a liderança foi assumida por um período curto por Anton Korosec até janeiro de 1929, quando o rei Alexandre dissolveu o parlamento e o proibiu por um período indefinido. Dois anos mais tarde, a nova constituição promulgada pelo rei permitia apenas partidos com membros provenientes de todo o país, o que acrescentou uma nova guinada na situação política.

O panorama político esloveno nos anos 1920 era caracterizado preponderantemente pelos temas do centralismo, do federalismo e pela "questão eslovena". Esta última era particularmente urgente e penosa depois da perda da Caríntia, do Litoral e de uma parte considerável da Carníola Interior. Além dos contínuos ajustes às novas condições durante a primeira década do novo Estado, vários escândalos na política eslovena dividiram os partidos tradicionais e levaram à criação de novas agremiações. Finalmente, a transformação gradual e a eslovenização da economia acompanhada por corrupção e uma falta considerável de transparência, além das constantes disputas entre os partidos e

557 NT: matando três pessoas, inclusive o próprio Radic.

do descontentamento com a fastidiosa forma de formular políticas das elites partidárias.

Já em 1919, o destacado geógrafo esloveno Anton Melik (pseudônimo Anton Loboda) queixou-se no periódico *Ljubljanski zvon* que a situação política da Eslovênia permanecia extremamente rudimentar, porque um "indivíduo médio esloveno ainda está muito longe de alcançar a independência política", baseando-se "muito pouco no seu próprio juízo" e demasiado "nas diretivas da liderança". Segundo Melik, a esfera política eslovena era caracterizada por "conhecimento político inadequado" e uma falta de "educação política estrita, instrução sobre os direitos básicos da existência humana". Ele prosseguia, "só posso apoiar a pretensão de que somos uma nação politicamente madura quando a participação política individual tiver prevalecido em todas as questões, assim como os direitos e obrigações do homem e suas relações com as organizações sociais de uma nação e um Estado, e quando a forma de governar[558] política e faccionária na Eslovênia tiver deixado seu atual papel"[559].

Os responsáveis pelas condições descritas por Melik não deviam ser, é claro, procurados em Belgrado, mas em Liubliana, onde a arena política ainda estava dominada por dois tradicionais grupos políticos. O maior partido político esloveno, vitorioso na maioria das eleições, o SLS católico, vinha clamando por autonomia desde 1921 e, com a exceção dos 100 dias em que Korosec foi ministro em 1924, permaneceu na oposição até 1927. Embora o partido nunca tivesse contestado a legitimidade da Constituição de Vidovdan, mas apenas desejado emendá-la, sua resistência estava baseada em argumentos antiliberais e nacionais. A autonomia garantiria a autoridade política católica sobre o território

558 NT: "governance" no original inglês.

559 Anton Loboda [Anton Melik], "O nasem notranjepoliticnem stanju", *Ljubljanski zvon*, 1919, p. 19-21. Ver também: Peter Vodopivec, "Pogled zgodovinarja", p. 7.

esloveno. Os líderes do SLS também se opunham aos dispositivos constitucionais que proibiam o clero de participar ativamente na vida política, limitavam a influência da Igreja na educação e tornavam a instrução religiosa uma atividade extracurricular.

Desde o princípio dos anos 1920, o campo menos unido dos liberais foi afligido por divisões e dissidências embora a sua maioria de adeptos do iugoslavismo e do centralismo estava sinceramente convencida que a federalização do Reino da Iugoslávia levaria ao seu fim. Deve ser reconhecido, porém, que a irreconciliável resistência liberal à autonomia era puramente prática, baseada no temor do SLS e sua dominação sobre a a Eslovênia. Tanto os "jovens" como os "velhos" membros da liderança mantinham que uma Eslovênia autônoma se tornaria uma província "papal", ou "ítalo-alemã", e chamavam os pró-autonomistas de "Austriacantes"[560]. Os dois partidos antagonistas encontraram algum terreno comum na sua escolha de aliados externos, sentindo-se mais em casa em Belgrado do que em Zagreb. Enquanto os liberais reconheciam como seus aliados naturais os democratas iugoslavos, os líderes católicos achavam as opiniões de Radic muito radicais e optaram por conseguir várias concessões em negociações com os radicais sérvios e a corte real (entre 1918 e 1940, Anton Korosec serviu doze vezes como ministro, uma vez como vice-presidente do governo iugoslavo e uma vez como primeiro-ministro). É claro porém que nenhum dos partidos burgueses estavam preparados para fazer progredir significativamente uma consciência mais forte de cidadania democrática ou harmonizar a comunidade política esloveno através de suas políticas.

Não obstante, os eslovenos sem dúvida associaram o seu destino durante o período entre as guerras com a Iugoslávia. Sob a Áustria imperial, a afiliação nacional não tinha jamais sido um

560 Um nome local designando um adepto da Monarquia Habsburgo.

elemento constitutivo da consciência eslovena, mas, entre 1918 e 1929, ela assumiu esta característica. Os eslovenos, porém, adotaram uma postura ligeiramente diferente em relação a Belgrado quando a ditadura se instalou e quando as autoridades escolares tentaram retirar dos livros de ensino eslovenos conteúdos que eram extremamente importantes para a construção de uma identidade nacional eslovena. Eles ficaram especialmente irritados com Ivan Cankar, que contribuíra muito destacadamente para que muitos eslovenos tivessem imaginado a Iugoslávia como uma terra de sonho antes que ela fosse criada[561].

Contudo, a onda de entusiasmo pela Iugoslávia que tinha varrido a Eslovênia na segunda metade da Primeira Guerra Mundial não se tornou imediatamente em desconfiança do novo governo depois de sua primeira infidelidade. A maioria da população ainda acreditava que encontrar a liderança certa seria suficiente para corrigir a situação. A prolongada apatia política só sobreveio uma vez que ficou definitivamente claro que estas expectativas não seriam alcançadas, de forma que os resultados das eleições em 1923, 1925 e 1927 foram previsivelmente semelhantes. A política se tornara um circo, com palavras grandiosas, mas pouco efeito. E, no entanto, os eslovenos consideravam a nova Iugoslávia como seu próprio país, independentemente do fato de que eles pagavam de longe os mais altos tributos. Apesar de um profundo descontentamento com o Estado unido e a limitada influência política dos eslovenos, a Eslovênia considerava a unificação como a solução menos indesejável mas não como a mais desejada sua questão nacional.

561 Igor Grdina, "Samopodoba Slovencev v XX. stoletju". In: Jancar & Vodopivec, *Slovenci*, p. 201.



Figura 41. Liubliana nos anos 1920. A Construção da Eslovênia, p. 18

Os sentimentos de segurança e de fé no desenvolvimento foram substancialmente fortalecidos pelo progresso na educação e cultura. Os eslovenos da Iugoslávia nos anos 1920 e 1930 recomeçaram suas vidas em um espírito dinâmico e pró-europeu sem precedentes com a fundação da Universidade de Liubliana, de uma ampla rede de novas escolas, de teatros, galerias e numerosos jornais e revistas. Outro ganho inegável foi o enorme crescimento da economia não agrícola quando da integração da Eslovênia na Iugoslávia. O território esloveno, antes parte da periferia meridional subdesenvolvida do antigo império, tornou-se a parte ocidental desenvolvida do Estado iugoslavo vitualmente da noite para o dia. No Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, um novo mercado para produtos industriais de consumo surgiu para os empresários eslovenos. Isto criou um impulso para o crescimento industrial rápido, o desenvolvimento de atividades não agrícolas e a expansão do setor bancário (antes da recessão de 1929, os bancos eslovenos estavam entre as instituições financeiras mais

sólidas do país). A rápida modernização, em meio à crise da agricultura, foi possivelmente uma das principais razões pelas quais os cidadãos eslovenos aceitaram a proclamação da ditadura em 1929, e a reorganização política e administrativa que ela acarretou, sem protestos importantes. A nova Drava Banovina (unidade administrativa), quando unida com a Carníola em 1931, correspondeu à Eslovênia e tornou-se a única dentre as nove regiões iugoslavas que abarcava uma só nação. O arranjo representou uma recompensa especialmente generosa pela participação de Korosec no governo ditatorial.

A vida econômica e social durante a primeira década do novo Estado refletia uma população predominantemente rural (cerca de 66%). Mesmo no período entre as guerras, o desenvolvimento industrial nas províncias eslovenas seguiu o padrão anterior a 1914. As fábricas e oficinas surgiam ao longo das linhas ferroviárias. Uma linha seguia a rota Maribor-Celje-Liubliana-Trieste da Ferrovia do Sul e a outra linha corria em direção à Carníola Superior, passando por Liubliana e Kranj até Jesenic. Na véspera da Segunda Guerra Mundial, 25 anos mais tarde, a vasta maioria da população (90%) ainda se localizava próximo das ferrovias ou de seu imediato interior. Quando o Estado iugoslavo foi criado, uma infraestrutura mais desenvolvida permitiu que o progresso na produção industrial, no comércio e no transporte ocorresse com mais rapidez na Eslovênia do que em qualquer outra parte do país. Esta é também a razão pela qual os trabalhadores eslovenos pagavam impostos maiores nas primeiras décadas. Dados coletados pelo Instituto de História Contemporânea em Liubliana confirmam que, quando a tributação foi harmonizada em 1928, o trabalhador industrial médio pagava impostos aproximadamente equivalentes aos de um pequeno fazendeiro. No entanto, este trabalhador não ganhava o suficiente para sustentar uma família de quatro pessoas, mesmo durante o período de maior prosperidade logo antes da crise econômica.

Famílias médias com mais filhos, portanto, tinham que enfrentar sérios problemas de vida e careciam de serviços básicos de água e esgoto, aquecimento e eletricidade. Também sofriam com a escassez crônica de alimentos, roupas e dinheiro. Os automóveis, um meio de transporte crescentemente popular, eram acessíveis só para uma elite muito pequena (3%) de ricos homens de negócio, diretores e funcionários de alto nível.

O cenário cultural esloveno tornou-se consideravelmente mais variado, refletindo a influência crescente dos intelectuais nacionais que ou advertiam do risco de serem submergidos pelo iugoslavismo (Josip Vidmar) ou instavam os eslovenos a se apoiar acima de tudo na sua história e só secundariamente buscar soluções em várias ideologias (Edvard Kocbek). Embora nenhum dos campos tivesse uma influência decisiva no pensamento político, suas considerações eram uma realização importante no desenvolvimento do cenário acadêmico esloveno. Isto era possível principalmente porque o esloveno tinha sido introduzido como língua de ensino em 1918 e 1919. Além disso, em 1919, Liubliana assistiu à fundação da primeira universidade eslovena, e os eslovenos finalmente obtiveram outras instituições culturais de interesse nacional. Dois teatros nacionais passaram a funcionar entre 1920 e 1922 e as atividades operísticas alemãs cederam lugar aos da Ópera Eslovena do Teatro Nacional em Liubliana. Em catorze estações sob a direção de Mirko Polic, o Teatro Nacional "elevou-se de um teatro provinciano a um teatro nacional"[562]. Liubliana também ganhou a sua própria academia de música em 1920 e os dois principais periódicos musicais (*Cerkveni glasbenik* e *Novi akordi*), nos quais os compositores eslovenos estudavam o legado de compositores como Satie, Debussy, Mahler e Schönberg,

562 Leon Stefanija, "Glasba in slovenska glasba XX. stoletja". In: Drago Jancar & Peter Vodopivec, *Slovenci*, p. 188; e Borut Loparnik, "Policeva doba slovenske opere: ozadja in meje". In: *Zbornik ob jubileju Jozeta Sivca*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2000, p. 221.

continuaram a ser publicados. Fora disto, os esforços da Glasbena matica[563] levaram à fundação da Sociedade Orquestral em 1919[564]. Menos de dez anos mais tarde, a Galeria Nacional Eslovena abriu sua primeira exposição permanente. A rádio nacional foi lançada no mesmo ano e suas emissões aumentaram a oferta de música instrumental eslovena da época. Além das orquestras de câmara profissionais, a cena musical no período da entreguerra foi distinguida significativamente pelo trabalho de quatro orquestras: a Orquestra do Teatro Nacional, a Banda Militar da Divisão do Drava, a Orquestra da Rádio de Liubliana e a Orquestra Filarmônica de Liubliana. A última foi fundada em 1935.

Contudo, a mais importante contribuição, de longe, foi a Universidade de Liubliana, que atraiu muitos professores eslovenos de Viena, Praga, Munique e outros centros universitários da Europa Central. Departamentos específicos dentro de várias faculdades promoveram a formação de uma ampla gama de disciplinas, das ciências jurídicas à linguística, e trouxeram contribuições da maior importância para a criação da terminologia profissional eslovena. No entanto, o alemão continuou a ser uma importante segunda língua de ensino por algum tempo e forneceu acesso para muito material acadêmico. A prática científica eslovena também foi formada por museus, inclusive o Museu Nacional e o Museu Regional de Maribor, e numerosas bibliotecas profissionais.

Além disso, a presença do novo Estado também criou condições favoráveis ao desenvolvimento das belas artes, inclusive a literatura. Logo após a Primeira Guerra Mundial, realizações notáveis se manifestaram no expressionismo (Veno Pilon, Ivan

563 Sociedade Musical Eslovena (Nota do tradutor do texto em inglês).

564 Em seu breve artigo, Leon Stefanija enfatiza explicitamente que 1.400 bilhetes foram vendidos para o primeiro concerto da Sociedade Orquestral em 9 de dezembro de 1919. Nos 20 anos seguintes, a sociedade organizou não menos de 183 concertos com a participação de mais de 200 artistas. Veja: Leon Stefanija, "Glasba in slovenska glasba XX. stoletja", p. 187-188.

Cargo, France e Tone Kralj), no futurismo (o poeta Anton Podbevsek) e no construtivismo (personificado por August Cernigoj, pintor inspirado pelo movimento Bauhaus) como "o fenômeno vanguardista mais característico e ao mesmo tempo único", e pelo diretor Ferdo Delak e o poeta Srecko Kosovel. Artistas eslovenos do período começaram a se apresentar como grupos ou gerações durante o período entreguerras: "A Quarta Geração – que se seguiu aos impressionistas, os vesnani[565] e os expressionistas – estava dilacerado entre a sabedoria da nova realidade e o realismo com base na cor que se aproximava"[566]. Seus representantes seguiram seus estudos na vizinha Academia de Zagreb, que foi renovada em 1921. Seus cursos os afastaram das influências do meio artístico alemão em direção à atmosfera criativa de Paris. Esta transição é mais bem simbolizada por Miha Males, um pintor que "transformou a forma secessionista em uma plenitude linear Matisseana e a simbolização expressiva em um jogo lírico"[567]. Durante os anos 1930, o realismo da cor tornou-se universalmente reconhecido como a reação europeia à chamada forma de vanguarda (*avant-garde*), reforçando mais a posição dos impressionistas relacionados. Abandonando os dramas cósmicos, a pintura voltou aos motivos tradicionais da classe média como as paisagens, as naturezas mortas ou os nus, introduzidos pelo realista Matej Sternen, que foi fiel ao espírito de Munique. A escultura, de forma semelhante, deixou de lado os elementos literários e se nutriu da cultura francesa e dos ideais da antiguidade (Karel Putrih, Zdenko Kalin, Francisek Smerdu). Stane Kregar foi o único pintor cuja obra continha ecos do cubismo e especialmente do surrealismo melancólico. O tempo imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial,

565 Grupo de artistas e ativistas sociais que ganharam seu nome a partir de sua revista central literário-científica *Vesna* (nota do tradutor do texto em inglês).

566 Milcek Komelj, "Slovenska likovna umetnost v XX. stoletju". In: Drago Jancar & Peter Vodopivec, *Slovenci*, p. 162-163.

567 Ibid, p. 162-163.

porém, também testemunhou um aumento da crítica social em trabalhos contendo motivos sociais e rurais, v.g., por Nikolaj Pirnat, Ivan Cargo, Tone Kralj e France Mihelic.

Na literatura, que de outra maneira evitava o uso estrito de teoremas ideais, o poeta Srecsko Kosovel teve o mais profundo impacto nas gerações futuras. Independentemente de sua extrema mocidade (ele morreu aos 22 anos), ele contestava de maneira convincente a relação entre tradição e inovação. Sua poesia retratava precisamente as tensões entre as mudanças profundas que ocorriam no mundo e as "noções herdadas e o conhecimento empilhado", que não mais tinha a capacidade de descrever um novo, "deslocado do centro"[568]. Na música, realizações semelhantes podem ser atribuídas a Marij Kogoj e Slavko Osterc. O arquiteto Joze Plecnik tinha alcançado um lugar de destaque na Europa Central nos anos 1920. Ele tinha regressado a Liubliana em 1921 de Viena, onde tinha vivido e trabalhado por quase trinta anos, e ao chegar aceitou o cargo de professor na recém-estabelecida faculdade de arquitetura. Seu trabalho foi conhecido e respeitado por especialistas de Viena a Praga, inclusive Adolf Loos, Peter Altenberg e Otto Wagner. Este chegou a recomendá-lo três vezes como seu sucessor na Academia de Viena. A realização principal de Plecnik, porém, foi o projeto de reconstrução do castelo de Praga, Hradcany, utilizado pelo presidente Tomás Masaryk[569].

A economia eslovena também experimentou um de seus maiores auges durante os anos 1920 e 1930. Partes da Eslovênia – inclusive Jesenice (Carníola), Store [perto de Celje (Estíria)] e Ravne (Caríntia) – tinham sido uma das áreas mais industrializadas na Áustria-Hungria e os centros mais importantes

568 Ver também: Joze Pogacnik, "Slovenska knjizevnost XX. stoletja". In: Drago Jancar & Peter Vodopivec, *Slovenci*, p. 171-185.

569 Citado de Ales Vodopivec, "Plecnik in Ravnikar". In: Drago Jancar & Peter Vodopivec, *Slovenic*, p. 152-156.

da indústria de ferro e aço na Iugoslávia, que tinha permanecido quase exclusivamente agrária, mas mesmo sua economia agrícola estava seriamente atrasada em certas regiões. Uma imagem quase idêntica aparece ao comparar-se a infraestrutura eslovena e aquela da Iugoslávia. As redes de ferrovias, telégrafos e telefone tinham alcançado um nível invejável de desenvolvimento para os padrões iugoslavos. Da mesma forma, a eletrificação se expandiu rapidamente imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, quando todos os centros industriais importantes foram supridos com eletricidade.

Levando tudo em conta, dado o seu bem estabelecido mercado de capital, suas relações relativamente boas com a Checoslováquia e a Áustria, seu elevado nível de alfabetização (90%) e sua rede satisfatória de escolas vocacionais, a Eslovênia era vista pela parte sudeste do país como uma província altamente avançada. Imediatamente após 1918, o desenvolvimento industrial foi ainda mais impulsionado quando o mercado iugoslavo foi aberto para os produtos eslovenos. Alguns ramos industriais assim experimentaram expansão incrivelmente rápida e o número de fábricas quase dobrou. Durante os anos 1920, pelo menos 15 novas companhias por ano começavam a funcionar[570].

A mais notável expansão ocorreu na indústria têxtil, o terceiro mais importante setor econômico da Eslovênia depois da madeira e dos metais. O crescimento mais rápido foi experimentado pelas pequenas companhias com até 250 empregados, que podiam financiar seu próprio desenvolvimento. As companhias maiores estavam em uma posição um pouco menos favorável, porque dependiam dos mercados de capital estrangeiro, mas não tinham permissão para buscar investimento em países em guerra com a Sérvia. Além disso, depois que esta restrição foi abolida, um

570 Ervin Dolenc & Ales Gabric, *Zgodovina 4*, p. 100.

controle estrito era mantido sobre aumentos de cooperação e investimentos estrangeiros mais vultosos. Assim, as companhias que cooperavam com parceiros austríacos e checos eram inspecionadas mais frequentemente e de maneira mais detalhada do que aquelas com investidores na França ou na Grã-Bretanha. Nos anos 1930, a situação sofreu uma virada drástica quando a Alemanha assumiu o primeiro lugar entre os parceiros comerciais estrangeiros e os investimentos feitos por acionistas checos e austríacos subiram drasticamente. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, aproximadamente 70% da produção industrial eslovena pertencia a checos ou austríacos. O desenvolvimento seguiu um curso algo distinto nas áreas rurais. Só as grandes fazendas podiam assegurar um nível de vida relativamente confortável, mas elas foram primeiramente afetadas por uma proibição de exportação para a Áustria vizinha. Os donos de pequenas fazendas ficaram em situação ainda pior, pois se viam obrigados a contrair dívidas perigosas apenas para sobreviver. A crise atingiu o auge no fim da década, mas tinha manifestado seus sintomas desde a metade dos anos 1920, quando a renda rural sobre produtos vendidos caiu pela metade. Por exemplo, em 1923, um fazendeiro podia comprar 20 pares de sapatos por uma vaca (500 kg). Dois anos mais tarde a mesma vaca daria para comprar apenas 10 pares[571].

Como muitos devedores tinham falido, o Estado foi obrigado a interromper os pagamentos das dívidas em 1932, porque os credores teriam que vender uma grande parcela de suas propriedades rurais muito abaixo do preço real. Alívio adicional veio da introdução gradual de novas e mais produtivas variedades de sementes, enquanto uma agência especial promovia a produção agrícola para aumentar a produção das propriedades rurais eslovenas aos níveis europeus.

571 Ibid., p. 101.

Ao contrário das ameaçadoras proclamações das políticas populistas europeias, houve um desenvolvimento espantoso da cultura eslovena, da alta educação e dos esportes durante os últimos anos antes da Segunda Guerra Mundial. Logo antes da guerra, Liubliana tinha ganhado dois bens esperados há muito e de valor inestimável: a Biblioteca da Universidade Nacional e a Academia de Ciências e Artes (fundada em 1938), que inicialmente não teve autorização para ser chamada de "eslovena". Os anos 1930 também viram a introdução do som nos cinemas eslovenos (ao fim da década havia mais de 60 salas de exibição na Drava Banovina) e o desenvolvimento cultural floresceu, com contribuições importantes feitas por várias sociedades culturais. Conforme o Instituto de História Contemporânea, tais organizações ao todo envolviam cerca de 100 mil pessoas que organizavam e frequentavam conferências com regularidade, cooperavam em produções teatrais ou continuavam a aperfeiçoar a sua educação. Como a União Cultural Católica, a União Liberal de Sociedades Culturais e o movimento cultural Liberdade, de tendência esquerdista, sociedades de ginástica eram associadas a partidos políticos em maior ou menor grau.

Seguindo o exemplo checo, os atletas eslovenos se organizaram em dois grupos – a sociedade liberal Sokol (Falcão) e a católica e conservadora Orel (Águia) – e um número apreciável deles, particularmente ginastas, alcançaram atuações destacadas em competições internacionais. Durante mais de uma década, os ginastas da geração de Leon Stukelj chegaram a marcar o ritmo do desenvolvimento internacional da ginástica e ganharam para a Iugoslávia não menos de sete medalhas olímpicas. O futebol, o hóquei no gelo, o tênis e o salto em esqui tornaram-se esportes de destaque[572]; o salto em esqui evoluiu para o voo em esqui em parte

572 Em 1938, a Drava Banovina tinha 40 campos de futebol, 12 pistas atléticas, 2 velódromos, 15 piscinas, 23 rampas para salto de esqui, 17 centros de esqui e 10 campos de tênis. Ver: Ervin Dolenc & Ales Gabric, *Zgodovina 4*, p. 104.

devido ao mundialmente famoso centro de esqui de Planica e em parte por causa do primeiro salto além de 100m em 1936. Outras consequências foram um crescente impulso do montanhismo e os primeiros sucessos em esqui alpino, que cresceu para transformar-se em um dos esportes "nacionais" da Eslovênia depois da Segunda Guerra Mundial.

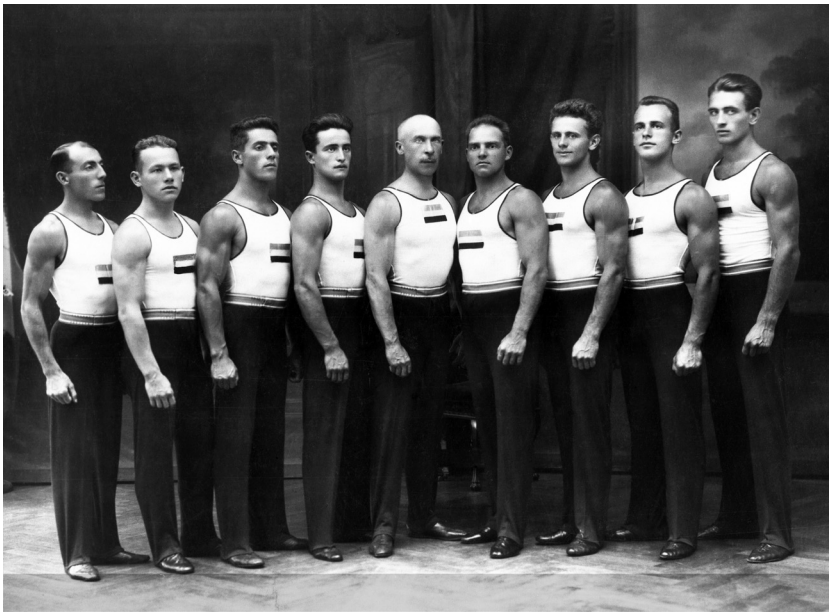

Figura 42. Time de ginastas masculinos na Nona Olímpiada de Verão em Amsterdã, 1928. O primeiro a partir da esquerda é Leon Stukelj, o mais bem-sucedido competidor olímpico esloveno. A Criação da Eslovênia, p. 58

Os eslovenos fora das fronteiras do Estado

Os eslovenos fora das fronteiras da Iugoslávia enfrentavam dificuldades semelhantes, ao mesmo tempo em que deviam lidar com as pressões assimiladoras das autoridades italianas, austríacas ou húngaras. A situação na Itália era particularmente aflitiva e administrações militares e civis agiam contra todas as formas e manifestações de afiliação nacional eslovena. Eles dissolviam

conselhos nacionais eslovenos e designavam comissários reais para se encarregar da administração local. Aprisionaram antigos soldados austro-húngaros e perseguiram intelectuais eslovenos, que a seguir fugiram para a Iugoslávia. Quando uma filial do movimento fascista foi criada em Trieste e o fascismo se espalhou pela fronteira do Marco Juliano, a vida dos eslovenos se deteriorou rapidamente[573]. À parte os atributos comuns de antissocialismo e nacionalismo, o Partido Fascista nesta área etnicamente mista era também caracterizado por um racismo manifesto ornamentado com uma glorificação agressiva das vítimas italianas na Frente de Soca (Isonzo). Típica manifestação do fascismo nas áreas de fronteira, isto elevava o sentimento de superioridade cultural ao proibir qualquer expressão de cultura nacional eslovena. Os italianos escalaram suas ações com tentativas deliberadas de solapar a economia eslovena, que, não menos que a vida cultural e política dos eslovenos, era frequentemente mais próspera do que a maior parte das companhias e organizações italianas.

Igualmente perturbador para os eslovenos era a brutalidade com que os italianos implacavelmente tentavam demonstrar a superioridade da cultura italiana. Devido ao perigo presumido representado pela Iugoslávia, os italianos deslocaram muitos funcionários e intelectuais para a área fronteiriça, enquanto outros decidiram retirar-se voluntariamente. Alguns simplesmente cruzaram a fronteira italiano-eslovena, ao passo que outros emigraram para a Argentina e os EUA.

Uma das primeiras explosões de violência contra os eslovenos foi a destruição por incêndio do centro cultural esloveno em Trieste em 13 de julho de 1920. Seguiram-se uma série de incidentes semelhantes em outras localidades. A seguir veio a proibição de todos os partidos, com exceção do partido fascista em

573 Seis meses depois que o segundo diário fascista surgiu em Trieste, o ramo local do Partido Fascista registrou 15 mil membros e tornou-se o segundo maior do país.

1926 e a perseguição do clero esloveno, que se tornou ainda mais forte depois que Mussolini reconheceu o Estado do Vaticano. O bispo Andrej Karlin (1911-1919) foi forçado a renunciar a sua diocese em Trieste; sorte semelhante coube a seu sucessor Alojzij Fograj (1924-1938) e a Francisek Borgija Sedej, arcebispo de Gorizia (1906-1931)[574].

O clero esloveno se organizou assim em movimentos de resistência clandestinos, como o Conselho dos Padres de São Paulo, liderado pelo Conselho Supremo das Organizações Cristãs. Ou a Organização de juventude antifascista TIGR (um acrônimo para Trieste, Ístria, Gorizia e Rijeka). Este último reagia à violência fascita com violência. Membros do TIGR tentaram instilar coragem na população local e advertiram o mundo sobre a política de desnacionalização da Itália fascista.

Suas técnicas incluíam o assassinato de soldados e de figuras fascista importantes, o incêndio de instalações militares de depósito e de escolas italianas, a coleta de informação sobre os postos de fronteira italianos e a sabotagem das linhas de trem para a Áustria. Os italianos esmagaram o movimento, que com certeza pode ser considerado pioneiro da resistência antifascista europeia, pouco mais de um ano depois que tinha sido fundado. Entre o outono de 1929 e a primavera de 1930, mais de 60 membros do movimento foram presos, alguns foram fuzilados e outros condenados a longas sentenças de prisão.

Em comparação, os eslovenos na Caríntia austríaca pós-plebiscito pareciam à primeira vista encontrar condições relativamente toleráveis. Embora houvesse limitações, os eslovenos retiveram o direito de estabelecer suas próprias associações, publicar seus próprios jornais e em sua apresentação conjunta na

574 Citado a partir de France M. Dolinar, "Katoliska cerkev na Slovenskem med politiko in versko prakso". In: Drago Jancar & Peter Vodopivec, *Slovenci*, p. 100-105.

eleição provincial chegaram mesmo a obter dois assentos na dieta provincial. Contudo, os fatos mudaram drasticamente quando Hitler anexou a Áustria em 1938, e os eslovenos da Caríntia tiveram a sua condição de minoria nacional negada. Sua situação tornou-se idêntica às condições na região húngara de Raba, principalmente no município de Zalaegerszeg, onde as autoridades húngaras nunca concederam a condição de minoria aos eslovenos.

A ditadura e a crise

Dado o clima político difuso e superaquecido no parlamento nos anos anteriores à sua dissolução e a impotência dos gabinetes governamentais, cujas ações ou omissões eram constantemente objeto de ataques, não foi surpreendente que um "homem bem intencionado momentaneamente aprovasse [...] o crime imperdoável" no parlamento de Belgrado e "o rei tomasse em suas mãos o poder". Os sérvios (que chefiavam a maioria dos gabinetes), em especial, estavam convencidos de que nenhum compromisso poderia ao mesmo tempo atender as exigências dos croatas e salvar a Iugoslávia como um Estado integral. Eles se consideravam fracos demais para executar programas com resultados mais promissores. E, finalmente, eles respeitavam o rei Alexandre Karadjordjevic, que já tinha assumido seus poderes reais aos 25 anos, pouco antes da nação ter sido atacada pela Áustria-Hungria. Na visão dos sérvios, o rei Alexandre fora o líder da nação nos dias de provação da Primeira Guerra Mundial e continuava a ser um "sincero iugoslavo"[575]. Os nomes dados a seus filhos foram a prova mais forte de sua devoção à causa iugoslava: o primogênito recebeu o nome do seu avô sérvio, Pedro I; seu segundo filho, Tomislav, do rei da Croácia no século X; e seu terceiro filho recebeu o nome esloveno de Andrej.

No entanto, Alexandre seria também descrito como um "jovem e impaciente" monarca, incapaz de compreender a seriedade do

575 Ver: Alex N. Dragnich, *Serbs and Croats*, p. 63.

sinal de alarme disparado pelo acordo de 1927 entre os perpétuos rivais Radic e Pribicevic, e incapaz de perceber a gravidade do ameaçador chamado dos croatas por um Estado dentro do Estado.

A avaliação de Alexandre depois do tiroteio no parlamento resultou na abolição da Constituição de Vidovdan, na proibição de todos os partidos políticos e na dissolução do parlamento. Ao mesmo tempo, ele consolidou a legislação existente relativa à "proteção do Estado" e impôs um regime ditatorial, que acreditava que seria curto. Os mais importantes efeitos colaterais de suas decisões foram uma incontrolável predominância sérvia sobre o limitado espaço de manobra para política quase parlamentar e a estrita supervisão policial que levou a uma crescente resistência contra o governo e a corte real.

Depois de algum tempo, o regime tornou-se cada vez mais impopular na Eslovênia. Quando o Partido Popular Esloveno (SLS) não fazia parte do seu gabinete, o rei Alexandre era descrito como um poderoso monarca a ponto de tornar-se um ditador – ainda que Korosec tivesse participado de vários de seus recém-criados governos e mesmo ainda que o governo centralizado tivesse sido substituído pelas banovinas (unidades administrativas parcialmente autônomas com conselhos eleitos), que não satisfaziam nem os líderes da oposição croata nem da oposição sérvia. Igualmente insatisfatórias foram a Constituição de Outubro e a nova lei eleitoral. Embora os partidos políticos tivessem sido legalizados,

> *o sistema estava cheio de limitações substantivas e de procedimento. Solicitações para formar partidos exigiam um número específico de assinaturas e provas de certa força em um amplo número de distritos. Nenhuma organização, política ou de outra natureza, era permitida se estivesse baseada em fatores religiosos*

> *ou regionais, ou se fosse oposta à unidade nacional, ou à ordem existente*[576].

Diante desta situação, a composição do gabinete permaneceu amplamente sem contestação. Como as oposições croata e sérvia não podiam concordar nem com um programa comum nem com uma declaração sobre o novo sistema político, decidiram boicotar a eleição. O pequeno partido comunista, operando na clandestinidade, recebeu instruções de sua liderança no exterior para convocar um levante armado, mas não teve sucesso. O protesto mais visível contra o regime veio dos estudantes da Universidade de Belgrado.

Como a maioria das outras nações iugoslavas, muitos eslovenos viram a democracia dirigida como uma continuação da ditadura, pois não apenas a política parlamentar, mas todas as reuniões políticas forneciam uma saída limitada para a discordância e a expressão do descontentamento. Em seu conjunto, o parlamento e os novos partidos eram mais ou menos instituições estéreis do período, incapazes de resolver qualquer coisa. Todo o processo político se movia assim em duas direções separadas. Enquanto os nacionalistas croatas e macedônios subsequentemente se uniram aos comunistas clandestinos, os partidos políticos da classe média se separaram em dois campos. Os radicais e alguns liberais, inclusive a ala eslovena, apoiavam o rei, enquanto a maioria dos demais se opunha ao crescente centralismo iugoslavo – ainda que houvesse confraternização ocasional. Um exemplo excelente deste tipo de duplicidade foi a política do Partido Popular Esloveno, cujos representantes oscilavam entre resistência e colaboração. Assim Korosec podia ser visto participando em vários governos em Belgrado e ainda assim juntar-se aos signatários da chamada

576 Ibid., p. 73.

Declaração Eslovena[577]. Em consequência, ele foi preso no início de 1933 juntamente com os outros mais altos representantes de seu partido. Vlado Macek foi condenado a três anos de prisão pelo mesmo crime, deixando muitos com a impressão, não surpreendente, de que o SLS e outros partidos eslovenos fizessem da difícil situação da Eslovênia uma espécie de proteção para seus propósitos duvidosos. Korosec, especialmente, era detestado pelos croatas como um político que construiu sua carreira sobre o incessante conflito entre eles e os sérvios. Na opinião de Djuro Surmin, um destacado autonomista croata e membro do gabinete de Protic em 1920, Korosec participou deste mesmo gabinete como ministro das Ferrovias só para combater os "separatistas" croatas. Nas palavras de Surmin, ele sempre trabalharia para impedir um acordo sérvio-croata, porque então "os eslovenos não seriam nada". Mas como Banac afirma com razão, Korosec era "um homem para qualquer gabinete" e como tal ele parecia indispensável[578].

Esta foi uma constante na política do SLS e era também conhecida como a política dos três "Ks", i.e., os três padres não sentimentais que se tornaram políticos extremamente bem-sucedidos. Depois de Janez Krek, membro do Reichstag de Viena, Korosec tornou-se o primeiro e único primeiro-ministro não sérvio

577 A Declaração Eslovena: "Hoje a nação eslovena está dividida e desmembrada em quatro países: Iugoslávia, Itália, Áustria e Hungria. Sua exigência fundamental é unir-se em uma única comunidade política; só desta forma será possível preservar sua existência e assegurar seu desenvolvimento geral. A parte predominante da nação eslovena que vive na Iugoslávia se vê diante da missão de prosseguir fielmente na busca deste ideal até sua concretização final. Por estas razões, a nação eslovena deve prevalecer nesta luta para alcançar tal posição independente dentro do Estado iugoslavo que sem cessar constituirá uma força de atração para todos as partes restantes da nação que vivem no exterior. Para este fim, requer-se o seguinte: a) liberdade nacional; b) legislação social radical para prover a proteção dos interesses vitais e assegurar o desenvolvimento harmonioso de todas as necessárias vocações produtivas, especialmente da agricultura e da classe média.

Para assegurar este objetivo, é necessário que nós, os eslovenos, os croatas e os sérvios construamos, sobre a base de um acordo livre e democrático, um estado composto de unidades iguais: sendo uma a Eslovênia. Um estado assim constituído também é uma reivindicação, ou ao menos não é excluído, pela Coalizão Democrática Camponesa e pelo Partido Radical".

578 Citado por Ivo Banac: *The National Question in Yugoslavia. Origins, History, Politics*. Ithaca & Londres: Cornell University Press, 1984, p. 342.

da Iugoslávia real. Quando morreu, em 1940, a liderança do SLS foi passada para Franc Kulovec, que, conforme diz Banac, "não estava sob a proteção de corujas amantes da verdade"[579]. Kulovec morreu no bombardeio alemão de Belgrado em abril de 1941. O quarto K, Miha Krek, foi o primeiro chefe do SLS que não era um padre. Mas tampouco estava Krek muito longe do conhecido exclusivismo político, como era o caso de todo o cenário político esloveno, que o SLS dominava como se fosse o único partido esloveno.

Não há dúvida de que o SLS era o único partido que poderia buscar um equilíbrio entre o centralismo e o federalismo sem comprometer as aspirações eslovenas e provocar um confronto aberto com os radicais. Como nota Banac, foi emblemático do SLS declarar que as questões importantes não eram especialmente urgentes. Obviamente, o republicanismo só poderia levar o partido para o campo da oposição radical e os *slogans* experimentais republicanos do SLS durante a queda da Áustria-Hungria foram silenciosamente postos de lado porque os povos da Iugoslávia não eram ainda suficientemente sofisticados para uma forma reconhecidamente superior de Estado. "Sou monarquista", dizia Korosec, "mas qualquer patriota de inclinações republicanas teria que admitir que não estamos bastante maduros para uma república". A mesma atitude prevaleceu em reação a uma disputa entre centralistas e federalistas, que foi tratada de forma bombástica senão completa insignificante. Mas ainda quando as evasões táticas tornavam obrigatórias a ênfase em um ou outro aspecto da política do SLS sobre autonomia, as principais preocupações de seu programa permaneciam notavelmente estáveis. De fato, o SLS visava muito mais do que a autonomia cultural e econômica, pelo menos na Eslovênia. Por um lado, as comunidades culturais e econômicas eslovenas estavam destinadas a eliminar as antigas e historicamente estabelecidas fronteiras entre os ducados da

579 Ibid., p. 341

Carníola, Estíria e Caríntia, ou pelo menos as partes destas fronteiras que estavam dentro a Iugoslávia:

> *A autonomia de uma província ou de uma terra consiste no seguinte: que as mais altas autoridades provinciais tenham poder de decisão imediato, mais alto e supremo nas questões políticas, econômicas e financeiras. Um Estado autônomo também possui o poder de regulamentar estas questões, decidir com relação a estas matérias de acordo com seus próprios critérios e justificativas, sem qualquer superior para instruí-lo*[580].

O SLS queria que fosse claramente aceito que a autonomia para os eslovenos significava que eles "não seriam dirigidos por funcionários incompetentes e tolos de Belgrado"[581]. Além disso, "as particularidades da tribo [eslovena] que tinham suas raízes na história e na cultura" poderiam ser defendidas somente quando fosse reconhecido que a "unidade do Estado sérvio-croata-esloveno requer que todo o território esloveno seja unido dentro de suas fronteiras"[582]. Do mesmo modo, como os partidos croatas exigiam um parlamento croata, o SLS considerava um parlamento provincial e um governo esloveno como os órgãos mais altos representativos da autonomia. "Exigimos", declarava a liderança do SLS em seu manifesto eleitoral em outubro de 1920, "a autonomia da Eslovênia com uma assembleia e um governo provincial responsável perante ele – um governo que seja capaz de administrar o Estado no nível provincial. A assembleia provincial deve ter poder legislativo, na medida em que não se trate de matéria da competência do parlamento comum"[583].

580 "Boj za avtonomijo Slovenije", *Slovenec*, 15 de setembro de 1920, p. 1.

581 Ibid., p. 1.

582 "Velika manifestacija Slovenske ljudske stranke", *Slovenec*, 25 de outubro de 1920, p. 2-3.

583 "Slovensko ljudstvo!" *Slovenec*, 26 de outubro de 1920, p. 1.

Por outro lado, o programa de autonomia do SLS era mais tolerável para os centralistas porque insistia que as comunidades econômico-culturais não deveriam ser confundidas com as unidades baseadas na nacionalidade, como as que eram defendidas pela oposição croata. De acordo com o SLS o problema principal com as propostas federalistas baseadas em afiliações "tribais" era a impossibilidade de traçar uma clara linha de demarcação entre os sérvios e os croatas. Esta objeção não se aplicava, é claro, à Eslovênia, que permaneceria como uma unidade distinta seja definida como uma pátria compacta dos eslovenos ou como uma área econômico-cultural histórica. Esta vantagem certamente não passava despercebida pelos líderes do SLS quando defendiam a superioridade das autonomias econômico-culturais. Seria enganoso, porém, dar a impressão de que o curso oficial do SLS seguiu sem contestações na base partidária ou no público mais amplo. Uma análise da estratégia característica do SLS e das suas tendências táticas se identifica melhor com a ala partidária de Korosec – reconhecidamente a predominante. Elementos mais jovens do SLS refletiam a disposição mais radical das massas eslovenas e favoreciam passos em defesa da autonomia eslovena e individualidade nacional. O republicanismo e o socialismo cristão também eram características persistentes da *intelligentsia* eslovena católica mais jovem, na medida em que estes sentimentos, para muito desagrado de Korosec, eram frequentemente expressados na seção sindical do SLS[584]. Tudo isto não prejudica a avaliação geral de que o SLS como um partido que não usou sua posição única para mitigar os excessos centralistas a fim de promover os interesses eslovenos.

A única vez em que o SLS poderia ter potencialmente tornar-se uma alternativa foi quando Korosec voltou à política em

584 Janko Prunk, *Pot krscanskih socialistov v osvobodilno fronto slovenskega naroda*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1977, p. 49-88.

Belgrado em 1935, após a consolidação do núcleo conservador do partido. Pareceu então, pelo menos por um momento, que a iniciativa principal dentro do movimento de defesa nacional seria em grande medida assumida por grupos partidários menores, de tendência esquerdista, estudantes, a *intelligentsia* e os socialistas cristãos da classe operária, especialmente desde que as fissuras que se desenvolveram no campo católico nos anos 1920 tinham finalmente se tornado abertas nos anos 1930. Muitos membros do partido, particularmente os jovens, mostravam-se descontentes com a "política dos pequenos passos" de Korosec e sua "postura oportunista" conforme com o princípio de que "a coisa mais importante é estar no governo"[585]. Um número crescente de pessoas fez advertências sobre a inconsistência entre a posição de princípio do partido – a declaração antes mencionada de 1932 já era suficientemente ruim – e sua verdadeira forma de atuar politicamente. No entanto, a questão decididamente não chegou afinal a provocar uma ruptura.

O ponto crítico para o campo católico esloveno veio com a encíclica *Quadragesimo anno* (1931) do papa Pio XI e a ideia de organizar uma Ação Católica (CA) a fim de recristianizar a sociedade eslovena. Os promotores desta organização, que gradualmente tomaram uma posição central entre as associações católicas na Eslovênia, concebiam a sociedade eslovena como um *Ständesstaat*[586] baseado em princípios cristãos e pensamento social católico como apresentado nas encíclicas papais, mais especialmente na *Rerum novarum* (1891), *Ubi arcano Dei consilio* (1922) e *Quadragesimo anno*. A CA recebeu apoio crucial do bispo de Liubliana, Gregorij Rozman, que seria apelidado "Bispo da Ação

585 Bojan Godesa, *Kdor ni z nami, je proti nam. Slovenski izobrazenci med okupatorji, Osvobodilno fronto in protirevolucionarnim tabarom*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1995, p. 28.

586 NT: Estado corporativo no modelo austríaco dos anos 1930.

Católica" por um de seus biógrafos[587]. Embora, em princípio, fosse uma organização apolítica e religiosa, para promover um "movimento religioso e ideológico entre os leigos", a CA de fato suplantava as associações católicas perseguidas depois que o rei Alexandre dissolveu o parlamento. Além disso, o comunismo estava gradualmente assumindo o papel de principal inimigo que o cenário católico durante décadas dera ao liberalismo. Esta não era tanto uma postura defensiva, como se poderia concluir ao insistir no anticomunismo, mas uma agenda extremamente agressiva, que além de impedir o comunismo visava promover as opiniões da CA.

Não era, pois, surpreendente que a Ação Católica apontasse uma variedade de indivíduos como comunistas, discípulos de comunistas ou, no melhor dos casos, conspiradores maçons[588]. A postura militante do catolicismo, mais acentuada depois da encíclica papal *Divini redemptoris* (1937), que fazia apelo por uma "divisão das almas", era também evidente no *slogan* "só um bom católico pode ser um verdadeiro esloveno". A tarefa mais importante nesta frente era reservada aos intelectuais católicos que, de acordo com os defensores do chamado catolicismo integral, deveriam contribuir para a restauração do catolicismo.

Este viés ideológico levou inevitavelmente a uma divisão entre católicos "verdadeiros" e "falsos". Aqueles reconhecidos como católicos verdadeiros eram os estudantes e intelectuais associados à revista *Guarda Tempestade* (*Straza v viharju*)[589] sob a editoria do professor Lambert Ehrlich e o jovem orto-católico que publicava a revista católica militante (*Jovens Guerreiros*) *Mi mladi borci* sob o professor Ernest Tomec. Ambos os grupos foram estabelecidos

587 Bojan Godesa, *Kdor ni z nami*, p. 29.

588 Ibid., p. 31; ver também: Peter Vodopivec, "Prostozidarska loza Valentin Vodnik v Ljubljani (1940)", *Kronika*, nº 1, 1992, p. 44-50.

589 NT: No contexto da época, esta expressão tem semelhança com as SA alemãs – Sturmabteilung: Tropas de Tempestade.

como organizações de elite que educariam os realmente carentes quadros intelectuais católicos no espírito da integração católica. Ambas as organizações também assumiram como sua solene missão "desenraizar o comunismo" e "cristianizar a universidade". Uma campanha inflexível contra os que não compartilhavam suas opiniões ou não mostravam uma lealdade total à Igreja Católica era, contudo, mais característica dos Jovens Guerreiros. *Straza* já tinha escrito em 1935 que a batalha contra o bloco comunista-bolchevique exigia uma "comunidade que está unida sob a cabeça invisível – Cristo". Uma ampla campanha contra o chamado "comunismo cultural" foi lançada no ano seguinte e reforçada em 1938, quando seu programa reconhecia que só um totalitarismo católico poderia salvar a humanidade.

Finalmente, ambas as organizações eram as que melhor encarnavam o pensamento daqueles que consideravam as opiniões dos adeptos mais liberais do moderno pensamento cristão, como expressado no principal periódico católico *Dom in svet*, como o perigo mais imediato para o campo católico. Alguns eram vistos pelos católicos militantes como "falsos" intelectuais católicos; isto provocou afinal um conflito de interesses no conselho editorial e o surgimento de um novo periódico, *Dejanja*. A nova crise aprofundou a polarização da esfera intelectual católica, dividida em uma facção conservadora e outra de socialistas cristãos. A primeira era caracterizada pela postura autoritária-corporativa dos Jovens Guerreiros e a outra pelos membros da sociedade estudantil Zarja, que se juntou a Edvard Kocbek e seu periódico *Dejanja*. Eles rechaçavam os totalitarismos de esquerda e de direita assim como o integralismo religioso, e promoviam a liberdade de expressão artística.

Uma divisão parecida era encontrada no campo liberal, que continuava a contar firmemente com a maioria da *intelligentsia* eslovena reunida apesar de sua enfraquecida influência e poder

político. Duas correntes principais, divididas por suas visões divergentes com relação à questão nacional, surgiram nos anos 1930. Temendo um forte SLS, um círculo de liberais formou-se em torno do periódico *Jutro* e continuou a defender políticas centralistas. Liberais mais jovens, por outro lado, montaram uma contracampanha seguindo os passos de seus predecessores e cossignatários da declaração sobre autonomia; a lista dos 43 signatários incluía 20 liberais. Em vez de levar à supressão do movimento, o início da ditadura do rei Alexandre avivou as chamas de resistência contra o centralismo. A este respeito, é válido examinar as duas principais razões para uma mudança de atitude em relação ao Reino da Iugoslávia.

A primeira surgiu de uma discussão do *Problema Cultural da Identidade Eslovena* (*Kulturni problem slovenstva*), escrito pelo crítico literário Josip Vidmar. O livreto causou grande estrépito público com sua aguda crítica ao centralismo iugoslavo e sua censura a autores individuais que, como o poeta Oton Zupancic, argumentavam que a língua não era necessariamente uma manifestação da identidade nacional. O debate que se seguiu tornou-se uma controvérsia que causou uma crise no jornal *Ljubljanska zvon* e afinal deu origem a um novo periódico. Depois da disputa com os proprietários da *Ljubljanska zvon*, alguns membros do conselho editorial lançaram seu próprio periódico, *Contemporaneidade* (*Sodobnost*), cujo subtítulo *Uma Revista Eslovena Independente* (*Neodvisna slovenska revija*) marcava uma mudança da resistência contra o unitarismo para a defesa da autonomia eslovena. Dois anos depois de seu lançamento (1933), e sob a editoria de Josip Vidmar, Stanko Leben e Ferdo Kozak, a revista começou a publicar artigos de autores comunistas, emprestando ao movimento um tom social mais crítico. Mais tarde a interpretação histórica considerou o *Sodobnost* anterior à guerra como tendo sido principalmente uma revista eslovena da *intelligentsia* democrática de esquerda. *Sodobnost*

era claramente o mais fidedigno indicador dos desdobramentos dentro do campo liberal, embora não o único. Foi logo seguido por *Ljubljanski zvon*, que "ingressou na corrente política de esquerda" na metade dos anos 1930[590]. Um desdobramento um tanto distinto ocorreu em relação com o periódico "nacional democrático" *Slovenija*, que se opunha com veemência aos partidos favoráveis ao regime iugoslavo, mas permanecia igualmente desconfiado dos comunistas.

A influência esquerdista era sentida mais fortemente entre os estudantes e ficou aparente desde a metade dos anos 1930 na sociedade iugoslava Sokol; a sociedade surgiu em 1931 como uma organização do Estado e ardorosa defensora do unitarismo iugoslavo até cinco anos depois, quando dissidentes da associação estabeleceram uma Sokol independente eslovena. O golpe final para o campo liberal veio em 1935, quando seus representantes parlamentares se acharam entre os oposicionistas. A impotência política que eles antes tinham conseguido esconder como partido do governo finalmente tornou-se aparente; quando "a Segunda Guerra Mundial também chegou a nosso solo, o campo liberal tinha deixado de existir"[591]. No entanto, seu legado de alguma forma perdurou quando uma seção da Juventude Liberal publicou uma gazeta, *Nasa misel*, no fim de 1935, dando continuidade à tradição do "iugoslavismo construtivo". Outros se aproximavam do círculo, que formou o Partido Comunista Nacional em 1937. Aqui, a iniciativa do experiente liberal, Adolf Ribnikar, merece ser mencionada. Ele rompeu seus vínculos com *Jutro* e lançou *Mariborski Vecernik*, "uma plataforma liberal para todos que promovem o pensamento progressista". O jornal frequentemente discutia a necessidade da unidade eslovena, e perto do final

590 *Kronika*, nº 1, 1992, p. 44-50.

591 Vasilj Melik, "Slovenski liberalni tabor in njegovo razpadanje", *Prispevek k zgodovini delavskega gibanja*, nº 1-2, 1982, citado de Godesa, *Kdor ni z nami*, p. 39.

de 1938, por recomendação de Ribnikar e seus colegas, um programa para a reeducação da sociedade eslovena foi publicado.

Outro indivíduo com ambições semelhantes era o Dr. Dinko Puc, um político de inclinação radicalmente democrática, que publicava a gazeta *Slovenska beseda* no começo de 1937, fazendo apelo por uma frente unida e progressista, mas não bolchevique. Um dos seus colaboradores era um conhecido socialista, Dr. Milan Korun, que acentuava que a questão nacional eslovena só poderia ser resolvida por eslovenos unidos.

Um rumo quase diametricamente oposto ocorreu na reconstrução do campo marxista. Depois de resultados inusitadamente favoráveis no início dos anos 1920, os comunistas eslovenos foram forçados a se retirar para a clandestinidade quando a Lei de Proteção da Segurança Pública e da Ordem Estatal foi adotada. Eles permaneceram formalmente ilícitos até a deflagração da Segunda Guerra Mundial, mas na realidade voltaram à arena política nos anos 1930. Uma década de profunda marginalização tinha levado a uma mudança de gerações na organização da rede partidária. Com o movimento da Frente Popular e um fim dos conflitos entre facções na última metade da década, um partido numericamente pequeno gradualmente fortaleceu sua influência sobre a vida política na Eslovênia. A nova corrente conseguiu reduzir o sectarismo e o dogmatismo partidário e aumentou assim seu poder mediante a suspensão temporária de *slogans* de classe mais radicais ou campanhas exageradas a favor da democratização da sociedade. Seu objetivo principal era enfatizar a diferença entre o fascismo e a democracia parlamentar e, ao mesmo tempo, priorizar mudanças nas concepções sobre o Estado iugoslavo. Acentuando o direito das nações à autodeterminação, o partido comunista tinha se adaptado à situação em curso.

Pelo jornal *Ljudska pravica*, os comunistas fizeram campanha por eleições democráticas e apelaram a todos os "trabalhadores

eslovenos" para juntar forças em uma frente eslovena unida na luta pela "igualdade nacional, democracia e uma vida melhor". Eles acreditavam que qualquer grupo que participasse desta frente unida teria de lutar por uma causa derivada exclusivamente da situação eslovena, atraindo solidariedade com e entre o povo esloveno. O programa conjunto "deve ser criado especialmente a partir de discursos dirigidos às multidões e mantendo contato direto com elas". No começo de 1935, *Ljudska pravica* publicou um pedido direto para o estabelecimento "da Frente de Todas as Forças Democráticas pela Liberdade do Povo Esloveno". O apelo acolhia o proletariado, os grupos associados com os jornais *Slovenska zemlja*, *Slovenija* e *Bojevnik*, defensores da liberdade e democracia do SLS, assim como os sociais democratas e os trabalhistas de esquerda. Estes propósitos levaram *Ljudska pravica* ao silêncio no começo de 1936, mas também reverberaram na esfera liberal e no movimento trabalhista camponês.

Em 1937, o círculo associado com *Slovenija* estabeleceu a Sociedade Eslovena, cujas atividades asseveravam que uma nação era uma comunidade orgânica de pessoas que repousava sobre uma cultura comum ao passo que um Estado era uma estrutura organizacional desenvolvida para servir a nação. A Sociedade Eslovena logo encontrou afiliados em todas as cidades mais importantes e coordenava conferências sobre assuntos da atualidade. Em 1938, ela instou energicamente a um acordo entre as nações iugoslavas para permitir aos signatários seguir o desenvolvimento autônomo. O movimento trabalhista-camponês seguiu um objetivo semelhante, com seu órgão representativo em Liubliana pedindo a pronta unificação de todas as forças democráticas do país e a organização de um governo concêntrico, a dissolução da Assembleia Nacional e eleições livres. A liderança do movimento acreditava que a recém-formada frente eslovena progressista, unida com as forças das nações irmãs croata e

sérvia, constituiria uma trincheira suficientemente forte contra qualquer ofensiva do fascismo internacional. Seus líderes também alcançaram conclusões semelhantes sobre os comunistas, isto é que "a existência nacional" não seria salva nem por regiões eslovenas específicas nem por partidos políticos, mas somente pela "nação eslovena unida".

O pedido comunista para se unir à Frente Popular suscitou uma reação muito mais morna dos socialistas, que tinham se envolvido em um amargo conflito com os comunistas desde o fim de 1935. Eram duas as razões: naquela época, os socialistas tinham lançado uma nova e ampla ação para formar uma frente unida socialista e trabalhista para agir como uma organização trabalhista independente e, de todo modo, os representantes socialistas achavam que a Frente Popular ou Eslovena não poderia jamais tornar-se uma associação genuinamente socialista. Em consequência, eles instruíram seus adeptos a unir-se a outros grupos democráticos na luta contra o fascismo, mas evitaram formar alianças formais com qualquer frente.

Os socialistas cristãos também seguiram seu caminho próprio. Depois de sua disputa em 1934 com a liderança do SLS, uma facção organizou a Associação dos Trabalhadores Unidos, enquanto a outra tentava estabelecer a Aliança Socialista dos Trabalhadores. Reiterando que não tencionavam ser a "segunda locomotiva" de ninguém, esta última também lutava para criar um partido socialista autônomo e criticava os comunistas como incapazes "de formular uma política própria". Portanto, nas demonstrações Pan-eslovenas da Frente Popular críticas acerbas eram feitas contra o governo Zivkovic em Belgrado, o que resultou em um aprofundamento da cisão com os comunistas. Não menos interessante, porém, foi a repetida autocrítica de ter deixado a discussão sobre a Eslovênia autônoma muito a cargo de "escritores e poetas que pensam que as nações e os povos vivem de palavras

graciosamente refinadas", esquecendo constantemente que "o destino de um trabalhador esloveno está vinculado com o destino do povo trabalhador de todo o mundo".

A esta altura os comunistas tinham tomado a direção oposta e priorizado a questão nacional. Um resultado desta mudança foi a formação de uma organização partidária nacional, o Partido Comunista da Eslovênia (KPS)[592], em 1937, que imediatamente deu atenção à situação nacional na Eslovênia. A declaração de criação apontava para o crescimento do fascismo e expressava pleno compromisso com a proteção dos direitos humanos e das liberdades. Os comunistas também reiteraram que uma Eslovênia unida e livre só poderia ser alcançada em uma aliança com as nações irmãs iugoslavas em um Estado federal. A declaração terminava com um apelo para a superação de divergências e brigas políticas mesquinhas e pela unificação de todas as forças democráticas que "trazem o destino da nação eslovena verdadeiramente próximo de seus corações". Este mesmo ano assistiu ao nascimento e à morte de um novo jornal comunista esloveno, dentro da legalidade, *Delaviski list*, cujas tarefas principais eram trabalhar pelas causas da classe trabalhadora eslovena e na luta contra qualquer forma de fascismo. Durante sua controvérsia com os socialistas, o jornal defendeu uma aliança do movimento dos trabalhadores com a população católica de orientação democrática; um mês depois, ele deu uma explicação abrangente sobre a diferença entre a Frente dos Trabalhadores Unidos e a Frente Popular. Antes do fim do ano, *Delavski list* tinha sido substituído por outro jornal, *Glas delavca*.

Contudo, as mudanças acarretadas pela troca de gerações eram mais bem encarnadas por Edvard Kardelj e seu livro *O Desenvolvimento da Questão Nacional Eslovena* (*Razvoj slovenskega narodnega uprasanja*). Para grande surpresa de seus contemporâneos,

592 Em esloveno: Komunisticna partija Slovenije (nota do tradutor do texto em inglês).

Kardelj, o líder mais importante dos comunistas eslovenos além de Boris Kidric, traçou um programa sem precedentes em sua clareza e consistência a respeito dos possíveis desdobramentos da questão nacional eslovena. Além disso, os dois homens conseguiram atrair seguidores completamente novos com um perfil de classe média ou clerical para os conceitos do partido. A subsequente conquista por eles de posições notáveis nos círculos acadêmicos e culturais durante os anos 1930 permitiram constante relacionamento com revistas liberais (*Sodobnost*, *Ljubljanski zvon*), editoras (*Hram*) e instituições (*Slovenska matica*)[593] a partir de 1935. Depois de três anos, eles assumiram os conselhos editoriais de *Sodobnost e Ljbljanski zvon*.

Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, independentemente de sua propalada expansão, o KPS mais uma vez comprovou ser uma organização bastante exclusivista. Especificamente no verão de 1940, ela desligou um grupo de estudantes que faziam apelos para alianças mais fortes com outras forças políticas. Em uma guinada muito irônica da sorte, o KPS baniu de suas fileiras defensores de posições que ele começaria a defender no ano seguinte, provando que, no fim das contas, o partido não era tão diferente de outros partidos contemporâneos. Durante esta época as preocupações sobre autonomia foram em grande parte postas de lado, até mesmo pelos associados, numericamente poucos (400 em 1935, 200 em 1937 e 800 no outono de 1940), mas revigorados e influentes membros da elite esquerdista. Também nos anos 1930, o conceito de "nação cultural", que devido a sua fraqueza numérica deveria "ativar todos os poderes espirituais para assegurar sua sobrevivência física", foi "excedido somente pelos radicais da esquerda e da direita", de acordo com o filósofo France Veber (*Nacionalismo e Cristianismo/ Nacionalizem in krscanstvo*)[594].

593 Sociedade Literária Eslovena (nota do tradutor do texto em inglês).

594 Igor Grdina, "Samopodoba Slovencev v XX. stoletju", p. 203.

Estes dois grupos eram compostos de marxistas menos ortodoxos e direitistas militantes. Os primeiros eram associados com a gazeta *1551* (e deram origem ao mote "Nem Moscou nem Roma, mas somente Liubliana") e com os comunistas, que apontavam para a natureza transitória do marco iugoslavo na análise famosa de Kardlj *O Desenvolvimento da Questão Nacional Eslovena* (*Razvoj slovenskega narodnega uprasanja*). Os militantes direitistas operavam no outro extremo do espectro ideológico e estavam associados com o periódico *Strada v viharju*. Os chamados Guardas da Tempestade visavam a integração da Eslovênia no contexto centro-europeu, mais precisamente em uma confederação católica pan-danubiana – e buscavam fervorosamente o exclusivismo confessional. Eles simplesmente não podiam imaginar uma Iugoslávia multirreligiosa como a solução final. Eles essencialmente buscavam e aperfeiçoavam as ideias desenvolvidas por Ivan Sustersic durante os meses finais da Primeira Guerra Mundial. No entanto, nenhum dos dois campos podia ultrapassar o radicalismo de Anton Novacan, que já tinha iniciado uma campanha por uma confederação republicana eslovena-croata--sérvia-búlgara nos anos 1920. Assim, até mesmo durante os anos 1930, a ideia de criar uma nação inteiramente independente não recebeu qualquer consideração séria. Na realidade, os eslovenos tinham melhor internalizado a conclusão de Radic de que, quando os gigantes entram em choque, os pigmeus, deviam se esconder embaixo da mesa[595].

A crise continua

O SLS tinha estado muito consciente deste fato e tinha duas vantagens decisivas sobre os radicais e os democratas: o sagaz Korosec e a habilidade de se apresentar repetidamente como o único representante genuíno dos interesses nacionais eslovenos,

595 Ibid., p. 203

a despeito de participar periodicamente do governo federal em Belgrado. Esta posição aparentemente continuou sem mudanças mesmo depois do assassinato do rei Alexandre, quando seu primo em primeiro grau, príncipe Paulo Karadjordjevic, tornou-se regente.

Não tendo recebido quaisquer instruções do rei Alexandre, o príncipe Paulo era um analfabeto político, buscando alcançar um acordo com a oposição na Eslovênia e na Croácia que tinha já fracassado durante o reinado do rei Alexandre. O SLS fez uma nova proclamação, deixando claro que suas exigências pela reorganização do Estado não deviam ser interpretadas como um ataque ao Estado iugoslavo existente. O partido negou qualquer afiliação com as atividades federalistas eslovenas ou as dos fascistas italianos, e o príncipe Paulo novamente encontrou seu principal parceiro de na oposição entre os croatas, agora liderados pelo sucessor de Radic, Dr. Vladko Macek.

O rei Alexandre aparentemente estava descontente com os resultados da democracia dirigida em geral, especialmente depois que dois primeiros-ministros radicais não tinham conseguido encontrar uma solução para o problema croata. Apesar da firme convicção do rei de que o federalismo levaria a constantes conflitos de jurisdição entre o parlamento nacional e o parlamento provincial na Croácia, ele reconsiderou encontrar com Macek depois de sua volta da França em outubro de 1934. De acordo com seus círculos mais confidenciais, ele estava profundamente convencido de que finalmente negociaria uma solução para a questão croata.

Mas os acontecimentos na verdade tomaram um rumo diferente. Durante sua visita à França, o rei Alexandre foi assassinado por um ativista, alegadamente próximo dos separatistas croatas. Apesar das especulações sobre se o moribundo Alexandre ainda tivera o tempo de dizer "protejam a Iugoslávia", seu assassinato despertou uma reação positiva no país e a tendência de dar à sua memória uma certa mística política heroica. Porém isto não tornou

a tarefa de governar nada mais fácil para seu sucessor. Como alguém que nunca tinha sido preparado para um papel de liderança, nem desenvolvido qualquer interesse pela política, o príncipe Paulo se achou em uma posição delicada tanto nas questões nacionais quanto nas internacionais.

Apesar disso, ele cedo demonstrou uma forte determinação de efetuar mudanças no reino. De acordo com Dragnich, ele compreendeu a grande importância de trabalhar com líderes políticos para encontrar algum tipo de acordo geral sobre a questão crucial da Croácia. Embora ele tivesse pensado em libertar Macek da prisão, ele também temia que sua decisão pudesse enfraquecer as políticas do falecido rei. Três meses depois da dissolução do gabinete, o príncipe Paulo nomeou um radical dissidente, Bogoljub Jevtic, como novo primeiro-ministro. Os primeiros atos de Jevtic, que se de declarou um leal defensor do programa de Alexandre de preservar a Iugoslávia, pareceram promissores. Além de conceder anistia a Macek, ele conseguiu reduzir as taxas de juros, destinando recursos para programas de obras públicas e declarou uma moratória nas dívidas dos camponeses. Depois que ele surpreendentemente renunciou devido a divergências que irromperam no gabinete depois que seu partido venceu a eleição, seus críticos o chamariam de homem de boa vontade e intenções sinceras, mas sem visão nem plano político. Alguns chegaram a alegar que ele se comportara como se a questão nacional não existisse, porque para ele não existiam sérvios, croatas ou eslovenos, mas só a Iugoslávia.

A renúncia de Jevtic forçou o príncipe Paulo a nomear um gabinete entre grupos que não estivessem envolvidos nem em conflito com os campos opostos, de modo que o gabinete se compôs de radicais, o Partido Popular Esloveno e a Organização Muçulmana Iugoslava. Sua escolha para primeiro-ministro foi Milan Stojadinovic, um jovem radical que tinha participado do gabinete anterior sem o consentimento do seu partido. Antes da

nomeação, o príncipe Paulo consultou Macek, que estava ainda disposto a cooperar, mas também pediu um gabinete neutro e uma pronta eleição para a Assembleia Constituinte. O regente e os radicais sérvios se opuseram à ideia e consideraram que a constituição não podia ser mudada antes que o rei Pedro II chegasse à maioridade. Por fim o gabinete incluiu indivíduos dos principais grupos políticos sérvios, eslovenos (Korosec) e muçulmanos, inclusive três croatas, o que mostrava algum apoio da Croácia.

O novo primeiro-ministro decidiu formar uma organização política, a União Radical Iugoslava (unindo o Partido Nacional Radical, o Partido Popular Esloveno e a Organização Muçulmana Iugoslava), para assegurar maioria no parlamento. Embora as promessas feitas por ocasião da conformação do gabinete ainda não tivessem sido postas em prática, a liberdade de expressão foi amplamente respeitada e a imprensa ficou livre para fornecer cobertura para os discursos e pronunciamentos da oposição. Até Macek teve oportunidade de pronunciar um discurso vigoroso no centro de Belgrado.

Esta descontração pretendia assinalar as intenções de Stojadinovic de criar uma atmosfera de confiança entre sérvios, croatas e eslovenos; embora tenha estado no poder por mais de três anos, ele deliberadamente não tocou na questão nacional. Como resultado, novas tendências separatistas na Croácia e na Eslovênia começaram a ganhar impulso. Macek, que tinha condenado as atividades separatistas várias vezes, na realidade contribuiu para o crescimento do nacionalismo croata ao permitir o estabelecimento de organizações paramilitares croatas. Se Stojadinovic não tinha pressa de resolver a questão croata, Macek se comportava da mesma forma. Com a Europa envolta na turbulência em torno da ascensão do fascismo, o líder croata acreditava que as tensões internacionais levariam a uma solução muito mais favorável para a questão croata do que ele antes poderia ter antecipado e ele estava

convencido de que negociações diretas com o príncipe regente produziriam maior sucesso.

Nesta época ele também pôs à mostra suas aspirações ditatoriais. Por exemplo, em manifestações políticas, muitos de seus adeptos usavam camisas verdes, sugerindo semelhanças com as camisas negras de Mussolini e as camisas marrons de Hitler. Embora negasse ambições autoritárias, vários membros de sua coalizão só permaneciam com ele porque temiam por seu futuro político. Stojadinovic, não obstante, mais uma vez fortaleceu sua posição na eleição seguinte, mas esta vitória foi de curta duração. Depois de uma pseudocrise em fevereiro de 1939, o príncipe Paulo o substituiu por Dragisa Cvetkovic, um membro do gabinete extinto. Embora Stojadinovic acreditasse que sua morte política tinha sido causada pelo desejo do príncipe e de sua mulher Olga de se tornarem rei e rainha da Iugoslávia, as razões verdadeiras eram a sua política exterior de acomodação com a Alemanha e a Itália e sua negligência em relação à questão nacional.

Cvetkovic, que tinha mudado a estratégia e, ainda mais importante, ouvido o conselho do príncipe Paulo, finalmente chegou a um acordo com Macek em agosto de 1939, apenas seis meses depois de ser nomeado primeiro-ministro. Uma variedade de complexos fatores políticos na Europa também o ajudou a conseguir este objetivo, inclusive o desmembramento por Hitler da Checoslováquia depois do Acordo de Munique com Chamberlain e a exploração por Hitler das tendências separatistas na Eslováquia, que mais tarde se tornou um regime títere sob o padre católico Josef Tiso.

O príncipe Paulo podia antever uma ameaça semelhante para a Iugoslávia e estava, pois, disposto a negociar diretamente com Macek, especialmente depois que este havia declarado que os croatas e sérvios deviam encontrar uma solução para a questão nacional dentro das fronteiras do Estado. A maioria dos partidos

sérvios também estava convencida de que as circunstâncias internacionais tornavam imperativo um compromisso com os croatas. Mas Macek permaneceu firme em sua exigência de que a Assembleia Constituinte elaborasse uma nova constituição e o príncipe continuou a se opor a mudanças constitucionais até que o rei Pedro alcançasse a maioridade. Além disso, os procedimentos prescritos para emendar a lei básica requeriam um longo processo e debates prolongados, o que seria imprudente à luz das tensões políticas na Europa. Por fim, contudo, uma base jurídica e constitucional para permitir concessões aos croatas sem alterar formalmente a constituição foi afinal encontrada no artigo 116. Sob circunstâncias excepcionais, tais como a guerra, mobilização, desordem ou distúrbios, ou rebeliões que pusessem em risco a segurança do Estado ou o interesse público, o rei podia "temporariamente tomar por decreto todas as medidas extraordinárias e necessárias, dispositivos constitucionais e legais, em todo o reino ou em uma de suas partes". A única limitação era que subsequentemente estas medidas deveriam ser submetidas ao parlamento para aprovação.

O príncipe Paulo e Macek, enfrentando problemas internacionais e domésticos, concordaram totalmente na necessidade de resolver imediatamente a questão croata. Antes das conversas formais, o príncipe tinha buscado averiguar a natureza e a extensão das exigências croatas através de um emissário de Macek, com o resultado único de tê-las julgado inaceitáveis de início. O príncipe Paulo sabia que os líderes muçulmanos se oporiam a retirar território da Bósnia como pedido pelas exigências territoriais croatas. Os líderes sérvios na Bósnia também sugeriram que qualquer plebiscito possível iria provavelmente acabar por abandonar mais um milhão de sérvios em uma nova unidade territorial croata. Os militares viam qualquer acordo federal como um fator de enfraquecimento considerável de sua

capacidade defensiva. Sob tais circunstâncias um acordo parecia impossível. Depois que o princípe Paulo recusou as exigências, Macek enviou uma mensagem ao ministro do Exterior italiano, conde Ciano, informando que ele não mais tencionava chegar a qualquer acordo com Belgrado. Ele pedia assistência especial para atividades separatistas com o objetivo de alcançar a independência croata. Em consequência, Mussolini aprovou um memorando de entendimento e forneceu também uma soma de 20 milhões de dinares (cerca de US$ 465 mil na taxa de câmbio de 1938). Mas Macek recusou, dizendo que estava mais uma vez envolvido em negociações com Belgrado.

Masek alegou posteriormente que os italianos tinham iniciado as conversas e admitiu que o projeto de acordo propunha que, no caso de uma guerra, o Partido Camponês Croata ficava obrigado a proclamar um Estado independente croata e buscar assistência imediata do exército italiano. Ele negou, como dizia o relatório de Ciano, que ele tivesse prometido no projeto promover uma revolução na Croácia. Por outro lado, ele voltou a usar a ameaça de apoio estrangeiro na esperança de extrair concessões de Cvetkovic, que o príncipe regente tinha mantido como primeiro-ministro principalmente porque o achou mais adequado para continuar as conversações com Macek. No começo de agosto de 1939, em uma entrevista com o *New York Times*, Macek declarou que a Croácia se separaria da Iugoslávia se não obtivesse autonomia, mesmo que isto levasse a uma guerra civil. Vinte dias depois da publicação da entrevista, o Acordo de Cvetkovic--Macek foi assinado. Após a aprovação do príncipe Paulo, o novo gabinete foi formado com Macek como vice-presidente e cinco outros membros de seu partido como ministros. Ambas as casas do parlamento foram dissolvidas e a coroa autorizou o gabinete a baixar uma nova lei eleitoral. Enquanto não houvesse eleições, o gabinete governaria por decreto.

Para os eslovenos, a parte mais importante deste processo foi um decreto real, um anexo ao acordo, que declarava que os dispositivos relativos à Banovina da Croácia (inclusive o amálgama de territórios ou outras alterações fronteiriças) poderiam ser estendidos a outras banovinas. Isto poderia presumivelmente assegurar o estabelecimento de unidades eslovenas ou sérvias.

O aspecto mais irônico das reformas foi que Macek e seu partido, que tinham conseguido se apresentar no ocidente como defensores da democracia, aceitaram uma ordem para perseguir os opositores do acordo. Também é irônico que Macek, que tenazmente insistira em 1936 que a Iugoslávia tivesse uma constituição, tenha sido um fator decisivo na adoção de emendas radicais a ela em 1939. Por fim, os croatas usaram um padrão duplo depois que o acordo foi assinado. Sem negar que os sérvios e outros tivessem demandas justificáveis de reorganização do Estado, eles insistiram em que a reorganização ocorresse só depois da eleição de um novo parlamento que ratificaria o acordo. Eles supostamente acreditavam que o estabelecimento de unidades eslovenas e sérvias impediria a obtenção das suas exigências adicionais. Além disso, logo depois da assinatura do acordo, dois documentos contraditórios refletiram as atitudes croatas. Enquanto a liderança expressou completa satisfação com a implementação do acordo por Cvetkovic e pelo governo central em uma circular enviada aos escritórios do partido, o outro documento, que circulou simultaneamente, continha mensagem completamente diferente. Carimbado como estritamente confidencial, mas sem um selo do partido ou assinatura de Macek, afirmava que, ao assinar o acordo, o Partido Camponês Croata não desistira da ideia de uma Croácia independente. Pelo contrário, o acordo era um primeiro passo para a sua criação e tinha alcançado dois objetivos: tinha destruído a integridade do Estado e forçado o governo a se afastar da unidade nacional, destruindo assim os fundamentos da Iugoslávia.

Como o gabinete continuamente adiava a eleição de um novo parlamento nacional, o acordo nunca foi sancionado constitucionalmente. As reações dos partidos políticos foram variadas. Os que tinham colaborado com Macek no passado se sentiram traídos, embora não o tenham manifestado imediatamente; outros, inclusive o SLS, se dividiram. Os comunistas ilegais afirmaram que o acordo era um conjunto de "concessões menores, principalmente favoráveis à burguesia croata" e assim "pouco contribuíam para satisfazer as aspirações básicas nacionais e sociais do campesinato e de outras massas croatas, para não falar da questão nacional na Iugoslávia como um todo. Ao assinar o acordo, a liderança do Partido Camponês Croata completou sua decisão de se aliar não com as forças democráticas contra os pilares reacionários do regime antipopular, mas sim com o estabelecimento reacionário governante e contra o povo"[596].

Porém, o problema principal não eram os comunistas, mas a organização militante terrorista croata, a Ustase[597], liderada por Ante Pavelic. Embora Macek se inclinasse para buscar a solução para a questão croata dentro do quadro da Iugoslávia, muitos de seus seguidores na Croácia estavam sob a crescente influência da Ustase, que incialmente teve sua base na Itália. Com seus ferozes ataques contra Macek e o acordo, a organização ganhou cada vez mais seguidores, principalmente porque o conjunto do acordo tinha determinado que os dispositivos relativos à Banovina da Croácia podiam ser estendidos a outras unidades. Para este fim, comissões foram na verdade criadas para redigir os decretos criando as unidades sérvia e eslovena. Uma das razões para a

596 Edvard Kardelj, *Tito and Socialist Revolution of Yugoslavia*. Belgrado: Socialist Thought and Practice, 1980, p. 30.

597 Os Ustase (Insurretos) eram uma organização croata extremamente nacionalista que buscou criar um Estado croata independente. A organização foi fundada em 1929 e liderada por Ante Pavelic. Foi dissolvida em 1945.

incapacidade de agir foi a disputa em torno da fronteira entre as regiões croata e sérvia.

Por outro lado, o tempo para resolver tais questões pacificamente já estava se esgotando. O acordo foi assinado em agosto e a Segunda Guerra Mundial eclodiu em setembro. A Polônia foi logo derrotada e a Bélgica, os Países Baixos e a França capitularam na primavera de 1940, deixando à Iugoslávia poucas alternativas verdadeiras. A rápida queda da França foi um choque severo. Os britânicos não estavam em posição de oferecer apoio, mas esperavam que o governo iugoslavo e seu exército rejeitassem as pressões nazistas para se unir ao Pacto Tripartite de Alemanha, Itália e Japão. Os croatas e eslovenos eram a favor de assinar o pacto, enquanto os sérvios, inclusive Cvetkovic, eram contra. Esta opinião era compartilhada pelo primeiro-ministro britânico Winston Churchill, que tentou persuadir o príncipe Paulo de que a neutralidade não era suficiente. As negociações com a Alemanha se arrastaram até março e Hitler ficou impaciente. O príncipe Paulo e Cvetokic, sabedores de que a entrada na guerra significaria cometer um suicídio nacional, finalmente assinaram o pacto – mas só depois de solicitar concessões que anteriores signatários balcânicos gostariam de ter podido formular. Cvetkovic recebeu três breves notas assinadas pelo ministro do Exterior alemão, prometendo que a Alemanha respeitaria a soberania iugoslava "para sempre", que as potências do Eixo "não pediriam durante a guerra que a Iugoslávia permitisse que tropas marchassem ou fossem transportadas pelo território iugoslavo", e que a Itália e a Alemanha não pediriam à Iugoslávia qualquer assistência militar, deixando aberta a possibilidade de que a Iugoslávia pudesse ainda achar do seu interesse oferecer ajuda.

A tinta estava ainda úmida no documento quando, na noite de 26 para 27 de março, um golpe militar depôs o gabinete de Cvetkovic-Macek. Os líderes do golpe declararam a maioridade do

rei Pedro e depuseram o príncipe Paulo como regente. O novo primeiro-ministro, general Dusan Simovic, declarou que o novo gabinete cumpriria todos os acordos internacionais assinados pela Iugoslávia. Uma semana depois, Hitler ordenou um ataque maciço que pôs fim à existência do primeiro Estado iugoslavo. Não há, pois, como saber se o acordo Cvetkovic-Macek chegou a ser um potencial primeiro passo para o estabelecimento de um sistema político viável.

Uma nação dilacerada: a Segunda Guerra Mundial na Eslovênia

Depois do golpe de Estado em Belgrado e das demonstrações em massa contra a entrada da Iugoslávia para o Pacto Tripartite, Hitler decidiu destruir a Iugoslávia como potência militar e como Estado. A rapidez de sua reação sem dúvida mostra que os planos para uma possível "intervenção" nos Balcãs ocidentais já tinham sido traçados. A única mudança que de fato ocorreu em vista dos acontecimentos que sobrevieram foi a sequência de operações. Antes do ataque contra a Iugoslávia, a Alemanha deu apoio aos italianos, que foram recuados pelos gregos para dentro da Albânia no outono de 1940. As tropas destinadas a atacar a Grécia foram assim postas em alerta total na Bulgária, de onde mais tarde lançaram seu ataque contra a Iugoslávia, com os búlgaros atacando a partir do leste. Hitler mandou as forças remanescentes desde a Europa Ocidental. A Eslovênia sofreu um ataque violento por forças alemãs pelo norte e nordeste e do 2º exército italiano pelo oeste.

A iniciativa estratégica estava nas mãos do comando supremo alemão, que previu uma incursão mais profunda na Eslovênia depois que os exércitos tivessem avançado mais em direção a Zagreb. O objetivo principal era cortar o corpo principal do 7º exército iugoslavo, mas esta precaução comprovou-se desnecessária, pois

foram suficientes apenas quatro dias para ocupar todo o território da Eslovênia. O súbito colapso da defesa iugoslava, porém, surpreendeu tanto os atacantes quanto os atacados. As duas forças ocupantes se reforçaram para uma feroz e prolongada resistência, no entanto, como veio a ocorrer, toda a operação se completou em onze dias. O exército iugoslavo se rendeu no dia 17 de abril e várias centenas de milhares de soldados foram feitos prisioneiros. Nesse ínterim, a Ustase tinha proclamado o Estado Independente da Croácia (NDH)[598] e selado assim de forma irreversível a sorte do Estado que tinha começado a se desintegrar muito antes da invasão.

Na Eslovênia, ocupada pela Hungria, Alemanha e Itália, a administração militar subsequente não correspondeu às áreas da operação de abril, pois os húngaros não entraram na sua zona de ocupação em Prekmurje e Medzimurje até um dia antes da rendição do exército. Por outro lado, seria bastante errôneo afirmar que o território esloveno fora dividido entre os estados ocupantes, uma vez que estes últimos não tiveram qualquer conferência para negociar a questão. "Que parte da Iugoslávia seria dada a quem era uma decisão a ser tomada por Hitler sozinho. E assim foi. Primeiro em 27 de março e afinal em 3 e 12 de abril, de seu quartel-general provisório em Mönichkerchen, Wiener Neustadt, Hitler emitiu a "Diretiva Vigente sobre a Partilha da Iugoslávia"[599]. Segundo a sua decisão, a Alemanha obteve todo o território da Estíria eslovena, a parte norte da Carníola Superior, o vale de Mozica, a área de Dravograd e a porção noroeste de Prekmurje. A Itália recebeu Liubliana, com a maior parte da Carníola Interior e inferior. A Hungria obteve uma parte substancial de Prekmurje. Os eslovenos tinham perdido toda a esperança de ficar dentro de uma só zona de ocupação como era expectativa do Conselho

598 Em croata: Nezavisna drzava Hrvatska (nota do tradutor do texto em inglês).

599 Tone Ferenc, *Okupacijski sistemi na Slovenskem 1941-1945*. Liubliana: Mondrijan, 1997, p. 7.

Nacional, fundado em abril sob a direção do até então Ban (vice-rei) Dr. Marko Natlacen. Seus membros, representantes de todos os partidos eslovenos, à exceção dos comunistas, correram para os alemães em Celje, implorando-lhes que ocupassem também a parte oeste da Eslovênia.



Figura 43. Hitler em Maribor, 1941. A Criação da Eslovênia, p. 65

A Eslovênia permaneceu dividida em três unidades administrativas provinciais com suas sedes localizadas principalmente fora do território nacional esloveno. Os alemães subdividiram sua zona em duas unidades administrativas governadas a partir das sedes em Maribor (para a Estíria Inferior) e Bled (para os "territórios ocupados da Caríntia e Carníola). Os húngaros simplesmente anexaram seus ganhos territoriais aos condados de Vas (Hun: Vasvármegye) e Zala (Hun: Zalamegye). Somente a unidade administrativa italiana manteve sua sede em Liubliana. Em maio, acordos especiais interestatais foram concluídos para a partilha da Eslovênia – exceto para os acordos entre a Alemanha

e a Hungria e entre a Hungria e o Estado Independente da Croácia, depois de seu fracasso em alcançar um compromisso a respeito da fronteira em Medzimurje. Todas as quatro forças que ocupavam a Iugoslávia, no entanto, tentaram anexar formalmente os territórios ocupados a seus respectivos estados. Na Eslovênia, este plano, que seria executado logo em 1941, foi obstruído pelo movimento de resistência. Os mais bem-sucedidos foram os italianos, que, em maio de 1943, incorporaram a província de Liubliana, governada pelo Alto Comissário Emílio Grazioli (e mais tarde Giuseppe Lombrassa e o general Riccardo Moizo). Eles também constituíram um conselho consultivo composto de catorze eslovenos. Devido à carência de seu próprio pessoal, os italianos mantiveram a maioria dos funcionários eslovenos na administração, colocando-os sob a supervisão de "peritos" italianos e a direção de fascistas italianos.

Os chefes (*Gauleiter*) da administração civil alemã da Carníola Superior e Estíria eram diretamente responsáveis perante Hitler. Sua primeira e principal tarefa era uma veloz "germanização do povo e da terra" (junto com a expulsão dos "elementos e intelectuais politicamente carregados" e a pronta "germanização dos Windisch"). Os alemães deram a sua zona de ocupação a mesma condição da Alsácia, Lorena e Luxemburgo. As duas províncias foram anexadas ao mesmo tempo a pedido dos chefes de ambas as unidades administrativas (Sigefried Überreiter em Maribor e Franz Kutchera em Bled, mais tarde sucedido por Friedrich Rainer). Porém, a questão da cidadania da população dentro dos territórios ocupados permaneceu aberta até sua solução em Berlim em 14 de outubro de 1941. A anexação foi adiada por pelo menos duas razões: a primeira pela lenta deportação dos "elementos indesejáveis" e a segunda pela resistência dos guerrilheiros. Rainer propôs o último adiamento da anexação após a esmagadora derrota sofrida dos guerrilheiros na Carníola Superior, até que finalmente todos os planos foram abandonados. Ambas as províncias continuaram a

ser governadas por chefes de administração civil que transferiram suas sedes para Klagenfurt e Graz. O distrito administrativo foi assim inteiramente sob controle alemão, ao passo que a administração municipal (na ausência de clérigos alemães) foi deixada principalmente nas mãos de prefeitos eslovenos. Ainda que a anexação não tivesse sido formalmente realizada, os alemães gradualmente eliminaram todas as fronteiras entre as províncias eslovenas e austríacas, ao passo que os italianos mantiveram a polícia e a alfândega nas fronteiras que coincidiam com a antiga fronteira traçada pelo Tratado de Rapallo. A Hungria tinha anexado Prekmurje sem delongas.

Todos os estados ocupantes compartilhavam uma determinação clara de assimilar os eslovenos. Como coloca Ferenc, este não era um cenário clássico do Holocausto, mas um método combinado de deportação, assimilação e destruição, em que os nazistas se mostraram de longe os mais impacientes. Já em abril, quando Hitler pronunciou sua famosa frase "Machen sie mir dieses Land wieder deutsch"[600]. Hitler apresentou a seus chefes um programa de (1) deportação em massa de eslovenos; (2) assentamento maciço de alemães; e (3) rápida e total destruição daqueles que decidissem permanecer em suas casas. Sob diretivas assinadas no mesmo mês por ninguém mais que o Comissário de Estado para a Consolidação da Nação Alemã, Heinrich Himmler, "220 mil a 260 mil eslovenos – ou o equivalente a um terço de todos os eslovenos que habitavam a zona de ocupação alemã – deveriam ser deportados dentro de um período de cinco meses, de maio a outubro de 1941"[601]. Ainda que tais deportações maciças fossem quase impossíveis de serem executadas durante o tempo de guerra, os nazistas seguiram adiante com a deportação dos "elementos hostis aos alemães – intelectuais, como também pessoas influentes e de mentalidade

600 Faça esta terra novamente alemã para mim (traduzido para o inglês no texto original).

601 Tone Ferenc, *Okupacijski sistemi*, p. 13.

muito nacionalista, [...] pós-1914 imigrantes, [...] populações fronteiriças, (e) os que ou se recusavam a se registrar com as organizações de desnacionalização ou fossem, por razões raciais, políticas ou de hereditariedade médica, por elas recusadas"[602].

A maioria dos deportados era mandada para a Sérvia (ao sul do rio Drava); os que fossem considerados adequados à germanização eram mandados para o chamado "Velho Reich". Além disso, antes do fim de 1941, os alemães executaram um recenseamento único. Com base em suas estimativas, eles planejaram povoar sua parte do território esloveno com 80 mil imigrantes, mas só conseguiram assentar 15 mil. Eles se comprovaram um pouco mais eficientes na deportação: mais de um terço dos indesejáveis foram expulsos, a maioria para a Alemanha (cerca de 46 mil) e o resto para a Sérvia (7.500). Aproximadamente 10 mil pessoas foram mandadas para a Croácia, destino inicialmente rejeitado por Hitler para deportações por ser muito próximo da pátria dos deportados. As deportações afetaram muito as áreas ao longo dos rios Sava e Sotla, de onde a população eslovena foi quase completamente retirada. Em números absolutos, os nazistas deportaram mais pessoas do território ocupado esloveno do que de qualquer outra zona de ocupação na Europa[603]. A germanização foi, portanto, marcada por dois processos simultâneos: a destruição planejada e brutal de tudo que pudesse elevar, manter ou fortalecer a consciência nacional eslovena e sua base material e a rápida e sistemática introdução e disseminação de tudo que desse uma imagem germânica à terra e mudasse a estrutura de nacionalidade de sua população. Portanto, com o propósito de alcançar tão cedo quanto possível a Ümvolkung, os alemães imediatamente se puseram a demolir todos os sinais escritos em esloveno, arruinar a imprensa em esloveno, (inclusive os livros de orações), a dissolver sociedades,

602 Ibid., p. 13.

603 Esta conclusão também deve muito a Tone Ferenc. Ver: Tone Ferenc, *Okupacijski sistemi*, p. 14.

organizações, associações e fundos e a confiscar propriedade eslovena. Ao mesmo tempo, escolas e jardins de infância alemães foram fundados, os nomes de pessoas e praças mudadas e uma série de sociedades e organizações de desnacionalização surgiram: a Liga da Pátria Estíria (*Steierischer Heimatbund*); a Liga Popular Carintiana (*Kärtner Volksbund*), incorporando as associações previamente existentes conhecidas como União Cultural Suábio-Alemã (*Scwäbisch-deutscher Kulturbund*); Juventude Alemã (*Deutsche Jugend*) na Baixa Estíria; Juventude Hitler (*Hitler Jugend*) na Carníola Superior e no vale Mezica; formações paramilitares (*Wermannschaft*) e, em 1942, até recrutamento nas forças armadas alemãs. Nem mesmo a Igreja deixou de ser afetada. Os alemães primeiro expulsaram a maioria do clero esloveno e depois proibiram o culto em esloveno e latim. Instituições públicas eram cobertas com cartazes portando *slogans* como "Você não é um esloveno! Você não é um estírio! Você é um membro da grande comunidade alemã! Você vai se tornar um alemão puro sangue!". A situação era um pouco mais suportável só na Carníola Superior, onde o ensino em esloveno era permitido em algumas escolas, ainda que uma filial da NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) tivesse sido criada ali muito cedo.

As políticas italianas de assimilação pareciam consideravelmente menos brutais. Como a população na província de Liubliana pôde preservar as instituições eslovenas (universidade, escolas, teatro, autoridades judiciais não criminais e administração local), os italianos tiveram uma reação bastante favorável da *intelligentsia*. A situação também se tornou mais tolerável com o comitê consultivo do alto comissário ou "consulta" e a administração bilíngue[604]. Por outro lado, os eslovenos mostraram

604 Em 23 de janeiro de 1943, as autoridades nacionais de ocupação chegaram a negociar a admissão da Academia (eslovena) de Ciências e Artes ao Conselho Italiano de Academias (*Consiglio nacionale del Academie*). O presidente da ASA, Milan Vidmar, e o secretário-geral, Fran Ramovs, compareceram assim à Assembleia Geral em Roma.

muito menos entusiasmo com o estabelecimento de organizações fascistas subsidiárias, como a *Dopolavoro*[605] (Seção para Donas de Casa e Empregadas Domésticas Rurais) ou a Juventude Lictoriana[606] de Liubliana (GILL), que eram dirigidas pelo ramo esloveno do partido fascista, fundado em 1941. Estas condições mudaram rapidamente com o fortalecimento do movimento de resistência, e os órgãos italianos traçaram planos que cada vez lembravam mais a conduta alemã na Estíria (deportações em massa, colonização italiana, italianização da vida secular e cultural).

A situação em Prekmurje era menos desconcertante. Logo que a província foi anexada pela Hungria, todos os imigrantes do Litoral (cerca de 600) que tinham se fixado lá em 1919 foram banidos da área. A língua que prevalecia nas escolas era o húngaro, algumas vezes complementado com o dialeto esloveno prekmuriano. Os húngaros também promoveram uma diligente hungarização, tendo degradado os eslovenos, como Wenden[607], desde o início.

A violência causada pela ocupação em si foi relativamente cedo seguida por brutais retaliações por ações do movimento de resistência. Porém, devemos dar atenção primeira a uma advertência formulada por Tone Ferenc, que é considerado uma das principais autoridades na história dos sistemas de ocupação:

> *Ainda que muito já tenha sido escrito sobre a ocupação da Eslovênia, muitos ainda estão convencidos de que a violência do ocupante foi provocada exclusivamente pela*

605 Uma instituição fascista que organizava atividades de lazer (nota do tradutor do texto em inglês).

606 NT: O dicionário Novo Aurélio define lictor como: "Oficial que, na antiga Roma, acompanhava os magistrados com um molho de varas e uma machadinha para as execuções da justiça". O feixe (*fasce*) de varas e a machadinha foi um dos símbolos do fascismo.

607 NT: Nome dado indistintamente desde a antiguidade a eslavos que habitavam as proximidades de terras germânicas.

resistência contra ele. As forças alemãs cometeram atos da mais feroz brutalidade antes que o movimento de resistência tivesse nascido, quando em maio de 1941, somente vindos da Baixa Estíria [...] 583 pessoas com doenças mentais e deficiências físicas foram transferidas para o campo da morte em Hardheim perto de Linz e assassinadas. Deportações sistemáticas de eslovenos do território anexado pela Alemanha também começaram antes do aumento da resistência. Houve certamente outras medidas, embora menos brutais, destinadas a exterminar a entidade nacional eslovena na primavera de 1941. Os nazistas teriam sem dúvida executado algumas de suas medidas brutais de uma maneira ainda mais rápida e eficaz se não existisse a luta nacional para a libertação eslovena. Ao reprimir [...] a resistência, os ocupantes recorreram a todas as formas possíveis de violência, parcialmente por razões preventivas e principalmente por razões retaliatórias: superlotando as prisões existentes e construindo novas ([...] , com cerca de 35 mil pessoas), arrebanhando pessoas para os campos de concentração [...] 20 mil em campos italianos e mais de 10 mil em campos alemães), fuzilando reféns (o ocupante alemão exterminou 194 grupos com 2.860 reféns e o italiano 21 grupos com 145 reféns, queimando casas e centenas de aldeias inteiras, fuzilando homens das aldeias e amontoando seus corpos nos fogos; o fato de que até mesmo crianças tenham sido massacradas é confirmado pelos casos nas aldeias de Lipe, na região de Cicarja, e na aldeia de Orehovice, perto de Izlake; durante a deportação, as crianças eram arrancadas de seus pais (cerca de 600 "crianças roubadas"), etc. A amplidão e ainda mais a brutalidade da violência

dos ocupantes marcou a ocupação como uma de suas mais fundamentais características[608].

O começo da resistência

De certo modo, os eslovenos já tinham se mostrado dispostos à resistência durante a invasão. À medida que o exército italiano avançava para perto de Liubliana, cada vez mais voluntários de todas as vertentes políticas saíram de Liubliana para Novo Mesto no sul, onde as condições se tornaram tão caóticas que o comando militar os redirecionou para Zagreb. O primeiro a achar sua direção em termos de organização foi o Comitê Central do Partido Comunista da Eslovênia (CK KPS)[609], que, percebendo o inevitável colapso da defesa, ordenou a seus membros que começassem a recolher armas e equipamentos deixados pelo exército iugoslavo na sua retirada. É interessante que o Comitê Central "Federal" ou Iugoslavo tenha criticado esta ação, o que, como ocorre depois com frequência, se devia a uma grave falta de percepção sobre a situação específica na Eslovênia. Apesar disso, nove dias depois da rendição, a Frente de Libertação da Nação Eslovena (antes chamada "Frente Anti-Imperialista") foi organizada em Liubliana.

A reunião dos fundadores, convocada pelo CK KPS, proclamou uma "luta pan-nacional": (1) contra o desmembramento e escravização da Eslovênia, pela independência e unificação da nação eslovena (Eslovênia Unida); (2) pela unidade e unanimidade das nações escravizadas da Iugoslávia e de todas as nações balcânicas, por uma comunidade fraternal de nações livres e iguais; (3) contra a guerra imperialista, pela paz sem anexações e indenizações baseada no direito à autodeterminação de todas as nações, inclusive o direito de secessão e unificação com outras nações; (4) contra a destruição dos meios de subsistência dos eslovenos;

608 Tone Ferenc, *Okupacijski sistemi*, p. 21-22.

609 Em esloveno: Centralni komite Kommunisticne partije Slovenije (nota do tradutor do texto inglês).

(5) contra o terror e a perseguição, contra as condições excepcionais da ocupação, contra a desnacionalização e o deslocamento da nação eslovena. A reunião teve também a presença de representante do campo socialista cristão, composto de dois grupos não relacionados: a Associação Profissional Iugoslava e um grupo de estudantes católicos. Ambos tinham tido um papel crucial no movimento de resistência, especialmente ao atrair uma porção considerável da população e *intelligentsia* católicas para o movimento e assim pelo menos parcialmente mantendo a continuidade da política anterior à guerra. Também se encontravam no grupo fundador um grupo de intelectuais socialistas cristãos (que tinham por outra parte pouco em comum com o socialismo cristão clássico), uma facção democrática da sociedade Sokol e um grupo de trabalhadores culturais progressistas eslovenos.

Os intelectuais socialistas cristãos, que também se chamavam Cruzados, não devem ser confundidos com a Associação Iugoslava de Peritos. Um dos mais importantes representantes deste grupo era Edvard Kocbek, que criticou severamente a diocese de Liubliana por se ajoelhar diante do militarismo, capitalismo e nacionalismo no momento mais crucial. Além disso, Kocbek estava convencido de que "a única salvação para os eslovenos estava na imediata resistência armada contra o inimigo". Em sua opinião, a nação estava fadada a "sangrar de todo modo; portanto seria mais honroso e benéfico sangrar conscientemente do que passivamente"[610]. France Vodnik defendia opiniões semelhantes, mantendo que a plataforma fundamental para a criação cultural não era o catolicismo mas a nacionalidade e que o povo esloveno constituía uma comunidade nacional unificada, tornando assim um dever unir todas as forças criativas eslovenas independentemente de suas visões sobre o mundo.

610 Citado a partir de Bojan Godesa, "Temeljne tocke Osvobodilne fronte". In: *Slovenska kronika XX. stoletja 1941-1995*, ed. Marjan Drnovsek, France Rozman & Peter Vodopivec. Liubliana: Nova revija, 1996, p. 22.

A facção pró-democrática da sociedade Sokol pertencia à velha tradição dos ginastas, que também na Eslovênia está encarnada no aluno de Masaryk, Dr. Miroslav Tyrs[611]. O papel mais importante na direção desta organização, tal como entre os socialistas cristãos, era desempenhado pela juventude, neste caso os membros das sociedades estudantis Triglav e Jovem Triglav. A elas se uniram trabalhadores culturais "progressistas" que representavam todos os autores literários importantes da época.

Além dos antes mencionados grupos "fundadores", a Frente de Libertação (OF)[612] abarcava uma longa lista de outras organizações depois de 26 de abril de 1941. Incluía a Sociedade de Meninos e Meninas Camponeses, uma facção antes associada com o jornal *Slovenska zemlja*, uma facção do Partido Cristão Esloveno (SKS), o grupo Stara Pravda, o antigo Partido Popular Esloveno, assim como vários grupos de oficiais ativos, emigrantes estírios, voluntários e numerosas outras sociedades. A OF finalmente compreendia cerca de 20 grupos com seus próprios representantes.

A estrutura organizacional da Frente de Resistência (OF)

A OF era dirigida pelo Plenário Supremo e seu órgão executivo era o Comitê Executivo (IOOF)[613], composto dos representantes dos grupos fundadores. O Secretariado do IOOF, contudo, também incluía um representante do Partido Comunista da Eslovênia e representantes dos socialistas cristãos e dos Sokoli (Falcões). Um mês depois da reunião dos fundadores, comitês provinciais foram organizados, primeiro na Estíria e depois para o Litoral, a Carníola Superior e a Caríntia. Comitês de menor hierarquia para áreas e terrenos operavam nos níveis locais.

611 Miroslav Tyrs foi o fundador da sociedade Sokol checa, que influenciou de maneira importante a formação da sociedade Skol eslovena.

612 Em esloveno:Ozvobodilna fronta (nota do tradutor do texto em inglês).

613 Em esloveno: Izvani odbor Osvobodilne fronte (idem).

A terceira e quarta sessões plenárias são especialmente dignas de atenção. A terceira adotou a decisão de constituir o Comitê Nacional Esloveno de Libertação (SNOO)[614], autorizou três atividades fundamentais (obter voluntários para juntar-se aos guerrilheiros; expandir a rede organizacional da OF; lutar contra traidores nacionais e elementos indisciplinados dentro da OF)[615] e decidiu comemorar o estabelecimento do primeiro governo esloveno em 29 de outubro de 1918. Ainda que todas as decisões fossem de notável importância para desdobramentos futuros, a terceira tarefa (lutar contra traidores nacionais) contribuiu para a desintegração do amplo apoio ao OF no começo de 1942. Se em outubro de 1942 a população de Liubliana ainda tinha se juntado maciçamente à iniciativa de permanecer em suas casas depois de 19 horas, esta unidade evaporou-se rapidamente com as primeiras eliminações de "traidores nacionais".

As decisões de novembro adotadas na quarta sessão plenária foram assim algumas das últimas ações unânimes do movimento, a despeito de acalorada discussão sobre a continuidade do antigo Estado e se a Iugoslávia após-guerra deveria ser reconstruída como tinha sido antes da ocupação. Os participantes finalmente concordaram em um compromisso (sob o item 3) que

> *em vista da natureza e do destino comum da comunidade de nações iugoslavas, a Frente de Libertação não aceita o desmembramento da Iugoslávia e fará todos os esforços para manter a unidade e a unanimidade das nações da Iugoslávia. Ao mesmo tempo, tomará todas as medidas*

614 Em esloveno: Slovenski narodnoosvobodilni (idem).

615 A tarefa de lutar contra traidores nacionais tornava mais legítimas as operações do Serviço de Segurança e Inteligência, que tinha sido estabelecido na segunda sessão plenária da OF (28 de julho) de acordo com o "Decreto sobre a Proteção da Nação Eslovena e seu Movimento de Libertação e Unificação".

necessárias para integrar as nações eslavas, a partir do principio do direito de cada nação à autodeterminação[616].

Infelizmente, o último ponto relativo ao exército nacional não alcançou um consenso. Em um relatório sobre seus primeiros seis meses de ação, a OF aumentou sua ameaça de punir todos que agissem contra ela.

O partido comunista, por outro lado, já havia começado a organizar suas primeiras formações de combate em junho, imediatamente após sua conferência, que tinha sido também assistida pela chamada Comissão Militar. Nesta mesma sessão, Kardelj anunciou o ataque da Alemanha contra a União Soviética, o que também significava o início da resistência armada na Eslovênia.

Os resultados da desunião geral, que se aprofundou na virada de 1941-1942, foram devastadores. Os eslovenos, que Kocbek descreveu em 1943 como "pessoas que nunca resolviam a contradição entre cativeiro e imaginação, entre pobreza e habilidade, entre provincianismo e intuições grandiosas... [e como o povo que] dançava todas as danças macabras e pecava em todas

616 Os demais oito pontos (dois foram adotados em 21/12/1941) tinham o seguinte teor: "1. Uma ação impiedosa deve ser executada contra o inimigo. 2. Esta ação representa o fundamento da libertação e unificação de todos os eslovenos. 3 Compreendendo a comunidade das nações iugoslavas como natural e histórica, a Frente de Libertação não reconhece o desmembramento da Iugoslávia. Fará todos os esforços para lutar para o bom entendimento e unidade de todas as nações iugoslavas. Ao mesmo tempo, se esforçará a favor da união de todas as nações eslavas sob a liderança da grande nação russa com base no direito de todas as nações à autodeterminação. 4. Pela ação de libertação e a ativação das massas eslovenas, a Frente de Libertação transformará o caráter nacional esloveno. As massas que lutam por seus direitos nacionais e humanos criarão uma nova forma de condição eslovena ativa. 5. Todos os grupos que participam da Frente Nacional de Libertação se comprometem a serem leais uns com os outros. 6. Depois da libertação nacional a Frente Nacional de Libertação assumirá o poder sobre todo o território esloveno. 7. Depois da libertação, a Frente de Libertação introduzirá uma genuína democracia popular. Todas as questões além do âmbito da libertação nacional serão, depois da libertação, tratadas pelo povo e de uma forma genuinamente democrática. 8. De acordo com as solenes declarações de Churchill, Franklin D. Roosevelt e Stalin (a Declaração Atlântica), a nação eslovena determinará, depois da libertação, a ordem interna da Eslovênia Unida e suas relações internacionais. A Frente de Libertação asseverará por todos os meios e defenderá o direito básico da nação eslovena. 9. O Exército Nacional no território nacional será formado pelas tropas de libertação nacional e de defesa nacional, à qual todos os eslovenos conscientes de sua nacionalidade estão convidados a se juntar".

as nossas peregrinações [...]" tinha aparentemente se tornado mais uma vez "[...] tragicamente dividido e irrecuperável"[617].



Figura 44. Ocupantes executando reféns. A Criação da Eslovênia, p. 67

Quão certo ele estava tornou-se evidente pelos acontecimentos depois das primeiras execuções, quando pela segunda vez no século XX os eslovenos foram varridos por uma poderosa onda de politização. A desunião nacional foi melhor demonstrada pelo juízo a respeito de quão radical devia ser a postura a ser tomada contra os ocupantes. A ala direita considerava que o território esloveno não tinha qualquer significado para o resultado final da guerra e, apesar da violenta germanização da Estíria, optou por uma colaboração ostensiva. A ala esquerda, liderada pelos comunistas, organizou o movimento de resistência. A colaboração

617 Ivo Banac, *The National Question*, p. 340.
NT: Esta série de frases, retirada do livro de Banac acima citado, faz parte de uma análise sobre os Populistas Católicos Eslovenos, que se estende sobre a "psicologia ou o caráter dos eslovenos". Citado desta maneira, isoladamente, há trechos de difícil compreensão, como, p. ex., a referência a "dançava todas as danças macabras e pecava em todas as nossas peregrinações".

era o resultado das execuções dos opositores políticos da OF e, em especial, do uso pelos comunistas de métodos coercitivos para promover a militância, o que compreensivelmente deixava a burguesia tradicional (que não admitia qualquer forma de resistência armada) se sentindo seriamente ameaçada. Contudo, a decisão de voltar-se para os ocupantes (embora a princípio predominantemente os italianos) para apoio e para estigmatizar todo o movimento como comunista, ainda que compreendesse principalmente católicos, logo se comprovaria lamentavelmente míope[618].

O movimento de resistência e a colaboração

Antes que a atmosfera política na Eslovênia se tornasse completamente polarizada, as primeiras formações guerrilheiras (as companhias Molnik, Mkrc, Ribnica e Borovnica) tinham surgido em torno de Liubliana em julho de 1941. Eles recebiam apoio da retaguarda da OF em Liubliana, cujo aparato militar distribuía equipamento militar e dava instruções do alto comando do exército guerrilheiro. As primeiras unidades da Estíria (por exemplo, as companhias Pohorje, Savinja, Revirje e Celje) foram criadas logo depois, enquanto em Prekmurje, depois da execução dos líderes guerrilheiro nacional, não houve movimento de resistência importante até 1944. No Litoral, a resistência armada começou no outono de 1941, quando as companhias Primorska e Pivka foram criadas com apoio de Liubliana.

Os primeiros a reagir ao movimento de resistência foram os alemães, que no fim de julho tinham imposto um toque de recolher e instituído um tribunal especial que, nos próximos dois dias, condenou quatro guerrilheiros capturados à morte por fuzilamento. Em um sentido militar, os italianos reagiram mais decisivamente

618 Peter Vodopivec, "Pogled zgodovinarja", p. 9.

um ano mais tarde, quando o general Mario Robotti cercou quase toda a província de Liubliana com considerável força militar. A ofensiva durou de julho a novembro e trouxe consequências cruciais para os desdobramentos posteriores. Robotti proclamou em sua ordem para encerrar as operações militares que "na parte italiana da Eslovênia eles [italianos] eram os únicos dirigentes". Ele contribuiu enormemente para polarizar ainda mais a nação eslovena, mas afinal não conseguiu destruir o movimento de resistência. Durante a quarta fase da ofensiva, Kardelj (seguindo em parte o conselho de Tito) negociou uma proclamação do IOOF contra a Guarda Branca colaboracionista[619]. Com esta proclamação, Kardelj visava instilar uma disciplina e unidade de ferro na nação eslovena e ameaçou os líderes e organizações da Guarda Branca com punições severas.

A ofensiva também levou o alto comando a reorganizar o exército guerrilheiro. Os grupos de destacamento foram eliminados e as quatro brigadas e seis destacamentos ficaram diretamente responsáveis perante o alto comando. Em dezembro de 1942, quatro zonas de operação foram estabelecidas: Baixa Carníola, Carníola Interior, Carníola Alpina e Superior e o Litoral.

A colaboração

"A Guarda Azul"

O primeiro núcleo colaboracionista, inicialmente ilegal, foi estabelecido em Urh (perto de Dobrunje) em 1941 pelos adeptos do major Novak, que era o representante do líder do movimento Cetnik, Draza Mihailovic, para a Eslovênia. Atraiu um número de antigos oficiais iugoslavos, comissionados ou não comissionados, e

619 A Guarda Branca eslovena tirou seu nome das forças czaristas, i.e., contrarrevolucionárias durante a guerra civil russa.

vários liberais e conservadores. No começo da primavera de 1942, a Guarda Azul (antes chamada de "Batalhão Estírio" ou "Legião da Morte") se moveu via Suha krajina para a vizinhança de Novo Mesto, onde foi legalizada pelos italianos. Havia disputas constantes entre os representantes de Novak e a Guarda Branca, parte da qual seguia uma orientação extremamente anti-iugoslava. Por outro lado, ainda está pouco claro em que medida os Cetniks eslovenos sabiam realmente dos desdobramentos na Sérvia, que tinham selado seu destino bem no início da guerra – especialmente se eles tinham conhecimento do encontro entre Tito e Mihailovic em Struganik na Sumadija, onde Tito alegadamente tinha proposto colaboração a Mihailovic. Houve muita conversa e menos entendimento recíproco e, segundo Tito, ficou claro que Mihailovic relutava em lutar contra uma força alemã que tinha "esmagado a França, a Polônia, a Checoslováquia e outros países do dia para a noite"[620].

Em um tom parecido, Novak não podia alcançar qualquer acordo com a Milícia Voluntária Anticomunista (MVAC)[621], pois

620 Discurso de Tito para prisioneiros e internos que haviam regressado da Alemanha depois da guerra. Ver: Aleksandar Petkovic, *Politicke borbe za novu Jugoslaviju. Od drugog AVNOJ-a do prvog Ustava*. Belgrado: Jugoslovenska revija, 1988. No mesmo discurso, Tito também declarou: "Havia muitos na Sérvia em 1941 que, em seu desejo de conquistar coroas de louro facilmente, seguiam para as florestas só para esperar o fim da guerra calmamente e então retornar como libertadores. Estes autoproclamados heróis eram chefiados por Draza Mihailovic. Camaradas, eu falei com ele em 1941. Fui vê-lo quando tínhamos acabado de lançar nossa ação sobre todo o território contra a força ocupante na maior parte da Sérvia ocidental. Naquele tempo, ele andava livremente em nosso território recrutando pessoas de aldeia em aldeia para se juntar aos destacamentos Cetnik. De nosso lado, naquela época, não estávamos discriminando entre nós e o Cetnik. Diziamos, 'quem quiser se unir aos Cetnik, deixem-nos, mas quem quiser se juntar aos guerrilheiros é bem-vindo em nosso meio'. Enquanto isto eles diziam 'quem quiser se juntar aos Cetniks não precisará lutar, ao passo que se quiserem se unir aos guerrilheiros terão que apertar seus cinturões e ir para as batalhas[...]'. Hoje há algumas pessoas que dizem que Draza Mihailovic foi o primeiro a seguir para as florestas. É verdade, Draza Mihailovic foi o primeiro a correr para as florestas, enquanto nós ficamos nas cidades. Nas cidades, onde estava a maioria da população e maior parte das forças alemãs. Aqui, traçamos planos para nossas futuras operações. O que nos distinguiu deles foi o fato de que ele foi o primeiro a ir esconder-se nas florestas, enquanto nós fomos para as florestas com planos elaborados e determinação para lançar nossas operações de lá. Eu disse a ele, 'não vale a pena esperar, porque o inimigo nos erradicará'. Ele respondeu, 'se opusermos resistência, eles exterminarão o povo sérvio'. Eu repliquei, 'o povo sérvio só se pode salvar pela luta'. Ele, porém, não concordou comigo". Ver: Aleksander Petkovic, *Politicke borbe*, p. 162.

621 Em italiano: Milizia volontaria anticomunista (nota do tradutor do texto em inglês).

a última não era de modo algum dirigida a partir dos quartéis-generais italianos. Depois que a Itália se rendeu, a Guarda Azul foi finalmente esmagada na cidade de Grcarice (em 10 de setembro de 1943) pelo exército guerrilheiro (a Brigada Sercer). Bastante surpreendente, antes destes desdobramentos até Stalin tinha insistido em que os guerrilheiros e os Cetniks deveriam "alcançar um acordo a qualquer preço [...] a fim de criar um exército unido sob o comando de Draza Mihailovic"[622]. Kardelj contou que, apesar da informação que deu a Stalin sobre os ataques dos Cetnik contra os guerrilheiros e sua colaboração com os alemães, ele não mudou de opinião: "Obviamente, como em muitos outros casos, ele não acreditava na nossa informação"[623]. A este respeito, as relações com as potências ocidentais eram, até o fim de 1943, quase idênticas àquelas com a União Soviética. Como relatou Kardelj, Tito escolheu uma manobra tática na qual ele agiu como se tivesse aceito as recomendações de Stalin sem comentário, enquanto ao mesmo tempo conduzia sua política de acordo com as exigências da situação real na Iugoslávia.

"A Guarda Branca"

As primeiras unidades propriamente ditas da Guarda Branca foram estabelecidas nas Dolomitas (Sentjod em Horjul, 17 de junho de 1942)[624]. Eles estavam armados pelos italianos, que formalmente consideravam a Guarda Branca, tanto como

622 Edvard Kardelj, *Reminiscences. The struggle for Recognition and Independence. The New Yugoslavia, 1944-1957*. Londres: Blond & Briggs em associação com Summerfield Press, 1982, p. 20.

623 Ibid., p. 20.

624 De acordo com Bojan Godesa, "logo em fevereiro de 1942, os representantes dos partidos de antes da guerra [...] negociaram sobre como eles persuadiriam as autoridades italianas de ocupação a que não interviessem em sua luta contra a ameaça comunista". Grazioli, muito interessado em utilizar os eslovenos como seus peões na sua luta contra o movimento de libertação, recebeu com prazer esta proposta em março, mas não a aprovou até junho. Ver: Bojan Godesa, "Temeljne tocke Osvobodilne fronte", p. 38.

a Azul, como parte da MVAC. Contudo, a Guarda Branca tinha admitido publicamente em setembro de 1942 que o movimento anticomunista estava saturado de ódio ideológico. A Aliança Eslovena, formada depois que alguns líderes liberais, conservadores e sociais democráticos tinham se retirado do Conselho Nacional e da consulta de Grazioli, foi posta em uma situação difícil até a derrota da Itália: estava colaborando com uma coalizão antifascista ao mesmo tempo em que seu segmento conservador estava mais abertamente colaborando com os italianos. Por exemplo, o então prefeito de Liubliana, general Rupnik, tinha feito isso desde 1942. Esta aproximação se deveu muito a ataques do IOOF contra vários padres na Baixa Carníola. De acordo com relatórios italianos, em junho de 1942 os eslovenos estavam atolados em uma guerra civil, na qual os italianos habilmente (e na maioria das vezes em segredo) apoiavam a Guarda Branca. Depois de agosto, a Aliança Eslovena, em particular, tentou levantar um exército ilegal antiocupação, mas uma vez que cederam à pressão italiana para denunciar publicamente a OF não havia retorno. Naquele mesmo outono, a Guarda Branca se tornou engajada ativamente em ações antiguerrilheiras, enquanto a liderança da Aliança Eslovena teve de ceder o comando de toda a MVAC aos italianos. O diário de Kocbek também sugere que isto tenha sido um dos momentos mais decisivos nesta guerra. Sua anotação para o dia 11 de setembro de 1941 se lê: "A Eslovênia enfrenta assim uma nova situação. O idílio de nosso território libertado está destroçado. O tempo chegou para uma luta até o fim. As pessoas começaram a escolher os lados. A guerra civil está próxima. A dança macabra vai ser delirante em toda a Eslovênia, sobre a qual nossos descendentes falarão com um arrepio peculiar".

Ainda que a Aliança Eslovena formalmente buscasse manter relações com a coalizão de forças antinazistas e optasse assim

por "um programa comum nacional e político"[625] de todos os eslovenos nos territórios ocupados, todas as suas formações (das sentinelas nas aldeias até o MVAC) estavam já colaborando direta ou indiretamente com os italianos. A capitulação italiana só provocou maior polarização na Eslovênia. Um lado sustentou que o "exército nacional esloveno" deveria partir para as florestas e organizar divisões guerrilheiras eslovenas, enquanto outros que eles estariam melhor tomando o partido dos alemães como uma guarda voluntária. A chegada alemã à antiga zona de ocupação italiana tinha sobretudo preparado o terreno para a colaboração, enquanto as lideranças divididas dos antigos partidos políticos eslovenos, ainda obcecados pelas velhas rixas, tinham se saído pior. O general alemão Rösener de fato conduziu ardilosamente a recém-convocada unidade do "exército esloveno" – Guarda Pátria – a se subordinar a seu comando. Contudo, ainda antes (entre 9 de setembro e 22 de setembro), os guerrilheiros tinham esmagado a maioria das unidades da Guarda Branca no castelo de Turjak.

"A Guarda Pátria"

Como as Guardas Azul e Branca, a Guarda Pátria também estava dividida desde sua fundação. Uma facção tentava minimizar

625 "1. Restaurar e expandir o Reino da Iugoslávia. 2. Liberar a Eslovênia como uma parte igual e autônoma integrante da Iugoslávia com seu correspondente território econômico e de transporte demarcado segundo o princípio da nacionalidade. 3. Regulamentação interna da Iugoslávia renovada só mediante acordo entre todas as suas partes integrantes que detêm direitos e obrigações iguais no nível federal. 4. As tarefas do estado comum deverão ser as seguintes: a conduta das relações internacionais, a defesa da soberania nacional e da inviolabilidade territorial e a definição das diretrizes gerais da coexistência harmoniosa de todas as suas partes integrantes. Todas as demais questões estarão submetidas à jurisdição das respectivas partes federais. 5. A Iugoslávia deverá constituir um território econômico uniforme e seus sistemas econômico e social devem estar acima das tendências de indivíduos em relação ao bem-estar de suas nações. 6. A Iugoslávia deveria unir-se com a Bulgária no espírito de atingir igualdade e consentimento, em seus territórios do norte deveria estabelecer fronteiras comuns e se aliar tão estreitamente quanto possível com a Polônia e a Federação da Checoslováquia, no caso de uma federação comum de países eslavos do norte e do sul não ser realizada. 7. Os membros eslovenos do governo iugoslavo em Londres e outros membros do Comitê Nacional Esloveno (de 1941) emigrados devem dedicar-se à leitura dos anteriores pontos dentro do quadro do Programa Aliado de Paz, enquanto os eslovenos em ambas as Americas deveriam apoiar universalmente seus esforços".

a colaboração com os alemães, esperar por sua derrota mundial e no fim desfechar o golpe final nos guerrilheiros. A outra facção esperava destruir seu adversário nacional com apoio alemão, acelerar a retirada alemã no fim da guerra e unir-se às tropas aliadas como exército de resistência. Isto foi a grande tragédia da Guarda Pátria eslovena, que reconheceu os guerrilheiros de longe como seu principal adversário mais do que aos alemães. Os primeiros batalhões da Guarda Pátria foram organizados até o outono de 1943. No Litoral, eles eram recrutados na virada de 1943-1944 como Assembleia Eslovena de Segurança. Além de mais profundas divisões, o período entre o outono de 1942 e a metade de 1944 também trouxe alguns incentivos para a reconciliação entre os campos antagônicos. Os dois incentivos mais importantes surgiram na primeira metade de 1943 depois que a liderança da OF pediu ao bispo de Liubliana, Gregorij Rozman, que dissuadisse seus padres de agir contra a OF. O bispo inicialmente recebeu cartas de guerrilheiros com um convite para visitar o território libertado, mas os contatos se encerraram abruptamente quando o cura diocesano, France Glavad, pediu que o bispo encerrasse qualquer acordo com a OF e condenasse publicamente o movimento de resistência. A exigência do cura foi imediatamente atendida: em uma entrevista com *Slovenec*, Rozman mais uma vez condenou a OF como uma organização comunista ateia. Parcialmente por iniciativa dos representantes do governo refugiado em Londres, o segundo esforço mediador foi coordenado por Lojze Ude, na ocasião um dos ardorosos defensores da unidade na nação eslovena. A correspondência durou vários meses, mas, como no caso anterior, não trouxe resultados tangíveis. As intenções da liderança da Guarda Pátria eslovena e seu papel dúplice foram formalmente esclarecidos um ano mais tarde em 1944, quando a Guarda Pátria jurou combater "na luta comum com as forças armadas alemãs, mantendo-se sob o comando do Führer da Grande Alemanha,

as tropas SS e a polícia, contra os bandidos, assim como contra os comunistas e seus aliados [...]"[626]. Até o fim da guerra, eles formaram seis batalhões dentro das forças armadas alemãs.

A última ação derivada desta trágica decisão foi a retirada da Guarda Pátria para a Caríntia na retaguarda das forças alemãs, que recuavam próximo ao final da guerra (8 de maio de 1945). Continuou com sua repatriação e se concluiu com execuções em massa realizadas pelo exército guerrilheiro de Kocevski Rog nas cercanias da aldeia de Vetrinje, no sudoeste de Pohorje, na região de Zasavje e em vários outros sítios na Eslovênia. No entanto, uma das razões principais para a colaboração com o ocupante italiano foi a perda pela OF de sua plataforma democrática quando a chamada Declaração Dolomita foi assinada. Este documento forçou os socialistas cristãos e os Sokoli a condenar o estabecimento de suas próprias estruturas políticas e ceder o papel de liderança ao partido comunista. A OF estava firmemente se tornando uma mera correia transmissora das políticas do partido comunista e assim perdendo o caráter de uma "organização pan-eslovena permitindo acesso igual a todos os eslovenos e aos grupos verdadeiramente patrióticos, independentemente de suas diferenças de caráter político, ideológico, tradicionais e sociais, que não tivessem sido manchadas pela traição e colaboração com as forças de ocupação"[627]. A declaração foi proclamada publicamente em Kocevski Rog no segundo aniversário da OF e foi seguida na metade de 1943 pela reconstrução da liderança do exército guerrilheiro, que, depois da nomeação de Franc Rozman-Stane e do comissário Boris Kraigher, caiu completamente sob influência comunista.

626 Extraído do juramento da Guarda Pátria a Hitler. Ver: Ervin Dolenc & Ales Gabric, *Zgodovina 4*, p. 153.

627 Citação da primeira página da declaração.



Figura 45. A Guarda Pátria e seu líder, Leon Rupnik, primavera de 1944. A Criação da Eslovênia, p. 71

Neste ínterim, a Itália tinha capitulado. O comando supremo das forças militares alemãs, que tinha há muito antecipado este fato, organizou a localização de suas tropas na Itália com vistas a ocupar os pontos mais importantes do ponto de vista estratégico. No território esloveno, o exército alemão tomou o controle das seções ocidentais das linhas ferroviárias. Hitler incorporou a província de Liubliana em duas zonas de operação alemãs, o Promontório Alpino (*Alpenvorland*) e o Litoral Adriático (*Adriatisches Küstenland*), com seus centros respectivos em Bolzano e Trieste. No fim de setembro de 1943, os alemães dividiram o território libertado na parte central do Litoral, de certo modo aliviando as cidades de Trieste e Gorizia da pressão dos guerrilheiros. Para a administração destas recém-criadas províncias ocupadas, Friedrich Reiner nomeou prefeitos de nacionalidade italiana, ao passo que o governo sobre a província de Liubliana foi confiado ao general Leon Rupnik. Em outubro, os alemães ocuparam outras áreas estratégicas na

Baixa Carníola e na Carníola Interior, o governo provincial visava estabelecer suas próprias administrações municipais. O campo de ação da administração provincial permaneceu restrito, já que os "conselheiros" italianos foram agora substituídos por seus equivalentes alemães e o chefe da administração era "auxiliado" pela polícia e pelo general da SS Erwin Rösener, pelo conselheiro administrativo Dr. Hermann Doujak e pelo conselheiro econômico Dr. Friedrich Jacklin. Um cenário semelhante se armou na zona do Litoral Adriático, onde os alemães impuseram serviço militar obrigatório, o que era mais outra forma de pacificar tanto quanto possível esta área estrategicamente muito importante.

A Assembleia de Kocevje

Aproximadamente ao mesmo tempo, eleições para a assembleia de representantes da nação eslovena e do Movimento de Libertação Nacional se realizaram nos territórios libertados, nas unidades guerrilheiras e nas unidades distritais da OF. A chamada Assembleia de Kocevje foi realizada entre 1º e 3 de outubro de 1943 na cidade de Kocevje. Os dois principais porta-vozes foram de novo duas figuras centrais do movimento de resistência e membros da liderança dos comunistas eslovenos, Boris Kidric e Edvard Kardelj. O relatório de Kardelj, especialmente, pode servir como um documento político a respeito da assunção pela OF do papel de liderança dentro do movimento de resistência assim como do destino futuro da nação eslovena. A Assembleia de Kocevje resolveu que a OF era a única autoridade legal nacional no território esloveno e que o Exército de Libertação Nacional (NOV)[628] constituía parte integrante da Iugoslávia, denunciou publicamente as Guardas Branca e Azul e condenou o governo exilado iugoslavo em Londres como uma quinta coluna das forças ocupantes e o general Rupnik como um traidor nacional. Reiterou

628 Em esloveno: Narodnoosvobodilna vojska (nota do tradutor do texto em inglês).

também a necessidade da incorporação voluntária da Eslovênia Unida em uma Iugoslávia federal e sua convicção na vitória da autoridade democrática sob a liderança do Partido Comunista da Eslovênia combinada com um "grupo de patriotas eslovenos democratas e amantes da liberdade". A assembleia elegeu um Plenário Supremo de 120 membros da OF (SNOO)[629] com uma delegação de 40 membros ao Conselho Antifascista de Libertação Nacional e aprovou um voto de confiança no IOOF.

A primeira sessão do Conselho Nacional Esloveno de Libertação (SNOS)

O estabelecimento da "autoridade nacional" na Eslovênia foi apoiado pela Segunda Sessão do Conselho Antifascista de Libertação Nacional da Iugoslávia (AVNOJ)[630], que, no fim de novembro de 1943, rechaçou o governo real no exílio. A assembleia da AVNOJ, depois de ter devidamente designado um governo provisório e banido o retorno do rei ao país pelo menos até o fim da guerra, promoveu Tito ao previamente inexistente posto de marechal.

Por sua vez, o governo britânico, em 1944, tinha iniciado o estabelecimento de um governo de coalizão constituído de Tito e seus ministros e alguns ministros do governo real em Londres chefiado por Ivan Subasic. Esta iniciativa foi concebida para dar reconhecimento internacional ao governo de Tito, que, seguindo a libertação, apoiada pelos soviéticos, de Belgrado em outubro de 1944, de todo modo assegurava o controle sobre a parte principal do território iugoslavo[631].

629 Em esloveno: Slovenski narodnoosvobodilni odbor (nota do tradutor do texto em inglês).

630 Nome oficial em servo-croata: Antifasisticko vijece narodnog oslobodenja Jugoslavije (nota do tradutor do texto em inglês).

631 Ver também: Aleksander Pavkovic, *The Fragmentation of Yugoslavia. Nationalism and War in the Balkans*. Londres: Macmillan, 2000, p. 42.

Estes desdobramentos bastante dinâmicos impunham duas tarefas concretas ao movimento esloveno de resistência: o incremento das atividades políticas em áreas onde elas haviam até então sido inexistentes ou extremamente fracas (Estíria, Carníola Superior, Prekmurje) e o estabelecimento de um governo republicano, o Comitê Nacional de Libertação da Eslovênia (NKOS)[632]. Isto se devia em grande parte à conclusão do SNOO ou do IOOF de que as decisões do AVNOJ formavam uma plataforma para o estabelecimento de um governo nacional próprio da Eslovênia que seria formado logo que as circunstâncias permitissem. No período preparatório, sua função foi assumida pela presidência do SNOS[633], que integrava as funções políticas e de autoridade de acordo com a Assembleia de Kocevje. No começo de 1944, o SNOS elegeu seu comitê legislativo na cidade de Crnomelj e aprovou o Decreto sobre a eleição do Comitê de Libertação Nacional. A mesma presidência acentuou a necessidade de formar departamentos administrativos apropriados que mais tarde se tornariam comissariados. O SNOS também aprovou a Declaração sobre os Direitos e Deveres da Nação Eslovena, o Decreto sobre o aumento do número de membros e a gradual eleição do Conselho Nacional Esloveno de Libertação.

A popularização da sessão do SNOS realizada em Crnomelj criou a base para acelerar os preparativos para a eleição do Comitê Nacional de Libertação (NOO)[634], anunciada no começo de março e realizada entre 25 de março e 30 de abril de 1944. O decreto sobre a eleição também requeria a aprovação de decretos estabelecendo as seguintes seções especiais da presidência do SNOS: para a organização da autoridade nacional, para questões seculares, economia, finanças, reconstrução, saúde pública, informação e propaganda.

632 Em esloveno: Narodni komite osvoboditve Slovenije (nota do tradutor do texto em inglês).

633 Em esloveno: Slovenski narodnoosvobodilni svet (nota do tradutor do texto em inglês).

634 Em esloveno: Narodnoosvobodilni odbori (nota do tradutor do texto em inglês).

Dadas as circunstâncias, o comparecimento dentro do território libertado foi relativamente alto, especialmente na Carníola, onde a influência política do SNOS era a mais forte. A eleição também pareceu um êxito no Litoral o que, no entanto, suscita alguma dúvida, pois começaram a chegar muitas mensagens da província no dia em que os editais foram divulgados de que a eleição deveria ser adiada por causa de uma incursão alemã no território libertado. A situação era muito mais grave na Carníola Superior e na Estíria, onde o movimento guerrilheiro pôde alcançar maior progresso quando ficou claro que os alemães iam perder a guerra ou, em outras palavras, quando uma das mais experimentadas divisões guerrilheiras da Carníola Interior finalmente avançou para a Estíria.

No sentido político, a eleição foi marcada por duas questões principais relativas aos fundamentos da Iugoslávia no pós-guerra e a condição dos eslovenos nela. As cartas e discursos de Kardelj sempre continham numerosas declarações sobre o direito dos eslovenos de estabelecer um Estado que não comprometesse seus interesses nacionais. Além disso, dos registros de Kocbek, mais tarde publicados no livro *O Caminho para Jajce* (*Pot v Jajce*), pode se entender que, na segunda sessão do AVNOJ, Tito chegou mesmo a prometer à delegação eslovena um exército nacional. Na metade final de 1944, estas deliberações foram por algum tempo ofuscadas pelo acordo Tito-Subasic, que também tinha consequências tangíveis para o movimento esloveno de resistência. Aviões britânicos, que aterrissavam frequentemente na Carníola Interior e na Carníola Superior, supriram as tropas eslovenas com substancial assistência militar e estabeleceram uma ponte aérea para transportar os feridos para a Itália.

Com a aproximação do fim da guerra, contudo, muitas questões sobre a vida no após-guerra vieram à tona. Tão importante quanto o rápido funcionamento das comissões especiais eram os esforços

do Instituto Científico da Presidência do SNOS dirigido pelos resistentes, que tinham estado a discutir intensamente as futuras fronteiras da Eslovênia desde sua fundação (9 de setembro de 1944). De acordo com as propostas de seus membros, em especial o historiador Fran Zwitter, a futura Eslovênia Unida deveria abranger o Litoral com Trieste, Gorizia e Udine no oeste, ao passo que a fronteira norte deveria correr ao norte de Klagenfurt, o Zollfeld e Völkermarkt.

Em termos militares, o fim de 1944 foi marcado pelo crescimento do exército guerrilheiro e por incursões alemãs e da Guarda Pátria nos bolsões liberados (em dezembro mesmo no território esloveno como um todo). O começo de 1945 trouxe a reorganização do NOV e dos destacamentos resistentes da Eslovênia, assim como os preparativos para a libertação final, que se iniciou com as batalhas por Trieste ao fim de abril. Por volta do mesmo tempo, numerosos representantes daqueles que tinham, até poucas semanas antes, colaborado de uma ou outra maneira com os ocupantes, estabeleceram inicialmente o chamado Comitê Nacional (29 de outubro de 1944)[635]. Durante os passos militares finais (3 de maio de 1945), eles proclamaram em Liubliana "o primeiro parlamento esloveno", um "governo esloveno" e o "Estado-nação da Eslovênia como parte integrante do reino democrático e federativo da Iugoslávia". Ao mesmo tempo, a Guarda Pátria foi simplesmente rebatizada de "exército nacional esloveno", ao passo que os destacamentos resistentes receberam um apelo para

635 Ainda que o Comitê Nacional tenha sido formalmente estabelecido no aniversário da fundação do Estado dos Eslovenos, Croatas e Sérvios, ele não começou a funcionar antes da metade de dezembro, quando os representantes dos partidos liberal e católico alcançaram um acordo sobre o número de seus membros no comitê e redigiram a chamada "Declaração Nacional." O que diferencia perticularmente este documento de anteriores programas políticos nacionais (v.g. os Pontos ou o Programa de Londres da Aliança Eslovena) foi que ele deixou a autoridade suprema nas mãos do Comitê Nacional em vez de conferi-la ao governo real. Os fundadores do Conselho Nacional trataram a ascensão ao poder por Petkovic após a guerra de forma extremamente sistemática, senão super metódica, pois além de sua meticulosa organização para recolher assinaturas de apoio, eles também deliberaram sobre um novo brasão nacional, hino, passaportes, etc.

cessar as hostilidades e para que a nação eslovena alcançasse uma "reconciliação geral".

O destino da Guarda Pátria

A Guarda Pátria não acreditou no plano utópico do Comitê Nacional e, apesar de seu lisonjeiro novo nome, continuou em retirada na retaguarda das tropas alemãs em direção da Caríntia austríaca. Logo antes (ou logo depois) do fim da guerra, eles entraram em uma feroz batalha com os resistentes, que estavam determinados a frustrar sua tentativa conjunta de retirar-se da Eslovênia. O corpo principal do inimigo em retirada conseguiu de alguma forma romper o bloqueio só para serem mandados de volta para a Eslovênia um pouco mais de um mês depois pelas autoridades britânicas, que estavam progressivamente assumindo o controle sobre a Caríntia austríaca. Embora talvez nunca possamos ter certeza sobre o papel do recém-eleito primeiro governo esloveno da resistência no seu subsequente trágico destino, a verdade permanece que as execuções extrajudiciais de cerca de 10 mil membros da Guarda Pátria causaram uma ferida duradoura na nação eslovena. A presunção geral de que a primavera e o verão de 1944 foram palco de um dos mais trágicos episódios da história nacional é reforçada pelo fato de que, mesmo 60 anos depois da Segunda Guerra Mundial, o assunto ainda polariza o público político e intelectual esloveno. Isto ficou ainda mais evidente depois das eleições de 2004, quando os eslovenos se viram presos entre dois mundos diferentes que alimentavam duas formas distintas de entender seu passado e que promoviam duas percepções diferentes dos interesses nacionais e do curso correto do desenvolvimento futuro.

A decisão das lideranças comunistas da Iugoslávia e da Eslovênia de recorrerem a todos os meios possíveis, inclusive o assassinato, para destruir qualquer oposição potencial se

comprovou fatídica. Pelo menos porque toda a vingança total pelos crimes de guerra cometidos pela Guarda Pátria não tinha ainda sido satisfeita; as mortes dos membros da Guarda Pátria foram seguidas de atos brutais de retaliação contra os membros de suas famílias, a expulsão de alemães e o exílio de um vasto número de italianos. Mesmo simples cálculos estatísticos mostram claramente que a queda na população no último ano da guerra e no primeiro ano depois não era nada igual à observada em todas as anteriores guerras. Na primeira metade dos anos 1950 (com a emigração dos *que optaram* do Litoral e da zona iugoslava do Território Livre de Trieste), ela tinha provavelmente superado 100 mil pessoas. Os assassinatos dos membros da Guarda Pátria retornados pelas autoridades britânicas da Caríntia austríaca podem ser comparados às mortes de colaboradores na Europa ocidental. Lá, especialmente na França, acertos de contas extrajudiciais com o inimigo ocorreram antes que um novo governo tivesse sido estabelecido, ao passo que na Eslovênia e na Iugoslávia mortes sumárias e condenções em massa foram desencadeadas por ordem do novo governo comunista[636].

A libertação teve assim um resto de sabor amargo, ainda que a anexação do Litoral tivesse finalmente unificado uma vasta maioria de eslovenos em sua pátria comum. À luz das mortes do após-guerra, o fim da guerra principalmente significou libertação para os adeptos do movimento de libertação, enquanto que os desdobramentos políticos demonstraram que os comunistas estavam claramente pouco dispostos a repartir sua autoridade exclusiva (construída desde da Declaração Dolomita imposta à força) com qualquer outra alternativa política.

636 Peter Vodopivec, "Pogled zgodovinarja", p. 12. Ver também: Boris Mlakar, *Slovensko domobranstvo* (*1943-1945*). Liubliana: Slovenska matica, 2003.

Reflexões artísticas sobre a guerra

Embora vários artistas eslovenos tenham inicialmente negociado algumas vantagens das autoridades ocupantes italianas, a vasta maioria renunciou a seus subsídios depois que Liubliana tornou-se um ninho de intelectuais da zona de ocupação alemã e que os primeiros reféns foram mortos[637]. Esta decisão também foi baseada no apelo da OF pelo silêncio cultural, que exigia o boicote de qualquer reminiscência de cooperação com as forças de ocupação e a abstenção de organização ou participação em eventos culturais. A reação ao boicote imposto foi surpreendente. Os habitantes de Liubliana sistematicamente ignoravam concertos, peças de teatro e exibição de filmes e os jornais e revistas italianas, e ao esvaziar as ruas em horas acertadas claramente demonstraram sua oposição à ocupação.

Depois da rendição da Itália, os critérios para o silêncio cultural tornaram-se ainda mais estritos. A OF baniu qualquer forma de atividade cultural e começou a convidar os trabalhadores culturais a se mudar para o território liberado. Alguns acederam, outros permaneceram em Liubliana. Intelectuais que deixaram Liubliana para o território liberado eram "principalmente indivíduos politicamente eminentes [...] [que estavam] comprometidos de uma ou outra forma ou até ameaçados pela chegada do ocupante alemão". Com medo dos alemães, muitos dos que não tinham até então tratado com a OF uniram-se às tropas guerrilheiras. Por outro lado, houve também muitos que tinham estado antes associados à OF, mas estavam agora hesitantes em seguir "'para as montanhas'

637 Os italianos tentaram conquistar a boa vontade da *intelligentsia* eslovena concedendo-lhe fundos financeiros e de outra natureza. Por exemplo, a Universidade de Liubliana, que tinha sido aberta apenas três semanas antes da ocupação, recebeu apoio material importante. O governo italiano concedeu a estudantes eslovenos 100 bolsas de estudo em universidades italianas. Ver Bojan Godesa, *Kdor ni z nami*, p. 81-88.

como se dizia popularmente [...] para unir-se aos resistentes"[638]. A maioria permaneceu por medo de represálias contra suas famílias e bens, tendo bem presente que a prioridade da administração do general Rupnik era confiscar a propriedade dos colaboradores da OF.

Um exemplo muito especial foi dado pelo maior poeta esloveno da época, Oton Zupancic, que atendeu ao chamado da OF logo após o começo da guerra, ainda que nunca tenha saído de Liubliana. Seu poema "*Conheceis*, *poeta*, *a vossa dívida?*" (*Ves*, *poet svoj dolg?*), assinado Incognito[639], é especialmente notável. A última estrofe ("A primavera voltará novamente / Outra madrugada nascerá / Então os lobos virão e matarão seus caçadores / [...] dente por dente e cabeça por cabeça!") sem intenção previu o que de fato se tornou realidade ao fim da guerra.

Artistas e cientistas que se uniram aos guerrilheiros no território liberado afinal organizaram um teatro e uma orquestra, formaram grupos de dança folclórica, estabeleceram um instituto científico, editaram duas coleções de composições literárias (1942 e 1945), organizaram exibições e até mesmo convocaram um congresso de trabalhadores culturais eslovenos no fim de janeiro de 1944. Uma das mais destacadas exibições de arte foi organizada em Crnomelj, que um ano depois acolheu os renomados pintores Nikolaj Prinat, France Mihelic e Bozidar Jakar. Eram exibidos principalmente desenhos e obras de arte gráfica no estilo do realismo social, que na Eslovênia também se tornou mais tarde conhecido como realismo socialista.

638 Bojan Godesa, *Kdor ni z nami*, p. 252-253.

639 O poema foi publicado pela primeira vez em setembro de 1941 como *Pojte za menoj*.



Figura 46. O Exército de resistência em Liubliana, primavera de 1945. A Criação da Eslovênia, p. 76, foto de Coro Skodlar

No inverno de 1944, o lado oposto reagiu com uma antologia impressa pela editora Zimska pomoc. Os organizadores reuniram mais de cem escritores sob o pretexto de uma grande campanha de caridade, apresentando mais tarde a campanha como uma oposição ao silêncio cultural imposto. No entanto, as diferenças mais importantes entre as produções literárias da resistência e da colaboração são melhor ilustradas por dois poemas da mais jovem geração de poetas. De um lado está o apelo quase propagandístico do realismo social pela resistência, do poeta guerrilheiro, Karel Destovnik Kajuh ("Ó mãe, há incontáveis razões pelas quais viver / mas por aquela que morri eu morreria uma vez mais!"), do outro lado a melancolia expressionista de um dos melhores poetas líricos eslovenos, France Balantic, suplicando: "Não vele a luz com minhas pálpebras / Deixe-me ver a suave morte sussurrando longe e enorme / Deixe-me sentir a noite cair entre os túmulos como seu noivo!".

CAPÍTULO 7

A ESLOVÊNIA DEPOIS DA LIBERAÇÃO: A "REPÚBLICA POPULAR" E O TEMPO DO SOCIALISMO

O estabelecimento da "nova ordem"

As eleições para os Comitês Nacionais Locais se realizaram logo entre maio e agosto de 1943, primeiro no Litoral e finalmente em catorze distritos em volta de Liubliana. Seu principal objetivo foi legitimar as decisões da OF, primeira fase que terminou na metade de julho com o Primeiro Congresso da OF em Liubliana. Como em tantas vezes anteriores, Kardelj e Kidric foram os oradores principais. Kardelj falou sobre o papel histórico da OF e de suas novas tarefas e também dos opositores da nova ordem, e de certa maneira deixou entrever o destino da Guarda Pátria. Kidric focalizou a atitude da OF com relação a determinados partidos e o clero, bem como o desenvolvimento que "transformou a OF de uma coalizão em um movimento unificado". Outros desdobramentos políticos foram profundamente influenciados pelo clima político que existia na "Iugoslávia Democrática Federal", que teve sua primeira "assembleia popular provisória" no terceiro Conselho do AVNOJ em 10 de agosto de 1944 em Belgrado.

Uma das primeiras leis importantes aprovadas pelas novas autoridades foi a Lei sobre a Reforma Agrária e a Colonização. O documento, emitido pela presidência do SNOS em dezembro, tomava a maior parte das terras da Igreja e aquelas dos não agricultores (tudo maior do que três hectares), liquidou as grandes propriedades feudais e expropriou todas as propriedades fundiárias dos cidadãos alemães e "inimigos do Estado". Uma parte considerável da terra foi distribuída entre cerca de 10 mil "pessoas com interesses agrários" e colonos (cerca de 10% da terra confiscada). O resto da terra foi distribuído para cooperativas do Estado e a proprietários privados. Um capítulo importante desta lei foi o cancelamento parcial das dívidas dos camponeses incorridas antes de 1941. Seguiu-se a Lei sobre a Eleição da Assembleia Constituinte da "Iugoslávia Democrática Federal", que desencadeou uma onda de demonstrações pré-eleitorais na Eslovênia.

A eleição para a Assembleia Constituinte inaugurou o chamado "período de socialismo administrativo", que durou até 1952 e sem dúvida representou um período fundamental da história nacional, não menos importante por causa da Reforma Agrária com a qual os comunistas buscaram conquistar as simpatias dos fazendeiros. O *slogan* central da nacionalização da terra foi que a "terra pertencia aos que trabalhavam nela", enquanto a reforma dirigiu-se primeiro e principalmente às propriedades agrícolas cujos trabalhadores eram assalariados. Estas eram principalmente as grandes propriedades dos bancos, da Igreja e de proprietários para os quais as atividades agrícolas não eram as fontes mais importantes de renda. A Igreja foi assim deixada com no máximo 10 hectares e excepcionalmente até 30 hectares de terra. A terra expropriada, principalmente tomada sem compensação, e terra confiscada com base na nacionalidade (alemães) ou colaboração com as forças ocupantes foram destinadas ao Fundo de Reforma Agrária e distribuídas de acordo com critérios sociais e políticos

a camponeses que possuíam uma pequena porção de terra ou nenhuma terra. O método de distribuição "mostra o propósito político e econômico da Reforma Agrária". Depois da primeira distribuição de terra a pequenos agricultores, a maior parte permaneceu nas mãos do Estado, que assim tornou-se proprietário de 54,6% da terra total e até 86% do Fundo. A terra também foi dada a cooperativas agrícolas eslovenas, principalmente compostas de antigos vinicultores que antes da Primeira Guerra Mundial tinham cultivado vinhedos muitas vezes de propriedade de alemães (no sul da Estíria) e italianos (na região de Goriska Brda). Zdenko Cepic, uma autoridade na Reforma Agrária, está certo ao dizer que a Reforma Agrária também teve um papel importante em termos de libertação nacional, "uma vez que uma grande parcela dos proprietários fundiários, especialmente grandes proprietários, eram não eslovenos, com seus direitos de propriedade provenientes de relações feudais"[640].

Ainda antes que a Lei de Reforma Agrária fosse aprovada, a eleição federal para a Assembleia Constituinte da Iugoslávia Democrática Federal fora convocada para o fim de agosto. Isto desencadeou uma intensa campanha pré-eleitoral na Eslovênia organizada pelos comitês nacionais de libertação; em reuniões pré-eleitorais os eleitores escutavam "declarações sobre o trabalho realizado pelo Comitê Nacional de Libertação e traçavam programas para tarefas futuras". O funcionamento normal da oposição foi impedido, mas, de acordo com a interpretação histórica anterior a 1989, parece que a oposição cedo se deu conta de que não podia participar das eleições com a sua lista própria de candidatos. Ela, portanto, escolheu o caminho da "abstenção, intriga e proganda falsa no país e no exterior, com base em que as eleições não eram livres, eram irregulares, que só havia uma lista de candidatos e por tanto só uma caixa de votos". A liderança do Estado parece

640 Zdenko Cepic, "Zemljo tistemu, ki jo obdeluje". In: Drnovsek & Bajt, *Slovenska kronika*, p. 125.

ter conseguido "refutar com êxito" esta declaração colocando as chamadas "urnas de voto cegas". Hoje, os críticos estão de acordo que as eleições de novembro não foram democráticas e eles não mais atribuem o resultado negativo em Prekmurje às "atividades de indivíduos reacionários"[641].

Os deputados eleitos encontraram seus colegas de outros eleitorados iugoslavos pela primeira vez na data simbólica de 29 de novembro para proclamar a república como "um Estado federal popular, de forma republicana, uma comunidade de povos com direitos iguais que, baseados no direito à autodeterminação, tinham expressado sua vontade de viver juntos em um Estado federativo". Em 30 de janeiro de 1946, a Assembleia Constituinte adotou a Constituição da República Federativa Popular da Iugoslávia (FNRJ)[642], após o que a presidência do SNOS adotou os seguintes novos nomes em fevereiro: a República Popular da Eslovena (LRS)[643], o Governo da LRS, o Comitê Popular Regional, Distrital e Local. O governo era composto por catorze membros. A presidência, antes ocupada por Boris Kidric (que sucedera a Josip Vidmar), foi transmitida a Miha Marinko.

A última sessão do SNOS, realizada em setembro de 1946, concluiu com a presidência dissolvendo o SNOS e convocando uma eleição para a Assembleia Constituinte da LRS em 27 de outubro de 1946. A eleição foi ganha pela OF (95% dos votos), cujos deputados adotaram a primeira constituição da República

641 Bogo Grafenauer, *Zgodovina Slovencev*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1979, p. 889-890. Em Prekmurje, a maioria dos eleitores puseram seus votos nas urnas de voto secretas, o que ensejou o Comitê Central Esloveno a substituir quase toda a liderança provincial. Esta foi a razão pela qual, mesmo depois da guerra, Prekmurje era considerada um lugar retrógado e volátil para onde as novas autoridades muitas vezes mandavam especialistas (professores, engenheiros, etc.) que tinham de alguma forma desagradado seus superiores.

642 Nome oficial em sérvo-croata: Federativna narodna republika Jugoslavija (nota do tradutor do texto em inglês).

643 Em esloveno: Ljudska republika Slovenija; nome oficial em servo-croata: Narodna republika Slovenija (nota do tradutor do texto em inglês).

Popular da Eslovênia. Um dos seus mais importantes artigos era certamente o artigo 2º, que não só expressava a livre vontade do povo de unir-se à Iugoslávia, mas também o direito de secessão[644].

Ainda antes (21 de maio de 1946), uma lei geral sobre os comitês populares tinha sido aprovada. Portanto, ainda antes da adoção da Constituição, o Comitê Popular era o órgão administrativo supremo do Estado responsável por questões de importância local e também encarregado de resolver temas de interesse geral. A primeira eleição aberta a todos os eslovenos (o que incluía o Litoral) para os comitês populares foi realizada em novembro de 1947.

Fronteiras

De modo geral, os desdobramentos no Litoral (e na Caríntia) tiveram um impacto profundo no clima político na Eslovênia. Houve numerosos protestos contra novas fronteiras sob a forma de reuniões, comícios ou congressos. Este período produziu frases clichês como "Udine, Trieste e Gorizia são nossas de direito", que caracterizaram o período até a metade dos anos 1950, particularmente 1948, quando demonstrações de massa foram organizadas em Koper exigindo a anexação do Território Livre de Trieste pela Iugoslávia. Assim se concluiu a primeira fase do processo iniciado em começo de maio de 1945 quando o exército guerrilheiro tinha alcançado as áreas da fronteira étnica na Eslovênia ocidental que tinham uma considerável população italiana (especialmente nos centros urbanos). Independentemente de suas orientações políticas, todas as unidades do exército iugoslavo eram acolhidas pelos eslovenos como libertadores. Trabalhadores esquerdistas

644 "Baseada na luta de libertação e na luta comum de todas as nações iugoslavas, a nação eslovena criou a República Popular da Eslovênia. Ao expressar sua livre vontade de viver em conjunto com suas nações irmãs em um estado comum federativo, e com base no princípio da autodeterminação, inclusive o direito de secessão e de unificação com outras nações, e com base no princípio da igualdade, se uniu com outras nações da Iugoslávia e suas repúblicas populares [...] em um estado comum contormado como a República Popular Federativa da Iugoslávia".

italianos que viam a nova Iugoslávia como a realização de seus ideais políticos reagiam de maneira semelhante. A população de Trieste, porém, foi muito mais reservada, especialmente quando as unidades ocupantes começaram a implementar as decisões do Comitê Central Esloveno sobre a necessidade de "expurgos imediatos" de colaboradores "fascistas". De acordo com tais ordens, as chamadas unidades da Guarda Nacional prenderam, executaram ou deportaram (para a Iugoslávia) vários milhares de pessoas com base em listas previamente preparadas em começo de maio de 1945. Os corpos dos executados (cerca de 1.500), incluindo colaboradores fascistas e mesmo vários italianos antifascistas, foram jogados em uma "fojbe"[645].

Depois de junho de 1942, o território de fronteira disputado tanto pela Itália quanto pela Iugoslávia foi dividido nas Zonas A e B pela chamada Linha Morgan. Ao fim daquele mês, as tropas iugoslavas deviam, conforme os acordos de Belgrado e Duino, retirar-se da Zona A que abrangia os condados de Trieste, Gorizia e Pula. A administração provisória foi assumida pelo Governo Militar Aliado. A Zona B, compreendendo a parte ocidental do Marco Juliano, foi assumida pelo Governo Militar do Exército iugoslavo (sic). A fronteira foi afinal definida por um tratado de paz com a Itália (setembro de 1947) que concedeu à Iugoslávia a Zona B e parte da Zona A, mas não o Território Livre de Trieste, que foi mais tarde anexado à Itália. A demarcação final da fronteira só se torna possível pelo memorando de entendimento também chamado Memorando de Londres, que deu à Iugoslávia toda a zona B e parte da Zona A. A Eslovênia assim obteve Koper e seus arredores, sua saída para o mar Adriático. Tendo perdido Trieste para os italianos, a Eslovênia imediatamente começou a construir seu próprio porto

645 "Fojba" ou "foiba" em italiano: termo que designa uma profunda fossa natural característica da região Karst partilhada pela Itália e Eslovênia. O nome é também associado comumente com mortes de italianos atribuídos a guerrilheiros iugoslavos pouco depois da Segunda Guerra Mundial (nota do tradutor do texto em inglês).

em volta da maior cidade eslovena, que na metade dos anos 1980 tinha se tornado o maior destes centros no norte do Adriático. O lado político da história não se concluiu até 1975, quando ambos os estados assinaram um acordo na cidade italiana de Osimo (daí o nome de Acordo de Osimo), que deu oficialmente fim ao Território Livre de Trieste. A parte da população eslovena que permaneceu do lado italiano da fronteira organizou suas próprias sociedades e escolas primárias e secundárias logo depois da guerra, mas o problema do uso do esloveno ainda estava por ser resolvido. Como os italianos sistematicamente evitavam esta questão, não é surpresa que a Lei sobre a Proteção das Minorias Eslovenas não foi aprovada pelo parlamento até 2001. As autoridades italianas se mostraram um pouco mais ágeis na reconstrução do centro cultural esloveno, que foi queimado em 1920 e reaberto em 1964.

A fronteira norte não tinha sofrido qualquer alteração. Durante a guerra, os Aliados tinham já decidido que a Áustria seria restaurada às suas fronteiras anteriores à guerra. Suas conclusões foram confirmadas em 1947 e postas em vigor em 1955 com o artigo 7º do Tratado do Estado Austríaco, relativo (em particular) aos direitos de minoria dos eslovenos na Caríntia e dos croatas em Burgenland. E qual era a situação dos eslovenos da Caríntia depois de sete anos de domínio nazista e cinco anos de guerra? Primeiro, e principalmente, eles ainda se encontravam lá apesar das tentativas nazistas de eliminá-los como um grupo nacional. Depois que as fronteiras da Áustria foram confirmadas o tratamento da minoria local (geralmente apoiado pela ocupação britânica) foi inicialmente baseado em uma acomodação pragmática. Crescentemente passou a ser influenciado por políticas que davam prioridade à lealdade à província e presumiam assimilação à cultura germânica como sendo essencial para isso. A Guerra Fria emprestou a esta polarização provincial sua dimensão internacional e influenciou o prolongamento da disputa fronteiriça entre 1947 e 1949 de

duas formas. Ela agravou as tensões entre as partes católica e comunista da liderança minoritária até criarem uma fissura irreparável e permitiram algumas das mais extremas formas de lealismo, dificilmente distinguíveis daquelas promovidas pelo regime nazista, para reaver um papel político e fixar a agenda da política étnica. Mas influência não era domínio; e a Guerra Fria não realinhou as políticas em torno da ideologia, nem submergiu as clivagens étnicas; os eslovenos católicos e os nacionalistas alemães não se uniriam em sua compartilhada aversão ao comunismo, seja stalinista ou titoista. E a assimilação em longo prazo da minoria eslovena da Caríntia, tendo alcançado um ponto crítico de brutalidade sob o Nacional Socialismo, continuou sob as novas condições da Áustria do pós-guerra[646].

No que diz respeito às autoridades locais, mesmo a acessão da Eslovênia à UE não mudou as condições. Até pelo contrário, as placas bilíngues nas aldeias e cidades continuam a ser um tema central de disputas entre a minoria e a administração provincial. A escola secundária eslovena na capital provincial Klagenfurt era regularmente atacada por extremistas antieslovenos durante os anos 1960 e 1970. A Áustria infringiu seriamente os direitos humanos com um recenseamento da minoria em 1976, que toda a população eslovena da Caríntia boicotou. Neste caso, a tradição democrática austríaca só foi preservada por um grupo de intelectuais vienenses que asseguraram que maiores números de pessoas se declararam eslovenos em Viena do que na Caríntia.

Os eslovenos na Hungria obtiveram seus direitos de minoria logo depois da guerra, inclusive direitos à educação em sua própria língua materna, o uso do esloveno em tribunais e sinais bilíngues. O principal obstáculo na preservação de sua identidade nacional

646 Robert Knight, "The Carinthian Slovenes: Ethnic Actors in Bit Part Roles?" (trabalho apresentado em uma reunião sobre um projeto em Liubliana em março de 2006). O projeto de três anos patrocinado pela Academia Britânica teve como foco as políticas sobre minorias na Europa Central durante a Guerra Fria.

foi, portanto, seu contato restrito com o país de origem. Depois da disputa com o Comintern, os representantes da minoria não tiveram contatos com seus familiares na Eslovênia por toda uma década.

O acerto de contas com a Guarda Pátria

De longe a maior série de matanças de prisioneiros da Guarda Pátria (2.000) ou de membros da Guarda retornados da Áustria (8 a 12 mil) ocorreu imediatamente depois da guerra, no verão de 1945. Em 27 de maio, as autoridades britânicas despacharam o primeiro transporte levando 600 pessoas do campo de refugiados em Vetrinje sob o pretexto de transferi-los para o norte da Itália. Os membros da Guarda Pátria foram distribuídos em acampamentos ou prisões, especialmente nos subúrbios da Liubliana e no antigo centro de treinamente alemão perto de Celje. Prisioneiros de menor importância foram soltos logo. Os restantes, após um curto interrogatório, foram divididos em três grupos: o grupo A foi indicado para ser liberado; o grupo B devia ser entregue ao tribunal militar; e o grupo C foi indicado para execução. A maioria do grupo C foi executada no Kocevski Rog e em algumas minas de carvão abandonadas na região de Zasavje, com mais de 200 locais de execução registrados subsequentemente. Algo parecido pode ser dito com relação ao número dos executados. Enquanto, na metade dos anos 1990, historiados tivessem mencionado números entre 7 e 8 mil, pesquisas posteriores pelo Instituto de História Contemporânea mostraram que o número de Guardas Pátrias executados foi em torno de 12 mil. A questão da responsabilidade permanece sem resposta; mesmo após mais de 20 anos da independência da Eslovênia não foi possível determinar com precisão quem ordenou estas mortes em massa. Fica apenas claro que o quartel-general aliado em Caserta decidiu em 14 de maio que os

colaboracionistas, sob sua guarda depois da rendição, deviam ser devolvidos ao exército iugoslavo[647]. Independentemente de quem na realidade foi responsável pelo maior crime cometido na história moderna da Eslovênia, ficou logo evidente depois da guerra que este acontecimento continuaria a dividir fatalmente o povo esloveno. Junto com membros da Guarda Pátria, aproximadamente 15 mil civis emigraram para a América do Norte e do Sul e para a Austrália[648]. A maioria (mais de 5 mil) decidiram fixar-se na Argentina, onde eles logo formaram uma considerável comunidade eslovena cujos representantes preservaram a memória destes desdobramentos de após-guerra; e nos anos 1980, com vários colegas na Eslovênia, pediram um debate aberto. Além disso, depois da independência da Eslovênia eles iniciaram e participaram de uma comissão parlamentar que conduziu uma cuidadosa investigação das circunstâncias que cercaram as execuções do após-guerra e assim contribuíram para uma chamada "reconciliação nacional". Infelizmente, duas décadas depois ainda não há uma resposta precisa sobre quem decidiu executar os membros da Guarda Pátria devolvidos. Alguns enxergam um prenúncio desta "solução" no discurso de Tito em Liubliana. Entre outras coisas, ele disse que "a mão vingadora tinha alcançado a maioria dos traidores", ao passo que os poucos que não obstante conseguiram escapar não mais veriam "nossas amadas montanhas" e "floridos campos"[649].

Os julgamentos

A segunda leva de acertos de contas veio com uma série de julgamentos que começaram no fim de 1945 (os chamados

647 Bozo Repe, "Vracanje domobrancev in obracun z nijmi". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 100.

648 De acordo com Marjan Drnovsek, esta onda de emigração começou a diminuir depois de 1951, para ser seguida de outra onda de familiares e aqueles que se recusaram a servir no exército iugoslavo.

649 Citado de Bozo Repe, "Vracanje domobrancev in obracun z nijmi", p. 101.

julgamentos de Natal) e terminaram com os julgamentos teatrais do Cominform em 1948. Oficialmente, ao todo, duas mil pessoas foram condenadas. As consequências trágicas no longo prazo mancharam toda a década dos 1950, pois a maioria dos condenados não foi solta antes de 1953-55, e alguns não antes de 1959. Embora o objetivo principal dos julgamentos perante o "Tribunal Nacional Esloveno de Honra" fosse de processar criminosos de guerra, uma série de julgamentos também foi iniciada contra "inimigos de classe" e "oposição da Igreja". A maioria destes julgamentos recebeu considerável publicidade, pois as audiências e outros procedimentos eram muitas vezes irradiados e comentados regularmente nos jornais. Uma série de julgamentos explicitamente políticos também se realizou contra organizadores colaboracionistas e líderes militares. Os de Leon Rupnik, Erwin Rösener, Dr. Miha Krek e do bispo Gregorij Rozman receberam muita atenção, apesar da ausência de alguns dos acusados.

A Igreja sob o socialismo

Alguns dos julgamentos mais cruciais para os desdobramentos posteriores na Eslovênia foram aqueles de padres e freiras. Um número considerável deles (266) foi condenado – apesar do compromisso de princípio do governo esloveno com a liberdade de opinião, consciência e religião e independentemente da imposta declaração de lealdade que os representantes da diocese de Liubliana tinham lido perante o primeiro-ministro Boris Kidric e o ministro de Assuntos Internos, Zoran Polic[650].

650 Os autores desta declaração afirmaram, entre outros pontos, que desejavam "extinguir o fogo do ódio, da vingança e da injustiça, que ameaçava dividir mais ainda a unidade de nossa família, aldeia e nação" e expressaram sua "convicção de que o governo garantirá com satisfação o direito da comunidade católica à instrução religiosa, ao matrimônio na igreja, à imprensa religiosa necessária, à educação de futuros sacerdotes e à propriedade que for necessária para as finalidades da Igreja". Bozo Repe, "Skofovska izjava o lojalnosti in pastirsko pismo". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 121.

Não obstante, a pressão sobre a igreja se intensificou gradualmente até tornar-se crítica em 1952 quando os contatos com o Vaticano foram encerrados totalmente. Não houve acontecimentos marcantes imediatamente depois da guerra. O ensino voluntário religioso foi mais ou menos permitido, o Seminário Teológico e a Faculdade Teológica, então ainda partes da Universidade de Liubliana, continuaram a educar futuros padres sem interrupção, de modo que os fiéis, no começo, quase não perceberam a separação formal da Igreja e do Estado. A mudança veio depois da publicação de uma epístola escrita pelos bispos iugoslavos sob a direção do arcebispo de Zagreb (mais tarde cardeal), Alojzije Stepinac, que se recusou a basear a relação entre o governo iugoslavo e a Igreja sem a intervenção do Vaticano. Em consequência, a Iugoslávia proibiu a assembleia dos fiéis, isolou-os de contatos estrangeiros, reprimiu a imprensa religiosa e baniu a instrução religiosa das escolas (1º de fevereiro de 1952), ao passo que o Vaticano intensificou a propaganda anti-iugoslava. A atmosfera não mudou até o fim de 1952, quando surgiu na Eslovênia o periódico religioso *Druzina*, se estabeleceu o seminário teológico em Vipava e houve a anistia governamental para mais de quarenta padres. Uma das mais trágicas vítimas deste período foi o bispo Anton Vovk, que foi encharcado de gasolina e queimado vivo por um assassino em Novo Mesto. As condições não melhoraram significativamente até que o Vaticano e a Iugoslávia afinal assinaram um acordo especial em 1966. De acordo com Klaus Buchenau[651], a Iugoslávia adotou uma postura bastante liberal para com suas comunidades religiosas nos anos 1960. Depois da demissão do ministro iugoslavo do Interior, Aleksander Rankovic, o Estado interferiu cada vez menos nos assuntos internos das igrejas. As comissões federal e nacional para assuntos religiosos, estreitamente

651 Klaus Buchenau, "What Went Wrong? Church-State Relations in Socialist Yugoslavia", *Nationalities Papers* 33, nº 4, 2005, p. 547-568.

ligadas ao serviço secreto, se limitaram ao aspecto "diplomático" da política religiosa, embora os arquivos da polícia, do serviço secreto e do ministério do interior tenham geralmente permanecido fechados. Os documentos contidos nestes arquivos podem mostrar porque nem o clero protestante nem o católico podiam se sentir seguros nas ruas entre 1945 e 1953, especialmente se eles exibissem seu desapreço pelas políticas radicalmente secularistas. Como se mostrou no caso do bispo Vovk, ataques contra o clero eram encenados como "demonstrações espontâneas" de ódio "popular". Esta prática que foi, em muitos casos, organizada pela polícia política, chegou ao fim em 1953 depois que Tito declarou publicamente que ataques físicos contra padres e fiéis deveriam cessar. A perseguição continuou de uma forma diferente, geralmente repressiva e arbitrária, especialmente quando se tratasse da "separação da Igreja e do Estado" ou do "abuso da religião para fins políticos"[652]. As tendências liberais do programa do Partido Comunista, adotado em 1958, receberam atenção mundial, mas as comunidades religiosas ainda não podiam comemorar. A retirada gradual do partido de sua compulsão administrativa foi compensada por trabalho mais intenso na sociedade, que significou uma outra forma de pressão. Repetidamente, a religião era explicada como resultado do atraso intelectual e material.

Depois do Protocolo de Belgrado entre o governo iugoslavo e o Vaticano e a demissão de Rankovic em 1966, as comissões para assuntos religiosos, que costumavam ser estreitamente ligadas ao UDBA (Administração da Segurança do Estado)[653], foram separadas de sua costumeira fonte de informação e tiveram que recorrer a formas mais civis de obter conhecimento. Os "comissários" tinham que ler mais atentamente a imprensa religiosa, que se

652 Ibid., p. 549.

653 Nome oficial em servo-croata: Uprava drzavne bezbednosti (nota do tradutor do texto em inglês).

desenvolveu rapidamente no clima liberal dos anos 1960. Depois desta reforma, as igrejas gozavam de liberdade bastante generosa de ação no campo e não eram sistematicamente impedidas de se comunicar com sua clientela tradicional. Conforme o protocolo, a Igreja Católica devia se assegurar de que o clero não fosse ativo na vida política, e a Iugoslávia reconhecia a jurisdição do Vaticano sobre a Igreja nas questões espirituais. O Estado concedeu à Santa Sé a liberdade de nomear bispos e aos bispos a liberdade de estabelecer contatos com a capital da Igreja Católica Romana. Além disso, ambos os estados se comprometeram a manter diálogo e anunciaram o estabelecimento de relações diplomáticas, que se tornaram efetivas seis anos mais tarde (1970). O gradual degelo das relações também teve consequências concretas para a situação na Eslovênia. Em 1961, o papa João XXIII[654] elevara a diocese de Liubliana a arquidiocese; sete anos depois, o papa Paulo VI constituiu a província eclesiástica da Eslovênia com seu metropolita em Liubliana e com bispo sufragâneo em Maribor. Dentro do espírito de comunicação, o Estado permitiu que o departamento da Faculdade Teológica de Liubliana fosse fundado em Maribor (nos anos 1970) e até forneceu previdência social para padres e membros das ordens da Igreja[655]. Os padres, contudo, ainda não tinham a oportunidade de trabalhar, como gostariam, em áreas urbanas, entre as elites, em discussão intelectual ou política[656].

Não obstante, a interação entre o Vaticano e a "terceira via" iugoslava contribuiu para um diálogo entre cristãos e marxistas. Embora a interação fosse limitada a uma pequena elite de teólogos liberais e professores universitários de uma tendência marxista reformista, ainda assim seu progresso foi significativo. Isto ficou

654 NT: O texto em inglês alude a um "Pope John Paul XXIII", notório engano que o tradutor se sentiu livre de corrigir.

655 Peter Vodopivec, *Od Pholinove slovnice do samostojne drzave*, p. 395-396.

656 Klaus Buchenau, "What Went Wrong?", p. 550-551.

inteiramente claro depois da "neutralização" da chamada Primavera Croata, quando os intelectuais de pensamento liberal que tinham liderado o diálogo do lado marxista perderam o apoio no Partido. O fracasso teve sérias consequências para os desdobramentos internos na Igreja Católica. A hierarquia da Igreja, que tinha sido crítica dos "experimentos" do Concílio Vaticano II, não obstante permitiu que os tradicionalistas retirassem seu apoio aos teólogos modernistas engajados em diálogo. A situação na Eslovênia foi um pouco diferente. O diálogo permaneceu vivo, embora desde o começo dos anos 1960 as autoridades iugoslavas tenham podido observar como a crescente atividade da Igreja Católica, especialmente na Croácia, estava ocasionando uma reação em cadeia. Especialmente em áreas multiconfessionais como a Bósnia-Herzegovina, padres ortodoxos e imames muçulmanos seguiam o exemplo de seus ativos colegas católicos e intensificavam sua preocupação sobre a prática religiosa dos fiéis. Onde quer que a Igreja Católica afirmasse sua presença organizando eventos de massa, outras comunidades religiosas tentavam promover atividades semelhantes. Esta prática mais tarde levou a um problema maior, pois várias igrejas compreenderam as relações entre a administração ateísta e a Igreja como uma questão nacional, não apenas religiosa. Se não houvesse croatas ou eslovenos sem catolicismo e sérvios sem o cristianismo ortodoxo, então a promoção do ateísmo não poderia ser algo senão um perigo para a nação[657]. Os canais de comunicação estabelecidos nos anos 1960 e fim dos 1970 ganharam substancial autonomia nos níveis locais e republicano. Além disso, durante os anos 1980 estes canais forneceram uma base importante para a aliança entre as igrejas e os comunistas, que tinham se tornado nacionalistas. Portanto, no fim dos anos 1980 e começo dos anos 1990 "o maior dano foi causado pelos supostos 'anticomunistas' e 'dissidentes'

657 Ibid., p. 560.

que de fato eram nacionalistas pragmáticos o suficiente para concluir alianças com (ex)comunistas quando necessário"[658].

Os julgamenos de "Dachau"

Os mais destacados dentre todos os julgamentos foram, sem dúvida, os onze chamados "julgamentos de Dachau", que envolveram mais de trinta criminosos de guerra condenados, dez dos quais também tinham sido condenados à morte no julgamento de Diehl-Oswald (oficialmente em 12 de maio de 1948). Os julgamentos se realizaram de 26 de abril de 1948 (o primeiro e mais importante julgamento também conhecido como "Diehl e outros réus"), até 11 de outubro de 1949 (o julgamento do "Grupo Falkin" na Corte Distrital de Liubliana). O único caso reaberto cujos procedimentos foram conduzidos com consistência e o indiciamento foi mudado e o caso anulado foi o julgamento de Joze Marcan, que fora condenado em 17 de junho de 1949.

Ainda não tinha havido um chamado para a anulação final e conclusiva das condenações dos julgamentos de Dachau até o Décimo Congresso da Liga dos Comunistas da Eslovênia (17-19 de abril de 1986). Ao mesmo tempo uma iniciativa foi lançada para uma investigação científica das circunstâncias dos julgamentos, seu curso e suas consequências. Isto foi também a primeira decisão para reabilitar politicamente todos os presos, acusados e condenados. Ao fim de outubro de 1989, a Liga dos Comunistas da Eslovênia (ZKS)[659] e a cidade de Liubliana descerraram um cenotáfio em memória das vítimas no cemitério central de Zale em Liubliana. As verdadeiras datas das execuções, os números das pessoas executadas e a localização de suas sepulturas permanecem desconhecidos até hoje.

658 Ibid., p. 561.

659 Em esloveno: zveza komunistov Slovenije (nota do tradutor do texto em inglês).

Os julgamentos de Dachau foram julgamentos estalinistas clássicos distinguidos por três importantes características: a luta para ganhar o controle absoluto dentro da autoridade estabelecida, a consequente perseguição automática de membros do próprio partido ou seus adeptos e a necessidade consequente de acusações falsas e sem fundamento. Dificilmente qualquer dos indivíduos entre os condenados poderia ter (mesmo remotamente) constituído um perigo para a estrutura governamental então vigente. A primeira característica poderia, assim, não se aplicar a este exemplo, apesar de que os julgamentos encarnavam o "clima político eufórico, paranoico e esquizofrênico e o meio estalinista iugoslavo"[660]. A inexorabilidade em relação aos indiciados certamente muito tinha que ver com as tensões internacionais (o conflito com o Cominform) e do apogeu do estalinismo e estatismo iugoslavos.

O que tipificou os julgamentos de Dachau é que todos os réus, sem exceção, tinham sido prisioneiros dos campos de concentração de Dachau e Buchenwald. Eles foram acusados e sentenciados pela alegada participação em operações dirigidas pela Gestapo ou com ela relacionadas nos mencionados campos e por "conduta deliberadamente prejudicial depois da guerra como agentes de serviços de espionagem estrangeiros".

Todo o "projeto" resultou do chamado "caso Puffer" (um alegado plano de sabotagem na indústria de vidro em Hrastnik), i.e., o julgamento de Janko Pufler, Joze Benegalija, Karol Savric e Joze Percl, que se realizou em Celje, em 24 de maio de 1947. Várias das pessoas acusadas e indiciadas no subsequente e mais importante dos julgamentos de Dachau (Karel Barle, Stane Oswald, Boris Kranjc, Branko Diehl) tinham já estado indiretamente envolvidos neste primeiro julgamento. Mas os julgamentos de

660 Branko Ziherl, "Promemoria". In: *Dahauski procesi. Raziskovalno porocilo z dokumenti*, ed. Martin Ivanic. Liubliana: Komunist, 1990, p. 25-32.

Dachau começaram com a prisão de Berle, um comunista de antes da guerra, voluntário na guerra civil espanhola, detido na prisão de Graz e internado em Dachau, que tinha comparecido ao julgamento de Puffer como testemunha de defesa. Barle foi censurado, com base na mera especulação de colaborar com a Gestapo. Mais tarde os investigadores da UDV (Escritório da Segurança do Estado)[661] focalizaram na busca intensificada de informações sobre as operações das estações experimentais nos campos de concentração alemães e a possível responsabilidade criminal de todos os internos que sobreviveram e que tinham sido empregados nelas. Assim, antes do fim de outubro de 1947, quase todos os engenheiros químicos e vários médicos eslovenos foram presos sob a acusação de terem participado em experiências com seres humanos nos centros médicos ou estações de malária dos campos de concentração. Só então é que a investigação se direcionou para encontrar provas de espionagem no após-guerra contra o governo nacional e sabotagem, o mais grave dos crimes contra a nação[662].

O ano do Cominform

Os julgamentos de Dachau coincidiram com a série de "Julgamentos do Cominform" orquestrados pelo UDV. Os julgamentos do Cominform levaram a 731 prisões e 334 indivíduos foram condenados a um máximo de dois anos de prisão com possível prolongamento. A maioria dos agentes eslovenos do Cominform não tinha uma atitude pró-soviética, mas era "de uma ou outra forma crítica do governo e da situação tanto na Eslovênia como na Iugoslávia"[663], ao passo que, em certos casos, possam até ter se vingado de velhos rancores e conflitos. Por outro lado, a campanha contra o Cominform na Eslovênia nunca poderia se comparar com

661 Em esloveno: Urad drzavne varnosti (nota do tradutor do texto em inglês).

662 Ibid., p. 25-32.

663 Bozo Repe, "Informbiro v Sloveniji". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 174.

a implacável natureza do acerto de conta intrapartidário em outras partes da Iugoslávia onde a ideia de Stalin sobre um Escritório Consultivo dos Partidos Comunistas Europeus, com sede em Belgrado, encontrou uma reação muito mais ampla. É interessante notar como a figura eslovena mais importante na Iugoslávia, o ministro de Negócios Estrangeiros Edvard Kardelj, compreendeu os acontecimentos. Ele recordou o "não definitivo" a Stalin em sua obra *Reminiscências*, publicada em 1982:

> *Quando revemos as relações entre o CPY e o CPSU*[664] *desde a Primeira Sessão da AVNOJ (em 1942) através das intrigas de Zhdanov até a ruptura final com Stalin, fica aparente que Stalin estava durante todo o tempo planejando mentalmente o fim da Iugoslávia independente de Tito. Ele não perdoava nada, não esquecendo até mesmo questões sobre as quais ele mesmo havia voltado atrás. Nós nos tínhamos chocado numerosas vezes: sobre Draza Mihailovic em 1941; sobre a Segunda Sessão da AVNOJ realizada sem o conhecimento de Moscou e da qual Moscou fora muito crítica; sobre os problemas com os especialistas soviéticos e as firmas em parceria, que foram rapidamente resolvidos pela aceitação por Stalin dos pedidos iugoslavos – mas só por que ele considerava cedo demais para lançar sua campanha contra a Iugoslávia. Estas diferenças permaneceram um espinho para Stalin, e ele passou quatro anos preparando seu ataque final. No final de março de 1948, um enviado especial do NKVD*[665]*, chegou*

664 A tradução de Kardelj usa a abreviação em inglês CPY para o Partido Comunista da Iugoslávia, em outros trechos, a abreviação original KPJ é mantida (nota do tradutor do texto em inglês). NT: CPSU refere-se ao Partido Comunista da União Soviética, em abreviação em inglês.

665 Comissariado do Povo para Assuntos Internos (em russo: Narodny Komissariat Vnutrennikh Del). O NKVD era a principal organização da polícia secreta da URSS (nota do tradutor do texto em inglês).

> *de Moscou com uma carta lacrada para Tito e para mim com as palavras: "Aos Camaradas Tito e Kardelj". A carta, embora escrita em um tom bastante polido, continha todo um catálogo de erros, que eles alegavam que nós tínhamos cometido em nossas políticas doméstica e exterior, e que causavam verdadeira preocupação para a liderança soviética. Na reunião do politburo do Comitê Central do CPY, nós julgamos as acusações caluniosas, e decidimos rejeitá-las. O único dissidente neste ponto de nossa divergência com Stalin foi Sreten Zujovic, que insistiu em que admitíssemos os erros de que Stalin nos acusava e que passou a demonstrar que nós realmente tínhamos sido culpados. No entanto, ele permaneceu isolado, ao passo que Hebrang, que se uniria a ele mais tarde, permaneceu calado, ou porque esperava para ver o resultado ou mesmo talvez porque tinha sido instruído por Moscou a agir assim. Todos os demais membros do politburo apoiaram fortemente Tito e sua proposta de rejeitar a carta*[666].

Uma curta correspondência (três cartas de cada lado) se seguiu na qual Stalin estendeu suas acusações anteriores "para incluir todas as possíveis áreas políticas", fez um chamado a Tito e Kardelj "a que admitissem seus erros e os corrigissem, e acrescentou que o CPY teria que eleger uma nova liderança". No fim de junho, seguiu-se a Resolução do Cominform em Bucareste na qual todos os partidos comunistas presentes se juntaram às acusações de Stalin. De acordo com Kardelj, atento à decisão do Politburo de publicar todas as cartas, "os povos da Iugoslávia instintivamente sentiram que as cartas (de Stalin) representavam uma ameaça mortal a sua independência, à qual eles permaneciam leais. Os sentimentos

666 Edvard Kardelj, *Reminiscences*, p. 115-116.

antissoviéticos e antiestalinistas foram exarcebados e o CPY recebeu o mais amplo nível de apoio popular"[667]. Kardelj tinha expectativas completamente diferentes sobre as relações com os "partidos comunistas irmãos", embora os membros do Politburo iugoslavo esperassem que alguns deles os apoiassem.

> *Tínhamos contado, por exemplo, com a Albânia, mas ela foi um dos primeiros a se virar contra nós. Pensamos contar também com a Hungria, com a qual tínhamos relações muito boas, mas Rakosi nos escreveu que "nem todo frango pode ser rei de seu próprio monte de bosta". Não muito depois, os partidos comunistas da Itália e da França, e depois de todo o mundo, se uniram contra nós. Só alguns grupos individuais, que tinham consciência do significado da campanha de Stalin e que tinham rompido com seus próprios partidos oficiais, tentaram nos ajudar. Mas eles eram apenas vozes gritando no deserto, que ninguém ouvia [...] A batalha passou rapidamente da arena política para a econômica. As fronteiras foram fechadas, todos os acordos econômicos com a Iugoslávia, um depois do outro, foram cancelados, ligações postais e ferroviárias foram cortadas; do outro lado da fronteira cercas altas de arame e postos de observação foram construídos e a terra em torno das cercas foi afofada de modo que as pegadas daqueles que cruzassem secretamente para dentro ou para fora da Iugoslávia pudessem ser vistas. Em resumo, do extremo ocidental da Hungria à ponta meridional da Bulgária e ao longo da fronteira com a Albânia, todas as formas de comunicação tinham sido cortadas, como se nem eles nem nós existissemos. Tudo o que restou foram os*

667 Ibid., p. 117.

> *permanentes incidentes fronteiriços, que deixaram atrás mortos e feridos*[668].

A situação no Ocidente, tal como vista por Kardelj, era bastante distinta:

> *Alguns acharam que este era o fim da Iugoslávia de Tito e que era absolutamente impossível para ela suportar a pressão de Stalin, enquanto outros – eu diria a minoria – acreditava que a Iugoslávia poderia resistir e derrotar Stalin. Foram estes países que começaram a nos dar a primeira ajuda econômica e material por meio de tratados apressadamente acordados, etc. Houve também um terceiro grupo que eram tão anticomunistas que pensavam que os comunistas estavam encenando toda a questão para ampliar sua influência no Ocidente mais facilmente*[669].

Portanto, o estabelecimento dos primeiros contatos econômicos "com o Ocidente foi um processo vagaroso":

> *Primeiro nós seguimos uma política provisória, que na verdade nos impedia de acelerar o processo. A questão era que nós não queríamos sair imediatamente com nossas armas apontadas contra a União Soviética, pois poderíamos dar-lhes um pretexto para uma intervenção militar na Iugoslávia. De fato me lembro, em uma reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, na qual eu discursei como se nada tivesse acontecido nas nossas relações com a União Soviética, embora nossa briga tivesse então chegado ao seu clímax*[670].

668 Ibid., p. 118-119.

669 Ibid., p. 119.

670 Ibid., p. 120.

Kardelj refere-se aqui à III Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada de setembro a dezembro de 1948, de onde ele escreveu uma interessante carta a Tito dizendo que, de seus contatos com vários intelectuais de esquerda:

> *Parece que os argumentos (soviéticos) são considerados menos convincentes do que jamais anteriormente. Até por parte dos que apoiam a posição do Cominform no pós-guerra, costumamos ouvir a resposta de que estivemos errados na medida em que permitimos que uma briga se tornasse pública. Mas apenas poucas pessoas acreditam nas acusações propriamente ditas, e parece certo, a cada dia que passa que estas serão cada vez mais vistas como dúbias e falsas [...] Fica claro a todas as pessoas honestas que os fatos cotidianos desmentem as alegações da Resolução do Cominform, que estão apoiadas apenas em difamações vazias. Vilfan falou com alguns intelectuais comunistas americanos, que dizem que apoiam o Cominform por razões de disciplina internacional, e com temor pelo destino do movimento anti-imperialista internacional se a autoridade do Comitê Central do CPSU ficar solapada – e eles pensam que isto aconteceria se nós comprovássemos estar certos. Ao mesmo tempo criticam a linha tomada pelo Cominform contra nós. Nosso caso, dizem estes, é crucial no Movimento Internacional de Trabalhadores por causa da situação semelhante relativa ao Partido Comunista chinês e Mao Tse-Tung. Eles dizem que as opiniões do Partido Comunista Chinês, que eles chamam de "maoísmo" têm sido por muito tempo consideradas um "desdobramento preocupante*[671].

671 Ibid. Em sua carta, Kardelj se refere ao diplomata esloveno Joza Vilfan que foi, entre outras funções, chefe da Missão Iugoslava junto à ONU, embaixador na Índia, secretário-geral do presidente da República e membro da Corte Permanente de Arbitragem na Haia.



Figura 47. Josip Broz Tito e Edvard Kardelj em uma reunião em Okroglica, Eslovênia. Cortesia do Museu de História Contemporânea, foto de Vlastja Simoncic

O primeiro quinquênio e a autogestão

Alegações posteriores de que os 40 anos de comunismo iugoslavo e esloveno – até seu fim na última metade da década dos 80 – foram um período de "completo terror" quando a conduta pública e o comportamento cotidiano eram, acima de tudo, determinados e dirigidos pelo "medo da (onipotente) autoridade", se comprovaram exagerados, preconceituosos e historicamente equivocados. Como em todos os períodos e países, diferentes

pessoas na Iugoslávia comunista temiam as autoridades e os chefões políticos de diferentes maneiras. É também verdade que as razões deste temor eram algumas vezes mais óbvias e outras vezes menos claras, principalmente por causa das mudanças significativas nas condições e clima políticos durante períodos específicos do pós-guerra. Os comunistas, porém, não eram todos covardes, déspotas e carreiristas; muitos eram genuínos entusiastas, dispostos a se sacrificarem para construir o que verdadeiramente acreditavam ser um mundo melhor e mais justo. Depois da ruptura de Tito com Stalin e a saída da Iugoslávia do bloco oriental – que foi também amplamente provocada pelo antagonismo de poder entre os dois líderes e partidos comunistas – a liderança comunista buscou um modelo alternativo de socialismo. Na virada dos anos 1940 para os anos 1950, eles deram permissão para as ideias de Kardelj sobre "autogestão". O sistema iugoslavo de autogestão foi uma forma peculiar, senão utópica, de "sincretismo conceitual" que se inclinava para uma fusão entre as propostas e ideias de Marx, Proudhon, Blanqui e outras propostas socialistas que muitas vezes eram antagônicas entre si e como tal sempre causavam disparidades e conflitos.

Na opinião de Kardelj, o momento decisivo para a Iugoslávia veio depois da ruptura com a União Soviética, quando os principais atores do KPJ se depararam com o dilema de se o Partido deveria se identificar por um lado com o Estado e:

> *o que é mais, com os recursos financeiros e através disso com a burocracia e administração do Estado, ou se permanecia, por outro lado, como a vanguarda da classe trabalhadora que, como força dominante no país, era ela mesma a força dominante na autoridade do Estado. Mais do que nunca antes se tornou claro que o Partido deve guiar a classe trabalhadora e não governá-la. A classe trabalhadora em sua autogestão deve ter*

> *influência decisiva em todas as questões do Estado e do poder econômico, e o partido deve ser o que injeta saber, teoria e experiência em suas deliberações e mostra como lutar contra os inimigos do socialismo e da própria classe trabalhadora*[672].

Nas palavras de Kardelj, o Politburo supostamente sabia que "este era um longo caminho [...] mas era o único possível" para se assegurar "contra as deformações, que" eles tinham encontrado em sua "briga com Stalin".

De acordo com a narrativa de Kardelj a primeira decisão sobre como dar forma à autogestão como um sistema de organização social foi tomada enquanto vários membros do Politburo do KPJ estavam visitando Tito durante suas férias de primavera em Split. Nas palavras de Kardelj, Tito não só concordou com a proposta, "mas considerou que a autogestão fornecia a única rota possível para o socialismo. Por outro lado, ele tinha considerado o problema extensamente e sugeriu várias medidas organizacionais para ajudar a pôr em prática a proposta". Naquela ocasião, o núcleo do Politburo também decidiu "preparar uma lei sobre conselhos de trabalhadores como base para todo o sistema, que teria que se desenvolver gradualmente, pois era obviamente impossível pôr em prática uma reforma social de tão amplo alcance da noite para o dia".

A segunda conclusão importante do encontro foi a proposta de mudar o nome do KPJ para o de Liga dos Comunistas da Iugoslávia (SKJ)[673]. Depois de reservas iniciais, Tito "aceitou também esta proposta" e o nome foi mudado depois de aprovaão no Sexto Congresso do KPJ em novembro de 1952.

672 Ibid., p. 123-124.

673 Em servo-croata: Savez komunista Jugoslavije (nota do tradutor do texto em inglês).

Em 1950, Tito fez o seu "histórico discurso" introduzindo a lei sobre os conselhos de trabalhadores, que forneceria a base formal para a autogestão dos trabalhadores até o fim da década de 1980. Esta foi a introdução de uma das mudanças mais radicais em todo o período da FNRJ e da SFRJ[674] respectivamente, tornando necessária a adoção de uma nova constituição

> *que, embora não tenha elaborado em detalhe e ainda contivesse partes da antiga constituição, efetivamente introduziu a autogestão na sociedade iugoslava e mudou o papel do Estado, da administração tecnocrática, e do trabalhador, não apenas nas fábricas mas em [...] todas as áreas da vida*[675].

As ideias de Kardelj sem dúvida tiveram um impacto profundo e duradouro na realidade tanto da Iugoslávia como da Eslovênia depois de 1948. Ele foi não só o "pai da autogestão", mas também o autor principal de todas as constituições e leis constitucionais do após-guerra, inclusive as últimas, adotadas em 1974 e 1976. Em vista do crescente poder político do Partido e da centralização econômica, estes documentos constitucionais revelam a natureza irrealista dos projetos sociopolíticos de Kardelj. Ainda assim, muitos velhos comunistas ainda se agarraram a eles na primeira metade dos anos 1980, rejeitando qualquer perspectiva de reformar profundamente o complicado sistema constitucional e político; eles sustentavam que os problemas não estavam na "constituição nem no sistema", mas no atraso da "autogestão e das relações autogerenciais". Este foi o ato final dos processos que tinham começado no princípio dos 1950 e teriam um significativo impacto na vida política, econômica e cultural na "Nova" Iugoslávia.

674 Em servo-croata: Socialisticka federativna republika Jugoslavija (nota do tradutor do texto em inglês).

675 Edvard Kardelj, *Reminiscences*, p. 124-125.

A reconstrução do Estado e das instituições culturais

Os anos 1950 foram também o período da reconstrução em geral. O transporte e outras infraestruturas públicas tinham sido destruídos ou se tornado extremamente obsoletos. Como o tesouro do Estado estava completamente exaurido, só podia fornecer um padrão básico de assistência social (licença paga e seguro básico de saúde), apesar de seus esforços ideologicamente induzidos de alcançar um equilíbrio social. A licença maternidade era curta e os cuidados com as crianças eram fornecidos por jardins de infância públicos. As mulheres, agora oficialmente iguais aos homens, pagaram sua emancipação com uma semana dobrada de trabalho; o trabalho de casa era combinado com o emprego regular (em três turnos). Além disso, havia também escassez de vestuário, habitação, equipamentos e comida. Só o trabalho estava suficientemente disponível. Além do trabalho regular, havia uma grande procura para uma força de trabalho nas chamadas ações de trabalho, nas quais jovens (estudantes secundários e universitários) em especial deviam participar. No começo, estas ações eram organizadas para "eliminar as consequências da ocupação"[676]. Depois de 1946, as chamadas brigadas federais de trabalho começaram a participar em ações em toda a Eslovênia e Iugoslávia. Se as primeiras ações locais do após-guerra tinham por objeto a reconstrução ou renovação de construções existentes, mais tarde, ações de alcance nacional foram principalmente organizadas para construir uma infraestrutura inteiramente nova (estradas, ferrovias, eletricidade e água). Estimativas posteriores mostram que nos primeiros anos do pós-guerra tais projetos foram economicamente viáveis porque o país não estava adequadamente mecanizado. Por outro lado, análises subsequentes claramente indicam que as "brigadas de trabalho" eram principalmente um empreendimento político

676 "Studentje in obnova – dve osnovni nalogi ljudske studentske mladine", *Ljudski student*, 30 de março de 1946.

e ideológico destinado a construir "irmandade e união". Um dos primeiros grandes projetos deste tipo foi a construção da ferrovia Brcko-Banovic no norte da Bósnia, da qual alguns estudantes estrangeiros também participaram. Um destes membros do grupo, um certo E. P. Thompson, viria a ser um famoso historiador britânico e autor de *O Surgimento da Classe Operária Inglesa* (*The Making of the English Working Class*).



Figura 48. Membros das brigadas de trabalho da juventude. A Criação da Eslovênia, p. 85, foto de Marjan Pfeifer

Neste período, a iniciativa privada e o empreendorismo se tornaram completamente impossíveis. A economia foi totalmente submetida ao controle do Estado e à Lei sobre o Plano Econômico Quinquenal. Sob esta lei, a maioria dos fundos de investimento foi destinada para a construção de infraestrutura de eletricidade e transporte e para indústrias de base (ferro, construção e química). A produção de bens de consumo foi negligenciada, como ficou especialmente visível na vida cotidiana. A situação era tão terrível que havia até escassez de vassouras, assim não era de surpreender

que, quando a fronteira com a Itália foi aberta, em 1950, a maioria dos primeiros compradores que atravessaram a fronteira organizaram a chamada "Marcha das Vassouras"[677].

No início dos anos 1950, tornou-se mais ou menos claro que o primeiro plano quinquenal, com seus dispositivos rígidos e desatenção para a situação do mercado, não resultaria em um projeto econômico sério, mas, na melhor hipótese, em uma lista de metas não alcançadas. Dada a política financeira centralizada, a Eslovênia enfrentava outro problema decorrente da decisão de que as regiões mais atrasadas deviam acelerar seu progresso. Como resultado da infraestrutura extremamente deficiente, falta de qualificação da mão de obra e diferença de estilos de vida, esta decisão só levou a uma série de projetos mal direcionados e a uma perda dramática de recursos. A situação só começou a mudar depois de 1953, quando a Reforma Agrária foi emendada e o financiamento unilateral foi redirecionado para a indústria pesada. Considerável atenção foi dada também para a indústria e o comércio, e para a fabricação de bens de consumo. Os efeitos positivos foram quase imediatos. O produto nacional bruto elevou-se 30% por vários anos consecutivos, de modo que, no final dos anos 1950, a Iugoslávia era considerada como a economia que crescia mais rapidamente no mundo.

677 Na opinião da Branko Marusic, um historiador de Nova Gorica, esta marcha chegou a ser uma forma de protesto pela qual os primeiros compradores a cruzarem a fronteira desejavam chamar a atenção para a escassez geral. Ver: Vida Zei & Breda Luthar, "Shopping across the Border" (trabalho apresentado na conferência *Everyday Socialism and Social Transformation In Eastern Europe 1945-1965*, Centro de Conferência da Universidade Aberta, Londres, 14-36 de abril de 2003). De acordo com Zei e Luthar, a "Marcha das Vassouras" se realizou em 13 de agosto de 1950, quando as "autoridades da fronteira permitiram que parentes e amigos de ambos os lados da fronteira esloveno-italiana se encontrassem e reunissem por várias horas como já tinham feito uma semana antes. A notícia se espalhou e cerca de 5 mil habitantes das aldeias e cidades fronteiriças esperaram do lado iugoslavo da fronteira desde cedo na manhã e caminharam até a parte italiana de Gorizia. Eles finalmente derrubaram as barreiras de madeira na frente dos impotentes guardas de fronteira, passaram algumas horas na Itália e regressaram com todos os tipos de bens de consumo. A maioria carregava vassouras nas mãos e pentes em seus bolsos – dois produtos muito necessários mas inexistentes na Iugoslávia da época".

A primeira "revolução cultural" e a emancipação das mulheres

Uma evolução semelhante pode também ser observada no campo da cultura, especialmente na abolição da censura rígida que tinha sido encarnada na disseminação agitprop[678] das ideias do realismo social. Mas, mesmo logo depois da guerra, os eslovenos em especial não tinham quase nenhuma razão de se queixar. Como apontado por Ervin Dolenc e Ales Gabric, a cultura eslovena pós-1945 se encontrava em uma situação completamente diferente, especialmente porque as repúblicas individuais tinham o mais alto nível de autoridade sobre a cultura, a educação e a ciência. A Eslovênia, que já dispunha de uma rede bem desenvolvida de instituições e sociedades culturais antes da guerra, podia também se beneficiar da nova situação para transformar certos estabelecimentos que só tinham importância regional na antiga Iugoslávia (rádio, arquivos, a biblioteca nacional e a da universidade) em instituições centrais do Estado esloveno.

Assim, em 1945, os teatros nacionais em Maribor e Liubliana foram batizados como teatros nacionais eslovenos e a Academia de Ciências e Artes tornou-se a Academia Eslovena de Ciências e Artes. A matrícula na universidade teve um grande crescimento, especialmente entre as mulheres. As declarações oficiais do partido de que a participação das mulheres era essencial para uma democracia verdadeira parecia pouco convincente, ou melhor, contribuía para a criação da chamada segunda sociedade ou sociedade oculta. Sua característica era a da mulher como uma "mãe responsável e socialmente sensível, leal ao regime socialista, educada, empregada, politicamente ativa e parceira igual a seu marido"[679].

678 Agitprop é uma contração russa derivada de dois termos, agitação e propaganda. Denota uma atividade com a qual as autoridades soviéticas tentavam elevar o nível de consciência revolucionária do povo sob o socialismo e conquistar se apoio ativo para o movimento comunista.

679 Boris Kidric em: Mateja Jeraj, "Polozaj in vloga zensk v Sloveniji (1945-53)". Dissertação de PhD, Filozofska fakulteta, Univerza v Ljubljani, 2003, p. 118.

Nestas imagens propagadas pelos funcionários do partido, a educação tinha um papel importante, como confirmado pelo forte aumento de estudantes mulheres durante os primeiros cinco anos depois da guerra. Por exemplo, no ano escolar 1950--1951, o número de mulheres estudantes na Eslovênia era proporcionalmente mais alto do que nos EUA. Números sobre emprego mostram uma tendência análoga, embora na Eslovênia a porcentagem de mulheres no trabalho fosse mais alta do que em outras partes da Iugoslávia. Isto pode ter contribuído para o fato de que as mulheres na Eslovênia tenham reconhecido ligeiramente antes que elas arcavam com uma carga tríplice (como trabalhadoras, donas de casa e mães). Em consequência, o número de mulheres que participavam em organizações políticas ou de interesses especiais diminuiu pela metade. Apesar disso, a domesticidade foi se tornando gradativamente central à definição da feminilidade socialista e a identidade feminina no discurso oficial era construída em relação ao trabalho "no cuidado com os outros". A transformação das políticas de gênero depois de 1945 mostrou rupturas dramáticas tanto quanto continuidades sutis.

De maneira semelhante, o papel público das mulheres, por exemplo, experimentou uma crescente sub-represtanção em diferentes organizações políticas. Enquanto o número de mulheres deputadas na Assembleia Nacional aumentou, sua representação em órgãos locais reduziu-se pela metade. Os membros principais das "organizações de mulheres" logo notaram isto e chamaram a atenção das mulheres para o fato de que, se elas deixassem de participar, "a política [...] ignorará a particularidade das necessidades das mulheres"[680], e que isto ainda por cima aumentaria a discrepância entre o comportamento e a opinião (em público ou de fachada) e privada (por trás da cena). Por isso, o fracasso das

680 Mateja Jeraj, "Polozaj in vloga zensk v Sloveniji", p. 290.

instituições socialistas em conformar "preferências socialistas" resultou em um cinismo generalizado e na retirada para a vida privada. Este baixo nível de confiança e apoio social para o sistema formal resultou em fortes diferenças entre as esferas pública e privada e uma falta de coerência entre a versão oficial da realidade e as experiências próprias das pessoas sobre o regime de gênero. Consequentemente, o "contrato social" tornou-se uma vez mais um "contrato social fraternal", mas com diferenças de gênero.

No primeiro ano depois da guerra, atividades culturais de massa eram organizadas pela Organização Cultural Popular da Eslovênia (*Ljudska prosveta Slovenje*), antecessora da futura Associação das Organizações Culturais (*Zveva kulturnih drustev*), ao passo que a educação a tempo parcial era organizada pelas Universidades dos Trabalhadores (*Delovske univerze*), que, sobretudo, forneciam cursos de línguas estrangeiras e programas para formação profissional avançada. Já no fim dos anos 1940, as formas tradicionais de cultura de massa foram gradualmente substituídas pela cultura popular. Este progresso podia ser notado mais claramente na música, cujas tendências populares dos anos 1950 eram principalmente determinadas pelas emissões de rádio e a (de início muito modesta) produção de discos. Em tais circunstâncias, até o começo dos anos 1960 as pessoas só tinham conhecimento das últimas produções musicais em salões de dança e concertos folclóricos. Depois de 1962, eles também se inteiraram delas pelo Festival Esloveno da Canção, que foi realizado pela primeira vez em Bled.



Figura 49. Uma das mais populares cantoras eslovenas, Majda Sepe, em apresentação no primeiro Festival Esloveno da Canção, Bled, 1962; Cortesia da RTV Eslovênia, foto de Milan Kumar

O número de revistas publicadas na Eslovênia aumentou grandemente, especialmente antes da metade dos anos 1950. Elas provocavam animados debates e encorajavam o tratamento de temas contemporâneos e problemas íntimos. A tematização da luta partidária e a glorificação dos projetos coletivos gradualmente cedeu espaço a uma discussão dos problemas e conceitos da atualidade. O progresso mais tangível se notou na Slovenska matica. Seu trabalho tinha sido interrompido por decreto alemão de 1944 e foi retomado em 1950, depois da nomeação do geográfo e historiador Anton Melik como seu novo presidente. Três anos depois, a Slovenska matica voltou com um ímpeto novo a compilar sua coleção regular de textos filosóficos e históricos. Assim, tantos livros foram publicados em um ano na metade dos anos 1950 como nos primeiros cinco anos depois da guerra, e na metade dos anos 1960 a produção chegou a dobrar.

O começo dos anos 1950 também foi palco do primeiro protesto da nova geração de escritores eslovenos que tinha se reunido em uma reunião geral extraordinária para criticar a política seguida pelo presidente de sua sociedade, que era considerado como agindo em nome do Partido. Um ano depois, Edvard Kocbek publicou um livro intitulado *Medo e Coragem* (*Strah in pogum*), que rompeu com as tradições prevalecentes do realismo socialista. Uma transformação semelhante se mostrou na recém-fundada revista literária *Nasa sodobnost*, que muitos viram como um resultado do clima cultural e político inaugurado pelo Sexto Congresso da Liga dos Comunistas em 1952. Mais precisamente, era parte dos pontos de vista apresentados pelo escritor croata Miroslav Krleza, que tinha feito campanha em favor de uma ruptura com a versão iugoslava do realismo social no Terceiro Congresso de escritores iugoslavos em 1952. Apesar desta decisão, no fim daquela década as editoras ainda rejeitavam tenazmente manuscritos por causa de sua "impropriedade idealista" e o Estado chegou a estender a censura a projetos de autores que publicavam suas próprias obras[681].

Visto a distância, 1953 foi um ano de grandes inovações em vários aspectos. Em março, realizou-se o primeiro recenseamento do após-guerra, que revelou o crescente e intenso êxodo da população rural, enquanto um mês antes a antiga Frente Iugoslava de Libertação se tinha transformado na Aliança Socialista dos Trabalhadores da Iugoslávia (SZDL)[682], uma aliança democrática independente que serviria como uma tribuna política de base ampla dedicada à troca de opiniões. Como as posições de liderança

681 Na metade de 1958, uma importante editora (Cankarjeva zalozba) rejeitou três coletâneas de poemas da jovem geração de poetas eslovenos. Dois (*Pozgana trava* de Dane Zajc e *Jalova setev* de Veno Taufer) foram mais tarde publicados pelos autores, ao passo que Joze Snoj foi mesmo impedido de publicar sua coletânea *Mlin stooki*. Isto assinalava a aplicação estrita da ideia sustentada pelo primeiro presidente esloveno Boris Kidric de que o Estado deve exercer pleno controle e supervisão sobre o "o material que vai ser impresso". Ver também: Ales Gabric, "Samozalozba v enostrankarskem sistemu". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 239.

682 Socialisticna zveva delovnega ljudstva Jugoslavije (nota do tradutor do texto em inglês).

da SZDL ainda eram ocupadas pelos comunistas mais notáveis e dignos de mérito (Tito como presidente e Kardelj como secretário-geral, Miha Marinko e Boris Kraigher na Eslovênia), não podia ser chamada uma organização política alternativa. Ao final, mas não menos importante, a explicação oficial incluía também que a nova organização procuraria "construir relações socialistas". O único a reconhecer a SZDL como potencial sucessora da Liga dos Comunistas foi Milovan Djilas, um membro do Comitê Executivo do Comitê Central do SKJ, que se situava no quarto nível da hierarquia do Partido. Em seus artigos pioneiros no jornal publicado em Belgrado, *Borba*, ele primeiro abordou a chamada questão da estética marxista e então caracterizou a nova elite política socialista como a "nova classe". O homem, que apenas um ano antes tinha presidido a "agitprop" e exigido uma rédea curta sobre a expressão artística, agora assumia uma postura totalmente distintia, pela qual pagou um alto preço. Ele foi excluído da Liga dos Comunistas e, mais tarde, recebeu longas penas de prisão. Suas ideias não despertaram grande repercussão na Eslovênia, ainda que ele as tivesse devidamente apresentado em Maribor três meses antes de sua desgraça política. Alguns eslovenos ligados às publicações *Nasi razgledi* e *Revija 57* ficaram desacreditados como "Djilanistas" até a segunda metade dos anos 1950.

O fim do realismo social nas artes visuais seguiu um curso ligeiramente diferente. A nova geração, melhor personificada por Marij Pregelj com suas ilustrações expressionistas dos épicos de Homero, Milos Pozar com sua arte abstrata e o surrealista Stane Kregar, abriu a porta para uma concepção abstrata do mundo. A polêmica que deu, mais tarde, origem ao chamado Grupo 53 "convergiu em particular para uma [...] noção da arte abstrata"[683] e em ambições de expressar interpretações das percepções

683 Milcek Komelj, "Kregarjev poseg v abstrakcijo". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 202.

subjetivas ou íntimas do mundo. A fundação daquela que é hoje a mais antiga bienal gráfica do mundo mostrou que seus esforços não tinham sido em vão. Em 1955, Liubliana foi palco da abertura da primeira mostra gráfica internacional, organizada por Bozidar Jakac e Zoran Krzisnik seguindo o exemplo da mostra gráfica de Lugano (*Bianco e Nero*). O início da futura Bienal de Arte Gráfica foi extremamente importante para os artistas eslovenos porque lhes permitiu manter-se atualizados sobre as produções internacionais contemporâneas. Mais tarde, a bienal contribuiu significativamente para a popularização das artes gráficas eslovenas, que se tornaram "a mais florescente disciplina na arte eslovena" nos anos 1960[684]. Outro testemunho de sua reputação eminente foi o novo termo "Escola Gráfica de Liubliana", que foi celebrada, sobretudo, por seu colorido característico, sua experimentação com as cores e seu esteticismo. Por fim, a bienal abriu o caminho para o Centro Internacional de Artes Gráficas (1987), onde exibições do panorama das artes gráficas são regularmente organizadas.

O desenvolvimento do teatro esloveno neste período tomou um curso totalmente distinto. Seu começo foi institucionalmente ambicioso: em 1955, a Eslovênia tinha não menos do que doze teatros profissionais e seu próprio festival regular em Celje. Mas, dez anos depois, somente quatro em Liubliana, Maribor e Celje permaneciam em funcionamento. Apesar dos esforços de artistas como Slavko Jan, Fedor Gradisnik, Lojze Filipic, Herbert Grün e mais tarde também Bruno Hartman, Franci Krizaj, Bolan Stih e Andrej Hieng, o teatro esloveno, que tinha relativamente ultrapassado cedo o formalismo austro-húngaro, ficou atado a um acentuado realismo por vários anos. Isto é provavelmente uma razão pela qual Jan, o diretor do Teatro Nacional Esloveno, escreveu com desânimo no começo dos anos 1950 que o Teatro Nacional

684 Milcek Komelj, "Mednardoni graficni bienale in ljubljanska graficna sola". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 222-223.

Esloveno[685] em Liubliana sob sua direção, bem como outros teatros eslovenos, sofriam com um excesso de realismo pouca imaginação e estilo. A situação finalmente começou a melhorar no final dos anos 1950 quando Albina Brankovic e Draga Ahacic criaram seus respectivos teatros experimentais. O desenvolvimento que se seguiu criou muitas oportunidades para encenar novas peças eslovenas e estrangeiras, incluindo a estreia de *A Lição* de Eugene Ionesco e as estreias de outros dramaturgos de vanguarda. Porém, esta evolução teve menos efeitos do que novas tendências no teatro esloveno: uma série de pequenos teatros experimentais ou alternativos que surgiam e desapareciam e permitiram que, até o final dos anos 1980, até os teatros principais se mantivessem em dia com as novas tendências. Por outro lado, foram principalmente estes teatros e outros grupos teatrais que politizaram seriamente a dramaturgia.

Antes do fim da década, esta politização ocorreu igualmente nos debates politicamente impregnados sobre a natureza da primeira estação de televisão eslovena, que tinha começado a transmitir para os lares eslovenos no fim de 1958. Os políticos rejeitaram energicamente o nome proposto, RTV Eslovênia, e a estação iniciou suas transmissões como RTV Liubliana. O programa era inicialmente recebido por 808 televisores, crescendo em apenas três anos para alcançar mais de 10 mil famílias. No fim dos anos 1960, a televisão tinha se tornado parte da rotina cotidiana das pessoas. Entre 1953 e 1964, a Iugoslávia teve realmente uma taxa de crescimento econômico extremamente elevada, como resultado do baixo nível inicial e de muitas mudanças estruturais trazidas pela industrialização, urbanização e modernização em geral. Além disso, o aumento de produtividade trouxe certo grau de prosperidade que não podia ser negligenciado, especialmente se comparado

685 A crítica da situação por Jan é citada de Ales Gabric, "Prvi festival sodobne slovenske drame". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 221.

com outros países da Europa Oriental. Em 1965, por exemplo, a Iugoslávia tinha mais veículos motorizados *per capita* do que algumas das democracias populares cuja renda nacional e consumo *per capita* eram substancialmente superiores. Os depósitos de poupança aumentaram 25 vezes entre 1955 e 1965 e ajudaram a manter alta a demanda por bens de consumo, tornando-a menos dependente da renda mensal. Além disso, em 1965, a posse de bens de consumo duráveis representava um elemento muito mais significativo da riqueza pessoal do que em qualquer outra época desde a Segunda Guerra Mundial. Na Iugoslávia, o índice de consumo *per capita* subiu de 103.6 em 1954 para 130.1 em 1957.

Estes processos políticos e econômicos eram acompanhados por transformações sociais e culturais, inclusive um rearranjo de grupos sociais: a diferenciação e a industrialização necessariamente trouxeram consigo novos modos de comunidade, novas formas de etiqueta social nas cidades e uma nova e particular sociabilidade ou estrutura de sentimentos. Além do mais, novas formas de autocompreensão e de automelhoria – em breve, novas formas de individualidade com modos distintos de vida – vinham surgindo. A diferenciação crescente das rendas e a reclassificação ocupacional foram só um aspecto das mudanças na "estrutura de oportunidades sociais". A última – um processo sociocultural que abre espaço para diferenças de classe – é composta de elementos educacionais, de renda, ocupacionais e de estilo de vida. Uma estrutura de classe baseada na "quantidade de competência" começou a surgir, enquanto que a educação e o estilo de vida, mais do que a renda, marcavam as barreiras entre as classes sociais. As mudanças na "estrutura de oportunidades sociais" produziram uma classe média emergente com uma diferenciação interna específica suficiente capital econômico e cultural disponível (qualificações, gosto e conduta) para ser gasto no "mercado de serviços"[686].

686 Veja também Breda Luthar, "Remebering Socialism: On desire, consumption and surveillance". *Journal of Consumer Culture*, nº 2, 2006, p. 229-259.

Lealdades contestadas

O fato de que a Iugoslávia era oficialmente uma federação quase não podia ser percebido nos primeiros anos depois da guerra. O governo federal em Belgrado tinha amplos poderes na cidade e se viu cedo envolvido em seu primeiro choque com o governo esloveno. Os comunistas eslovenos ficaram especialmente irritados pela sua política econômica explicitamente centralizada e pela condição desigual da língua eslovena, que as autoridades federais tinham excluído das questões militares e de todas as outras esferas da vida pública. Informações administrativas básicas em locais públicos na Eslovênia, como em todas as outras repúblicas, eram assim frequentemente dadas em servo-croata. A exasperação eslovena, porém, chegou ao auge no fim dos anos 1950, quando a administração federal propôs a unificação dos regulamentos, mais conspicuamente na questão de um meio cultural comum. Alguns funcionários chegaram mesmo a contemplar a eliminação das repúbicas como unidades administrativas intermediárias desnecessárias entre o governo federal e as autoridades municipais, enquanto o recenseamento de 1961 pela primeira vez incluiu uma categoria especial de nacionalidade "iugoslava". Em oposição, os eslovenos muitas vezes aliados aos croatas, que seis anos mais tarde adotariam uma declaração sobre a língua croata, seguindo o exemplo esloveno de protestar contra os critérios gerais socialistas subjacentes na cultura iugoslava, ou se unindo aos eslovenos em suas alegações que

> *a Iugoslávia era habitada por nações diferentes que falavam línguas diferentes e tinham tradições culturais diferentes provenientes de desenvolvimentos históricos separados. Os políticos eslovenos fizeram todos os esforços para convencer os centralistas da falta de sentido de estreitar as relações inter-republicanas àquelas entre*

> *várias unidades administrativas, na medida em que as repúblicas estão constituídas em acordos com fronteiras nacionais e que por esta razão seria mais adequado falar sobre relações internacionais*[687].

Os eslovenos tiveram apoio não só croata, mas também macedônio nestas discussões. No início dos anos 1960, a crescente resistência ao centralismo permitiu o desenvolvimento rápido e amplo de várias instituições culturais eslovenas. A televisão, que transmitiu seu primeiro jornal noticioso noturno em esloveno em 1968, apenas dez anos depois de sua criação, agora irradiava cada vez mais programas em esloveno. O número de filmes com legendas em esloveno também cresceu, enquanto o avanço mais crucial foi o estabelecimento do Fundo Cultural da República da Eslovênia em 1962. A parcela maior de verbas culturais tinha antes ido para Belgrado, o que enfurecia os croatas. É claro, pois, que o debate sobre a língua e a cultura colocou em primeiro plano tudo o que tinha sido excluído de consideração durante as discussões sobre o planejamento econômico.Tudo o que os economistas tinham sido impedidos de abordar quando discutiram sobre a razoabilidade ou não dos fundos de assistência para as repúblicas em desenvolvimento estava agora sendo levantado por escritores – em combinação com políticos liberais. Na cada vez mais acirrada disputa entre os chamados federalistas e os centralistas, foi principalmente graças aos liberais que a nova constituição iugoslava (novamente elaborada por Kardelj) freou eficazmente as ambições centralistas.

"Liberais" contra "conservadores"

A constituição de 1963 impediu a predominância completa de Belgrado e ao mesmo tempo desviou as controvérsias sobre as relações nacionais para uma discussão surpreendentemente bem articulada sobre a cautelosa liberalização da economia. Apesar da

687 Ervin Dolenc & Ales Gabric, *Zgodovina 4*, p. 223.

imensa distância entre o liberalismo clássico da Europa ocidental e o liberalismo do Partido, buscado pelos comunistas iugoslavos que se inclinavam para uma influência crescente do mercado e maior independência das economias nacionais, os objetivos dos liberais iugoslavos não estavam nada isentos de riscos. Estes riscos aumentaram ainda mais depois que a liderança do governo esloveno foi assumida por Stane Kavcic, que alimentava ideias de concluir acordos inter-republicanos flexíveis e livres, acentuando a independência das repúblicas para estabelecer contatos externos, financiar serviços federais e instituições baseadas no princípio de taxas de partição, reorganizar o exército[688] e desenvolver um pluralismo mais amplo dentro da federação socialista. A velha geração de comunistas, alarmados pela ideia de que estes esforços pudessem logo levar à restauração de um sistema multipartidário, apoiaram os conservadores e com sua ajuda simplesmente se livraram dos indesejáveis reformistas. Um pouco surpreendentemente, Kardelj foi uma das personalidades principais (além de Tito) que fervorosamente se dedicaram a debilitar os esforços eslovenos e croatas, embora estes pudessem ter fornecido a oportunidade de eliminar alguns de seus desagradáveis adversários. Ainda mais surpreendente foi o impacto desta controvérsia principalmente política sobre a economia, que começou a estagnar depois que altos dirigentes foram expurgados de suas bem-sucedidas companhias. A subsequente saída dos liberais do partido da política eslovena, croata e sérvia foi, portanto, também a derrota final para os adeptos de uma reforma econômica mais abrangente dentro de um sistema unipartidário e todas as tentativas posteriores de reforma vieram

688 O governo de Kavcic tinha se comprometido a assegurar que os recrutas prestariam serviço militar em suas repúblicas de origem em vez de fora delas e também se esforçou para dar às repúblicas maior influência em questões de defesa. Depois da intervenção militar soviética na Chescoslováquia em 1968, o governo federal em Belgrado adotou em parte esta ideia e destinou algumas das suas tarefas de defesa às repúblicas. Além das unidades regulares do exército iugoslavo, a Eslovênia criou assim uma força de defesa nacional, que devia ser comandada por oficiais eslovenos e integradas por soldados eslovenos.

de defensores do Estado de direito e de um sistema multipartidário juntamente com uma reforma econômica. Porém, antes ainda que suas reivindicações fossem apresentadas, o conservadorismo tinha prevalecido, estendendo pelos 25 anos seguintes o domínio daqueles líderes partidários que ainda se agarravam tenazmente à economia planejada. Na prática, isto significava que as companhias deviam dedicar 50% de suas receitas a vários fundos (15% para o Fundo Geral de Contribuição, 10% para a Unidade de Planejamento do Território, 20% para o Fundo Republicano, e a parcela restante para o Fundo de Rendas Não Recorrentes)[689]. Em outras palavras, os acontecimentos tomaram uma direção inteiramente diferente, contrária às esperanças dos reformistas.

Não obstante, um esquema cronológico das primeiras duas décadas depois da guerra permite ainda a conclusão de que houve um número bastante razoável de promotores e advogados entre os comunistas eslovenos que defenderam a modernização e as reformas econômicas capazes de aumentar competitividade – especialmente nos setores industriais – a um nível semelhante à das economias ocidentais. A questão ainda a ser resolvida é se reformas potenciais ou reais poderiam ter prolongado a vida da Iugoslávia comunista ou pelo menos assegurado sua desintegração mais pacífica. Isto é, em 1970, tornara-se claro que a economia iugoslava tinha chegado já ao limite extremo de modernização dentro do quadro da "autogestão socialista" e que qualquer passo adiante para a modernização teria inevitavelmente exigido mudanças mais radicais no sistema político.

Por outro lado, o progresso na Iugoslávia desde o final dos anos 1940 tinha seguido um curso completamente diferente de qualquer outro país do bloco socialista. Especialmente a partir dos

689 Jurij Perovsek, "Spremembe v gospodarskem sistemu". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 251.

anos 1950 em diante, o período não foi de modo algum apenas de estreiteza de foco e uniformidade de pensamento, mas muitas vezes extremamente rico e frutífero em suas aspirações culturais e criativas. Ao mesmo tempo, apesar das repetidas pressões políticas, foi também um tempo de numerosas tentativas de pequenos e geralmente mal compreendidos grupos de criadores culturais e intelectuais para alargar e expandir o espaço de liberdade e democracia[690]. É também verdade que, a despeito das pressões políticas e suas crises correlatas, a Eslovênia dos anos 1960 e 1970 evoluiu para uma sociedade industrial moderna. Ao fim dos 1960, e especialmente durante os 1970, este desenvolvimento provocou o aparecimento de uma nova classe média, cuja única vinculação restante com o comunismo era o cartão de membro do Partido e cujos esforços eram agora inteiramente dedicados à aquisição e expansão da propriedade. No começo dos anos 1980, havia mais de 120 mil membros mais ou menos inativos da Liga dos Comunistas (mais de 20 vezes o número de 1945), de modo que foi devagar que o socialismo da autogestão perdeu seus adeptos. Os resultados de pesquisas de opinião pública mostram que, até seis anos antes da independência da Eslovênia, cerca de 60% dos participantes da pesquisa confiavam na "democracia de autogestão", apesar da crescente opinião crítica em relação ao governo comunista.

À luz deste fato não é tão surpreendente que, até os anos 1980, não havia praticamente oposição séria. Edvard Kocbek nunca conseguiu atrair um círculo mais amplo de adeptos, ao passo que as ideias de Milovan Djilas não tiveram maior influência nos desdobramentos na Eslovênia. Sob o aparente objetivo de promover a *intelligentsia* crítica, a liderança política eslovena tentou criar um *modus vivendi* permitindo e financiando a edição de vários

690 Peter Vodopivec, "Pogled zgodovinarja".

jornais e revistas, mas rapidamente recuou de sua política cultural abolindo revistas que tinham saído do controle. Movimentos críticos e de oposição só ganharam mais impulso e mais seguidores no começo dos anos 1980[691]. Os primeiros passos foram dados por jovens, que organizaram demonstrações contra o antiquado simbolismo comunista e lutaram pela liberdade conceitual e ideológica, controle civil sobre as forças armadas e a sociedade, e respeito pelos direitos humanos. Da mesma forma, eles se opuseram a quaiquer manifestações do juramento de fidelidade ao iugoslavismo e pediram um enfrentamento crítico em relação à desconcertante e contraditória realidade iugoslava.

Dos liberais aos democratas

O período socialista foi um caleidoscópio de vários, muitas vezes conflitantes, empreendimentos culturais, econômicos e políticos. Assim, a diversificação dos esforços para alcançar a democracia não pode de modo algum ser interpretados como uma transição linear do comunismo para a democracia. De outro modo, como se pode explicar que Stane Kavcic, de "inclinação liberal", decidiu fechar a revista liberal *Perspektive* e por que fervorosos democratas podiam simultaneamente defender o "marxismo original"?

Até a metade dos anos 1980, os maiores críticos do regime perseguiam três objetivos prioritários: mais campo de manobra na economia, autonomia cultural e mais liberdade pessoal. A última muitas vezes coincidia com liberdade ilimitada de crença religiosa e liberdade de movimento, embora liberdade de movimento não fosse realmente posta em questão até que medidas de austeridade pouco razoáveis foram aplicadas no início dos anos 1980. Na vida cotidiana, estas três causas estavam estreitamente

691 Veja "A crise econômica", neste capítulo.

inter-relacionadas e cobriam uma esfera extremamente ampla de atividades. Autonomia, por exemplo, podia envolver um sistema próprio de defesa territorial da Eslovênia, que a república já tinha alcançado em 1968-1969, ou maior independência da administração republicana, o que a constituição de 1974 afinal concedeu. A mais importante novidade da constituição, a terceira em apenas três décadas, foi que em uma das duas câmaras da Assembleia Federal, a Câmara das Repúblicas e das Províncias, as decisões só podiam ser aprovadas mediante o acordo de todas as repúblicas e províncias. As duas províncias autônomas dentro da Sérvia, Kossovo e Vojvodina, alcançaram assim o direito de veto; o Estado tornou-se explicitamente confederal; e a condição do Kossovo e da Vojvodina, assim como a das repúblicas, foi fortalecida. Os políticos sérvios, como não seria surpresa, logo se tornaram grandes oponentes da constituição e exigiram emendas radicais. Os comunistas eslovenos, que tinham conseguido um alto grau de independência com a constituição, se puseram na dianteira dos defensores de uma concepção confederalista do Estado.

Contudo, seus esforços levaram vários ativistas a perderem suas posições ou serem postos em isolamento político. A reforma de 1965, que ocorreu em várias etapas, ficou apenas meio completa e deixou muitos defensores de maior liberdade econômicas profundamente descontentes. Apesar de que, como reconhecido, a desvalorização do dinar, a reforma tributária e o rearranjo de preços contribuíram um pouco para limitar a inflação, as empresas ainda não ganharam suficiente liberdade para realizar um avanço substancial. A reforma afinal foi abandonada no fim dos anos 1960 e começo dos 1970 quando a tendência econômica geral foi acompanhada pela reação dos conservadores. A economia socialista relutava em introduzir uma completa economia de mercado e por isso relutava em dar ao capital, ao mercado e ao trabalho maior produtividade e à liberdade de direção das empresas um papel decisivo. Garantia sem dúvida o pleno emprego e um alto

nível de segurança social. Mas, ao mesmo tempo, tornou-se um fraco negociador ou, ainda pior, um objeto de decisões políticas.

Apesar de tudo, a Eslovênia estava em uma situação muito melhor do que as outras repúblicas iugoslavas. O governo chefiado por Stane Kavcic herdou a política de reformas de Sergej Kraigher que dava mais atenção aos produtos de consumo, atividades de serviço, comércio, transporte e turismo. Também fez pesados investimentos em educação e ciência com vistas a tornar possível a introdução de programas econômicos abrangentes. O governo republicano começou a promover novas fontes de energia e, nos anos 1970, construiu a primeira (e até agora única) usina nuclear de energia na Eslovênia. Fundos importantes foram aplicados na modernização do sistema rodoviário na linha leste-oeste – mas, como tantos outros projetos, este também foi interrompido.

Kavcic, então primeiro-ministro, era a força motriz por trás do desenvolvimento da Eslovênia. No entanto, antes de tomar as rédeas do governo, ele havia presidido a chamada Comissão Ideológica. Neste posto, apenas três anos antes de se tornar primeiro-ministro, ele havia fechado a *Perspektive*, uma das revistas mais críticas, "por razões culturais e sociais" do período. Esta foi, aliás, a sexta revista deste tipo a ser eliminada: a Comissão de Imprensa sob o SZDL (e, de vez em quando, até o próprio CK KPS) já tinha fechado a *Mladinska revija* em 1951, *Svit* em 1954, *Bori* em 1956, *Beseda* em 1957 e *Revija* em 1958. As duas últimas foram consideradas especialmente ameaçadoras e Edvard Kardelj assumiu para si mesmo a tarefa de intervir pessoalmente com um artigo em *Sodobnost*. Os membros de ambos os conselhos editoriais foram censurados por serem contaminados com as ideias de Djilas e por conspirarem para tomar o poder.

Kavcic teve de se prevenir contra censuras semelhantes oito anos mais tarde, quando foi criticado por promover o liberalismo na política bem como na economia. A censura a respeito da

economia foi feita após uma disputa sobre a distribuição de um empréstimo internacional para a construção de estradas, quando o grupo de Kavcic lutou para obter uma parcela maior do empréstimo no final dos anos 1960 com o argumento de que a Eslovênia se achava ela própria em desvantagem na Iugoslávia. Desta vez a intervenção veio não apenas de Kardelj, mas também de Tito, que afinal ameaçou os insubordinados eslovenos com as "mais severas medidas"[692].

Dois anos mais tarde Kavcic recebeu parcialmente a chamada "responsabilidade objetiva" pela desobediência de 25 membros da Assembleia Eslovena. Na eleição para a mesa da presidência, a Assembleia eslovena tinha se recusado a escolher dentro da lista predeterminada dos favoritos do Partido e, respeitando as regras de procedimento, elegeu seu próprio candidato. O Partido também criticou sua desobediência e a considerou principalmente como uma tentativa para "manipular os deputados"[693].

Novas tendências na arte

Até os artistas, depois de seu engajamento inicialmente completo, aproveitavam qualquer possível oportunidade de uma apresentação pública para assegurar que sua cooperação e apresentação seguia propósitos estritamente artísticos. Tais manifestações eram mais expressamente reiteradas pelos pintores do Grupo 69[694], que prepararam uma mostra de pesquisa

692 Bozo Repe, "Cestna afera". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 315.

693 Bozo Repe, "Akcija 25 poslancev". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 329.

694 Os membros do Grupo 69 eram Janez Bernik, Joze Ciuha, Riko Debenjak, Andrej Jemec, Kiar Mesko, Adrian Maraz, France Rotar, Gabrijel Stupica, Marko Sustarsic, Slavko Tihec e Drago Trsar, mais tarde se juntaram Zdenko Kalin, France Mihelic e Stefan Planinc. A razão principal para suas apresentações coletivas residia na insatisfação com a posição contemporânea das artes eslovenas em geral e com sua avaliação crítica, que os ditos pintores pensavam ser "não suficientemente culta e muito idilicamente fora de rumo". Ver: Milcek Komelj, "Grupa 69". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 313.

extremamente atraente em Bled. Seus convidados especiais eram Dusan Dzamonja e Vladimir Velickovic, então dois dos mais eminentes artistas iugoslavos.

Embora os pintores do Grupo 69 fossem críticos das condições que cercavam suas produções artísticas, suas realizações não podiam ser comparadas com o comprometimento amplamente difuso e a crítica do grupo OHO. Este último infundiu às artes visuais, escultura, fotografia e cinema eslovenos da metade dos 1960 elementos do conceitualismo, promoveu as ideias de "arte da terra", "arte povera" e "arte do corpo" e introduziu os princípios do concretismo na literatura local. Suas exibições eram frequentemente proibidas; seus dez membros mostravam seus trabalhos por toda a Iugoslávia, exibiram no MoMA em Nova York, em 1970, e imediatamente depois tomaram a decisão coletiva de se abster de outras apresentações[695]. Seu trabalho teve um grande impacto sobre as gerações futuras, especialmente porque muitas vezes foi objeto de graves denúncias do regime. *Poker*, a coletânea de poemas de Tomaz Salamun, que foi publicado em 1966 e assinalou o começo da vanguarda modernista na poesia eslovena, chegou a ser criticado por ninguém menos que Josip Vidmar, o mais importante crítico literário esloveno e, por longo tempo (1952-1976), presidente da Academia de Artes e Ciências da Eslovênia.

O movimento estudantil

Apesar de, ou talvez por causa de tais reações, a influência de OHO foi particularmente importante durante o movimento estudantil do fim dos anos 1960 e começo dos anos 1970. O movimento tem sido descrito por alguns como uma repetição pobremente refletida dos acontecimentos de 1964 e por outros como uma reação questionável dos acontecimentos em Paris

695 NT: O Grupo OHO participou da 16ª Bienal de São Paulo, em 1981.

e Berlim[696]. Como todas as outras formas de ativismo naquele tempo, o movimento expressava o desejo de mudança e, acima de tudo, de modernização e reforma. Sua semelhança com outros esforços emancipatórios pelos eslovenos é clara. Sua postura inicialmente radical (v.g. exigindo a reforma da universidade e criticando a desigualdade social) logo evoluiu para uma espécie de sindicalismo, que o governo e o Partido foram capazes de conter com o aumento do Fundo de Bolsas de Estudo e promessas de novas instalações residenciais. Não obstante, os estudantes negociaram com sucesso a criação de sua própria estação de rádio (Radio Student), que mais tarde influenciou a promoção de ideias propostas por movimentos alternativos e foi crucial para a transformação do sistema. Ao lado de poucos artigos publicados em revistas literárias, a Radio Student também promoveu a tradição de crítica de qualidade em todos os gêneros de produção artística, o que teve início nos anos 1960. A este respeito, a Radio Student ficou no mesmo nível da revista cinematográfica Ekran, que apareceu pela primeira vez quando o cinema esloveno estava finalmente ultrapassando a fase de curta duração do chamado "sociorrealismo".

696 Questionável porque as demonstrações de 1968 na Iugoslávia diferiam das demonstrações semelhantes em toda a Europa porque os estudantes em outras partes lutavam contra o sistema e suas instituições, enquanto que na Iugoslávia e na Eslovênia os estudantes exigiam que os valores autênticos da autogestão socialista fossem introduzidos. Ver também: Bozo Repe, "Spremembe da, crikus ne". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 305.



Figura 50. Protesto estudantil, maio de 1971. A Criação da Eslovênia, p. 92, foto de Edi Selhaus

O cinema e o teatro esloveno

Em nenhuma outra área a mudança no panorama cultural esloveno foi mais claramente marcada do que no cinema[697], e muitos veem os anos 1960 como de longe o período mais importante na cinematografia eslovena – não menos porque, ao contrário de outros países socialistas, a Iugoslávia tinha permitido que produções tanto do Leste quanto do Ocidente fossem exibidas desde a primeira metade dos anos 1950. Assim os espectadores eslovenos podiam assistir não somente a Andrei Tarkovsky e Western americanos, mas também a Michelangelo Antonioni, Claude Chabrol ou Ingmar Bergman. Bostjan Hladnik, o diretor de um dos mais destacados filmes eslovenos, chegou mesmo a trabalhar em dois filmes de Chabrol como diretor assistente.

697 O primeiro filme esloveno do pós-guerra foi intitulado *No seu próprio solo* (*Na svaj zemlji*), passado durante a Segunda Guerra Mundial e a resistência guerrilheira.

Embora o filme de Hladnik *Dança na Chuva* (*Ples v dezju*) tenha polarizado o público esloveno, especialmente sua alternância entre sequências realistas e de sonho, seu uso de iluminação expressionista e a lucidez com que ele apresentava o mundo traumático de seus protagonistas marcaram o nascimento do cinema moderno esloveno. Sem dúvida, seu colega Jane Kavcic tinha já celebrado esta nova fase com seu filme *Ação* (*Akcija*). Além destes pioneiros, outros foram Joze Babic, Joze Pogacnik, Matjaz Klopcic e France Stiglic. Por fim, o cinema esloveno representava também um grande estímulo para os escritores eslovenos, que muitas vezes escreviam roteiros. Além disso, o filme tornou-se principal fonte de renda para muitos, inclusive o ex-boxeador, guerrilheiro e jornalista Vitomil Zupan, um dos maiores escritores eslovenos. O grupo de Zupan, que também incluía Marjan Rozanc, Dominik Smole, Beno Zupancic e vários outros, dotou a Eslovênia de uma geração de talentosos escritores e artistas em diversos campos que também estavam dispostos a assumir riscos por conta da sua integridade artística. Esta foi também a geração que abriu caminho para a versão eslovena da revolução sexual, musical e da moda. Jeans, rock'n'roll e minissaias só podiam se tornar uma demonstração viável de moda uma vez que o jazz, Jacques Brel e o tratamento dado por Bergman ao amor livre e as camisas pretas "existenciais" de gola alta já estivessem incorporados ao estilo de vida cotidiano. A comunidade artística em Liubliana, e até certo ponto em Maribor, adotou rapidamente este estilo de vida, junto com as motonetas Vespa e a Beatlemania. Manteve-se em dia com as últimas tendências artísticas por meio de livros de referência e literatura profissional comprados em visitas de estudo a Paris.

É difícil determinar as fontes que sempre inspiraram produções artísticas ricas e crescentemente radicais na Europa ou em certas partes da Iugoslávia. Contudo este desenvolvimento intenso tornou-se mais indefinido e ainda menos suscetível a ser controlado por potenciais censores. Isto não significa, é claro,

que o regime abriu mão do controle sobre a produção artística. Mas indica, no entanto, que as novas gerações já pareciam haver dominado a arte da ambiguidade pela qual habilmente mascaravam suas ideias de forma que até os menos bem informados membros de sua audiência podiam ler nas entrelinhas e inferir duras críticas políticas a partir da aparentemente mais inocente expressão. Editores de jornais, diretores de institutos e teatros aprenderam a traduzir um conteúdo potencialmente controvertido na linguagem de cada respectivo supervisor ou censor.

Estas técnicas de sobrevivência só podiam evoluir com o apoio de um volume suficiente de produção artística ou profissional. Durante o começo dos anos 1970, isto certamente ocorreu, pelo menos no teatro. No começo da década, o teatro experimental, Pupilija Ferkeverk, tinha aparecido e foi logo seguido pelos teatros Pekarna e Glej. Difentemente da primeira vaga de teatros de vanguarda, que eram baseados em textos dramáticos, os novos teatros fizeram experiências com o texto ou simplesmente o omitiram completamente. Os diretores de teatro contemporâneo ainda recordam vivamente as apresentações inesquecíveis encenadas por Lado Kralj (*Potohodec* de Dane Zajc), Dusan Jovanovic com sua adaptação de *Spomenik G* de Bojan Stih ou Rudi Seligo dirigindo *Grenki sadezi pravice* de Milan Jesih. De vez em quando, os teatros profissionais vinham à tona brevemente e seus numerosos atores excepcionais (v.g., Dusa Pocka, Stane Sever, Arnold Tovornik, Zlato Sugman, Branco Miklavic) certamente deleitavam a mais exigente plateia tradicional.

É difícil imaginar que a uma época de tanto vigor e engajamento seguiu-se um novo período de censura e restrição. Em outras palavras, talvez seja finalmente o momento de reconsiderar se os anos 1970 foram realmente os "anos de chumbo" ou se, mesmo nos anos 1970 (deixando de lado as políticas do Partido), tendências diferentes estavam convergindo como tinha sido o caso

nos anos 1960. Está se tornando crescentemente claro que os anos 1970 foram, acima de tudo, uma extensão lógica dos anos 1960 e que eles foram uma época de mudanças imprevisíveis que não estavam definitivamente articuladas antes dos anos 1980. No entanto, os anos 1970 foram também uma época em que a fé no socialismo gradualmente deu lugar à compreensão que, como Pierre Bourdieu diria, o ethos da necessidade e a moralidade do autossacrifício e do dever começaram a ser substituídos pelo ethos do desejo e a moralidade da diversão[698].

Um período de duplo padrão

Não é provavelmente coincidência que nos anos 1970 começaram a se espalhar piadas sobre o capitalismo decadente que, embora obsoleto, relutava muito a se desmoronar. Um grande catalisador nos debates que se seguiam era a liberdade de viajar, que fornecia aos cidadãos oportunidades abundantes de comparar os dois sistemas. Estas comparações fizeram com que muitos compreendessem que a versão eslovena da autogestão socialista afinal de contas não era uma solução tão ruim. O pleno emprego foi seguido por um crescimento aparente no padrão de vida, que resultou não só do excessivo recurso da Iugoslávia ao endividamento externo mas também de empréstimos externos concedidos sob condições extremamente favoráveis.

Esta foi a única época em que famílias de trabalhadores podiam construir suas próprias casas e a classe média podia pagar viagens regulares de compras no exterior e casas de férias. Este clima peculiar e algo esquizofrênico foi também em parte consequência do comportamento da elite política, que decidiu apoiar muitas políticas liberais ainda que tivesse eliminado os indesejáveis liberais. Portanto, o aparato do Estado, determinado a manter a

698 Pierre Bourdieu, *Distinction. A Social Critique of the Judgement of Taste*. Londres: Routledge, 2000, p. 367.

tradição de manifestações grandiosas mas desprovidas de sentido, simplesmente ignorou o fato de que os projetos comemorados pelas cerimônias e festivais haviam há muito sido esvaziados de seu significado original.

Ao passo que se falava muito de igualdade, fraternidade e do legado da revolução, este período foi também caracterizado pelo rápido avanço das diferenças de classe, do aumento de desacordos entre as repúblicas e de um crescente cansaço com as lições da história contemporânea. Outra mostra de que o sistema perdia muito de sua credibilidade aos olhos dos eslovenos era o cinema, especialmente a comédia, cujos principais protagonistas eram de constume retratados como personagens tipicamente socialistas. Mas se a constituição federal e a constituição eslovena um mês depois, em 1974, foram vistas pelos eslovenos como indicadores de que as coisas finalmente se moviam na direção certa, um sinal completamente oposto foi enviado pela mais recente invenção da autogestão socialista, a Lei sobre Trabalho Associado. Os conceitos nela incorporados anunciavam uma reinvenção da economia planificada, enquanto o método proposto para integrar as atividades econômicas e sociais, destinado a "superar os atritos constantes entre as atividades industriais e o consumo" de uma forma corporativista específica[699], beirava a pura ficção científica. A natureza utópica do projeto ficava óbvia na ideia básica de uma chamada harmonização ou pluralismo mútuo dos interesses da autogestão. A lei, aprovada pela Assembleia Federal no fim de 1976 e apelidada por alguns de "pequena constituição", de fato destruía o legado liberal dos anos 1960. A orientação anterior reformista e voltada para a economia de mercado foi em geral abandonada, e as companhias individuais foram transformadas ou se fragmentaram nas chamadas Organizações Básicas de Trabalho Associado

699 Bozo Repe, "Zakon o zdruzenem delu: ozdi, tozdi in sozdi". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 360.

(TOZD)[700], Organizações de Trabalho Associado (OZD)[701] e Organizações Compostas de Trabalho Associado (SOZD)[702]. As OZDs foram criadas para todas as formas de atividades econômicas ou não econômicas, a fim de se tornarem células básicas de trabalho associado na qual os trabalhadores, que agora assumiam o papel tanto de empregadores como de empregados, tinham acesso direto ou indireto (por meio de delegados) ao processo decisório em matérias de toda importância. O mecanismo de mercado devia ser substituído por um diálogo entre companhias autogeridas.

O novo sistema, que permaneceu formalmente vigente até o fim de 1988, era ineficaz, isolacionista, não competitivo e assim desprovido de qualquer valor prático. E ainda mais importante, deixava muitos com a impressão de viver em dois mundos paralelos. Um era o mundo real das necessidades diárias propulsado pela competição e pelos interesses privados, o outro era o mundo do sistema normativo imprático, que chegou a transformar os bancos em serviços de trabalho associado. A futilidade do sistema foi demonstrada menos de dois anos depois quando as taxas de juros irrealistas aplicáveis ao financiamento interno dos (usualmente) infactíveis projetos econômicos não podiam mais cobrir os caros empréstimos internacionais. Nos anos 1980, o equilíbrio instável em consequência empurrou o sistema bancário para uma séria crise, que finalmente desiludiu até os mais ardorosos defensores do regime. O último de uma série de textos inovativos, bastante inusitados para o socialismo, foi certamente o livro de Edvard Kardelj *Os Cursos de Desenvolvimento do Sistema de Autogestão Socialista* (*Smeri razvoja policnega sistema socialisticnega samoupravljanja*), publicado em 1977 e adotado como a plataforma ideológica para o 11º Congresso da Liga de Comunistas da Iugoslávia

700 Em esloveno: Temeljna organizacija zdruzenega dela (nota do tradutor do texto em inglês).

701 Em esloveno: Organizacija zdruzenega dela (nota do tradutor do texto em inglês).

702 Em esloveno: Sestavljena organizacija zdruzenega dela (nota do tradutor do texto em inglês).

quando ainda estava em sua fase de estudo. Como imaginado por Kardelj, o sistema socialista iugoslavo, baseado no dito pluralismo de autogestão de interesses, fornecia ao número máximo possível de cidadãos com a possibilidade de participação na vida social. Esta possibilidade nascia do chamado sistema de delegação, sob o qual representantes individuais (dos níveis locais ao nível federal) foram substituídos por delegações ou, como Kardelj as chamou, "representações autênticas de cidadãos [...] que expressavam a comunidade autêntica dos interesses da autogestão". Na opinião de Kardelj, "a autogestão só pode existir se os trabalhadores forem representados e administrados por uma comunidade de interesses aos quais eles objetivamente pertencem, mais do que um poder político operando de fora da esfera de sua direta influência"[703].

Contudo, apesar destes conceitos conspícuos e bastante utópicos, a esquizofrenia não resultava tanto das ideias do principal ideólogo da Iugoslávia socialista. Resultava mais da realidade de que o poder real ficava nas mãos do SKJ, apesar das garantias da mais ampla democracia possível. Porque o sistema de delegação era tão complexo, a responsabilidade individual ficava inteiramente dispersa. Isto não passava desapercebido do público, que conhecia e se irritava com a prática contínua do governo de atribuir a parcela maior dos recursos de empréstimos internacionais para projetos improdutivos nas partes menos desenvolvidas do estado comum.

Como, então, foi possível que o sistema perdurasse até o fim dos anos 1980? Há três razões: inércia, apoio internacional (baseado no interesse do Ocidente em preservar a Iugoslávia como um Estado tampão conveniente entre os dois blocos) e o fato de que o modelo Kardeljiano de autogestão, apesar de seu objetivo utópico, permitiu mais democracia do que qualquer um dos sistemas da

703 Citado de: Bozo Repe, "Socializem po meri cloveka in demokracije". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec, *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 362.

Europa Oriental de socialismo de Estado – precisamente o traço que lhe mereceu muita atenção da parte de teóricos ocidentais. De qualquer modo, seu autor morreu em 1979, logo após a publicação de seu primeiro estudo inovativo. Um ano depois, em maio de 1980, ocorreu a morte do seu grande colutador e camarada Josip Broz, com quem, curiosamente, Kardelj nunca desenvolveu uma amizade genuinamente próxima. A maioria da população sequer sabia ainda, contudo, que o mundo estava entrando na profunda espiral da crise de energia – justamente quando a Iugoslávia tinha acumulado dívidas equivalentes ao montante total contraído em todas as décadas anteriores, achando-se assim entre os países mais endividados do mundo.

Sobre tudo isto veio a morte de um ícone. O carisma de Tito tinha tornado possível até então disfarçar as diferenças nacionais e aliviar a crise econômica com empréstimos internacionais. Depois de sua morte, todos os equívocos e as fraquezas escondidos saíram à tona em toda a sua complexidade, despertando muitos para a constatação de que os acordos de autogestão não tinham sido uma solução apropriada. Para os idosos governantes e seus colaboradores conformistas e carreiristas da geração intermediária, os anos 1980 não poderiam ter tido um começo pior.

Da crise ao conflito e à fase posterior

A virada final só veio em 1987-1988: não apenas por causa da crise econômica, das pressões políticas dos nacionalistas sérvios, da rigidez burocrática dos funcionários do Estado, e da postura arrogante do Exército Popular Iugoslavo (JNA)[704], mas também por causa da completa desunião dentro da chamada *intelligentsia* de oposição iugoslava de inclinação "democrática". Como o "movimento de independência" esloveno, a *intelligentsia* de oposição tinha origens mais antigas. Isto, é claro, não significa

704 Em servo-croata: Jugoslovenska narodna armija (nota do tradutor do texto em inglês).

que a condenação pela Eslovênia da brutalidade da JNA e da polícia contra os albaneses no Kossovo em 1981 e sua oposição ao currículo uniforme[705] foram automaticamente seus primeiros passos para a secessão da Iugoslávia. Porém, a indecisão e a incapacidade da liderança do Estado que, depois da morte de Tito era constituído por uma presidência colegiada de representantes de todas as repúblicas e províncias autônomas, permitiram suficiente espaço para refletir sobre a própria democratização. Cabe reiterar aqui que tanto o campo da continuidade como os círculos que agora exigiam o Estado de direito e a verdadeira autonomia republicana eram, de novo, principalmente constituídos de comunistas ou de pessoas que tinham sido socializadas dentro do quadro da estrutura da autogestão e da delegação megalomaníaca[706].

A crise econômica

Depois da morte de Tito, o estado da economia iugoslava escalou de uma incipiente crise prolongada para uma agonia total e incontrolável. A suspensão da reforma econômica em 1971 abriu a porta para uma era de quinze anos durante os quais os esforços para introduzir uma economia de mercado foram abandonados. A chamada "economia consensual", como os economistas chamavam o sistema de organizações de trabalho associado "básicas" e "compostas", entrou em colapso já no começo dos anos 1970. A taxa anual de inflação passava de 20%, mas até a morte de Tito

705 A proposta de formular os chamados "núcleos de programação comum" na educação foi a última tentativa séria de alguma forma de unificação da Iugoslávia. Na Eslovênia, ela esbarrou com considerável indignação, porque, por exemplo, a seleção dos propostos conjuntos de textos favorecia claramente a literatura das nações numericamente mais fortes. Os opositores da proposta ficaram ainda mais alarmados pelo fato de que as autoridades sistematicamente esconderam o programa e seus novos arranjos do público.

706 No início dos 1980, quando o número de membros do Partido estava nos seus mais altos índices, o Partido tinha 2.11.731 membros (200 mil tinham se tornado membros só no ano da morte de Tito), equivalente a 9% da população iugoslava e quase 25% de todos os empregados. Na Eslovênia, esta porcentagem era 50% menor. Em 1982, o número de membros na Eslovênia elevou-se a 126.432, enquanto em 1988 tinha caído para 110 mil.

o governo iugoslavo conseguiu esconder seus efeitos tomando empréstimos no exterior. Os sinais tangíveis da crise tornaram-se primeiro aparentes no começo dos anos 1980, com a desvalorização do dinar (junho de 1980), seguida por crescente inflação e escassez de artigos essenciais como óleo, açúcar, café ou detergente, para os quais as autoridades emitiram cupons. O tráfego de automóveis foi também restrito pelo chamado rodízio das placas pares e ímpares, depois pelos cupons de petróleo. Além da crise econômica (no começo dos anos 1980, as importações de petróleo eram suficientes para somente 290 dias por ano), a população também foi negativamente afetada pelos limites na importação dos bens de "luxo" (café, frutas tropicais, revistas e jornais estrangeiros, cosméticos, etc.). Os eslovenos, acostumados a um regime de fronteiras abertas, tomaram esta medida como uma séria restrição a sua liberdade de movimento. A crise levou a uma queda do padrão de vida, que nos anos 1980 voltou ao nível dos anos 1960. Em 1980, a dívida externa da Iugoslávia equivalia a cerca de 40% dos ingressos de moeda estrangeira. Os altos funcionários do Estado, recusando-se a reconhecer a gravidade da situação, falavam de "problemas nascentes na economia", "estabilização". Uma Comissão especial chefiada por Sergej Kraigher, ex-presidente da presidência da SFRJ, a "Comissão Kraigher", foi constituída composta de 300 políticos e economistas de todo o país. Sua missão era encontrar uma saída para a crise, embora a palavra "crise" quase nunca foi usada até a metade dos anos 1980. Os resultados do trabalho da comissão, porém foram bastante desanimadores: a dívida externa ultrapassava US$ 20 bilhões e era seguida da socialização das dívidas (imposta pela Assembleia Federal em julho de 1983). As esperanças de que a crise pudesse ser resolvida com medidas políticas, como políticas cambiais e de juros e austeridade fiscal, se comprovaram ilusórias. Esta foi, depois de tudo, uma razão pela qual o Conselho Executivo

Esloveno concentrou seus esforços para reorientar a economia eslovena para o ocidente assegurando o suprimento de bens essenciais, impedindo a saída de divisas estrangeiras, fornecendo fundos para o serviço da dívida mediante esforços administrativos desesperados.

Entre Liubliana e Belgrado

A vitória da orientação favorável à Grande Sérvia em 1987 encerrou a disputa política interna na Sérvia. Simultaneamente ela alimentou o primeiro e último conflito entre a Eslovênia e a Sérvia entre dois conceitos diferentes de desenvolvimento. Os eslovenos, que tinham recebido apoio de muitos intelectuais de reputação em Belgrado no começo dos anos 1980, ganhavam agora novo impulso por meio de movimentos civis e alternativos que iniciaram uma séria discussão sobre a pluralização política e levantaram novas exigências em favor do Estado de direito, ao passo que a elite política sérvia insistia em manter o modelo patriarcal e igualitarista. O antagonismo entre a Eslovênia e a Sérvia foi, pois, não tanto um choque de dois nacionalismos – como foi de costume apresentado pelos políticos e pela mídia ocidental da época – mas um desacordo entre os dois modelos de desenvolvimento.

Desde o início dos anos 1960, a Eslovênia tinha geralmente sido reconhecida como a república mais problemática na federação: primeiro, porque tinha pedido a abolição da economia centralizada e por uma emenda à Constituição dando mais direitos às repúblicas; em segundo, por causa de seus protestos no fim dos anos 1960 e início dos 1970 contra os empréstimos para a construção de estradas; e terceiro, por causa das opiniões "liberais" do presidente do governo esloveno.

Nos anos 1980, a Eslovênia reforçou ainda mais seu protesto com esforços para a descentralização. O dilema era se deveria continuar a tratar de seus problemas via Belgrado mediante um

comprometimento maior à federação ou se deveria reduzir a cooperação entre as repúblicas ao mínimo necessário e usar o escasso espaço de manobra que o sistema permitia para tratar primeiro e principalmente de seus próprios problemas. A primeira alternativa era atraente para alguns políticos da velha geração, enquanto a segunda gozava do apoio da jovem geração chefiada por Milan Kucan. O que a política eslovena fez na realidade foi combinar as duas estratégias, tendo cuidado sobre quem enviar a Belgrado, mas mantendo – tal como fez a Sérvia – os funcionários mais influentes no país. Em 1989, por exemplo, Kucan recusou-se a concorrer a uma posição da presidência federal.

Sob esta luz a política eslovena daquela época pode ser vista como uma manutenção defensiva do *status quo*. Na esfera econômica, ela articulou inequivocamente a postura da república economicamente mais adiantada da federação, recusando-se a concordar com a socialização das dívidas, com investimentos no chamado Fundo de Reciprocidade e Solidariedade (que era usado principalmente pelas outras repúblicas para cobrir seus prejuízos), a contribuições mais elevadas ao orçamento federal ou ao aumento da porcentagem de financiamento direto da federação.

Em questões de política exterior, a Eslovênia desejava ampliar as oportunidades para contatos diretos com outros países (que serviam especialmente seus interesses econômicos) e conquistar maior igualdade em termos de representação diplomática e idioma. Um de seus esforços (sem êxito) a este respeito foi de que as convenções internacionais que tivessem relação com a Eslovênia contivessem também um texto em esloveno. Por exemplo, a convenção com a Itália sobre a manutenção da fronteira terrestre foi redigida somente em servo-croata, ainda que só dissesse respeito à Eslovênia.

Não obstante todos os esforços ao longo destas linhas, a credibilidade das autoridades e instituições políticas eslovenas foi rapidamente enfraquecida por sua incapacidade para resolver os mais prementes problemas econômicos e políticos, e especialmente pelo fato de que mesmo a chamada corrente liberal tinha cedido ao reformismo, perdendo finalmente sua vantagem política. Ao mesmo tempo, porém, a liderança liberal sem querer abriu a porta à oposição democrática emergente que existia à sombra da subcultura jovem, que foi mais tarde vista com frequência como movimentos alternativos.

O processo de democratização começou a assumir conotações políticas mais claras depois de 1982 quando uma nova revista para promover o pensamento crítico, *Nova revija*, foi criada. Os primeiros a se beneficiarem da nova situação, como ocorrera com frequência antes, foram os grupos culturais, depois os acadêmicos e intelectuais católicos. Dado o tipo de indivíduos envolvidos, ficou claro desde o princípio para todo o público intelectual que *Nova revija* tinha assumido a missão de apoiar as tradições dos jornais proibidos, *Beseda*, *Revija 57* e *Perspektive*. Seu simbólico nome foi a última confirmação de que era em primeiro lugar e principalmente um projeto político, disfarçado por seus fundadores com o tradicional subtítulo típico dos dissidentes na Europa Oriental, "*Um Jornal Cultural*".

Vários outros acontecimentos importantes mostraram que estes desdobramentos eram mais do que mais uma experiência na "liberalização"[707]. Mas a mudança fundamental na crítica das autoridades foi trazida pelos movimentos alternativos que, em geral, uniam jovens que não tinham experiência do socialismo

707 Em 1984, foi publicada a coletânea de poesia de France Balantic *Muzevne steblike*, que tinha sido primeiro editada em 1966, mas destruída por ordem do Partido Comunista. Em 1983, um romance excepcional sobre os julgamentos de Dachau do pós-guerra (Igor Torkar, *Umiranje na obroke*) foi publicado, depois da publicação de um romance sobre Goli otok, um campo de concentração no Adriático para prisioneiros políticos (Branko Hofman, *Noc do jutra*).

autoritário e não sentiam tanto pavor do regime quanto a geração que se reunia em torno da *Nova revija*.

Punk Rock, o alternativo e as apropriações políticas

O aparecimento e o florescimento da subcultura jovem e dos movimentos sociais alternativos no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 foram também uma consequência da declarada tolerância do regime em relação à música rock e seu relativo desinteresse na produção cultural em geral. Esta "surdez social"[708], ignorância e negligência em relação à produção cultural crítica deflagrou formas de resistência crescentemente vocais na música, no cinema, na literatura e no teatro, que eram algumas vezes bastante orquestradas, mas na maioria dos casos bastante aleatórios. Paradoxalmente, estas subculturas e movimentos iniciaram a abertura do espaço cultural e tornaram possível a expressão de ideias e opiniões diferentes.

Estes movimentos careciam de uma agenda política explícita, para não falar de formar uma "dissidência", mas sim "entenderam sua ação como dirigida para a produção de espaços sociais alternativos e includentes da diversidade". Uma grande variedade de movimentos foi convidada a se abrigar na Aliança da Juventude Socialista da Eslovênia (ZSMS)[709], que fornecia um canal de comunicação entre os "alternativos" e as autoridades. Isto contribuiu significativamente "para a propagação de diferentes opiniões sobre uma gama mais ampla da problemática social do que aquela reconhecida pelas autoridades"[710]. O semanário *Mladina* e a Radio Student foram os primeiros a aproveitar a oportunidade e consequentemente a oferecer espaço para promover a liberdade

708 Em esloveno: Zveza socialisticne mladine Slovenije (nota do tradutor do texto em inglês).

709 Em esloveno: Zveza socialisticne mladine Slovenije (nota do tradutor do texto em inglês).

710 Tomaz Mastnak, "From Social Movements to National Sovereignity". In: *Independent Slovenia. Origins, Movements, Prospects*, ed. Jill Benderly & Evan Kraft. Basingstoke: Macmillan, 1994, p. 95.

de imprensa e de informação. Eles visaram principalmente as gerações mais jovens, mas *Mladina* em especial logo atraiu círculos mais amplos de leitores, influenciando assim consideravelmente a "produção" de opinião pública e a agenda política eslovena. As autoridades eslovenas também, "resistindo à tentação realista-socialista e não declarando os movimentos alternativos como 'contrarrevolucionários', abriram espaço para a ação pública legítima dos poderes que estavam questionando a legitimidade do próprio regime"[711].

A banalização e a trivialização da música rock refletia certo impasse na situação sociopolítica mais ampla da Iugoslávia. Por causa da "liberalização do Partido, marcada por tentativas de reforma econômica, maior tolerância política e autonomia artística, com o impacto criativo dos Beatles e dos Rolling Stones", a questão do rock'n'roll não tinha estado no centro da agenda política desde os anos 1960[712]. A carga potencial de rebeldia da música rock foi assim imobilizada pela sua transformação em estilo padrão. O espaço para a ação social foi reduzido, deixando lugar apenas para manifestações de encanto politicamente inofensivas e com frequência explicitamente pró-regime que louvavam as oportunidades infinitas no âmbito do primoroso projeto socialista iugoslavo. Isto, porém, em nada refletia a realidade. O momento histórico estava maduro para a "surdez social" encontrar uma resposta.

Um estímulo ainda mais influente surgiu com a cena do *punk rock* e da *new wave*. Na Eslovênia, os membros da banda Buldozer, formada por Marko Brecelj em 1975, são considerados os pais fundadores da *new wave*. Embora firmemente ancorada no legado da música rock dos anos 1970, Buldozer introduziu um

711 Slavoj Zizek, *Druga smrt Josipa Broza Tita*. Liubliana: DZS, 1989, p. 68.

712 Gregor Tomc, "The Politics of Punk". In: Benderly & Kraft, *Independent Slovenia*, p. 117.

enfoque estilisticamente distinto e textualmente provocativo que se tornou mais tarde a nova semente da música rock iugoslava. O enfoque e a atitude de Buldozer depois chegaram a se estender a outras iniciativas artísticas, das quais talvez as mais destacadas foram o Neoprimitivismo de Sarajevo e *Top Lista Nadrealista* (uma comédia de televisão produzida em Sarajevo). Durante os anos 1980, tais atitudes ganharam impulso como forma de resistência pelo ridículo. A "cena" era desenvolvida com grande eloquência, mas sem nenhuma exclusividade, nas capitais das repúblicas. Em todo o país, formaram-se numerosas bandas cujos sons ecoavam *punk rock* britânico. Liubliana introduziu o *punk* com Pakrti, Otroci socializma e Ljubljanski psi; Zagreb cultivou o socialmente engajado e por vezes abertamente antirregime Azra; Sarajevo viu nascer Zabranjeno pusenje; Belgrado produziu os destacados músicos da *new wave* Ekaterina Velik e assim por diante. Por bastante tempo, *Yu-rock*, em geral, tornou-se um foro transnacional para expressar descontentamento com o estado contemporâneo das questões que administrava para grupos de pessoas em categorias que não eram as nacionais[713]. Sem dúvida, o *Yu-rock* atraiu grande número de iugoslavos e se tornou uma rede pan-iugoslava, antitotalitária e urbana.

Um impulso adicional para o surgimento de movimentos alternativos foi a atitude agressiva das autoridades políticas eslovenas e da mídia estabelecida em relação ao *punk rock* e às bandas locais de *punk*, cuja imagem e atuações levavam jornalistas pró-regime a condená-las por flertar com o nazismo. Estas acusações totalmente absurdas culminaram no chamado caso dos Punks Nazistas, ao tratamento brutal da polícia com os *punks* e ao sentenciamento de prisão por vários meses de dois *punks*

713 Mirjana Lausevic, "The Ilahiya and Bosnian Muslim Identity". In: *Retuning Culture. Musical Changes in Central and Eastern Europe*, ed. Mark Slobin. Durham & Londres: Duke University Press, 1986, p. 118-120.

acusados de tentar estabelecer o Quarto Reich. Não obstante, a Secretaria de Assuntos Internos, responsável por supervisionar estes eventos decidiu, em 1982, que estes movimentos não eram inconstitucionais e que o primeiro fenômeno "propriamente" oposicionista foi o aparecimento da *Nova revija*, cujo conceito e conteúdo foram considerados como defendendo o pluralismo político. Por outro lado, tanto o Serviço de Segurança do Estado (SDV)[714] como a alta liderança política estavam corretos em observar que movimentos sociais tinham um impacto muito mais profundo na vida pública do que o círculo em torno da *Nova revija*. Na metade dos anos 1980, os movimentos pacifistas, ecologistas e feministas e muitos outros movimentos sociais se combinaram com uma cena extremamente engajada na música, na arte, no cinema e no teatro e estabeleu-se uma rede ampla e diversificada de pessoas e ações cujo efeito de longo alcance pegou até os mais vigilantes críticos pró-regime desprevenidos.

Na Eslovênia, como em toda a parte, o *punk rock* era refrescantemente alto e rápido, suas letras provocativas, ousadas, sujas e obscenas. O som estava demolindo o aparente idílio do entorpecedor *status quo*. E, no entanto, era uma feroz rejeição de qualquer relação com o passado, musical ou de outra categoria. Suas letras exprimiam profundo tédio, desapontamento e desilusão com a presente situação. Nestas canções a única preocupação era com o indivíduo e o aqui e agora, não com nenhuma história grandiloquente de um futuro coletivo melhor. As bandas cantavam sobre se divertir, se desperdiçarem, mulheres, exibicionismo, saber se defender nas ruas, restos do consumismo em desenvolvimento, e a crescente presença do materialismo. Uma canção de *Lublanski psi* vale a pena ser citada na íntegra:

714 Em esloveno: Sluzba drzavne varnosti (nota do tradutor do texto em inglês).

O vento se espalha nas ruas

É feriado nacional

A neblina sopra debaixo dos telhados

Pessoas andam pelas ruas, há oradores em cada esquina

O som de marchas irrompe dos muros, decepando suas cabeças. Feriado nacional.

A neblina é espessa

As ruas cinzentas

Olhem para estas pessoas frias

O sangue escoa das bandeiras

Um grupo de jovens marcha de casa em casa

"Viva! Somos nós que decidimos"

"Sobre que gramado será construída a estrada"

"Hurra! Somos nós que decidimos!"

A neblina se arrasta sobre as calçadas. Manhã. Chuva garoando sobre os pescoços das pessoas, mordendo até o osso. Montes de manchas vermelhas no chão. Silêncio. Feriado nacional[715].

Deve notar-se que as bandas tinham pouca ou nenhuma ambição política e não se consideravam parte de uma agenda política maior. De acordo com muitos eles só queriam se divertir. Gregor Tomc afirma:

> *Nós não lutamos pela liberdade política na Eslovênia ou na Iugoslávia. Nós vivíamos nossa liberdade pessoal e consequentemente estendemos o espaço de socialização autônoma para outros também [...] nós não lutamos contra o sistema; nós tocávamos música*

715 Otroci socializma, "Pesem za Mandic Dusana". *Otroci socializma*. Liubliana: Dallas, 1998 [1981].

> *de rock com conotações subversivas – principalmente porque gostávamos de provocar os governantes políticos paranoicos*[716].

Havia, porém, implicações políticas e elas não podiam ser negligenciadas. Indiretamente, ao cantar sobre e expor tópicos tabus como opressão, corrupção ou homossexualidade, o espaço público estava gradualmente sendo ampliado, permitindo mais ação social e abrindo espaço para expressar uma alteridade fora das instituições oficiais[717]. O *punk rock* e a *new wave* como gêneros musicais e fenômenos sociais adquiriam implicações políticas logo que a música era escutada, gravada, disseminada e então problematizada pública e politicamente. Por sua vez, cada ação, atitude, canção ou texto subsequente se tornava político, como se apresentasse uma reação contra a opressão.

Além disso, o *punk* se desenvolveu quase como uma iniciativa intelectual, bem no início dos anos 1980 e, posteriormente, com a publicação de três edições especiais da revista acadêmica eslovena *Problemi* tratando do surgimento e implicações sociais mais amplas das novas expressões artísticas na música e na arte em geral. Em 1984, um volume, *O Punk e os Eslovenos* (*Punk pod Slovenci*)[718], foi publicado compilando análises teóricas e um vasto número de documentos e testemunhos. À luz da crescente instabilidade do Estado, o *punk* (e outros movimentos) afinal se tornou um instrumento das elites intelectuais para articular seu descontentamento politicamente e ofereceu uma oportunidade para definir e promover a agenda nacionalista. Então amplamente politizado e divulgado, o debate atraiu alguns intelectuais e críticos ambiciosos que puderam usar o surgimento do *punk* e da *new wave*

716 Branko Kostelnik, *Moj zivot je novi val. Razgovori s prvoborcima i dragovoljcima novog vala*. Zagreb: Fraktura, 2004, p. 29, 34.

717 Bozo Repe, *Jetre je nov dan. Slovenci in razpad Jugoslavije*. Liubliana: Modrijan, 2002, p. 59.

718 *Punk pod Slovenci*. Liubliana: Univerzitetna konferenca ZSMS, 1984.

para vocalizar suas próprias questões com o Estado. Por meio deste mais amplo engajamento sociopolítico, a problemática do *punk* ingressou no discurso social mais amplo.



Figura 51. A praça de reunião dos populares punks, apropriadamente chamada de Johnny Rotten Square, Liubliana, 1981. Cortesia Galeria Photon, foto de Vjko Flegar

A politização do *punk* e de outros movimentos permitiu uma institucionalização da alternativa, que se tornou capaz de desenvolver e estender seu discurso para articular opiniões e exigências no campo de uma nova cultura política. E o que é importante, conseguiu atrair e mobilizar um número significativo de ativistas e pensadores que tinham acesso à mídia e estavam assim capacitados para articular e apresentar suas opiniões a um público crescentemente desorientado. As tentativas de reprimir a subcultura falharam por três motivos: os protagonistas eram suficientemente inteligentes para iniciar o debate público, o último foi liderado por intelectuais que suspenderam suas diferenças ideológicas para se opor ao uso da violência como meio de resolver problemas sociais, e o ZSMS decidiu ouvir sua base social e não participar da repressão, pois nenhuma prova poderia ser

apresentada contra os *punks*. Por fim, em 1986, o ZSMS "deixou de ser uma organização protetora dos movimentos alternativos e transformou-se a si mesmo na contraparte da cena alternativa no sistema político"[719].

Estes sentimentos se disseminaram a outras esferas da sociedade e na vida cotidiana, resultando na sensação de pertencer a uma realidade que ultrapassava os limites da decadente realidade iugoslava, particularmente à luz dos desastres de Chernobyl e do Challenger que tinham posto fim ao sonho do após-guerra de um progresso infinito. Além disso, a cobertura dada pela mídia a estes acontecimentos resultou em uma crescente consciência da fragilidade do mundo, natural e social. Porém, o idealismo não tinha desaparecido completamente: "O sonhe é meu, não quero ficar esperando na fila / quero pelo menos uma prova do Sonho Americano"[720]. Era por causa da ambiguidade e da presença intrusiva de tais tópicos na vida cotidiana que o *punk* e a *new wave* tiveram um papel tão importante na mudança das fronteiras da liberdade na sociedade. Em uma época de crescentes tensões interétnicas entre as nações iugoslavas, os resultados do movimento foram logo incorporados pelas figuras nacionalistas eslovenas (que muitas vezes tinham altas posições em instituições tais como organizações sociais e conselhos editoriais) que acompanharam com segurança o novo caminho do recém-alargado ambiente sociopolítico.

O caso do pôster

À vista desta situação, o conselho editorial da *Nova revija* concluiu com acerto que havia chegado o tempo para lançar uma discussão aberta sobre a democratização e (ao menos

719 Tomaz Mastnak, "From Social Movements do National Sovereignity", p. 100.

720 Videosex, "Jesen". *Arhiv.* Dallas Records, 1997. Lacrimae Christi, Liubliana: ZKP RTL, 1985.

parcialmente) a autonomia. No início de 1987, a revista publicou contribuições ao chamado Programa Nacional Esloveno. A seleção de discussões[721] filosóficas e de temas sociais e científicos mais amplos não era a primeira nem a única tentativa de tratar a questão nacional eslovena, estas contribuições suscitaram de longe a maior atenção política e foram afinal aceitas como o programa central nacional esloveno, porque vários autores foram inequívocos em suas exigências de que a nação eslovena alcançasse a condição de Estado por intermédio de sua soberania originária, independente daquela da Iugoslávia, e introduzisse um novo Estado de direito que retirasse da Liga dos Comunistas o controle sobre a nação eslovena.

Por outro lado, a edição temática 57 da *Nova revija* ressaltou o fato de que a oposição intelectual tinha tomado a iniciativa de desenvolver um programa nacional esloveno. Seu conteúdo provocou condenação dos círculos governamentais e causou mudanças no conselho editorial, mas, pelo menos por um tempo, os censores do regime pareceram hesitar em impor medidas administrativas mais sérias. Uma razão pode ter sido a eclosão súbita de outro escândalo, desta vez envolvendo a cena alternativa. O que começou como uma diversão artística de menor alcance transformou-se em uma controvérsia política altamente inflamável conhecida como o "caso do pôster[722]", que pôs em causa a própria noção da celebração anual do aniversário de Tito. A festividade tradicional se iniciara em 1957, quando Tito rebatizou seu aniversário como o Dia da Juventude e o dedicou aos jovens da Iugoslávia. Desde então, uma corrida de revezamento simbólica se realizava em toda a Iugoslávia a cada ano e se tornou um grande acontecimento

721 France Bucar, Alenka Goljevscek, Niko Grafenauer, Spomenka Hribar, Tine Hribar, Janez Jerovsek, Peter Jambrek, Drago Jancar, Veljko Namors, Joze Pucnik, Marjan Rozanc, Dimitrij Rupel, Veljko Rus, Joze Snoj, Ivan Urbancic e Gregor Tomc.

722 NT: O termo está incluído com esta grafia no Novo Dicionário Aurélio.

para a mídia, trazendo as imagens de Tito e de milhares de jovens às casas dos cidadãos iugoslavos. Fotografias, notícias, livros e shows de TV cobriam o acontecimento para quem não podia assistir a ele pessoalmente. Nos seus 40 anos de história, cerca de 20 mil bastões de revezamento tinham sido levados por toda a Iugoslávia. A cada ano cada república e província tinha seus próprios representantes levando os bastões, que tinham inúmeras formas e desenhos diferentes. Os bastões eram sempre levados por jovens que tinham alcançado reconhecimento por suas realizações destacadas em suas atividades acadêmicas, culturais ou esportivas. A celebração do Dia da Juventude continuou mesmo depois da morte de Tito em 1980 e era precedida cada ano por uma competição, aberta a toda a nação, para o Pôster do Dia da Juventude. Em 1987, o movimento coletivo de vanguarda NSK (*Neue Slowenische Kunst*)[723] submeteu uma proposta, que foi vitoriosa entre milhares de outros desenhos. No entanto, a história tinha um antecedente interessante: o pôster tinha inicialmente sido criado para fazer propaganda de um evento teatral para o Dia da Juventude, pelo Teatro das Irmãs de Scipio Nasica, uma parte do NSK. De acordo com seu diretor, Dragan Zivadinov, "o Evento Teatral do Dia da Juventude tinha sido concebido como um ato de autodestruição do Teatro das Irmãs de Scipio Nasica, já anunciado no manifesto coletivo do movimento em 1983. Ao mesmo tempo, isto tencionava ser um ato de abolição do Estado"[724]. Imediatamente depois, o público descobriu que o pôster tinha na realidade se baseado em uma pintura, *O Terceiro Reich*, do pintor alemão Richard Klein. A ironia era que os funcionários do governo tinham aceitado uma obra que tinha se inspirado no passado nazista e suas ideologias e o escândalo trouxe para o primeiro plano a relação complexa e problemática

723 Nome alemão que se traduz como Nova Arte Eslovena (nota do tradutor do texto em inglês).

724 Jela Krecic, "'Plakat je kovinsko crne barve, ker je bil tudi tovaris Tito kovinar!'". *Delo* (Sobotna priloga), Liubliana, 19 de maio de 2005, p. 24.

entre a representação do poder e as ideologias socialistas. O ano de 1987 foi também o último do Dia da Juventude: exatamente 40 anos depois do primeiro bastão de revezamento ter saído para sua viagem pela Iugoslávia de Kumrovec, cidade natal de Tito, na Croácia, a celebração deixou de existir.

As longas controvérsias eslovenas sobre se era ou não apropriado que obras artísticas se utilizassem de caricaturas do totalitarismo foram então seguidas de críticas provenientes da Iugoslávia. Outras repúblicas tiveram uma oportunidade perfeita de tomar conhecimento do coletivo artístico NSK, integrado pelo grupo que desenhou um pôster, *Novo Coletivismo* (*Novi kolektivizem*), organizou um novo grupo musical *new wave* Laibach e o Teatro das Irmãs de Scipio Nasica. Seus membros, que já haviam merecido muita infâmia por ter escolhido nomes alemães, foram agora martelados por uma onda desqualificadora. Foram criticados por nacionalistas eslovenos e receberam ameaças de internacionalistas iugoslavos (principalmente sérvios), ambos identificaram tendências neonazis nas suas simulações da glorificação espetacular do coletivismo, da disciplina, de um novo mundo e de uma nova humanidade. Os pouquíssimos defensores do movimento eram um punhado de professores universitários independentes, enquanto os únicos simpatizantes da política corrente eram os membros do ZSMS que, desde 1983, tinha aberto suas portas a grupos ecologistas, pacifistas, espirituais, gays e lésbicas. Houve também alguma simpatia e apoio moral da Associação dos Escritores Eslovenos, que era geralmente conhecida por seu compromisso de promover a discussão de questões proibidas e oposição a medidas severas contra indivíduos e grupos engajados e críticos[725].

725 Um espírito semelhante de solidariedade também foi manifestado por dois membros da associação que foram perseguidos – o primeiro, Igor Torkar, por seu magnífico livro sobre os julgamentos de Dachau, e o segundo, Drago Jancar, que foi também condenado e preso somente por possuir literatura proibida de emigrantes.

Não obstante, o cenário político na Eslovênia parecia extremamente liberal se comparado com outras partes da Iugoslávia. Isto não tanto por uma decisão consciente, mas como resultado das divisões dentro da elite política comunista, que concordava com um número de ideias da oposição. Isto se tornou especialmente claro em sua defesa contra as críticas de Belgrado. Além disso, as avaliações da situação política na Eslovênia pelos políticos eslovenos também mostravam crescente crítica às políticas federais. A Eslovênia iniciou o ano crucial de 1988 com o generalizado pressentimento de mudança, mas a tensão geral era em parte também causada pelas pressões de Belgrado, que desencadearam uma rajada de acontecimentos decisivos e irreversíveis.

Novos movimentos sociais e o caso Mladina

Em 31 de maio de 1988, o SDV prendeu três jornalistas do semanário crítico *Mladina* e um suboficial da JNA sob a "suspeita de revelarem segredos de Estado". Janez Jansa (futuro ministro da Defesa e mais tarde primeiro-ministro), o jornalista David Tasic e o editor de *Mladina* Franci Zavrl obtiveram um documento confidencial do sargento Ivan Borstner que previa uma possível declaração de um estado de emergência na politicamente instável Eslovênia. A tentativa de divulgar seu conteúdo causou muito medo de que tal ação viesse a inflamar a já volátil situação na república, mas o tumulto que se seguiu resultou muito mais das prisões e subsequente julgamento. Durante os seis meses seguintes, ambos acontecimentos tornaram-se tema principal de toda a mídia eslovena, e não menos surpreendente foi a reação por toda a república. A entrada na prisão militar, onde os presos foram mantidos esperando o julgamento, foi cercada pelas massas

que demonstravam pacificamente sua oposição à conduta das autoridades militares[726].

A liderança do JNA mostrava sentimentos semelhantes, mas diametricalmente opostos para com a Eslovênia e os eslovenos. Os generais estavam irritados com a liderança política eslovena e seu apoio para os criminosos, por sua insistência em preservar o sistema de defesa territorial (estabelecido em 1968) e sua luta contínua por direitos linguísticos e outros no exército. Vários pedidos que se tornaram de conhecimento público nos anos 1980 tinham sido apresentados às autoridades iugoslavas por políticos eslovenos individualmente desde o fim dos anos 1960 – embora muito raramente e em segredo até que algum órgão da mídia eslovena, mais particularmente *Mladina*, o periódico estudantil baseado em Maribor *Katedra* e *Nova revija*, começava a levantar a questão em público.

Em 1988, as autoridades políticas eslovenas foram assoladas por análises sobre as atividades destrutivas e hostis dos novos movimentos sociais contra a JNA e sobre a sua incapacidade de neutralizá-los. A Eslovênia, porém, rechaçou estas conclusões, embora observasse ocasionalmente que os movimentos pacifistas não correspondiam a uma crítica mais ampla do regime e da JNA, e até promoviam o chamado "serviço civil" ou alternativo. Aos olhos das autoridades militares, esta foi outra mostra da pouca confiança da liderança eslovena, o que levou o comando supremo a considerar seriamente a possibilidade de declarar um estado de emergência.

As tensões se escalaram dramaticamente na primeira metade de 1988 com o ataque da mídia contra o secretário de Defesa,

726 Apesar dos protestos em massa e de longa duração, Ivan Borstner foi condenado a quatro anos, Franci Zavrl (que tinha sido liberado sob fiança) e Janez Jansa a 18 meses e David Tasic a cinco meses de prisão. Foi-lhes concedida liberdade provisória até a decisão final e as autoridades eslovenas continuaram suspendendo suas sentenças até o último momento, e registraram pedidos de anistia junto à presidência da SFRJ. O resultado final dos esforços comuns foi que os quatro condenados serviram só um terço de suas sentenças.

Branko Mamula. Jornalistas de *Delo* e *Mladina* criticaram-no por ter concluído um acordo com o regime etíope, que preferia gastar muito mais dinheiro com armas do que com comida, e revelara que recrutas estavam construindo para ele[727] uma mansão de graça. As mais altas autoridades militares interpretaram esta matéria como um ataque ostensivo ao exército e os desdobramentos em curso na Eslovênia como uma contrarrevolução, e pediram uma forte condenação do Comitê Central da Liga dos Comunistas. Uma série de reuniões oficiais e oficiosas se iniciou entre os representantes do Conselho Militar e a liderança do Partido Esloveno (France Popit, Milan Kucan, Stane Dolanc). Não só elas não chegaram a qualquer resultado tangível, mas – ao contrário – levaram os líderes militares a enxergar a Eslovênia como o segundo Kossovo. Outro furor foi causado pelo vazamento das discussões confidenciais, começando com um trecho da ata da sessão de fim de março do Comitê Central que continha a exposição apresentada por Kucan sobre o assunto. Como tantas vezes antes, o material chegou às mãos dos jornalistas de *Mladina*, que foram, porém, impedidos pelo SDV de publicar imediatamente seus comentários[728]. Pouco depois a SDV prendeu os quatro homens no caso dos segredos de Estado, três deles (dois jornalistas e um editor) trabalhavam para *Mladina*.

Os acontecimentos começaram a se acelerar daí em diante. Menos de um mês depois das prisões, o Comitê para a Proteção dos Direitos, de Janez Jansa, foi estabelecido por iniciativa de Igor Bavcar e mais tarde rebatizado como Comitê para a Proteção dos Direitos Humanos. Como isto marcou o início do movimento de

727 NT: presume-se o chefe de Estado ou o governo etíope.

728 Sob o pseudônimo de Majda Vrhovnik, Vlado Miheljak, mais tarde colunista de *Delos e Dnevik*, publicou um artigo crítico intitulado "A Noite dos Punhais" ("Noc dolgih nozev") que mostrava ao público a possível declaração de estado de emergência mencionada no relatório taquigrafado. O registro foi fornecido a *Mladina* por Igor Bavcar, então um consultor político especializado da SZDL, que o tinha recebido os documentos de seu superior Joze Knez, vice-presidente da SZDL. Para um tratamento detalhado do assunto veja: Ali H. Zerdin, *General brez kape. Cas odbora za varstvo clovekovih pravic*. Liubliana: Krtina, 1997.

massa pela democratização, caberia talvez assinalar que esta seção da sociedade civil eslovena consistia de mais de três mil instituições, associações e organizações diferentes, que representavam mais de 100 mil membros individuais por meio de 300 membros do comitê. Depois de sua fundação no começo de junho de 1988, o Comitê organizou várias demonstrações que culminaram na reunião de massa com vários milhares de pessoas em 21 de junho de 1988, na Praça da Libertação em Liubliana. O Comitê esteve em funcionamento até abril de 1990 e participou da negociação sobre a futura legislação eleitoral lançada pelo SZDL no outono de 1989.

Em menos de um ano, o comitê tornou-se um dos principais parceiros políticos no diálogo com as autoridades do Partido Esloveno e subsequentemente um agente indispensável nas discussões sobre a futura organização da Eslovênia e sua posição dentro da Iugoslávia. Em outubro, quando começou o estágio final da discussão sobre as emendas às constituições federal e eslovena, também esteve envolvido em uma outra questão urgente que estava em exame desde janeiro de 1987, quando a presidência iugoslava tinha submetido proposta de emendas para aprovação pelas repúblicas.

Na Eslovênia, as primeiras manifestações de oposição às propostas mudanças constitucionais, que tornariam a federação mais centralizada, vieram da Associação dos Escritores Eslovenos. Em fevereiro de 1987, ela realizou uma discussão de especialistas e, na metade de março, abriu um debate público que atraiu 800 participantes. O principal orador e iniciador da discussão pública foi France Bucar[729]. Especialistas jurídicos da oposição consideravam que as mudanças levariam a maior unitarização e apelaram diversas vezes à Assembleia Nacional para não apoiar as

729 "O ustavnih spremembah", uma tribuna pública da Associação de Escritores Eslovenos, Cankarjev dom, Liubliana, 16 de março de 1987, lançado pela Associação de Escritores Eslovenos.

propostas de emendas. Sua demanda que teve maior repercussão foi *Pela Democracia* (*Za demokracija*), assinada pela Coordenação dos Novos Movimentos Civis[730]. O documento se inspirava de várias versões preparadas por Bucar, Jansa, Matevz Krivic e Grega Tomc e foi assinada por mas de 10 mil pessoas e representantes de um amplo espectro de grupos de vários movimentos de estudantes e instituições culturais. Em 20 de março, a Assembleia Eslovena, contudo, votou a favor das propostas para emendar a constituição federal, enquanto a Associação de Escritores Eslovenos e a Associação Sociológica Eslovena estabeleceram suas respectivas comissões constitucionais.

Na opinião da oposição, quaisquer mudanças constitucionais deveriam dirigir-se a maior independência para as repúblicas (confederação), liberalização das atividades econômicas privadas, abolição da posição de monopólio do SKJ e a introdução do pluralismo político (eleições diretas com múltiplos candidatos). Apesar das opiniões críticas expressadas pela Eslovênia e algumas outras repúblicas, a Assembleia Federal aprovou as emendas à Constituição Federal (SFRJ) em 27 de dezembro de 1987, seguida por uma discussão pública e do processo de harmonização. Os representantes eslovenos nas agências federais, relutantes em dar um único voto coletivo sobre as emendas, propuseram que se votasse separadamente sobre cada emenda. Contudo, com exceção de poucos temas que eles conseguiram fazer passar algumas modificações de menor importância, suas propostas foram derrotadas nas votações. As discussões sobre as emendas claramente prejudicaram a unidade da liderança eslovena, que agora estava dividida entre os que defendiam os interesses eslovenos e os que insistiam em que a Eslovênia continuasse a ser parte da Iugoslávia.

730 A declaração foi lida pela primeira vez em 8 de março em frente do Tribunal Militar em Liubliana (durante o julgamento de Franci Zavrl relativo ao artigo "Mamula go home!" publicado no *Mladina*).



Figura 52. Reunião de protesto na Praça do Congresso, em 21 de junho de 1988. Pôster com uma barra sobre o artigo 133 do Código Penal Iugoslavo exigindo a eliminação das restrições à liberdade de palavra (delito verbal). A Criação da Eslovênia, p. 93, foto de Marjan Ciglic

Ao mesmo tempo um debate sobre as mudanças na constituição eslovena agravou a tensão. A oposição organizou uma convenção especial para a constituição (composta de representantes da Associação Sociológica Eslovena e da Associação de Escritores Eslovenos, recém-criadas sociedades, várias organizações e o ZSMS) e passou a preparar sua própria proposta para a Constituição Eslovena. A plataforma básica foi apresentada pela primeira vez no jornal *Casopis za kritiko znanosti* e em uma série de artigos profissionais na *Nova revija* e outras publicações logo as acompanharam. A lista de exigências constitucionais básicas da oposição incluía uma confederação de entidades vinculadas por obrigações contratuais, a separação de poderes entre os ramos legislativo, executivo e judicial do governo e a introdução das tradicionais liberdades democráticas. Alguns escritores e especialistas jurídicos da oposição admitiam a democracia não partidária e viam a Iugoslávia com menos reserva. As autoridades

rejeitaram as propostas de emendas constitucionais da oposição, mas ambos os lados continuaram as discussões em diferentes níveis. Os especialistas jurídicos do governo visavam adotar simultaneamente as constituições da Iugoslávia e da Eslovênia e manter uma forma moderada de autogestão e, até certo ponto, do sistema de assembleia; a oposição preferia ver a constituição eslovena adotada primeiro e somente então fazer os acordos com a federação. O governo admitiu o pluralismo partidário sob a forma de "alianças", que, porém, deveriam ser construídas em uma base suprapartidária, i.e., sob o "guarda-chuva" do SZDL. Também concordou com a introdução de condições de mercado, igualdade de propriedade e a eliminação da palavra "socialista" do nome da república. Seu ideal era o de uma federação "assimétrica" que permitisse às repúblicas adotar posições diferentes ou níveis diversos na atribuição de jurisdição às agências federais[731].

A política oficial estava sob forte pressão ao reagir com contrapropostas que rejeitavam amplamente as propostas da oposição. A situação se exacerbou ainda mais pela discussão exaltada sobre as emendas constitucionais e pela criação do Conselho para a Proteção dos Direitos Humanos, cuja missão principal era a de proteger os direitos de todos os indivíduos que vivessem na Eslovênia, independentemente de sua nacionalidade e crenças e de quem fosse responsável pela violação desses direitos.

Também havia expectativa de que o conselho contribuísse para o estabelecimento do Estado de direito cuja base constitucional promoveria os direitos humanos de acordo com as normas internacionais. A segunda mudança decisiva foi a formação das "alianças" políticas que entraram na arena política com

731 O principal constitucionalista entre os funcionários do governo foi o Dr. Ciril Ribicic, que organizou uma série de discussões sobre as mudanças constitucionais. Estas discussões foram restritas principalmente aos especialistas jurídicos que apoiavam as opiniões das autoridades e raramente incluíam representantes da sociedade civil ou da oposição.

programas diversificados[732]. Alguns deles puseram ênfase especial na democracia, ao passo que outros deram prioridade à questão nacional. A mais destacada foi a Aliança Democrática Eslovena, que principalmente recrutou escritores e intelectuais bastante conservadores e bem conhecidos, embora um número considerável de seus membros tivessem feito suas carreiras como membros do Partido Comunista.

Da perspectiva de Belgrado, o mais grave insulto foi o apoio unânime e expresso à greve dos mineiros no Kossovo. Em fevereiro de 1989, mais de 1.300 mineiros albaneses ocuparam a mina de Trepca e ameaçaram se explodir em protesto contra a nova constituição da Sérvia, que aboliria a autonomia do Kossovo. A greve terminou com a declaração de estado de emergência em toda a província. O conflito, que evoluiu para a ocupação do Kossovo pela Sérvia e não foi afinal encerrado nem pela intervenção militar da OTAN durante os anos 1990, continuou a devastar a província pelos vinte anos seguintes.

Como ocorreu com frequência neste período crucial, a iniciativa de estender apoio aos albaneses veio do Comitê para a Proteção dos Direitos Humanos. Em uma demonstração organizada mais tarde pelo SZDL em Cankarjev dom, o centro cultural e de congressos em Liubliana, discursos foram pronunciados tanto pelos líderes do governo (Kucan) como da oposição (representantes de associações

732 A Aliança dos Agricultores Eslovenos (chefiada por Ivan Oman) e a Aliança dos Jovens Agricultores Eslovenos tinham sido criadas em 12 de maio de 1988. A Aliança Democrática Eslovena (Dimitrij Rupel) foi fundada em 11 de janeiro de 1989, a Aliança Social-Democrática da Eslovênia (France Tomsic) em 16 de fevereiro de 1989, a Aliança Iugoslava (Matjaz Anzurjev) em 5 de junho de 1989, o Movimento Social-Cristão Esloveno (Peter Kovacic) em 10 de março de 1989, o Partido Cívico Verde (Marek Lenarcic) em 31 de março de 1989, o Movimento Verde (Dusan Plut) em 11 de junho de 1989 e a Associação para a Iniciativa Democrática Iugoslava (Rastko Mocnik) em 21 de setembro de 1989. Este ano assistiu também à criação de um número de grupos individuais com o Grupa 88 (Franco Juri) e o Klub Debate 89, que mais tarde se juntou ao ZSMS (Aliança da Juventude Socialista da Eslovênia), mais tarde rebatizada Democracia Liberal da Eslovênia, bem como a Antialiança Anarquista Acadêmica (Iztok Saksida), a Aliança dos Trabalhadores, a Aliança Anticomunista, a Associação SKUC (Centro Cultural Estudantil) e a Aliança dos Estudantes Eslovenos.

e grupos). A declaração "Contra a Introdução de um Estado de Emergência para a Paz e Coexistência no Kossovo" foi assinada por todas as organizações sociais e políticas (Cruz Vermelha, SZDL, Congresso dos Sindicatos, ZSMS, Liga dos Comunistas da Eslovênia, Liga dos Combatentes) e por todas as associações, uniões, sociedades e grupos existentes. A demonstração provocou violentas reações da parte de Belgrado, onde havia um sentimento geral de que todas as forças na Eslovênia (inclusive a Liga dos Comunistas) tinham se unido contra a Sérvia e a Iugoslávia. As massas que participaram do grande comício em Belgrado em 28 de junho reclamaram a punição dos líderes albaneses, em meio ao crescente medo de que a "Eslovênia e o Kossovo estão destroçando a Iugoslávia". Por este motivo, os representantes eslovenos nos órgãos federais se acharam frente à pior pressão jamais experimentada, ao passo que pouco depois Belgrado desencadeou uma dura guerra econômica contra a Eslovênia e terminou unilateralmente todos os contatos políticos.

No entanto, estas ameaças e represálias tiveram um efeito totalmente oposto. A liderança comunista eslovena, até então extremamente vigilante e cautelosa, passou a forjar contatos mais próximos com a oposição, que sugeriu a formulação de um programa político comum esloveno durante as primeiras conversas. Depois de intensas consultas, a proposta foi afinal rejeitada. A facção alternativa do recém-criado Comitê de Coordenação, que organizara a demonstração em Cankarjev dom, adotou a chamada Declaração de Maio, lida pela primeira vez no dia 8 de maio, quando Janez Jansa foi preso. Neste momento crucial, os autores da declaração pediam sem ambiguidades: 1) o estabelecimento do Estado soberano da nação eslovena, cujos cidadãos teriam 2) a liberdade de decidir se queriam ou não se unir com as nações eslavas do sul ou outras nações no quadro da nova Europa. Finalmente, o recém-criado Estado esloveno 3) seria fundado com base no

respeito aos direitos humanos e às liberdades, na democracia e no pluralismo político e em um sistema social que assegurasse bem-estar espiritual e material em linha com as condições naturais dos cidadãos eslovenos e suas capacidades humanas. A declaração não foi assinada pelo Comitê para a Proteção dos Direitos Humanos nem pelo ZSMS. O ZSMS baseou sua posição nos direitos humanos universais (soberania do povo), enquanto que a facção "nacionalista" do Comitê para a Proteção dos Direitos Humanos dava prioridade à soberania da nação.

Embora as autoridades do Estado tenham declarado o documento inaceitável por causa do Item 2, que afirmava a "negação da Iugoslávia como uma comunidade nacional", o grupo de trabalho do Comitê de Coordenação continuou suas atividades e, em 1989, produziu um documento consideravelmente menos radical *A Carta Fundamental da Eslovênia* (*Temeljna listinha Slovenije*). Seu tom moderado se refletia em seu compromisso de princípio de buscar uma solução dentro do quadro da federação iugoslava, razão pela qual foi recebido com muito menos entusiasmo do que a Declaração de Maio, apesar de um apoio formal substancial[733]. Um dos pontos mais críticos, considerado inaceitável pela oposição, era sua concordância com o quadro federal, que permanecia como um grande obstáculo para a independência política da Eslovênia[734].

Emendas à Constituição Eslovena

As divisões entre a oposição e o governo que tinham ficado aparentes nas discussões sobre a Declaração de Maio também vieram à tona quando se tratou da Constituição. Os especialistas jurídicos do governo consideravam que a constituição proposta

733 O SZDL iniciou uma ação bem organizada que conseguiu mais de 420 mil assinaturas para o documento, enquanto a Declaração de Maio só foi assinada por cerca de 10 mil pessoas.

734 Tine Hribar, "Odlocitev za samostojnost". *Mladina*. Liubliana, 29 de dezembro de 1989 (também publicado em *Slovenci kot nacija*. Liubliana: Enotnost, 1994).

pelas associações eslovenas sociológica e de escritores exigiam a extinção da propriedade social e a autogestão, a substituição do princípio da unidade do governo por aquela da separação de poderes, a substituição do sistema de delegação por aquele da representação e a troca do sistema de assembleia por um regime presidencial parlamentarista e, nas relações federais, a construção de uma confederação como uma comunidade contratual e o estabelecimento da República da Eslovênia como uma entidade perante o direito internacional.

No entanto, os esforços da oposição já tinham frutificado como visto nas versões finais das emendas constitucionais. A maioria delas foi aprovada pela Comissão Constitucional da Assembleia Eslovena no começo de setembro. O trabalho da Comissão era direta ou indiretamente influenciado pela Convenção para a Constituição, que regularmente comunicava suas opiniões e desempenhou papel crucial na criação de pressão pública. Este foi um dos motivos pelos quais as emendas constitucionais propostas receberam uma reação extremamente hostil de todas as autoridades no governo federal e na liderança do SKJ. E foi também porque o serviço de especialistas do Comitê Central concluiu que as emendas equivaliam à introdução de um sistema assimétrico de federação e confederação e, como tal, contravinha a constituição da SFRJ. Em sua opinião, a solução devia ser procurada mediante pressão política.

As emendas especialmente criticadas pelo Comitê Central envolviam o direito à autodeterminação, secessão e unificação, assim como os relativos à soberania econômica e à jurisdição federal no território da Eslovênia. Os argumentos substantivos da Eslovênia e a alegação de que a própria Sérvia já havia mudado o sistema constitucional iugoslavo em fevereiro, proibindo outras repúblicas de interferir nos seus assuntos "internos", foram em vão. Todos os órgãos federais se declararam contrários às emendas.

A esfera política eslovena inteira, incluindo todos os destacados políticos, reagiu de forma muito diferente e os membros croatas do Comitê Central também apoiaram as opiniões eslovenas. A Assembleia Eslovena confiantemente adotou as emendas em 27 de setembro, desafiando ameaças de estado de emergência de Belgrado e demonstrações realizadas em outras partes da Iugoslávia. A proclamação solene foi assistida também por Janez Drnovsek, presidente da Presidência da SFRJ, que chegou diretamente de uma visita oficial aos Estados Unidos e assim, ao menos por algum tempo, aliviou a pressão de Belgrado.

As emendas constitucionais eram ainda mais importantes. Em princípio elas anunciavam o fim do comunismo, enquanto na prática elas asseguravam uma transição formalmente regulada de uma economia socialista para uma economia de mercado e de um sistema de partido único para uma democracia multipartidária. Ao aprovar as emendas, a Eslovênia também assegurou uma jurisdição mais ampla sobre a economia dentro da federação. Durante o processo de adoção das emendas, que foi retomado logo em março de 1990, o adjetivo "socialista" foi removido de todos os documentos e arranjos já estavam em curso para criar novos símbolos do Estado. O *Zdravljica*[735] de Preseren foi proclamado o hino nacional da Eslovênia, mas um acalorado debate cercou a bandeira nacional e o brasão, que afinal, e com relutância, foram adotados na véspera da proclamação de independência.

Apesar da adoção triunfal das emendas à Constituição Eslovena, a liderança eslovena (parcialmente baseada em informação da SDV) estava precavida de que a confrontação final, política ou sob outra forma, sobre a questão da existência ainda estava por vir. Também sabiam que um papel dos mais importantes neste *finale* seria desempenhado pela JNA, cuja alta chefia não

735 NT: "Um brinde".

ousou declarar emergência, embora tivessem concordado fazê-lo com os representantes sérvios na liderança federal. Ainda que o secretário federal de Defesa, Veljko Kadijevic, tentasse desviar as críticas, afirmando que não havia base legal para tal medida, a verdadeira razão da inação foi provavelmente que os generais mais graduados estavam divididos entre a Sérvia e a Iugoslávia. Mas a ideia de resolver a situação pela força não foi abandonada; as emendas constitucionais eslovenas foram apenas um pretexto considerado pela alta hierarquia militar e os líderes sérvios durante os três anos entre o Julgamento dos Quatro no verão de 1988 e a proclamação de independência da Eslovênia em junho de 1991.

Mas agora nem mesmo as ameaças abertas de Belgrado podiam fazer cessar o processo, que tinha começado a ganhar impulso ainda antes da "crise das emendas". Ao contrário, depois das emendas, o diálogo continuou entre os representantes das autoridades comunistas do regime que chegava ao fim e a oposição para negociar um acordo sobre eleições multipartidárias. Como vários grupos que tinham previamente participado nos arranjos de coordenação não tomaram parte na Mesa-Redonda, ela se desintegrou em um mês, enquanto a oposição compilou suas posições no manifesto intitulado *Que Tipo de Eleição Queremos*[736].

A formação do DEMOS e a transformação da cena política eslovena

Quatorze dias depois da desintegração da Mesa-Redonda, a Aliança dos Agricultores Eslovenos, a Aliança Social-Democrática e a Aliança Democrática Eslovena, bem como o recém-criado Democratas Cristãos Eslovenos se uniram na coalizão pré-eleitoral

736 Este foi lançado pela Associação dos Escritores Eslovenos, Klub 89, Comitê para a Proteção dos Direitos Humanos, Centro para a Cultura de Paz, Aliança Democrática Eslovena, Aliança dos Agricultores Eslovenos e a Aliança dos Jovens Agricultores Eslovenos, Movimento Esloveno Cristão Social, Partido Social-Democrático da Eslovênia, Verdes da Eslovênia e Aliança da Juventude Socialista da Eslovênia. O manifesto sem data foi tornado público em começos de setembro de 1989.

DEMOS, à qual depois se reuniram os Verdes da Eslovênia, o Partido dos Agricultores, o Partido Liberal, e o Partido (dos aposentados) Panteras Cinzas. Joze Pucnik foi eleito presidente e os pontos centrais no programa eleitoral do DEMOS eram um Estado soberano e uma democracia parlamentar.

Um mês depois, em 27 de dezembro de 1989, a lei eleitoral e a de associação fixaram as bases para que as alianças se transformassem em partidos, permitindo que o cenário político partidário da Eslovênia finalmente tomasse forma. As antigas alianças tornaram-se partidos regulares e uma tendência semelhante se observou nas antigas "organizações sociopolíticas". O ZSMS foi rebatizado de Democracia Liberal da Eslovênia, a Liga dos Comunistas tornou-se o Partido da Renovação Democrática (SDP) e a Aliança Socialista tomou o nome de Partido Socialista. A Liga dos Combatentes reteve a condição de uma organização não partidária, mas deu apoio silencioso aos comunistas em especial. À vista da crescente competição entre organizações sociopolíticas correlacionadas, os antigos sindicatos socialistas se viram obrigados a fortalecer seu compromisso de tratar de questões sindicais.

O importante episódio final ocorreu pouco depois das eleições parlamentares (fim de janeiro de 1990), quando os representantes eslovenos se retiraram do último Congresso do Partido Comunista da Iugoslávia em Belgrado. Os comunistas eslovenos tinham preparado uma proposta de reformas democráticas para toda a Iugoslávia (garantia de direitos humanos, sistema multipartidário, abolição do crime de "delito verbal" e fim dos julgamentos políticos, uma solução para a situação no Kossovo de acordo com a Constituição Iugoslava, eleições diretas, reforma da federação e a transformação da Liga dos Comunistas iugoslavos em uma associação de entidades autônomas). Depois que todas estas propostas foram derrotadas, eles deixaram o congresso e se dedicaram à situação pré-eleitoral na Eslovênia. Depois de mudar

seu nome e ganhar as primeiras eleições democráticas o Partido Comunista da Eslovênia, aliás, o Partido da Renovação Democrática não pôde formar um governo e, além disso, faliu financeiramente. Uma grande maioria dos velhos funcionários do partido perderam assim suas antigas posições e seguiram novas oportunidades nas áreas de publicações, universidades e gestão. Isto se tornou possível em grande medida pela quase completa ausência de punições, que haviam sido anunciadas, por vezes mesmo de maneira detalhada. A campanha eleitoral se desenrolou sem qualquer incidente maior apesar da considerável inexperiência de todos os partidos.

Com base no sistema de assembleia, que ainda vinha da constituição de 1974 (com revisões), os partidos propuseram candidatos para as três câmaras: a Câmara Sociopolítica, a Câmara dos Municípios e a Câmara do Trabalho Associado. Ao todo, isto compreendia 240 deputados, sendo 126 membros do DEMOS. Dez partidos obtiveram assentos parlamentares, dois representantes de minorias e alguns candidatos independentes. A presidência da República foi escolhida por voto direto (Dr. Milan Kucan como residente e Dr. Matjaz Kmecl, Ivan Oman, Dr. Dusan Plut e Ciril Zlobec como membros). France Bucar, um advogado e um dos poucos dissidentes eslovenos, foi eleito presidente do Parlamento em sua nova sessão constitutiva realizada em 17 de maio de 1990. Como ex-guerrilheiro, professor de Direito demitido e um crítico intransigente do regime totalitário e antidemocrático da Iugoslávia, ele foi certamente considerado o homem perfeito para esta posição. Ainda que seu discurso tivesse anunciado o fim da guerra civil de 50 anos, ele (não intencionalmente) contribuiu para a revisão histórica posterior do período da Segunda Guerra Mundial.

Em meio desta atmosfera turbulenta, o mandato de formar um novo governo foi confiado ao presidente dos Democratas Cristãos Eslovenos, Lojze Peterle. O novo governo de 27 membros,

que também incluía alguns ministros de partidos da oposição, foi eleito sem maior oposição. A mudança de governo não trouxe maiores perturbações, mas ainda provocou alguns atritos quando a presidência pediu a Peterle para determinar o programa do novo governo e sua composição. Peterle se recusou a submeter os nomes dos candidatos e argumentou que a presidência e o presidente não tinham o direito de saber, porque seu papel na nomeação do titular do mandato era só uma formalidade. O incidente foi afinal resolvido com um compromisso em que uma lista oficiosa dos futuros membros do governo foi revelada por Peterle depois de um encontro especial com os membros da presidência da República.

O período inicial do novo governo foi marcado por uma severa e mútua desconfiança entre a coalizão e a oposição. Vários partidos governamentais acreditavam que cabia apenas a eles levar o "projeto de independência" à sua finalização e consideravam que a oposição, formada de ex-comunistas, simplesmente obstruía a luta pela independência. Enfrentando uma situação econômica desastrosa, Peterle nunca foi entusiasta desta opção e focalizou nos preparativos para a independência, começando com a Declaração sobre a Soberania da Eslovênia, que também recebeu apoio da oposição. Contudo, os deputados da oposição ficaram descontentes porque o governo preparou a declaração sobre soberania sem consultas com eles nem com a presidência da República. O clima político exaltado foi acalmado por uma moção conjunta para convocar um referndo sobre a independência. Esta moção obteve maioria no parlamento depois de uma prolongada discussão quando ficou claro que a nova constituição não seria adotada antes do fim de dezembro de 1990, o que poderia, no fim das contas, levar o processo de independência à paralização.

Apesar das apreensões iniciais da oposição, 88,2% de um total de 93,2% de eleitores que votaram foram a favor da independência

no referendo. Tanto os Estados Unidos como a Comunidade Europeia se opuseram às aspirações de independência da Eslovênia e se recusaram a enviar representantes e observadores à república no fim de 1990. No entanto, a principal preocupação do novo governo não era o referendo. Como seus predecessores sob a liderança do último presidente socialista Dusan Sinigoj, que se confrontara com as consequências da guerra econômica com a Sérvia desde 1988[737], os novos ministros também estavam enfrentando o que Joze Mencinger (o vice-presidente do governo a cargo dos assuntos econômicos) descrevia como condições "catastróficas".

O gabinete de Peterle foi também obrigado a se adaptar a mudanças em Belgrado. Depois que o governo de Mamula tinha renunciado coletivamente, no fim de 1988, a direção do último governo federal da SFRJ tinha sido assumida pelo croata Ante Markovic, que, em março de 1989, tinha feito a primeira tentativa séria para fazer progredir a reforma econômica[738]. Com o auxílio dos países da Europa Ocidental e dos EUA, ele reconstruiu o programa de reforma em 1990. Markovic levou alguns meses para melhorar a liquidez externa da Iugoslávia, aumentar as reservas em divisas internacionais (para US$ 5,8 bilhões) e reduzir a dívida total em cerca de US$ 4 bilhões. Muito menos eficientes foram, porém, seus esforços para dominar a hiperinflação, que chegou a cerca de 2.700% entre a metade de dezembro de 1988 e dezembro de 1989.

Esta situação explicava parcialmente as sérias reservas dos eslovenos sobre as reformas de Markovic, especialmente em vista de que o poder estava concentrado no Conselho Executivo

737 De acordo com um questionário preparado pela Câmara de Comércio e Indústria da Eslovênia, 229 companhias sérvias romperam relações de negócios com seus parceiros eslovenos.

738 "Program ekonmske reforme i mere za njegovu realizaciju u 1990 godini". In: *Ekonomska reforma i njeni zakoni*. Belgrado: Comitê Executivo Federal – Secretariado Federal para Informação, 1990, p. 5-44.

Federal (SIV)[739] e no Banco Nacional da Iugoslávia (NBJ)[740]. Na opinião destes o programa era também uma oportunidade para uma redistribuição organizada, conscienciosa e planejada de toda a dívida interna e de uma parcela ainda maior da dívida externa. Estava claro que não era possível recuperar a dívida dos verdadeiros devedores e que a carga principal teria de ser arcada pelas partes mais desenvolvidas do país que tinham mais capacidade de pagamento. Como o princípio básico do financiamento da federação em proporção à parcela de cada república no produto ou na renda nacional tinha sido transposto para o financiamento da dívida, também se tornou evidente que os mais altos encargos da reforma caberiam às repúblicas mais desenvolvidas.

Os economistas eslovenos tinham reservas sobre a introdução espetacular do chamado dinar conversível e achavam a taxa de câmbio de 7 dinares para 1 marco alemão muito baixa. Porém, o seu cetismo também provinha de suas experiências nas recentes décadas, que lhes havia ensinado que reformas não podiam instilar disciplina financeira em todas as repúblicas. Esta foi uma razão pela qual a Assembleia Eslovena concluiu que o programa proposto poderia oferecer a última oportunidade para desenvolver objetivos comuns para resolver a crise iugoslava dentro do marco dos órgãos federais e da legislação aplicável. Se as reformas fracassassem, as autoridades responsáveis da República da Eslovênia deviam preparar propostas concretas para assegurar soberania política e econômica.

Depois que o mercado de câmbio deixou de existir no outono de 1990, as reformas efetivamente fracassaram, levando o governo esloveno a considerar a independência monetária. Ainda que as primeiras notas provisórias de dinheiro estivessem prontas para

739 Em servo-croata: Sevezno izvrsno vijece (nota do tradutor do texto em inglês).

740 Em servo-croata: Narodna Banka Jugoslavije (nota do tradutor do texto em inglês).

uso desde dezembro de 1990, o tolar esloveno entrou em circulação após a independência em outubro de 1991.

O colapso do sistema financeiro da Iugoslávia também resultou, em grande medida, da "incursão" das autoridades sérvias no sistema bancário da Iugoslávia no fim de 1990. Com a ajuda de bancos sérvios, a Sérvia "tomou emprestado" do NBJ US$ 1,4 bilhões, soma que, em 1991, correspondia à metade do montante total planejado de todas as dívidas contraídas pelos bancos iugoslavos do BNJ. A Sérvia tinha iniciado seu próprio período pré-eleitoral e Milosevic necessitava dos recursos para pagar pensões e salários. Isto aumentou drasticamente o volume de dinheiro em circulação. Markovic exigiu que a Sérvia devolvesse o dinheiro ao banco, mas não tomou medidas específicas para garantir que esta exigência fosse cumprida.

Na Eslovênia, estes desdobramentos levaram a outra acalorada discussão, agora sobre privatização e desnacionalização. Dois modelos de privatização foram concebidos: um por Joze Mencinger e outro pelo professor de Harvard Jeffrey Sachs. Este partia do ponto de vista de que todas as principais medidas econômicas deviam ser tomadas simultaneamente e insistia em uma taxa de câmbio fixa para a nova moeda. O Estado se tornaria o principal proprietário titular da propriedade púlica e como tal receberia o mandato de nomear diretores e juntas administrativas para o período de transição. Aquisições internas seriam restringidas e os trabalhadores e gestores teriam a possibilidade de comprar até um máximo de 15% das ações, mas sem direito de voto. As ações remanescentes seriam transferidas para o Fundo de Desenvolvimento e, por ele, transferidas ao Fundo de Pensões (15% a 20%), ao maior banco esloveno, o Ljubljanska banca, e seus ramos (5% a 10%) e a várias companhias ou fundos de investimento (4% a 5%, constituídos por grupos nacionais ou estrangeiros)

dos quais todos os eslovenos poderiam comprar ações. De acordo com Sachs, tal sistema impediria que as velhas estruturas gestoras obtivessem controle legal sobre todas as principais companhias e, ao mesmo tempo, faria subir a popularidade das autoridades eslovenas por meio da distribuição gratuita de ações (cerca de 30% nas companhias mais importantes). O Fundo de Desenvolvimento venderia aproximadamente 25% de suas ações a investidores nacionais e estrangeiros. Por fim, as companhias principais não seriam controladas por acionistas internos, mas por representantes do Estado, dos bancos, de vários fundos e do Fundo de Pensões[741].

O grande interesse do governo no modelo de Sachs levou Mncinger a renunciar, embora o gabinete afinal tenha combinado os dois modelos. O enfoque relativo à desnacionalização foi um pouco diferente e uma lei apoiada pela facção conservadora da coalizão DEMOS passou facilmente no parlamento.

O processo de independência estava assim prosseguindo bem em treze campos diferentes (dissolução, o sistema econômico, relações econômicas internacionais, relações internacionais, cooperação com outras repúblicas iugoslavas, oferta, indústria de infraestrutura, fronteiras, defesa, legislação e mídia), sob a condução do Conselho do Projeto, primeiro dirigido por Lojze Peterle e, mais tarde, pelo ministro do Interior, Igor Bavcar.

Da ideia de uma confederação assimétrica à luta pela independência e depois

Deve ficar claro que os eslovenos abraçaram a ideia de um Estado esloveno independente só quando a vida na Iugoslávia se

741 *A program for Economic Sovereignity and Restructuring of Slovenia. A proposed Policy Framework*, 21 de março de 1991. Arquivos do Governo da República da Eslovênia. A versão em esloveno do documento está disponível em: Neven Borak, Zarko Lazarevic & Joze Princic (ed.), *Od kapitalizma do kapitalizma*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1997, p. 628-640.

tornou insuportável. Isto ocorre primeiro e mais destacadamente devido às condições econômicas desastrosas[742], mas também porque, à parte dos planos irrealistas do último primeiro-ministro a Iugoslávia e a oposição enérgica ao conceito de uma federação assimétrica, não restou alternativa à vista. Estas foram talvez as duas razões principais pelas quais a desintegração do estado comum foi tão dramática e suas consequências profundamente devastadoras. No início de 1991, ninguém poderia ter imaginado que o preço seria tão alto. O número de vítimas, que afinal somou mais de 200 mil mortos e pelo menos um milhão de pessoas deslocadas, não podia ser previsto mesmo pelos mais pessimistas. O plano de ação adotado pelo governo e parlamento eslovenos tinha dado esperança de um resultado muito mais pacífico.

No dia 8 de março de 1991, o parlamento esloveno aprovou um ato constitucional tornando o serviço militar na JNA não mais obrigatório para cidadãos eslovenos ou permitindo que cidadãos eslovenos fizessem seu serviço militar na Eslovênia. A lei também previa o serviço alternativo. Uma finalidade semelhante, mas exclusivamente defensiva, foi assinalada pelo subsequente estabelecimento de quartéis-generais de defesa e de um grupo de coordenação que, na metade de 1991 efetivamente organizaram as ações da defesa territorial e da polícia em todos os seus choques com a JNA. Os momentos mais voláteis (v.g. a captura do QG do Chefe da Defesa Territorial Regional ou o bloqueio de um centro de recrutamento da Defesa Territorial eslovena) culminaram com o corte do suprimento de eletricidade e de água e os inevitáveis oferecimentos de negociação.

No entanto, no meio das constantes incertezas, o primeiro orçamento esloveno completamente independente foi adotado em

742 Em 1985, a disparidade entre o padrão de vida das repúblicas iugoslavas se aprofundou. O PNB *per capita* da Sérvia equivalia ao da Turquia, o do Kossovo ao do Paquistão, o da Croácia ao da Grécia e o da Eslovênia ao da Espanha ou Nova Zelândia.

1º de abril. Sucederam-se numerosos outros atos de independência, inclusive a Lei de Cidadania da República da Eslovênia, a Lei sobre os Passaportes dos Cidadãos da República da Eslovênia, a Lei sobre os Estrangeiros, a Lei sobre Controle da Fronteira Nacional, a Lei sobre a Alfândega, a Lei sobre Bancos e Bancos de Poupança, a Lei sobre Câmbio e a Lei sobre Defesa e Proteção. Dois dias antes da declaração oficial de independência, o Estado nascente obteve seu novo brasão de armas e bandeira. Depois de um prolongado e acalorado debate, uma decisão foi tomada apressadamente de substituir o antigo brasão sobre um fundo tricolor por um novo, na forma de um escudo desenhado pelo escultor Marko Pogacnik. O autor permaneceu em grande parte fiel ao desenho simbólico do anterior brasão. Um escudo azul contém uma imagem branca estilizada de Triglav, a mais alta montanha da Eslovênia e da antiga Iugoslávia, por trás correm duas linhas azuis onduladas simbolizando rios e o mar e em cima estão as estrelas de seis pontas dispostas como um triângulo invertido e parecendo as estrelas do brasão dos condes de Celje. Na véspera da proclamação da independência, o parlamento adotou a Carta Básica de Independência e Soberania da República da Eslovênia e a Declaração de Independência[743]. Com base nestes três atos e nos previamente adotados, a Eslovênia assumiu a antiga jurisdição federal sobre o seu território. Em 25 de junho, o primeiro-ministro Lojze Peterle informou os postos aduaneiros que, daquela data em diante, eles operariam sob a jurisdição da República da Eslovênia. Funcionários da administração federal foram transferidos do serviço aduaneiro esloveno e vários postos provisórios de entrada na fronteira croata-eslovena foram estabelecidos, com três mil oficiais das forças territoriais de defesa e da polícia destacados para eles alguns

743 A Carta declarava a Eslovênia um Estado independente e soberano, ao passo que o ato de implementação impunha às autoridades eslovenas exercer os poderes que ainda eram até aquele momento atribuídos à federação de acordo com as constituições da República Socialista da Eslovênia e da República Socialista e Federativa da Iugoslávia.

dias antes. A Eslovênia e a Croácia chegaram a um acordo sobre a fronteira terrestre, ao passo que a fronteira marítima foi deixada para ser decidida em futuras negociações. Naquele dia, a Eslovênia também assumiu o controle sobre o tráfego aéreo sobre o espaço aéreo esloveno.

Estes desdobramentos agravaram o tom das reações já exaltadas de Belgrado. O Conselho Executivo Federal reagiu aos últimos passos da Eslovênia pondo em vigor o Decreto sobre a Implementação dos Regulamentos relativos ao Pagamento dos Direitos Aduaneiros e ordenou o deslocamento de funcionários aduaneiros de outras partes da Iugoslávia para a fronteira eslovena. Até então, a parte principal do diálogo entre Belgrado e Liubliana se realizara em duas vertentes de um lado, o Conselho de Guerra tinha exigido que a Eslovênia continuasse a cumprir com os procedimentos de alistamento logo depois que aprovou o Ato sobre o Serviço Militar, por outro lado, o Conselho Executivo Federal presidido por Markovic cautelosamente atrasou medidas retaliatórias com receio de um possível conflito armado. Duas semanas antes da independência Markovic tinha mesmo vindo a Liubliana a convite do primeiro-ministro esloveno e tentou argumentar com o governo e o parlamento para engavetar sua declaração de independência e continuar a participar das negociações para determinar a nova organização da Iugoslávia. Nesta ocasião, Markovic sugeriu que o JNA agisse como um tipo de "capacetes azuis" em uma operação de paz, mas, se a Eslovênia seguisse adiante em seus propósitos de independência, advertiu que o governo federal usaria todos os meios legais a sua disposição para impedir quaisquer mudanças unilaterais tanto às fronteiras interna quanto às externas. Markovic repetiu sem ambiguidade esta ameaça logo depois na sessão da Câmara Federal da Assembleia Iugoslava. Como que por acordo, os membros da Comunidade Europeia suplementaram suas palavras com uma advertência, dois dias depois, que não reconheceriam

a independência de qualquer república que declarasse unilateralmente sua secessão da Iugoslávia.

Os croatas se achavam em uma situação semelhante e as duas repúblicas, que tinham completado sua transformação final, decidiram sincronizar seus esforços para concluir os processos de independência. Portanto, não foi coincidência que as duas repúblicas adotaram suas decisões quase ao mesmo tempo. A Eslovênia justificou sua declaração de independência com o resultado do plebiscito de 23 de dezembro de 1990.

Ainda que esta fosse uma decisão histórica e um momento singular, não houve tempo para comemorações. Quase imediatamente depois que a Eslovênia declarou sua independência, o JNA recebeu ordem de assegurar as fronteiras do estado comum. Uma bateria blindada antiaérea de Karlovac atravessou a fronteira esloveno-croata e cerca de 4 horas da manhã iniciou o primeiro choque com as unidades de defesa territorial[744]. Pouco antes disso um batalhão blindado saiu do aeroporto internacional de Brnik em Vrhnika, perto de Liubliana, e a mais extensa passagem de fronteira com a Áustria (as montanhas Karavanke) foi tomada pelas unidades de assalto aéreo. Embora, a princípio, o JNA não tivesse encontrado nenhuma resistência maior e o almirante Stane Bovet tivesse anunciado naquela mesma tarde que as forças armadas iugoslavas tinham alcançado seu objetivo e assegurado as fronteiras do Estado, a situação no terreno era muito mais complexa. Naquela mesma noite, as forças territoriais de defesa derrubaram um dos helicópteros que iam transferir os membros da Brigada Iugoslava de Assuntos Internos para as passagens de fronteira. Quase simultaneamente, a defesa territorial eslovena e as forças policiais cercaram a maioria dos acampamentos militares

744 Bozo Repe, "Zacetek vojne v Sloveniji". In: Drnovsek, Rozman & Vodopivec: *Slovenska kronika XX. stoletja*, p. 468.

e cortaram as ligações telefônicas e o suprimento de eletricidade e água. O plano do JNA de "assegurar" todas as passagens de fronteira começou a falhar. Em 28 de junho, unidades eslovenas tinham recuperado algumas passagens de fronteira, acampamentos militares e depósitos. O JNA lançou uma série de ataques aéreos dirigidos a barricadas, transmissores de TV e plataforma da passagem de fronteira de Karavanke.

Outra imensa e muito eficaz contribuição para a guerra foi dada na Eslovênia pela Agência de Imprensa eslovena e a mídia, coordenada pelo então ministro da Informação, Jelko Kacin. Graças em grande parte à equipe de Kacin, a comunidade europeia e internacional foi rapidamente informada de que a restauração sem dificuldade da lei e da ordem (que tinha incialmente recebido aprovação da EC e dos EUA) tinha rapidamente deteriorado em um conflito militar sério, o que agitou a opinião pública internacional e levou-a a pressionar seus governos.

Outra razão para o fracasso do Exército Popular Iugoslavo e das unidades federais especiais pode ter sido porque a campanha militar contra a Eslovênia foi conduzida principalmente por recrutas inexperientes. A surpresa maior foi o elevado grau de preparação tática e organizacional da defesa territorial eslovena, que causou muitos embaraços inesperados ao exército iugoslavo. Além disso, o papel e a missão do JNA no começo dos anos 1990 estavam crivados de profundos dilemas. O JNA era uma instituição crucial para a preservação da federação e a defesa dos interesses iugoslavos. Se o país se desmembrasse, o JNA seria deixado sem um Estado e sua própria identidade seria questionada. Por outro lado, é importante saber que, no começo dos anos 1990, o JNA era integrado principalmente por sérvios. Mas a guerra de dez dias pela Eslovênia foi concluída rapidamente principalmente porque já então os sérvios tinham voltado sua atenção principal

para as situações na Croácia e na Bósnia-Herzegovina. Isto podia já ser percebido durante as conversas entre os presidentes de todas as repúblicas realizadas em Belgrado em janeiro de 1991[745], quando Milosevic deixou palpavelmente claro que se qualquer tentativa fosse feita para substituir a estrutura do Estado federal por um arranjo mais frouxo ele buscaria anexar as áreas povoadas por sérvios na Croácia e na Bósnia. O resultado favorável para os eslovenos também certamente resultou dos esforços da comunidade política internacional, ainda que as guerras que se seguiram na Croácia e na Bósnia-Herzegovina tenham mostrado que, sem o consentimento da Sérvia para a retirada do JNA da Eslovênia quatro meses depois, a guerra de dez dias e todo o empreendimento de independência poderia nunca ter vindo a tal desfecho afortunado.

A Comunidade Europeia enviou os ministros do Exterior de Itália, Luxemburgo e Países Baixos (Gianii de Michelis, Jacques Poos e Hans van den Broek) à Eslovênia e à Iugoslávia como observadores. Os ministros se encontraram com Milan Kucan, Ante Markovic, Franjo Tudjman e Dimitrij Rupel em Belgrado, Zagreb e Liubliana e adotaram uma fómula bastante vaga de uma "moratória" sobre a implementação da Carta Constitucional de Independência. A primeira trégua foi obtida no mesmo dia, mas infelizmente não durou. Dez dias depois do iníco das hostilidades, o número de mortes tinha se elevado a 65, ao passo que as forças armadas eslovenas tinham capturado mais três mil soldados, policiais e funcionários alfandegários. A cessação das hostilidades foi finalmente confirmada no encontro de Brioni, de que participaram representantes da Sérvia, Croácia e Eslovênia bem como os medidadores da CE. A Eslovênia foi representada

745 Em 10 de janeiro, os presidentes das repúblicas iugoslavas se encontraram pela primeira vez e iniciaram a discussão sobre o futuro da federação. Seus encontros então foram conduzidos nas diferentes capitais das repúblicas. Em uma reunião em abril na Eslovênia, eles conceberam duas possíveis soluções sobre a futura organização do Estado. Uma visava a união de Estados soberanos, i.e., uma confederação, e a outra preservaria o Estado federal único.

por Drnovsek, Kucan, Bucar, Peterle e Rupel. Os representantes da CE mantiveram conversações separadas com cada delegação e todas as partes em disputa tiveram encontros bilaterais umas com as outras. As demoradas negociações finalmente resultaram na Declaração de Brioni, que também afirmava que a polícia eslovena reteria controle sobre as passagens de fronteira de acordo com os regulamentos federais, que os direitos alfandegários formariam parte da renda federal, que o controle do tráfego aéreo permaneceria uma função do governo federal e que as unidades do JNA se retirariam incondicionalmente para seus quartéis. A Declaração de Brioni foi então ratificada pelo parlamento esloveno. Uma semana depois, em 18 de julho, a presidência da SFRJ decidiu que o JNA deveria retirar todas as suas unidades e equipamentos do território da Eslovênia.

As duas partes assinaram uma moratória de três meses sobre a secessão em Brioni com a mediação da Comunidade Europeia. Depois que a moratória expirou, a Eslovênia independente foi reconhecida primeiramente pela Croácia e pelos Estados bálticos e pouco depois, em 15 de janeiro de 1992, pela Comunidade Europeia. O Estado, que durante a primeira década da sua existência independente foi com frequência confundida com a Eslováquia e a província croata da Eslavônia, tornou-se membro pleno das Nações Unidas em 22 de maio de 1992. Apesar disso, segundo sua constituição, a Eslovênia tinha iniciado sua existência como república democrática desde 23 de dezembro de 1991. Desta data em diante, o poder legislativo tinha sido investido na Assembleia Nacional composta de 90 membros, que elege o governo e supervisiona seu trabalho. O presidente da República, eleito por voto popular direto, representa a Eslovênia nas relações internacionais. A primeira eleição, que se realizou em dezembro de 1992 de acordo com a nova constituição, foi vencida pela Democracia Liberal da Eslovênia, o partido mais poderoso durante

toda a primeira década da Eslovênia independente. Durante grande parte deste tempo seu líder, Janez Drnovsek, mais tarde presidente da República, foi primeiro-ministro. Quando a Eslovênia se tornou membro da ONU, Milan Kucan, o primeiro presidente da República eleito por dois períodos consecutivos, pronunciou um discurso oferecendo um resumo das razões da independência recente da Eslovênia. Ele disse: "a Eslovênia não declarou sua independência para se tornar uma ilha no meio do mundo [...], mas para assegurar um papel apropriado e um tratamento justo nos processos de integração a que nos estamos juntando" e concluiu seu discurso com a promessa de que os cidadãos eslovenos da antiga Iugoslávia estavam desejosos de contribuir para "a afirmação e respeito das diversidades nacionais e da coexistência entre todas as nações"[746].



Figura 53. A defesa territorial eslovena toma a passagem de fronteira de Ljublj entre a Eslovênia e a Áustria, junho de 1991. Foto de Mirko Kunsic

746 Citado de Ervin Dolenc & Ales Gabric, *Zgodovina 4*, p. 247.

O caminho para a União Europeia estava aberto e os passos foram ainda mais rápidos e dados com maior segurança. Contudo, o período entre dezembro de 1999 e novembro de 2000 trouxe uma fase de turbulência para uma nova democracia: em menos de um ano, a Eslovênia mudou de governo três vezes, alterou duas vezes o sistema eleitoral e emendou uma vez a constituição. Na primeira metade do ano, a coalizão formada pelo Partido Popular Esloveno (SLS+SKD) dominou o cenário político como um "partido genuinamente conservador". Parecia que a fusão entre o SLS e o SKD havia aberto o caminho para o surgimento de uma coalizão firme de centro-direita na forma da Coalizão Eslovênia, que além de ser um partido unido também incluía o SDS. Mas logo que a coalizão foi formada de novo, ainda como governo interino, ela se desfez depois que uma modificação no sistema de representação proporcional foi inserida na Constituição. O que restou foi o SDS e um recém-formado partido, sem representação no parlamento, chefiado por Andrej Bajuk, por muito tempo emigrante na Argentina, que se tornou primeiro-ministro de maio a outubro. Nas eleições parlamentares de outubro, que os partidos de esquerda saíram vitoriosos, uma coalizão ampla formada pelo LDS, ZLSD, SLS+SKD e DeSUS formou um governo, novamente tendo Janez Drnovsek como primeiro-ministro.

O primeiro ano do quarto governo de Drnovsek, e sexto do país, transcorreu em surpreendente tranquilidade, talvez porque fosse apoiado por uma coalizão relativamente forte (o LDS sozinho ganhara 34 assentos no parlamento de 90 membros) e também por causa do objetivo muito firme de entrar para os processos europeus de integração no topo da lista dos primeiros novos membros. As mudanças constitucionais foram negociadas mais intensamente, e vários passos foram dados para identificar as valas comuns e adotar uma atitude distinta em relação aos assassinatos pós-guerra. Em junho, houve um referendo sobre a fertilização *in vitro* de mulheres

solteiras, que deu lugar a um exaltado debate em todos os níveis da sociedade. Embora a iniciativa tivesse sido apresentada por parlamentares tanto da oposição quanto da coalizão, o projeto não conseguiu obter apoio popular. O que também provocou muita polêmica em ambos os lados foi a não devolução da propriedade da Igreja nacionalizada. Tanto a decisão do Ministério da Agricultura de devolver cerca de 8 mil hectares de florestas no Parque Nacional Triglav como a decisão do Ministério da Cultura de devolver em espécie a igreja na ilha do lago Bled e não a ilha inteira, resultaram em várias ações judiciais e sério desagrado popular. A Eslovênia também teve de enfrentar sua primeira onda importante de imigrantes ilegais que, de acordo com as autoridades eslovenas, se tornaram uma ameaça regular à estabilidade do país. Devido às condições impróprias nos centros de refugiados e nos abrigos para candidatos a asilo e, especialmente, por causa da brutalidade da polícia, a Eslovênia também foi mencionada no relatório anual da Anistia Internacional sobre violações de direitos humanos, e a crescente brutalidade da polícia também foi mencionada no relatório de novembro da Comissão Europeia sobre os progressos realizados pelos países candidatos ao ingresso na União Europeia.

Em 2002, a realização simultânea das eleições presidenciais e das eleições locais – algo que só acontecia a cada vinte anos – contribuiu para que o ano fosse bem variado no plano interno. Milan Kucan, que tinha sido o único presidente desde a independência onze anos antes, perdeu o direito de concorrer novamente, enquanto o primeiro-ministro Janez Drnovsek decidiu passar do governo para a presidência – foi eleito presidente no segundo turno com 56,5% dos votos, depois de forte competição com a procuradora-geral do Estado, Barbara Brezigar.

Ao mesmo tempo, o Ministro de Finanças de Drnovsek, Anton Rop, tornou-se o novo primeiro-ministro, e um total de 193 municipalidades eslovenas elejeram novos prefeitos e conselheiros,

ao passo que o país realizava suas terceiras eleições locais pós-independência – um tanto ofuscadas pela votação presidencial.

O resultado do primeiro recenseamento depois da independência em 1991 mostrou que a Eslovênia tinha 1.964.036 habitantes, 2,6% mais do que recenseamento anterior, realizado onze anos antes. Com um crescimento natural de população negativo, a razão principal para o crescimento foi a imigração e a regularização da condição jurídica das pessoas que se mudaram para a Eslovênia antes do recenseamento de 1991. O recenseamento de 2002 também mostrou mudanças interessantes na estrutura dos grupos religiosos, com o número de católicos romanos caindo de 71,6% em 1991 para 57,8% em 2002. Não obstante, os católicos romanos continuaram a ser o maior grupo religioso individual no país, seguido pelos muçulmanos; com até 2,4% de habitantes se declarando como de religião islâmica comparado com 1,5% em 1991, os muçulmanos tinham superado numericamento os protestantes, antes o segundo maior grupo religioso na Eslovênia. Com relação à origem étnica, 83,06% dos habitantes se declararam eslovenos (88,31% em 1991, 96,25% em 1953), seguido pelos sérvios (1,98%) e croatas (1,81%).

A Constituição foi emendada pela terceira vez desde que havia sido elaborada onze anos antes. O Parlamento assumiu o papel pouco usual de constituinte ao emendar a Lei Básica do país, a Constituição. O ato constitucional, que foi adotado para possibilitar a Eslovênia a se tornar membro de instituições supranacionais e a ceder parte de sua soberania a elas, era necessário para permitir que a Eslovênia acedesse à União Europeia (UE) e à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Em 23 de março de 1993, a participação como membro das duas entidades foi aprovada em um referendo na forma tradicional de um plebiscito: a participação foi de 60,4%, e mais de 89,6% dos votantes apoiaram o ingresso à UE. O ingresso à OTAN foi apoiado por 66,8% do voto.

Doze anos depois de se tornar membro pleno das Nações Unidas, a Eslovênia também se incorporou à União Europeia (1º de maio de 2004). Infelizmente, o seu papel nos esforços para buscar solução pacífica para as crises no sudoeste do Balcãs não deu resultado. Muito pelo contrário: a Eslovênia nunca foi realmente capaz de aproveitar-se da vantagem estratégica representada por sua familiaridade com a situação e a língua ou com sua longa e estreita experiência de coexistência, apesar de repetidas referências a agir precisamente nesta direção.

Uma mediação eficaz da Eslovênia neste terreno foi também frustrada de certo modo pela situação interna, que estava longe de ser simples, pelo menos porque as duas leis mais importantes adotadas pelo legislativo depois da independência que se destinavam a corrigir parcialmente injustiças do após-guerra e promover o crescimento econômico foram ambas implementadas vagarosamente. O governo precisou de quinze anos para assegurar a aplicação apropriada da Lei de Desnacionalização, ao passo que até o começo de 2008 não era ainda possível avaliar a eficácia da Lei de Privatização com qualquer segurança. Apesar destas deficiências, a Eslovênia pôde manter sua imagem de mais bem-sucedido entre os novos membros da UE. Foi também o primeiro entre os antigos países da Europa Oriental a adotar a moeda comum europeia, em janeiro de 2007, e, um ano mais tarde, assumir a presidência da UE. Foi ao governo de Janez Jansa que, após a vitória nas eleições parlamentares de 2004, coube assumir a presidência da UE – uma das bandeiras de sua campanha – para logo perder as novas eleições em 2008.

Naquele mesmo ano, em fevereiro de 2008, e logo depois do fim do seu mandato, ocorreu a morte de Janez Drnovsek, o segundo primeiro-ministro do país e também seu segundo presidente da República. Não apenas simbolicamente estes fatos marcaram o fim de um período importante, senão o mais importante, da história

da Eslovênia. Danilo Türk, um veterano diplomata e primeiro representante permanente da Eslovênia nas Nações Unidas, tornou-se o terceiro presidente da República.

Cinco anos depois, Türk foi derrotado nas eleições presidenciais contra o político Borut Pahor, cujo mandato como primeiro-ministro da Eslovênia terminara na eleição realizada antes do período regulamentar no outono de 2011. Independentemente de que as eleições tivessem sido ganhadas pelo recém-criado partido de centro-esquerda Eslovênia Positiva, o décimo governo da República da Eslovênia depois de sua independência foi novamente formado por Janez Jansa e seu SDS. Uma das razões para esta inesperada virada dos acontecimentos pode sem dúvida ser atribuída às consequências da crise global. Ou seja, Jansa conseguiu que os eleitores acreditassem que a situação econômica era basicamente o resultado das hesitantes políticas dos sociais-democratas e liberais, que tinham sido lentos em adotar reformas no sistema de pensões e na redução de despesas públicas. Quanto mais a crise se prolongava mais claro se via que a grande queda econômica vinte anos depois da independência era responsabilidade de todos os partidos políticos. Em vez de promover mudanças estruturais (privatização controlada de alguns setores econômicos, reforma do sistema de pensões, reforma do mercado de trabalho, etc.) e uma séria estratégia de desenvolvimento, eles montaram perante os eleitores uma nova luta cultural que girava basicamente em torno de uma reinterpretação da história da Segunda Guerra Mundial e do socialismo. Por esta razão, o 20º aniversário da independência foi, na realidade, dedicado mais à memória da secessão da Iugoslávia do que a celebrar a introdução da democracia parlamentar. E o que é mais, o papel dos movimentos alternativos para a democracia, o Estado de direito e a economia de mercado, que foi tão marcante nos críticos anos 80, foi quase completamente ignorado.

O nacionalismo pós-comunista e o neoliberalismo arcaico esmagaram os esforços para preservar o estado de bem-estar. E quando, ao final de 2012, manifestantes novamente voltaram às ruas, inclusive muitos que 25 anos antes expressaram seu apoio ao aprisionado Janez Jansa, este, agora como primeiro-ministro, chamou-os de fascistas ao discursar em um vídeo filmado em Bruxelas. Um homem antes considerado um dos principais arquitetos da democratização e da independência, surgiu de repente como o "Big Brother", cujo principal objetivo era se agarrar ao poder político.

Assim, a única diferença entre o fim dos anos 1980 e o início dos 2010 foi que, em 2012, o povo se manifestou contra suas próprias elites. Alguns manifestantes, porém, também chamaram atenção para a corrupção na Igreja Católica Eslovena. Tal corrupção era, entre outras, consequência do catolicismo político da Igreja, cujo primeiro objetivo pós-independência foi "manter a rédea sobre toda a vida social, da escola, educação e cultura até à política e a economia", e também pela "intervenção direta de líderes da Igreja em questões políticas"[747].

Duas décadas após a criação do Estado independente e a formação de suas próprias elites políticas, a política se infiltrou por todos os poros da vida social eslovena. Isto chegou a levar a preconceitos políticos e polarização entre os veteranos da guerra pela independência da Eslovênia, agrupados por outro lado em três organizações rivais de veteranos. Depois de um conflito que eclodiu entre militares e a polícia logo após a independência, a Eslovênia agora também tinha uma "Associação para os Valores da Independência Eslovena" na véspera de seu 20º aniversário. O motivo das referidas divisões fica óbvio a partir do próprio nome, que coloca a orientação política ou ideológica acima das

747 Peter Kovacic Persin, "Cerkev in druzba. Kam je (s)krenil slovenski katolicizem?". *Sobotna priloga – Delo*, 16 de fevereiro de 2013, p. 10.

pessoas ou dos veteranos. Para demonstrar que isto era mais do que uma coincidência, foi o festival de canções patrióticas que a associação acima citada organizou pela primeira vez em 2012 e que Janez Slapar, o primeiro chefe de Estado maior das forças armadas eslovenos, descreveu como o caminho errado para o patriotismo[748].

E, por fim, a cultura também se tornou atada com implicações políticas como um reflexo autodemonstrado dos desdobramentos sociais, por um lado, e como um dos palcos da já antes mencionada luta cultural, pelo outro. Isto deu origem a comentários mais ou menos diretos e mordazes sobre vários políticos bem como a bem orquestradas ações deontro do quadro do chamado "levante de todos os eslovenos" contra a corrupção na política e contra o desmantelamento do estado de bem-estar social.

Dentre os projetos individuais o que mais chamou atenção foi o trabalho de três artistas eslovenos que legalmente mudaram seus nomes para Janez Jansa e filmaram um documentário sobre isto, intitulado *Meu nome é Janez Jansa*. E o que é mais, com seu último projeto, o trio de Janez Jansa se inspirou na tradição do pós-Segunda Guerra Mundial de arte socialmente engajada, tradição iniciada pelo coletivo artístico OHO nos anos 1980 e continuada pelo movimento *Neue Slowenische Kunst* (NSK). Tal como os então comissários da cultura socialista atacaram os trabalhos da NSK, o ministro da Cultura do segundo governo de Jansa também caiu na provocação de Janez Jansa, Janez Jansa e Janez Jansa, ao descrever a sátira política *Meu nome é Janez Jansa* como um projeto "que incita o ridículo político e o ódio e desacredita um indivíduo"[749].

748 "O melhor caminho para o patriotismo é o de um estado amistoso, apresentação objetiva da independência, e não o canto de canções patrióticas". Entrevista de Janez Slapar, *Objektiv – Dnevik*, 16 de fevereiro de 2013, p. 9.

749 Janez Jansa, Janez Jansa, Janez Jansa, "Politcna samovolja ne sme vplivati na izvajanje kulturnih programov" em *Delo*, 16 de fevereiro de 2013, p. 19.

A reação do ministro pode ser em parte compreendida como uma tirada de um representante frustrado do governo que recebeu o mais baixo nível de apoio público na curta história da Eslovênia independente. A razão disto pode sem dúvida ser encontrada nas "duras políticas neoliberais de austeridade"[750] que continuaram a drenar setores econômicos inteiros, ao invés de desenvolver programas econômicos com maior valor agregado. Em vez de empreender uma estratégia séria de desenvolvimento, dizem os economistas "(todos) os governos em geral dão prioridade a pôr seus companheiros em boas posições e executar seus próprios projetos econômicos obscuros, com total desatenção para o comércio"[751]. Esta também foi a marca registrada do último governo de Jansa e de uma grande maioria das elites políticas no começo da terceira década da Eslovênia independente. Para alguns era um sinal para buscar melhores oportunidades no exterior[752] e para outros o anúncio da terceira primavera eslovena...

750 No início de 2013, um dos mais famosos economistas eslovenos, há muitos anos diretor do Instituto para Pesquisa Econômica, Lojze Socan, concluiu, com base em uma comparação de programas de combate à crise em 27 países-membros da UE e nove membros da OCDE "que o governo [esloveno – acréscimo do autor] aplica a mais severa política neoliberal de austeridade". Na sua opinião, era "a versão mais primitiva das medidas de austeridade". Miha Jenko, "Bojim se, da je izgubljeno celo vec kot desetletje", entrevistas com Lojze Socan, *Sobotna priloga – Delo*, 16 de fevereiro de 2013, p. 4-7.

751 Ibid.

752 De acordo com dados de agências de recrutamento estrangeiras, cerca de três vezes mais pessoas, na maioria jovens com boa instrução, deixaram a Eslovênia em 2012 do que na década anterior.

EPÍLOGO

O propósito deste livro, como declarado em sua introdução, foi de apresentar uma história concisa, estruturada e compreensível dos eslovenos. Em acréscimo aos textos habituais e bastante raros deste gênero, nós também levamos, na devida consideração, a história do território entre os Alpes orientais e a planície Panônica. Começando com o período que se iniciou muito antes das primeiras povoações eslavas, demos atenção especial à época imediatamente anterior e àquela durante o Império Romano. Ao fazê-lo, quisemos acentuar que nossos ancestrais não se fixaram em um território vazio, mas sim coexistiram com outros povos e culturas desde sua chegada aos Alpes orientais. Durante os passados 1.300 anos, isto lhes permitiu construir uma comunidade formada de inúmeras influências. Contudo, os eslavos que avançaram mais para o ocidente exerceram desde o início um impacto dinâmico na população original e em seus novos vizinhos. Por isto e por muitas outras razões que têm raízes em um período tão extenso de existência em um cadinho de línguas, culturas e paisagens, eles foram bem conhecidos por suas camaleônicas habilidades desde o início dos processos de construção das nações centro-europeias. Desde o fim do século XIX, senão antes, os estrangeiros os descreveram como povos que tinham muito em comum com seus vizinhos alemães, românicos e eslavos do sul.

As mesmas razões também devem ter, muito provavelmente, contribuído para a percepção de sua terra como uma "terra de transição", que durou por mais de um século. Este tipo de afirmação se tornou ainda mais clara no fim dos anos 1980 e, no entanto, diferente após a independência. Além disso, a julgar pela concepção que dela fazem seus visitantes, a Eslovênia pós-1992 tem crescentemente se tornado um terreno intermediário entre dois mundos diferentes ou um ponto onde esses dois, senão três, mundos, se convergem. Além de constituir um laço entre a Europa Oriental e a Ocidental, a Eslovênia tem sido também crescentemente percebida como um ponto de encontro entre a Europa Central e os Balcãs.

De acordo com esta percepção, ela começou a ser vista como um país que combinava o "cenário pitoresco da Suíça e da Áustria com o clima mediterrâneo da Itália". O olhar fascinado, típico dos europeus ocidentais quando veem suas "vizinhanças periféricas", começou a imaginá-la como uma terra agradável na beira dos Alpes Julianos, "uma joia no meio da natureza inexplorada", como a "Europa em miniatura, uma agradável surpresa", "pequena, pitoresca e flexível".

Além disso, a Eslovênia, que não é um país tão pequeno assim em comparação com sua relativamente pequena população, tem recebido uma série de atributos na última década que todos se relacionam com a pequenez de um modo ou de outro. Apesar de que a Carantânia, a primeira entidade paraestatal dos "eslovenos", ocupava um território três vezes o tamanho da atual República da Eslovênia, e ainda que os condes de Celje tenham desempenhado um papel crucial na Europa Central e nos Balcãs, a Eslovênia agora continua a ser uma pequena e interessante mistura de estilos e culturas ocidentais, orientais e meridionais.

Portanto, este "país tipicamente centro-europeu, balcânico e (talvez nem tanto) Estado ex-comunista" que, como já mencionado,

foi o primeiro novo Estado-membro da União Europeia da grande expansão de 2004 a adotar a moeda comum europeia e a assumir a presidência da União – o Estado que se orgulha de seus cavalos Lipizzaner, de valorosos atletas, artistas criativos e alguns dos melhores filósofos da (pós-) moderna Europa – parece, pelo menos por enquanto, preso à imagem descrita na introdução deste livro – um pequeno estado de transição cujos visitantes retratam como a Europa que se "considerava desaparecida"... Cada vez mais vem sendo descrita como um "lugar tão pastoral que parece que todo um século passou despercebido". Nas descrições de exploradores culinários ocidentais, "este pequenino país tem a reputação de ser a irmã tranquila" da Itália, da Áustria e da Croácia. E, finalmente, por causa do seu aeroporto do "tamanho de uma caixa de fósforos", "sua história como um confuso e revirado tabuleiro de jogo [...] e ainda zonzo de sua [...] recente soberania e identidade independente, com os povos estrangeiros ainda tentando imaginar o que significa ser esloveno"[753], continua a ser tão enigmático como sempre.

Bastante inovadora de início, mas agora se esmaecendo aos poucos, a imagem do país do lado ensolarado dos Alpes parece estar descendo ao nível da primeirissima descrição do *National Geographic* que mostrava seus habitantes em "forte contraste com os croatas e eslavônios", que, "constantemente se casando com alemães, húngaros e italianos [...] pareciam até muito recentemente muito pouco afetados pelas preocupações raciais".

Noventa anos depois, a perspectiva ocidental não mudou. De acordo com as últimas descrições de visitantes ocidentais, os eslovenos continuam os mesmos como eram em 1918: "industriosos, maleáveis e [...] pouco inclinados a resistir ou se

753 As citações nestes parágrafos foram tiradas de Alexander Lobrano & Andrea Fazzaria "A Land in Between", *Gourmet*, fevereiro de 2006, p. 112-119.

queixar", e, portanto algumas vezes recebendo tratamento "não concedido a outros súditos eslavos"[754].

Os eslovenos se identificam com prazer principalmente com o último retrato. Além disso, nas últimas três décadas, eles têm mais ou menos sistematicamente criado uma imagem de pessoas empreendedoras, inventivas, boas e econômicas, não muito diferentes do que seus vizinhos do norte. Desde a independência, eles têm também adotado o papel, a eles atribuído no início dos anos 1990, dos melhores estudantes, bastante sábios para tomar partido dos momentos cruciais da história e bastante pacientes para aguardar sua longamente esperada independência.

Afinal, no começo do século XXI, a história ainda ocupa uma posição central na vida dos eslovenos. Por um lado, se acham ainda profundamente enredados no seu passado, apesar das tentativas que duram mais de vinte anos de esclarecer o período traumático entre 1941 e 1946, enquanto, por outro, têm experimentado um dos mais intensos e cruciais períodos de sua existência, deixando uma marca única em sua vida cultural e política. Decepcionados com o progresso do país, que tem se mostrado inferior ao esperado, principalmente depois da introdução da nova moeda em 2007, cada vez mais as pessoas começam a crer que provavelmente produziram mais história do que podem digerir.

E finalmente, como argumentado por James Gow e Cathie Carmichael, os eslovenos devem agora, pela primeira vez em toda sua história, enfrentar as consequências da independência e os desafios de longo prazo que a acompanham. Enquanto no passado a preservação da cultura e uma explicação de suas frustrações podiam ser sempre encontradas mediante referência a outros impérios ou estados coletivos, agora eles devem olhar

754 Todas as últimas quatro citações foram tiradas de *The National Geographic Magazine* 34, nº 6, dezembro de 1918, p. 489.

para dentro de si para encontrar as respostas e, ao fazê-lo, achar formas adequadas de se harmonizar com o mundo exterior[755]. Dentro do ambiente nacional, porém, eles têm de se defrontar com um problema estrutural importante, cuja solução será determinante para o desenvolvimento futuro. Este é um processo de fragmentação, divisão e polarização, muito característico de muitas sociedades pós-modernas, porém algo mais acentuada na Eslovênia do que em qualquer outro lugar. A polarização entre empresas e sistemas mais ou menos bem-sucedidos, de capital intensivo, participativos e dirigidos autoritariamente continua a ser alta na Eslovênia. Em estreita correlação com esta questão funciona, entre outros, o regime de emprego, que reparte o mercado de trabalho em gerações mais velhas e intermediárias de empregados relativamente estáveis e os jovens, crescentemente confrontados com as consequências do mercado de trabalho flexível. Apesar da tradicionalmente alta porcentagem de mulheres no trabalho, ainda é possível detectar considerável discriminação em profissões masculinas e femininas e setores de emprego. Ainda sob outra perspectiva, as diferenças estão também aumentando entre o centro e a periferia, que não apenas determinam o comportamento dos eslovenos em cada ano eleitoral, mas também influenciam o fortalecimento das políticas identitárias, que vão de novos movimentos sociais e crescentes nacionalismos étnicos. A este respeito, uma vez que o período heroico da emancipação tenha terminado, os eslovenos vão enfrentar um período não menos turbulento para desafiar as noções "essencialistas" de identidade e criar uma sociedade totalmente aberta.

755 James Gow & Cathie Carmichael, *Slovenia and the Slovenes. A Small State and the New Europe*. Londres: Hurst & Company, 2001, p. 211.

BIBLIOGRAFIA

Da Pré-História ao fim da antiguidade

Bozic, Dragan. "Die Erforschung der Latènezeit in Slowenien seit dem Jahr 1964 (Raziskovanje latenske dobe na Slovenskem po letu 1964)". *Arheoloski vestnik*, nº 50, 1999, p. 189-213.

Bozic, Dragan, Janez Dular, et al. *Zakladi tisocletij. Zgodovina Slovenije od neandertalcev do Slovanov*. Liubliana: Modrijan, 1999.

Bratoz, Rajko. *Il cristianesimo aquileiese prima di Constantino fra Aquileia e Poetovio*. Udine & Gorizia: Istituto Pio Paschini; Istituto di Storia Sociale e Religiosa, 1999.

Bratoz, Rajko. *Severinus von Noricum und seine Zeit. Geschichtliche Anmerkungen*. Viena: Österreichishe Akademie der Wissenschaften, 1983.

Bratoz, Rajko. (ed.) *Slowenien und die Nachbarländer zwischen Antike und karolingischer Epoche. Anfänge der slowenischen Ethnogenese*. 2 vols. Liubliana: Narodni muzej Slovenije & SAZU, 2000.

Ciglenecki, Slavko. *Höhenbefestigungen aus der Zeit vom 3. bis 6. Jh. im Ostalpenraum*. Liubliana: SAZU, 1987.

Ciglenecki, Slavko. "Romani e Longobardi in Slovenia nel VI secolo". In: *Paolo Diacono e il Friuli altomedievale* (*secc. VI–X*), v. 1, p. 179-199. Spoleto: Centro italiano di studi sull'alto medioevo, 2001.

Cuscito, Giuseppe (ed.). *Aquileia dalle origini alla costituzione del ducato longobardo. Storia – amministrazione – società*. Trieste: Editreg, 2003.

Dular, Janez. "Ältere, mittlere und jüngere Bronzezeit in Slowenien – Forschungsstand und Probleme (Starejsa, srednja in mlajsa bronasta doba v Sloveniji – stanje raziskav in problemi)". *Arheoloski vestnik*, nº 50, 1999, p. 81-96.

Dular, Janez & Sneza Tecco Hvala. *South-Eastern Slovenia in the Early Iron Age. Settlement – Economy – Society / Jugovzhodna Slovenija v starejsi zelezni dobi. Poselitev – gospodarstvo – druzba*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2007.

Gabrovec, Stane. *Sticna I. Naselbinska izkopavanja / Siedlungsausgrabungen*. Liubliana: Narodni muzej, 1994.

Gabrovec, Stane. *Sticna II/1. Grabhügel aus der älteren Eisenzeit – Katalog*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2006.

Gassner, Verena, Sonja Jilek & Sabine Ladstätter. *Am Rande des Reiches. Die Römer in Österreich*, v. 2 of *Österreichische Geschichte 15 v. Chr. – 378 n. Chr*., ed. Herwig Wolfram. Viena: Ueberreuter, 2002.

Gustin, Mitja (ed.) *Zgodnji Slovani. Zgodnjesrednjeveska loncenina na obrobju vzhodnih Alp / Die frühen Slawen. Frühmittelalterliche Keramik am Rand der Ostalpen*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2002.

Horvat, Jana. *Nauportus* (*Vrhnika*). Liubliana: SAZU, 1990.

Horvat, Jana. *Sermin. Prazgodovinska in zgodnjerimska naselbina v severozahodni Istri / A Prehistoric and Early Roman Settlement in Northwestern Istria*. Liubliana: ZRC SAZU, Institut za arheologijo, 1997.

Horvat, Jana, et al. "Poetovio. Development and Topography." In: *The Autonomous Towns of Noricum and Pannonia / Die autonomen Städte in Noricum und Pannonien – Pannonia II*, ed. Marjeta Sasel Kos & Peter Scherrer, p. 153-189. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2004.

Kos, Peter. *The Monetary Circulation in the Southeastern Alpine Region ca. 300 B.C. – A.D. 1000*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1986.

Lazar, Irena. "Celeia". In: *The Autonomous Towns of Noricum and Pannonia / Die autonomen Städte in Noricum und Pannonien – Noricum*, ed. Marjeta Sasel Kos & Peter Scherrer, p. 71-101. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2002.

Lotter, Friedrich, Rajko Bratoz & Helmut Castritius. *Völkerverschiebungen im Ostalpen-Mitteldonau-Raum zwischen Antike und Mittelalter* (*375–600*). Berlim & Nova York: De Gruyter, 2003.

Lovenjak, Milan. *Inscriptiones Latinae Sloveniae 1. Neviodunum*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1998.

Parzinger, Hermann. *Studien zur Chronologie und Kulturgeschichte der Jungstein-, Kupfer- und Frühbronzezeit zwischen Karpaten und Mittleren Taurus*. Mainz am Rhein: von Zabern, 1993.

Petru, Peter & Jaroslav Sasel (ed). *Claustra Alpium Iuliarum 1. Fontes*. Liubliana: Narodni muzej, 1971.

Pleterski, Andrej. *Zupa Bled. Nastanek, razvoj in prezitki* (*Die Zupa Bled. Entstehung, Entwicklung und Relikte*). Liubliana: SAZU, 1986.

Sasel Kos, Marjeta. *Appian and Illyricum*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2005.

Sasel Kos, Marjeta. "The End of the Norican Kingdom and the Formation of the Provinces of Noricum and Pannonia". In: *Akten des IV. intern. Kolloquiums ber Probleme des provinzialrömischen Kunstschaffens / Akti IV. mednarodnega kolokvija o problemih rimske provincialne umetnosti. Celje 8-12. Mai / maj 1995*, ed. Bojan Djuric & Irena Lazar, p. 21-36. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1997.

Sasel Kos, Marjeta. *A Historical Outline of the Region between Aquileia, the Adriatic, and Sirmium in Cassius Dio and Herodian*. Liubliana: SAZU, 1986.

Sasel Kos, Marjeta. *Pre-Roman Divinities of the Eastern Alps and Adriatic*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1999.

Sasel, Jaroslav. *Opera selecta*. Liubliana: Narodni muzej, 1992.

Terzan, Biba (ed.). *Hoards and Individual Metal Finds from the Eneolithic and Bronze Ages in Slovenia*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1995/1996.

Terzan, Biba, Fulvia Lo Schiavo & Neva Trampuz-Orel. *Most na Soci* (*S. Lucia*) *II. Szombathyjeva izkopavanja / Die Ausgrabungen von J. Szombathy*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 1984/1985.

Turk, Ivan (ed.). *Divje Babe I. Upper Pleistocene Palaeolithic site in Slovenia*. Liubliana: ZRC SAZU, institute za arheologijo, 2007.

Turk, Ivan (ed.). *Moustérienska "koscena piscal" in druge najdbe iz Divjih bab I v Sloveniji*. Liubliana: ZRC SAZU, 1997.

Turk, Ivan. *Images of Life and Myth*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2005.

Veluscek, Anton. "Neolithic and Eneolithic Investigations in Slovenia (Neolitske in eneolitske raziskave v Sloveniji)". *Arheoloski vestnik*, nº 50, 1999, p. 59-79.

Veluscek, Anton (ed.). *Hocevarica. An Eneolithic Pile Dwelling in the Ljubljansko Barje*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2004.

Vicic, Boris. "Colonia Iulia Emona: 30 Jahre später". In: *The Autonomous Towns of Noricum and Pannonia. Pannonia* I, ed. M. Sasel Kos, P. Scherrer et al., p. 21-45. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, 2003.

A Alta Idade Média

Benedik, Metod, et al. *Zgodovina Cerkve na Slovenskem*. Celje: Mohorjeva druzba, 1991.

Benussi, Bernardo. *L'Ístria nei suoi due millenni di storia*. Trieste, 1924.

Bernik, France (ed.). *Brizinski spomeniki. Znanstvenokriticna izdaja*. Liubliana: SAZU, 1993.

Bodin, Jean. *Les six livres de la Republique*. 1576. Reprint, Paris: Fayard, 1986.

Bratoz, Rajko. "La cristianizzazione degli Slavi negli atti del convegno 'ad ripas Danubii' e del concilio di Cividale". In: *XII centenario del concilio di Cividale* (*796-1996*), p. 145-190. Convegno storico-teologico – Atti. Udine, 1998.

Bratoz, Rajko (ed.). *Slovenija in sosednje dezele med antiko in karolinsko dobo. Zacetki slovenske etnogeneze / Slowenien und die Nachbarländer zwischen Antike und karolingischer Epoche. Anfänge der slowenischen Ethnogenese*, v. 1-2. Liubliana: SAZU, Narodni muzej Slovenije, 2000.

Bratoz, Rajko. "La chiesa Istriana nel VII e nell'VIII secolo (dalla morte di Gregorio Magno al placito di Risano)". *Acta Istriae*, nº 2, 1994, p. 65-77.

Bratoz, Rajko. "Zacetki oglejskega misijona med Slovani in Avari: sestanek skofov 'ad ripas Danubii' in sinoda v cedadu 796". In: *Vilfanov zbornik*, eds. Vincenc Rajsp & Ernst Bruckmüller, p. 79-111. Liubliana: Zalozba ZRC, 1999.

Bratoz, Rajko. *Vpliv oglejske cerkve na vzhodnoalpski in predalpski prostor od 4. do 8. stoletja*. Liubliana: Zveza zgodovinskih drustev Slovenije, 1990.

"Conversio Bagoariorum et Carantanorum". In: *Conversio Bagoariorum et Carantanorum und der Brief des Erzbischofs Theothmar von Salzburg*, ed. Fritz Losek. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1997.

Dolinar, France Martin (ed.). *Sveta brata Ciril in Metod v zgodovinskih virih. Ob 1100 letnici Metodove smrti*. Liubliana: Teoloska fakulteta, Institut za zgodovino Cerkve, 1985.

Dopsch, Heinz. "Arnolf und der Südosten – Karantanien, Mähren, Ungarn". In: *Kaiser Arnulf. Das ostfränkische Reicham Ende des 9. Jahrhunderts*, eds. Franc Fuchs & Peter Schmid, p. 143-185. Munique: C. H. Beck, 2002.

Dvornik, Francis. *The Slavs. Their Early History and Civilization*. Boston: American Academy of Arts and Sciences, 1956.

Ferluga, Jadran. "L'Istria tra Giustiniano e Carolo Magno". *Arheoloski vestnik*, nº 43, 1992, p. 175-190.

Frankl, Karl Heinz & Peter G. Tropper (eds.). *Heilige Nonosus von Molzbichl*. Klagenfurt: Verlag des Kärntner Landesarchivs, 2001.

Fräss-Ehrfeld, Claudia. *Geschichte Kärntens 1. Das Mittelalter*. Klagenfurt: J. Heyn, 1984.

Giesler, Jochen. *Der Ostalpenraum vom 8. bis 11. Jahrhundert. Studien zur archäologischen und Schriftlichen Zeugnissen*. v. 2. Rahden/Westf.: Verlag Marie Liedorf, 1997.

Grafenauer, Bogo. "Razmerje med Slovani in Obri do obleganja Carigrada (626) in njegove gospodarsko-druzbene podlage". *Zgodovinski casopis*, nº 9, 1955, p. 145-153.

Grafenauer, Bogo. "Vprasanje konca Kocljeve vlade v Spodnji Panoniji". *Zgodovinski casopis*, nº 6-7, 1952/1953, p. 171-190.

Grafenauer, Bogo. "Oblikovanje severne slovenske narodnostne meje". In: *Zbirka Zgodovinskega casopisa 10*. Liubliana: Zveza zgodovinskih drustev Slovenije, 1994.

Grafenauer, Bogo. *Od naselitve do uveljavljenja frankovskega reda*, v. 1 of *Zgodovina slovenskega naroda*. 3ª ed. Liubliana: DZS, 1978.

Grafenauer, Bogo. *Ustolicevanje koroskih vojvod in drzava karantanskih Slovencev*. Liubliana: Institut za zgodovino SAZU, 1952.

Grivec, Franz. *Konstantin und Method. Lehrer der Slawen*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1960.

Kahl, Hans-Dietrich. "Der Staat der Karantanen. Fakten, Thesen und Fragen zu einer frühen slawischen Machtbildung in Ostalpenraum (7.–9. Jh.) / Drzava Karantancev. Dejstva, teze in vprasanja o zgodnji slovanski drzavni tvorbi v vzhodnoalpskem prostoru (7.-9. stol.)". In: *Slovenija in sosednje dezele med antiko in karolinsko dobo. Zacetki slovenske etnogeneze. Dopolnilni zvezek / Slowenien und die Nachbarländer zwischen Antike und karolingischer Epoche. Anfänge der slowenischen Ethnogenese*. Liubliana: Narodni muzej Slovenije, SAZU, 2002.

Kos, Janko; Franc Jakopin & Joze Faganel (eds.). *Zbornik Brizinski spomeniki*. Liubliana: SAZU, 1996.

Kos, Milko. *Zgodovina Slovencev od naselitve do petnajstega stoletja*. Liubliana: Slovenska matica, 1955.

Krahwinkler, Harald. "'In territorio caprense loco qui dicitur Riziano,' il 'Placito' di Risano nell'anno 804". *Quaderni Giuliani di Storia*, nº 27, 2006, p. 255-330.

Krahwinkler, Harald. "Ausgewählte Slawen-Ethnonyme und ihre historische Deutung". In: *Slovenija in sosednje dezele med antiko in karolinsko dobo. Zacetki slovenske etnogeneze / Slowenien und die Nachbarländer zwischen Antike und karolingischer Epoche. Anfänge der slowenischen Ethnogense I*, ed. Rajko Bratoz, p. 413-418. Liubliana: Narodni muzej & SAZU, 2000.

Krahwinkler, Harald. *...In loco qui dicitur Riziano... Zbor v Rizani pri Kopru 804. Die Versammlung in Rizana/Risano bei Koper/CapodÍstria im Jahre 804*. Koper: Univerza na Primorskem, Znanstveno-raziskovalno sredisce, Zgodovinsko drustvo za juzno Primorsko, 2004.

Krahwinkler, Harald. *Friaul im Frühmittelalter. Geschichte einer Region vom Ende des fünften bis zum Ende des zehnten Jahrhunderts*. Viena, Colônia & Weimar: Böhlau, 1992.

Lotter, Friedrich, Rajko Bratoz & Helmut Castritius. *Völkerverschiebungen im Ostalpen.Mitteldonauraum zwischen Antike und Mittelalter* (*375–600*), p. 149-155. Berlim & Nova York: Walter de Gruyter, 2003.

Ludwig, Uwe. *Transalpine Beziehungen der Karolingerzeit im Spiegel der Memorialüberlieferung. Prosopographische und sozialgeschichtliche Studien unter besonderer Berücksichtigung des Liber vitae von San Salvatore in Brescia und des Evangeliars von Cividale*, p. 175-236. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1999.

Mitterauer, Michael. "Slawischer und bayrischer Adel am Ausgang der Karolingerzeit". *Carinthia I*, nº 150, 1960, p. 693-726.

Pertz, Georg Heinrich et al. (ed.). *Monumenta Germaniae Historica* (*MGH*).

Pohl, Walter. *Die Awaren. Ein Steppenvolk in Mitteleuropa 567-822*. Munique: Beck, 1988.

Sasel, Jaroslav. "Der Ostalpenbereich zwischen 550 und 650 n. Chr". In: *Opera selecta*, ed. Jaroslav Sasel, p. 821-830. Liubliana: Narodni muzej, 1992.

Skrubej, Katja. *"Ritus gentis" Slovanov v vzhodnih Alpah. Model rekonstrukcije pravnih razmerij na podlagi najstarejsega jezikovnega gradiva*. Liubliana: Zalozba ZRC, Pravna fakulteta, 2002.

Smitek, Zmago. *Mitolosko izrocilo Slovencev*. Liubliana: Studentska zalozba, 2004.

Stih, Peter & Vasko Simoniti. *Slovenska zgodovina do razsvetljenstva*. Graz, Liubliana: Mohorjeva druzba, Korotan Liubliana d.o.o., 1995.

Stih, Peter. "Carniola, patria Sclavorum". *Österreichische Osthefte*, nº 37, 1995, p. 845-861.

Stih, Peter. "Istra na zacetku frankovske oblasti in v kontekstu razmer na sirsem prostoru med severnim Jadranom in srednjo Donavo". *Acta Histriae*, nº 13/1, 2005, p. 1-20.

Stih, Peter. "Karantanci – zgodnjesrednjevesko ljudstvo med Vzhodom in Zahodom". *Zgodovinski casopis*, nº 61, 2007, p. 47-58.

Stih, Peter. "Kranjska (Carníola) v zgodnjem srednjem veku". In: *Zbornik Brizinski spomeniki*, edited by Janko Kos et al, p. 13-26. Liubliana & Trieste: Mladika, 1996.

Stih, Peter. "Madzari in slovenska zgodovina v zadnji cetrtini 9. in prvi polovici 10. stoletja". *Zgodovinski casopis*, nº 37, 1983, p. 171-201.

Stih, Peter. "Plemenske in drzavne tvorbe zgodnjega srednjega veka na slovanskem naselitvenem prostoru v vzhodnih Alpah (Die frühmittelalterlichen Stammes- und Staatsbildungen im slawischen Siedlungsraum in den Ostalpen)". In: *Slovenci in drzava*, p. 21-45. Liubliana: SAZU, 1995.

Stih, Peter. "Priwina: slawischer Fürst oder fränkischer Graf?". In: *Ethnogenese und Überlieferung*, p. 213-215. Viena & Munique: Oldenbourg, 1994.

Toporisic, Joze (ed.). *Obdobje srednjega veka v slovenskem jeziku, knjizevnosti in kulturi*. Liubliana: Filozofska fakulteta, 1989.

Van Heck, Adrianus (ed.). *Enee Silvii Piccolominei postea Pii PP. II De Europa*. Cidade do Vaticano: Biblioteca apostolica vaticana, 2001.

Vilfan, Sergij. "Kosescina v Logu in vprasanje kosezov v vzhodni okolici Ljubljane". In: *Hauptmannov zbornik*, p. 179-216. Liubliana: SAZU, 1966.

Vilfan, Sergij. *Pravna zgodovina Slovencev od naselitve do zloma stare Jugoslavije*. Liubliana: Slovenska matica, 1961.

Vilfan, Sergij. *Rechtsgeschichte der Slowenen bis zum Jahre 1941*. Graz: Leykam, 1968.

Waldmüller, Lothar. *Die ersten Begegnungen der Slawen mit dem Christentum und den christlichen Völker vom VI. bis VIII. Jahrhundert*.

Die Slawen zwischen Byzanz und Abendland. Amsterdã: Adolf M. Hakkert, 1976.

Wolfram, Herwig. *Conversio Bagoariorum et Carantanorum. Das Weißbuch der Salzburger Kirche über die erfolgreiche Mission in Karantanien und Pannonien*. Graz: Hermann Böhlau, 1979.

Wolfram, Herwig. *Grenzen und Räume. Geschichte Österreichs vor seiner Entstehung. Österreichische Geschichte 378–907*. Viena: Ueberreuter, 1995.

Wolfram, Herwig. *Salzburg, Bayern, Österreich. Die Conversio Bagoariorum et Carantanorum und die Quellen ihrer Zeit*. Viena & Munique: Oldenbourg, 1995.

Feudalismo

Bas, Franjo. "Celjski grofi in njihova doba". In: Franjo Bas, *Prispevki k zgodovini severovzhodne Slovenije. Izbrani zgodovinski spisi*, p. 329. Maribor: Zalozba Obzorja, 1989.

Benedik, Metod, et al. *Zgodovina Cerkve na Slovenskem*. Celje: Mohorjeva druzba, 1991.

Blaznik, Pavle. *Skofja Loka in Losko gospostvo* (*973–1803*). Skofja Loka: Muzejsko drustvo, 1973.

Blaznik, Pavle, et al. (ed.) *Agrarno gospodarstvo*, v. 1 of *Gospodarska in druzbena zgodovina Slovencev. Zgodovina agrarnih panog*. Liubliana: DZS, 1970.

Blaznik, Pavle, et al. (ed.) *Druzbena razmerja in gibanja*, v. 2 of *Gospodarska in druzbena zgodovina Slovencev. Zgodovina agrarnih panog*. Liubliana: DZS, 1980.

Darovec, Darko. *A Brief History of Istra*. Yanchep: ALA Publications, 1998.

Dolinar, France Martin. *Slovenska cerkvena pokrajina*. Liubliana: Teoloska fakulteta, Institut za zgodovino Cerkve, 1989.

Dopsch, Heinz. "Die Stifterfamilie des Klosters Gurk und ihre Verwandtschaft". *Carinthia I*, nº 161, 1971, p. 95-123.

Galántai, Elisabeth & Julius Kristó (eds.), *Johannes de Thurocz Chronica Hungarorum. I Textus*. Budapeste: Akadémiai Kiadó, 1985.

Gestrin, Ferdo. *Slovenske dezele in zgodnji kapitalizem*. Liubliana: Slovenska matica, 1991.

Gestrin, Ferdo. *Trgovina slovenskega zaledja s primorskimi mesti od konca 13. do konca 16. stoletja*. Liubliana: SAZU, 1965.

Grafenauer, Bogo. *Doba zrele fevdalne druzbe od uveljavljanja frankovskega fevdalnega reda do zacetka kmeckih uporov*, v. 2 of *Zgodovina slovenskega naroda*. 2ª ed. Liubliana: DZS, 1965.

Grdina, Igor & Peter Stih (eds.). *Spomini Helene Kottanner*. Liubliana: Nova revija, 1999.

Grmek, Mirko Drazen. *Santorio Santorio i njegovi aparati i instrumenti*. Zagreb: Institut za medicinska istrazivanja Jugoslavenske akademije, 1952.

Gruden, Josip. *Cerkvene razmere med Slovenci v XV. stoletju in ustanovitev ljubljanske skofije*. Liubliana: Leonova druzba, 1908.

Janko, Anton & Nikolaus Henkel. *Nemski viteski liriki s slovenskih tal. Zovneski*, *Gornjegrajski*, *Ostrovrski / Deutscher Minnesang in Slowenien. Der von Suonegge*, *Der von Obernburg*, *Der von Scharpfenberg*. Liubliana: Znanstveni institut Filozofske fakultete, 1997.

Hauptmann, Ljudmil. "Entstehung und Entwicklung Krains". In: *Erläuterungen zum historischen Atlas der österreichischen Alpenländer 1*, nº 4, 1929, p. 309-484.

Hauptmann, Ljudmil. "Grofovi Visnjegorski". *Rad JAZU 250*, *Razreda historicko-filologickoga i filozoficko-juridickoga*, nº 112, 1935, p. 215-239.

Hauptmann, Ljudmil. "Mariborske studije". *Rad JAZU 260, Razreda historicko-filologickoga i filozoficko-juridickoga*, nº 117, 1938, p. 57-118.

Hausmann, Friedrich. "Die steirischen Otakare, Kärnten und Friaul. Besitz, Dienstmannschaft, Ämter". In: *Das Werden der Steiermark*, edited by Gerhard Pferschy, p. 225-275. Graz, Viena & Colônia: Veröffentlichungen des Steiermärkischen Landesarchives 10, 1980.

Hoensch, Jörg K. *Kaiser Sigismund. Herrscher an der Scwhelle zur Neuzeit 1368–1437*. Munique: Beck, 1996.

Komac, Andrej. *Od mejne grofije do dezele. Ulrik III. Spanheim in Kranjska v 13. stoletju*. Liubliana: Zgodovinski institut Milka Kosa, ZRC SAZU, 2006.

Kos, Dusan. "*He Who Does Not Suffer with the Town, Shall Not Reap the Benefits Thereof*". Liubliana: Ministry of Culture of the Republic of Slovenia, Cultural Heritage Office, 1998.

Kos, Dusan. *In Burg und Stadt. Spätmittelalterlicher Adel in Krain und Untersteiermark*. Viena & Munique: R. Oldenbourg, 2006.

Kos, Dusan. *The Tournament Book of Gasper Lamberger / Das Turnierbuch des Caspar von Lamberg*. Liubliana: Viharnik, 1997.

Kos, Milko. *Srednjeveska kulturna, druzbena in politicna zgodovina Slovencev*. Liubliana: Slovenska matica, 1985.

Kos, Milko. *Srednjeveski rokopisi v Sloveniji*. Liubliana: Umetnostno zgodovinsko drustvo, 1931.

Krones, Franz. *Kronika grofov Celjskih*. Translated by Ludovik Modest Golia. Maribor: Zalozba Obzorja, 1972 [1883].

Lechner, Karl. *Die Babenberger. Markgrafen und Herzoge von Österreich 976-1246*. 3ª ed. Viena, Colônia & Graz: Böhlau, 1985.

Mitterauer, Michael. "Burg und Adel in den österreichischen Ländern". In: *Die Burgen im deutschen Sprachraum. Ihre rechts- und*

verfassungsgeschichtliche Bedeutung II, edited by Hans Patze, p. 353--386. Sigmaringen: Jan Thorbecke, 1976.

Mlinaric, Joze. *Kartuziji Zice in Jurkloster*. Maribor: Pokrajinski arhiv, 1991.

Niederstätter, Alois. *Die Herrschaft Österreich, Fürst und Land im Spätmittelalter*. Viena: Ueberreuter, 2001.

Ogris, Alfred. *Die Bürgerschaft in den mittelalterlichen Städten Kärntens bis zum Jahre 1335*. Klagenfurt: Verlag des Kärtner, 1974.

Orozen, Ignacij. *Celska kronika*. Celje: J. Jeretin, 1854.

Orozen, Janko. *Zgodovina Celja in okolice. I. del. Od zacetka do leta 1848*. Celje: Council of Culture and Science of the Celje City Municipality Assembly, 1971.

Persic, Janez. *Zidje in kreditno poslovanje v srednjeveskem Piranu*. Liubliana: Oddelek za zgodovino Filozofske fakultete, 1999.

Pirchegger, Hans. *Geschichte der Steiermark 1282–1740*. v. 2. Graz: Lüschner & Lubensky, 1931, 1936.

Santonino, Paolo. *Popotni dnevnik 1485-1487*. Klagenfurt, Viena & Liubliana: Mohorjeva zalozba, 1991.

Schmidinger, Heinrich. *Patriarch und Landesherr*. Graz & Colônia: Hermann Böhlau Nachf., 1954.

Simoniti, Primoz. *Humanizem na Slovenskem in slovenski humanisti do srede 16. stoletja*. Liubliana: Slovenska matica, 1979.

Simoniti, Vasko. *Turki so v dezeli ze. Turski vpadi na slovensko ozemlje v 15. in 16. stoletju*. Celje: Mohorjeva druzba, 1990.

Spreitzhofer, Karl. *Georgenberger Handfeste*. Graz, Viena & Colônia: Styria, 1986.

Stanonik, Janez. *Ostanki srednjeveskega nemskega slovstva na Kranjskem*. Liubliana: Filozofska fakulteta, 1957.

Stih, Peter. "Dezela Grofija v Marki in Metliki". In: *Vilfanov zbornik. Pravo, zgodovina, narod = Recht, Geschichte, Nation*, edited by Vincenc Rajsp and Ernst Bruskmüller, p. 123-145. Liubliana: Zalozba ZRC, 1999.

Stih, Peter. "Die Grafen von Cilli, die Frage ihrer landesfürstlichen Hoheit und des Landes Cilli". *Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung*, v. 110, 2002, 67-98.

Stih, Peter. *Studien zur Geschichte der Grafen von Görz. Die Ministerialen und Milites der Grafen von Görz in Istrien und Krain*. Viena & Munique: Oldenbourg Verlag, 1996.

Stih, Peter. "Ulrik II. Celjski in Ladislav Posmrtni ali Celjski grofje v ringu velike politike". In: Igor Grdina and Peter Stih, *Spomini Helene Kottanner*, p. 31-40. Liubliana: Nova revija, 1999.

Stih, Peter. "Ursprung und Anfänge der bischöflichen Besitzungen im Gebiet des heutigen Sloweniens". In: *Blaznikov zbornik / Festschrift für Pavle Blaznik; Loski razgledi*, edited by Matjaz Bizjak, p. 37-54. Liubliana & Skofja Loka: Zalozba ZRC, 2005.

Stih, Peter. *"Villa quae Sclavorum lingua vocatur Goriza". Studie über zwei Urkunden Kaiser Ottos III. aus dem Jahre 1001 für den Patriarchen Johannes von Aquileia, und den Grafen Werihen von Friaul* (*DD. O. III. 402 und 412*). Nova Gorica: Goriski muzej, Grad Kromberk, 1999.

Valencic, Vlado (ed.) *Ljubljanska obrt od srednjega veka do zacetka 18. stoletja*. Liubliana: Mestni arhiv, 1972.

Vilfan, Sergij. "Die deutsche Kolonisation nordöstlich der oberen Adria und ihre sozialgeschichten Grundlagen". In: *Die deutsche Ostsiedlung des Mittelalters als Problem der europäischen Geschichte*, edited by Walter Schlesinger, p. 567-604. Sigmaringen: Jan Thorbecke, 1975.

Vilfan, Sergij. "Stadt und Adel – Ein Vergleich zwischen Küsten- und Binnenstädten zwischen der oberen Adria und Pannonien". In: *Die Stadt am Ausgang des Mittelalters*, ed. Wilhelm Rausch, p. 63-74. Linz: J. Wimer, 1974.

Vilfan, Sergij. *Zgodovinska pravotvornost in Slovenci*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1996.

Voje, Ignacij. "Romanje Ulrika II. Celjskega v Kompostelo k Sv. Jakobu". *Zgodovinski casopis*, nº 38, 1984, p. 225-230.

Voje, Ignacij. *Slovenci pod pritiskom turskega nasilja*. Liubliana: Znanstveni institut Filozofske fakultete, 1996.

Von Liechtenstein, Ulrich. *Frauendienst*. Translated by Viktor Spechtler. Klagenfurt: Wieser Verlag, 2000.

Weiss, Norbert. *Das Städtewesen der ehemaligen Untersteiermark im Mittelalter. Vergleichende Analyse von Quellen zur Rechts-, Wirtschafts- und Sozialgeschichte*. Graz: Historische Landkommission für Steiermark, 2002.

Wiesflecker, Hermann. *Jugend, burgundisches Erbe und Römisches Königtum bis zur Alleinherrschaft 1459–1493*, v. 1 of *Kaiser Maximilian I. Das Reich, Österreich und Europa and der Wende zur Neuzeit*. Munique: Oldenbourg, 1971.

Wiesflecker, Hermann. *Maximilian I. Die Fundamente des habsburgischen Weltreiches*. Viena & Munique: Oldenbourg Verlag, 1991.

Zwitter, Fran. "K predzgodovini mest in mescanstva na starokarantanskih tleh". *Zgodovinski casopis*, nº 6-7, 1952/1953, p. 218–245.

Zwitter, Fran. *Starejsa kranjska mesta in mescanstvo*. Liubliana: Leonova druzba, 1929.

Zontar, Josip. "Banke in bankirji v mestih srednjeveske Slovenije". *Glasnik Muzejskega drustva za Slovenijo*, nº 13, 1932, p. 21-35.

Início do Período Moderno

Cvetko, Dragotin. *Slovenska glasba v evropskem prostoru*. Liubliana: Slovenska matica, 1991.

Drnovsek, Marjan. *Nakljanec Gregor Voglar* (*1651-1717*), *zdravnik v Rusiji*. Naklo: Obcina, 2002.

Golia, Ludovik Modest (transl.). "Herbersteinovo zivljenje". In: Ziga Herberstein. *Moskovski zapiski*. Liubliana: DZS, 1951.

Grafenauer, Bogo. *Boj za staro pravdo v 15. in 16. stoletju na Slovenskem. Slovenski kmecki upor 1515 in hrvasko-slovenski kmecki upor 1572/73 s posebnim ozirom na razvoj programa slovenskih puntarjev med 1473 in 1573*. Liubliana: DZS, 1974.

Grafenauer, Bogo. *Doba prve krize fevdalne druzbe na Slovenskem od zacetka kmeckih uporov do viska protestantskega gibanja*, v. 3 of *Zgodovina slovenskega naroda*. Liubliana: Kmecka knjiga, 1956.

Grafenauer, Bogo. *Doba zacasne obnovitve fevdalnega reda pod okriljem absolutne vlade vladarja ter nastajanja velikih premozen od protireformacije do srede XVIII. stoletja*, v. 4 of *Zgodovina slovenskega naroda*. Liubliana: Kmecka knjiga, 1961.

Grafenauer, Bogo. *Zgodovina slovenskega naroda v. 2. Doba zrele fevdalne druzbe od uveljavljanja fevdalnega reda do zacetka kmeckih uporov*. Liubliana: DZS, 1965.

Grafenauer, Bogo. *Kmecki upori na Slovenskem*. Liubliana: DZS, 1962.

Grafenauer, Bogo. *Zacetki slovenskega narodnega prebujenja v obdobju manufakture in zacetkov industrijske proizvodnje ter razkroja fevdalnih organizacijskih oblik med sredo XVIII. in sredo XIX. stoletja*, v. 5 of *Zgodovina Slovenskega naroda*. Liubliana: Kmecka knjiga, 1974.

Grdina, Igor. *Od Brizinskih spomenikov do razsvetljenstva*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1999.

Gspan, Alfonz. *Cvetnik slovenskega umetnega pesnistva do srede XIX. stoletja*. v. 1. Liubliana: Slovenska matica, 1978.

Gspan, Alfonz (ed.). *Anton Tomaz Linhart. Zbrano delo*. Liubliana: DZS, 1950.

Gspan, Alfonz et al. *Zgodovina slovenskega slovstva I*. Liubliana: Slovenska matica, 1956.

Jerman, Frane. *Slovenska modroslovna pamet*. Liubliana: Presernova druzba, 1987.

Koruza, Joze. *Slovstvene studije*. Liubliana: Filozofska fakulteta, 1991.

Kos, Janko. *Primerjalna zgodovina slovenske literature*. Liubliana: Znanstveni institut Filozofske fakultete, Partizanska knjiga, 1987.

Kovacic, Franc. *Slovenska Stajerska in Prekmurje. Zgodovinski opis*. Liubliana: Slovenska matica, 1926.

Kranjc-Vrecko, Fanika, Jonatan Vinkler & Igor Grdina. *Zbrana dela Primoza Trubarja II*. Liubliana: Rokus, 2003.

Magenschab, Hans. *Jozef II. Revolucionar po Bozji milosti*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1984.

Melik, Vasilij. "Slovenci v casu Marije Terezije". In: Victor Lucien Tapié, *Marija Terezija. Od baroka do razsvetljenstva*, p. 363-377. Translated by Vital Klabus. Maribor: Zalozba Obzorja, 1991.

Rajhman, Joze. *Pisma Primoza Trubarja*. Liubliana: Slovenian Academy of Sciences and Arts, 1986.

Reisp, Branko. *Kranjski polihistor Janez Vajkard Valvasor*. Liubliana: Mladinska knjiga, 1983.

Rupel, Mirko. *Primoz Trubar. Zivljenje in delo*. Liubliana: Mladinska knjiga, 1962.

Rupel, Mirko. *Slovenski protestantski pisci*. 2ª ed., Liubliana: DZS, 1966.

Simoniti, Primoz (ed. & transl.). "Spremna beseda". In: *Akademske cebele ljubljanskih operozov*. Liubliana: SAZU, 1988.

Sivec, Joze. *Opera skozi stoletja*. Liubliana: DZS, 1976.

Spektorskij, Evgenij Vasilevic. *Zgodovina socialne filozofije*. v. 1. Liubliana: Slovenska matica, 1932.

Struna, Albert. *Nasi znameniti tehniki*. Liubliana: Zveza inzenirjev in tehnikov Slovenije, 1966.

Tapié, Victor Lucien. *Marija Terezija. Od baroka do razsvetljenstva*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1991.

Trubar, Primoz. *Cerkovna ordninga. Slowenische Kirchenordnung*. Munique: R. Trofenik, 1973.

Trubar, Primoz. *Zbrana dela Primoza Trubarja*. v. 2. Liubliana: Rokus, 2003.

Valvasor, Janez Vajkard. *Slava vojvodine Kranjske*. Liubliana: Mladinska knjiga, 1978.

Vodopivec, Peter. *Od Pohlinove slovnice do samostojne drzave. Slovenska zgodovina od konca 18. stoletja do konca 20. stoletja*. Liubliana: Modrijan, 2006.

Modernização e emancipação nacional

"Slava bogu v visavah in na zemlji mir ljudem dobrega serca". *Kmetijske in rokodelske novice*, March 29, 1848. Quoted from Granda, "Revolucionarno leto 1848", p. 303-312.

Bezensek, Anton. *Svecanost o priliki sedemdesetletnice Dr. Janeza Bleiweisa*. Zagreb: Urednistvo "Jugoslavenskog stenografa", 1879. Quoted from Grdina, *Slovenci med tradicijo in perspektivo*.

Cvirn, Janez. *Slovenska kronika XIX. stoletja*. Liubliana: Nova revija, 2001.

Cvirn, Janez. *Trdnjavski trikotnik. Politicna orientacija Nemcev na Spodnjem Stajerskem* (*1861-1914*). Maribor: Zalozba Obzorja, 1997.

Cvirn, Janez & Andrej Studen. *Zgodovina 3*. Liubliana: DZS, 2007.

Delavec, Mira. "Fani Hausmann". In: *Pozabljena polovica. Portreti zensk 19. in 20. stoletja na Slovenskem*, edited by Alenka Selih et al., p. 31-34. Liubliana: Zalozba Tuma, 2007.

Fischer, Jasna. "Slovensko narodno ozemlje in razvoj prebivalstva". In: *Slovenska novejsa zgodovina*, edited by Zdenko Cepic et al., p. 17-21. Liubliana: Mladinska knjiga – Institut za novejso zgodovino, 2005.

Granda, Stane. "Od razcveta v streznitev". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 121-134.

Granda, Stane. "Predmarcno obdobje". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 113-121.

Granda, Stane. *Prva odlocitev Slovencev za Slovenijo*. Liubliana: Nova revija, 1999.

Granda, Stane. "Revolucionarno leto 1848 in Slovenci". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 303312.

Granda, Stane. "Zenske in revolucija 1848 na Slovenskem". In: *Splosno zensko drustvo 1901-1945*, edited by Natasa Budna Kodric & Aleksandra Serse, p. 6-15. Liubliana: Arhiv Republike Slovenije, 2003.

Grdina, Igor. "Ilirci na pohodu". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 175-176.

Grdina, Igor. *Ipavci. Zgodovina slovenske mescanske dinastije*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2002.

Grdina, Igor. "Mlad umre, kdor je bogovom drag". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 202-203.

Grdina, Igor. *Slovenci med tradicijo in perspektivo. Politicni mozaik 1861-1918*. Liubliana: Studentska zalozba, 2003.

Grdina, Igor. "Zivljenje jeca, cas v nji rabelj hudi". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 186.

Grdina, Igor. "Zivljenje svetnikov – ena prvih uspesnic". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 172.

Jurcic, Josip. *Zbrano delo*. v. 11. Liubliana: DZS, 1984.

Keber, Katarina. *Cas kolere. Epidemije kolere na Kranjskem v 19. stoletja*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2007.

Kodric, Natasa Budna & Aleksandra Serse. "Zensko gibanje na Slovenskem do druge svetovne vojne". In: *Splosno zensko drustvo 1901-1945*, edited by Natasa Budna Kodric & Aleksandra Serse, p. 27-34. Liubliana: Arhiv Republike Slovenije, 2003.

Kresal, France. "Struktura slovenskega od 1851-1914", *Casopis za zgodovino in narodopisje*, nº 2, 2002, p. 101-124.

Mal, Josip. *Zgodovina slovenskega naroda*. Celje: Mohorjeva druzba, 1993.

Melik, Vasilij. "Nacrti za reformo Avstro-Ogrske in Slovenci." In: *Slovenci 1848-1918. Razprave in clanki*, edited by Viktor Vrbnjak, p. 643-646. Maribor: Litera, 2002.

Melik, Vasilij. "Problemi slovenske druzbe 1897-1914". In: *Slovenci 1848-1918. Razprave in clanki*, edited by Viktor Vrbnjak, p. 359-368. Maribor: Litera, 2002.

Melik, Vasilij. "Slovenci v casu Cankarjevega predavanja o jugoslovanstvu". In: *Slovenci 1848-1918. Razprave in clanki*, edited by Viktor Vrbnjak, p. 687-695. Maribor: Litera, 2002.

Melik, Vasilij. "Ustavna doba in Slovenci". In: Cvirn (ed.) *Slovenska kronika XIX. stoletja*, p. 13-15.

Paternu, Boris. "Preseren France". In: *Enciklopedija Slovenije*, v. 9. Liubliana: Mladinska knjiga, 1995.

Preseren, France. *Poezije*. Introduction and explanatory notes by Anton Slodnjak (ed.). Liubliana: Slovenski knjizni zavod, 1952.

Sorn, Joze. *Zacetki industrije na Slovenskem*. Maribor: Zalozba Obzorja, 1984.

Sumrada, Janez. "Poglavitne poteze napoleonske politike v Ilirskih provincah". *Zgodovinski casopis* 61, nº 1-2, 2007, p. 75-84.

Verginella, Marta. "Mesto zensk pod steklenim stropom". In: *Splosno zensko drustvo 1901-1945*, edited by Natasa Budna Kodric & Aleksandra Serse, i-viii. Liubliana: Arhiv Republike Slovenije, 2003.

Vilfan, Sergij. *Pravna zgodovina Slovencev*. Liubliana: Slovenska matica, 1961.

Zwitter, Fran. *Nacionalni problemi v Habsburski monarhiji*. Liubliana: Slovenska matica, 1962.

Da Monarquia ao Reino e A Eslovênia depois da liberação: a "República Popular" e o Tempo do socialismo

"Program ekonomske reforme i mere za njegovu realizaciju u 1990 godini". In: *Ekonomska reforma i njeni zakoni*. Belgrado: Federal Executive Committee – Federal Secretariat for Information, 1990.

Banac, Ivo. *The National Question in Yugoslavia. Origins*, *History*, *Politics*. Ithaca & Londres: Cornell University Press, 1984.

Boban, Ljubo; Ivan Jelic. *Zivot i djelo Ante Trumbica*. Zagreb: Hrvatska akademija znanosti i umjetnosti, 1991.

Borak, Neven, Zarko Lazarevic; Joze Princic. (eds.) *Od kapitalizma do kapitalizma. Izbrane zamisli o razvoju slovenskega gospodarstva v XX. stoletju*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1997.

Bourdieu, Pierre. *Distinction. A Social Critique of the Judgement of Taste*. Londres: Routledge, 2000.

Buchenau, Klaus. "What Went Wrong? Church-State Relations in Socialist Yugoslavia". *Nationalities Papers* 33, nº 4, 2005, p. 547-568.

Cepic, Zdenko & Dusan Necak. *Zgodovina Slovencev*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1979.

Dolenc, Ervin & Ales Gabric. *Zgodovina 4. Ucbenik za 4. letnik gimanzije*. Liubliana: DZS, 2002.

Dragnich, Alex N. "The Serbian Government, the Army and Unification of Yugoslavs". In: *The Creation of Yugoslavia*, *1914-1918*, edited by Dimitrije Dordevic, p. 37-50. Santa Barbara & Oxford: Clio Books, 1980.

Dragnich, Alex N. *Serbs and Croats. The Struggle in Yugoslavia*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

Drnovsek, Marjan & Drago Bajt. (eds.) *Slovenska kronika XX. stoletja 1900-1941*. Liubliana: Nova revija, 1997.

Ferenc, Tone. *Okupacijski sistemi na slovenskem 1941-1945*. Liubliana: Modrijan, 1997.

Godesa, Bojan. *Kdor ni z nami, je proti nam. Slovenski izobrazenci med okupatorji, Osvobodilno fronto in protirevolucionarnim taborom*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1995.

Gow, James & Cathie Carmichael. *Slovenia and the Slovenes. A Small State and the New Europe*. Londres: Hurst & Company, 2001.

Grafenauer, Bogo. *Slovensko narodno vprasanje in slovenski zgodovinski polozaj*. Liubliana: Slovenska matica, 1987.

Hribar, Tine. *Slovenci kot nacija*. Liubliana: Enotnost, 1994.

Ivanic, Martin (ed.). *Dahauski procesi. Raziskovalno porocilo z dokumenti*. Liubliana: Komunist, 1990.

Jancar, Drago & Peter Vodopivec (eds.). *Slovenci v XX. stoletju*. Liubliana: Slovenska matica, 2001.

Jeraj, Mateja. "Polozaj in vloga zensk v Sloveniji (1945-1953)". Dissertação de PhD, Filozofska fakulteta, Univerza v Ljubljani, 2003.

Kardelj Edvard. *Reminiscences. The Struggle for Recognition and Independence. The New Yugoslavia, 1944-1957*. Londres: Blond & Briggs in association with Summerfield Press, 1982.

Kardelj Edvard. *Tito and Socialist Revolution of Yugoslavia*. Belgrado: Socialist Thought and Practice, 1980.

Knight, Robert. "The Carinthian Slovenes: Ethnic Actors in Bit Part Roles?". Trabalho apresentado em *Central European Minorities Policies in the Cold War* meeting in Liubliana, March 2006.

Kostelnik, Branko. *Moj zivot je novi val, razgovori s prvoborcima i dragovoljcima novog vala*. Zagreb: Fraktura, 2004.

Krecic, Jela. "'Plakat je kovinsko crne barve, ker je bil tudi tovaris Tito kovinar!'". *Delo* (Sobotna priloga), 19 de maio de 2005.

Lausevic, Mirjana. "The Ilahiya and Bosnian Muslim Identity". In: *Retuning Culture. Musical Changes in Cental and Eastern Europe*, edited by Mark Slobin, p. 117-135. Durham & Londres: Duke University Press, 1996.

Lienhard, Thomas. "Slavs, Bulgarians, and Hungarians: The Arrival of New Peoples". In: *Rome and the Barbarians. The Birth of a New World*, edited by Jean-Jacques Aillagon, p. 578-579. Milão: Skira, 2008.

Lobrano, Alexander and Andrea Fazzari. "A Land in Between". *Gourmet*, fevereiro de 2006, p. 112-119.

Loparnik, Borut. "Policeva doba slovenske opere: ozadja in meje". In: *Zbornik ob jubileju Jozeta Sivca*, p. 193-204. Liubliana: Zalozba ZRC, 2000.

Lukan, Walter. "Slovenci in nastanek jugoslovanske drzavne skupnosti". *Glasnik Slovenske matice* 53, nº 1, 1989, p. 40-44.

Luthar, Breda. "Remembering Socialism: on desire, consumption and surveillance". *Journal of Consumer Culture* 6, nº 2, 2006, p. 229-259.

Luthar, Oto. *O zalosti niti besede. Uvod v kulturno zgodovino velike vojne*. Liubliana: Zalozba ZRC, 2000.

Macmillan, Margaret. *Paris 1919. Six Months that Changed the World*. Nova York: Random House, 2002.

Mastnak, Tomaz. "From Social Movements to National Sovereignty". In: *Independent Slovenia. Origins*, *Movements*, *Prospects*, edited by Jill Benderly and Evan Kraft, p. 93-111. Basingstoke: Macmillan, 1994.

Mlakar, Boris. "Slovensko domobranstvo od ustanovitve do umika iz domovine". PhD diss., Filozofska fakulteta, Univerza v Ljubljani, 1999.

Mlakar, Boris. *Slovensko domobranstvo* (*1943-1945*). Liubliana: Slovenska matica, 2003.

National Geographic Magazine 34, nº 6, dezembro de 1918.

Necak, Dusan. *Avstrijska legija II. Maribor 1995. Die österreichische Legion II*. Viena, Colônia & Maribor: Zalozba Obzorja, 1995.

Pavkovic, Aleksandar. *The Fragmentation of Yugoslavia. Nationalism and War in the Balkans*. Nova York: Macmillan, 2000.

Petkovic, Aleksandar. *Politicke borbe za novu Jugoslaviju. Od drugog AVNOJ-a do prvog Ustava*. Belgrado: Jugoslavenska revija, 1988.

Pirjevec, Joze. *Jugoslavija*, *1918-1992. Nastanek*, *razvoj ter razpad Kardjordjeviceve in Titove Jugoslavije*. Koper: Lipa, 1995.

Povse, Janez (ed.). *Oblaki so rudeci*. Trieste: Zalozba trzaskga tiska, 1988.

Prunk, Janko. *Pot krscanskih socialistov v osvobodilno fronto slovenskega naroda*. Liubliana: Cankarjeva zalozba, 1977.

Punk pod Slovenci. Liubliana: Univerzitetna konferenca ZSMS, 1984.

Reed, John. *War in Eastern Europe. Travels through the Balkans in 1915*. Londres: Phoenix, 1995.

Repe, Bozo. *Jutri je nov dan. Slovenci in razpad Jugoslavije*. Liubliana: Modrijan, 2002.

Tomc, Gregor. "The Politics of Punk". In: *Independent Slovenia. Origins, Movements, Prospects*, edited by Jill Benderly and Evan Kraft, p. 113--134. Basingstoke: Macmillan, 1994.

Tonkiss, Fran. "Aural Postcards: Sound Memory and the City". In: *The Auditory Culture Reader*, edited by Michael Bull and Les Back, p. 303-309. Oxford & Nova York: Berg, 2004.

Stavbar, Vlasta. "Izjave v podporo Majniske deklaracije". *Zgodovinski casopis*, nº 3, 1992, p. 357-381; nº 4, 1992, p. 497-507; nº 1, 1993, p. 99-106.

Vodopivec, Peter. "Pogled zgodovinarja". In: *Slovenci v XX. stoletju*, edited by Drago Jancar & Peter Vodopivec, p. 5-15. Liubliana: Slovenska matica, 2001.

Vodopivec, Peter. "Prostozidarska loza Valentin Vodnik v Ljubljani (1940)". *Kronika. casopis za slovensko krajevno zgodovino*, nº 1, 1992, p. 44-50.

Zei, Vida & Breda Luthar. "Shopping across the Border". Paper apresentado na conferência *Everyday Socialism. States and Social Transformation in Eastern Europe 1945-1965*. The Open University Conference Centre, Londres, 24-26 de abril de 2003.

Zizek, Slavoj. *Druga smrt Josipa Broza Tita*. Liubliana: DZS, 1989.

OS AUTORES

Oto Luthar é historiador e diretor do Centro de Pesquisa Científica da Academia Eslovena de Ciências e Artes (ZRC SAZU) e membro de seu Centro de Pesquisa Interdisciplinar. Ele é autor dos capítulos "Divididos pela Grande Guerra", "A formação do novo Estado", "O Reino dos sérvios, croatas e eslovenos", "A ditadura e a crise", "Uma nação dilacerada: a Segunda Guerra Mundial na Eslovênia", "Estabelecimento da nova ordem", "O primeiro quinquênio e a autogestão", "'Liberais' contra 'conservadores'".

Igor Grdina é historiador especialista na Eslovênia, membro do Instituto de História Cultural na ZRC SAZU. Ele é autor dos capítulos "As estrelas de Celje", "A sangrenta queda da Idade Média", "Do Humanismo à Reforma", "Do rigor da Contrarreforma à exuberância do Barroco", e "Sábios, funcionários e patriotas transformam o mundo".

Marjeta Sasel Kos é associada graduada de pesquisa (para epigrafia e história da antiguidade) no Instituto de Arqueologia do ZRC SAZU. Ela é autora dos capítulos "A história criada pela Arqueologia" e "O Império Romano: conquista e *pax romana*".

Petra Svoljsak é historiadora e associada científica graduada no Instituto Histórico Milko Kos da ZRC SAZU e diretora do programa

de graduação em História Cultural da UNG. Ela é autora de "Domínio francês", "O período pré-março, ausência de liberdade", "'O ano da liberdade', a Revolução de 1848 e a Eslovênia Unida", "Os eslovenos na Era Constitucional", "Unidade e existência nacional", "Acorrentados aos partidos políticos" e "O outro lado da história".

Dusan Kos é um medievalista e conselheiro de pesquisa no Instituto Histórico Milko Kos, ZDC SAZU. Ele é o autor de "Da autonomia à unificação das regiões dos Alpes e da bacia do Danúbio" e "'Tres ordines slovenorum': sociedade, economia e cultura".

Peter Kos é arqueólogo, professor de numismática do Departamento de Arqueologia da Universidade de Liubliana e diretor do Museu Nacional da Eslovênia. Ele é autor do capítulo "Das Guerras Marcomanas ao estabelecimento das tribos eslavas".

Peter Stih é professor de história medieval no Departamento de História da Faculdade de Artes da Universidade de Liubliana e membro associado da Academia de Ciências e Artes da Eslovênia, membro correspondente da Academia Austríaca de Ciências. Ele é autor de "A povoação eslava e a etnogênese" e "O Período Carolíngio do século IX".

Alja Brglez é antropóloga historiadora e diretora (além de uma das fundadoras) do Instituto de Civilização e Cultura em Liubliana. É autora de "Reorganização das marcas e a alteração das fronteiras étnicas e linguísticas" e "Da crise ao conflito e à fase posterior".

Martin Pogacar é um pesquisador no Centro de Pesquisa Interdisciplinar do ZRC SAZU, especializado na história da cultura popular iugoslava, memória digital, pós-socialismo e arqueologia da mídia. Ele é autor do subcapítulo "O *punk rock*, o alternativo e as apropriações políticas".

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aachen, Paz de, 144
Abraão, bispo, 127
Absolutismo, 309, 335, 384, 398, 410, 411, 412, 418, 419
  críticos do, 311
  monárquico, 307
Academia de Ciências e Artes da Eslovênia, 569, 665, 683
Ad Pirum, 96
Adalvino, arcebispo de Salzburg, 152
Administração da Segurança do Estado, UDBA, 647
Adsalluta, 78
Aecorna, 75
Aemilius Scaurus, 64
Agnes de Andechs, 181
Águia, sociedade (Orel), 435, 569
Aguntum, 98, 118
Ahacel, Matija, 385
Ahacic, Draga, 672
Aio, 146
Ajdovska jama, 27

Alamanos, 98, 100
Alcuin de York, 136
Alexandre, 47
Alexandre I, 374
Alexandre I, czar, 382
Alfabeto de Gaj, 394
Aliança da Juventude Socialista da Eslovênia, ZSMS, 698, 704, 705, 708, 714, 716, 717, 718, 722
Aliança Democrática Eslovena, 716
Aliança Eslovena, 619
Aliança Socialista dos Trabalhadores, SZDL, 587, 669, 670, 712, 715, 716
Alpes, 24, 45, 52, 53, 57, 59, 61, 63, 68, 73, 77, 86, 96, 117, 121, 171, 186, 218, 227, 259, 261, 299, 304, 328, 375, 412, 413, 745, 746, 747
  orientais, 117, 118, 120, 124, 130, 132, 133, 161, 162, 163, 166, 170, 174
  julianos, 99
Alpino, sistema defensivo, 102, 103, 104
Alzeco, líder búlgaro, 122
Âmbar, Rota do, 48
Ambisontes, 54
Ambroz, Miha, 428
América, Estados Unidos da, 571, 725
Anabatistas, 284, 285
Andechs, condes, 165, 175, 180
Andechs-Meran, 228
Andreae, Jacobus, 295
Andrej de Turjak, 295

Andrioli, Franc Ksaver, 391
Anexação ao Reino da Itália, 441
Antônio Primus, Marcus, 86
Appiano, 58
Appianus de Alexandria, 46
Aquileia, 51, 52, 55, 88, 96, 118, 127, 144
  Patriarcado de, 144, 163, 164, 180, 183, 189, 194, 199
Arca militar, 100
Argonautas, 72
Aribo, margrave, 154
Ariovistus, 48
Armas, 35
Armas da Roma republicana, 51
Arnefrit, filho de Lupus, 146
Arno, bispo de Salzburg, 127, 136
Arnolfo, rei e imperador, 148, 154, 155, 156, 162
Arqueologia, 19
Arte Gráfica, Bienal de, 671
Artes Gráficas, Centro Internacional de, 671
Assembleia Eslovena de Segurança, 621
Assembleia FNRJ, Constituinte, 638
Assembleia popular, 635
Assembleia SHS, Constituinte, 538, 546, 549, 551, 553, 556, 593, 595
  eleições, 556
Assentamentos, montes, 31, 105
Associação Constitucional, 452
Associação Social-Cristã Eslovena, 485
Associação Escolar Alemã, 531
Associação das Professoras Eslovenas (Drustvo slovenskih uciteljic), 526

Associação dos Camponeses Eslovenos da Estíria (Slovenska kmecka zveza za Stajersko), 483
Associação dos Escritores Eslovenos, 708, 712, 713, 714
Associação dos Povos Cristãos Eslavos (Slovanska krscanska narodna zveza), 481
Associação dos Trabalhadores Unidos, 587
Associação Política Católica, 475
Associação Política dos Croatas e Eslovenos na Ístria, 483
Assuntos Religiosos, Comissão para, 646, 647
Askerc, Anton, 514
Ataques turcos, 201, 211, 218
Átila, o Huno, 108
Atrans (Trojane), 80
Auersperg, Anton Aleksander, 381
Auersperg, senhores de, 165
Augsburgo, 220, 267, 268
  Confissão de, 294
  Paz Religiosa de, 280
Aurelius Cotta, Lucius, 62
Áustria
  Áustria Interior, 185, 277, 278, 279, 280, 285, 286, 289, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 308, 309, 310, 311, 376, 392, 440, 441
Áustria-Hungria, 467, 468, 491, 493, 494, 495, 497, 499, 502, 505, 511, 536, 539, 543, 566, 573, 577
Austríaca, Monarquia, 276, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 341, 342, 343, 344, 349, 352, 353, 354
Austro-eslavismo, 357
Autogestão, 658, 659, 660, 661, 677, 678, 688, 689, 715
Avaros, 112, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 146

Avaro khaganato, 121, 122
Azbe Anton, 518

B

Babenbergs, margraves e duques da Áustria, 175, 181, 229, 248
Babic, Joze, 686
Bach, Alexander, 411, 419
Balantic, France, 633
Balanus, 61
Balaton, Lago, 149
Balbino, 95
Balcã, monte (monte Haemus), 59
Balcãs, 36, 226, 233, 234, 253, 279, 353, 537
Baldric, duque de Friuli, 137, 139
Bamberg, diocese de, 179
Banco de Poupança da Carniolano, 378
Banco Nacional da Iugoslávia, NBJ, 726
Barcos de tronco, 30
Barle, Karel, 651
Basar, Jernej, 318
Batalha do São Gotardo, 311
Bato, 70
Bauer, Martin, 319
Baumkircher, Andrej, 257, 264
Bávaro, Marco Oriental, 137
Bávaros, 118, 121, 125, 130, 132, 134, 153, 155, 171
Bavcar, Igor, 711
Baviera, 125, 126, 127, 131, 135, 137, 139, 140, 148, 149, 153, 155, 157, 161, 353
Beatlemania, 686

Beaumarchais, 356
Beck, Max Wladimir von, 489
Bedriacum, 86
Bela IV, rei da Hungria, 175
Belcredi, Richard, 439
Belgrado, 188, 533, 557, 596, 716
  Parlamento, 573
  Protocolo, 647
Beljasi, 547
Beneficiarii, 80
Benegalija, Joze, 452
Bergant, Fortunat, 327
Berlim, Congresso de, 468
Bernadotte, Jean-Baptiste, 362
Bernardo, duque da Caríntia, 181
Bernik, Janez, 682
Bertoldo, patriarca, 195
Beseda, periódico, 681, 697
Betal, Caverna de (Betalov spodmol), 20, 21
Beust, Friederich Ferdinand von, 443
Biblioteca da Universidade Nacional, 569
Bismarck, Otto von, 439
Bistra, Cartuxo mosteiro, 351
Blaznik, Jozef, 391
Bled, 168
  Lago, 136
Bleiweis, Janez, 392, 393, 473
Boêmia, 182, 187, 188, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 274, 308, 317, 337, 439
Bogen, condes de, 165

Bogensperk, 321, 322
Bogensperk, coleção gráfica, 321
Boii, 65
Bolcheviques Russos, 541
Bonaparte, Napoleão, 362, 363, 364, 365, 369, 371
  Ilíria Napoleônica, 338
  Guerras Napoleônicas, 313
Bonomi, Guiseppe Clemente, 326
Bonomo, Petrus, 275, 276, 283, 285, 287
Borgija Sedej, Francisek, 572
Bori, periódico, 681
Borna, príncipe dos guduscanos, 138
Borstner, Ivan, 709
Bósnia, 369, 467
Bósnia-Herzegovina, 468, 493, 494, 495, 540, 555, 649
Brankovic Smederevac, Jorge, 234, 246, 250
Brankovic, Albina, 672
Braslav, príncipe eslavo, 147
Brecelj, Marko, 699
Brencelj, periódico, 438
Brenner, Martin, 305
Brestanica (Rajhenburg), castelo de, 156
Brezice, 215
Brigadas de trabalho, 662
Brioni, Declaração de, 735
Britânica, Real Sociedade, 320
Brixen, 131
  diocese de, 164
Broek, Hans van den, 734
Bucar, France, 706, 712, 713, 723, 735

Budna, Natasa, 769
Búlgaros, 122, 138, 148
Bullinger, Heinrich, 294
Bizâncio, 115, 226
  Império Bizantino, 111

C

Cadaloh, prefeito do Marco de Friuli, 168
Calvinistas, comunidades, 308
Câmara das Repúblicas e das Províncias, 680
Camponeses, 106, 168, 169, 170, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 263, 404, 416, 636
  emancipação dos, 406, 463
  rebeliões camponesas, 259, 261, 267, 302
Cankar, Ivan, 497, 515, 516, 517, 531, 560
Capistranus, Johannes, 245
Carantânia, ducado da, 161, 162, 168, 172
Carantânia, Marco da, 162, 174
Carantanianos, Carantânia, 121-140, 146-162, 193, 227, 746
  Baaz, 131
  Borut, 125
  Cacatius (Gorazd), 125
  Carantanum, 123
  Cerimônia de sagração do príncipe, 130
  Etgar, 140
  etnogênese, 125
  Gorazd, 130
  Hotimir, 125, 126, 130
  nobreza, 131

Pedra do Príncipe, 130
Principado da, 124, 132
Rei tribal, knjaz, knez, 130
Samo, 121
Samo, união política, 122
Vallucus, 122, 125
Valtunc, 127
Carbonarius de Biseneg, Gregório, 327
Cargo, Ivan, 566
Caríntia, 120, 125, 127, 128, 155, 157, 163, 164, 165, 166, 171, 172, 173, 176, 179, 182, 183, 185, 186, 190, 204, 207, 208, 215, 248, 262, 264, 265, 267, 332, 335, 339, 386, 395, 457, 472, 629, 641, 642
ducado da, 132, 174, 178
duque da, 163, 179
Carlomano, 148, 151
Carlos III, o Gordo, 147
Carlos Magno, imperador, 126, 134, 135, 136, 141
Carni, 47
Carníola, 132
Marco, 162, 179
Carníola, Sociedade Histórica da, 412
Carníola Superior, 37, 162, 165, 179, 181, 196, 262, 264, 355, 463, 464, 465, 497, 601, 603, 606, 627
Carniolanos, 133, 138, 139, 140
Constituição tribal, 155
Vojnomir, o Eslavo, 134, 135
Carolíngio, Estado, 138, 139
Carroça de madeira, 30

Carta Patente Silvestre, 410
Cartuxos, Ordem dos, 250
Casimiro III, o Grande, 230
Caso do Pôster, 705, 706
Caso dos Punks Nazistas, 700
  Quarto Reich, 701
Casopis za kritiko znanosti, periódico, 714
Cassiodoro, 143
Cassius Dio, 67, 90
Cassius Longinus, Gaius, 56
Catmelus, 56
Catolicismo, 206, 305, 306, 307, 308, 309, 351, 494, 581, 649
Católico
  Ação, 580, 581
  Igreja, 194, 237, 250, 285, 296, 299, 309, 342, 351, 438, 448, 474, 582, 648, 649, 742
  conservadores, 444
Cebej, Anton, 327
Celestin, Fran, 524
Celje, 168, 186, 213
  Celeia, 48, 76, 118
  Condes de, 178, 179, 186, 189, 199, 223
    Ana, 231
    Bárbara, 187, 226, 238
    Catarina, 242, 250
    Elisabete (Frangepán), 234, 248
    Frederico II, 236
    Guilherme, 230, 231
    Hermano I, 230, 232

Hermano II, 187, 188, 198, 226, 227, 232, 233, 235, 236, 238, 241, 249, 251
Hermano III, 236
Luís, 236
Príncipe Ulrich, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 253
Ulrich II, 188, 223
Ulrich II de Zovnek, 229
Verônica de Desenice, 236
Celtas, 45, 46, 47
Censura, 327, 354, 361, 374, 384, 391, 392, 397, 410, 583, 652, 665, 669, 681, 687
Centros urbanos da antiguidade, colapso, 120
Cerâmica apuliana, 42
Cerknica, 183
Lago, 320
Cerne Franc, 379
Cernigoj, August, 565
César, 64
Cetniks, 617, 618
Chernobyl, 705
Christalnick, Michael Gotthard, 297
Churchill, Winston, 599, 613
Cidades
centros de manufatura, 211
costeiras, 212
interior, 213
Ciganos, 550
Ciganska, caverna de, 23

Cigler, Janez, 391
Cimbri, 60
Cincibilus, 56
Ciuha, Joze, 682
Cividale, Evangelho de, 147
Cividale del Friuli, 121, 146, 271, 372
Civilização helênica, 47
Cláudio, 69
Claustra Alpium Iuliarum, 99, 102, 104, 106
Clero, 296, 352, 370, 386, 418, 445
Clodius Albinus, 94
Clube Parlamentar Iugoslavo, 540
Cobal, Melhior, 490
Código civil austríaco, 373, 409
Colaboração, 575, 614, 615, 617, 620, 622, 636
Colapiani, 72
Colonatio, 203, 342
Coloni, 106
Colônia, 72, 82
Colonização, 71, 131, 163, 165, 167, 169, 170, 197, 198, 200, 209, 607
Comando Supremo Alemão, 600
Combatentes, Liga dos, 717, 722
Cominform, 645, 651, 652, 654, 657
Comissariado do Povo para Assuntos Internos, NKVD, 653
Comitê Popular, 638
Comitê Iugoslavo, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 543
Cômodo, 82
Comunidade Europeia, EC

mediação de conflito, 735
Comunismo cultural, 582
Conceito Tripartite, 493, 494, 498
Concordata, 418, 439, 444, 445, 450
Confederação assimétrica, 728
Confederação republicana eslovena-croata-sérvia-búlgara, 590
Congresso Pan-eslavo, 404
Conselho Antifascista de Libertação Nacional da Iugoslávia AVNOJ, 625, 626, 627, 635, 653
Conselho de Guerra, 731
Conselho Executivo Federal, SIV, 725, 726
Conselho Nacional, 543, 544, 547, 548, 549, 556, 619
Conservadores, 354, 440, 441, 444, 447, 455, 456, 478, 484, 532, 533, 617, 619, 675, 676, 680
Constante, 101
Constantino, missionário na Morávia e Panônia, 136, 137, 152
Constantino II, 101
Constantino, o Grande, 100
Constantino Porphyrogenetus, imperador de Bizâncio, 131
Constâncio II, 101
Constituição da FNRJ, 638, 661
Constituição da SFRJ, 661, 713
1963, 675
1974, 680, 689, 723
emendas, 713, 715
pequena, 689
Constituição de Dezembro, 432
Constituição de Outubro, 574
Constituição de Vidovdan, 552, 558, 574

Constituição de Weimar, 553
Constituição do Reino da Iugoslávia, 595
Constituição eslovena
  emendas, 718, 720
Construtivismo, 565
Contrarreforma, 290, 296, 297, 299, 306, 307, 309
Convenção Católica Eslovena, 475
Conversio Bagoariorum et Carantanorum, 121
Cop, Matija, 388, 391
Corfu, Declaração de, 537, 538
Cornelius, 62
Coroa Húngara, 233
Corte Real, 559, 574
Costa, Etbin, 448
Cristão, culto, 120
Cristãos, 76, 99
Cristianização, 127, 136, 197, 474
Croácia
  Estado independente da, NDH, 601
  questão croata, 591, 593, 595, 598
Cro-Magnons, 19, 20, 21, 22
Cultura
  Literária, 223
  Oral, 225
Cultura do campo de urnas, 31, 32, 73
Cunhagem, 47, 68, 76, 92, 211, 214
Cvetkovic, Dragisa, 594
Cvetkovic-Macek, Acordo de, 596
Cyril. Veja: Constantino, missionário na Morávia e Panônia

D

Dachau, julgamentos de, 650, 651, 652
  Diehl-Oswald, julgamento de, 650
Daesitiates, 67
Dagoberto I, rei franco, 121, 122
Dalmácia, 25, 67, 194
Dálmatas, 66
Dalmatin, Jurij, 290, 291, 297
Danúbio, região do, 31, 37, 45
Danúbio, rio, 46, 59, 87, 117
Debenjak, Riko, 682
Décima Região Augustina, 61
Declaração de Genebra, 546
Declaração de lealdade, 645
Declaração de Maio, 717
Declaração Eslovena, 576
Defesa territorial, 680, 710, 729, 732, 733
Defensivo
  sistema, 99
  zona (praetentura Italiae et Alpium), 88
  Dejanja, periódico, 582
Delak, Ferdo, 565
Delavski list, periódico, 588
Delo, periódico, 711
Democracia Liberal da Eslovênia, LDS, 722, 735
DEMOS, 721, 722, 728
  Aliança Democrática Eslovena, 721
  Aliança dos Agricultores Eslovenos, 721
  Aliança Social-Democrática, 721

Cristãos Democratas Eslovenos, 721
Panteras Cinzas, Partido dos, 722
Partido Liberal, 722
Verdes da Eslovênia, 722
Depóstios, Idade do Bronze, 35
Dermota, Anton, 487
Deschmann, Karl, 26
Desenvolvimento demográfico, 502, 503
Desnacionalização, Lei de, 740
Destovnik Kajuh, Karel, 633
Detela, Oton, 423
Dev, Janez Damascen, 347
Dia da Juventude, 706, 707, 708
Diehl, Branko, 651
Dieta Provincial, 276, 420, 423, 426, 450, 457, 540
Dinar, conversível, 726
Diocleciano, 84, 99
Direitos municipais, 214
Disputa germano-eslovena, 480
Ditadura, 560, 562, 573, 575, 583
Divini redemptoris, 581
Divje babe I acima de Reka, 21
Djilas, Milovan, 670, 678
Dolanc, Stane, 711
Dolar, Janez Krstnik, 317
Dolenc, Matija, 399
Dolnicar, Janez Gregor, 325
Dolomita, Declaração, 622
Dom in svet, periódico, 475, 582
Domenkus, Ferdinand, 431

Dopolavoro, 607
Doujak, Hermann, 624
Dragolic, Jurij, 286
Drava, Marco de, 162, 175
Drava, rio, 136
  Dravus, 54
Drava Banovina, 562, 569
Drnovo perto de Krsko, 61
  Neviodunum, 72, 80, 81, 87, 104, 115
Drnovsek, Janez, 720, 735, 736, 737, 738, 740
Duino, senhores de, 183

E

Eberhard II, arcebispo, 194
Eclipse lunar, 85
Economia consensual, 693
Edinost
  periódico, 436, 438, 514, 525
  sociedade política, 458, 483
Edling, Janez Nepomuk Jakob, 345
Egeu, o mundo, 36
Eggers, 375
Elagabalus, 94
Emendas, crise das, 721
Emílio Emiliano, Marco, 96
Eneolítico (Idade do Cobre), 25
Engilschalk, 147
Eppensteins, duques, 165, 176, 177
Epidemia, 71, 91, 92, 201, 218, 251, 256
  cólera, 381

Era Glacial, 19, 20, 21, 24
Erasmo, o Cavaleiro, 257
Ernesto, duque da Áustria Interior, 186
Escola Gráfica de Liubliana, 671
Escravos, 106
Eslavônia, 140, 157, 226, 227, 233, 244, 277, 363, 493, 495, 554, 735
Eslavos, 112, 118, 119, 120, 143, 146
  alpinos, 121, 122, 131, 174
  balcânicos, 369
  carantanianos. Ver Carantanianos e Carantânia
  do Sul, 345, 356, 369, 393, 404, 430, 432, 437, 447, 492, 496, 499, 531, 536, 539
  povoamento, 112, 116, 117, 120, 745
  resistência contra os avaros, 120
Eslovena, Declaração, 576
Eslovênia, Reino da, 401
Eslovênia Unida, 385, 396, 399, 437, 440, 441, 445, 448, 450, 456, 490, 496, 523, 609, 625, 628
Eslovênia veneziana (Beneska Slovenija), 363, 440, 459, 472, 493, 511, 514
  Eslovenos venezianos, 272
Eslovenos
  Velhos, 437, 444, 448, 454, 468
  Jovens, 437, 438, 440, 444, 446, 448, 450, 454, 468
Estevão II Kotromanic, 230
Estíria, 31, 40, 49, 163, 165, 172, 174, 181, 185, 207, 215, 229, 254, 260, 280, 300, 308, 131, 315, 341, 364, 372, 376, 386, 409, 415, 428, 441, 471, 478, 501, 511, 578, 601, 615, 627
Estrada Trieste-Rijeka, 118

Etruscos, 44, 46
Eugênio, 103
Eugênio de Saboia, 327
Eugippius, 108
Exército guerrilheiro, 615, 616, 618, 622, 628, 639
Exército Nacional Esloveno, 620, 628
Exército Nacional Iugoslavo, JNA, 709, 710, 720, 729, 731, 732, 733, 734, 735
Exército Popular Iugoslavo, JNA, 692
Expressionismo, 564

F

Fabiani, Maks, 518
Falcão, sociedade (Sokol), 569, 598, 611, 622
  Falcão do Sul (Juzni sokol), 435
Fascismo, 571, 585, 587, 588, 593
Fazendas, 168, 169, 170, 200, 256, 381, 461, 480, 568
Feminista, movimentos, 701
Ferdinando IV, rei de Nápoles, 383
Ferenc II Rákóczy, 313
Ferramentas, 35
Ferrovia do Sul, 465, 562
Festival Esloveno da Canção, 667
Feudal
  propriedades, 169
  ordem, 163
  sistema, 168, 170, 261, 262, 263, 323, 340, 373
  1551, periódico, 590
Filipe, patriarca de Aquileia, 178
Filipe V, rei da Macedônia, 59

Filipic, Lojze, 671
Finzgar, Fran Saleski, 516
Fisiocrático
  doutrina, 341
  princípios, 346, 347
Flacius, Matthias, 293
Flavia Solva, 98
Flavianos, imperadores, 86
Flávio Aetius, 107
Flis, Janez, 519
Fluvius Frigidus, 104
Foederati. Veja Foedus
Foedus, 106
Foerster, Anton, 319, 517
Forchheim, Paz de, 154
Fortunato, patriarca de Grado, 136, 138
França, 364, 383, 419, 537
Francês
  exército, 362, 363, 364
  Império, 362, 365
  ocupação, 362
  Revolução Francesa, 353, 355, 361, 406
Francisci, Erasmos, 321
Francisco Ferdinando, 532
Francisco IV, duque de Modena, 383
Francos, 109, 130, 134, 138, 139, 140, 141
  Avaros, guerras dos, 134, 135, 142
  Bizantino, tratado, 138
Frangepán, dinastia, 234
  Ferenc Kristóf, 312

Frankfurt, Parlamento de
boicote das eleições, 403
Fredegar, Crônica, 121
Frederico I Barbarossa, 258
Frederico, o Grande, 334
Freising, 127, 131
igreja de, 131
diocese de, 164, 171
Manuscritos de, 127
Frente Popular, 585
Frischlin, Philipp Nikodemus, 297
Friuli, Friulano, 50, 135, 137, 138, 139, 191, 196, 319, 414
Marco, 138, 140, 189
planície, 118
Fronteira Militar, 280, 295, 304, 310
Fundo Cultural, 675
Fundo de Reforma Agrária, 636
Funtek, Anton, 517
Futurismo, 565

G

Gabrscek, Andrej, 482, 524
Gaiger, Janez Adam, 319
Gaj, Ljudevit, 393
Gálatas, 47
Galba, 85
Galeno, 89
Galeria Nacional Eslovena, 564
Galiano, 83, 98
Gallus, Jacobus, 298

Gauleiter, 603
Gauleses, Gália. Ver celtas
  Cisalpina, 57
  Transalpinos, 53
Gazeta Oficial, 365, 472
Gebhard, arcebispo de Salzburg, 127
Genthius, 58
Georgenberg, Pacto de, 175
Germânicas, tribos, 87
Gestapo, 651, 652
Glagolítico, alfabeto eslavo, 152
Glas delavca, periódico, 588
Glasbena matica. Ver: Sociedade Música Eslovena
Glaser, Karel, 520
Glej, teatro, 687
Godos, 84, 96
Goljevscek, Alenka, 706
Golpe militar, 599
Gołuchowski, Agenor, 419
Gorizia, 163, 172, 186, 189, 202, 203, 215, 259, 264, 277, 280, 297, 298, 303, 310, 315, 333, 338, 341, 362, 364, 372, 382, 402, 413, 443, 450, 472, 482, 499, 545, 628, 639
  Condado de, 188, 266
  Condes de, 166, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 186, 189, 191, 192, 215, 229, 248, 251, 266, 272
Gorizia-Tyrol, Condes de, 182, 216, 217, 228, 229
  Mainardo IV, 182
Gornji Grad
  mosteiro, 197
Govekar, Fran, 515, 517

Governador da Província (Landeshauptmann), 424
Gradisnik, Fedor, 671
Grado, patriarcado de, 144
Grafenauer, Niko, 706
Grande Sérvia, 695
Graz, 171, 186, 222, 266, 269, 280, 295, 298, 308, 349, 352, 372, 382, 385, 396, 401, 487, 513
  Pacificação de, 295
Grazioli, Emílio, 603, 619
Grbec, Marko, 325
Grcarice, 618
Grécia, 38
Gregorcic, Anton, 475, 482
Gregorcic, Simon, 460, 474, 514
Gregorcic, Vinko, 482
Gregoric, Ilija, 302
Grimoaldo, rei Lombardo, 123
Grohar, Ivan, 518
Grossman, Karol, 517
Gruber, Gabriel, 340, 349
Grün, Herbert, 671
Grupo 53, 670
Grupo 69, 682
Grupo de Ruse, 33
Guarda Azul, 616, 617, 618
Guarda Branca, 616, 617, 618, 619, 620
Guarda Nacional, 363, 364, 398, 522, 640
Guarda Pátria, 620, 621, 622, 628, 629, 630, 635, 643, 644
Gubec, Ambroz (Matija Gubec), 302
Guerra Austro-Prussiana, 448
Guerra dos Trinta Anos, 309
Guerra Fria, 641, 642

Guerras Marcomanas, 79, 87, 88, 91, 115
Guerra Mundial, Primeira, 308, 373, 415, 434, 435, 451, 453, 466, 471, 472, 485, 495, 497, 500, 502, 503, 505, 507, 513, 514, 521, 531, 560, 564, 567, 573, 637
Guerra Mundial, Segunda, 171, 434, 438, 453, 552, 555, 562, 565, 568, 569, 570, 584, 585, 589, 590, 599, 600, 629, 673, 723, 741, 743
Guilherme I, imperador da Alemanha, 448
Guilherme II, 180
Guilherme II, margrave do Marco de Savinja, 166
Guilherme III, imperador da Prússia, 374
Gurk
  convento, 166
  diocese de, 127, 194
Gutsman, Ozbalt, 346
Györ, diocese de, 194

H

Habsburgo, dinastia, 176, 178, 186, 190, 208
  Alberto II, 208
  Carlos da Áustria, 540
  Francisco José, 540
  Frederico II, 191, 207
  Frederico III/IV/V, 184, 199
  José II, 199
  Maximiliano, 223
  Maximiliano I, 190
  Rodolfo, 207
  Rodolfo IV, 183
  Rodolfo de Habsburgo, 182

Habsburgo-Alemã, federação, 540
Hacquet, Baltasar, 358
Hajdrih, Anton, 460
Hallstatt, 36
  grupos, 37
  período, 36
Hartman, Bruno, 671
Haugwitz, Frederico Guilherme, 334, 339
Hausmann, Fani, 523
Hein, Viktor, 510
Helmwin, conde Bávaro, 140
Hemma
  condessa de Friesach, 166
  dinastia, 228
Henrique I, imperador, 161
Henrique II, 161
Henrique IV, imperador, 163, 164, 180
Henrique de Gurk, bispo, 198
Herbard VIII, 295
Herberstein, Jurij, 269, 275
Herberstein, Karel Janez, 352
Herberstein, Ziga, 275, 277
Herbert, Franz Paul, 359
Hermann, Mihael, 431
Herodiano, 96
Heunburg, condes de, 207
Hieng, Andrej, 671
História Contemporânea, Instituto de, 562, 569, 643
Hitler, Adolf, 573, 594, 599, 600, 601, 603, 604, 605, 623

Hladnik, Bostjan, 685, 686
Hocevar, Janez Jurij, 328
Höffer, Johann Berthold von, 326
Hohenwart, Karl, 455
Holzapfel, Ignacij, 391
hospitium publicum, 60
Hren, Tomaz, 296, 305, 306
Hribar, Ivan, 472, 476, 488, 489, 510
Hribar, Spomenka, 706
Hribar, Tine, 706
Hungria, 112, 172, 180, 188, 190, 193, 215, 222, 232, 242, 247, 249, 258, 268, 277, 307, 311, 350, 401, 407, 413, 420, 443, 458, 511, 514, 601, 603, 642
  Reino da Hungria, 218
Hunos, 106
Hunyadi
  János, 242, 243, 244, 245
  Ladislaus, 243, 244
  Matthias Corvinus, 249, 256, 257, 258

I

Iapodes, 36, 48, 51, 57, 58, 60, 63, 66, 67
Iazyges, 90, 97
Idade do Bronze, 30
Idade do Cobre, 24
Idade do Ferro, 34, 35
Idrija, 50, 54, 220, 278, 316, 358, 362, 376, 385, 490, 512
Ig, 30
Igrejas cristãs, primitivas, 105
Igualdade linguística, 471, 509

Ilíria
Ilíria francesa, 314
Movimento ilírio, 393, 394, 395
Províncias Ilírias, 364, 365, 366, 368, 371, 372
Reino da Ilíria, 372, 373
Ilírios, 52-58
Guerras Ilíricas, 67
povos, 58
Illyricum, 58, 59, 61, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 80, 94, 153
Iluminismo, 337, 348, 349, 354, 357, 359, 361, 387
Impostos, 70, 94, 142, 169, 200, 201, 202, 203, 204, 208, 218, 261, 264, 270, 310, 334, 349, 353, 370, 398, 416, 426, 562
Impressionismo, 516, 518, 565
Incursão Cita, 40
Incursões, 161
Independência, 538, 609, 720
Carta Básica de Independência e Soberania da República da Eslovênia, 730
Declaração de, 730
Movimento de, 692
Processo de, 728
Projeto de, 724
Referendo sobre, 724, 725
Indústria
Ferro, 333, 341, 375, 380, 463, 505
Madeireira, 464, 505
Mineração, 235, 463
Química, 464
Têxtil, 376, 464, 567

Industrialização, 463-502, 672
Innichen, mosteiro, 126, 196
Ipavec, Benjamin, 436, 460, 517
Ipavec, Josip, 517
Irmandade e unidade, 663
Irmãs de Scipio Nasica, Teatro, 707, 708
Ístria, 31, 55, 118, 137, 141, 142, 143
  Bizantina, 134
  Lombardia, ocupação da, 143
  Província do Marco, 163, 179, 191, 192, 194
Istrio, 36, 55
Iugoslávia, 545, 550, 555, 557, 559, 571, 577, 578, 590, 591, 592, 601, 625, 686, 723, 731
Iugoslávia, Reino da, 554, 559
Iugoslávia, República Federativa Popular da, FNRJ, 638, 661
Iugoslávia, República Socialista Federativa da, SFRJ, 661, 674, 735
Iugoslávia Democrática Federal, 635, 636, 637
Iugoslavo
  Estado, 542, 549, 551, 585, 591
  Governo, 544, 551, 559, 624, 646, 647, 694
  ideia, 452, 493
  indústria, 567
  nação, 543, 546
Iulius Vepo, Gaius, 68
Iunius Brutus Callaicus, Decimus, 63
Iuthungis, 98, 107
Izola, 212
Izvestje, periódico, 519

J

Jacobinos, 362
Jager, Ivan, 518
Jakac, Bozidar, 671
Jakopic, Rihard, 518
Jama, Matija, 518
Jambrek, Peter, 706
Jan, Slavko, 671
Jančar, Drago, 706
Janezic, Anton, 411
Jansa, Anton, 344
Jansa, Janez, 709, 711, 713, 717, 740, 741, 742, 743, 744
Japelj, Jurij, 347
Jarnik, Urban, 395, 396
Jasão, 73
Jeans, 686
Jeglic, Anton Bonaventura, 510
Jelacic, Josip, 407
Jelovsek, Fran, 327
Jemec, Andrej, 682
Jenko, Avgust, 534
Jenko, Davorin, 460
Jenko, Simon, 411, 431, 436
Jeran, Luka, 411
Jerovsek, Janez, 706
Jesih, Milan, 687
Jesuítas, 298, 300, 301, 343, 349
Jevtic, Bogoljub, 592
João XXIII, papa, 648

João, duque da Ístria, 141, 142
Jorge de Podebrad, 243
Josefinismo, 351, 354
  Reformas do imperador José, 353
Jovanovic, Dusan, 687
Judeus, 218, 220, 232, 251, 351, 370, 414, 550
Juliano Apóstata, 101
Jupiter Dolichenus, Templo de, 94
Jurcic, Josip, 430, 431, 436, 460, 476
Juri, Franco, 716
Jurkloster, mosteiro cartuxo de, 197, 198, 222
Justiniano I, 111, 112, 119, 141
Jutro, periódico, 438, 583, 584
Juventude Alemã, 606
Juventude Hitler (Hitler Jugend), 606
Juventude Lictoriana de Liubliana, GILL, 607

K

Kacijanar, Ivan, 277
Kacijaner, Franc, 278, 288
Kacin, Jelko, 733
Kadijevic, Veljko, 721
Kalin, Zdenko, 682
Kalister, Janez, 379
Kamnik, 181, 214, 222, 267, 285, 317, 347, 508
Kant, Immanuel, 359
Kapodistrias, João, 382
Karadjordjevic
  dinastia, 494, 498, 538
  Paulo, 591, 592

príncipe Alexandre, 534, 547, 549
rei Alexandre, 547, 573, 591
rei Pedro, 534, 549
rei Pedro II, 593
Kardelj, Edvard, 588, 589, 613, 616, 618, 624, 627, 635, 653, 654, 655, 656, 657, 659, 660, 661, 670, 675, 676, 681, 682, 690, 691, 692
Karlin, Andrej, 572
Karnburg, 123, 130, 155
Karpe, Franc Samuel, 359
Karst, 25, 61
Kastelec, Matija, 318
Katedra, periódico, 710
Katoliski glas, periódico, 453
Kavcic, Jane, 686
Kavcic, Matija, 407, 408
Kavcic, Stane, 676, 679, 681, 682
Kazina, Sociedade, 523
Kempf, Nicholas, 281
Kempf, Nicolau, 222
Kepler, Johanes, 305
Kersnik, Janko, 460, 475
Kette, Dragotin, 515
Kidric, Boris, 589, 624, 635, 638, 645
Klagenfurt, 130, 177, 197, 214, 222, 285, 295, 297, 298, 300, 338, 346, 355, 359, 364, 376, 378, 385, 400, 401, 402, 411, 415, 418, 465, 477, 501, 546, 642
Klombner, Matija, 286
Klopcic, Matjaz, 686
Kmecl, Matjaz, 723

Kmetijske in rokodelske novice, periódico, 392
Kocbek, Edvard, 563, 582, 610, 613, 619, 627, 669, 678
Kocel, conde e príncipe da Panônia, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155
Kocevje, assembleia, 624, 626
Kocevski Rog, 622, 643
Kogoj, Marij, 566
Kolpa, rio, 51, 62, 131, 138, 171, 181, 304, 413
Kopac, Josip, 490
Koper, 141, 145, 184, 191, 192, 193, 194, 212, 222, 299, 324, 366, 373, 385, 639, 640
Koper, convento, 196
Kopitar, Jernej, 357, 358, 368, 369
Korosec, Anton, 483, 500, 535, 542, 543, 544, 546, 557, 558, 562, 574, 575, 576, 577, 579, 580, 590, 593
Kos, Franc, 519
Koseski, Jovan Vesel, 395
Kosezi, Erdlinger, arimanni, 131, 132, 170, 206
Kosovel, Srecko, 565, 566
Kossovo, 693, 711, 716, 717, 722
Kostanjevica, 165, 197, 214, 216
Kottanner, Helena, 240
Kozak, Ferdo, 583
Kozler, Peter, 399, 413
Kraigher Comissão, 694
Kraigher, Boris, 622, 670
Kraigher, Sergej, 681, 694
Kralj, France, 565
Kralj, Lado, 687

Kralj, Tone, 565, 566
Kramař, Karel, 489
Kranj, 168, 213, 270
Kranjc, Boris, 651
Kranjska cbelica, almanaque literário, 389, 391
Kregar, Stane, 565, 670
Krek, Janez, 535, 576
Krek, Janez Evangelist, 462, 482, 484, 485, 486, 492, 493, 500
Krek, Miha, 577, 645
Krelj, Sebastian, 293
kresije, 338, 354, 415
Kristan, Anton, 490
Kristan, Etbin, 490
Krizaj, Franci, 671
Krleza, Miroslav, 669
Krpan, Martin, 412
Krsko, 27, 156, 215, 302, 322, 329
Krzisnik, Zoran, 671
Kucan, Milan, 696, 711, 716, 723, 734, 735, 736, 738
Kukovec, Vekoslav, 483
Kulovec, Franc, 577
Kumerdej, Blaz, 344, 345, 346
Küzmic, Stevan, 308

L

La Tène, período, 37
Laibach, 708
Lamberger, Caspar, 223
Lassalle, Ferdinand, 477

Latobici, 72
Lauriacum, 78, 98
Lavant, diocese de, 351
Leben, Stanko, 583
Legiões Romanas
  II e III Itálica, 87
  V Macedônica, 83
  VIII Augusta, 69
  VIII legião, 74
  XIII Gemina, 82, 83, 88, 98
  XV legião, 74
Legionários, acampamento dos, 83, 85
Levec, Vladimir, 520
Levstik, Fran, 448
Liberais, 439, 442, 444, 445, 452, 454, 455, 457, 469, 473, 474, 476-479, 482, 486, 487, 492, 498, 500, 506, 524, 532, 533, 542, 555, 559, 575, 583, 589, 617, 675, 679, 688, 741
Liberalização, 675, 697, 699, 613
Libertação, Frente de, OF, 609, 611, 613, 615, 619, 621, 624, 631, 635, 669
  Comitê Executivo da, IOOF, 611, 616, 619, 625, 626
  Primeiro Congresso, 635
Libertação Nacional, 626
  Comitê, NOO, 626
  Comitê Nacional Esloveno de Libertação, SNOO, 612, 625
  Comitê Nacional de Libertação da Eslovênia, NKOS, 626
  Conselho Nacional Esloveno de Libertação, SNOS, 625, 626, 627, 628, 636, 638
  Exército, NOV, 624

Libúrnia, 68
Liceu protestante, 297
Licínio, 100
Licinius Crassus, Publius, 57
Liga da Pátria Estíria (Heimatbund), 606
Liga dos Comunistas da Eslovênia, 650
Liga Nacional, 473
Liga Popular Carintiana (Kärntner Volksbund), 606
Linhart, Anton Tomaz, 348, 350, 355, 356, 357
Literatura Eslovena, 225, 301, 308, 347, 358, 389, 394, 411, 515, 520
Litoral Adriático, 623, 624
Litoral esloveno, 256, 265
Lituânia, 231, 274, 275
Liubliana, 30, 54, 110, 168, 193, 195, 199, 212, 213, 214, 217, 222, 223, 258, 267, 273, 285, 295, 297, 298, 300, 306, 315, 318, 324, 326, 329, 330, 338, 348, 349, 352, 355, 358, 359, 362, 364, 366, 372, 381, 382, 384, 398, 402, 404, 416, 433, 443, 480, 501, 518, 521, 531, 561, 631, 695
  Congresso de, 447
  Diocese de, 271, 273, 290, 306, 373, 610, 645, 648
  Emona, 61
  Grupo cultural, 33
  Pântano, 26, 27, 28, 30, 75, 340
  Província de, 603
Liupram, arcebispo de Salzburg, 149
Lívio, 52
Ljubelj, passagem, 320, 321
Ljubljanica, rio, 19, 66, 72, 73, 114

Ljubljanski zvon, periódico, 525, 558, 584, 589
Ljudska pravica, periódico, 585, 586
Lloyd George, David, 554
Lojas Maçônicas, 361, 371
Lombardos, 79, 112, 141
  Friulano, 118, 121
Loncar, Dragotin, 487
Londres, Tratado de, 535, 537, 544
Lotar, imperador franco, 144
Loz, 183
Lucius Metellus, 62, 63
Lucius Verus, 89
Luís (Ljudevit Posavski), príncipe da Baixa Panônia, 136, 138, 155
Luís II, 147
Luís II de Teck, patriarca, 199, 237, 272
Luís IV, imperador, 230
Luís IV da Baviera , 230, 231
Luís de Anjou, 230, 231
Luís, a Criança, 157
Luís, o Germano, 148, 149, 150, 151, 153, 154
Luís, o Piedoso, imperador, 138, 147
Luís XIV, 312
Lupus, duque de Friuli, 123
Luta cultural (Kulturkampf), 482
Luteranos, 285, 287, 296, 299, 301, 302, 305, 306, 308
Lutero, Martinho, 284, 285, 288, 294, 303, 307
Luxemburgo, dinastia, 186
  Carlos IV, 187
  Sigismundo, 186, 225, 226, 232, 233, 234, 244, 247, 249, 250

M

Macedônia, 46, 52, 57, 58, 70, 494, 529, 554, 555
Macone, Stefano, 250
Magiar, 156, 157, 158, 303
  Incursões magiares, 156, 158
Magnentius, 101, 102
Magno Máximo, 99, 103
Mahnic, Anton, 474, 475, 484, 524
Maister, Rudolf, 544
Majar Ziljski, Matija, 395, 396, 400, 401, 410
Mal, Josip, 433, 520
Males, Miha, 565
Mamula, Branko, 711, 725
Mandelc, Janz, 298
Mantua, sínodo de, 144
Mar Adriático, 20, 176, 183, 191, 192, 231, 248, 259, 261, 280, 531, 541, 640
Mar Negro, 46, 59, 72, 106
Maraz, Adrian, 682
Marcan, Joze, 650
Marco Juliano, 571, 640
Marco Oriental, 151, 152, 154, 161
Março, Revolução de, 261, 412
Marco Aurélio, 80
Marenberk, mosteiro de, 222
Maribor, 165, 215, 222, 257, 267, 300, 329, 338, 354, 355, 385, 415, 418, 432, 440, 452, 453, 464, 477, 478, 479, 481, 490, 501, 507, 510, 512, 553, 602, 670, 671, 710
Maribor, Programa de, 440, 441

Mariborski Vecernik, periódico, 584
Marinko, Miha, 638, 670
Markovic, Ante, 725, 727, 731, 734
Masaryk, Tomás Garrigue, 487, 566
Maxêncio, 100
Maxêncio, patriarca, 136
Maximiano Thrax, 95
Mayr, Johann Baptist, 317
Mecklenburg, duquesa de, 51
Medzimurje, 601, 603
Megiser, Hieronimymus, 297
Mehovo, castelo de, 268
Mekinje, mosteiro de, 222
Melanchton, Philip, 289, 297
Melik, Anton, 558, 668
Mencinger, Joze, 725, 727
Merania, duques. Ver: Andechs, condes
Merian, Matthäus, 321
Mertlic, Lenart, 285
Mesko, Kiar, 682
Mesolítico, período, 19, 24
Metalurgia, 30
Metastásio, Pietro, 355
Metelko, Franc Serafin, 394
Methodius, missionário na Morávia e Panônia, 137, 152, 153, 154
Metlika, 215, 216, 254
Metternich, Clemens, 374
Metulum, 67
Metzinger, Valentin, 327
Michelis, Gianii de, 734

Miguel III, imperador Bizantino, 147
Mihailovic, Draza, 616, 617, 618, 653
Mihelic, France, 682
Miklosic, Franc, 357, 395, 396, 399, 401, 402, 404
Miletic, Svetozar, 447
Milícia Voluntária Anticomunista, MVAC, 617, 619, 620
Milosevic, Slobodan, 727, 734
Minissaias, 686
Ministrantes, 206
Mitras, culto de, 84, 92, 93
Mladina, periódico, 698, 699, 709, 710, 711
Mladinska revija, periódico, 681
Modernização, 526, 672, 677, 684
Modestus, bispo, 126
Moedas, 66
  Depósitos de, 94, 95
Moesia Superior, 96
Mohammed II, o Conquistador, 245, 254, 265, 277
Mohorjeva druzba (Casa Editorial de St. Hermagoras), 434, 435, 458, 514, 519
Moline, William, 379
Molzbichl, mosteiro, 120
Montecuccoli, Raimundo, 311
Montenegro, 546, 547, 555
Moratória, 592
Morgan, Linha, 640
Motor a vapor, 375, 378, 379
Movimento nacional esloveno, 371, 384, 387, 393, 395, 396, 399, 401, 404, 410, 411, 427, 428, 431, 434, 443, 445, 452, 454, 455, 456, 491

Movimentos sociais alternativos, 698
Município, 77
Munique, acordo de, 594
Murad II, 245
Murad, sultão, 242
Murn-Aleksandrov, Josip, 515
Murnik Horak, Marija, 523, 525
Mursec Zivkov, Jozef, 396
Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), 683
Musja, caverna de (Musja jama), 36, 38
Mussolini, Benito, 572, 594, 596

N

Nações Unidas, ONU, 656, 657
  Membros, 735
Namors, Veljko, 706
Nanos, Monte (Mt. Ocra), 47, 53
  passagem de Ocra, 53
Nasa sodobnost, periódico, 669
Nasi razgledi, periódico, 670
Natlacen, Marko, 602
Nazistas, 604
Neandertalenses, 19-22
  Flauta, 22
Neodvisna slovenska revija, periódico, 583
Neolítico, 24
Neoprimitivismo, 700
  Top Lista Nadrealista, 700
Nero, 85, 86
Neue Slowenische Kunst, NSK, 707

Nicópolis, Batalha de, 188, 225, 231, 253
Nis, Declaração de, 537, 538
Nonnosus, Diácono, 120
Noreia, 64
Noricano, 47
  minas, 78
  Noricum, 55
  Reino, 47, 48, 52, 56
  tetradracma, 68
Noricum
  Francos, ocupação dos, 119
  Mediterrâneo, 133
  Província, 119
Nova constituição Habsburgo, 398, 404
Nova revija, periódico, 697, 698, 701, 705, 706, 710, 714
Novacan, Anton, 590
Novak, Janez, 497, 498
Novi kolektivizem, 708
Novo Mesto, 33, 39, 42, 49, 80, 110, 114, 215, 216, 318, 319, 338, 375, 380, 385, 609, 617, 646
Novos Movimentos Civis, Coordenação dos, 713
Nuremberg, 220

O

Oberstain, Paulus, 274
Obios, 87
Objetos ítalo-corintianos, 42
Oblak, Jozefina, 523
Odilo, duque Bávaro, 125
Odovacar, 108, 109, 115

OHO, grupo, 683, 743
Oman, Ivan, 723
Ópera Eslovena, 563
Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN, 716, 739
Organização Muçulmana Iugoslava, JMO, 552, 555, 592, 593
Ormoz, 33, 34, 35, 215, 216, 329
Orquestra da Rádio de Liubliana, 564
Orquestra Filarmônia de Liubliana, 564
Ortenburgos, Ortenburgo, 236
  Condes de, 165, 179, 184, 186, 234
Ortenburgo-Sternberg, 188, 235
Osa, periódico, 438
Osimo, Acordo de, 641
Osterc, Slavko, 566
Ostrogodos, 108
Osvaldo, bispo regional, 152
Oswald, Stane, 651
Otaviano, 63
Oto, 85
Otokar II Premysl, 175, 178, 228, 229, 248
Otokar II, rei da Boêmia, 182
Otokar IV, margrave e duque da Estíria, 175, 207
Otokars. Ver Traungaus
Otomano
  Império, 242, 256, 331
  Incursão, 252
Otto I, imperador, 161
Otto II, imperador, 162, 164
Otto III, imperador, 158, 164
Ouro, 56

P

Pabo, 147, 151
Pacto Tripartite, 599, 600
Palacky, Frantisek, 443
Paleolítico, período, 19
Panônia, 55, 149, 153
  província, 119
  Superior, 94
Panônia, arquidiocese da, 153
Panônica, bacia, 40
Panônica, planície, 117
Panônico-Dálmata, rebelião, 70
Papa
  Adriano II, 153
  Eugênio, 199
  Eugênio IV, 199
  Gregório I (Gregório, o Grande), 141
  João VIII, 154
  Leão XIII, 474, 475, 484
  Nicolau I, 152, 153
  Pio VI, 352
  Pio XI, 580
  Zacarias, 125
Papirius Carbo, Gnaeus, 64
Paris, Conferência de Paz, 545, 554
Parlamento esloveno, 628, 729, 735
Parma, Viktor, 517
Partos, 94
Partido Camponês Croata, 552, 555, 596, 597, 598

Partido Comunista da Eslovênia, KPS, 588, 589, 611, 625, 723
Comitê Central, CK KPS, 609, 681
Partido Comunista da Iugoslávia, KPJ, 552
Partido Cristão Esloveno, SKS, 611
Partido da Renovação Democrática, SDP, 722, 723
Partido Democrático Iugoslavo, JDS, 552
Partido dos Direitos Croatas, 493, 498
Partido Liberal da Sérvia, 555
Partido Nacional, 476
Partido Nacional Católico, 475, 499
Partido Nacional da Estíria, 483
Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, NSDAP, 606
Partido Popular Esloveno, SLS, 485, 495, 506, 526, 552, 574, 576, 577, 578, 579, 583, 586, 587, 590, 591, 598, 737
Partido Popular Esloveno de Gorizia (Slovenska ljudska stranka za Gorisko), 482
Partido Popular Pan-esloveno (Vseslovenska ljudska stranka), 485, 498, 499
Partido Popular Radical, 551
Partido Progressista Nacional, 482
Partido Radical Nacional, NRS, 552
Partido Radical Sérvio, 547, 554, 557
Partido Republicano Croata, 556
Partido Social-Democrata
Austríaco, 477, 478, 489, 491
Iugoslavo, 478, 487
Partido Socialista, 722
Pasic, Nikola, 537, 538, 539, 541, 543, 546, 547, 548, 554, 555
Patente de Fevereiro, 422, 423, 426, 439

Patrimonial
corte, 202, 205, 366
justiça, 372
Paulino I, patriarca de Aquileia, 144
Paulino, patriarca de Aquileia, 136
Paulo, o Diácono, 123, 125, 133, 146
Pavelic, Ante, 544, 598
Pavia, reino de, 145, 147
Pavlica, Josip, 482
Peca, Monte, 258
Pedreiros, 138
Pedro, o Grande, 327
Pekarna, teatro, 687
Pelzhoffer, Franz Albrecht, 327, 331
Pemmo, duque de Friuli, 146
Percl, Joze, 651
Peregrino I, patriarca de Aquileia, 197
Perger, Bernard, 274
Perseu, 57, 59, 61
Perspektive, periódico, 679, 681, 697
Pertinax, 92
Pesjakova, Luiza, 460
Peste, 89
Peterle, Lojze, 723, 724, 725, 728, 730, 735
Petkovsek, Jozef, 517
Piccolomini, Aeneas Sylvius, 237, 273, 323
Pilon, Veno, 564
Pinnes, chefe tribal, 70
Pepino (filho de Carlos Magno), 135, 136, 141, 146
Piran, 145, 192, 212, 324

Pirnat, Nikolaj, 566
Planinc, Stefan, 682
Plano Econômico, 663
Plebiscito da Caríntia
  Zona A, 545
Plecnik, Joze, 518, 566
Pleterje, mosteiro cartuxo, 198, 236, 249
Pletersnik, Maks, 519
Pliberk, 329
Plínio, o Velho, 51, 63, 73
Plut, Dusan, 723
Podbevsek, Anton, 565
Poetovio (Ptuj), 48, 61, 72, 76, 81-87, 104, 107, 115
Pogacnik, Joze, 686
Pohlin, Marko, 346
Políbio, 56
Polic, Mirko, 563
Polic, Zoran, 645
Pollini, Franc, 358
Polônia, 231, 275, 599, 617
Pompeius Trogus, 46
Poos, Jacques, 734
Popit, France, 711
Popovic, Janez Ziga Valentin, 345, 346
Postojna, 20, 183
  Portão, 61, 118
Potocka zijalka, 22, 23
Povos italianos, 45
Pozar, Milos, 670
Pozzo, Andrea, 327

Praetorium Latobicorum (Trebnje), 81, 94
Praga, Congresso de, 404, 405
Predjama, castelo de (Predjamski grad), 32
Predojevic, Haasan Pasha, 304
Prefeitura Oriental da Baviera, 140
Pregelj, Marij, 670
Prekmurje, 32, 104, 193, 305, 307, 308, 313, 343, 351, 413, 440, 443, 458, 472, 493, 502, 545, 601, 604, 607, 638
Prelokar, Thomas, 274
Prepeluh, Albin, 490
Preprost, Brikcij, 274
Pré-Romantismo, 354
Preseren, France, 388, 389, 390, 392, 394, 411, 412, 515, 720
Preseren, Janez Krstnik, 325
Pribicevic, Svetozar, 544, 547, 555, 574
Pribina, conde da Panônia, 140, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 166
Primavera das Nações, 397, 522
Prisco de Panium, 108
Privatização, Lei de, 740
Problemi, periódico, 703
Programa Nacional Esloveno, 402, 445, 472, 706
Proteção dos Direitos Humanos, Comitê para a, 711, 716, 718
Proteção dos Direitos Humanos, Conselho para a, 715
Protestantismo, 286, 288, 292, 294, 296, 299, 307, 317, 323, 342
Protic, Stojan, 555
Província Meracantil do Litoral, 337, 338
Prússia, 334, 340, 353, 383, 439, 441, 448, 538
Ptolomeu, 51, 55
Ptuj, 33, 107, 154, 162, 164, 168, 213, 215, 216, 480
  Senhores de, 165

Ptujska Gora, 40, 249
Pucnik, Joze, 706
Pufler, Janko, 651
Pupienus, 96
Pupilija Ferkeverk, teatro experimental, 687
Putrih, Karel, 565

Q

Quadragesimo anno, 580
Quaglio, Giulio, 327
Quatro Imperadores, Ano dos, 85

R

Radgona, 162, 285, 329
Radic, Stjepan, 555, 556, 557, 559, 574, 590, 591
Radicais, 547, 557, 559, 575, 577, 589
Radio Student, 684, 698
Radovljica, 193
Raic, Bozidar, 450
Raiffeisen, cooperativas, 462
Ramovs, Fran, 606
Rankovic, Aleksandar, 646
Rapallo, Tratado de, 545, 604
Rastislav, príncipe da Morávia, 151, 154, 157
Ratbod, prefeito do Marco Oriental, 148, 149, 151
Ratimir, príncipe eslavo, 148, 155
Raubar, Cristóforo, 273, 274, 275, 283, 285, 287
Ravnihar, Vladimir, 488
Realismo, 565, 671
  social, 632, 633, 665, 669, 670

Realismo da cor, 565
Reforma agrária, 410, 418, 451
Reforma escolar, 418, 451
Reformas Teresianas, 334, 336, 337, 344
Regensburg, 127, 148, 151, 153
Regimentos de defesa (Al: Landswehr, Hung: Honvéd), 442
Rei Matthias (Corvinus), 249, 256, 257
  O bom, 258
Rein, Johann Frederick von, 319
Reiner, Friedrich, 623
Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, SHS, 538, 541, 549, 551, 561
Reino Húngaro-Croata, 171
Renascimento (Preporod), movimento, 497
República Popular da Eslovênia, LRS, 638
  Assembleia Constituinte, 638
  Primeira Constituição da, 638
República Veneziana, 183, 190, 192, 199, 218, 371
Rerum novarum, 484, 580
Resistência antifascista, 572
Revija 57, periódico, 670, 697
Revolução sexual, 686
Rialto, 144
Ribnica, 196, 328, 329, 615
Ribnikar, Adolf, 584, 585
Richenburch, 167
Richeri, 147, 151
Rijeka
  Tarsática, 88, 98

Rizana, Dieta de, 142, 143, 146
Robba, Francesco, 327
Robotti, Mario, 616
Rock'n'roll, 686
  punk rock, 698, 700, 701, 703
  yu-rock, 700
Rogerij de Liubliana, 318
Roma, 60, 86
Romualdo de Standrez, 301
Rômulo, 108
Rômulo Augustulus, 109
Roosevelt, Franklin D., 613
Rösener, Erwin, 620, 624, 645
Rosthorn, irmãos, 376
Rostohar, Mihajlo, 497
Rotar, France, 682
Rovinj, 212
Roxolani, 97
Rozanc, Marjan, 706
Rozman, Gregorij, 580, 621, 645
Rozman-Stane, Franc, 622
Rugianos, 108
Rupel, Dimitrij, 706
Rupnik, Leon, 619, 623, 624, 632, 645
Rus, Veljko, 706
Rússia, 327, 371, 374

S

S. Jerônimo, 76
S. João de Duino, mosteiro, 196

Sachs, Jeffrey, 727
Sacro Império Romano, 235, 241, 242, 250, 257, 270, 271, 281, 288, 292, 294, 307
Salacho, conde franco, 140, 155
Salamun, Tomaz, 683
Salzburg, 125, 131, 149, 153
  arcebispo de, 166, 214
  Arquidiocese de, 151, 164
  Metropolita, 194
San Canziano d'Isonzo, mosteiro de, 146
Sanção Pragmática, 331
Santa Aliança, 374, 382, 383
Santa Maria, sociedades de, 526
Santa Sé, 648
Santonino, Paolo, 281
Santorio, Santorio, 324, 328
São Marcos, República de, 145
Sava, rio
  Savus, 33
Savaria, 72
Savin, Risto, 517
Savinja, Marco de, 162, 166, 180
Savric, Karol, 651
Savus, 78
Scarabantia, 118
Schedel, Hartmann, 237
Schell von Schellenburg, Jakob, 315
Schmerling, Anton, 422, 439
Schmidt (Kremserschmidt), Johann Martin, 327
Schönbrunn, Tratado de, 364

Schönleben, Janez Ludvik, 317
Schwarzenberger, Felix, 408
Sclaborum Provincia, 125
Scopolli, Giovani Antonio, 357
Scordisci, 59
Seckau, diocese de, 194
Sede Episcopal, 79, 84
Seebach, Petrus, 287
Segestani, 62
Seligo, Rudi, 687
Sempronius Tuditanus, Gaius, 63
Sempt-Ebersberg, 180
Sérvia
  Defesa Nacional, 534
  exército, 359
Serviço de Segurança do Estado, SDV, 701, 709, 711, 720
Sétimo Severo, 91
Severo, dinastia dos, 93
Severos, 92
Sibiu (Hermannstadt), 286
Siezenheim, Adam Sebastian, 319
Sigismundo, o Sênior, 274
Sigismundo, rei da Hungria e da Boêmia e imperador do Sacro Império Romano-Germânico, 187
Silésia, 334
Silius Nerva, Publius, 68
Simbolismo, 516
Simovic, Dusan, 600
Singidunum, atual Belgrado, 59
Sinigoj, Dusan, 725

Sirmium, 70, 80, 95, 117
Sisak, Batalha de, 295, 304, 305
Sistema das corporações, 333
Sistema de rodízio (placas pares e ímpares), 694
Sítula Arte, 36
Skocjan, cavernas de (Skocjanske jame), 36
Skofja Loka, 128, 164, 171, 216, 301, 513
  Mosteiro, 222
Slatkonja, Jurij, 274, 285
Sloga
  periódico, 453
  sociedade, 473
Slomsek, Anton Martin, 386, 396, 411, 415, 434
Slovenec, periódico, 438, 453, 474, 514
Slovenj Gradec, 183, 215
Slovenka, periódico, 525
Slovenska beseda, periódico, 585
Slovenska Bistrica, 215
Slovenska matica (Sociedade Literária Eslovena), 431, 435, 454, 459, 483, 496, 519, 589, 668
Slovenska zemlja, periódico, 586, 611
Slovenski cerkveni casopis, periódico, 403
Slovenski gospodar, periódico, 438, 453
Slovenski narod, periódico, 438, 448, 476, 514
Smerdu, Francisek, 565
Smole, Dominik, 686
Snoj, Joze, 706
Soca, Frente de (Isonzo), 533, 571
Soca, rio, 96, 109, 118, 164, 189, 190, 196, 362
Sociais Democratas, 498, 526, 533, 535, 541, 546

Socialismo, 484, 487, 645, 660, 690
  administrativo, 636
  cristão, 579
Socialistas Cristãos, 580, 582, 587, 610, 611, 622
Sociedade eslovena, 580, 585, 586
Sociedade Filarmônica, 384
Sociedade Geral das Mulheres, 527
Sociedades agrícolas, 341, 380, 417
Sociedades Corais Eslovenas, Associação das, 517
Sociedade de Música Eslovena (Glasbena matica), 459, 516, 564
Sociedade Eslovena de Artes, 518
Sociedade Católica de Mulheres, 526
Sociedade das Mulheres Cristãs, 526
Sociedades de leitura, 431
  Sociedade de Leitura Eslava, 432
  Estíria, da, 433
Sociedade S. Cirilo e Methodius, 473, 480, 511, 525
Sodobnost, periódico, 583, 589, 681
Solkan, 167
Sonnenfels, Joseph von, 355
Spanheims, duques da Caríntia, 165, 177, 178, 181, 191, 197, 228
  Bernhard von Spanheim, 178
  Ulrich III, 181, 198
Spittal an der Drau, 120
S. Dismas, Sociedade de, 325
St. Jurij abaixo de Rifnik, 263
Stadion, Franz, 408
Stalin, Josip Visarionovic, 618, 654
Stara Pravda, Facção do Partido Cristão Esloveno, 611
Stare, Josip, 434, 519

Stefan, Jozef, 520
Stepinac, Alojzije, 646
Sternen, Matej, 565
Sticna, 38, 114
  Manuscrito, 221
  Mosteiro cisterciano, 197, 221
Stiftarstvo, stiftarji, 284, 304
Stiglic, France, 686
Stih, Bojan, 687
Stojadinovic, Milan, 592
Strabo, 51
Straza v viharju, periódico, 581
Strekelj, Karel, 520
Stritar, Josip, 390, 431, 459
Struppi, Vincenc, 341
Studenice, mosteiro, 222
Stukelj, Leon, 569
Stupica, Gabrijel, 682
Subasic, Ivan, 625
Subcultura jovem, 697, 698
Subic, Janez, 460, 517
Subic, Jurij, 460, 517
Subic, Simon, 519
Südslawische Zeitung, periódico, 447
Suíça, 326, 535
Suklje, Fran, 499, 542
Supilo, Fran, 536
Sustarsic, Marko, 682
Sustersic, Ivan, 535, 590

Svatopluk, 153
Svetec, Luka, 445
Svetokriski, Janez, 318
Svit, periódico, 681

T

Tabor
  baluarte, 259, 269
  reunião política, 449, 450
Tácito, 73
Tasic, David, 709
Tassilo III, duque bávaro, 126, 134
Tattenbach, Hans Erasmus, 311
Taufferer, Siegfried von, 361
Taurisci, 47
Tavcar, Franja, 527
Tavcar, Ivan, 460, 476, 524, 543
Teatro Nacional Esloveno, 564
Teatro Provincial, 516
Teodorico, bispo regional, 127
Teodósio, 99
Teodósio, imperador, 123
Território libertado, 619, 623, 627, 631, 632
Território Livre de Trieste, STO, 630, 639
  Zona A, 640
  Zona B, 640
Tetrarquia, 99
Teurnia, 118
Textor, Urbanus, 288, 300

Theotmar, arcebispo de Salzburg, 154
Thurn, Karl, 311
Tibério, 69
Tiberius Pandusa, 63
TIGR, 572
Tihec, Slavko, 682
Timavus, 71
Times, The, revista, 536
Tirol, 120
Tisza, Rio, 120
Tito, Josip Broz, 617, 618, 625, 644, 654, 659, 660, 670, 692
Tito-Subasic, Acordo, 627
Tolerância, Édito de, 351
Tolmin, 262, 265
Toman, Lovro, 444, 448
Tomc, Gregor, 706
Tomec, Ernest, 581
Tonkli, Josip, 475
Tonovcov grad, 110
Trabalho Associado, Lei do, 689
Trajano, 82
Transporte, 73, 177, 332, 368, 377, 465, 562, 599, 643, 662, 681
Tratado de Campo Formio, 362
Tratado do Estado Austríaco, 641
Traungaus, margraves da Estíria, 174
Trebonianus Gallus, 96
Tribos Sármatas, 87
Trieste, 31, 183, 212, 237, 256, 265, 333, 340, 571, 628
  Diocese de, 195
  Tergeste, 48, 54

Triglav, 730
Periódico, 438
Sociedade estudantil, 611
Triunvirato, 67
Trpinc, Fidelis, 379
Trsar, Drago, 682
Trstenjak, Davorin, 395
Trubar, Primoz, 252, 276, 287, 288, 290, 292, 294, 296, 299, 306, 323
Trumbic, Ante, 534, 537, 539, 543, 546
Tübingen, 289, 294
Tudjman, Franjo, 734
Tuma, Henrik, 482
Turcos, Império Turco, 17, 204, 240, 247, 253, 255, 258, 261, 265, 280, 292, 311, 323
Turjak, castelo de, 620
Turquia, 70, 311, 330, 332, 353, 467, 554
Tvrtko II Kotromanic, 234
Tyrs, Miroslav, 611

U

Ubi arcano Dei consilio, (Concílio da Igreja Católica), 580
Uciteljski tovaris, periódico, 410
Ude, Lojze, 621
Ulrichsberg, 123
Umag, 212
Umvölkung, 605
Ungnad, Ivan, 299
União Cultural Suábio-Alemã (Scwäbisch–deutscher Kulturbund), 606

União Europeia (UE), 740
Presidência, 740
União Liberal de Sociedades Culturais, 569
União Soviética, 618, 656
Universidade de Liubliana, 561, 564, 646
Urach, 293, 299
Urbancic, Ivan, 706
Urbanização, 78, 80, 502, 507, 508, 672
Ursus, Patriarca, 136
Uskoks, 279
Ustase, 598, 601

V

Val Canale, 121
Valenciano I, 103
Valeriano, 97
Valerius Maximianus, Marcus, 82
Valerius Valerianus, Lucius, 93
Valvasor, Janez Vajkard, 320, 325, 328
Vanguarda (*avant-garde*), 565, 672, 683, 687, 707
Varna, Batalha de, 241
Vaticano, 646, 648
Índice das Obras Proibidas, 293
Veber, France, 589
Vega, Jurij, 340, 359
Velesovo, Mosteiro, 222
Velleius Paterculus, 69
Vênetos, 37, 43
Veneza, 141, 153, 184

Vergerius, Jr., Petrus Paulus, 288, 292
Vespasiano, 77
Vestuário, 41
Vetrinje, 622
  campo de refugiados, 643
Victoriatii, 65
Victorino de Poetovio, 84
Vidmar, Josip, 563, 583, 638, 683
Vidmar, Josipina, 527
Vidmar, Milan, 521
Viena, 117, 214, 248, 280, 312
  Congresso de, 371
  Parlamento, 404, 405, 407, 444, 454, 499
  Reichstag (parlamento), 576
  Tratado de, 307
  Universidade, 274, 287
Vilhar, Miroslav, 437
Villach, 214, 269, 285, 306, 338, 413, 465
Vinca, 25
Vinica, 51
Vipsanius Agrippa, Marcus, 69
Virgilius, Bispo de Salzburg, 87
Virunum, 118
Vischer, Georg Matthäus, 323
Visegrád, 239
Visigodos, 106
Vitélio, 85
Vitovec, Jan, 239, 251
Vlah, 119
Voccio, 48

Vodnik, France, 610
Vodnik, Valentin, 347, 367, 369, 388, 391, 413
Vogelsang, Karel, 484
Völkermarkt, 177
Volusianus, 97
Vosnjak, Bogumil, 534
Vosnjak, Josip, 431, 448, 476, 517
Vovk, Anton, 646
Vraz, Stanko, 395
Vrhnika, 732
  Nauportus, 48, 54, 72
Vucedol, 26

W

Weichselburg, condes de, 166, 181
Weimar-Orlamünde, 165
Wermannschaft, formações paramilitares, 606
Wiener Neustadt, 244, 250, 312, 601
Wiener, Pavel, 286
Wilson, Woodrow, 556
Windische Mark. Ver: Prekmurje
Windischgrätz, Alfred, 478
Winkler, Andrej, 424, 470
Witigowo, conde carantaniano, 147
Wittelbachs, 235, 236
Wittenberg, 290, 297
Wiz von Wizenstein, Fran, 319
Wladyslaw II Jagiello, 231, 232
Wolkenstein, Oswald von, 225
Württemberg, 268, 290, 292, 302

Z

Zagreb, diocese de, 193
Zarnik, Valentin, 448, 450
Zavrl, Franci, 709
Zdravljica, hino nacional, 720
Zelenasi, 547
Zeleznikar, Franc, 477
Zeno, 109
Zerjal, Gregor, 487
Zgodnja danica, periódico, 410
Zice, mosteiro cartuxo, 197, 221, 351
Zimska pomoc, 633
Zitnik, Ignacij, 482, 485
Zivadinov, Dragan, 707
Zlobec, Ciril, 723
Znojilsek, Janz, 307
Zois, Karl, 464
Zois, Michelangelo, 316
Zois, Ziga, 357, 369
Zollfeld, 123
Zona de operação alemã
  Adriatisches Küstenland, (zona de operação da costa do Adriático), 623
  Alpenvorland, (zona de operação dos contrafortes alpinos), 623
Zovnek, Senhores de. Ver: Celje: condes de
Zrínyi, Miklós, 311
Zrínyi, Péter, 311
Zumberk, 279
Zupa, 168

Zupan, Jakob Francisek, 347
Zupan, Vitomil, 686
Zupancic, Beno, 686
Zupancic, Oton, 515, 583, 632
Zwitter, Fran, 628

Formato	**15,5 x 22,5 cm**
Mancha gráfica	**10,9 x 17cm**
Papel	**pólen soft 80g (miolo), cartão supremo 250g (capa)**
Fontes	**AaronBecker 16/22, Warnock Pro 12 (títulos); Chaparral Pro 11,5 (textos)**